

JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

O ANJO BRANCO

F O R M A T O C C

gradiva

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

(1964)

O Anjo Branco

2010

GRADIVA

JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS
O ANJO BRANCO
OBRAS DO AUTOR

ENSAIO

Comunicação, Difusão Cultural, 1992; Prefácio, 2001. Crónicas de Guerra I — Da Crimeia a Dachau, Gradiva, 2001;
Círculo de Leitores, 2002. Crónicas de Guerra II— De Saigão a Bagdade, Gradiva, 2002;
Círculo de Leitores, 2002. A Verdade da Guerra, Gradiva, 2002; Círculo de Leitores, 2003.
Conversas de Escritores - Diálogos com os Grandes Autores da
Literatura Contemporânea, Gradiva/RTP, 2010. A Última Entrevista de José Saramago, Usina de Letras, Rio de Janeiro, 2010.

FICÇÃO

A Ilha das Trevas, Temas & Debates, 2002; Círculo de Leitores, 2003; Gradiva, 2007. A Filha do Capitão, Gradiva, 2004. O Codex 632, Gradiva, 2005. A Fórmula de Deus, Gradiva, 2006. O Sétimo Selo, Gradiva, 2007. A Vida Num Sopro, Gradiva, 2008. Fúria Divina, Gradiva, 2009. O Anjo Branco, Gradiva, 2010.

© José Rodrigues dos Santos/Gradiva Publicações, S. A. Revisão de texto Helena Ramos
Capa e sobrecapa Armando Lopes (concepção gráfica) Fotocomposição, impressão e acabamento Multitipo — Artes Gráficas, L.da

Reservados os direitos para Portugal por Gradiva Publicações, S.A.

Rua Almeida e Sousa, 21 - r/c esq. — 1399-041 Lisboa

Telef. 21 393 37 60 — Fax 21 395 34 71

Dep. comercial Telef. 21 397 40 67/8 — Fax 21 397 14 11

geral@gradiva.mail.pt / www.gradiva.pt

1ª edição Outubro de 2010

Depósito legal 315 946/2010

ISBN 978-989-616-390-7

Maior espectáculo que o mar é o céu; maior espectáculo que o céu é a alma.

VICTOR HUGO

Ao meu pai, que se chamava Paz

À minha mãe, que com ele esteve na guerra

Embora obra de ficção, este romance é inspirado em factos reais.

PARTE UM

Paraíso

Há tal grandeza em ti, há tal pujança

DANTE

Quando o quarto e último filho do casal Branco nasceu, a coisa mais invulgar que a todos chamou a atenção foi que o bebé ostentava um pénis enorme.

"Está quase..."

A primeira pessoa a ser honrada com o privilégio de contemplar semelhante prodígio foi Beatriz, uma rapariga do campo contratada para ajudar na lida doméstica, moça franzina, respeitadora da moral e temente a Deus, vinte e cinco anos de vida difícil, parteira nas horas de aflição, como aquelas que a fecharam nesse sábado de 1936 no quarto mais soalheiro da casa, em plena parte alta de Penafiel.

"Já falta pouco."

Desde o final da manhã que Beatriz ajudava dona Amélia na sua agonia parideira, e só agora, já a tarde ia a meio, a parturiente se preparava para dar à luz, entre gritos e gemidos, encharcada de suor naquele dia fresco de Outono. Amélia sentia-se cansada, mas sabia que era chegado o momento que requeria mais energia, o instante final, e não era altura para desfalecimentos.

"Agora, minha senhora!", exortou a criada, a voz já rouca de fadiga. "Agora! Força! Força!"

A dona da casa correspondeu com um derradeiro e supremo esforço, berrando de dor, e a parteira sentiu a cabeça do bebé emergir das entranhas. Beatriz mergulhou as mãos nas profundezas dilatadas de Amélia, agarrou os ombros escorregadios do pequenito e puxou, puxou até o corpo minúsculo deslizar para fora, abandonando o calor protector da mãe e expondo-se enfim à agressão do mundo.

"Está tudo bem?", perguntou uma voz masculina, do outro lado da porta do quarto.

Era o capitão Mário Branco, que aguardava no corredor, com mal contida ânsia, notícias do parto.

Ignorando as perguntas angustiadas e insistentes do marido, Amélia ergueu a cabeça e viu a jovem parteira pegar no recém-nascido, cortar o cordão umbilical, pendurar o bebé pelos pés e sacudi-lo. Só descansou quando o escutou a chorar; era um miado fraco e desamparado, feito de desespero, a lamúria atormentada de um pequeno ser expulso do aconchego protector do útero e atirado para a imensidão fria do desconhecido.

"É menino!", anunciou Beatriz. "É menino!"

"Dê-mo!", gemeu a mãe, exausta. "Beatriz, dê-me o meu bebé!"

"É só um instante."

Vendo a criada limpar o seu filho, Amélia estendeu as mãos para o pedir mas depressa deixou tombar os braços, exausta; sabia que teria de aguardar ainda uns momentos até que a criança lhe fosse para o regaço.

Beatriz usava uma toalha húmida e quente. Enquanto passava o pano pela pele engelhada do bebé foi examinando o minúsculo corpo com prazer, como se apreciasse um troféu, até que o olhar se lhe franziu ao descobrir uma grossa salsicha pendurada entre as pernas do pequenito. Ainda julgou que se tratava dos restos do cordão umbilical e aproximou os olhos, arregalando-os de surpresa quando percebeu que afinal não era o cordão, mas a sua virilidade.

"Credo!", exclamou, pasmada, levando a mão à boca. "Ai que mingalha tão grande!"

"Está tudo bem?", insistiu o capitão Branco, impacientando-se para lá da porta.

Beatriz embrulhou o recém-nascido à pressa num manto amarelo, não fosse ele constipar-se, coitadinho, e depositou-o nos braços da extenuada mãe com um murmúrio carinhoso. Amélia acolheu a criança com alívio, acariciou-lhe a cabeça e espreitou-lhe o corpo; queria confirmar o sexo. Tal como a parteira, momentos antes, também ela ficou de olhos esbugalhados ao deparar-se com o apêndice monstruoso que o bebé ostentava no ventre.

"O que é isto?", perguntou Amélia, levemente assustada.

"É a mingalhinha dele, minha senhora", esclareceu Beatriz, mal contendo uma risada.

"A quê?"

"O pirilau, minha senhora. É o pirilauzinho do menino, coitadinho."

Amélia voltou a fixar os olhos na minhoca gorda, primeiro incrédula, por fim resignando-se à incrível evidência. Aquele monstro era o pénis do bebé.

E que pénis.

"Valha-me Deus!", foi tudo o que conseguiu balbuciar.

Beijou o filho na testa, como se assim o absolvesse dos pecados que aquele instrumento lhe augurava, e aninhou-o entre os braços, mantendo-o quentinho. Esgotada, deixou a cabeça abater-se pesadamente na almofada e, sem querer ralar-se com inquietações prematuras, respirou fundo e repousou.

Vendo o bebé confortado no abraço da mãe, Beatriz limpou as mãos ao avental e dirigiu-se à entrada do quarto, de onde vinham perguntas cada vez mais insistentes.

Abriu a porta e mirou o capitão Branco.

"Parabéns, senhor capitão", exclamou. "Já tem mais um filho."

"É... é menino?"

"Não, senhor capitão, não é menino", sorriu a parteira, corando. "É um homem, benza-o Deus!"

"Um homem?"

"Um homem, senhor capitão. E muito homem, se quer que lhe diga!"

O capitão irrompeu no quarto e foi dar com a mulher estendida sobre a enorme cama, o cobertor a subir e a descer ao ritmo leve da respiração. A luz que jorrava das vastas janelas voltadas para a rua iluminava-lhe o rosto sulcado de fadiga e projectava-lhe um halo resplandecente nos cabelos desmaiados sobre a almofada, fazendo de Amélia um anjo exangue.

Atraídos pelo súbito rebuliço e pelo choro fraco do recém-nascido, os outros dois filhos do casal Branco convergiram para o corredor e, num tropel desordenado, invadiram o grande quarto do fundo, acotovelando-se numa algazarra alegre.

"Pouco barulho!", ordenou o pai, sentado na borda da cama, adoptando a sua voz profissional de comando. "A mãe está cansada."

Os filhos calaram-se de imediato e puseram-se em bicos de pés para espreitar o irmão recém-nascido. À frente plantou-se o mais velho, António, um rapaz orgulhoso e falador, apesar dos seus cinco anos. Depois vinha a primeira das raparigas, Rosa, uma menina de três anos, de traços finos, sensível, e tão responsável pelos irmãos que passara a ser conhecida por Mana. A pequena Lourdes apareceu instantes mais tarde nos braços de Beatriz; era uma bebé de apenas um ano, que a criada inclinou na direcção do recém-nascido, como se Lourdes fosse capaz de discernir os acontecimentos de que era testemunha inadvertida.

"É menina?", perguntou Rosa, sem tirar os olhos do novo irmão.

"Vamos ver", disse o pai, inclinando-se sobre o bebé.

O capitão entreabriu o manto para espreitar o ventre do pequeno, mas Amélia, buscando força onde não sabia que a tinha, estendeu o braço para repelir o marido e voltou a cobrir a criança.

"Não!", disse, apertando o bebé contra o peito.

O marido olhou para a mulher, admirado.

"Então, querida?"

"É menino."

"Mas não podemos ver?"

"Não!", limitou-se a dizer. "Nem pensar em exhibir o... o coisinho a toda a gente."

"A toda a gente, querida?", espantou-se o capitão, sem compreender tanto pudor. "Mas nós somos a família, que diabo! Além disso ele ainda é pequenino, não tem mal nenhum."

"Não."

Beatriz percebeu o dilema da patroa e inclinou-se para o patrão.

"Senhor capitão", sussurrou-lhe ao ouvido. "O menino tem uma mingalhinha de homem."

"Como?"

"O menino, senhor capitão. Tem uma mingalhinha de homem."

"Uma quê?"

"O pirilau, senhor capitão." Baixou ainda mais a voz, como se estivesse a blasfemar. "O pirilauzinho do menino, coitadinho. O bebé tem um pirilau de homem e a senhora não quer que as crianças vejam."

O capitão observou o recém-nascido com ar perplexo.

"Ah!", exclamou sem entender, mas suficientemente perspicaz para sentir que, se a mulher levantava objecções num momento como aquele, lá teria as suas razões e ele não deveria insistir. "Depois vejo isso."

As crianças debruçaram-se sobre o peito da mãe para espreitar melhor o irmão; o bebé exibia um ar tranquilo, mergulhado num sono satisfeito, mas tinha os olhos ainda inchados e o rosto avermelhado. Parecia um pato esfolado.

"Boa!", observou António, o mais velho, fazendo sinal para as irmãs. "Ainda bem que é menino! Já estou farto de galinhas!"

"Galinha és tu!", devolveu Rosa, empertigando-se.

"Eu cá sou galo."

"Galinha!"

António empurrou a irmã.

"Não me chamas galinha!"

"Galinha!"

"Quietos!", ordenou o capitão. "Juizinho."

As crianças voltaram a calar-se e a redireccionar as atenções para o irmão.

"Como se chama?", quis saber Rosa.

O capitão hesitou; era uma boa pergunta. Olhou para a mulher com ar de quem ainda não tinha pensado no assunto, mas, ao ver o sorriso ténue de Amélia, percebeu que a questão já estava fechada.

"José", murmurou ela antes de adormecer.

O pequeno José Branco teve umas primeiras semanas difíceis. Nasceu frágil, muito debilitado, magro como um coelho assado; do seu corpinho raquítico apenas se destacava o umbigo, uma cicatriz ensanguentada que demorava a cicatrizar e o pénis enorme, que dona Amélia teve o cuidado de ocultar dos olhares indiscretos. Num esforço de o subtrair aos insistentes esgares coscuvilheiros de amigos e familiares, encobriu-o sob pudicas camadas de fraldas de pano, verdadeiros véus censórios a que recorreu com zelo maternal para resguardar aquele verdadeiro milagre da natureza.

O esforço revelou-se vão, como é bom de calcular, pois a fama do recém-nascido e de tão viril

atributo era de tal modo grande, correu tanto e tão longe chegou, que em breve a família em peso assomou em romaria à porta de casa. Mesmo os parentes mais afastados de Passos de Sousa e Castelo de Paiva e Bragança e Alfândega da Fé fizeram peregrinação a Penafiel para contemplar tamanho fenómeno; semelhante predicado só podia ser dádiva dos céus, graça divina que merecia devida glorificação.

"É verdade que o menino foi abençoado por Deus?", chegou a perguntar-lhe uma prima beata.

A moça mal conseguia conter o frémito irrequieto que percorria um grupinho de familiares distantes acabadas de chegar de Trás-os-Montes e que lhe havia invadido a casa.

"Todos os meus filhos foram abençoados pelo Senhor", limitou-se Amélia a retorquir, fazendo-se despercebida.

"Claro, minha querida, claro", assentiu a prima de Bragança, contraindo os músculos faciais com um tique de excitação. "Mas, ainda no outro dia, disse-me a prima Dulce... ela esteve aqui, não esteve? Pois ela disse-me que o bebé... o menino... tem... enfim... sabe, não é? Tem a... a coisinha assim a modos que... que escandalosa, não é?"

"Escandalosa?"

"Bem... escandalosa é modo de dizer..." Soltou um risinho nervoso e esboçou um gesto indefinido, como se buscasse a palavra certa. "Tem... tem atributos de homem, se me faço entender." Sorriu, satisfeita por se ter enfim explicado com suficiente clareza, mas dentro dos limites de pudor que se exigiam de senhora da sua condição. "É verdade?"

"E verdade o quê?"

"Isso, menina."

"Isso o quê?"

"Oh!", exclamou, encolhendo os ombros. "Os atributos de homem, prima, o que haveria de ser? É verdade que o menino os tem?"

"Quem vos anda a dizer essas coisas?"

A prima de Bragança esboçou um gesto pelo ar, como se tal informação não viesse de ninguém em especial e fosse tão do domínio público quanto as notícias na telefonia sobre as sábias decisões do senhor presidente do Conselho.

"Oh, conta-se... Mas é verdade?"

Amélia puxou o bebé mais para si e encostou-lhe a face quente.

"O meu Zezinho é normal!"

Determinadas a contornar a relutância da mãe em dar uma resposta clara às grandes perguntas do momento, todas insistiam em levar o pequeno ao banho, oportunidade única para apreciar de perto tão grandes e badalados atributos. Dona Amélia a tudo resistiu durante alguns dias, ciosa do recato do seu menino, mas com o tempo e o cansaço foi baixando a vigilância e depressa o pequeno Zezinho se transformou num verdadeiro brinquedo; até vizinhas e amigas acorriam para ajudar a pobre senhora a dar banho à avantajada criatura.

"Não é preciso, vizinha. Eu cá me arranjo."

"Oh, valha-me Deus! Onde já se viu uma senhora como a dona Amélia estar assim ao abandono? Tem outros três filhos para criar e nenhuma ajuda. As vizinhas servem para estas ocasiões!"

"Mas eu tenho a Beatriz..."

"A sopeira tem mais que fazer! Sempre são três andares neste casarão, não é verdade? Como pode ela dar conta do recado, coitada, sempre para cima e para baixo? É evidente que o menino acaba por ser negligenciado!"

"Não é verdade. O meu marido ajuda-me."

"Ora, o que percebem os homens de bebés? Eles servem é para os fazer, não para cuidar deles!"

Por mais que Amélia insistisse que a ajuda não era precisa, o mulhério aparecia, persistente, insistindo que a recusa não passava de modéstia; onde já se vira uma mãe com tantos filhos e apenas uma criada em casa a prescindir do precioso auxílio que primas e vizinhas com tanta generosidade lhe ofereciam para esfregar o pirralho?

Todos os dias a romaria se repetia sem descanso. As primeiras vezes, as alcoviteiras subiam ao quarto e, após uma negociação implacável, lá logravam arrancar a criança do berço e carregá-la para a lavagem; ouviam-se gritinhos abrasados quando lhe retiravam a fralda de pano, ao que se seguia um verdadeiro burburinho carregado de comentários a comparar a virilidade do bebé "com a verga do meu homem"; havia até quem tivesse observado que, "se já é assim de tão tenrinha idade, imagine-se o cavalo que vai sair daqui dentro de mais uns aninhos", verificação que se tornou célebre por ter desencadeado uma sinfonia de risinhos e a muitas ter excitado a imaginação para além do recomendável.

Foi intensa e laboriosa, mas durou pouco esta romaria. O capitão Branco, homem de rigor e pose austera, estranhou tamanha excitação sempre que as obrigações no quartel o libertavam antes da hora prevista e chegava a casa mais cedo.

De início nada disse, convencido de que aquela efervescência era coisa própria de mulheres. Mas à terceira vez, estranhando um comentário que captara à distância a propósito do "chourição do petiz", decidiu indagar o assunto e, ao perceber por fim do que se tratava realmente, mandou aferrolhar a porta a parentes afastadas, vizinhas e demais curiosas; o chefe da casa não estava para aturar poucas-vergonhas.

"Essas galinhas que fiquem nas suas capoeiras", vociferou ao encerrar o assunto. "Irra!"

Com o acesso vedado à casa da família Branco, o burburinho foi diminuindo, devagar, até acabar por tombar no silêncio das coisas que se vão esquecendo, a história do bebé com pénis de adulto transformada aos poucos numa memória que, com o passar do tempo, adquiriu nítidos contornos de fantasia e alucinação, exageros por certo de mulheres histéricas cujo mal o capitão havia a seu tempo diagnosticado sem margem para erro.

"Têm falta de homem." O vulto assomou à porta, cortando o halo de luz que flutuava à entrada do quarto, e aproximou-se da cama onde se encontrava o pequeno José. O corpinho de três anos encolhia-se entre as mantas num esforço para reter o calor, os olhos molhados pelas lágrimas que lhe escorriam abundantes pela face. Quando o vulto se inclinou e o beijou na testa, o menino sentiu-lhe o aroma familiar e percebeu que era o pai.

"Que foi, Zezinho? Porque choras?"

O filho choramingou.

"Tenho medo..."

"Medo de quê?"

"Do escuro. A mamã?"

O capitão Branco pegou-lhe na mão gelada, procurando aquecê-lo e confortá-lo.

"Está em Trás-os-Montes a ajudar a tia Joana. Sabes que o tio Luís foi para o Céu e a tia precisa de auxílio."

A criança voltou a choramingar.

"Quero a mamã!..."

O capitão Mário Branco era um homem de pose austera, voz de trovão e postura hirta, imagem dura que contrariava a brandura com que geria os assuntos de casa, em particular no que dizia respeito aos pequerruchos. É certo que entre pais e filhos não permitia intimidades nem carícias; desconheciam-se naquela casa abraços e beijos meigos. Os pequenos cumprimentavam os pais com um respeitoso beijo na mão; era esse o modo corrente e em vigor naquele lar de bons católicos.

Apesar de respeitar com desvelo convenções socialmente aceitáveis, o oficial manifestava com as

crianças uma atenção pouco habitual nos homens do seu tempo.

"Queres ouvir uma música?"

O filho mais novo assentiu com a cabeça e engoliu os derradeiros soluços, aprontando-se para o que aí vinha. Os serões musicais eram mágicos, apesar de não entender as palavras que os compunham; parecia-lhe que da boca do pai brotava a língua dos anjos, melíflua e encantada, e admirava-se por ver vocábulos tão misteriosos fundirem-se com tal perfeição nas modulações melancólicas com que ele o enfeitiçava.

José não o podia ainda saber, mas escutava música italiana. O pai era um amante de árias napolitanas, que devorava desde os seus tempos de cadete em Lisboa, quando frequentava o São Carlos. Foi pois com uma ária de ópera italiana, entoada com voz poderosa e o tom vibrante adocicado pela brandura da melodia, que nessa noite adormeceu o filho mais novo na penumbra nocturna que toldava os longos corredores desertos da casa de Penafiel.

Celeste Aida, forma divina. Místico serto di luce e fior, Del mio pensiero tu sei Regina, Tu di mia vita sei lo splendor.

Il tuo bel cielo vorrei redarti, Le dolci brezze dei pátrio suol; Un regai sertã sul crin posarti, Ergerti un trono vicino al sol.

A canção melancólica parecia destinada à mulher ausente, um grito de saudade que o tempo decerto aplacaria. Mas o próprio tempo o desenganou. Quando Amélia regressou de Trás-os-Montes foi como se não tivesse voltado; a mulher que havia partido regressara uma pessoa diferente.

Desde que Joana enviudara, Amélia tornou-se distante e encerrada nela mesma. Era como se tivesse morrido, isolada do mundo e remetida para uma outra existência; dava a impressão que se tornara uma figura espectral, pairando como uma sombra pelos cantos da casa.

Sem compreender o que se passava com a mulher, o marido assustou-se e levou-a ao doutor Reis. O médico viu-a e, após a consulta, emitiu o veredicto.

"Uma depressãozita sem importância."

"O que devo fazer, doutor?"

"Não faça nada. Isto passa-lhe."

Mas não passou.

A depressão de Amélia prolongou-se por vários meses, deixando o capitão perdido em mil conjecturas e incapaz de lidar com a questão. Achou a certa altura que o amor que sentia por ela poderia resgatá-la do abismo em que havia mergulhado, mas primeiro teria de entender o problema de modo a perceber como desbravar um caminho que a guiasse para a redenção. Questionou-a com insistência, num esforço de quebrar o mutismo teimoso e persistente que dela se apossara, mas por mais que a interrogasse nada lhe conseguiu arrancar além das lágrimas silenciosas que lhe empalideciam o rosto.

Desesperou, pois o caso parecia-lhe perdido.

A inexplicável situação só se alterou numa manhã de domingo. Após a missa dominical na Igreja do Sameiro, e esgotadas todas as outras soluções, o capitão Branco foi ter com o padre Jacinto e apresentou-lhe o problema.

"Não come, não dorme, chora a toda a hora, já quase nem liga às crianças... Com franqueza, não sei o que lhe hei-de fazer!"

O pároco desviou os olhos para lá do ombro do capitão e cravou a atenção na mulher, que ficara sentada junto à porta, a cabeça a fixar os pés numa postura de tristeza lassa, como se a alma tivesse partido e o corpo não passasse de um invólucro desocupado.

"O senhor capitão vá para casa e volte ao meio-dia para a vir buscar, se faz favor."

O padre Jacinto acolheu Amélia na Igreja do Sameiro. Ouviu-a nessa manhã em confissão e

prescreveu-lhe uma longa penitência. Quando o marido a levou para casa, notou nela uma transformação sutil. A mulher mantinha o olhar amargurado, mas havia algo de indefinível que se alterara, como se uma pequena luz se tivesse acendido naquela treva cerrada; era uma chama frágil, mas cintilante.

Essa impressão, para sua surpresa e alegria, confirmou-se nos dias seguintes. Amélia, antes à deriva num recanto da mente onde só ela entrava, tornou-se visita assídua do santuário. O capitão começou então a perceber que a mulher se agarrava à religião com a força do desespero, como se a cruz fosse uma bóia. Amélia passou a assistir a duas missas por dia e a benzer-se amiúde; expressões como "graças a Deus!" e "queira Nossa Senhora!" tornaram-se muletas permanentes das suas conversas. Era uma mudança radical, mas o marido não ficou inteiramente descontente. Afinal viver com uma mulher devota era preferível a ter um espectro lacrimajante a assombrar-lhe a casa.

O problema é que a súbita devoção de Amélia não parou por ali. A Bíblia tornou-se a sua companhia de leitura permanente e a mulher pôs-se a dedilhar o terço sem cessar, rodando-o nas mãos ao ritmo de uma ladainha sussurrada que parecia não lhe largar os lábios trémulos. O fervor religioso revelou-se a certa altura tão intenso que o capitão, embora homem católico e respeitador da Igreja e dos bons costumes, começou a achar tudo aquilo de mais.

"Este padre Jacinto é diabólico", observou certo dia no quartel. "Transformou-me a patroa numa beata!"

No meio das mudanças súbitas e inexplicáveis operadas em Amélia, os filhos acabaram por ser negligenciados. Atento ao problema, o capitão redobrou o zelo protector em relação às quatro crianças e passou a acompanhá-las mais de perto. Mário Branco acreditava firmemente nas virtudes da educação; administrava a casa com a disciplina de um general e educava os filhos com a dedicação de um mestre-escola.

Tornou-se um homem muito paciente. Contrariamente à tradição do seu tempo, era raro bater nas crianças e mostrava-se sempre disponível para falar com elas e responder-lhes às perguntas, até para discutir as notas da escola ou do colégio. A sua voz de trovão intimidava, é certo, o mesmo acontecendo com a severidade que sabia imprimir ao olhar; bastava captar-lhe a expressão para se saber o que estava certo e o que era errado. O seu jeito atencioso, porém, tudo parecia compensar; não se tratava de homem de abraços nem de beijos, mas parecia ter o dom da palavra certa.

A bola vermelha rolou pelo fino tapete verde, ricocheteou no limite da mesa e foi direitinha para o buraco, por onde se meteu a rodar como um pião.

"Caramba!", exclamou o juiz Brandão, cofiando o bigode. "O senhor está hoje imparável!"

O capitão Branco lançou um olhar fugaz ao pequeno José, querendo certificar-se de que o filho mais novo admirara a jogada. Depois assentou o taco na vertical e esfregou um pouco mais de giz na ponta, desviando os olhos para a mesa de modo a estudar a jogada seguinte.

"Faz-se o que se pode, meu caro. Faz-se o que se pode."

Naquele final de tarde, e apesar de se encontrarem na reserva, os militares e o juiz haviam-se juntado como de costume no primeiro andar do clube dos oficiais, revolteando como borboletas em torno da grande mesa de bilhar que ocupava o centro da sala. O jogo era seguido distraidamente pelo filho, que o capitão levava consigo para o retirar do bocejo em que se transformava a casa quando os irmãos iam para a escola e a mulher definhava em rosários e outras beatices. A sala de jogos do clube estava cheia àquela hora, embora os restantes oficiais se entretivessem sobretudo em partidas de gamão e de xadrez, que decorriam nas mesinhas dispostas em redor da mesa de bilhar. ,,

Mas o que tornou realmente memorável esse final de tarde foi a entrada de rompante de António, o funcionário dos Correios que àquela hora trazia sempre o jornal encomendado pelo capitão Branco. António vinha esbaforido e agitava na mão o periódico, que todos reconheceram pelo inconfundível

cabeçalho, a identificar O Comércio do Porto.

"Ena, Tónio!", admirou-se o capitão Branco. "Que pressa é essa, rapaz?"

"Ah, senhor capitão!", exclamou António, ofegante. "Chegou O Comércio do Porto!"

O rapaz dos Correios fazia dançar o matutino entre uma mão e a outra, como se o papel queimasse. Os oficiais fixaram os olhos no jornal saltitante, sem entenderem toda aquela excitação. Conseguiram perceber que havia um mapa da Europa desenhado no topo da primeira página, mas António abanava tanto o exemplar de O Comércio do Porto que não lograram captar-lhe os títulos.

"Pois isso já eu percebi, Tónio. E então? Vem aí a notícia de que as galinhas já têm dentes?"

Os oficiais riram-se, mas António permaneceu especado diante da mesa de bilhar, os olhos muito abertos.

"Não."

A risada morreu naturalmente.

"Então, rapaz?", perguntou o capitão Branco, sempre de ar bem-disposto. "O que foi?"

António pegou no jornal com as duas mãos e mostrou-lhes enfim a primeira página.

"São os Alemães, senhor capitão. Entraram na Polónia." O almoço foi pesado e o capitão Mário Branco decidiu digeri-lo com a ajuda de um copo de vinho do Porto. Espreitou o relógio e constatou que era quase chegada a hora; foi para o sofá, girou a antena para a posição de onda curta, ligou o rádio e aguardou que as vozes distantes rasgassem a estática e lhe dessem notícias do mundo. Não teve de esperar mais de um minuto. O monótono crrrrrr do éter foi bruscamente interrompido por um sinal, parecia que alguém tinha apitado, e depois por uma pausa repousante; emergindo do súbito silêncio, como se um visitante falasse do fundo do corredor, ouviu-se uma voz ondulada e pausada.

"Daqui Londres. Esta é a BBC."

A escuta das emissões da BBC era um acto proibido em Portugal, mas o capitão Branco, embora católico obediente e patriota acima de qualquer suspeita, não queria saber de interdições absurdas. Não eram os Ingleses os maiores e mais antigos aliados de Portugal? Não haviam estado, os nossos soldados e os deles, lado a lado em incontáveis batalhas e jamais em campos opostos como inimigos? Que disparate era aquele de não se poder ouvir a voz de Inglaterra? Quem seria o inteligente que tomara tão insensata decisão?

Escutar a BBC tornara-se assim um acto de rotina naquela casa, as emissões em onda curta acompanhadas religiosamente duas vezes por dia, uma depois do almoço, outra após o jantar. Não se tratava de uma atitude de desafio; não era essa a postura do capitão. Ele pretendia simplesmente saber o que se passava no mundo, sabê-lo através de uma voz em que confiasse, e não conseguia entender qual o mal de ouvir o que dizia o velho aliado de Portugal. Um informador chegara a denunciar estas escutas ilegais do distinto oficial, mas a hierarquia encolheu os ombros e olhou para o lado; a verdade é que ninguém de bom senso se atrevia a incomodar o capitão Branco por causa de uma ninharia como querer saber as notícias, para mais estando ele já na reserva.

"A BBC fala e o mundo acredita", sentenciou a voz libertada pelo altifalante do rádio.

O oficial reconheceu a dicção pausada de Augusto Silva, o seu locutor favorito, e inclinou o ouvido para o altifalante. Entrou no ar o que parecia uma marcha; tratava-se do separador identificativo da estação britânica.

Foi nesse instante que o pequeno José se aproximou do pai com ar queixoso.

"Ó pai! O mano..."

"Está declarado o estado de guerra entre a Inglaterra e a Alemanha. O senhor Neville Chamberlain..."

"... escondeu o pau que eu..."

"Chiuuuu!", cortou o capitão, os olhos arregalados, mandando-o calar com tal veemência e fúria que José se assustou. "Silêncio!"

Fez-se um súbito vazio em toda a casa; não era hábito o capitão dirigir-se a alguém da família de modo tão brusco. No meio do abrupto mutismo geral, apenas a voz de Augusto Silva permaneceu imperturbável, reverberante no silêncio pesado que ali se instalara, jorrando autoritária do altifalante com notícias de provocar pasmo e medo.

"... leu esta tarde uma comunicação ao país a informar os súbditos ingleses de que o senhor Hitler não aceitou um ultimato entregue ontem de manhã pelo governo de Sua Majestade em Berlim, a exigir que as forças alemãs retirassem imediatamente da Polónia. Em consequência, disse o senhor Chamberlain, a Inglaterra está em guerra com a Alemanha."

O noticiário durou longos minutos, mas pareceram poucos perante o muito que havia para dizer. Apenas a voz de Augusto Silva soava na casa dos Branco, trazendo notícias do inferno mesmo ali às portas. Quando por fim o locutor se despediu, com a solenidade que o momento requeria, apenas se ouviu na sala mais um clique, provocado pelo capitão ao desligar maquinalmente o rádio.

Abateu-se nesse instante por toda a parte um silêncio pesado, aquele silêncio profundo e ensurdecedor que pousa sobre os homens nos momentos de grande gravidade. Era como se uma nuvem negra e densa tivesse assentado sobre o mundo, sinistra e maléfica, asfixiando a luz que o fazia viver, mergulhando-o numa vasta sombra; a vida era o Sol, mas a rádio fora o arauto do crepúsculo, esse efêmero instante em que o dia se apaga no fio do horizonte e sobre todos se deita o manto escuro da noite, aos poucos, devagar, como uma chama que se extingue lentamente, até se instalar enfim por toda a parte uma treva opaca e nefanda.

Tlim-tlim-tlim.

O toque da sineta na porta fez Beatriz sair disparada da cozinha e descer as escadas para saber quem era. Instantes mais tarde a figura austera e pançuda do juiz Brandão irrompeu pela sala como se da sua intervenção dependesse o destino do mundo. Atrás dele vinha a sua protegida Joana, que voltara a acolher quando a pobre rapariga enviuvara.

"Ó Branco!", chamou o juiz. "Branco! Você ouviu as notícias?"

O capitão ergueu-se pesadamente do sofá, de onde não saíra desde que, uma hora antes, terminara o noticiário da BBC.

"Então não ouvi?!"

O juiz estacou diante dele e olhou-o com expectativa, como se esperasse que o oficial tivesse o poder de neutralizar um acontecimento tão grave.

"E o que me diz disto?!"

O capitão abanou a cabeça, a fronte carregada de preocupação.

"Olhe, tenho estado aqui a matutar no assunto..?"

"E então?"

"Acho que isto é um grande sarilho."

"Acha mesmo?", disparou o juiz, alarmado com a impotência que lia no rosto do oficial.

"É como em 14-18. De um lado a Inglaterra e a França, do outro a Alemanha e a Áustria. Vai ser uma nova calamidade!"

"Mas este Hitler não tem juízo? O que quer ele afinal? Acabar com o mundo? Não chegou a Grande Guerra?"

"Ele é um homem agressivo, meu caro. Uma pessoa correcta, sem dúvida, mas muito agressiva. Foi longe de mais e agora meteu toda a gente num grande sarilho."

A tensão era palpável devido à memória do que fora a Grande Guerra. Ainda a tentar refazer-se

do choque, o juiz instalou-se no sofá e o anfitrião, conhedor dos gostos do visitante, foi-lhe preparar um cálice de vinho do Porto.

Aproveitando a pausa na conversa entre os homens, Joana quebrou o seu mutismo.

"A minha irmã?"

"A Amélia está a descansar no quarto com o Zezinho e a Lourdes."

A cunhada meteu pelo corredor e foi ter com Amélia, deixando os homens a sós. Com a garrafa de porto na mão, o capitão Branco ficou a vê-la desaparecer para além da porta do quarto. Depois encheu o cálice e estendeu-o na direcção do juiz.

"Como vai a sua protegida?"

"Menos mal, menos mal", disse o visitante, pegando no cálice. "Sabe, o mais difícil parece já ter passado. Desde que ela voltou de Trás-os-Montes e se instalou de novo lá em casa que tem andado mais alegre, coitadinha. Depois do que aconteceu a moça não podia ficar sozinha, não é?"

"Além do mais, tem cá a irmã."

"Ah, sim!", concordou o juiz. "Isso é muito importante! Têm ido as duas à igreja e sem dúvida que isso lhes faz bem. Mas às vezes exageram um bocado, não acha?"

O capitão balançou devagar a cabeça, resignado às mudanças que se operavam na sua mulher.

"É melhor que nada."

A sineta voltou a soar no andar de baixo e Beatriz saiu mais uma vez da cozinha para atender. Eram as crianças mais velhas que vinham da escola. As aulas haviam sido suspensas; ninguém se sentia com disposição para trabalhar numa ocasião daquelas. O dia estava a ser de afluência generalizada às igrejas e um rio de gente convergia para o santuário do Sameiro. As notícias da rádio eram demasiado graves e um clima de receio havia-se instalado por toda a parte. Uns buscavam refúgio nas missas, outros nas conversas sobre a situação".

As duas irmãs espantaram-se com tanto alarido e apareceram na sala. Amélia ajudou os filhos a arrumar as coisas da escola enquanto Joana, inteirada do que se passava nas distantes capitais que tão pouco interesse habitualmente lhe despertavam, se sentou ao lado do juiz.

"Ai, valha-me Deus!", disse ela. "Já viu isto? Está tudo maluco."

"Pois está."

"Já convenci a Amélia e vamos ali ao Sameiro rezar vinte avé-marias para que tudo se recomponha."

O juiz esboçou um trejeito impaciente.

"Isto não vai lá com avé-marias..."

"Ah, não diga isso que Nosso Senhor ainda o castiga!"

"Receio que Nosso Senhor tenha mais com que se preocupar do que andar a ver o que andamos ou não a dizer."

"Se rezarmos muito, Ele há-de ouvir-nos e há-de ter piedade de nós. Ele e Nossa Senhora de Fátima, que é uma santa. O padre Abreu, que dá a missa das onze na Igreja da Misericórdia, disse-me no outro dia que..."

"Ó menina...", interrompeu o juiz. Aquela conversa enervava-o. "Vá lá ao Sameiro rezar umas avé-marias e deixe-me aqui a falar com o senhor capitão, está bem?"

Joana fez sinal a Amélia, que tinha acabado de tratar dos filhos.

"Ai mana, vamos já embora!" Voltou as costas e afastou-se, mas ainda virou a cabeça para trás e deixou um derradeiro anúncio. "Desde que ouviu as notícias na telefonia que o senhor está que não se pode. Vou rezar a Deus, Nosso Senhor, para que lhe perdoe..."

O calor de Setembro, denso e asfíxiante, atirara o capitão Branco para o seu escritório do piso

térreo, um dos pontos mais frescos da casa. O oficial embrenhara-se nas suas contas habituais; dessa vez, a contabilidade estava centrada no cálculo de todo o vinho que teria de armazenar nas adegas após a venda aos clientes do costume. Como os dois filhos mais velhos haviam ido para a escola e Amélia saíra com Lourdes ao colo e com a irmã, Joana, o capitão dera um pião ao pequeno José e levava-o para brincar no chão do escritório.

Quando estudava o orçamento de um novo abastecedor de barris, alguém bateu à porta da rua. Mário Branco foi ver e deu com o rosto gasto do comandante do seu antigo regimento.

"Nosso capitão, dá licença?"

"Meu comandante... por aqui?"

"É verdade. Será que podemos falar um minutinho?"

"Com certeza."

O capitão abriu a porta e deixou o coronel Silvério entrar. Levou-o para o escritório, ofereceu-lhe um cálice de vinho do Porto e sentou-o na cadeira mais dura que ali tinha. O Zezinho continuava a brincar com o pião e o antigo comandante do regimento de Penafiel lançou um olhar à criança, como se pedisse que ela saísse dali. O anfitrião ignorou a sugestão.

"Então como vai o nosso regimento?", perguntou Mário Branco, mais por cortesia do que curiosidade. "A mudança de ares para o Porto fez-lhe bem?"

O comandante abanou a mão.

"Assim-assim."

"Não me diga que veio cá a Penafiel porque estava com saudades..."

O coronel Silvério tirou um maço do bolso e acendeu um cigarro. Uma nuvem de fumo cinzento-azulado ergueu-se do seu rosto e colou-se-lhe ao cabelo.

"Não foram as saudades que me trouxeram cá", disse. "Foi o trabalho." Tirou um papel oficial do bolso interior, passou os olhos por ele e estendeu-o a Mário Branco com um sorriso. "Apresente-se amanhã de manhã ao major Viegas."

O capitão mirou o documento com ar interrogativo.

"O que é isto?"

"É uma ordem do general Gomes. Ele ouviu falar das suas capacidades de organizador e quer que o nosso capitão fique encarregado do racionamento em Penafiel."

"Racionamento?"

"Sim, homem." O comandante riu-se. "Então não sabe que o mundo está em guerra? Os bens vão faltar, meu caro! Toda a economia ficará centrada no esforço de guerra e a produção e o transporte de bens serão gravemente afectados. Até já há submarinos alemães a atacar navios no Atlântico, veja lá! O governo decidiu por isso instituir planos para organizar racionamentos por todo o país, caso tal venha a ser necessário. O nosso capitão terá de ser discreto com isto, não queremos que se instale o pânico entre a população, até porque pode nem vir a ser necessário tomar estas medidas, claro... Mas o seguro morreu de velho, como dizia o outro."

"Desculpe, meu coronel, não percebo." Apoiou a palma da mão sobre o peito, com ar perplexo. "Porquê eu?"

"É que o governo entregou essa operação ao exército e o general Gomes pensou em si para organizar a coisa aqui em Penafiel."

"Mas, meu coronel, eu já não estou no exército."

Silvério levantou-se pesadamente, dando a conversa por terminada. Antes de se afastar, contudo, inclinou-se para a frente e, apoiando a palma das mãos na secretária, cravou os olhos no seu interlocutor e abanou a cabeça.

"Não estava, meu caro capitão. Não estava." Naquela tarde de Setembro de 1940, e como era hábito sempre que o sol brilhava ameno e o tempo se apresentava agradável, o casal Branco instalou a mesinha na varanda das traseiras e acomodou-se para o lanche com vista para o quintal. Amélia lia com inusitado interesse O Comércio do Porto que o marido acabara de lhe trazer do clube dos oficiais quando pousou o jornal sobre a mesinha e pegou na chávena de chá.

"Ó Mário", interpelou ela com ar pensativo, "será que aquilo é mesmo assim tão catita?"

O capitão tentava acender um cachimbo. Aspirou com força e pousou os olhos na página do jornal que a mulher acabara de ler. O título da notícia que dominava essa página mencionava o sucesso que estava a ter o grande evento do ano, inaugurado com vistosa pompa três meses antes.

A Exposição do Mundo Português.

"O quê? A Exposição?"

"Sim." Amélia fez um gesto para a fotografia do jornal a ilustrar a notícia. "O Gonçalves, aquele sacristão do Sameiro, esteve na semana passada em Lisboa e veio de lá maravilhado." A primeira nuvem de fumo aromático ergueu-se com lentidão pelo ar.

"O pessoal no clube dos oficiais diz-me o mesmo."

"Mas, se é coisa assim tão monumental, achas que isso faz algum sentido nestes tempos difíceis? No fim de contas há uma guerra a decorrer..."

"Sabes, isto foi planeado há dois anos. A verdade é que em 1938 o Toninho não tinha modo de prever que a guerra iria rebentar..."

"De qualquer modo! Já viste? Tanta gente a sofrer e nós a festejar a lusitanidade!..."

O capitão voltou a concentrar-se no cachimbo.

"É verdade, querida." Aspirou e libertou nova nuvem perfumada. "Mas o que havíamos nós de fazer? Deitar abaixo a construção? Pois se o dinheiro já está gasto e a obra concluída não achas que o melhor é mesmo seguir em frente? Além disso, a exposição tem a vantagem de aumentar o moral do povo, cimentar o orgulho nacional e a confiança no futuro. Em tempos tão deprimentes, estas coisas ajudam-nos a encarar a vida, não te parece?"

Amélia bebericou o chá e pousou a chávena, pensativa.

"Talvez tenhas razão", concluiu. Pegou no bule e começou a deitar mais chá na chávena, mas interrompeu a operação a meio, o bule suspenso no ar, como se algo tivesse acabado de lhe ocorrer. "Olha lá, e se nós também lá fôssemos?"

"Lá onde?"

"A exposição, Mário. Vamos à exposição!"

A mais antiga memória completa de José Branco, aquela em que pela primeira vez reteve os mais ínfimos pormenores de tudo o que viu e sentiu, incluindo cheiros e cores, foi justamente a da emocionante viagem que fez com a família a Lisboa, corria o mês de Setembro de 1940 e ia ele completar quatro anos daí a algumas semanas.

Na zona de Belém, entre o Mosteiro dos Jerónimos e o estuário do Tejo, Salazar mandara arrasar barracões e casas velhas para erguer o grande certame, uma gigantesca montra da lusitanidade, por ocasião dos oitocentos anos da fundação de Portugal e dos trezentos anos da restauração da independência.

O evento abriu portas em Junho, mas o começo não foi auspicioso; além de vários pavilhões ainda não estarem prontos, o dia da inauguração ocorreu vinte e quatro horas depois da capitulação da França e da chegada das tropas alemãs à fronteira espanhola. O ambiente em Portugal tornou-se pesado e temeroso; aproximavam-se os ventos de guerra, eram sinais de uma longínqua tempestade que se adensava no horizonte, imensa e ameaçadora, carregando o céu de sombria preocupação.

A depressão foi, porém, rapidamente enfrentada; em breve a grandiosa exibição de lusitanidade começou a ser encarada como uma ilha pacata naquele mar de tormenta, um fogacho de tranquilidade na noite agitada, uma luz de esperança que se acendera na treva. Organizaram-se grupos, fizeram-se excursões, primeiro algumas centenas de pessoas, depois milhares, a certa altura já dezenas de milhares, centenas de milhares... Chegou ao primeiro milhão o número de portugueses que se juntaram, vestiram as melhores fatiotas, prepararam o farnel e atravessaram o país para apreciar tão espantoso acontecimento.

Os ecos da magnificência da obra percorreram Portugal da costa ao Interior. Não havia jornal, nem rádio, nem café, nem taberna, nem esquina, nem casa, não havia sítio onde, além das notícias da guerra, não se comentasse coisa tão magnífica. Os que chegavam de Lisboa vinham deslumbrados, gabando "obra própria de país do progresso", e os encómios eram tantos e tão entusiásticos que inevitavelmente acabaram por mobilizar o casal Branco.

Toda a família seguiu para o Porto na barulhenta camioneta alugada por Mário Branco à Alberto Pinto. A bordo iam, além do capitão, a mulher e os filhos, Joana e ainda Beatriz, a jovem criada encarregada de vigiar o pequeno José. O juiz Brandão ficara para trás, dizia ele que a grande cidade lhe "fazia espécie", mas outras pessoas da terra aproveitaram a iniciativa e contribuíram com uns tostões em troca de boleia até à capital para visitar a tão badalada exposição.

O percurso de Penafiel ao Porto levou quase três horas, feitas à beira-rio em curvas e contra-curvas, com o fumo acre da camioneta a entrar pelas janelas e a enjoar as senhoras, o cheiro a gasóleo queimado a misturar-se com a brisa fresca que soprava pela manhã ao longo da margem norte. Cruzaram o Douro pela Ponte D. Luís, já perto do meio-dia, e meteram pela Nacional 1 até Lisboa.

Mas a viagem era demorada e incómoda, tão maçadora que depois de Coimbra, já noite dentro, decidiram estacionar na berma da estrada e pernoitar na camioneta. As marmitas foram abertas e José refastelou-se com o repasto trazido de casa; comeu língua afiambrada com bolinhos de bacalhau e carne assada, tudo bem acompanhado por regueifas e um verde tinto ácido que até as crianças degustaram.

Chegaram a Lisboa ao princípio da tarde do dia seguinte e instalaram-se na casa do Pires, um camarada de armas do capitão desmobilizado. Pires vivia em Campolide e certa vez zangara-se com Branco por causa de um tostão. A história tornara-se já lenda de família. Parece que o metódico capitão se recusara a emprestar um tostão ao amigo, alegando que ambos ganhavam o mesmo e que, se o soldo chegava para um, também teria de chegar para o outro; a Pires bastaria saber administrar o que recebia. O incidente ocasionara uma daquelas zangas que acabam numa amizade inquebrável. A reconciliação aproximou-os tanto que o velho companheiro de armas abriu as portas da casa de Campolide à multidão que lhe desaguou da fumegante camioneta da Alberto Pinto, como bárbaros à conquista da capital.

Os primeiros dias na cidade foram de grande espanto. Depois de se instalar em casa do Pires, a família Branco foi levada pelo anfitrião num passeio a pé até à Baixa, com intenção de conhecer o grande Rossio; no fim de contas, argumentou Pires, era o centro nevrálgico de Lisboa, o ponto onde a cidade se encontrava para dois dedos de conversa, o sítio onde tudo mexia e a vida palpitava.

"Ó Branco, você vai ver uma coisa incrível", avisou o amigo, caminhavam todos pela Avenida da Liberdade em direcção aos Restauradores. "Prepare-se, que é mesmo de pasmar!"

"O quê?"

"Tenha calma. Já lhe mostro." Olhou para trás e avaliou o resto do grupo. "Não sei é se é espectáculo aconselhável a senhoras e crianças..."

"Está à luz do dia?"

"Claro."

"É permitido pelas autoridades?"

"É pois."

"Então mostre lá isso, homem. Não há-de ser nada de mais!"

O dia nascera quente, tornara-se abafado até. Sentiam o suor crescer por baixo das axilas e correr em pingos pelas costas, mas não podiam fazer nada; camisas, casacos, saias compridas, lenços e chapéus eram requisitos imprescindíveis para as pessoas recatadas, respeitadoras da moral e da ordem, mesmo quando a canícula apertava.

Chegaram aos Restauradores e meteram para o Rossio. Ao entrarem na grande praça deram com uma novidade absoluta: havia mesas e cadeiras espalhadas pelos passeios e os clientes a exporem-se ao olhar dos transeuntes.

"O que é isto, Pires?"

O anfitrião sorriu, quase ufano por mostrar aquelas novidades ao amigo chegado da província.

"São esplanades."

"Espia... quê?"

"Es-pla-na-des", repetiu quase a soletrar, afinando o sotaque francês. "Parece que Paris está repleta delas."

"Mas... e o recato? As pessoas exibem-se assim na rua, sem mais nem menos?"

"É o progresso, meu caro! É o progresso!"

Mário Branco e a família ficaram especados a observar a cena inusitada. O mais curioso é que a inovação parecia estar a ser um êxito; bastava ver como essas esplanades se encontravam apinhadas de clientes e observar o formigar irrequieto em torno das mesas soalheiras e dos balcões protegidos pela sombra fresca.

"Olhem ali para a Suíça", indicou Pires com um sorriso malicioso, erguendo as sobrancelhas. "Ora vejam bem os clientes!"

O capitão analisou melhor os homens que se sentavam à mesa da esplanade da Pastelaria Suíça, com cafés a fumar e copos de whisky nas mãos, defendidos do sol pelas sombrinhas coloridas; tinham a pele muito pálida, os cabelos aloirados e os olhos claros, e vestiam com elegância, muito limpos e janotas; pareciam actores de uma fita americana.

"São estrangeiros?"

"Claro."

"Inglêses?"

Pires fez um gesto vago com a mão.

"Inglêses, americanos, alemães, italianos, franceses, holandeses, checoslovacos, polacos, eu sei lá! Vêm de toda a parte!"

O capitão esboçou um ar surpreendido perante o desfile de nacionalidades.

"Mas o que está toda esta gente cá a fazer?"

"Ó homem, não sabe que há uma guerra a lavar por essa Europa fora?" Fez um gesto teatral na direcção da esplanade. "A maior parte deste pessoal são refugiados. São milhares e milhares, o que pensa você? Vêm a fugir dos tanques alemães e querem ir para a América; vieram apanhar um barco ou o clipper. Estes são os mais endinheirados." Baixou a voz. "Mas há também uns que chegaram aqui com uma mão à frente e outra atrás. Muitos são judeus."

"Há judeus?"

"Ui, tantos! Parece que os Alemães não gostam deles, coitados. Não se vêem muito pela rua. Ouvi dizer que se concentram ali na Cozinha Económica Israelita e estão todos a tentar seguir para a América, dê por onde der, nem que seja a nado."

O capitão contemplou pensativamente aquela gente e por momentos teve a inusitada sensação de ser testemunha de um acontecimento de relevância transcendente.

"Quem diria! Desgraçados, vêm a fugir da guerra!..."

"Bom, a maior parte são refugiados, mas nem todos! Há também por aí muito diplomata, e espiões, oh, parecem moscas! Dizem que o Hotel Aviz está cheio de espionagem, que aquilo é um verdadeiro covil de serpentes, todos a ver se sacam informações ou tramam o parceiro!"

"Como nas fitas americanas?"

"Isso." Pires soltou uma gargalhada. "Só cá falta o Clark Gable!"

Os estrangeiros mostravam um ar aparentemente descontraído, escondendo decerto o tumulto que lhes fervilhava na alma. Uns haviam-se embrenhado num burburinho de conversas, ora a comentar a política e a grave situação internacional, ora a queixar-se das saudades da família ou a lamentar as notícias que lhes chegavam de casa; outros permaneciam calados, metidos consigo, admirando com calma impaciente o rolar morno da lenta tarde lisboeta, talvez a pensar na terra que haviam deixado, quem sabe se a sonhar já com aquela para onde partiam.

"Ó Pires, já reparou que muitos não usam chapéu?"

O amigo riu-se.

"Caramba, Branco! Estava a ver que você não reparava nisso..."

"Mas isto agora é assim? Não se usa chapéu?"

"Parece que é moda lá fora andar de cabeça descoberta, o que quer que lhe diga?" Apontou para um homem sentado ao fundo, a ler um jornal francês. "Olhe para aquele. Olhe só."

O capitão localizou o homem e abriu a boca, surpreendido.

"Mas o tipo é careca!"

"Pois é."

"E não tem chapéu!" Fitou o amigo com ar incrédulo. "Já viu?" Voltou a mirar o homem, como se quisesse garantir que os seus olhos não o tinham enganado. "Não tem chapéu! O homem está a exhibir a careca!"

"Ó Branco! E isto ainda não é nada..."

Ouviu-se um gritinho feminino lá atrás. Os dois homens voltaram-se e viram Joana a aproximar-se, afogueada, quase num tropel; vinha com ar de quem tinha visto o Demónio.

"O que é?", perguntou Amélia à irmã, alarmada por vê-la assim aflita. "O que foi?"

"Ai, valha-me Deus, nossa Senhora, Virgem santíssima!"

"O que foi, rapariga?"

"Ai, não me digas nada, mana, não me digas nada que até me falta o ar!" Pôs a mão no peito, como se assim conseguisse conter a violência dos pulos que o coração aí dava. "Ai Jesus!" Respirou fundo e, fechando os olhos, recuperou um pouco da compostura. "Isto é um escândalo!", exclamou por fim. "Um escândalo!"

"O quê? O que é um escândalo?"

Joana fez um gesto com a mão na direcção do outro lado do Rossio. Os rostos voltaram-se para lá e todos perceberam que havia ali uma outra esplanade, esta diante do Café Nicola. Olharam todos excepto a própria Joana, que apontava sem voltar o rosto, como se o que tivesse visto fosse demasiado horrível, demasiado obsceno para se atrever a observar de novo.

"Aquilo! Aquilo!"

Os olhos colaram-se à esplanade do Nicola, perscrutando-a à procura de mais alguma anormalidade.

"O quê?"

"Aqueles... mulheres", soltou Joana, quase com nojo, ainda sem olhar. "Vocês não vêem?"

Acompanhando o olhar do grupo, o capitão lobrigou, de facto, duas mulheres sentadas à mesa.

Observou-as melhor e a boca abriu-se-lhe; inclinou a cabeça para a frente e ficou de olhos esbugalhados, vendo e não acreditando.

"Co's diabos!", foi tudo o que conseguiu balbuciar durante momentos.

Amélia pestanejou, atordoada quando enxergou finalmente o que escandalizara a irmã.

"Valha-me Deus!", exclamou com estupefacção. "Vocês já viram aquilo?"

O capitão, ainda embasbacado, abanou afirmativamente a cabeça.

"Estou a ver, estou a ver."

"É incrível, não é?"

Branco voltou-se para Pires e deu com o amigo a mirá-lo com um sorriso malicioso, como se o maior espectáculo não fossem aquelas poucas-vergonhas, mas o choque de quem as via.

"Ó Pires, quem são estas mulheres?"

"Refugiadas."

"E são todas assim?"

"Todas."

"Andam sem chapéu?"

"Andam. Mostram a cabeça todinha. Até têm o cabelo solto."

"Caramba! E sentam-se sozinhas? Assim? Sem ao menos estarem acompanhadas por um cavalheiro?"

"Sim."

"Minha Nossa Senhora!" O capitão observou uma delas a levar um objecto fumegante à boca e quase ficou sem palavras. "Ora esta!", acabou por exclamar. "Elas fumam? As mulheres agora fumam?"

"Fumam, pois."

"Mas assim parecem homens..."

Pires encolheu os ombros.

"Isto faz espécie a toda a gente, mas elas andam assim, o que quer que lhe faça?"

O capitão abanou a cabeça, uma expressão desaprovadora no rosto.

"Está tudo perdido!"

"A princípio custa mais, é verdade", assentiu o amigo. "Mas com o tempo vamo-nos habituando..."

Joana atreveu-se a espreitar outra vez mas depressa tapou a cara, ainda mais horrorizada.

"Ai as pernas, Jesus!"

Branco procurou as pernas das estrangeiras e arregalou de novo os olhos, absolutamente incrédulo.

"Mas... mas elas não usam meias!"

"Pois não", confirmou Pires com o mesmo sorriso a bailar-lhe nos lábios. "A malta toda já reparou." Apontou para um grupo de homens portugueses que se aglomeravam em torno de um dos bancos do Rossio, todos eles de olhos sôfregos voltados para a esplanade do Nicola. "Olhe, está a ver aqueles? Passam o dia todo ali, a apreciar as pernas das estrangeiras. Então quando elas cruzam o pernil, ui!, fazem um alarido que só visto. Até batem palmas!"

"É imoral!", vociferou Joana, abanando a cabeça com incontida indignação. "Isto é imoral! Uma indecência!" Benzeu-se. "Se o padre Abreu visse isto, se ele visse a pouca-vergonha que para aqui vai, ele... ele... olhem, nem sei o que diria! Mas havia de dizer alguma coisa!" Arregalou os olhos. "Muitas coisas! E das boas!"

Pires esfregou as mãos.

"Bem, é para que vejam como isto está." Fez um gesto largo que abarcou toda a esplanade. "E se aqui é assim, então nem queiram saber o que vai nas praias..."

"Nas praias?", quis saber Branco.

"Sim, nas praias. Aquilo no Estoril é uma verdadeira escandaleira. Você sabe lá! Vêem-se homens a andar de tronco nu na areia!"

"O quê?"

"Sim, sim. De tronco nu, digo-lhe eu!"

O capitão abanou de novo a cabeça; cada novidade lhe parecia ainda mais chocante do que a anterior.

"Onde isto vai parar..."

"E as mulheres?" Pires agitou a mão com violência. "Olé, as mulheres!"

"O que têm elas?"

"O que têm elas?", riu-se de novo o amigo. "Olhe, as estrangeiras andam com maillots que nem me atrevo a descrever. Para que tenha uma ideia, basta dizer que essas moças exibem as pernas até quase ao ventre." Mostrou com a mão todas as partes das pernas que ficavam a descoberto. "Vêem-se-lhes as coxas todas!"

"O quê? Isso é permitido?"

"Sei lá!", riu-se Pires. "Eu pensava que não, mas eles e elas andam assim..."

"Uma pouca-vergonha", insistiu Joana, sempre a abanar a cabeça com ar reprovador.

"Isto é realmente um bocado de mais", comentou Amélia, incapaz de tirar os olhos das duas mulheres sentadas na esplanada a fumar. "Mas se calhar é o progresso, o futuro..."

Joana mirou-a com expressão indignada.

"Ó Amélia! Como podes dizer isso? Valha-me Deus!"

Lá atrás, José pediu colo a Beatriz. A criada ergueu-o e o pequeno contemplou a esplanada, tentando perceber a causa de tanto burburinho entre os pais e de tantas risadinhas e comentários dos irmãos mais velhos. Mas nada descobriu de relevante, apenas gente sentada às mesas, por baixo de vastas sombrinhas, a beber um café, a trincar um pastel ou a saborear um cálice de whisky num dia de sol prazenteiro. Até o próprio capitão Branco, que conhecia bem Lisboa dos seus tempos da Escola de Guerra, se mostrou surpreendido com as mudanças que descobriu após palmilhar as ruas nos primeiros grandes passeios pela cidade.

Por toda a parte via construções e projectos a serem lançados; construíam-se pontes, estradas, viadutos, escolas, tribunais, hospitais, bairros sociais e cadeias. Pires começou por levá-los a ver a grande colina de Monsanto, obra que pelos vistos o enchia de orgulho. O espaço para além do vale, quase careca, fora coberto de árvores minúsculas, plantadas pouco tempo antes por ordens do governo.

"Vai nascer aqui uma grande floresta", anunciou o anfitrião, os olhos sonhadores presos à colina.

Mas a atenção de Mário Branco desviara-se para a imagem mais prosaica dos trabalhos que decorriam mesmo ali ao lado.

"E aquilo o que é? Uma ponte para a floresta?"

"Um viaduto", esclareceu Pires. "Vai ligar a cidade a Monsanto. O plano é abrir uma auto-estrada por aí fora, igual àquelas que o senhor Hitler mandou construir lá na Alemanha." O capitão assobiou, impressionado.

"Uma auto-estrada?", exclamou com admiração. "Chegou o progresso, não há dúvida!"

"E sabe o que o viajante vai encontrar no final desta auto-estrada?", perguntou Pires, sempre empolgado. "Um grandioso stadium de estilo helénico! Embora daqui não se veja, esses trabalhos também já começaram. Fui lá espreitar há duas semanas e aquilo vai de vento em popa! Olaré, uma maravilha! O nosso stadium vai fazer o Stadium Olímpico de Berlim parecer uma reles arena de touros!"

A capital dava ares de um imenso estaleiro, o que deveras impressionou os visitantes. Depois de

Monsanto fizeram uma grande volta por Lisboa e por toda a parte avistaram construção civil a laborar. O Instituto Superior Técnico, quase pronto, era uma obra monumental, por todos gabada, tal como a magnífica fonte que decorava a Alameda Afonso Henriques. Na zona da Portela era construído, imagine-se, um aeroporto, coisa única, própria de país avançado, prova inequívoca de que Portugal trilhava com abnegação a senda do progresso. O Parque Eduardo VII começava a ser ajardinado e Pires insistia que ia ficar "uma beleza". O cicerone do grupo revelou-lhes que havia até planos para erguer um enorme hospital nuns baldios para lá da Praça de Espanha.

"No projecto chamam-lhe Santa Maria", esclareceu. "Mas pode ser que ainda lhe mudem o nome, nunca se sabe."

Todo este progresso se afigurava esmagador a quem acabava de chegar da minúscula Penafiel, mas havia alguns pormenores bizarros que acharam hilariantes. No cruzamento da Avenida da Liberdade com a Rua Alexandre Herculano, por exemplo, depararam com um poste que mudava de cores e tudo, coisa engraçada que a todos divertiu; o mais caricato é que os carros e as bicicletas lhe obedeciam como se estivessem diante de um polícia.

"Chama-se semáforo!", exclamou Pires com tal orgulho que se diria ser ele o inventor de tão cómico dispositivo eléctrico. "É o primeiro do país." Ergueu a mão com a eloquência de um oráculo a anunciar o futuro. "Mais virão, meus amigos. Mais virão!"

Outra grande emoção foi o Elevador de Santa Justa. Sempre que tinham de voltar para a casa do Pires em Campolide faziam um desvio e, por dois tostões, compravam os bilhetes que lhes permitiam subir ao topo e apreciar Lisboa ao pôr do Sol.

Mas havia mais.

"O regime até tem planos, veja-se bem, para a maior obra de todas", anunciou o Pires. "Uma grande ponte sobre o Tejo."

A revelação a todos surpreendeu. Bem vistas as coisas, o projecto só podia ser ambição de sonhadores e poetas, utopistas que viviam no mundo da fantasia; era lá possível erguer uma ponte sobre tão grande estuário?

O pasmo percorria o rosto de cada adulto do grupo, e mesmo das crianças mais velhas, mas todos sabiam que o melhor daquele magnífico passeio ainda estava para vir. A grande exposição.

Os quatro guerreiros gigantes protegiam a entrada com o seu ar de sentinelas atentas, os dois pares de espada para baixo, escudo ao peito, cota de malha a descer pelo corpo e capacete enterrado até aos olhos. Tratava-se de reproduções enormes, em relevo, de um grande combatente medieval multiplicado por quatro. As figuras gémeas, alinhadas em colunas, guardavam com rigoroso zelo a Porta dos Cavaleiros, a majestosa passagem por onde se acedia à exposição.

"Quem são aqueles, pai?", quis saber José, apontando para os enormes guerreiros a crescer diante dele.

"É D. Afonso Henriques", revelou o capitão com ar paternal. "Foi o primeiro rei de Portugal, o homem que criou o nosso país, em 1140, faz agora oitocentos anos." Esboçou um gesto circular, englobando toda a entrada. "É por isso que esta porta, chamada dos Cavaleiros, também é conhecida por Porta da Fundação."

Compraram os bilhetes e cruzaram a Porta dos Cavaleiros justamente no ponto onde começava a recém-construída marginal para Cascais. Entraram no recinto da Exposição do Mundo Português e admiraram o arranjo ordeiro do complexo, a pureza das linhas, a elegância dos monumentos, a majestade da arquitectura, tudo tão perfeito e tão sólido que nada parecia erguido em estafe e gesso. Uma animada música de fundo ecoava por todo o perímetro; era uma ópera italiana, composição épica que tudo engrandecia.

Em frente, à esquerda, ancorada na marina, balouçava uma grande caravela, colorida, de varandas trabalhadas e alegres bandeiras a dançar em todos os mastros.

"Oh, que graça!", comentou Amélia. "É a Nau Portugal."

"Pois", hesitou o capitão, consultando a brochura que adquirira à entrada. "Chama-se Nau de São Vicente."

"Vamos lááá!", pedinchou o Zezinho. "Vaaamos!"

"Siiim!", concordaram os irmãos, num coro desafinado, dando saltinhos de excitação. "Vamos!"

Mário Branco leu a brochura com atenção.

"Ó meninos, a nau tem lá um restaurante." Levantou a cabeça e mirou os filhos. "Ainda é cedo para comermos, não acham? Vamos mas é dar uma voltinha por aqui e depois voltamos à nau, está bem?"

Não foi uma decisão popular; no fim de contas a Nau Portugal era a grande atracção da pequenada, mas pai era pai e capitão era capitão, pelo que ninguém se atreveu a contestar a ideia. Admiraram à esquerda o Pavilhão da Formação e Conquista, com a curiosa Esfera dos Descobrimentos na esquina, e avançaram pela grande avenida, contemplando a nau e o Padrão das Descobertas do lado do rio, enquanto o outro lado se abria para a grande Praça do Império, com o seu jardim geométrico e magníficos repuxos de água, o belo rendilhado da longa fachada do Mosteiro dos Jerónimos a prolongar-se lá ao fundo.

"Finalmente Lisboa abraça o rio", comentou o capitão. "Já era hora!"

"O que queres dizer com isso?", quis saber Amélia.

"No meu tempo, quando andei aqui na Escola de Guerra, a cidade vivia de costas voltadas para o Tejo. Cresceu em todas as direcções de forma caótica e sempre a ignorar o rio." Apontou para o espelho azul cintilante que se estendia até à faixa de terra na margem longínqua. "Mas agora não. Lisboa voltou-se enfim para o Tejo."

Ao fundo da avenida entretiveram-se a apreciar as Diversões Náuticas dentro da marina e depois foram passear pelo emaranhado das Aldeias Portuguesas. Contornaram o posto de informações e percorreram a Praça do Império até ao Pavilhão dos Portugueses no Mundo, onde, junto à grande estátua da Soberania, viraram à direita e passaram diante da fachada dos Jerónimos, o capitão à frente, a acelerar o passo com a autoridade de quem comanda um regimento.

"Vamos rápido, vamos rápido!"

"Ó homem, valha-me Deus", protestou Amélia, já afogueada de tanto caminhar. "Porquê tanta pressa?"

"Quero levar-vos a ver uma coisa que vos vai espantar."

"O quê?"

"Vou mostrar-vos África."

Caminharam entre a Porta Sul dos Jerónimos e o Pavilhão da Honra e de Lisboa e entraram enfim na Secção de Etnografia Colonial. Toda a área ultramarina havia sido erguida ao longo do Jardim Colonial e separada por secções. Passaram pela Índia, caracterizada pelos aromas fortes de Goa, e cruzaram o pavilhão de Macau, abrilhantado por uma curiosa rua cheia de tabuletas com caracteres chineses que a todos divertiu.

"Olha, diz ali Alfaiataria Chan Cheong", riu-se António, o mais velho dos irmãos.

"E aquela?", perguntou Mana, apontando para outra tabuleta. "Que palavras tão esquisitas!"

A tabuleta assinalava o Iat Ut Seng e dizia que a loja vendia artigos de electricidade.

"Diabo de nomes!"

Desembocaram por fim no grande Pavilhão de Angola e Moçambique, protegido por dois hipopótamos que ladeavam a escadaria. Ao fundo viam-se umas palhotas e uma multidão curiosa

formigava em torno delas.

Aproximaram-se do local e logo o capitão exclamou:

"Estão a ver? Estão a ver? Eu não vos dizia?"

Amélia e Joana abriram a boca de espanto quando espreitaram entre os ombros e as cabeças das pessoas que se acotovelavam em frente, e o mesmo aconteceu com a criada e as crianças.

"Credo!", exclamou Joana, horrorizada. "Ai Jesus!"

"Ora esta!", concordou a irmã. "Realmente, se eu não visse não acreditava!"

António, o mais velho dos filhos, lançou ao capitão um olhar receoso.

"Ó pai, eles comem a gente?"

"Não, que disparate!"

"Comem, comem!", insistiu Lourdes. "Comem que eu sei!"

"Não comem nada."

E ali ficaram todos, embasbacados, num misto de repulsa e fascínio, a contemplar o espectáculo que se desenrolava diante deles, a mirar aquela extraordinária atracção: um homem de tronco nu e tanga e pele escura como carvão, os cabelos encaracolados e o olhar enfasiado, sentado diante da palhota como se estivesse encarcerado numa jaula. Se era homem ou besta ninguém tinha realmente a certeza, o assunto estava aberto a discussão, mas o facto era que ali não passava de uma bizzarria exibida em número de circo, apontado a dedo e motivo de grande espanto. Sucediã-m-se os "ah!" e os "oh!", exclamações que denunciavam o mais absoluto dos pasmos. Todos o viam e cada um o comentava.

Menos o mais pequeno dos espectadores.

"Beatriz! Beatriz!"

A criada, passado o torpor do primeiro impacto provocado pela espantosa cena, reparou no apelo do protegido, de braços erguidos como se pedisse colo, e inclinou-se para o ajudar.

"Anda cá, Zezinho."

Beatriz pegou em José e elevou-o para a posição mais alta que pôde, tão elevada que o pequerrucho conseguiu espreitar por entre o mar de cabeças e enxergar o fenómeno que todos admiravam; era realmente coisa única, prodígio da natureza, visão de assombrar.

"Olha", admirou-se o pequeno. "Um preto."

Foi o primeiro que viu na vida. Puxado pela mão firme da mãe, José desceu a rua calcetada até à Igreja da Misericórdia, corria uma aragem gelada na manhã cinzenta de Outubro de 1943. Diante da Farmácia Oliveira aglomerava-se uma pequena multidão, barulhenta mas tranquila, e foi entre o magote de pessoas que mãe e filho passaram, esgueirando-se pela apertada e concorrida porta de um anexo ao lado da farmácia.

José galgou as escadas encostado à parede, a custo, esforçando-se por acompanhar a mãe. Ultrapassaram os muitos homens e poucas mulheres que aguardavam nos degraus, pacientes, todos em fila à espera da sua vez de chegarem ao topo. Um cheiro azedo a vinho e urina seca impregnava as roupas imundas daquelas gentes do povo, eles com chapéus escuros e a barba por fazer, elas de lenços pretos na cabeça e saias largas até aos pés.

Ainda atrás da mãe, o pequeno alcançou o cimo da escadaria e entrou na sala.

"O seguinte!", chamou uma voz familiar.

Era o pai. O capitão encontrava-se sentado a uma velha secretária no centro da sala, no anexo instalado mesmo por cima da Farmácia Oliveira. Estavam na sede da Comissão de Racionamento de Penafiel, que Mário Branco chefiava, e José observou o pai a distribuir senhas à população, fardado a rigor e ajudado por um ordenança que controlava a fila.

Uma mulher de idade, curvada e amparada numa bengala, aguardava sob a ombreira da porta e

avançou quando o oficial chamou pela pessoa seguinte. Branco reconheceu Amélia e o filho e fez sinal com a cabeça de que esperassem; atendeu a idosa, assentou uma informação num caderno coberto de nomes, a lista de todos os que tinham direito às senhas de racionamento, e entregou-lhe as almejadas folhinhas de papel colorido. Quando a velhota se retirou, fez um gesto com a mão na direcção da mulher, pedindo-lhe que se aproximasse.

"O que é, minha querida?", sussurrou, levemente agastado por ver o trabalho interrompido pela família. Detestava misturas entre as funções militares e as questões domésticas. "Passa-se alguma coisa?"

"Passa, passa!", protestou Amélia. "Muita coisa."

"Então?"

"Então não temos açúcar, não temos arroz, não temos leite, não temos manteiga, não temos pão, não temos azeite, não temos..."

"Sim, querida, já sei", interrompeu o capitão com paciência, mantendo a voz baixa para não ser escutado pelos que aguardavam na fila. "E o que queres que te faça?"

Amélia fez um ar espantado.

"O que quero que faças? Ora essa!" Apontou para o filho mais novo. "Estás a ver aqui o Zezinho? Estás a ver? Anda escanzelado que nem um palito, coitadinho! Olha para ele! Olha! Parece um cabrito esfaimado."

O capitão olhou, toda a gente olhou, e José encolheu-se, envergonhado por ser assim exibido em público, um vulgar bezerro exposto à devassa alheia.

"O Zezinho está magro, eu sei", admitiu Mário Branco, voltando a atenção para a mulher. "Mas nos dias que correm anda toda a gente magra, querida. Os tempos são difíceis, a Intendência Geral dos Abastecimentos faz o que pode, mas a verdade é que a guerra provocou esta carência de bens e não temos maneira de resolver o problema!"

"Eu não quero cá saber de coisas! O que sei é que falta comida lá em casa!"

"Faltam coisas, bem sei. Mas olha que estamos melhor do que a maioria das pessoas, uma vez que temos duas quintas."

"Ora, isso só dá vinho, repolhos e hortaliças! Eu estou a falar de bens variados! Eu estou a falar de..."

"Sim, já percebi", retorquiu o capitão. Encolheu os ombros, com uma expressão impotente. "Mas o que queres que te faça? Diz-me!"

Amélia fez um gesto largo com as mãos, girando-as em redor de modo a abarcar toda a sala da sede da Comissão de Racionamento.

"Homessa! Então não és tu aqui o chefe desta chafarica?"

"Sim..."

"Então resolve tu isso!"

"Resolvo como?"

A mulher inclinou-se para a frente, de modo a poder baixar a voz e ser na mesma escutada pelo marido.

"Ora!", sussurrou. "Dá mais senhas à família!"

Mário Branco revirou os olhos e suspirou, dominando a irritação.

"Ó querida, já te expliquei mais de mil vezes que não posso fazer isso! Nós recebemos aqui uma determinada quantidade de alimentos e produtos racionados e eles têm de chegar para toda a gente. Se eu puser mais senhas para a nossa família, estou a retirar senhas a outras famílias, estás a perceber? Achas isso bem? Achas?"

"Mas não és tu o chefe disto?"

"Sou."

"Então faz o que tens a fazer!", insistiu, sempre a sussurrar para não ser escutada pelas pessoas que faziam fila à porta. "Dá mais senhas à tua família!"

"Mas eu estou a dizer-te que não posso fazer isso! Teria de tirar senhas a outras famílias!"

"És mesmo ingénuo!", exclamou Amélia com a expressão de uma mãe a repreender o filho que deixa que os outros lhe vão à frente. "Quem parte e reparte e não fica com a melhor parte ou é tolo ou não tem arte."

"Não me venhas com provérbios!"

"Não são provérbios, é a verdade!", murmurou com intensidade, exasperada. "Então não sabes que há para aí muito chefe de serviços de racionamento que guarda sempre um pouco mais para si e para a sua família?" Ergueu o indicador de modo peremptório. "E, se queres que te diga, fazem eles muito bem!"

"Isso não sei e não ligo a conversa de pacóvios. O que sei é que tenho os meus deveres e cumpro-os o melhor que posso."

A mulher fez um trejeito nervoso.

"Olha lá, então de que serve seres o chefe desta coisa?"

"Bem... é o meu trabalho..."

Amélia ergueu a voz, a exasperação no limite.

"O teu trabalho? A tua família passa fome e tu, que és pai de filhos e meu marido, preferes dar alimentos aos outros? Então e nós?"

"Mas nós temos tanta comida como os outros, querida. Nem mais nem menos! Temos o mesmo que os outros."

"És um somítico! Vês-nos a passar fome e só nos dás a porcaria de umas senhas que quase não servem para nada! Irra!"

O capitão cerrou os olhos e esperou um instante até responder. Uma nova transformação havia-se operado na mulher e dava-lhe a impressão que Amélia não lhe poderia dar mais surpresas. Parecia-lhe uma rapariga triste quando se tinham casado, depois ficara alegre, mais tarde distante, depois prostrada, a seguir tornara-se uma beata e nesse momento, com a guerra e o seu infundável desfile de dificuldades, transformara-se numa guerreira. E em nada era moderada.

"Amélia", disse por fim, a voz de trovão a denunciar uma falsa calma. "Vai imediatamente para casa! Falamos depois." Virou o rosto para a porta, dando a conversa por terminada. "O seguinte!"

"Mas isto não..."

"O seguinte!", trovejou Mário Branco ainda mais alto, ignorando ostensivamente a mulher.

Não eram dias fáceis para o capitão Branco.

O oficial, chamado da reserva quatro anos antes para preparar planos de contingência para a eventualidade de serem decretados racionamentos, não dispunha de um minuto de descanso na gestão dos recursos alimentares postos à sua disposição para distribuir por toda a população de Penafiel. Quando regressou ao activo, em 1939, o coronel Silvério nomeou-o segundo comandante do regimento; era o mínimo que poderia fazer por um oficial tão prestigiado, que servira o país e se mantivera tão firme na defesa da honra do exército durante os delicados primeiros meses da guerra de Espanha.

Mário Branco começou por fazer um recenseamento da população da cidade, tarefa que lhe consumiu muito tempo e energia, mas, quando terminou a empreitada, os racionamentos não tinham ainda sido decretados. A verdade é que o regime resistiu o mais que pôde à decisão de os instaurar, apesar da permanente deterioração das condições de vida. O país dependia em grande parte das nações beligerantes para o abastecimento de matérias-primas e outros produtos essenciais, e a situação foi agravada quando os Aliados decretaram um bloqueio comercial a Portugal. A medida constituiu uma

retaliação pela decisão tomada pelo governo de manter a mais estrita neutralidade, tratando as duas partes em conflito da mesma maneira e mantendo vínculos comerciais intensos com a Alemanha. Os Aliados queriam a neutralidade portuguesa, mas achavam que ela lhes devia ser benéfica, e, como isso nem sempre acontecia, fecharam a torneira ao país.

Os produtos começaram a faltar. Faltavam bens e os que havia eram demasiado caros, inacessíveis à generalidade da população; nas cidades e no campo, a fome espalhou-se, insidiosa primeiro, ostensiva depois. Os salários foram congelados para travar a inflação, mas isso não resolveu o problema da carência de bens de consumo. Surgiram protestos de rua, e depois greves, por fim revoltas de camponeses.

Foi então que Salazar decretou os racionamentos.

"É a única maneira de fazer com que haja produtos para todos", explicou o coronel Silvério quando chamou Mário Branco para que activasse a Comissão de Racionamento de Penafiel. "Se não houver racionamento, só os que têm dinheiro é que podem comprar comida."

Mas o capitão Branco não precisava de explicações; conhecia muito bem a situação e só se admirava por a ordem ter levado tanto tempo a chegar. Logo que saiu do gabinete do seu superior hierárquico foi buscar o livrinho do recenseamento e chamou um ordenança. Em apenas alguns dias conseguiu actualizar a lista de recenseamento e instalar a sede da comissão no anexo por cima da Farmácia Oliveira. O trabalho foi completado com tal presteza que, no momento em que recebeu as primeiras senhas para distribuição, a comissão já se encontrava pronta para iniciar as operações.

Os pedidos para "facilitar" as coisas multiplicaram-se, sobretudo os que vinham das famílias mais abastadas da cidade, levando o chefe da comissão de racionamento a repetir à exaustão a mesma frase:

"Aqui não há cunhas!"

Que o marido não facilitava nas cunhas já o percebera Amélia. Pois se nem a própria família conseguia de Mário Branco mais senhas, quem o conseguiria?

Enervada com a intransigência do marido, Amélia desceu as escadarias da comissão consumida por um sentimento de revolta irreprimível. Trazia o pequeno José pelo braço, mas era como se o tivesse esquecido, o corpo todo ele um motim, a mente atormentada pelo problema de arranjar bens que alimentassem a família.

"Onde é que já se viu isto?", resmungava Amélia para si mesma, absorta no problema que não via como resolver. "Nem à própria família! Nem à própria família!"

Sempre a arrastar o filho, só despertou para o presente no momento em que, percorrendo a rua até à zona do tribunal, entrou na mercearia do Pacheco e se plantou na fila. Tinha três pessoas à frente. Suspirou com impaciência, mas fez um esforço para se acalmar. Desde que, meses antes, se apercebera de que havia menos comida no prato dos filhos que havia abandonado o mundo de missas, eucaristias e sacramentos onde se refugiara. Ainda sentia uma dor dilacerar-lhe o peito sempre que a mente lhe revolvía o passado, mas o luto por tudo o que perdera estava feito e percebeu que chegara a hora de reagir.

Enquanto deambulava pelos caminhos que a sua vida tomara, meteu a mão no bolso esquerdo e extraiu as três senhas que ainda lhe restavam do conjunto semanal a que tinha direito. Eram pequenos papéis rectangulares, picotados no derradeiro quinto para que fosse possível guardar um talão comprovativo do seu uso; pelo meio ostentavam, em maiúsculas e a negro carregado, o nome do produto a que se destinavam.

Uma das senhas que retirou do bolso dizia "batata", a segunda assinalava "carvão, lenha e petróleo" e a terceira "manteiga, queijo e outros lacticínios". Franziu o sobrolho. Tinha ideia de que lhe restava ainda uma senha que lhe dava direito a algo bem melhor. Vasculhou o bolso esquerdo, mas nada

encontrou. Depois procurou no bolso direito, novamente sem sucesso. Abriu a mala de mão e esquadrinhou o interior até sentir um papelinho roçar-lhe os dedos.

"Ah!", exclamou em triunfo. "Está aqui o malvado!..."

"O que é, mãe?"

A vizinha relembrou a Amélia a presença do filho. Passou- -lhe a mão pelo cabelo, tranquilizadora.

"Não é nada, Zé. Era eu que andava à procura disto."

Extraiu da malinha de mão um talãozinho pequeno. Mostrou-o ao filho e depois virou-o para si mesma. Sentiu um baque. O talão não dizia o que ela esperava. O papelinho registava simplesmente "carta de racionamento de sabão".

"Meu Deus!"

Alarmada, quase em pânico perante a possibilidade de ter perdido o talão mais precioso de todos, procurou de novo na mala, revolveu o interior até roçar com os dedos num novo papel. Extraiu-o com um movimento brusco, sôfrego até, e devorou com os olhos a referência ao produto a que tinha direito. "Bacalhau." Suspirou de alívio e sentiu um peso soltar-se-lhe do peito. Nesse domingo teriam direito a mais do que a habitual dieta de batatas com vegetais.

A fila entretanto ia avançando e Amélia constatou que só restava um cliente à sua frente. Voltou a passar os olhos pelas senhas e espreitou os bens guardados a granel nos sacos de serapilheira ou exibidos na vitrina atrás do merceeiro. O Pacheco tinha a melhor mercearia de Penafiel, um estabelecimento sempre bem apetrechado com os mais variados bens, incluindo requintes como bolachas, rebuçados e café do Brasil e de Moçambique, e ainda um espaço com brinquedos para a pequenada.

Mas foi ao ver os preços dos produtos que Amélia sentiu o coração dar mais um salto.

"Virgem Maria!"

"O que foi, mãe?"

Passou de novo a mão pelos cabelos do filho.

"Não é nada, Zezinho. Sou eu que estou a ficar cansada."

O que assustara Amélia fora a escalada de preços que via reflectida no preço galopante que o merceeiro rabiscara nos sacos de serapilheira e nos produtos daquela vitrina. O custo do quilo de batatas havia duplicado e o da manteiga também. Espreitou para os sacos por baixo do armário e verificou que o mesmo acontecia com a fruta e o peixe. O bacalhau ia sair-lhe caro, constatou com desânimo enquanto aflagava o talão correspondente. Outros bens essenciais haviam sofrido um forte aumento, como era o caso do arroz, do açúcar, do sabão e do azeite. Todos estes produtos estavam racionados, o mesmo sucedendo com as massas, os óleos alimentares, o leite, o café, o cacau, o grão, os cereais, o pão, as farinhas...

"O seguinte!"

A voz do merceeiro puxou-a para diante do balcão.

"Bom dia, senhor Pacheco."

"Ora viva, dona Amélia! Estou a ver que hoje trouxe o pequerrucho." Sorriu para José. "Então, pirralho, também vens às compras?"

O pequeno deu um passo em frente e colou-se ao balcão, indicando as senhas que a mãe tinha na mão.

"Hoje é bife do lombo."

O merceeiro soltou uma gargalhada.

"É minorca, mas já tem sentido de humor, hem?"

A freguesa fez uma careta resignada e estendeu as senhas ao merceeiro.

"O meu Zezinho é um brincalhão, senhor Pacheco. Haja alguém que se ria, porque as coisas não andam nada fáceis..."

"Lá isso é verdade."

O merceiro pegou nas senhas que a cliente lhe entregou e inspeccionou-as. Vinham todas numeradas e carimbadas, como era regulamentar. Além disso, estavam destinadas ao chefe de família, com referência completa a morada, profissão e agregado familiar, mas Pacheco sabia que Amélia dispunha de poderes para levantar os produtos em nome do marido. O dono da mercearia pegou na cesta que a freguesa havia pousado sobre o balcão e voltou-se de costas. Tirou os produtos do armário atrás dele, carimbou o talão picotado, guardando-o como prova de que a senha tinha sido utilizada, e devolveu a cesta à cliente.

"Aqui está, dona Amélia! Dá para um banquete!"

A tensão em casa aumentou ainda mais no dia em que o coronel Silvério chamou Mário Branco ao seu gabinete e lhe fez um anúncio inesperado.

"Como chefe da comissão de racionamento, o nosso capitão tem direito a uma regalia especial", anunciou-lhe. "Disporá doravante, e enquanto a comissão existir, de um automóvel com motorista."

A novidade colheu o capitão de surpresa.

"Para que preciso eu de automóvel com motorista, meu coronel? De minha casa até ao quartel são uns meros vinte minutos de passeio higiénico. E é menos ainda se caminhar apenas até à sede da comissão."

"É a dignidade do cargo, meu caro. O senhor é agora uma das pessoas mais importantes da cidade e tem de ter tratamento condigno com a sua posição."

O capitão não se mostrou convencido com a regalia, e as suas reticências não constituíam mera encenação, mas uma objecção de facto. Sempre achara que um dos problemas do país era a proliferação de pessoas "importantes" e, talvez por partida do destino, esse estatuto questionável era-lhe agora atribuído em todo o seu esplendor. Porém, se o comandante insistia, quem era ele para o contrariar?

A novidade foi, não com surpresa, bem acolhida pela mulher quando o capitão falou do assunto à mesa, no momento em que já digerira o jantar com o habitual cálice de vinho do Porto.

"Só agora é que nos contas isso?", questionou Amélia, um sorriso de satisfação a desmentir o tom melindrado da pergunta. "Onde está esse carro e esse chauffeur?"

"Vem amanhã buscar-me para me levar para o trabalho."

A mulher rebentava de orgulho. A regalia significava, na prática, que o marido atingia o estatuto até ali reservado ao presidente da câmara e ao comandante do quartel.

"Se queres saber, acho muito bem!", exclamou com incontida satisfação. "Depois de tudo o que te fizeram na altura da guerra de Espanha, já estava na hora de te tratarem com a dignidade a que tens direito!"

O aparecimento do automóvel e do motorista à porta de casa foi um acontecimento digno de ser registado nos anais da história da Rua Zeferino de Oliveira em Penafiel. Logo pela manhã Amélia mandou discretamente Beatriz alertar a vizinhança e deu o pequeno-almoço mais cedo aos filhos. Sôfregos de excitação, os quatro irmãos engoliram o leite a correr e, ainda não eram seis e meia, plantaram-se na varanda do primeiro andar a espreitar todos os automóveis que passavam diante da casa.

"É este!", exclamou António no instante em que viu o primeiro carro aparecer na rua. "É este!"

"Não é nada, parvo", corrigiu Lourdes. "Este é o do doutor Reis, não vês?"

"É aquele! É aquele!"

As viaturas passavam e, apesar de um fracasso suceder a outro, a expectativa ia aumentando. O único que se começou a sentir cansado foi o pequeno José, que depressa desviou a atenção para outros

pontos da rua. Os vizinhos encheram também as suas varandas, já devidamente alertados por Beatriz e atraídos pela excitação dos pequenos.

O olhar de José caiu então sobre uma rapariguinha de cabelo castanho-claro aos canudos que aparecera à varanda dos vizinhos do lado esquerdo; era magra, com pernas altas e uma expressão traquina no rosto, onde cintilavam dois olhos de um verde-esmeralda refulgente. Deveria ter uns sete anos, como ele. Observou-a fixamente, mas desviou o olhar no momento em que ela o notou, a timidez mais forte do que a curiosidade.

"Ó p'rá'quele! Ó p'rá'quele!"

A atenção de José regressou ao que se passava lá em baixo. Viu os olhares convergirem para um Ford negro com um soldado ao volante que fazia a curva ali à direita. A viatura reluzia de tão impecavelmente lavada, até os pneus brilhavam. Entrou na rua com um ronronar majestoso e, mesmo em frente, virou para o lado da casa dos Branco e estacionou tranquilamente aos pés dos espectadores.

Levantou-se todo um bruá nas varandas.

A porta de casa abriu-se e o capitão Branco, pálido de embaraço, dirigiu-se em passo lesto para o automóvel, cuja porta traseira havia sido aberta pelo solícito motorista. Uma salva de palmas reverberou pela rua, acompanhada por assobios e vivas, como se o próprio presidente do Conselho ali estivesse de passagem. Amélia acompanhou o marido com a sua melhor fatiota de domingo e fez tenção de entrar pela porta escancarada da viatura quando a mão do capitão a travou.

"Onde vais?", admirou-se Mário Branco.

"Ora", retorquiu ela, esboçando um trejeito de primeira-dama de Penafiel. "Tenho de ir à Pastelaria Brasil."

"Agora?"

"Pois claro! Se tens carro com cbauffeur, temos de usufruir dele, não é verdade?"

O capitão respirou fundo, num esforço para ocultar o ar contrariado. Sentia os olhares dos filhos e da vizinhança pousados neles, um factor de inibição para que tomasse uma atitude mais severa. A verdade, porém, é que não podia deixar a coisa correr. Olhou para o motorista, que aguardava junto à porta do Ford que ambos entrassem, e indicou o volante.

"Vai andando", ordenou. "Hoje vou a pé."

"Sim, meu capitão!"

O motorista fez continência e meteu-se no automóvel perante o olhar embasbacado de Amélia e a surpresa da multidão que se juntara para testemunhar o grande acontecimento.

"O que estás a fazer?", perguntou a mulher, sem entender o que acontecera. "Porque o mandaste embora?"

O capitão deu-lhe o braço e puxou-a com suavidade, fazendo-lhe sinal de que o acompanhasse. Forçou um sorriso e começaram a descer a rua de braço dado, obrigando os mirones a abrir alas para os deixarem passar. O oficial aligeirou o passo, a compostura em primeiro lugar, e só quando se sentiu longe dos ouvidos indiscretos abriu a boca.

"O carro que me entregaram é do estado e apenas se destina a funções do estado", murmurou sempre com um sorriso. Podia não ser escutado mas era decerto observado. "Só eu posso andar nele e apenas quando estou de serviço. Se eu for ao clube dos oficiais jogar bilhar, tenho de ir a pé. Seria um abuso inaceitável usar esta viatura para fins pessoais, entendes?"

"Mas a Pastelaria Brasil fica em caminho", argumentou Amélia. "O carro não consome nem mais um mililitro de gasolina se me levares contigo..."

"O carro é só para deslocações de serviço."

"Levas-me durante essa deslocação de serviço. Vais à sede da comissão e largas-me a meio. O

estado não gasta nem mais um tostão só porque eu também vou lá dentro."

"Não é uma questão de gastar mais ou menos", devolveu o marido num tom quase pedagógico. "É uma questão de princípio. Trata-se de uma viatura oficial e destina-se exclusivamente a uso oficial. Qualquer outro uso não é uso, é abuso."

"Mas toda a gente usa os carros oficiais para outras coisas, Mário. O presidente da câmara, por exemplo. Ainda no outro dia o vi na..."

"Nós não somos toda a gente, Amélia", cortou o capitão. "Este país não se endireita se não houver pessoas que dêem o exemplo. A liderança exerce-se dando o exemplo."

"Mas quem é que se importa com isso?", protestou Amélia, erguendo um tudo-nada a voz. "Ninguém! Só tu! Toda a gente que tem carro do estado faz isso. Se tu fizeres, achas que alguém te condena?"

"Não sei se alguém me condenará, mas sei que eu próprio me condenarei e isso chega-me."

"Oh, que tolice!"

A montra da Pastelaria Brasil cintilava já ao fundo da rua, reflectindo a luz límpida do Sol que se erguia sobre os telhados fronteiros. O capitão ajeitou o casaco e o chapéu antes de se voltar de novo para a mulher.

"Podes dizer o que quiseres, mas o facto é que a viatura que me foi atribuída é do Estado e só pode ser usada em funções de Estado. A apropriação de meios do Estado para fins privados tem nome e esse nome é corrupção. Isso eu não faço."

Desde a famosa manhã do aparecimento do carro de serviço atribuído ao pai que José espreitava amiúde a casa dos vizinhos num esforço de vislumbrar de novo a rapariguinha do cabelo castanho-claro aos canudos e olhar traquina, embora raramente com sucesso e sempre apenas de fugida. Tentava-o de novo nessa tarde, sentado na varanda a espreitar a casa vizinha, quando viu o Ford negro estacionar diante de casa, como se tornara habitual àquela hora, e o pai sair do interior e ir buscar à bagageira um pneu de automóvel.

A visão encheu-o de espanto e curiosidade, pelo que se pôs de pé num salto e se meteu de imediato em casa. Foi a correr até à cozinha, onde encontrou à volta do fogão a mãe e a tia Joana mais Beatriz e a sua irmã Lourdes.

"O pai chegou!", anunciou-lhes.

Como em confirmação, sentiram nesse instante os sons familiares dos passos do homem da casa a galgar as escadas e a calcorrear o soalho da sala de jantar, até que assomou à porta da cozinha e exibiu com ar matreiro o troféu que trazia debaixo do braço.

"Ora vejam lá isto!", exclamou o capitão, erguendo o pneu. "Adivinhem o que é."

Olharam as três mulheres e os dois pequenos para o grande objecto circular de borracha, já velho e gasto.

"Isso é um pneu", constatou Amélia, com o trejeito característico de quem acabou de expor uma evidência. "Ainda por cima imundo. Tira-o daqui!"

O marido riu-se.

"Que isto é um pneu já eu sei", disse, ignorando a ordem. "Mas adivinhem para que serve."

"Ora!", exclamou a mulher, abanando a cabeça e voltando as costas, mais preocupada com a panela ao lume. "Tens cada uma! Para que serve um pneu?"

"Diz lá", insistiu o capitão, fixando a nuca de Amélia.

"Para pôr nas rodas", devolveu ela, encolhendo os ombros. "Ora esta!"

"Pois estás enganada."

A mulher voltou a cabeça.

"Ai um pneu não serve para pôr nas rodas?"

"Não este pneu."

"Ai não? Então serve para quê?"

O capitão pegou na borracha preta, torceu-a e exibiu a câmara-de-ar escondida no interior.

"Quem quer azeite?", perguntou, dirigindo-se a todos os que o observavam na cozinha. "Quem quer azeitinho bom de Alfândega da Fé?"

"Azeite?" Inclinaram-se todas para o pneu, analisando a câmara-de-ar. "Qual azeite?"

"Estão a ver isto?", disse o capitão, apontando para as manchas de gordura no interior do pneu. "Foi aqui dentro que os traficantes esconderam o azeite para vender no mercado negro. Na câmara-de-ar." Ergueu o sobrolho e sorriu. "Hã? Gente danada para a vigarice, não é?"

O pneu alimentou a conversa durante uma semana. A história espalhou-se por toda a parte e tornou-se uma admiração. "Vejam lá a imaginação desta gente!", dizia-se. Fizeram-se nas casas e pela cidade piadas e graçolas em torno dos "azeiteiros dos pneus", com profusos comentários à "propensão para a aldrabice", episódio tão caricato que muitos serões alimentou de gargalhadas.

O capitão Branco, porém, sabia que o sucedido era o sintoma de um mal mais profundo. Com a guerra a apertar e a economia estrangulada, o país dava sinais inequívocos de asfixia. A infância de José Branco, em particular a idade crucial entre os três e os nove anos, foi passada em economia de guerra e vivida debaixo da severa austeridade que marcava os tempos.

Como qualquer criança que tudo encara com normalidade, o pequeno habituou-se ao rigor e à frugalidade deste período. Frequentava a Escola Primária Conde Ferreira, mesmo ao lado do quartel, onde o material era poupado até ao último pedaço. Para não gastar lápis nem papel os alunos rabiscavam as ardósias, a que chamavam "lousas", a giz. Foi o tempo em que José chegava a casa com as mãos secas e o pó branco entranhado nas unhas e nos dedos; tirá-lo no Inverno, com as mãos inchadas de frieiras e usando água gelada, revelou-se uma tortura diária.

Mas o maior suplício em casa eram as refeições à base de produtos alternativos. Como os bens alimentares escasseavam, cozinhava-se com barras brancas que vinham de África e que o merceiro Pacheco pomposamente anunciava como "gordura de coco". Pela manhã, em vez do tradicional chá, comia-se canja. Já o café com leite foi substituído por uma farinha dissolvida em água, feita à base de banana e cacau, chamada "banacau". "Porcaria!"

José odiava o banacau. Beatriz, a criada sempre zelosa na protecção do mais novo da família, fazia questão de não consumir a sua ração semanal de açúcar. Poupava-a e oferecia-a depois ao seu protegido; sabia que sem açúcar não haveria maneira de o pequeno engolir o maldito banacau. Era com aquela ração poupada com tanto sacrifício pela jovem empregada que José conseguia adocicar a dose diária da estranha bebida.

A vida em Penafiel decorria numa pacatez assustada, pautada pelo ritmo austero e severo de um país voltado sobre si mesmo, transformado numa ilha triste e temerosa, intimidada pelo mar revoltoso do mundo. O ciclo de vida na pequena povoação duriense era marcado pelas intermináveis filas diárias diante da comissão de racionamento e pelo toque tranquilizador dos sinos das suas inúmeras igrejas; a todas as horas soava nas múltiplas torres espalhadas pela cidade um concerto desafinado de chocalhos, mas as batidas mais sonoras vinham do imponente santuário do Sameiro, afinal a igreja mais próxima de casa e aquela onde os Branco se habituaram a comungar.

Os domingos fizeram-se em Penafiel para celebrar missa. Estivesse frio ou chovesse sem interrupção, podia até o vento uivar e arrancar árvores pela raiz, nada disso importava porque Amélia obrigava toda a família a sair de casa com as suas melhores roupas e a abalar monte acima, na direcção da grandiosa estrutura da Igreja do Sameiro.

José assistia às homílias sem entusiasmo; tudo aquilo lhe parecia aborrecido e cansativo, uma interminável lengalenga incompreensível, criada com o objectivo exclusivo de lhe arruinar os domingos. Nos Invernos sentia os pés doerem-lhe com o frio exalado pelo piso duro do templo; era como se o chão de pedra fosse constituído por enormes blocos de gelo, húmidos e glaciais.

A coisa tornou-se, porém, mais interessante quando certo domingo vislumbrou numa das filas do meio da igreja a rapariguinha do cabelo castanho-claro aos canudos e olhos verde-esmeralda. A partir daí as missas passaram a ser um ponto alto da semana, em particular quando as homílias acabavam e os fiéis começavam a dispersar. José recorria então aos mais variados pretextos para se afastar apressadamente da família e descer até casa sozinho, mantendo sempre a jovem vizinha debaixo de olho como um caçador no encalço da presa.

"Ó coiso!", chamou ela inesperadamente ao terceiro domingo, cravando os olhos no seu perseguidor. "Estás a seguir-me ou quê?"

Fora apanhado. O pior era que a interpelação lhe soara a acusação e José, enfim desmascarado, vacilou, indeciso entre responder e fugir. A cautela e um certo atrevimento acabaram por vencer.

"Não", devolveu, fechando o rosto como se se preparasse para o confronto. "Porquê?"

"É que já não é a primeira vez que te vejo a coisar-me no regresso da missa. És o meu vizinho, não és?"

Tinha uma voz de cristal, límpida e delicada, e um sorriso aberto que lhe coloria a palidez láctea do rosto.

"Acho que sim."

"Bem me parecia. Sou a Mimicas."

"Micas?"

A rapariga soltou uma gargalhada sonora e franca.

"Na verdade o meu nome é Mariana, mas desde pequenina, mesmo em África, que todos me coisam por Mimicas."

"Vieste de África?"

"Sim, nasci lá."

A referência às origens da vizinha despertou a curiosidade de José, sempre fascinado pelas coisas exóticas. Examinou a pele da rapariga com cuidado; era nívea, com pelinhos aloirados reluzentes. Tinha lábios finos e os cabelos, não sendo loiros, ostentavam um brilho luzidio que ao sol fazia lembrar a aura de um anjo.

Recuou um passo e contemplou-a, agora com cepticismo, comparando o que via diante dele com as imagens que enchiam os livros da escola e as revistas que consultara lá em casa e ainda com a lembrança do que observara anos antes na passagem memorável pelos pavilhões coloniais da Exposição do Mundo Português.

"Se nasceste em África", perguntou num tom desconfiado, "porque não és preta?"

Como se não bastasse a aventura dos domingos, a tudo se sobrepunha o magno imbróglgio da catequese. O pequeno vivia todas as semanas um dilema permanente: tinha de confessar pecados. Poderá parecer coisa de somenos, mas para José tratava-se de uma questão soberanamente grave, tão complexa que lhe chegava a roubar o sono.

É verdade que no sábado à noite se deitava animado pela alegria de saber que no dia seguinte ia ver Mimicas e talvez conversar com ela no caminho até casa. Achava-a cativante, com o seu divertido linguajar cheio de "coisos" e de "coisares", fruto da sua maneira distraída de falar, e sobretudo com as fascinantes histórias de África. A rapariga contou-lhe que havia nascido no Mindelo, algures no meio do arquipélago de Cabo Verde. O pai morrera numa deslocação à Guiné, vítima de uma doença cujo nome

não conseguiu fixar mas que era transmitida por mosquitos, pormenor que não esquecera, e a mãe mandara-a para os tios de Penafiel enquanto reorganizava a sua vida.

"Ele morreu porque não havia médicos no sítio para onde foi", explicou ela.

"Não há médicos na terra dos pretos?"

"Não para onde ele foi."

José ficou a matutar no assunto, impressionado com o que escutara.

"Quando eu for grande vou resolver isso!"

Os passeios com Mimicas revelaram-se apaixonantes. O rapaz metralhava-a com as mais diversas perguntas relacionadas com a vida em África. As pessoas iam à igreja? Fazia-se sport em stadiums? Havia banacau? Os pretos comiam gente? Alguma vez um leão lhe entrara em casa? O Tarzan existia mesmo?

O fascínio dos domingos era, no entanto, por vezes antecedido pela angústia de certas quintas-feiras. Acontece que a comunhão decorria na primeira sexta-feira de cada mês, pelo que os rapazes eram forçados a confessar-se na véspera. O embaraçoso engulho é que, a maior parte das vezes, não lhe ocorria nenhum pecado que pudesse apresentar com orgulho ao confessor.

Num dia de maior desespero, angustiado pela vergonha que seria apresentar-se diante do pároco sem nada a maculá-lo, aproximou-se do irmão mais velho, que permanecia de joelhos voltados para o altar, e murmurou-lhe ao ouvido:

"António, tenho vergonha de ir lá."

"Ir onde?"

José fez um gesto com a cabeça, indicando o cubículo de madeira à esquerda.

"Ao confessorário."

"Porquê? Qual é o problema?"

O pequeno encolheu os ombros.

"Não tenho pecados nenhuns."

"Não tens?"

"Não."

"Nada de nada?"

"Nada."

O irmão mais velho ponderou o problema. Assim à primeira vista a coisa parecia séria, mas era possível que ao pequerrucho lhe estivesse a falhar uma qualquer escapadela.

"Olha lá, não disseste nenhuma peta?"

"Não."

"Nem desobedeceste à mãe?"

"Uh... não." Hesitou. "Espera, noutra dia o pai mandou-me ir abrir a porta e eu demorei um bocadinho, assim de propósito." Arregalou os olhos, esperançado. "Achas que isso é pecado?"

António reflectiu um instante, mas acabou por fazer uma careta e abanar a cabeça.

"Não, não me parece." Passou a mão pelo cabelo. "Não fizeste mais nada?"

"Não, nada."

"Então diz isso ao padre Jacinto."

"Digo o quê?"

"Que não tens nenhuns pecados para confessar.-"

O mais novo baixou os olhos e abanou a cabeça.

"Ele não s'acredita."

"Não s'acredita?"

"Não. Da última vez disse-lhe isso e ele respondeu-me que era feio mentir."

António esboçou um trejeito de boca, como quem não tem resposta para tal argumento.

"Ah, bom.."

José permaneceu um instante calado, fitando o altar e o padre prestes a terminar a homilia. Após uma hesitação, voltou a aproximar a boca do ouvido direito do irmão.

"António."

"Sim?"

"Empresta-me os teus pecados."

O pesadelo do confessor terminou em breve, quando os pecados, aqueles pecados genuínos e praticados com deliciosa intenção, começaram por fim a surgir.

É certo que o primeiro grande pecado não foi lá muito intencional, ou pelo menos planeado. Joana fazia anos a 9 de Abril e o capitão Branco deu ao filho mais novo um punhado de tostões para comprar uns bolinhos e ir oferecê-los à tia. Com aquele dinheiro na mão, José desceu à rua no final da manhã e adquiriu na Pastelaria Brasil meia dúzia de bolinhos de coco, os seus favoritos; de pacote apertado ao peito, foi a saltitar pelo passeio em direcção à casa do juiz Brandão, situada na outra ponta da cidade. Mas aqueles tempos, difíceis como eram, revelavam-se particularmente cruéis para quem tanto gostava de doçuras; o racionamento do açúcar tornava geralmente problemático o acesso às delícias das confeitarias e ter aquele pacote na mão, mais do que uma simples tentação, constituía um suplício infernal.

Não admirou por isso que, volvidos alguns passos, o pequeno comesse a espreitar o embrulho. Primeiro lançou-lhe olhares furtivos, meras espiadelas fugidias e tímidas, mas em breve os esgares tornaram-se abertos, directos, lascivos até. No fim de contas, pensou para si mesmo, meia dúzia de bolos era muita coisa! Certamente a tia não ia comer aquilo tudo. O que lhe importaria a ela que fossem seis ou cinco bolos? Provavelmente nem notaria a diferença.

O raciocínio instalou-se devagar, insidioso, parecia a sombra leve de uma nuvem que se anuncia breve, mas que logo mancha todo o céu; tal como ela, o desejo tudo invadiu e tornou-se gula desenfreada. Depressa a glotonaria se estendeu às mãos e, acto contínuo, os dedos irrequietos puseram-se a desfolhar o embrulho, primeiro a medo, depois com impaciência. Escancarou o pacote com inesperada brutalidade e, tremendo de prazer antecipado, furtou um bolo e devorou-o num impulso voraz, ávido, consumido por uma volúpia já sôfrega e descontrolada.

"Aaaaaah."

O prazer foi imenso.

Mas curto.

Quando a nuvem do desejo incontrolável passou e a chama do êxtase se extinguiu, José caiu em si. Deu-se conta do que fizera e olhou em redor, assustado, os olhos muito arregalados, o coração aos pulos; sentia-se culpado e fechou atabalhoadamente o embrulho. Acelerou o passo, os olhos fixos no chão, incapazes de se erguerem; eram olhos de transgressor, de prevaricador, de culpado.

De pecador.

Acabou por ganhar coragem e levantou-os. Apesar do angustiante flagelo da consciência, ou talvez por causa dele, impôs-se a si mesmo o suplício de enfrentar os seus actos e os olhares reprovadores da imensa multidão que o observara a pecar tão desavergonhadamente. Quando rodou a cabeça e a medo encarou o mundo em redor, todavia, acabou por perceber, surpreendido, que ninguém parecia ter notado; os transeuntes circulavam com indiferença, alheios ao crime hediondo que acabara de ser cometido mesmo diante deles. A verdade, a estranha verdade, é que se comportavam todos como se José não existisse; era como se o crime nem tivesse sido cometido, como se um bolo a menos realmente não

tivesse grande importância.

Hesitou.

"Sim, é isso!", murmurou com intensidade. "E mesmo isso!"

Que importaria um bolo a mais ou a menos? Que diferença fazia? Quem se ralaria com tal coisa? Abrandou e acalmou-se. Qual o problema? O coração, momentos antes um batuque imparável, nervoso e descontrolado, voltou à sua batida tranquila. Seis ou cinco bolos era tudo a mesma coisa, ninguém notaria a diferença. Aliás, o mesmo se aplicaria se fossem quatro, não é verdade? Quem toparia a marosca? Quem dava cinco dava quatro. Que diferença fazia?

Enquanto considerava isto, os dedos pareceram ter novamente adquirido vida própria e, sem que a mente lhes tivesse transmitido tal ordem, voltaram ao embrulho, de onde surripiaram um segundo bolo. Quase sem dar por isso engoliu furtivamente a segunda iguaria. Ai!, gemeu, mas logo contrapôs: seis, cinco ou quatro bolinhos, era tudo a mesma coisa!

Voltou a fechar o embrulho e retomou a marcha. Logo ali na esquina, todavia, sentiu a dúvida assaltá-lo. Quem acreditaria que havia comprado quatro bolos? Abanou a cabeça. Ninguém. Ninguém compraria quatro bolos para oferecer a alguém. Ninguém! Quatro bolos era coisa que não se usava! Ainda se fossem três, vá que não vá, a coisa passava, sempre era metade de meia dúzia, um número bonitinho. Mas quatro? Hmm, nem pensar! Três era um número mais convincente, não era? Ou seis ou três. Quatro é que não podia ser. Pois, concluiu, balouçando afirmativamente a cabeça. Tinha de acertar as contas.

Assaltado quase por um sentimento de obrigação, José voltou a meter a mão no pacote, de onde extraiu o terceiro bolo, que desta vez comeu com tranquilidade, sem medo, à vista de todos, exibindo ao mundo o prazer da gula. Não, não estava a cometer nenhuma infracção. Limitava-se a acertar as contas. Claro que era uma maneira agradável de acertar as contas, não era? Mas disso não tinha ele culpa. Olaré! O que importava é que ia apresentar à tia uma conta certa.

Três bolos.

Mas seriam três bolos mesmo uma conta assim tão certa? A dúvida assaltou-o algumas dezenas de metros mais adiante, sacudindo-o com violência. Bem vistas as coisas, para que precisava a tia Joana de três bolinhos de coco? Sempre que ia lá a casa, ela quase não comia nada! Dois bolos não lhe bastariam? Para que raio queria três? Não, não podia ser. Três eram de mais! A mão tornou-se firme e foi com resolução que a enfiou dentro do embrulho e tirou mais um bolinho. Comeu-o devagar, ao ritmo lento e prazenteiro dos passos que o conduziam inexoravelmente a casa da tia. Quando acabou lambeu os dedos, ergueu o embrulho e contemplou o seu interior. Dois bolos chegavam-lhe perfeitamente, concluiu. Perfeitamente. Eram a prenda ideal.

Dois.

José pôs-se a imaginar a tia a recebê-lo com um grande sorriso e a agradecer-lhe os dois bolinhos de coco. Comeriam um, estava visto. Mas o que faria com o outro? O pequeno coçou o queixo. Hmm, provavelmente oferecê-lo-ia a ele. Era mulher para isso, não era? Tia generosa, gostava muito de oferecer coisas, uma mãos-largas, e então com os sobrinhos, uf, nem se falava!, era uma loucura, dava-lhes tudo, tudo. Sim, não havia dúvida, ela ia oferecer-lhe o segundo bolo, não era pessoa para se alambuzar com os dois e deixá-lo sem nada, a ver navios. Coitadinha da tia, era mesmo simpática... Uma santa! E tinha sofrido tanto com a morte do marido, 'tadinha! Como ela não havia muitas. Suspirou. Hmm, pois. Bem vistas as coisas, era até um favor que lhe fazia se comesse já o segundo bolo. Então não era? Assim ia adiantando serviço e a tia ficaria toda contente. Era isso, não havia que hesitar.

Comeu o penúltimo bolo.

Dobrou a esquina do antigo quartel e deu com a casa da tia Joana. Foi nesse instante que voltou a

espreitar o embrulho. Ergueu o pacote e sentiu-lhe o peso; constatou que se tornara demasiado leve, pesava menos que um jornal. Que diabo!, pensou. Um embrulho tão grande para levar apenas um bolinho! A constatação deixou-o preocupado. Aquilo já era coisa para dar um pouco nas vistas... Ela iria topar logo que faltavam bolos. Diabo da tia, não lhe escapava nada! Espreitou para o interior do pacote e analisou todo o espaço em torno do único bolo que lhe restava. Não havia dúvidas, aquilo notava-se. Além do mais, o que faria a tia quando visse que só havia um bolo no pacote? Comia-o e deixava o sobrinho a ver? José abanou a cabeça. Hmm, não era pessoa para isso. Se bem conhecia a tia Joana, ela ia oferecer-lhe o bolo. Que bondosa que a tia era! Os olhos fixaram-se-lhe então no derradeiro bolinho de coco. Não havia dúvidas, a tia não o iria comer. Havendo só um bolo, era certo e sabido que lho ofereceria a ele. Não era ela uma santa?

Parado diante do portão, venceu a derradeira hesitação e meteu o sexto bolo à boca. Mastigou-o com violência e engoliu-o à pressa. Ainda a lamber os beiços para apanhar as últimas migalhas de farinha açucarada, cruzou o portão e entrou no quintal.

Bateu à porta.

Ouviu passos a aproximarem-se e a porta abriu-se, revelando a figura esguia e alta da tia Joana, um sorriso a dançar-lhe nos lábios.

"Olha quem aqui está!", exclamou a tia abrindo os braços. "O Zezinho!"

Com as mãos atrás das costas a esconder o embrulho, José baixou a cabeça e mirou o soalho.

"Olá, tia!", saudou, a voz num fio, quase a sumir-se.

"Então, Zezinho? Entra." Joana puxou-o para dentro de casa. "O que te traz por aqui, rapaz?"

Sempre com os olhos voltados para baixo, tirou as mãos de trás das costas e estendeu o pacote.

"Parabéns, tia!", murmurou. "Trouxe-lhe aqui a sua prenda de anos."

Joana pegou no pacote e estranhou o peso, ou a falta dele.

"O que é isto?"

"Comprei meia dúzia de bolinhos de coco para si."

A tia abriu o embrulho, que já vinha meio desfeito, e espreitou para o interior.

"Mas onde estão eles?"

José torceu-se todo, consciente de que o grande dia tinha enfim chegado.

"Comi-os."

Tornara-se um pecador. Os pecados foram-se revelando mais graves com o tempo, graças a Deus, mas nem sempre por livre iniciativa do pequeno José. Por cima do rapaz pairava uma influência poderosa, a atracção de alguém que o dominava e que o arrastava para a transgressão.

António, claro.

O irmão mais velho, por malícia ou puro tédio, aproveitava a modorra do tempo derramado em casa em horas sem rumo para desviar o mais pequeno até ao mundo do interdito. Como passatempo ensinou o irmão a arrancar a ponta das espigas de milho e a triturar os fiapos, a que chamavam barba de milho, enrolando-os em papel de jornal e pegando lume às pontas. Depois colava o papel enrolado na boca e aspirava-o. José engasgou-se da primeira vez, sentindo o gás acre a atravessar-lhe a garganta e a queimar-lhe os pulmões, e quis saber o que era aquilo.

"Um cigarro à minha maneira", explicou António entre duas passas fumarentas.

Tal como José, António era guloso; um mal de família, sem dúvida. Embora a diferença de idades o afastasse do irmão mais novo, o facto é que via em José o instrumento ideal para alimentar a gula; afinal o mais pequeno obedecia-lhe cegamente, mostrava-lhe uma fidelidade canina e ingénua que o tornava uma verdadeira marioneta nas suas mãos. António não hesitava em usar esse poder.

Já perto das férias de 1944, que iria passar com o doutor Reis e família a banhos na Foz, o mais

velho lembrou-se um dia de fazer uma inspecção à casa. Percorreu-a de alto a baixo e localizou tudo o que achava de interesse, em particular as rabanadas e os bolinhos de bolina. Ao fim da tarde fechou-se no quarto, no sótão, para comer as amêndoas doces que o senhor Pires mandara de Lisboa para a família Branco. Tornara-se uma tradição: todos os anos o velho amigo do pai remetia para Penafiel um grande pacote de amêndoas, que depois eram divididas pela família em doses iguais.

Como é bom de ver, António e José tudo devoravam de uma assentada; não conseguiam resistir à visão daquelas delícias estendidas diante deles. As duas raparigas, mais pacientes e contidas, tragavam uma ou duas amêndoas e, respeitando os ensinamentos de poupança que lhes vinham do pai, guardavam o resto na gaveta de um armário do quarto. Essa gaveta, claro está, encontrava-se fechada à chave. Era precisamente aí que residia o busílis da questão, o cerne do problema, ou, para utilizar a expressão mais adequada às circunstâncias, a palavra-chave.

A chave.

António sabia onde se escondia a chave.

Enquanto saboreava as derradeiras amêndoas da sua ração, o rapaz ia congeminando um plano de ataque. Seria uma operação eficiente, coordenada, devastadora, uma operação como aquela que a BBC dizia ter sido lançada pelos Aliados na Normandia. Porém, apesar de toda a concentração, de todo o esforço intelectual com que delineou os pormenores do raide que tinha em mente, a verdade é que não foi difícil encontrar o operacional para executar esse plano, uma vez que ele tinha um nome familiar. Chamava-se José.

Naquela noite, quando as últimas lamparinas foram apagadas e a casa dos Branco mergulhou no sono, António foi de pé leve até ao quarto do irmão e sacudiu-lhe o ombro.

"Zé!", chamou, num sopro brusco. "Zé!"

O irmão abanou a cabeça, estremunhado. "Hã?"

"Zé! Acorda!"

O pequeno focou os olhos e, com ar ensonado, mirou António.

"Hã? O que é?"

"Acorda!"

"Já acordei!", quase rosou, erguendo-se e apoiando o corpo num cotovelo. "O que é?"

"Chiu!", ciciou António, colando o indicador à frente da boca. "Fala baixinho, está tudo a dormir!"

José olhou em redor, atrapalhado, e constatou que de facto a noite se prolongava, escura, e a casa era ainda embalada pelo ritmo do sono.

"Que horas são?"

"Onze da noite."

"Tão tarde?", surpreendeu-se José. "O que é, António? Passa-se alguma coisa?"

"Passa-se que vamos encher o papo", devolveu António com uma ponta de impaciência, puxando-lhe pelo braço. "Anda, levanta-te! Vá!"

Sem nada compreender, José obedeceu ao irmão e saltou da cama. António fez-lhe sinal de que se vestisse. O mais novo pôs as roupas, mas sem calçar os sapatos. Quando terminou, e seguindo ainda as instruções do irmão, sentou-se na cama.

"Então?", foi tudo o que perguntou, com ar expectante.

António fixou-se ao lado e adoptou uma postura condescendente.

"Já ouviste falar no general Montgomery?"

"Quem?"

"O general Montgomery. É o melhor general do mundo. É inglês."

"O pai diz que o melhor é o Archil." "Hã?"

"O pai diz que o melhor general do mundo é o Archil."

A perplexidade no olhar de António prolongou-se por alguns instantes, até o nome ser identificado.

"O Churchill?", riu-se.

"Sim, o Archil."

O mais velho abanou a cabeça.

"Não, esse não é general, palerma. Esse é o que manda nos generais."

"É o dono do mundo?"

"Hmm... mais ou menos. Mas quem é mesmo general, daqueles que andam na guerra, é o Montgomery, percebes?"

"Sim", disse José, evidentemente sem perceber.

António espalmou a mão no peito.

"Ouve bem. Eu agora sou o general Montgomery, estás a ver?" Bateu com o indicador na cabeça. "Tenho aqui preparado o desembarque na doçaria."

"O desembarque na Normandia?", admirou-se José, papagueando a expressão que ultimamente os adultos repetiam à hora do jantar.

"O desembarque na doçaria", repetiu António com ar grave, parecia mesmo que se preparava para tomar decisões de vida ou de morte.

"Que é isso?"

"É a operação que vamos agora lançar." Inclinou a cabeça e aproximou os lábios do ouvido direito do irmão. "Queres comer rabanadas?"

José arregalou os olhos e balançou energicamente a cabeça para cima e para baixo.

"Sim."

"E bolinhos de bolina, também queres?"

"Quero pois. Então não havia de querer?" Cerrou as sobrancelhas, numa expressão desconfiada. "Mas a mãe deixa?"

"Claro que não deixa. É por isso que isto é uma operação secreta."

"Ah", exclamou José, não querendo mostrar ignorância mas ainda sem entender muito bem a ideia. "Que é isso?"

"Uma operação secreta? É... deixa cá ver... é irmos lá às escondidas e gamarmos os doces."

"Ah." Hesitou, incerto quanto à sensatez do projecto. "E se a mãe descobre?"

"Não descobre. Se tu fizeres tudo bem, ela não descobre nada."

"Se eu fizer tudo bem?"

"Sim."

"Eu?"

"Sim, tu, claro. Quem mais querias que fosse?"

"Então e tu?"

"Eu? Eu não. Eu sou o general Montgomery, lembras-te? Os generais mandam os soldados fazer as coisas. Eu sou o general e tu és o soldado, percebes? Eu mando e tu fazes. Não tem complicação nenhuma, é só seguirem as minhas ordens e o desembarque na doçaria será um sucesso."

José fez um ar pensativo.

"Olha lá, António, isto não é pecado?"

"Claro que é, ó idiota! É por isso que tens de executar a operação, não percebes?" Apontou-lhe o indicador. "Precisas de pecados para confessar. Se não fizeres isto, o que diabo vais confessar tu no domingo ao padre Augusto?! Que deste uns peidos às escondidas? Que tiraste uns burriés do nariz sem o

pai ver?"

O mais novo meditou naquelas sábias palavras. Como sempre, concluiu, o irmão tinha razão. Precisava realmente de facturar uns pecados e tinha diante de si uma oportunidade de ouro, uma daquelas ocasiões que seria um crime desperdiçar.

"Obrigado, António", exclamou com um sorriso. "És mesmo meu amigo." Saltou da cama e pôs-se em pé, endireitando o corpo. "Vamos lá às rabanadas?"

Passaram o Verão em raides cirúrgicos, numa rotina clandestina que se repetia na pacatez das trevas. À noite, quando toda a família dormia e a vida se suspendia, António ia despertar José e o pequeno saía à aventura, como um batedor, explorando os cantos da casa. O primeiro alvo, devidamente assinalado pelo irmão mais velho, era o pesado molho de chaves que a mãe guardava no avental. José esgueirava-se pela porta do quarto dos pais e, rastejando, no início, ou caminhando curvado, quando ganhou mais traquejo, mas sempre com infinitas cautelas, abria o armário e apalpava as roupas penduradas nos cabides, passava a mão por todas, ao de leve, até descobrir o avental; fazia deslizar os dedos até aos bolsos, num exercício que só terminava quando identificava a superfície fria e dura do molho, que retirava com suprema lentidão para evitar um chocalhar denunciador do metal.

Com o molho de chaves nas mãos, entregavam-se os dois à orgia das guloseimas. Abriam os armários da cozinha e da sala de jantar, ou entravam na despensa do rés-do-chão, e devoravam duas fatias de rabanadas e um bolinho cada um. Embora se tratasse supostamente de uma orgia, a verdade é que tudo comiam com alguma contenção. Afinal era importante não exagerar; caso contrário a mãe daria pela marosca na manhã seguinte e as coisas complicar-se-iam. Como não podiam arrasar todos os doces, apenas aliviavam os pratos de umas quantas fatias; dias depois a mãe reforçava a dose, sem perceber que as rabanadas e os bolinhos iam desaparecendo aos poucos nas furtivas excursões nocturnas dos dois rapazes.

O problema é que António não se contentou com as rabanadas e os bolinhos de bolina. Cansado já daquela dieta repetitiva, decidiu atacar também as amêndoas das irmãs. Os almejados tesouros encontravam-se trancados numa gaveta cuja chave, por maravilhosa coincidência, se achava igualmente no fatídico molho da mãe. O mais velho decidiu passar à acção na sua última semana antes das férias; para isso bastou-lhe convencer José a lançar um raide decisivo ao quarto das raparigas, operação que, como era de esperar, decorreu com o habitual sucesso. O pequeno voltou com o embrulho das amêndoas doces das irmãs debaixo do braço e logo ambos engoliram duas cada, voltando José a guardar o resto no seu sítio. Na noite seguinte repetiram a operação e na outra noite também, fazendo sucessivas incursões no quarto das irmãs, que se prolongaram até as férias de António começarem.

Só que as amêndoas, ao contrário das rabanadas e dos bolinhos, não eram supríveis. Uma amêndoa comida era uma amêndoa desaparecida, uma vez que o senhor Pires, decerto por avareza, não tinha o elementar cuidado de mandar reforços para substituir aquelas que se sumiam durante a noite. António sabia isso, claro, mas a José nunca ocorrera o problema. Como é bom de ver, o que tinha de acontecer aconteceu.

Foi numa manhã do início de Julho que Lourdes resolveu deliciar-se com uma apetecível amêndoa do senhor Pires. Ao abrir a gaveta descobriu, horrorizada, que só lhe restavam três minúsculos exemplares, por sinal os mais mirrados e miseráveis do lote. Depois de inquirir sobre o paradeiro das restantes amêndoas junto da irmã e da mãe, logo se concluiu que andava por ali mão da rapaziada.

Seguiu-se, claro está, uma manhã de pranto, com Mana e Lourdes a derramarem sentidas lágrimas pelas amêndoas para sempre perdidas.

"Foste tu que tiraste as amêndoas às tuas irmãs?"

O pequeno José foi chamado ao escritório do pai, diante de quem se plantou, trémulo e temeroso,

vergastado pelo olhar feito de lei e justiça.

"Foste tu?", repetiu o pai, a voz intensa de autoridade. "Tiraste as amêndoas das tuas irmãs?"

O mais novo dos Branco nem conseguia levantar os olhos. O queixo começou a vibrar e as pálpebras molharam-se. No terror do momento acabou por fazer que sim com a cabeça.

"Só tu? Ou o António também?"

O irmão mais velho, que tudo previra em tempo oportuno e tratara de se pôr a conveniente distância, gozava já na Foz os folgados prazeres da vida a banhos com o doutor Reis e família. José sentiu por isso o peso de toda a injustiça daquele instante, a tortura de enfrentar sozinho as amarguras do momento em que tinha de prestar contas.

"Ele também", confessou num fio de voz.

Sem largar os olhos do pequeno, o pai suspirou e recostou-se na cadeira. Pousou a mão na secretária, tamborilando os dedos pensativamente na madeira, e fez sinal ao filho.

"Anda cá", chamou-o, batendo com a palma da mão na sua própria coxa. "Senta-te aqui."

José ficou momentaneamente desconcertado com a ordem, incapaz de interpretar as intenções do pai. Receava a autoridade que aquela voz firme exprimia, mas o facto é que não se lembrava de alguma vez ter sido soado, como lhe acontecia na escola às mãos dos professores ou como lhe contavam alguns colegas a propósito dos próprios pais. Seria agora que o seu lhe poria também a mão em cima?

"Anda cá", repetiu o pai no mesmo tom, dando de novo palmadinhas na coxa para assinalar o local. "Senta-te aqui."

Estava fora de questão desobedecer, pelo que, embora esmagado de respeito e quase paralisado de medo, José se aproximou do pai e se acomodou sobre a coxa dele, a face voltada para as inúmeras molduras com fotografias de família pregadas na parede à frente da secretária.

"As amêndoas eram boas?"

A pergunta foi feita com inesperada doçura, tranquilizando José. O momento em que o pai o iria sovar ainda não chegara. Sentiu por isso a confiança regressar e a voz também.

"Eram."

"Andaste portanto na boa vida."

"Sim."

O capitão Branco recuou ligeiramente o tronco, de modo a poder fitar o filho nos olhos.

"Tu ainda és pequeno, mas gostaria que começasses já a pensar nesta pergunta que te vou fazer", disse. "O que é uma vida boa?"

Surpreendido com a pergunta, José pestanejou e devolveu o olhar ao pai. O que era uma vida boa? Que questão seria aquela? Onde queria o pai chegar?

"Imagina que vives muito tempo", retomou o capitão, sentindo a perplexidade do pequeno perante a pergunta que lhe fizera. "Mas um dia todos morremos, não é? Quando morreres, Deus chama-te para o pé dele e pergunta-te: «Tiveste uma vida boa?» Que irás tu responder? «Sim, tive. Comi as coisas dos outros. Roubei, enganei, fui desonesto. Tive uma boa vida.»" Fez uma pausa. "É isso o que Lhe vais responder?"

O filho imaginou a cena, Deus diante dele tão justiceiro quanto o pai, talvez mais ainda, e os actos da sua vida expostos no juízo final. Ficou paralisado de horror, incapaz de responder à pergunta.

"Uma vez conheci no Porto um homem muito rico que me disse que tinha uma boa vida. Possuía um automóvel, uma grande casa na Foz e outra em Lisboa e outra no Rio de Janeiro, grandes propriedades na Régua e em Amarante e fartava-se de viajar. Ia a Madrid, a Paris, a Londres. Mas com tudo isso afastara-se da família e os amigos só o queriam porque ele era rico. Fiz-lhe, por isso, a mesma pergunta. «O senhor anda numa boa vida, mas acha realmente que tem tido uma vida boa?» Ele ficou um

longo momento calado e acabou por responder: «Não.» Sabes porquê? Porque andar na boa vida e ter uma vida boa são coisas diferentes. Andar na boa vida é viver no conforto e no luxo, é ter grandes casas e grandes carros, é aproveitar-se das coisas e gozar o momento. Ter uma vida boa é diferente. É ter amor e amigos, é ter valores, é ajudar os outros, é ter carácter e ser honesto, é ser feliz e fazer os outros felizes. Esses são os que têm uma vida boa. Estás a perceber?"

José fez que sim com a cabeça e o pai ergueu um dedo e apontou-o ao rosto do filho.

"Quando comeste as amêndoas das tuas irmãs andaste na boa vida. Mas é importante que saibas que não tiveste uma vida boa. Roubaste as tuas irmãs e enganaste-as. Viveste com um segredo que te sujou. Viver bem não é viver à grande, é viver limpo e feliz."

O filho baixou a cabeça, sentindo-se um miserável.

"Foi um pecado mau?"

"Sim. Muito mau."

"Deus vai-me mandar para o Inferno?"

O capitão Branco respirou fundo, como se essa não fosse a pergunta certa a fazer naquelas circunstâncias.

"Talvez, não sei", retorquiu. "Mas há pessoas que acham que Deus não existe e mesmo assim são boas pessoas. Se nós vivemos uma vida boa não é porque temos medo de ir para o Inferno ou receamos o que os outros possam pensar de nós, mas porque essa é a maneira certa de viver. Entendes?"

O pequeno olhou para o pai, manifestamente confuso. Percebendo que teria de explicar as coisas de outra forma, o capitão lembrou-se de um velho texto de Platão e retirou o anel de casamento que lhe enlaçava o dedo.

"Estás a ver este anel?"

"Sim."

Enfiou o anel de novo no dedo.

"Imagina que quando pões este anel ficas invisível. Nem Deus te consegue ver. Ficando invisível, ninguém poderá saber o que tu fazes, não é? Isto quer dizer que nada do que fizeres te será atribuído. Nem as coisas boas nem as más. Podes roubar uma pessoa e ninguém saberá. Podes salvar outra e ninguém saberá. Que farás nessas circunstâncias? Farás o que farias se te pudessem ver? Ou farás coisas diferentes?"

José ficou um longo instante a imaginar esse poder e o que faria com ele. O exercício de imaginação foi, porém, interrompido pelo pai, que lhe pegou pela cintura e o pôs no chão, indicando desse modo que a conversa terminara.

"É esse o teste das pessoas boas", concluiu. "Comporta-te sempre com honestidade, estejam ou não outros a ver-te, possas ou não ser premiado, e terás uma vida boa."

"Aqui Londres. Esta é a BBC."

Tal como a maioria das notícias da guerra, o anúncio do fim das hostilidades também veio pelas ondas da rádio, embora sem grande surpresa para ninguém. A recente notícia da morte de Adolf Hitler tinha criado em todos a impressão de que a guerra iria a qualquer momento acabar na Europa. Daí que, quando a voz solene e pausada de Augusto Silva entrou pela sala depois de almoço com a grande novidade, foi recebida com sorrisos aliviados e não com festa efusiva.

Embora contasse apenas nove anos, José dispunha de suficiente noção dos acontecimentos para discernir a importância do sucedido e celebrar o fim do conflito com o tradicional cálice de vinho do Porto erguido por toda a família logo que a notícia irrompeu da telefonia. Desde que tinha consciência de si que o mundo vivia em permanente estado de guerra, pelo que sempre supusera que ela fazia parte da ordem natural das coisas. A revelação de que as hostilidades haviam acabado deixou nele uma estranha

incerteza; não imaginava ser possível respirar sem os noticiários vomitarem novidades envolvendo figuras misteriosas como Hitler, Churchill, Roosevelt ou Estaline e locais exóticos como o Vístula, o Reno, as Ardenas ou monte Cassino.

Restavam, claro, os Japoneses. A guerra prolongou-se ainda algum tempo no Pacífico, estendendo-lhe a ilusão de que continuava a ser a norma. Tudo se desfez no dia em que o pai chegou mais tarde do quartel com uma grande novidade.

"Parece que os Americanos têm uma bomba que pode destruir o mundo", revelou de ar apreensivo. "Atiraram um desses engenhos e os Japoneses renderam-se."

Uma bomba que pode destruir o mundo? A notícia pareceu-lhe aterradora; sobrepunha-se de longe à informação da rendição dos Japoneses. Caramba, e se eles se põem a despejar essas bombas na primeira ocasião? Será que o mundo vai acabar?

José viveu vários dias com medo até de sair à rua, mas como não havia meio de o fim do mundo chegar e inúmeras coisas exigiam entretanto a sua atenção lá fora, designadamente as aulas na escola e as missas ao domingo, a preocupação foi-se desvanecendo.

Os sintomas de mudança tornaram-se gradualmente visíveis a vários níveis. As habituais discussões em casa dos Branco, suscitadas pela falta de batatas ou pela má qualidade do escasso azeite, começaram a espaçar-se no tempo até desaparecerem por completo.

Amélia deu consigo a gerir com eficiência o pouco que havia; era como se, por artes mágicas, tivesse passado a conseguir com facilidade o que antes lhe parecia impossível.

"Para fazer muito com pouco, não há como eu", exclamou, orgulhosa, à mesa do jantar, numa noite fresca da Primavera de 1947. "Até com uma alfacezita arranjo um rico manjar!"

No entanto, meses depois, a desmobilização do capitão Mário Branco foi o sinal inequívoco de que afinal o mérito não era todo seu. Se calhar, alvitram as que a ouviam, nem nenhum mérito tinha. Pois não se via já mais comida por toda a parte? A verdade é que por essa altura passou a haver produtos variados no mercado. A situação evoluiu de tal modo que as comissões de racionamento foram extintas pelo governo e o Regimento de Infantaria de Penafiel deixou de ter necessidade dos serviços do marido. O oficial voltou para casa.

De facto, as coisas estavam mesmo a mudar e bastava ler nas entrelinhas de O Comércio do Porto para perceber porquê. O governo tinha pegado no ouro e nas divisas acumuladas nos negócios com os Aliados e os Alemães e pôs-se a adquirir bens de consumo importados do estrangeiro, que depois espalhou em postos de venda a preços tabelados. Quase sem se dar por isso, até porque a evolução para melhor se nota menos do que em sentido contrário, acabou-se o açambarcamento e o mercado negro, ao mesmo tempo que a política de racionamento deixou de ser necessária.

A vida regressou por fim à normalidade, um conceito abrangente para José, capaz de abarcar tudo o que a vida lhe dava; até as dificuldades, que tanto perturbavam os adultos, lhe pareciam naturais. Bem vistas as coisas, é uma prerrogativa das crianças; só elas revelam a surpreendente capacidade de aceitar até o inaceitável. Afinal não conhecem melhor e a tudo se habitua depressa. O mais novo dos Branco não passava ainda de uma criança, é certo, embora desse já os primeiros passos na adolescência.

O fascínio que nutria por Mimicas tornou-se devagar uma paixão. Era como se a sua personalidade se dividisse em duas: havia o José tranquilo, metido nas suas coisas e atento às conversas dos adultos como se o instinto lhe dissesse que tudo o que acontecia no exterior podia ter reflexos na sua vida e por isso devia ser seguido com atenção, mas existia um outro José, o adolescente apaixonado, que vivia para os passeios dominicais com Mimicas e as suas conversas sobre África e o seu cabelo claro aos canudos e o linguajar feito de "coisos" que o divertia e o olhar traquina que o desarmava.

"Já viste isto da bomba cómica?", perguntou logo que a topou num domingo à saída da missa. "É

um estouro, hã?"

Desde que ouvira o pai mencionar a notícia da bomba que fizera o Japão em fanicos que ardia de excitação por tagarelar com Mimicas sobre o assunto. Na verdade falava mentalmente com ela todos os dias e chegava por vezes a convencer-se de que o diálogo assim entabulado era real, mas no fundo tinha consciência de que a única conversa que valia era aquela"que ambos travavam aos domingos a caminho de casa.

"Qual bomba? A que os Americanos coisaram no coiso?"

"Essa. O que me dizes disso?"

A amiga encolheu os ombros, como alheia ao magno problema.

"Nada."

"Nada?", espantou-se José. "Eles agora podem destruir o mundo, Mimicas. Não tens medo?"

Mimicas abanou a cabeça, com aparente indiferença, o que o deixou decepcionado. A vizinha era por norma uma rapariga espevitada e armada de opiniões sobre tudo, mas nessa manhã parecia estranhamente ausente, como se tivesse a cabeça noutra sítio. José já havia surpreendido aquele olhar vazio no rosto da sua própria mãe. Parecia que o corpo se encontrava ali mas a mente tinha partido de viagem, pelo que presumiu que se tratasse de coisa típica de mulheres e não fez grande caso.

Caminharam assim em silêncio, algo pouco habitual entre eles, e foi só quando chegaram à porta de casa que Mimicas quebrou o mutismo.

"Vou-me embora."

"Está bem", suspirou José, acenando em despedida. "Vemo-nos no próximo domingo."

Mas Mimicas não se mexeu.

"Vou voltar para Cabo Verde."

José caminhava já para casa, mas imobilizou-se a meio de uma passada, como se tivesse embatido numa parede invisível. Virou-se e fitou-a numa interrogação.

"O quê?"

Uma lágrima corria pelo rosto suave da rapariga, grossa e reluzente, como se a saudade a queimasse já com gotas incandescentes de ouro fundido.

"A mamã chamou-me", disse, a voz embargada e um sorriso forçado. "Parto amanhã."

A súbita partida de Mimicas foi um choque de que José talvez nunca se tenha refeito. Foi como se tivesse ficado órfão. Derramou por ela as suas primeiras lágrimas de amor, sem perceber ainda que, a partir daquele instante, seria Mimicas a medida pela qual avaliaria todas as outras.

Passado um primeiro momento de reclusão interior, em que caíra deprimido pelo desaparecimento da amiga, começou aos poucos a emergir do torpor e a canalizar as suas energias para os talentos e interesses que até aí haviam permanecido sublimados. Os primeiros foram os das histórias aos quadrinhos. Começou por ler o suplemento dominical de O Primeiro de Janeiro, que a tia Joana lhe levava para os almoços de domingo, depois da ida à missa, e a seguir passou para O Mosquito, onde brilhava Luis Ciclón, e O Gafanhoto, cujo principal herói era Cuto.

As histórias aos quadrinhos pareciam um interesse exclusivo de José, mas o mesmo não se podia dizer da escuta da telefonia. A rádio era uma antiga paixão da família, com o pai permanentemente sintonizado na BBC. Quando a estação britânica não estava no ar, no entanto, as preferências de toda a gente em casa voltavam-se sobretudo para a Emissora Nacional, embora, aqui e ali, experimentassem a Rádio Porto ou o Rádio Clube Português.

Amélia e as duas filhas, às quais se juntava ainda Beatriz, consideravam sagrada a hora em que passava mais um episódio de As Pupilas do Senhor Reitor; já os rapazes preferiam a galhofa dos Diálogos da Lelé e da Zequinha e de A Parada da Paródia, sem esquecer, claro, o velho O Senhor Doutor,

que brilhava no Rádio Clube Português aos domingos e seguia o êxito da revista juvenil. O ponto alto deste programa eram os diálogos entre o menino Tonecas e o professor, conversas repletas de absurdos que desencadeavam gargalhadas em cascata por toda a casa.

"Menino Tonecas", começava a voz que jorrava pela rádio. "Diga o que descobriu Cristóvão Colombo."

"Descobriu um ovo, senhor professor."

Foi também pela rádio que José se tornou um apaixonado do fado. Na altura as grandes estrelas eram Amália, Hermínia Silva e Ercília Costa, embora o mais novo dos Branco, devido à influência do irmão mais velho, que suspirava por estudar em Coimbra, apenas se interessasse pelo fado cantado por vozes masculinas. Talvez por afinidade etária, a verdade é que começou por apreciar sobretudo o estilo de Fernando Farinha, o Miúdo da Bica, embora depressa a sua atenção se tivesse transferido para o grande Alfredo Marceneiro e o seu desconcertante fado castiço.

Começou por ouvir Marceneiro na telefonia; interessou-se por aquela voz atrevida e passou a segui-la, acompanhando os comentários nos jornais e nas revistas e vendo alguns imitadores do estilo que por vezes apareciam em Penafiel para um espectáculo. Empenhado em emular o seu ídolo, José vestia-se de preto e apertava um lenço colorido ao pescoço; era assim arranjado que se punha, às escondidas, diante do grande espelho do armário do quarto dos pais e, de mãos nos bolsos e estilo gingão, cantava A Casa da Mariquinhas e outros grandes êxitos do momento.

E numa rua bizarra

A casa da Mariquinhas

Tem na sala uma guitarra

E janelas com tabuinhas.

Ouvia as letras e a melodia na telefonia, começava por trauteá-las baixinho e, mal ganhava confiança, punha-se a cantá-las em voz alta. A verdade é que decorava tudo com facilidade espantosa.

Numa tarde de preguiça, vivida na cadência pachorrenta das longas horas cinzentas em que tudo parece adormecido, o pó flutua no ar e o passar do tempo é pautado pelo tranquilo tiquetaque cadenciado do grande relógio da sala, José foi atraído por estranhos sons vibrantes que de repente rasgaram o silêncio e encheram de vida a pasmaceira. Ergueu a cabeça e localizou a sua origem; vinham do quarto das irmãs. Eram tlns titubeantes e tlãos que cambaleavam, sons trôpegos que aparentavam ir numa direcção e depois paravam, indecisos, até darem mais um passo noutra sentida e voltarem a tropeçar, num gaguejar hesitante, irresoluto, como se estivessem ébrios e caminhassem aos trambolhões.

Aproximou-se, intrigado, e encontrou a Mana sentada numa cadeira, as pernas cruzadas, de guitarra na mão e uma pauta diante dos olhos. Aprendia a tocar guitarra. O rapaz parou por ali, encostado à porta, debaixo da ombreira, a observar a irmã com atenção, perscrutando a estranha pauta, namorando as curvas voluptuosas da guitarra sensual, sentindo os sons que vibravam nas cordas e lhe ressoavam no peito, sofrendo com a dor suportada pelo instrumento em mãos tão inexperientes, a dimensão da angústia a estremecer no fluxo vacilante das notas musicais que a rapariga arrancava com hesitação. Permaneceu assim a observá-la, calado, mergulhado num misto de placidez e tumulto, o coração a pulsar ao ritmo vertiginoso de sensações contraditórias, fascinado pelas delícias dos timbres, agastado pela forma crua como a guitarra era maltratada. Sentiu ganas de interrompê-la, mas não se atrevia a fazê-lo.

"Que queres?", perguntou enfim a rapariga com irritação, após falhar mais duas notas. Fixou nele o olhar, numa expressão de censura. "Não vês que me estás a desconcentrar?"

"Desculpa."

Mana suspirou e pousou a guitarra no regaço, enchendo-se de paciência.

"Então o que queres tu? Passa-se alguma coisa?"

José encolheu os ombros.

"Nada, Mana. Estava só a ouvir-te."

"Ah", corou. "Achas que toco bem?"

O mais novo sorriu.

"Nem por isso." "Oh!"

"Uh... não tocas mal", apressou-se a esclarecer, diplomático, preocupado em não ofender a irmã.

"O problema é que a Mimi é muito melhor."

Mana riu-se. Mimi era uma pequena cantora do programa infantil do Rádio Clube Português, um verdadeiro êxito junto da pequenada.

"Pudera! A Mimi é... é uma artista."

"Eu era capaz de tocar como a Mimi."

A irmã voltou a rir-se.

"Pateta! A Mimi não toca, só canta. Quem toca são outros, percebes? Estão atrás a tocar viola e a Mimi acompanha-os com a voz."

"Então eu toco como os outros. Eu toco e tu cantas. Que tal?"

"Mas tu alguma vez tocaste?"

"Eu não."

"Então como sabes que tocas?"

"Sei."

Mana fez um gesto com as mãos, a chamar o irmão.

"Anda cá", disse. Bateu com a palma da mão no joelho, convidando-o a sentar-se ao seu colo.

"Vamos lá a ver se tocas ou não tocas."

José acomodou-se sobre a perna da irmã e começou por dedilhar as cordas da guitarra. Ao fim de alguns minutos a ensaiar sons, arrancou da guitarra a primeira sequência melódica, um extracto da banda sonora de E Tudo o Vento Levou, o filme que fizera furor poucos anos antes, no tempo da guerra, com Clark Gable e Vivien Leigh. O efeito foi tão surpreendente que Mana desatou a bater palmas.

"Ena!", exclamou. "Temos artista!"

A irmã passou uma hora a ensinar-lhe acordes, e em particular a forma como devia pegar na guitarra. Quis mostrar-lhe como ler as pautas, mas essa parte não lhe interessava. A exemplo da generalidade das pessoas naturalmente talentosas, José era preguiçoso; apenas se empenhava no que o divertia, e ler ou escrever pautas não constituía, definitivamente, a sua ideia do que seria uma tarde bem passada.

Começou a procurar música por toda a parte onde ia. Além de se interessar pelas canções na telefonia, acompanhava a família nos passeios de Verão até ao centro da cidade. A banda de Infantaria 6 juntava-se às quintas e aos domingos para um concerto animado no coreto. José não perdia uma sessão, mas preferia os ternos de fanfarra das quintas-feiras, sobretudo fascinado pelo espectáculo dos corneteiros e dos bombos a tocarem a recolher. Em casa, e uma vez que Mana monopolizava a guitarra, agarrou-se a um velho bandolim do pai, que aprendeu a tocar sozinho.

Depois lançou-se num novo desafio, o de um desafinado piano guardado no escritório sob uma fina camada de poeira. Ignorou a sujidade e atacou as teclas com entusiasmo, cantando em altos berros sentidas árias napolitanas, muito populares na Emissora Nacional, em particular a mais velha e romântica de todas.

Ma riatu sole Cchiu' bello, o jè O sole mio Sta 'nfronte a te!

O sole, o sole mio Sta 'nfronte a te! Sta 'nfronte a te!

Quando deu por ele, já tinha toda a família em redor, embasbacada com aquele talento emergente a

cantar O Sole Mio. Não havia dúvidas, o rapaz tinha ouvido para a música.

"Um artista!", concluiu o pai.

José Branco até podia ser um artista, mas com o tempo revelou-se sobretudo um artista da paródia. Depois da primária foi fazer o secundário para o Colégio do Carmo, onde se tornou amigo de outro folião, o Justino. Passavam as tardes juntos a inventar brincadeiras, em particular as relacionadas com os grandes eventos desportivos da época.

Vivia-se o período dos emocionantes duelos sobre rodas entre José Maria Nicolau, do Benfica, e Alfredo Trindade, do Sporting, cuja acérrima rivalidade era acompanhada através dos relatos galvanizantes da rádio. Recorrendo ao seu talento natural, José desenhava os ciclistas em folhas de cartolina, que Justino recortava com uma tesoura e pintava, de vermelho ou riscas horizontais verdes e brancas, consoante as equipas dos velocipedistas; as figurinhas eram depois dobradas pela base, de modo a aguentarem-se em pé, e serviam para fazer corridas pelo soalho do sótão, José com a bicicleta de Nicolau, Justino com a de Trindade. Tanto se ligaram às duas figuras que, inevitavelmente, o mais novo dos Branco se tornou adepto do Benfica, enquanto o amigo ficou simpatizante do Sporting.

Como é bom de ver, a rivalidade e as brincadeiras estenderam-se ao futebol, embora, por estranho que possa parecer, no início se tenham interessado mais pelos clubes brasileiros. O que tem uma explicação. O tio de José, irmão do capitão Branco, havia emigrado para o Brasil aos quinze anos e tornara-se atleta do Clube de Regatas Vasco da Gama, a agremiação dos portugueses que viviam no Rio de Janeiro. Chamava-se Adão, mas todos o conheciam por Tuja, e entrou na história do futebol brasileiro por ser o primeiro jogador a marcar um golo com as cores do Vasco da Gama, feito que enchia de orgulho todos os parentes de Penafiel. Ciente do seu estatuto de estrela desportiva da família, o tio Tuja enviava regularmente jornais cariocas com informações sobre o futebol brasileiro, em particular sobre o glorioso Vasco da Gama, e também cromos onde figuravam as principais vedetas da bola - entre as quais ele próprio, claro.

Os dois rapazes pegaram nesses cromos e colaram-nos em cartolina para os recortar de seguida, segundo o mesmo método que utilizavam para as bicicletas. Depois de assim fabricarem os jogadores, passaram aos jogos, sempre disputados no sótão, o lugar mais quente da casa. Todas as tardes estendiam uma grande cartolina verde no chão, as linhas do campo de futebol desenhadas a rigor, e disputavam emocionantes partidas entre os dois, com um botão a servir de bola.

As estrelas do Vasco da Gama, cujas cores José defendia sempre com galharda valentia, eram o guarda-redes Barbosa e o temível avançado Ademar, embora a principal figura da equipa fosse, como parece inevitável, o grande Tuja, o maior goleador do campeonato brasileiro que se disputava na casa dos Branco, em Penafiel. Justino, por seu turno, assumia o comando do Olaria, clube que contava com uma mão-cheia de craques de nomes bizarros, entre os quais pontificavam Juraci, Marmurato, Bilulu, Sula, Januário e Adalto, todos eles correspondentes a futebolistas que de facto alinhavam por aquele clube - pelo menos a acreditar nos cromos enviados do Rio de Janeiro pelo tio Tuja.

Mas não eram só as estrelas brasileiras que alimentavam as paixões futebolísticas do miúdo. Iniciado neste desporto pelos cromos remetidos pelo tio Tuja, o mais novo dos Branco começou a interessar-se também pelos clubes da terra. Havia dois em Penafiel, o Sport, que alinhava de preto e vermelho e era o emblema dos comerciantes e dos doutores, e o União, a equipa de verde e branco, que colhia a preferência das camadas mais populares. Uma vez que o Sport ostentava vermelho na camisola, José pendeu para este lado, enquanto, pelo mesmo motivo, Justino preferia o União.

Como não podia deixar de ser, esta paixão pelo futebol rendeu a José mais uns pecaditos para confessar ao padre Augusto, benefício que não era de desprezar. A maior parte das vezes, os pequenos delitos que ia amalhando paulatinamente no seu pecúlio pecaminoso tinham a ver com palavras

exaltadas que, no calor da refrega, o rapaz dirigia aos jogadores adversários e até, pasme-se, ao distinto árbitro, incluindo referências desprestigiantes às respectivas mães, senhoras cuja reputação e idoneidade moral o pequeno ocasionalmente punha em causa.

Mas houve uma vez que o delito saiu desta esfera relativamente inocente e se tornou assunto de conversa indignada entre as mulheres da família e as beatas que frequentavam a missa. Jogava-se num domingo de Março um muito esperado Sport - União, partida que a equipa de vermelho se mostrava ansiosa por disputar: afinal tinha de se vingar de uma recente humilhação aos pés do eterno rival. O problema é que Amélia proibiu o excitado José de assistir ao grande embate do ano, com o enervante pretexto de que o filho não podia faltar ao terço.

"Deus é mais importante do que a bola", argumentou a mãe, pondo um ponto final nas súplicas insistentes do pequeno. "Está decidido e não se fala mais nisso!"

José lá partiu para a igreja com ar contrariado. Uma hora depois, Amélia saiu à rua para subir, também ela, ao Sameiro; queria oferecer uma esmola para pagar uma promessa que fizera dias antes. Cruzou-se no jardim, na ponte sobre o lago, com dona Idalina, que cumprimentou de modo acalorado; eram velhas conhecidas da igreja.

A dado ponto da conversa, quando indagada sobre o que fazia ali por essas horas, dona Idalina explicou que vinha do terço, o que levou Amélia a questioná-la sobre o filho, bom rapaz, que também para lá fora em cumprimento das suas obrigações religiosas.

"Ai sim?", admirou-se Idalina com malícia. "Não o vi por lá."

"Pois", devolveu Amélia. "Devia estar no meio da multidão, coitadinho."

"Qual multidão? A igreja estava vazia..."

"Vazia?"

"Sim."

"E não o viu?", admirou-se Amélia. "Ele é muito piedoso, vai sempre para a primeira fila..."

"Pois não estava lá."

"Homessa!"

Acoçada por um súbito e terrível sentimento de desconfiança, Amélia despediu-se apressadamente da beata e acelerou o passo escadaria acima. Chegou à igreja e foi de imediato depositar a esmola na respectiva caixinha, após o que se dirigiu ao pároco. O padre Jacinto abençoou-a junto à sacristia e, após algumas palavras de circunstância, confirmou não ter visto o filho por aquelas paragens.

Balbuciando um adeus abreviado, a senhora saiu em fúria e veio monte abaixo a bufar, abespinhada, interrogando-se sobre o que diabo acontecera para o seu José lhe ter desobedecido. Entrou em casa e quis logo saber do pequeno; responderam-lhe que ele ainda não havia chegado. Dez minutos volvidos, ouviu a porta de entrada bater e sentiu-o trepar as escadas; vinha esbaforido, as faces coradas, o olhar excitado.

"Olha lá, ó malandro!", interpelou-o, sem o cumprimentar. "Por onde andaste tu?"

José estacou, atrapalhado. Era evidente que não esperava ser questionado sobre o seu paradeiro e a expressão de culpa denunciou-o irremediavelmente.

"Eu?"

"Sim, tu! Por onde andaste tu, pode saber-se?"

Corou, indeciso. Sabia que devia dizer a verdade, mas havia verdades e verdades e aquela parecia-lhe gratuita por natureza e potencialmente devastadora nas consequências. Não ouvira já numa missa o padre Jacinto falar nas mentiras piedosas?

"Eu fui... fui ao terço."

"Não foste nada!"

"Fui, fui!"

"Mentiroso, tu não foste ao terço! Por onde andaste tu? Vá, diz!"

O rapaz quase se engasgou de atarantação.

"Ó mãe, eu fui ao terço, fui", balbuciou. "Não s'acredita?"

"Mentira!"

"É verdade!..."

"Ninguém te viu lá! Ninguém!"

José abanou a cabeça, confuso.

"Mas eu fui."

"Como, se ninguém te viu?"

"Eu fui, mãe."

"Não foste!"

"Fui, fui", titubeou, a desorientação a tomar conta dele. "Fui direitinho para lá. É verdade. Só que, quando lá cheguei, já estava 3-0."

Foi no balneário do Colégio do Carmo, após uma aula de ginástica, que o franzino José Branco percebeu que tinha um pénis consideravelmente maior que os dos colegas. Na altura a descoberta não o encheu de orgulho, como seria legítimo e natural em qualquer macho cioso da sua masculinidade, mas antes de espanto embaraçado, de vergonha até. Seria, aliás, o seu amigo Justino o primeiro a reparar nesse pormenor quando, voltado para o urinol, captou pelo canto do olho um enorme volume que balouçava nas mãos do companheiro e não resistiu a uma fugaz espreitadela.

Ficou abismado.

"Eh, pessoal", gritou em pleno balneário, atraindo as atenções gerais. "Já viram a verga do Zé? Isto não é uma pila, camano. Isto é um chourição!"

Assim postas as coisas, pode imaginar-se a algazarra que se desencadeou naquele balneário logo que palavras tão explosivas foram proferidas. Os miúdos atropelaram-se na disputa da melhor posição para verificar se era mesmo como o Justino dizia, se o tanso do lingrinhas tinha de facto uma verga da grossura de um chourição. O assustado e embaraçado José viu-se de repente arremessado para um canto do balneário, as calças e as cuecas arrancadas das pernas e a virilidade exposta aos olhares indiscretos dos colegas, entre os comentários e as gargalhadas mais inconvenientes.

"Porra!", gritou um com uma risada boçal. "Ó p'ra isto!"

"Que g'anda mangalho!", comentou outro. "Parece um boi, carago!"

O pequeno sentiu-se uma bizzarria, um enjeitado, transformado numa atracção de feira. O beijo pôs-se-lhe a tremelicar e as lágrimas inundaram-lhe os olhos; chorou de vergonha por se ver assim tratado, por verificar que era diferente dos amigos, por transportar tamanho monstro entre as pernas, por todos já o saberem e por a escola inteira o comentar entre gargalhadas grosseiras, tornando-o o alvo infeliz de todos os olhares, de todas as troças, de todas as brincadeiras.

Porquê eu?, interrogou-se mil vezes nesse dia.

Porquê eu?

Foi para casa vergado pela humilhação. Não disse palavra à hora do jantar e nessa noite, no quarto do sótão, quando as lâmpadas se apagaram e a casa mergulhou no sono, José ajoelhou-se ao lado da cama e rezou a Nossa Senhora, rezou como nunca tinha rezado. Rogou à Virgem que o fizesse como os outros, implorou que a sua verga minguasse, que se tornasse tão pequena e tão normal e tão insignificante quanto as dos amigos. O seu horizonte de sonhos reduzira-se à simples ambição de um dia ter uma pilinha pequerrucha, discreta, uma minhoquinha humilde, jamais um canhão daquele calibre.

No domingo seguinte, quando subiu ao Sameiro para a missa da manhã, passou toda a homilia de

joelhos nus sobre a pedra, em sofrimento, a rezar e a implorar, a fazer promessas a Nossa Senhora, sempre com solenidade e fervor piedoso. Jurou que não voltaria a roubar amêndoas às irmãs, afiançou que não mais diria um palavrão na vida, comprometeu-se a ir todas as quartas-feiras à missa, chegou até a assegurar que jamais assistiria de novo a uma partida do Sport. A tudo se mostrou disposto, mesmo aos mais duros sacrifícios, desde que Ela, a bondosa e compreensiva Nossa Senhora, lhe consentisse a Sua Graça e lhe concedesse o milagre de uma virilidade modesta como a de todos os outros. As promessas foram tantas e feitas com tamanho fervor e devoção que José acabou por se convencer de que Maria, Nossa Senhora e Mãe de Deus, não teria outro remédio que não fosse aceder às suas humildes súplicas e minguar-lhe o pirilau.

A vida de José tornou-se, durante um mês, um verdadeiro ritual. O seu primeiro acto ao acordar era erguer a manta e espreitar por baixo das calças do pijama para verificar se a graça lhe fora ou não concedida nessa noite. Recuperava rapidamente da decepção, recriminando-se a si próprio por não ter sido suficientemente devoto nas orações e assumindo o solene compromisso de ser ainda mais fervoroso da vez seguinte. Logo tudo recomeçava, com novas promessas de fidelidade beata e juras renovadas de rejeição do pecado e da tentação.

Chegou ao ponto de ir todos os dias à missa, um zelo tão súbito e rigoroso que levantou as suspeitas de Amélia. A mãe tanto estranhou tamanha piedade que até se plantou de vigia; cheirava-lhe que havia por ali artimanha. Mas não, concluiu depois, compadecida; o rapaz ia mesmo à missa, o vigário confirmava-o diariamente entre profusos encómios ao espantoso despertar daquela devoção. Moço pio mais pio nunca se vira em parte alguma de Penafiel desde que o padre Américo dali abalara para fundar a Casa do Gaiato.

"Ainda acaba papa", gracejou o padre Jacinto, erguendo o indicador para o céu. "Papa, digo-lhe eu!"

A mãe, porém, não interpretou este comentário inocente como um gracejo, um mero dito espirituoso, mas como o arauto de coisas grandes, imensas, maiores do que a imaginação. Essas palavras, achou ela, constituíam uma premonição! A verdade é que a devoção manifestada por José era tanta e tornara-se tão intensa que Amélia começou a alimentar uma hipótese acima de todas as outras. Desde que a irmã perdera o marido que Amélia, num acto em que todos viam a prova da mais zelosa das amizades e solidariedades fraternais, se recolhera ao mundo espiritual. Procurou na alma a resposta para o enigma do sofrimento e pareceu-lhe então que a graça de Deus se manifestava na luz que guiava os passos do seu mais novo até ao altar do Sameiro.

Foi assim que, em segredo, Amélia se pôs a olhar para José e a ver um sacristão. Depois o sonho cresceu e já ali estava um padre, um bispo, um cardeal, ou até... até... quem sabe se o pároco do Sameiro não teria acertado em cheio? Talvez algo de verdadeiramente grandioso, um... um... atrever-se-ia ela a pronunciar a palavra? Sim, um... um papa. Um papa! Ah, suspirou Amélia, embevecida. Como eram misteriosos e belos os desígnios do Senhor!

Amarga foi a decepção.

Tantos sonhos, imensos projectos acalentados, tamanhos desejos de glória, tanta coisa em vão; nenhum milagre se materializou. Nem José se tornou padre, nem Nossa Senhora lhe minguou o pirilau.

Apesar da contrariedade, Amélia soube superar o desapontamento com dignidade louvável e resignação estóica, mas o mesmo não se pode dizer do filho. José Branco não conseguia perceber por que razão Nossa Senhora, vendo-o sofrer tanto e rezar com tal fervor, não se compadecia das suas amarguras. Seria possível que Ela não o tivesse escutado? Era admissível pensar que a Mãe de Jesus, tão poderosa e bondosa, não quisesse resolver-lhe tão minúsculo problema? Seria birra da Virgem? A pequena dúvida, insidiosa e traiçoeira, corroeu-lhe por momentos o espírito, mas depressa a escorraçou, quase indignado.

Não, não era possível tal coisa. Quem era ele para duvidar dela? Nossa Senhora estaria certamente a testar a sua fé, a ver até onde ele se manteria fiel na sua devoção. Se ele Lhe desse a prova final, raciocinou com inabalável certeza, o milagre produzir-se-ia inevitavelmente.

O mais pequeno dos Branco escolheu a Páscoa para apresentar a Nossa Senhora a prova da sua devoção e assim colher como prémio o milagre do pirilau minguado. Logo que as festividades começaram, o rapaz multiplicou-se em actividades. Eram tantas e tão variadas que se diria ser ele, e não Ele, o onnipotente e omnipresente. Integrou grande número das procissões que palmilhavam a cidade e percorreu várias igrejas, sempre a acompanhar os serviços pascais que decorriam desde Sexta-Feira Santa. Absteve-se até de se alambazar com os tradicionais doces da Páscoa, substituindo-os antes pelas insensas hóstias das igrejas, decerto menos saborosas, mas sem dúvida mais puras.

Fez o que pôde para demonstrar a sua devoção a Nossa Senhora e foi tão sincero no seu piedoso compromisso que, na segunda-feira seguinte, ao levantar a manta para inspeccionar o resultado de tantos trabalhos e privações, não lhe ocorreu sequer que o milagre não se tivesse concretizado, tão grande era a sua fé na infinita bondade de Maria; a única dúvida que o corroía naquele supremo instante de realização era saber qual o novo tamanho que a Santa Mãe de Jesus havia escolhido para o pirilau.

A sua fé não resistiu ao devastador embate com a realidade. Quando espreitou para debaixo do cobertor e constatou que o milagre não se produzira, tomou a decisão de não voltar a pôr os pés numa igreja nem a confiar na Virgem Maria.

Por ironia do destino, foi justamente uma rapariga chamada Maria, por sinal já desvirginada, quem restituiu a fé a José. Tudo aconteceu no Outono de 1950, tinha o rapaz acabado de completar catorze anos e começado a experimentar, com inusitada frequência, um crescente e insuportável ardor entre as pernas. Sobretudo à noite.

Tinha dificuldade em adormecer, tão incómodo se revelava aquele ardor, e acordava de manhã com um verdadeiro chumaço dentro das calças do pijama; despertava tão rijo e monstruoso que precisava de aguardar uns bons cinco minutos até poder ir urinar ao quintal. Descobriu que conseguia aliviar o ardor com umas massagens, que fazia vigorosamente com a ponta dos dedos ou despejando álcool entre as pernas, o que lhe provocava uma sensação quente que o descontraía. Mas esses remédios eram temporários, truques para enganar aquela fome inexplicável, formas pecaminosas de lidar com a vontade incontida de explodir entre as pernas e que, no rescaldo do alívio, o deixavam a roer-se de culpa.

Acontece que Beatriz, a empregada da casa que servira de parteira no seu nascimento, teve nesse Outono de se ausentar um mês para ir à terra tratar de um familiar que adoecera. Ao fim de três dias, Amélia queixou-se ao marido de que não dava conta do recado. Não era criada nem nascera para aquilo, nunca na vida lavara tantos pratos. Onde já se vira uma senhora da boa sociedade penafidense ser obrigada a limpar a cozinha e a encerar o chão? Tudo isso para dizer que precisava de alguém que substituísse temporariamente a fiel empregada. Tão massacrado pela mulher foi o capitão Mário Branco que lá deitou contas à vida e concluiu que, bem vistas as coisas, apertando um pouco ali e cortando acolá, sempre sobrava um dinheirinho para ir buscar uma nova rapariga.

A escolha recaiu em Maria Imaculada, uma moça do campo, dezoito anos de frescura, pele clara e faces avermelhadas. Parecia um pimentão saudável. A jovem camponesa ficou no quarto habitualmente ocupado por Beatriz, e Amélia, sem talvez ponderar o caso com a devida atenção, atribuiu-lhe de uma assentada todas as responsabilidades que pertenciam por hábito à empregada ausente. Ora uma dessas responsabilidades era justamente levar água quente para o banho mensal das duas filhas e do rapaz mais novo. Por fatal coincidência, o primeiro banho ocorreu poucos dias depois da entrada ao serviço da nova empregada.

Maria Imaculada desempenhou as suas funções com presteza e eficiência. Pôs as vasilhas ao lume,

no fogão a carvão da cozinha, e, logo que a água ficou quente, desceu por ali fora, a bufar, para a levar ao pátio interno do rés-do-chão, onde as raparigas se juntaram para o banho. Depois de Mana e Lourdes completarem a higiene, foi a vez de José ser chamado pela mãe à ablução mensal, ritual que o rapaz desempenhava sempre com manifesta má vontade e apenas depois de o pai, movido pelos queixumes da mulher, soltar um aviso ameaçador. "Zéééé!..."

Instado pela severa advertência paterna, o mais novo lá seguiu, contrariado mas obediente, para o pátio interno onde habitualmente se tomava banho. Quando sentiu a empregada descer as escadas com a água a fumegar na vasilha, o rapaz despiu-se e meteu-se na banheira de alumínio. O problema é que a criada, sendo nova na casa, desconhecia os pormenores relativos à virilidade inata do menino José, pormenor afamado já até entre os colegas de escola. Não admira por isso que, quando entrou no pátio interno, e ao observar distraidamente o moço na banheira, a rapariga quase tivesse deixado tombar a vasilha. Os seus olhos haviam pousado no que jamais imaginara ver.

"Ah!", exclamou, pasmada. "Meu Deus!"

A empregada corou e procurou recuperar a compostura, disfarçar a surpresa, desviar a atenção; esforçou-se por olhar para a frente, para o chão, para a vasilha, para aqui, para acolá, para qualquer lado, para tudo, tudo, tudo menos para ali. Ali. Porém, o esforço revelou-se inglório; era como se o rapaz tivesse pendurado entre as pernas um magneto potente, um poderoso íman a que os seus olhos não queriam, não podiam, não sabiam resistir.

Nessa noite, conhecendo já o hábito do rapaz de ir à cozinha para beber um copo de água antes de se deitar, Maria Imaculada permaneceu um longo tempo sentada na cama, à escuta, atenta aos ruídos provenientes do andar de cima. Logo que sentiu o movimento abafado de José a descer as escadas, entreabriu a porta do quarto e despiu a camisola de lã, deixando os seios lácteos e arredondados à vista. Pegou na camisa de noite e fingiu que se preparava para a vestir.

Para sua decepção, porém, o rapaz passou de largo e seguiu para a cozinha sem sequer espreitar pela porta entreaberta. Não se dando por vencida, porque não era rapariga para tal e porque a maravilhosa visão dessa manhã lhe ateara o desejo e lhe incendiara as entranhas, a empregada manteve-se sentada na cama de tronco nu, a camisa de noite nas mãos, a luz bruxuleante da lâmpada de petróleo a bailar-lhe no corpo curvilíneo. Num assomo de inspiração, pôs-se a trautear com fingida inocência uma canção que se habituara a entoar com as raparigas do campo.

Ao passar a ribeirinha,
Pus o pé, molhei a meia
Pus o pé, molhei a meia
Pus o pé, molhei a meia.
Não casei na minha terra,
Fui casar em terra alheia
Fui casar em terra alheia
Fui casar em terra alheia.
O engodo funcionou.

Atraído pelo som melodioso da voz da rapariga, José espreitou pela porta no caminho de regresso ao quarto. Era para ser uma mirada rápida, mero olhar de circunstância, mas o que viu pela porta entreaberta deteve-o e deixou-o paralisado, sem respiração. Maria Imaculada remexia a camisa de noite, como se pretendesse vesti-la, mas entre o veste e o não veste exibia o tronco nu, as curvas dos seios desenhadas com perfeição, opulentas, a pele tenra colorida de laranja-avermelhado pelo clarão luminoso que a chama da lâmpada de petróleo emitia num pestanejar nervoso. José sentiu o ardor voltar em força, na verdade com uma energia que nunca tivera, dilatando-se como um balão, prestes a explodir diante da

primeira mulher desnudada que os seus olhos tiveram o privilégio de ver.

A criada voltou o rosto e esboçou um sorriso ao apanhá-lo a espreitar. Tolhido pela surpresa de passar de mirone a mirado, José recuou, horrorizado, prestes a fugir escada acima. Queria escapar naquele instante, desaparecer antes que ela fizesse um escândalo.

"Olá, Zezinho", murmurou Maria Imaculada num tom quase musical. "Fazes-me um favor?"

A voz tranquila da rapariga travou-o naquele assomo de pânico. Ela falou-lhe como se o tivesse encontrado no corredor, nem parecia ter-se apercebido de que era espiada com os seios à mostra. Na ilusão de que a empregada nada tinha notado, o rapaz forçou-se a um sorriso.

"Sim... o que... o que é?"

"Vais-me buscar um copinho de água?"

José baixou os olhos e voltou à cozinha, afogueado, o coração a ribombar no peito, o espírito mergulhado numa turbulência de sentimentos, sem compreender bem o que se passava, sem saber como reagir, o que dizer, para onde olhar. Pegou num copo, encheu-o de água e regressou ao corredor. Estacou diante da porta do quarto, os olhos colados ao chão de embaraço.

"Está aqui", anunciou, baixinho.

"Entra."

José hesitou, envergonhado. Olhou furtivamente em redor, como se estivesse prestes a ser apanhado a roubar as amêndoas das irmãs; sabia que o passo era interdito, que pisava terreno proibido, mas mesmo assim, quase a cambalear, impulsionado por uma força desconhecida, o corpo a obedecer a ordens que não tinham saído da sua cabeça, deu esse passo em frente, empurrou a porta, entrou no quarto e estendeu o copo, sempre com mil cuidados para não pousar os olhos nos seios tentadores que a criada exibia com des pudor.

Maria Imaculada pegou no copo e bebeu um gole. Sentindo-se a mais, a coragem já a desvanecer-se, receando ser visto onde não podia ser visto, José fez tentações de sair, mas a empregada refreou-o com um gesto. Continuou a beber e deixou a água escorregar-lhe pelos cantos da boca e pingar-lhe sobre o peito. Esvaziou o copo e endireitou-se. Sem tirar os olhos do rapaz, passou a mão direita pelos seios, espalhando a água pelos mamilos, fazendo a pele nívea reluzir à luz dançante da chama, como se sobre a textura suave do veludo escorressem lágrimas douradas de mel.

"Nunca viste umas maminhas?"

José abanou a cabeça num gesto mecânico.

"Não", disse, a voz muito sumida, os olhos colados ao chão.

A empregada apalpou o seio esquerdo, espremendo-o como um fruto fofo e sumarento.

"Gostavas de mexer?"

Fez-se um silêncio profundo; José não sabia o que dizer.

"Gostavas de mexer?", repetiu ela, a voz melada.

O rapaz reuniu toda a coragem, todo o atrevimento e, sentindo o rosto enrubescer e o corpo cruzar mais uma barreira proibida, balançou a cabeça afirmativamente.

"Então mexe", disse ela, inclinando o tronco para a frente. "Vá. Mexe! Aperta!"

José ergueu a mão, hesitante, e aproximou-a lentamente do peito arfante da criada. Tocou na pele ebúrnea com a ponta dos dedos, sentiu-lhe a superfície sedosa, quente, ganhou-lhe o gosto e encheu a mão, apanhou-a com a palma toda e contraiu os dedos, apalpando-a com volúpia, espremendo o saco gelatinoso e aveludado. Uma erecção colossal quase lhe irrompia das calças do pijama, crescendo sem parar, como um balão em expansão.

Sentindo a mão a explorar-lhe gulosamente o seio e vendo o volume descomunal agigantar-se diante dela, a rapariga não se conteve mais e apalpou-lhe o inchaço. Cada vez mais excitada, o fogo a

arder-lhe no ventre como jamais lhe sucedera, puxou-lhe as calças de pijama para baixo e quase desfaleceu quando se deparou com o gigante; o monstro emergia do seu esconderijo com altivez, um colosso de dimensões tais que teve naquele instante a intuição, a promessa, a certeza de que iria finalmente conhecer o paraíso na Terra.

É que de imaculada aquela Maria apenas tinha o nome. Foram as mulheres que fizeram José perceber que o monstro que transportava entre as pernas não era castigo divino, mas uma bênção dos céus. A descoberta reconciliou-o com Deus e reabriu-lhe os caminhos para as Igrejas. A sua mente, contudo, povoava-se de outros destinos.

Durante aquele mês em que Maria Imaculada ali permaneceu a cobrir a vaga temporária aberta por Beatriz, o benjamim da família teve a sensação de viver um corruio de emoções. Ora o corpo alcançava o paraíso dos sentidos, ora a alma se despenhava no inferno da culpa. Imaculada revelou-se uma jovem ardente, a fogosidade e a imaginação excitadas pela perspectiva do pleno usufruto de tão volumoso atributo masculino.

Todos os dias José jurava a si mesmo que dessa vez seria forte e não voltaria a pecar, que não cederia à tentação e permaneceria puro e imaculado, que a virtude se imporá aos instintos da carne. No entanto, à noite, quando toda a casa dormia, não resistia ao impulso e deslizava silenciosamente pelo soalho, contornando o ocasional ranger inoportuno da madeira para se abrigar por uma deliciosa meia hora entre os braços quentes e as pernas escaldantes da criada, os gemidos e os arfares abafados de preferência pela boca sôfrega da amante, e, quando isso não era possível, pela almofada ou pelo cobertor.

No primeiro domingo ainda considerou seriamente a possibilidade de confessar tudo ao padre Jacinto, mas a vergonha foi mais forte e no confessionário limitou-se a balbuciar uns pecados irrelevantes, coisas de tal modo menores que se expiaram com apenas três avé-marias e dois pai-nossos. Saiu nesse dia da Igreja do Sameiro fazendo a jura solene de que no domingo seguinte é que seria, quando chegasse a hora da confissão iria mesmo prostrar-se perante o pároco e derramaria sobre ele toda a enxurrada de pecados mortais que o maculavam.

Com o andar do tempo, porém, o sentimento de culpa foi diminuindo, como se o corpo ganhasse aos poucos a batalha à alma, e no domingo seguinte mais uma vez nada confessou sobre as depravações com Maria Imaculada. Depressa deixou de se contentar com as noites e passou a agarrar todas as oportunidades adicionais que se lhe foram oferecendo. Bastava Amélia chamar os filhos para irem com ela comer um bolinho à Pastelaria Brasil ou darem um passeio para ver a tia Joana que José, contendo com dificuldade a excitação, fazia cara de enterro e, quase penitente, abatia a cabeça.

"Tenho de ficar em casa, mãe."

"Ai sim?", espantou-se ela quando pela primeira vez ouviu tal recusa. "Porquê?"

"Preciso de estudar."

Amélia admirou-se com o empenho do seu mais novo, nunca o havia visto tão dedicado aos estudos, mas o facto é que não tinha objecção a levantar a tão louvável comportamento e chegou mesmo a fazer dele um exemplo para os irmãos.

"Estão a ver o Zezinho?", passou a perguntar aos outros filhos sempre que com eles saía à rua. "A estudar assim, ainda há-de ser alguém na vida!"

José estudava, é verdade, embora a matéria se centrasse exclusivamente nas animadas sessões de anatomia feminina.

Foi com a fogosa criada que o adolescente descobriu alguns dos mais importantes segredos do corpo humano e se iniciou na vida adulta. Embora ainda doce, a paixoneta juvenil por Mimicas não passava já de uma lembrança, de um passado de inocência que a voragem do tempo enfim tragara. A

pureza de José partira com a sua amiga dos cabelos aos canudos, deixando-lhe a alma entregue ao monstro que Maria Imaculada despertara.

"Já sabem da novidade?"

A pergunta foi feita por Lourdes certa manhã, quando os irmãos saíam de casa para as aulas. Como António seguira já para a universidade, José preparava-se para ir sozinho para o Colégio do Carmo e as raparigas para caminhar de mão dada até às soeurs, umas freiras que durante a guerra de Espanha haviam fugido para Portugal e aberto uma escola numa grande vivenda atrás do Sameiro.

"O quê?"

"A Beatriz chega hoje."

O anúncio deixou José tão consternado que as irmãs julgaram que lhe ia dar qualquer coisa em plena rua. Cambaleou e teve de se sentar no passeio diante de casa. Pensaram que fosse a comoção pelo regresso da criada, longe de imaginarem a verdade desconcertante. Apenas José sabia que, se o coração fraquejara, não fora de alegria pela fiel Beatriz, mas já de saudades da infiel Maria.

As novidades confirmaram-se logo nessa tarde, quando José regressou do colégio e constatou que Beatriz estava já ao serviço. Espreitou o quarto ao lado da cozinha e, com o coração em sobressalto, verificou que eram agora as roupas da antiga empregada que ocupavam as gavetas. Procurou sinais da sua amante secreta, mas não os encontrou. Angustiado, de olhar perdido, imaginando o pior, arrastou-se até à mãe e, esforçando-se por aparentar a maior das indiferenças, indagou por Maria Imaculada.

"Foi ao Pacheco buscar arroz", foi a resposta apática de Amélia, que tricotava umas malhas junto à lareira. "Porquê?"

Não era decididamente a resposta de que o rapaz estava à espera.

"À... à mercearia do Pacheco? Quer dizer que... que não se foi embora?"

"Por causa do regresso da Beatriz? Não, fizemos as contas e decidimos mantê-la. A casa é muito grande e a Beatriz não dá conta do recado, coitada. Está agora encarregada da cozinha e das roupas e a Imaculada fica com as limpezas e as compras." A mãe parou por momentos de tricotar e ergueu o olho desconfiado. "Mas porquê?"

Sentindo-se subitamente dissecado por aquele olhar penetrante, José afastou-se de imediato, num esforço para ocultar o rubor de alívio que lhe coloria as faces.

"Era só para saber."

Os algarismos brancos rasgavam a superfície negra da ardósia, pareciam pinceladas secas de pó, e José suspirou de frustração. A conta não dava certo. Passou a mão irritada pela lousa e desfez os algarismos num borrão esbranquiçado; teria de recomeçar o exercício de matemática do princípio e só quando a computação batesse bem é que a transcreveria para o caderno. Pegou no giz e rabiscou os números e o símbolo da raiz quadrada.

Quando começou a acrescentar à equação os dados seguintes ouviu o soalho ranger e voltou-se para trás. Destrinçou uma sombra a esgueirar-se pelas escadas em direcção ao rés-do-chão, como se um espectro líquido se derramasse pela casa, e percebeu que era Maria Imaculada a descer para o quarto que lhe fora destinado desde o regresso de Beatriz. A imagem excitou-lhe a imaginação, sobretudo depois do susto que fora a possibilidade de a perder. Vê-la baixar para os aposentos fê-lo ansiar pelo calor dos seus lábios trémulos, pelo veludo da sua pele palpitante, pelo ofegar alvoroçado da respiração quando colava o corpo ao dele, pela humidade quente das suas entranhas femininas, pela sensação trémula de transgressão do proibido.

Tinha de a possuir. E quanto mais depressa melhor.

Foi por isso que nessa noite, mal sentiu a casa aquietar-se, saltou da cama e calcorreou os degraus literalmente em bicos de pés, deslizando pela escadaria até ao rés-do-chão. Lançou a manobra talvez um

pouco cedo de mais, antes fazia-o mais tarde para garantir que o sono da família era profundo, mas sentia-se consumido pela impaciência e pela ânsia de soltar a tensão que o estrangulava durante o dia. Afogado em desejo, não conseguiu aguardar todo o tempo que a prudência aconselhava.

O chão do piso térreo não era um soalho de madeira, como acontecia nos andares superiores, mas granito. Estava escuro em toda a casa e foi quando sentiu sob os pés nus a superfície fria da pedra polida que soube que havia chegado. Da esquerda veio-lhe o aroma a mosto da adega, mas José meteu à direita pelo corredor, a mão a deslizar pela parede até sentir a primeira porta. Era o quatinho situado ao lado do escritório do pai e para onde Maria Imaculada fora enviada.

Empurrou devagar a porta e mergulhou a cabeça naquela treva opaca que o envolvia como um manto denso e impenetrável.

"Maria", chamou. "Estás aí?"

Sentiu a cama ranger com um movimento.

"Menino Zezinho?"

Já a tiritar de frio, o rapaz deslizou para a cama e foi acolhido pelos braços quentes da empregada. Um cheiro intenso a lixívia e sabão impregnava Maria Imaculada, mas José ignorou o odor forte e deixou-se envolver pela pele sedosa e pelo calor acolhedor de mulher. Mergulhou nela com ímpeto, incapaz já de se conter, mas deteve-se ao fim dos primeiros impulsos, quando escutou um barulho suspeito.

"Que é isto?"

"É a cama", sussurrou ela de volta. "Chia." Riram-se baixinho. A cama, ao contrário da que antes lhes sustinha as refregas amorosas, tinha molas enferrujadas e chiava a cada movimento. Mas os amantes sentiam-se demasiado empolgados para se preocuparem com esses pormenores e recomeçaram a sua dança, unindo-se num movimento sincronizado, enlaçados um no outro, tão esfaimados e gulosos que perderam toda a noção de quem eram e de onde estavam e libertaram os sentidos numa explosão lasciva descontrolada. "Zé!?"

Não conseguiam parar, eram como uma composição em marcha, a locomotiva a acelerar num movimento cadenciado, o taquetaque dos carris transformado no tumba-tumba dos corpos, a chaminé a exalar gemidos e suspiros em vez de fumo, a carne a arder no lugar do carvão. "Zé!"

À segunda vez que a voz cortou o ar, os amantes estremeceram e imobilizaram-se. José viu sombras a bailar na parede e apercebeu-se de que o clarão azulado de um candeeiro de petróleo balouçava no quarto. Foi só nesse instante que registou a voz de homem que atrás deles chamara o seu nome. Estavam a ser observados. Sentiu a rapariga esticar o pescoço, espreitar-lhe sobre o ombro na direcção da voz e soltar um grito de pânico. José virou então a cabeça e reconheceu o rosto que os observava da ombreira da porta.

"Pai!?"

O tiquetaque hipnótico do relógio de parede, tranquilo e pendular, pontuava o ambiente morno e sereno que envolvia o escritório. Rostos a preto e branco enquadrados em molduras e eternizados a sépia no clichet esmerado da Foto Anthony contemplavam a cena com expressões justiceiras, como testemunhas silenciosas a vigiá-los do passado. O pó pairava com preguiça diante dos clarões de luz, tão suspenso como o ar, e apenas o pirilampejar agitado da lamparina de petróleo, cuja chama azulada projectava silhuetas irrequietas nas paredes, conferia vitalidade nervosa àquela salinha perpetuada no tempo.

Havia já alguns anos que o capitão Mário Branco não chamava um filho ao gabinete para lhe passar uma reprimenda. Afinal todos eles já tinham crescido, António tirava Direito em Coimbra e as raparigas terminavam os estudos nas soeurs. Sempre acreditara que os valores que lhes inculcara desde crianças garantiam que os filhos saberiam estar à altura das suas responsabilidades enquanto cavalheiros

e senhoras de bem, mas ainda assim tinha a consciência de que poderiam ocorrer situações que requeressem a sua intervenção, e o facto de ter o mais novo sentado naquele instante diante dele era prova disso.

"Costumas pôr o anel?"

A pergunta do capitão fez José erguer o olhar envergonhado e lançar na direcção do pai uma expressão interrogadora.

"Perdão?"

O capitão levantou a mão esquerda e indicou o anel de ouro que lhe cintilava no dedo.

"Lembras-te de uma vez te ter dito que a prova de carácter de uma pessoa é feita através do teste do anel?", perguntou. "Torna-te invisível e faz o que farias se ninguém te pudesse ver. É assim que se pode avaliar o carácter de alguém. Tens posto esse anel?"

O filho remexeu-se na cadeira, inquieto, e voltou a baixar os olhos.

"Não fiz nada de mal", murmurou. "Não roubei, não enganei, não faltei a nenhum dever."

"Então porque estás com ar envergonhado?"

"Porque o pai me apanhou com ela", retorquiu com um leve tremor do corpo, como se o sucedido naquele instante fosse demasiado penoso para ser discutido. "Mas o que estávamos a fazer não era mal nenhum. Tratava-se de uma coisa entre mim e ela, feita de livre vontade. Em que é que isso prejudica quem quer que seja?"

"Achas que não foi nada de mal? Aqui em nossa casa? Com a empregada? Como pensas que eu e a tua mãe nos sentimos?"

José voltou a estremecer, assaltado pela memória do embaraço que vivera naquele momento de suprema humilhação, e encolheu-se ainda mais na cadeira.

"Se calhar devia ter tido mais cuidado, admito-o. Insisto, no entanto, que não quis prejudicar ninguém. Posso ter sido descuidado, mas não fiz por mal. Além do mais, o que faço com o meu tempo livre é comigo e não tem relação com as outras coisas."

"Achas que não?"

"Claro que não." O pai tamborilou pensativamente os dedos na secretária, como se acariciasse as teclas de um piano invisível para lhe arrancar as notas que lhe soavam em pensamento.

"Diz-me, Zé: o que é ser uma pessoa boa?"

O filho pestanejou, tentando coordenar os pensamentos e entender o verdadeiro alcance da questão. Maria Imaculada havia sido sumariamente despedida e esperava que também a ele lhe fosse aplicada uma sanção, mas aquela pergunta não parecia encaminhá-lo nesse sentido. Concluiu que talvez o melhor fosse deixar-se guiar pelo pai.

"É alguém que pratica o bem, suponho."

"Sim, mas o que é o bem?"

Onde quereria o pai chegar?, interrogou-se. Intuiu que as perguntas levavam uma direcção, mas como não a conseguia descortinar com rigor preferiu jogar pelo seguro e manter-se à defesa.

"É... é ajudar os outros, é ser honesto...", titubeou, as palavras a faltarem-lhe. "Enfim, é... é uma série de coisas."

O rosto do capitão abriu-se num sorriso surpreendentemente suave e amigável, mas sempre a evitar a condescendência.

"Todos nós conseguimos reconhecer o bem com facilidade", observou. "Mas já viste como é difícil defini-lo? O que é o bem? E incrível como um conceito tão simples se revela tão difícil de expressar, não é?"

"Bem... sim."

O pai olhou em redor e fixou a atenção numa fotografia pousada no canto da secretária, perpetuando a imagem granulada de um homem de bigodes e ar austero e de uma mulher com expressão serena e o cabelo apanhado sobre a nuca.

"Estás a ver esta fotografia antiga dos meus pais? O que tem ela de comum com... com..." Apontou para um livro com a capa desbotada que se encontrava na estante ao lado da porta. "Com este livro antigo? A resposta é: são ambos antigos." Indicou o soalho e depois a sua própria secretária. "O que têm de comum o chão de madeira e esta mesa de madeira? A resposta é: são ambos de madeira." Inclinou-se para a frente, sinalizando assim a importância da pergunta seguinte. "E o que têm de comum um bom livro, um bom sapato, um bom vinho e uma boa pessoa?"

Deixou a pergunta marinar na mente do filho.

"São todos bons, acho eu", devolveu José.

"Sim, mas o que é isso de serem bons? São bons da mesma maneira que o chão e a mesa são de madeira?"

"Bem... não."

"Claro que não. A dificuldade em definir o que é uma coisa boa é enorme. O que é uma coisa boa? O que é o bem? O que é o mal? Como sabemos que uma coisa está certa e outra está errada? Por que razão mentir é errado? E é sempre errado, em todas as circunstâncias? E tu andares a... a ter contactos carnis? É errado? Se não é errado, isso quer dizer que está bem? Quem define o certo e o errado?"

As perguntas foram metralhadas em catadupa, cada uma tão insolucionável quanto a outra, todas tão simples e tão estranhamente complexas que José teve dificuldade em decidir a qual deveria responder primeiro, e duvidou mesmo que houvesse respostas a dar. Sentiu uma súbita vontade de conhecer depressa a sua punição e sair dali, mas conteve-se. Se o pai lhe falava assim, lá teria as suas razões. Matutou por momentos nas perguntas que lhe foram feitas.

"Talvez seja Deus", arriscou. "Só Ele pode definir o que é o bem e o mal."

Ao escutar a referência a Deus, o pai sorriu com um toque de amargura a manchar-lhe a expressão.

"Isso é o que diria a tua mãe!...", observou. "Há muita gente, como por exemplo ela, que acredita que a moral tem origem em Deus. Não foi o Senhor que nos deu os dez mandamentos? O que são os mandamentos senão regras de boa conduta? Não matarás, não roubarás, não cobiçarás a mulher do próximo... Quem negará que estas ordens apontam o caminho do bem? Uma pessoa que não mate, que não roube, que não engane, que ajude o próximo, que defenda os oprimidos é de certo uma pessoa boa. Ser bom é então comportar-se de acordo com os mandamentos de Deus. Ser mau é actuar de forma contrária a essas ordens. Assim sendo, dirias que o teu comportamento com essa rapariga foi correcto?"

Então era ali que o pai queria chegar, pensou José. Na verdade nunca tivera dúvidas sobre isso. Não fora afinal por causa do incidente da noite anterior que para ali havia sido chamado? Mas o pai era sábio, percebeu. Em vez de usar a força bruta, confrontava-o com os seus actos.

"Incorrecto não foi", argumentou, disposto a dar luta. "Não matei ninguém, não roubei, não cobicei a mulher de outro..."

"Olha que um dos dez mandamentos de Deus é não pecar contra a castidade", lembrou o capitão.

"Mas, mesmo aceitando que não pecaste contra a castidade, porque se calhar já nem eras casto, e ela também não, achas que o teu comportamento foi correcto?"

O filho respirou fundo, incapaz de responder directamente à pergunta. Apesar de o mandamento mencionado pelo pai existir realmente, sentia que não havia sido incorrecto. Mas seria isso sinónimo de que tinha sido correcto?

"Se Deus me fez com desejo de mulheres é decerto porque quis que eu desejasse as mulheres", retorquiu, contornando de novo a questão. "Aceito que tenha desobedecido a uma convenção social, mais

nada."

"É interessante que não consigas dizer explicitamente que o teu comportamento ali no quarto foi correcto", notou o pai. "O que mostra que a moral de Deus está em ti. De qualquer modo, é verdade que há pessoas que nem acreditam em Deus e, no entanto, são boas e correctas. Isso prova que a moral está para além de Deus. Mas, se a noção de bem e de mal não vem de Deus, vem de onde?"

Era uma boa observação e deixou José pensativo. O pai tentava mostrar-lhe que se comportara de forma indigna, mas disso não tinha ele a certeza.

"Não acha que isto é tudo um pouco relativo?"

"Claro que é relativo", concordou o pai, levantando o dedo para acrescentar mais um adjectivo.

"A moral é relativa e subjectiva. Se eu matar uma galinha para comer, isso é bom para mim e mau para a galinha. Ou seja, uma coisa pode ser boa e má ao mesmo tempo de um ponto de vista relativo." Apontou para o livro que se encontrava na estante e que mencionara minutos antes. "Por outro lado, eu posso achar que aquele livro é muito bom e tu que ele é muito mau. Isto é outra maneira de uma coisa ser boa e má ao mesmo tempo, embora aqui de um ponto de vista subjectivo. Portanto, o conceito de bom e de mau é ao mesmo tempo relativo e subjectivo."

"Isso mostra que não há um bem absoluto."

"Não necessariamente", corrigiu o capitão. "O facto de a moral poder em certas circunstâncias ser relativa e subjectiva não quer dizer que seja arbitrária. Há uma certa universalidade em determinados preceitos. Não matarás, por exemplo. Este mandamento divino pode ser encontrado em todas as culturas, mesmo nas mais pagãs. O assassinio é errado na nossa cultura cristã, mas também na cultura de uma tribo de índios da Amazónia ou entre os bosquímanos da África do Sul. O mesmo se passa com a proibição de fornicar."

A referência implícita ao sucedido na noite anterior envergonhou José, que baixou a cabeça. Passou a mão pelo cabelo e coçou a nuca, como se isso o ajudasse a limpar-se.

"O pai acha que estou possuído pelo mal?"

"Não tenho respostas finais para o problema do bem e do mal", disse o capitão, sorrindo com a pergunta. "A única coisa que te posso dizer é que te deves guiar pela consciência. Não te quero julgar pelo que aconteceu ontem à noite ali no quarto nem tenho a certeza de que tenhas realmente feito algo de mal. Quero apenas explicar-te que, ao longo da tua existência, espero que sejas uma pessoa boa. Na vida vais decerto encontrar situações difíceis e dilemas dolorosos. Nem sempre a solução mais fácil é a melhor. Por vezes temos de escolher entre um mal que nos facilita a vida e um bem que nos dificulta tudo. Escolhe sempre o bem."

"Mesmo que isso me prejudique?"

O capitão Mário Branco apoiou os cotovelos na mesa e juntou as palmas das mãos, colando os lábios às pontas dos dedos numa pose judiciosa, como um juiz a ponderar uma sentença.

"Se o bem fosse fácil, meu filho, só haveria homens bons."

A frase foi proclamada num certo tom final, como se aquilo fosse tudo o que o pai tinha para lhe dizer sobre o assunto, e José depreendeu que lhe havia sido dada a deixa para se retirar e quase suspirou de alívio. Não tinha sofrido nenhum castigo, mas o pai pusera-o a pensar. Empurrou a cadeira para trás e fez tentativas de se levantar.

"Se me dá licença, pai, eu ia então..."

O capitão endireitou-se com um movimento rápido.

"Onde vais?"

O rapaz imobilizou-se, percebendo que talvez se tivesse precipitado.

"Bem, eu... enfim, ia a... a..."

"Senta-te."

José voltou ao seu lugar e ficou a ver o pai desdobrar uma folha de papel que extraíra de um envelope. O capitão passou os olhos pelo conteúdo da folha e torceu a boca de uma forma característica, como fazia sempre que se sentia desagradado com algo. Que mais viria aí? Um castigo? Teria toda aquela conversa sobre o bem e a necessidade de tomar as decisões certas sido apenas um prelúdio a algo de bem pior? A mente do rapaz encheu-se de possibilidades terríveis enquanto o pai não abria o jogo.

O capitão Branco suspirou, como se se preparasse para ir enfim directo ao assunto, e estendeu-lhe o papel.

"Estás a ver isto?"

Com as mãos quase a tremer, o filho pegou na folha e leu as primeiras linhas.

"São as minhas notas!..."

"E não são bonitas", atalhou o pai. "Foste varrido a dez e onze, com um oito a Francês."

"Mas tenho dois dezoitos..."

"Ora, a Música e a Desenho! Não tenho nada contra as artes, mas que eu saiba neste país ninguém vive delas." Voltou a suspirar, como se se sentisse impotente. "O que vamos fazer de ti, rapaz?"

"Não se preocupe que eu cá me desenrasco."

"Antes fosse assim. Mas a vida não é uma paródia e o mundo é um sítio difícil." Exalou um suspiro longo e resignado. "Estive a falar com o doutor Matias, lá do banco, e ele disse-me que estava justamente à procura de alguém que o ajudasse ao balcão. Penso que é uma excelente oportunidade para..."

"O pai quer trancar-me num banco?", cortou José.

O capitão Branco não estava habituado a ver um filho interrompê-lo quando falava, mas condescendeu. Considerando a importância e a delicadeza do assunto, era natural que o rapaz se sentisse nervoso.

"Olha-me para essas notas, Zé", sugeriu, indicando a folha de papel. "Não vais a lado nenhum com classificações destas."

"Mas para um balcão não quero ir."

"Então vais para onde? Que queres tu fazer?"

O filho fitou por momentos a chama azulada que dançava no topo do candeeiro a petróleo, como se estivesse hipnotizado e o baile do lume bruxuleante encerrasse o oráculo do futuro, embora fosse por uma promessa do passado que a sua mente deambulava - a promessa que um dia fizera à sua amiga do cabelo aos canudos quando soube que o pai lhe tinha morrido porque não havia um médico na zona de África para onde fora.

"Quero tirar Medicina."

A afirmação pareceu tão extraordinária que o pai se engasgou e foi assaltado por um ataque de tosse repentino. Levou alguns segundos a recuperar a compostura.

"Deves estar a brincar", disse quando recobrou o fôlego.

"Tu? Médico?"

"Sim."

"Mas tens a noção do trabalho e do nível de exigência que envolve o curso de Medicina?" Voltou a indicar a folha com as classificações. "Se no liceu já é esta... esta desgraça, imagina o que seriam as tuas notas a Medicina! Nem pensar! Seria uma pura perda de tempo e de dinheiro!"

"Mas o pai não quer que eu seja uma boa pessoa e dê uma direcção produtiva à minha vida?"

O capitão hesitou ao ver posta assim a questão, sobretudo à luz de tudo o que havia dito desde o início da conversa.

"Quero, claro."

José dobrou cuidadosamente a folha e estendeu-a na direcção do pai, a face a irradiar um sorriso luminoso e confiante.

"Então deixe-me inscrever em Medicina", exclamou. "Prometo-lhe que serei um homem bom."

Os nove estudantes acercaram-se da cama onde o lençol escondia o corpo debilitado do paciente, um velho de rosto ossudo e olhar macilento. Toda a enfermaria exalava um odor característico a éter, mas apesar disso mantinha um certo ar alegre, talvez devido ao sol que invadia as grandes janelas e espalhava pelo chão geometrias luminosas, quadrados de luz que se recortavam como um gigantesco tabuleiro de xadrez.

O professor aproximou-se do paciente com movimentos titubeantes e os estudantes abafaram risadinhas antecipadas.

"Coitado do velho", alvitrou alguém ao ouvido de José. "Acho que não vai entender patavina!..."

O "velho" era o doente que se preparava para enfrentar o professor Ribeiro, cujas aulas de Neurologia e Infecto-Contagiosas eram famosas na Faculdade de Medicina pela dificuldade com que o docente se exprimia, sempre em busca de palavras que lhe escapavam e substituindo-as amiúde por gestos de impotência.

Como a confirmar a expectativa de que se seguiria um diálogo absurdo ao nível da pantomina das aulas, o professor encheu o peito de ar para falar mas só lhe saiu um grunhido, acompanhado por um movimento inconsequente dos braços, e logo algumas risadinhas, antes abafadas, se tornaram audíveis. Ignorando o burburinho, o professor Ribeiro voltou à carga e após um novo esforço lá saiu a pergunta.

"De que se queixa?"

Novas risadinhas; tanto esforço para soltar pergunta tão simples era de facto cómico.

"Ó sô'tor", disse o paciente num cerrado sotaque portuense, "fico à rasca p'ra mijar, carago."

As risadinhas tornaram-se gargalhadas, cortadas pelo olhar fulminante do professor. Os alunos reprimiram o riso e o docente voltou a concentrar-se no velho.

"Tem dores nas costas?"

"Ai, teinho teinho, sô'tor. É uma arreliaçon. Às bezes até me cust'a andar, c'um caneco. Ainda ontem beio cá a minha Graziela, 'tadinha, traz-me sempre o farnel, é uma santa aquela mouça, e um pito 'inda por cima, e atão ela biu-me assim com'um tihoso e disse: ó home, bê s'andas como gente, canudo, pareces o estafermo d'um marreco!"

O professor encarou o grupo de alunos.

"Diagnóstico?"

Os esgares divertidos morreram e os olhares dos estudantes pareceram ficar desfocados. José ainda considerou a possibilidade de inventar uma infecção na bexiga, afinal estavam numa aula prática de Neurologia e Infecto-Contagiosas, mas não vislumbrou qualquer relação entre a bexiga e as dores nas costas e, prudente, optou por permanecer calado.

O professor fez um novo gesto grandiloquente, encetando novos esforços para falar, mas nada saiu da sua boca além de uns quantos sons incompreensíveis. Dessa vez, porém, ninguém se riu. Todos queriam saber como se poderia extrair um diagnóstico válido apenas daqueles dois sintomas.

"Este homem", conseguiu por fim o docente balbuciar, "tem um carcinoma da próstata com metástases na coluna."

O diagnóstico deixou toda a gente embasbacada. Como se poderia saber tal coisa a partir de tão poucos elementos? O professor fez notar, com visível dificuldade em pronunciar as palavras certas, que a idade do paciente era um elemento decisivo na sua análise, mas mesmo assim permaneceram os olhares cépticos.

Chamou-se então a enfermeira para que ela mostrasse as radiografias e explicasse o quadro clínico do paciente. Para surpresa geral, ela acabou por confirmar a conclusão preliminar.

"O gajo pode ser um tonho a falar", observou José com um sorriso de admiração, "mas o diabo do homem tem um olho danado para os diagnósticos."

A vida de estudante no Porto, marcada por uma liberdade que embriagou José, ampliou-lhe a visão do mundo para horizontes que não sabia existirem. Longe do ambiente provinciano de Penafiel e dos olhares sempre vigilantes da família, o novo aluno de Medicina sentia-se na grande cidade um pássaro selvagem, as asas livres para cruzar a seu bel-prazer o imenso espaço azul da independência.

Por especial insistência da mãe, que se informara junto do pároco do Sameiro sobre o local mais recomendável para acolher o seu menino, instalou-se na Juventude Universitária Católica, uma residência de estudantes em plena Rua de Cedofeita. Todas as manhãs, quando a luz despontava no limiar dos telhados e a cidade despertava para um novo dia, José vestia invariavelmente a capa e batina negras e abalava para a faculdade, situada para os lados do Hospital de Santo António.

O primeiro ano do curso foi passado em grandes anfiteatros apinhados com mais de uma centena de alunos e onde decorriam as aulas, que não se revelaram muito do seu agrado; eram só conversa e teoria. Depois veio o horror dos cadáveres no teatro anatómico e as brincadeiras macabras dos estudantes mais experientes com os caloiros; a José chegaram a esconder uma mão decepada na mala. O curso não era bem o que idealizara, o que contribuiu para semear nele as primeiras dúvidas. Estaria de facto talhado para médico?

Quando no segundo ano o professor de Neurologia e Infecto- Contagiosas os levou para as primeiras aulas práticas nas enfermarias do Santo António, porém, as coisas mudaram. A medicina deixou de ser um arrazoado de palavrões incompreensíveis e de esquemas que tinha de decorar e adquiriu de repente um rosto humano. O velho que o professor Ribeiro havia interpelado naquela primeira aula prática, por exemplo, tornara viva a imensa abstracção a que na sua mente até então se reduziam os carcinomas.

"O segredo da medicina", proclamou o docente no seu característico discurso vacilante, "está no diagnóstico."

A profissão que tinha escolhido, apercebeu-se José nessas aulas práticas, não se limitava a um desfile de nomes estranhos que era forçado a empinar; revelava-se um verdadeiro trabalho detectivesco, com o aluno, ou o médico, a procurar nos sintomas dos pacientes pistas que lhe permitissem desvendar os mistérios do corpo humano. Haveria trabalho mais apaixonante?

Das cadeiras teóricas, apenas Deontologia Médica lhe interessou. O essencial da matéria incidia na ética enunciada por Hipócrates na Grécia antiga e reproduzida com grande fulgor teatral pelo professor Pina num anfiteatro enxameado de alunos semi-adormecidos.

"Por Apolo, médico, por Asclépio, Hígia e Panaceia e por todos os deuses e deusas, a quem conclamo minhas testemunhas", proclamou o docente de Deontologia Médica a abrir a primeira aula da disciplina, "juro cumprir, segundo meu poder e minha razão, a promessa que se segue."

A promessa constante nas palavras iniciais do juramento de Hipócrates foi escarpada ao longo de todo o semestre, e em particular os deveres de cada médico de jamais recusar ajuda a alguém, estar sempre disponível para ir em socorro de um necessitado fosse qual fosse o local ou a hora do dia ou da noite, nunca fazer mal ao doente, não lhe dar medicamentos que o prejudicassem mesmo que ele os pedisse e até a preocupação de cobrar honorários tendo sempre em atenção as possibilidades económicas dos pacientes.

"A história da ética é, de certo modo, uma busca incessante de resposta a perguntas sobre o bem", explicou o professor Pina. "O que é o bem? O que é uma pessoa boa? A ética dá-nos referências que nos

orientam e dá-nos força que nos permite enfrentar dilemas e trabalhar para o bem comum. Aristóteles dizia que uma coisa é boa quando atinge o objectivo a que se destina. Se um livro é escrito para ser interessante e se as pessoas que o lerem o acharem interessante, então o livro é bom. Se uma pessoa quiser ajudar outra e a outra beneficiar desse acto, então podemos dizer que essa pessoa é boa. Mas, atenção, esta definição de Aristóteles levanta alguns problemas. Olhem, por exemplo, para as notícias que apareceram nos jornais e na telefonia sobre a matança dos judeus pelos Alemães. Um alemão tem intenção de matar muitos judeus e mata-os com eficiência, o que leva a que a sua acção atinja o objectivo. Isso faz dele uma boa pessoa e do seu acto um bom acto?"

Para a maior parte dos estudantes a disciplina não passava de uma espécie de aula de moral, bem-intencionada mas risivelmente condescendente e paternalista, quase como se estivessem de regresso aos bancos da catequese. A excepção era José. O aluno de Penafiel sentia-se fascinado por estes temas, talvez por eles entroncarem nas conversas que ao longo de muitos anos mantivera com o pai sobre o que era o bem e o mal. Pareceu-lhe, aliás, que a questão do bem, embora de certo modo sempre presente nessas aulas como um espectro que tudo envolvia mas não se materializava, nunca foi frontalmente encarada pelo professor, como se o pudor o reprimisse.

A inquietação quanto a este tema era água que fervilhava nas entranhas de José, até ao dia, já perto do final do semestre, em que a pressão da curiosidade apertou e se tornou insuportável. Quis então questionar o professor a esse propósito a meio da aula, mas sentiu-se intimidado com a forma jocosa como os colegas lidavam com a matéria e optou por uma abordagem mais discreta.

Quando o docente deu essa lição por concluída e a turma dispersou, José foi no encalço do professor Pina e, já ao abrigo dos olhares indiscretos, interpelou-o à entrada do seu gabinete, questionando-o sobre os motivos pelos quais falava sempre em ética mas nunca no bem.

"A deontologia está directamente relacionada com a prática do bem", observou o docente enquanto inseria a chave na fechadura. "Repara, as regras que eu enuncio nas aulas não se destinam a manter-nos a nós, médicos, livres de sarilhos. Pelo contrário, podem até meter-nos neles." Abriu a porta, mas voltou-se para trás e encarou o estudante, exibindo o punho fechado. "A ética destina-se a mostrar-nos um caminho recto e a dar-nos força para o seguir, custe o que custar. A ética cria força interior, cria força nas relações entre as pessoas e cria força nas comunidades. Uma pessoa ética é uma pessoa que tem força e uma comunidade ética é uma comunidade que tem força."

"Professor", argumentou José, "Hitler tinha força, mas não me parece que fosse uma pessoa lá muito ética..."

"Estou a falar de força moral", explicou, entrando por fim no gabinete. "Anda cá, rapaz." Fez-lhe sinal de que o seguisse e apontou para uma cadeira diante de uma secretária. "Ora senta-te aí!" Ele próprio deixou-se cair na cadeira do outro lado da secretária, as costas voltadas para uma janela suja. "Estás bem instalado?"

"Sim."

"Ora bem", bufou, claramente entusiasmado por encontrar enfim um estudante que mostrava pela matéria o mesmo interesse apaixonado que ele. "O espírito humano procura sobretudo três coisas na vida: verdade, beleza e bondade. É como se não pudéssemos viver sem elas, como se cada uma fizesse parte integrante do nosso ser. Mas quando tentamos definir estes três elementos centrais da nossa espiritualidade as palavras falham-nos. O que é a verdade? O que é a beleza? O que é a bondade?"

O aluno franziu o sobrolho, o olhar carregado de cepticismo.

"O senhor professor não consegue definir a verdade?"

"Tu consegues?"

"Bem, verdade é... é dizer uma coisa que corresponde a realidade, acho eu."

"O que nos remete para o problema da realidade", apressou-se o professor a dizer. "Diz-me, a que espécie pertences tu no reino animal? És um insecto, um gato, um homem... és o quê?"

José riu-se.

"Que eu saiba, sou um homem."

"Ai sim? Imagina então que acordas amanhã e descobres que afinal és um gato que estava a sonhar que era um homem. Quantas vezes não nos acontece, enquanto sonhamos, acreditarmos piamente que o sonho é a realidade? E quem nos garante que não estás agora a sonhar?"

A pergunta intrigou o estudante.

"Quer dizer... acho que não estou." Apercebeu-se de que não tinha parecido suficientemente convicto e corrigiu: "Aliás, tenho a certeza."

"A certeza que tens agora é, presumo eu, a mesma certeza que tens de que, quando estás a sonhar, o sonho é a realidade. Vá lá, sê sincero..."

"Bem...", atrapalhou-se o aluno, "sim, é verdade."

"Então não conseguimos definir a verdade, pois não? Verdade é o que corresponde à realidade. Mas qual realidade?" Fez uma pausa, para deixar a ideia assentar. "O mesmo se passa com a beleza ou com a bondade." Virou-se para trás e indicou uma árvore para lá da janela. "Estás a ver aquele castanheiro? De que cor são as folhas da copa?"

"São verdes."

"Agora imagina que eu sou cego de nascença e tenta explicar-me o que é o verde."

O estudante passou as mãos pelo cabelo, tentando coordenar os pensamentos.

"Quer dizer... o verde é... enfim, não sei bem como explicar..."

"Exacto!", exclamou o professor, quase a saltar na cadeira. "O verde é uma propriedade elementar, mas é impossível de explicar a quem nunca o viu. O mesmo se passa com o calor... ou com a bondade." Fez um gesto largo, englobando todo o seu gabinete. "Há certas coisas na vida que, apesar de existirem, não é possível enclausurar ou exprimir em palavras. São, se quiseres, propriedades intuitivas. Existem, apesar de não podermos descrevê-las com rigor. A sua definição exacta escapa-se-nos e, quando tentamos formulá-la, nunca é pela positiva, mas pela negativa."

José sacudiu a cabeça, sem entender.

"Pela negativa? Que quer dizer com isso?"

O professor Pina apontou-lhe o dedo, à maneira de um acusador na barra do tribunal.

"Não matarás!", ditou, como se ele próprio detivesse as tábuas da lei. "Não roubarás! Não cobiçarás! Não isto e não aquilo!" Abriu os braços, no gesto de que a demonstração estava feita. "É tudo pela negativa, estás a ver?"

"Então não há uma definição positiva para a bondade..."

"A bondade existe, todos sabemos o que é, mas, tal como quando falamos da verdade ou da beleza, não conseguimos captar por palavras a sua essência." Fez com as mãos um movimento vago no ar. "Aristóteles dizia que todos os seres humanos buscam a felicidade. Eu diria que a bondade é o esforço que cada um de nós faz para que todos alcancem a felicidade."

"É a sua definição?"

O professor Pina encolheu os ombros.

"Pode não ser perfeita, mas é a minha", assentiu. "Claro que depois se cria o problema de definir a felicidade, não é? E lá voltamos ao ponto de partida."

"Então não há definições satisfatórias."

"Pois não." Hesitou. "Quer dizer, existe uma outra que também acho curiosa. Não é directa, mas roça a verdade. Queres ouvi-la?"

"Quero pois."

O docente de Deontologia Médica girou na cadeira e contemplou pela janela os estudantes que lá em baixo deambulavam entre as árvores no seu vaivém incansável, como se a simples imagem da faculdade a palpitar de vida fosse por si só uma inspiração.

"Um homem bom gosta das pessoas e usa as coisas", enunciou. "Um homem mau gosta das coisas e usa as pessoas."

Depressa se percebeu que o jovem José Branco gostava de pessoas; era brincalhão e bem-disposto com os colegas, sempre pronto para a farra, mas não havia dúvida de que as suas preferências iam para as criaturas do sexo oposto.

Apesar de os rapazes estarem albergados na residência da Juventude Universitária Católica, o tema de conversa nos tempos livres era, a qualquer hora do dia, "as gajas". Cada um tinha a sua favorita, normalmente uma qualquer paixão platónica alimentada nos corredores da faculdade, mas isso não os inibia de estabelecer comparações entre esta e aquela, sempre com abundantes referências aos seus louváveis "atributos", sendo que por esta palavra, e apesar de se tratar de estudantes de uma residência católica, ninguém se referia propriamente aos predicados espirituais das moças.

Com o tempo José foi ganhando a noção clara de que lhe faltava alguma coisa. Tanto assim foi que se pôs à procura de rapariga para uma relação mais séria; o problema era saber onde encontrá-la.

Apercebeu-se de que a solução poderia estar no seu talento para as artes. A meio do primeiro ano inscrevera-se no Orfeão, onde brilhava a dedilhar a sua guitarra ou a arrancar notas de um piano. Sem nunca largar a capa e a batina, que começavam a ficar roçadas de tanto uso, passou também a escrever textos humorísticos para várias revistas universitárias. Tanta e tão notável actividade artística granjeou-lhe alguma notoriedade e inevitável popularidade entre as estudantes.

Alinhavou várias candidatas e a sua escolha acabou por recair numa morena escultural que também frequentava Medicina, embora um ano atrasada em relação a ele, e com quem se cruzava muitas vezes nos corredores da faculdade. Inquiriu a identidade e disseram-lhe que se chamava Juliana.

Conheceu-a na Confeitaria Suave, em plena Cedofeita, que ela frequentava para se alambazar com uns pastéis enquanto estudava. Com a eficiência de um caçador a estudar as rotinas, depressa começou por lhe identificar os hábitos.

Certa tarde, e quando considerou completa a fase de estudo, passou à acção e montou-lhe uma espera na confeitaria. Ela apareceu à hora habitual e sentou-se no lugar costumeiro, perto do balcão. José aguardou que o estabelecimento se enchesse. No momento que considerou propício, foi ter com ela e, a pretexto de não haver mais lugares disponíveis, pediu-lhe licença para se sentar. Apanhada de surpresa, Juliana acedeu.

Foi uma tarde agradável. O rapaz disse umas graçolas, ela achou piada, José "descobriu" que ambos estudavam Medicina, observou que o estudo em conjunto era mais eficaz e, quase no mesmo fôlego, convenceu-a a ir ao cinema. Os encontros na Confeitaria Suave tornaram-se assim uma rotina, e as idas ao cinema também, de tal modo que, à terceira vez, e tirando partido oportuno do adequado ambiente romântico criado pela trama emocionante da fita, um melodrama delicado com Audrey Hepburn e Gregory Peck, arrancou-lhe o primeiro beijo na escuridão.

Tornaram-se oficialmente namorados. O que José não sabia é que a coisa seria de curta duração, como uma etapa que se cumpre a caminho de um outro destino. O ambiente dentro da Confeitaria Suave era nesse dia abafado, quase asfixiante, e Juliana sentiu que já não aguentava mais. A rapariga acordara maldisposta, devido aos rigores próprios das mulheres na sua altura do mês, e a atmosfera carregada no interior da pastelaria, onde o tabaco se desfizera numa neblina prateada, ténue mas baça, agravara-lhe a

indisposição.

"Zé, vamos embora."

O namorado lia um O Primeiro de Janeiro emprestado pela mesa do lado e queria ficar mais um pouco, mas apercebeu-se da palidez da rapariga e nem discutiu. Largou um tostão sobre o balcão para pagar o café que haviam partilhado, devolveu o jornal e fez sinal para saírem.

O ar na rua pareceu-lhes fresco e revigorante, enchendo-os de renovada energia, e apeteceu-lhes um passeio para namoriscar as lojas. A tarde adormecia cinzenta, embalada pela luminosidade metálica que o céu de cobre projectava nas fachadas e pelas nuvens carregadas que deslizavam baixas, tingindo de sombras a rua mais comercial da cidade.

A Cedofeita fervilhava de gente que acabara de almoçar e seguia nesse momento para os empregos, mas mesmo assim uma importante parte dos transeuntes eram clientes que haviam aproveitado a tarde tristonha para espreitar as concorridas boutiques da Baixa do Porto. As vitrinas exibiam as primeiras novidades desse Outono de 1955, inspiradas directamente nos modelos que faziam a moda em Paris, ou promoviam ainda os saldos das roupas que haviam sobrado do Verão.

Juliana seguia de mão dada com o namorado, distraída a contemplar as vitrinas, quando uma voz interpelou o par.

"Às compras?"

Os dois olharam e viram um rosto conhecido dirigir-se-lhes em plena Cedofeita.

"Ludovina!"

Tratava-se de uma das raparigas do Orfeão e vinha acompanhada por uma amiga. Com um gesto casual, José desviou os olhos para a amiga e ela olhou-o também. Estreitou as pálpebras, perturbado. A acompanhante de Ludovina era uma rapariga alta, de cabelo castanho liso e um olhar provocador por detrás de uns óculos de aros pontiagudos que, enquadrando uns olhos verdes líquidos, lhe concediam uma beleza inesperadamente sofisticada, como a das mulheres inalcançáveis.

Não se lembrava de alguma vez a ter visto, embora se apercebesse de que havia algo de estranhamente familiar naquele rosto; ou a conhecia de algum sítio ou ela fazia-lhe lembrar alguém. Tentou situá-la, procurando contextualizar-lhe a face em ambientes diferentes, mas a identificação escapava-lhe, como uma palavra que se busca e nunca se alcança. Desviou o olhar e aquele rosto delicado ficou a brilhar-lhe na retina, parecia o clarão do Sol que ainda nos encandeia depois de o termos mirado por um breve momento.

"Vimos ali atrás um vestido que era um encanto", observou Ludovina, indicando uma loja no outro lado do passeio. "Mas e o preço? Ui, um horror!"

"Ah, já se sabe como é", concordou Juliana. "Bom e barato não há!"

José esforçava-se por manter a atenção presa em Ludovina, mas a imagem da face da amiga era já um fantasma que se recusava a desaparecer e ele voltou a desviar os olhos na direcção dela, como se a rapariga fosse um poderoso magneto, e tentou freneticamente situá-la nos arquivos da mente. A sensação de que a conhecia não o largava.

Ludovina apercebeu-se desse olhar inquieto e voltou-se, fazendo sinal à sua acompanhante de que se aproximasse.

"Vocês já conhecem aqui a minha amiga?", perguntou. "É uma colega de Farmácia."

A rapariga sorriu e acenou na direcção do par de namorados.

"Olá!", saudou. "Sou a Mariana. Mas lá em Cabo Verde todos..."

José arregalou os olhos, identificando-a por fim.

"... me coisam por..."

"Mimicas?!"

A rapariga desviou para ele o olhar, observando-o pela primeira vez com atenção, estudando-lhe o rosto quadrado, os grandes olhos castanhos, as sobrancelhas que lhe conferiam uma expressão de mau, à Frank Sinatra, e, como se nesse instante tivesse sido atingida por um relâmpago, reconheceu-o também. "Zé?"

Ficaram ambos um longo momento a fitar-se, incrédulos e quase chocados, a estudar traços e a compará-los com as imagens gravadas na memória, cada um a descortinar no outro a pessoa com quem partilhara tantos passeios dominicais da Igreja do Sameiro até casa.

"Vocês já se conhecem?", admirou-se Ludovina. "Valha-me Deus, Zé! Já me tinham dito que te davas com toda a gente, mas sempre pensei que era maneira de falar..."

José achou a sua velha amiga, na verdade a sua primeira paixão, estranhamente igual e familiarmente diferente da rapariga que numa manhã de domingo se despedira dele à porta de casa com uma lágrima grossa a correr-lhe pela face, talvez a imagem mais clara que dela lhe imprimira a memória. O olhar verde maroto ali permanecia, a pele nívea e os lábios bem desenhados também. Mas o corpo era já o de uma mulher, sinuosa e de busto vasto. Os óculos de aros pontiagudos constituíam igualmente uma novidade e o rosto tornara-se mais doce, parecia uma Elizabeth Taylor. Estendeu o braço e, quase sem consciência do que fazia, tocou-lhe no cabelo e experimentou-lhe a textura.

"Tens o cabelo diferente", observou, quase como se estivesse em transe. "Está mais escuro e já não tens os canudos."

Ela ergueu também a mão e passou-lhe o dedo pelo rosto, como se o desenhasse.

"E tu? Perdeste a inocência..."

Tocavam-se assim em plena Cedofeita, como dois escultores a acariciarem as suas criações, maravilhados pelo seu próprio génio, encantados com a obra que as suas mãos haviam concebido, ambos criadores e criaturas.

"Zé, vamos embora!"

A voz de Juliana transmitia uma urgência que José intuía não ser verdadeira. Que ele soubesse não tinham pressa de ir a lado nenhum, nem na verdade era pressa o que a voz da namorada transmitia. Era medo. Mas medo de quê?, admirou-se. Foi quando deu os primeiros passos para a acompanhar e voltou o rosto para trás para se despedir de Mimicas que tudo ficou enfim claro e percebeu o tremor que sentira na voz de Juliana.

Era medo de Mimicas.

O encontro com a antiga paixoneta de infância despertou em José uma avalanche de lembranças que julgara esquecidas e de emoções que pensara ultrapassadas. Descobriu com espanto que não estavam. Encontravam-se era recalçadas e mal resolvidas. Ao soltar inadvertidamente aqueles demónios até ali escondidos da sua consciência, o reencontro com Mimicas revelou-se um momento de epifania, porque tudo trouxe à tona, e também de magia, como se constatava pelo feitiço que dele se apossara.

"Então, meu caro?"

A interpelação trouxe José do mundo da fantasia para a realidade da aula. Recentrou a atenção e o rosto delicado de Mimicas esfumou-se, dando lugar às barbas do professor Pina, que o fitava com intensidade. "Hã?"

"Estamos no mundo da Lua, ora estamos? Pois faria melhor em regressar aqui à sala!"

Mas era mais forte do que ele. A emoção do reencontro revelou-se demasiado intensa; era como se tivesse embarcado numa viagem inesperada ao passado. Mergulhou num estado de permanente melancolia, em que cada situação se transformava numa oportunidade para se afogar em sentimentos de quase dolorosa nostalgia, como se tudo fosse um pretexto para regressar aos tempos de inocência perdida com Mimicas, quando o mundo era simples e as escolhas claras e o corpo obedecia ao coração e não ao

monstro que lhe enchia as calças.

Acordava com memórias mágicas dos passeios desde a Igreja do Sameiro, estava nas aulas e apenas se lembrava das conversas com a rapariga do cabelo castanho-claro aos canudos, falava com as pessoas e procurava em todos os rostos o olhar malandro e rebelde da amiga de infância.

Ao cabo de alguns dias sem ser capaz de sair desta letargia percebeu que teria de fazer alguma coisa. Ou melhor, uma coisa. Delineou um plano e deu um salto à faculdade de Farmácia para consultar as listas de alunos e os horários das aulas. Já na posse das duas informações de que precisava, e sentindo-se bem melhor desde que passara à acção, deu início à segunda fase do plano.

A emboscada. Uma chuva leve, prenúncio de um Outono mais agreste, descia sobre a cidade naquele fim de tarde sombrio quando Mimicas saiu da faculdade e se cruzou com José no portão.

"Por aqui?", espantou-se ele.

"Isso pergunto eu", riu-se Mimicas. "O que estás a coisar na minha faculdade?"

"Vim procurar uma sebenta farmacêutica para a minha cadeira de Farmacologia. Não sei se sabes, mas os médicos também lidam com medicamentos..."

A rapariga revirou os olhos.

"Não me digas!", ironizou. "A sério?"

José olhou-a com uma expressão pensativa, como se tivesse acabado de lhe ocorrer uma ideia.

"Mas para que quero eu uma sebenta se te tenho a ti? Importas-te de me dar uma ajuda?"

"Eu? Mas vou agora para casa!..."

O rapaz aproximou-se dela e fez um gesto para a rua, convidando-a a seguir caminho.

"Eu acompanho-te", disse. "Se não te importares, claro."

Mimicas encolheu os ombros, como se a sugestão não a incomodasse, e começou a andar.

"Olha que vou a pé e ainda vai ser uma boa caminhada..."

"Ainda bem. Contigo gosto de conversar a caminhar. Estranho seria se fosse de outra maneira."

A rapariga sorriu perante a referência implícita aos passeios que ambos davam em Penafiel depois da missa no Sameiro; era um facto que todas as conversas da sua infância haviam decorrido da igreja até casa.

"Portanto", observou ela, "parece que estamos de volta aos bons velhos tempos."

"Ora nem mais!", exclamou ele com evidente agrado por Mimicas nada ter esquecido. "Onde vives?"

"No coiso."

"Onde?"

"Ai... na Boavista."

"Tens lá casa?"

Ela soltou uma gargalhada.

"Uma casa na Boavista? Isso queria eu!" Abanou a cabeça. "Não, estou na Casa das Doroteias. É um lar para raparigas ali no Largo da Paz, mas está-se lá muito bem."

Caminhavam os dois lado a lado, já embrenhados na conversa; falavam e nem se apercebiam por onde andavam, guiados por uma espécie de piloto automático.

"Tens saudades de Cabo Verde?"

"Algumas", confessou ela. "Mas a Europa é outra coisa. O que me encanta aqui na Metrópole são as ruas e as estradas. Ai, são tão boas!" Apontou para a rua. "Olha para isto! Que maravilha de pisos! Lá não se coisam estradas assim. É tudo em terra batida e muito poeirento. Puf, um horror!"

José contemplou o empedrado da rua, típico do Porto e da Região Norte. Nunca lhe ocorrera que alguém pudesse apreciar daquele modo algo tão simples como o piso de uma estrada. Não havia dúvida

de que só se valoriza o que não se tem.

"Porque te matriculaste em Farmácia?", perguntou. "Queres assim tanto ser farmacêutica?"

Ela corou.

"Na verdade queria era ser médica", murmurou em jeito de confissão. "Mas só de imaginar que tinha de coisar num teatro anatómico!... Valha-me Deus! Nunca vi um morto, nem quero ver!" Virou a cara para ele. "E tu? Não te faz impressão?"

José torceu os lábios.

"Nem por isso."

"Nem um bocadinho?"

"Não", disse com uma expressão condescendente, como se lidar com a morte fosse para ele coisa quotidiana. "É um pouco como entrar no talho..."

"Ai que horror!", exclamou Mimicas, tapando a cara com as mãos. "Como é que consegues?"

"É canja."

"Pois eu não sou capaz! Gostava de ser médica, mas nunca conseguiria fazer Anatomia e foi por isso que me matriculei em Farmácia. Ao menos ali não temos de lidar com cadáveres."

"É a única coisa que fazes aqui no Porto? Estudas Farmácia e mais nada?"

"Ora! Já não é pouco! Que mais querias que estudasse?"

"Não digo estudar, mas podes fazer outras coisas. Por exemplo, eu ando no Orfeão. Não gostavas de te inscrever também?"

"Não sei coisar nenhum instrumento."

"Podias cantar..."

A rapariga soltou uma gargalhada.

"Eu? Cantar? Mas não tenho voz nenhuma, Zé. Ia cantar o quê? O fado da esganiçadinha?"

Mimicas entoou umas notas. A voz, habitualmente cristalina, desafinou de imediato e fraquejou por completo quando as notas subiram dois tons, o que fez o amigo rir.

"Está bem, cantar foi uma má ideia", admitiu. "Temos de pensar noutra coisa. Que tal se escreveres? Nós temos agora um jornal humorístico, O Lamiré, e precisamos de textos novos. Como tu és uma pessoa com graça..."

Ela abanou a cabeça.

"Receio não ter jeito nenhum para as artes. Música, escrita, desenho... sou um zero à esquerda. Adoro ler, não perco um coiso da Agatha Christie, mas a minha escrita é uma nódoa."

"É pena..."

"Tu, para compensar, és um verdadeiro artista", lançou-lhe Mimicas num tom jovial. "Mas quer-me cá parecer que o teu verdadeiro talento está nas artes musicais."

"Achas?"

"Claro", exclamou com uma ponta de veneno na voz. "Desde que nos encontrámos que não tens parado de me dar música!"

"Oh! Porque achas isso?"

"Porque vieste ter comigo a dizer que tinhas umas dúvidas de Farmacologia e ainda não me fizeste uma única pergunta sobre o assunto. Afinal que dúvidas são essas?"

Apanhado de surpresa, o amigo enrubesceu e desviou o olhar para um ponto indefinido na rua. Havia pensado em tudo, mas esquecera-se desse pormenor. Que diabo precisava ele de saber para a cadeira de Farmacologia?

"Eu... enfim, fica para a próxima vez, está bem?"

O olhar dela tornou-se ainda mais provocador que o habitual.

"Primeiro vais procurar a tal sebenta?"

"É isso."

A pressa e o alívio evidente com que José agarrou a deixa arrancaram a Mimicas um novo sorriso.

"Não há dúvida", murmurou a rapariga, falando mais para ela própria que para o amigo. "és um músico".

Uma nova rotina instalou-se na vida de José. Quando as aulas acabavam, Mimicas saía da faculdade e, com a pontualidade que decerto herdara do pai, o rapaz cruzava-se "por coincidência" com ela e cumprimentava-a com um sorriso "surpreendido".

"Olá!", dizia invariavelmente. "Por aqui?"

A farsa tornou-se divertida. Se Mimicas vinha acompanhada por uma ou duas colegas, José seguia em frente e desaparecia ao fundo da rua, alheio às risadinhas das raparigas. Mas se por acaso saía sozinha, ao cumprimento seguia-se uma frase que se tornou ritual nessas circunstâncias.

"Oh, não me digas que estás abandonada! Não te apoquentes, eu faço-te companhia até às Doroteias."

Foi como se os passeios dominicais em Penafiel tivessem sido retomados, agora numa outra cidade, com um itinerário novo e um pretexto diverso. O facto é que os giros dos dois da faculdade até à Praça da Paz, onde se situava o lar, eram sempre animados. Nunca lhes faltava tema e, embora fossem pessoas diferentes, pareciam partilhar interesses e um olhar bem-humorado sobre a vida. As conversas abordavam os mais variados assuntos, mas curiosamente, ou talvez não, a matéria constante em Farmacologia nunca foi um deles.

Ao fim de duas semanas, e numa altura em que já nem sequer fingia que a encontrava por mero acaso à saída das aulas, José achou que o terreno estava suficientemente sólido para dar o passo seguinte. Num dos passeios subsequentes, e quando caminhavam lado a lado já perto da Boavista, encostou a mão à dela. Mimicas não reagiu. Encorajado, fez novo encosto uns passos mais adiante e dessa vez tentou enlaçar-lhe os dedos. A rapariga retirou de imediato a mão, mas teve o cuidado de não mencionar o assunto, como se tudo fosse comunicado sem nada ser dito. Ele percebeu que teria de ser mais paciente e refreou a primeira ofensiva.

Os acontecimentos, todavia, em breve se precipitaram. Num dos passeios a meio da semana seguinte cruzaram-se com Ludovina à saída da faculdade. Trocaram sorrisos e cortesias, mas a amiga, embora mantendo um trato polido, lançou-lhes um olhar desconfiado.

Três dias depois, e num outro ponto do itinerário, voltaram a dar de caras com a mesma Ludovina e dessa vez mal conseguiram ocultar o embaraço por se verem de novo apanhados na companhia um do outro em tão pouco tempo.

"Mau, mau", resmungou Mimicas quando se afastaram. "Já não estou a gostar disto."

"É aborrecido", reconheceu o rapaz. "É a segunda vez que a Ludovina nos apanha juntos."

"Isto vai dar falatório. Se calhar é melhor acabares de me coisar à porta da faculdade."

A sugestão quase o indignou.

"Ora essa! Não vejo porquê!..."

"Mas vejo eu!", cortou ela, ainda irritada por terem sido avistados pela amiga. "É melhor pararmos com isto."

Parar era a última coisa que ocorria a José, que quase entrou em pânico ao ouvi-la falar assim. Seria possível que aqueles passeios na sua companhia lhe fossem indiferentes?

"Porquê? Qual é o mal?"

Mimicas deteve-se à esquina e rodou sobre os calcanhares, fitando-o com uma expressão penetrante.

"Porquê? é preciso ter lata!", exclamou num tom inesperadamente acusador, espetando-lhe o indicador com força no peito. "Tu sabes muito bem porquê!..."

"Não, não sei."

"Porque tu tens um problema que precisas de resolver", vociferou Mimicas, elevando a voz quase em protesto por ter de lhe explicar o que a ela parecia óbvio. "E enquanto não o resolveres não vale a pena vires ter comigo, ouviste?"

Deu meia volta e arrancou em passo apressado, deixando assim claro que não desejava ser acompanhada. José ficou plantado a meio do passeio, tentando perceber se havia dito ou feito algo de errado, e abriu os braços num gesto de perplexidade e impotência.

"Mas que problema?"

Ela estacou e olhou para trás.

"O problema a quem davas a mão quando eu e a Ludovina te encontrámos em Cedofeita."

Retomou a marcha e desapareceu ao virar da esquina.

A interrupção daqueles passeios era mais do que José podia suportar. Pela segunda vez na sua vida fora apartado da companhia de Mimicas e a verdade é que se sentia definhar sem ela. Era surpreendente e aterrador, mas percebeu que não podia passar sem a amiga de infância. Chegou a ir esperá-la de novo à porta da faculdade, mas quando ela lhe perguntou se já tinha resolvido "o problema" e ele baixou os olhos a rapariga ignorou-o e seguiu caminho sem lhe prestar mais atenção.

Doeu de tal forma que, ao fim de alguns dias, José chegou à conclusão de que não tinha mais espaço para protelar o que era inevitável. Sentindo-se encostado à parede, reuniu a coragem que habitualmente falta aos homens nos momentos de ruptura e teve com Juliana a conversa a que não havia modo de escapar. Como seria de esperar, a namorada reagiu mal, com lágrimas em abundância e recriminações cuja justeza ele não podia negar, pelo que foi com um sentimento de alívio e alguma culpa que por fim se separou dela e saiu à rua, agora um homem já descomprometido.

Voltou a aguardar Mimicas à saída da faculdade, o espírito leve e a resolução enfim tomada, e logo que a viu, felizmente sozinha, cortou-lhe o caminho.

"Olá", cumprimentou-a. "Queres ir dar um passeio?"

A rapariga lançou-lhe um olhar perscrutador.

"Sabes bem qual é a minha resposta..."

"Vem e não te arrependers."

O ar estranhamente confiante de José convenceu-a. Concordou com um aceno de cabeça e deixou-se guiar por ele até a um autocarro que os levou pelas ruas do Porto até à Foz.

Acolheu-os o murmúrio cavado do mar. As ondas eram fortes nesse dia, fustigando as paredes do passeio e babando-as de espuma fervilhante. Os salpicos de água sucediam-se ao deflagrar apoteótico das ondas e enchiam o ar de um aroma salgado a mar, borbulhante e quase picante, um odor tão intenso que lhes penetrava nas narinas como um perfume exótico.

"Está bravo", observou José. "Tens frio?"

"Um bocadinho..."

O rapaz indicou um café do outro lado da rua.

"Anda ali ao Caravela."

O café estava quase vazio, como seria de esperar àquela hora naquele local, pelo que puderam instalar-se à janela num lugar com vista privilegiada para o mar e pediram dois galões com torradas em pão de forma.

"Tenho uma novidade para te dar", anunciou ele logo que se viram a sós. "Acabei o namoro com a Juliana."

Mimicas soergueu o sobrolho.

"Isso quer dizer o quê?", perguntou com cautela. "Que vais voltar a esperar-me ao fim das aulas e coisar-me até casa?"

O rapaz respirou fundo. Tinha passado a véspera a ensaiar o discurso, mas, como sempre sucedia naquelas ocasiões, de repente a garganta havia-lhe secado, o coração disparara e a memória atraíçoa-o. Nos ensaios as palavras escorriam como mel, parecia que fluíam por um ribeiro gorgulhante e límpido, mas nesse momento, em que chegara a hora da verdade, encravavam e encavalitavam-se umas nas outras, transformando o seu discurso num arrazoado hesitante e trapalhão. O melhor, concluiu, era manter a coisa simples.

"Podia dizer-te o que planeei para esta ocasião", balbuciou, engolindo duas vezes em seco e afastando os olhos, talvez demasiado envergonhado para a fitar. "Que sonhei contigo e que quando acordei descobri que estava apaixonado. Podia dizer-te isso e muito mais, e sempre com palavras bonitas. Mas a verdade é que isso não aconteceu." Neste ponto o discurso tornou-se mais escorreito e o olhar deixou de fugir para se cravar nela. "Ou melhor, não aconteceu agora. A verdade é que foste a minha primeira paixão. Avistei-te um dia na varanda de tua casa e foi como se me tivessem roubado o ar. Não descansei enquanto não te voltei a ver e de cada vez que te via tinha mais e mais vontade de te ver outra vez. E quando partiste foi como se tivessem arrancado uma parte de mim. Não o sabia ainda, mas levaste-me o coração. Partiste para África e, sem que eu mesmo o soubesse, o meu coração partiu contigo." Voltou a engolir em seco. "Sempre tive a consciência de que foste a minha primeira paixão. Mas o que eu não sabia, e só agora soube, é que foste também a única." Pôs a mão sobre a mesa, como se pedisse autorização para a aproximar dela, e sentiu o suor brotar-lhe inadvertidamente do topo da testa. "O que eu queria... o que eu quero saber é se... se aceitas que eu... enfim, que nós nos tornemos namorados."

Quedaram um longo momento a fitar-se, ele expectante e nervoso, ela com a expressão marota a bailar-lhe nos olhos, deixando prolongar a dúvida até aos limites do suportável, até ao instante em que o tempo se suspendeu e por fim o sorriso lhe aflorou aos lábios e o braço pousou na mesa para lhe tocar a mão com a mão. Não foi um "sim", mas foi como se fosse. A tarde adormecia cinzenta, embalada pela luminosidade metálica que o céu de cobre projectava na cidade e pelas nuvens carregadas que deslizavam baixas, tingindo de sombras as ruas do Porto. Logo nesse fim de tarde foram os dois avistados no eléctrico sentados lado a lado, comportamento reservado aos casalinhos, e de imediato a notícia se espalhou pela Casa das Doroteias, pelas duas faculdades e pelo Orfeão. José e Mimicas namoravam.

A novidade não caiu muito bem. A rapariga foi acusada de "roubar o namorado" à pobre da Juliana, moça de grandes virtudes e por todos estimada. A acusação doeu a Mimicas, que clamava inocência e repetia a quem se dispunha a ouvi-la sobre o assunto, e sempre sem faltar à verdade, que não, que ele é que se aproximara, que ela lhe dissera que não achava bem aquela aproximação tendo ele uma namorada, que ele é que acabara com a namorada, que ele estava livre quando ela lhe disse que sim, embora na verdade nunca lhe tivesse dito que sim, limitara-se a sorrir e a consentir quando ele a pedira em namoro no Café Caravela e ao lado o mar, ele sim, soprara que sim. "Ora querem lá ver isto?", queixou-se ao namorado. "Agora sou vista como uma ladra!..."

O falatório, porém, não incomodou José, cuja mente se ocupava já com o problema seguinte. Desde que Maria Imaculada o despertara para os prazeres da carne que sabia que tinha de alimentar o monstro a quem as suas calças davam apertada guarida. É certo que era Mimicas a verdadeira dona do seu coração, e que os assuntos do coração lhe pareciam de certo modo dissociados dos da carne, mas isso não fazia dela a Virgem Maria, até porque ele se chamava José e tinha responsabilidades bíblicas.

Neste capítulo, contudo, Mimicas revelou-se particularmente difícil. Começou por resistir aos beijos, intimidade que aliás nesse tempo era reservada aos mais afoitos ou às relações mais amadurecidas, o que deixou José consternado. Pois se ela montava tão acirrada resistência a uma coisa

tão simples quanto um mero beijo, como seria com o resto?

Para lhe aguçar o desejo adoptou outras tácticas, como abraçá-la de modo que ela sentisse o volume que ele escondia entre as pernas. Depois passou a andar com calças de tal modo apertadas que lhe acentuavam as já de si avantajadas formas masculinas, na esperança de lhe acicatar o interesse.

No entanto, a namorada não pareceu reagir a esses incentivos, o que o deixou deveras intrigado. Estaria ele a perder qualidades? Haveria algo de errado com ela? Porque não se sentiria atraída por toda aquela virilidade que a tantas outras seduzia? Estaria alheada dos prazeres da carne? Com o tempo foi concluindo que a resposta certa a esta última pergunta era a afirmativa, e por uma razão muito simples: Mimicas mantinha-se virgem. Como nunca explorara aqueles territórios da geografia do corpo e do assunto apenas fazia uma pálida ideia, não se sentia tentada. Pior que isso, reagia mal às investidas que ele lhe lançava com crescente despudor.

"Deixa-te dessas coisas", rematava após cada rejeição. "Vai mas é estudar!"

A noite havia sido de festa na Casa das Doroteias e, como sempre nessas ocasiões, cabia às próprias estudantes internas a responsabilidade de, no dia seguinte, proceder a limpezas e arrumações. O regulamento proibia a entrada de rapazes nas instalações, como aliás era de bom-tom e adequado a uma instituição tão respeitável quanto aquela, mas esse dia era uma excepção, até porque havia certos trabalhos que requeriam o músculo masculino.

Foi assim que, nessa ocasião, José acabou por ver-lhe abertas as portas do lar. Perguntou por Mimicas e, seguindo as indicações, foi dar com ela na cozinha.

"Deixaram-te entrar?", admirou-se a rapariga quando o viu.

"Disse-lhes que te vinha ajudar", explicou o namorado. "Foi boa, a festa?"

"Uma maravilha", exclamou com um sorriso alegre, que depressa se transformou numa expressão de comisseração. "Mas comi de mais. Estou tão arrependida..."

"O que estás a fazer?"

A moça exibiu a coluna de pratos sujos que se erguia do lavatório num equilíbrio periclitante, como uma rudimentar Torre de Pisa.

"Estou a coisar a loiça, não vês?"

"Queres ajuda?"

A pergunta suscitou espanto em Mimicas, que lhe atirou um ar desconfiado.

"Tu? Ajudares a lavar os pratos? Desde quando?"

"Desde que tu queiras. Queres ou não?"

"Claro que quero."

Mimicas deu um passo para o lado, abrindo espaço para ele também lavar a loiça, mas o comportamento do namorado deixou-a desconcertada. Em vez de se aproximar, deu meia volta e sumiu-se no corredor. Reapareceu menos de um minuto mais tarde com uma guitarra nas mãos. Pegou numa cadeira da copa e arrastou-a até ao centro da cozinha. Depois pôs um pé sobre o assento à maneira de um conquistador, arregaçou as mangas e, em soberba pose de trovador, começou a tocar.

Eu vooooou

Cantaaar .

O Hilário,

Fadinho...

"Olha lá", interrompeu-o Mimicas, as mãos nas ancas em postura indignada. "O que estás a fazer?"

Com o tronco inclinado sobre a guitarra, uma melena castanho-escura a descair sobre a testa e os olhos colados às cordas que dedilhava com mestria, José parou de tocar e alçou até ela a expressão de surpresa que lhe acendia a face, como se a pergunta não fizesse sentido e a resposta fosse por demais

evidente.

"Estou a ajudar-te a lavar a loiça."

Cedo Mimicas percebeu que José era um homem do seu tempo e, no que à cozinha e aos deveres domésticos dizia respeito, as suas responsabilidades começavam e acabavam na parte em que fazia de comensal ou se estendia no sofá. Não era pessoa para sujar nem desarrumar, mas também não limpava nem arrumava.

Não que isso incomodasse a namorada, também ela uma rapariga do seu tempo. As divisões de tarefas em função dos sexos revelaram-se um assunto consensual. Ambos se consideravam pessoas modernas e desempoeiradas, mas havia áreas em que a tradição se impunha. As lidas domésticas eram uma delas e neste particular Mimicas não conseguiu mudá-lo. Nem aliás o tentou ou sequer quis.

Se houve influência que exerceu em José foi sobretudo na prioridade dada ao curso. As manhãs de preguiça, as tardes de paródia e as noitadas de fadinho, copos e farra chegaram ao fim, assim como o desleixo nos estudos. E tudo de um momento para o outro, conduzido por Mimicas com pulso de ferro.

O sinal de que neste capítulo as coisas iam mudar foi dado logo na primeira tarde que combinaram passar juntos para estudar. O local acordado foi o Ancora de Ouro, o café preferido dos estudantes do Porto, por ser, segundo se dizia, o melhor sítio da cidade para se "rever a matéria", expressão cujo real sentido parecia diferir em função de ser escutada na boca de um rapaz ou de uma rapariga.

O Âncora de Ouro estava nesse dia, como aliás sempre, repleto de estudantes, tantos que pareciam piolhos, o que de resto valera ao café a alcunha de "O Piolho". Uma nuvem de fumo pairava sobre as mesas, tal como um burburinho incessante, e os dois recém-chegados tiveram de aguardar dez minutos até encontrarem uma mesa livre, no canto junto à parede e ao lado do quiosque, lugar habitualmente reservado aos estudantes de Medicina. Os de Ciências aglomeravam-se à entrada, como era seu hábito, enquanto os de Engenharia e os de Economia se sentavam no outro extremo, próximo do espelho.

Mimicas depositou uma pilha de livros sobre a mesa e logo que o namorado pediu os cafés pegou no primeiro exemplar e começou a folheá-lo com um lápis na mão para as anotações.

"Sabes aquela do Zequinha das Campainhas?", perguntou José.

"Hmm"

"O menino Zequinhas queria muito ser conhecido no seu prédio por Zequinhas das Campainhas. Vivia no terceiro andar e todos os dias, quando descia para ir para as aulas, tocava à campainha do vizinho do segundo, do primeiro e do rés-do-chão. Quando voltava à tarde..." "Zé..."

"... tocava à campainha do vizinho do rés-do-chão, do primeiro andar e do segundo andar. À tarde, à hora de ir pôr o lixo, descia e tocava à campainha do vizinho do segundo andar, do primeiro..." "Zé!"

O tom peremptório da namorada e o seu olhar severo obrigaram José a interromper a anedota.

"Não queres ouvir? Olha que tem graça!..."

"Contas-me à hora do lanche." Voltou a pegar no livro. "Vá, agora está na hora de estudar."

O rapaz ficou uns segundos a vê-la sublinhar palavras no volume que tinha em mãos.

"Não conheces a história da cigarra e da formiga?", quis saber. "Para que a formiga trabalhe é preciso que a cigarra a anime..."

"Já te armaste em cigarra no outro dia, quando eu estava a coisar a loiça. Agora é hora de te transformares em formiga." Fez sinal para os livros. "Vá, estuda."

O silêncio voltou àquele recanto. Mimicas recomeçou a ler e a sublinhar o seu livro, enquanto José tamborilava com os dedos na mesa à procura de algo que o distraísse. Passeou os olhos pelo Piolho e admirou o empregado que ziguezagueava nervosamente entre as mesas a equilibrar em cada mão duas bandejas repletas de chávenas de café.

"Já viste o..."

"Estuda!"

E foi assim, a toque de caixa e com rédea curta, que Mimicas o foi domesticando nos estudos. Quase proibido de falar nas horas em que a namorada estudava, José percebeu que teria de ocupar esse tempo morto, sob pena de ter de aguentar tardes insuportavelmente monótonas, e passou a fazer-se acompanhar das sebtas e dos compêndios de Medicina.

"Qualquer dia", resmungou entre dentes enquanto folheava um manual de Anatomia, "até aprendo a porra do mastoideu!..."

O facto é que a fórmula funcionou e em pouco tempo José adquiriu a disciplina de trabalho que lhe faltava e que o ajudou a ganhar embalo nos estudos. Não que se tenha tornado um aluno exemplar, mas o facto é que os doze e treze valores se tornaram mais comuns do que os anteriores dez e onze, além de que deixou de ter negativas. Por outro lado, transformou-se numa espécie de papa-disciplinas. De apenas sete disciplinas passadas nos dois primeiros anos saltou para as vinte nos dois últimos anos, recuperando completamente o atraso. É certo que as cadeiras eram agora sobretudo práticas, o que ia mais de encontro aos seus interesses, mas isso não impediu que a mudança tivesse sido mirabolante.

O problema é que Mimicas teimava em recusar-lhe os avanços da carne, por mais persistentes que fossem os seus argumentos e imaginativas as suas tentativas.

"Vá lá, só desta vez", dizia sempre que passava mais uma disciplina. "É um premiozinho..."

"O prémio é o curso que vais tirar à custa do estudo."

A resposta de Mimicas tornou-se exasperante e o namorado já não sabia o que havia de fazer à frustração que se lhe acumulava no corpo. O monstro que escondia entre as pernas exigia-lhe aquilo a que se habituara com Maria Imaculada e não reagiu bem à dura provação, sendo que "dura" é decerto a palavra mais adequada para descrever a situação que vivia.

"Mas porquê? Porquê?"

"Já te disse", repetiu ela vezes sem conta. "Essas coisas só depois do casamento."

José já percebera que a namorada era tão inexperiente que parecia ter apenas uma vaga ideia do que a expressão "essas coisas" significava exactamente. Mas isso, longe de o consolar, desesperava-o ainda mais. Ninguém deseja o que desconhece, pelo que não tinha modo de lhe demonstrar que o fruto que naquele instante ela desdenhava era daqueles capazes de levar à loucura qualquer outra. Como fazer-lhe entender isso?

Foi a meio do quinto ano, quando sentiu que já não suportava mais tempo a longa abstinência, que tomou a decisão. Decorria o Inverno e José tinha ensaio no Orfeão durante toda a tarde, pelo que ficou combinado que depois das aulas Mimicas iria ter com ele.

Tudo correu normalmente à hora marcada, com a rapariga a entrar na sala de concertos e a sentar-se num canto do fundo enquanto os orfeonistas terminavam de ensaiar uns fados de Coimbra. A fase final do ensaio não excedeu a meia hora. Mimicas mantinha os ouvidos na música e os olhos na sebenta, espreitando ocasionalmente o namorado para o ver dedilhar a guitarra ou escutá-lo a cantar umas estrofes.

O ensaio terminou por fim e o grupo dispersou-se rapidamente. Já se fazia tarde e a hora do jantar aproximava-se. Mimicas levantou-se do seu lugar e abeirou-se do palco para acolher o namorado. O problema é que José se demorou tanto a guardar a guitarra que só ficou pronto quando os outros saíram. Foi então que fez uma coisa inesperada. A rapariga viu-o varrer a sala com o olhar, aparentemente para se certificar de que se encontravam sozinhos, e depois virar as costas à plateia vazia, como se não tivesse qualquer intenção de abandonar o palanque, e sentar-se ao piano.

"Ó Zé", impacientou-se Mimicas, "o que estás a coisar?"

"É só mais uma musiquinha."

"Despacha-te! Tenho uma fome de lobo!"

"Senta-te e escuta", recomendou ele. "O que vou agora tocar é dedicado a ti."

A rapariga respirou fundo e, enchendo-se de paciência, acomodou-se numa cadeira da primeira fila. Anoitecera e já estava ansiosa por se instalar à mesa para jantar; ainda por cima o ensaio impedira-a de lanchar. O comportamento misterioso do namorado, porém, deixou-a intrigada. Teve uma certa curiosidade de saber que música era aquela que justificava tal encenação.

Com ares de dono do palco, José contemplou um longo momento o imponente piano de cauda, como se o quisesse seduzir e tivesse todo o tempo para o fazer, abriu os braços à maneira de um pássaro que se preparasse para se lançar no vazio e, respirando fundo, baixou devagar as mãos sobre a fileira de teclas macias. Dava a impressão de estar hipnotizado pelo reluzir delicado do marfim que cobria as teclas brancas no contraste com o ébano que adornava as negras. O tronco do rapaz vacilou no derradeiro instante de silêncio, no que parecia um frémito de prazer antecipado, e ao pousar enfim os dedos nas teclas, como se as quisesse acariciar, extraiu delas os primeiros sons, notas fortes e ritmadas de uma melodia solene que Mimicas identificou nos primeiros segundos.

A marcha nupcial.

Casaram-se no Verão. A data foi escolhida para aproveitar a viagem à Metrópole da mãe de Mimicas, funcionária dos Correios no Mindelo que gozava esse ano uma licença graciosa.

A cerimónia decorreu na pequena capela de Singeverga, o mosteiro beneditino de Santo Tirso, cujo abade era o primo Gabriel. Foi este familiar de José, aliás, quem celebrou a missa e consagrou o matrimónio, tudo feito em obediência à tradição, aos bons costumes e aos cânones dos casamentos das boas famílias católicas do Norte de Portugal. A família em peso marcou de resto presença, incluindo os primos afastados que vieram de Trás-os-Montes. A excepção foi a irmã Lourdes, que casara quando José fora para a universidade e entretanto havia seguido para Angola com o marido e os filhos, que lhe começaram a nascer em rajada.

O noivo viveu a cerimónia num estado de excitação latente. Os pruridos vitorianos de Mimicas constituíram uma espécie de voto de castidade que se prolongou por todo o tempo de namoro e que tornaram mais apetecível o prazer supremo de que ela tão zelosamente o privara. Houvera momentos em que José se sentira de tal modo desesperado que considerara até a possibilidade de romper a relação, mas, logo que os calores do monstro arrefeciam, caía em si e rejeitava liminarmente a ideia. A namorada era a sua primeira paixão, na verdade a única que tivera, e intuía que perdê-la seria um desastre do qual jamais conseguiria recuperar. O casamento trouxe-lhe a solução para o problema. Se tinha já percebido que aquela era a mulher da sua vida, porquê adiar o inevitável? De resto, alimentava a mais profunda convicção de que, logo que provasse o fruto que até aí havia tão insensatamente desdenhado, Mimicas despertaria de vez para os prazeres por ela desconhecidos. E esse despertar, não o esquecia em instante nenhum, iria suceder dentro de apenas algumas horas, quando abandonassem o copo-d'água no Mosteiro de Singeverga e fossem para o hotel do Porto onde passariam a noite de núpcias.

A perspectiva do fim do longo jejum deixou o monstro em estado de alerta máximo desde manhã. José não o podia controlar e teve de suportar toda a cerimónia na capela e depois no salão onde decorreu o copo-d'água com um descomunal e embaraçoso chumaço a atrapalhar-lhe o andar, pormenor por demais embaraçoso e evidente para todas as senhoras presentes na capela e objecto de inúmeros sussurros de indignação e não poucos suspiros de cupidez. Se não de observação directa, pelo menos de reputação, quase todas as mulheres presentes estavam a par dos valentes atributos com que o noivo havia sido abençoado pela natureza, ou talvez até pelo próprio Senhor, na Sua infinita munificência.

Muitos foram por isso os olhares de cobiça feminina lançados ao longo das cerimónias do

casamento na direcção daquele volume tão inconvenientemente protuberante nas calças do smoking do noivo em hora tão solene. Mas, mais do que cobiça, o que aqueles esgares denunciavam era uma incontrollável inveja da até aí casta Mímicas, a quem a inocência e a candura providencialmente mantinham na ignorância do que a sorte lhe destinara por via daquela união.

O copo-d'água pareceu ao noivo interminável, tão curta era a sua paciência e tão grande a vontade de pôr fim ao longo jejum do corpo. Como era natural e de elementar bom gosto, os convidados evitaram fitar-lhe ostensivamente o ventre dilatado, por maior que fosse a tentação e o efeito de atracção magnética que exercia sobre os seus olhos, e procuraram distrair a mente e enganar a tentação com perguntas sobre os seus planos de vida.

Uns queriam saber se iria estabelecer-se no Porto, outros perguntavam-lhe se planeava abrir consultório em Penafiel, houve até quem sugerisse que fossem para Castelo de Paiva, e a todos se foi esquivando com respostas mais ou menos evasivas.

No entanto, quando foi o pai a lançar-lhe as mesmas perguntas, ou outras do género, não viu modo de se furtar às respostas. O capitão Branco era ainda quem lhe pagava as contas. Além disso era o pai, e como se poderia esquivar às perguntas que o pai tão legitimamente lhe fazia?

"Nem Porto nem Penafiel", retorquiu, abrindo enfim o jogo quanto aos seus planos. "Vou para Lisboa."

"Lisboa?", admirou-se o pai. "Fazer o quê? Não estás melhor aqui no Norte, ao pé da família? Para que precisas tu de ir lá para baixo?"

"Para tirar a minha especialidade", esclareceu José. "Não existe cá no Porto."

O capitão lançou ao filho uma expressão intrigada, até desconfiada.

"Que raio de especialidade é essa que só existe em Lisboa? Preguiçatria?"

"Medicina Tropical."

A desconfiança cedeu lugar ao pasmo.

"Isso não é paludismo e febre-amarela e coisas do estilo? Para que queres tu tirar Medicina Tropical? Que eu saiba essas doenças esquisitas não existem por cá..."

"Pois não. Mas existem no sítio para onde quero ir."

O pai arregalou os olhos, tomando finalmente consciência do que José tinha em mente.

"Não me digas que vais para o Ultramar?!"

O rosto do filho abriu-se num largo sorriso luminoso, como o de uma criança a quem se exhibe um caramelo.

"Moçambique."

PARTE DOIS

Purgatório

Por aqui não se passa sem que se sofra o calor do fogo durante um tempo prolongado

DANTE

Cortou o ar, ao mesmo tempo alegre e sorumbático, e o casal Branco despediu-se da multidão que acenava do cais. Não que José ou Mimicas conhecessem alguma das centenas de pessoas que se acumulavam em Alcântara para dizer adeus aos que partiam; sempre tinham visto nos filmes americanos as largadas dos paquetes serem feitas de acenos efusivos e não se sentiriam verdadeiros viajantes transatlânticos se não participassem naquele ritual coreográfico.

O casario branco de telhados vermelhos parecia abraçar o vasto lençol de água, sereno e prazenteiro, mas foi ficando mais pequeno à medida que o Infante D. Henrique se retirava com imponência do Tejo e ia deixando Lisboa esfumar-se para trás. Levantou-se então uma brisa salgada, fresca e desagradável, e Mimicas, sempre friorenta, apertou a aba do casaco para se proteger.

"Está frio, Zé", queixou-se. "Vamos lá para dentro."

Por esta altura já a maior parte dos passageiros se havia recolhido ao interior, devidamente aquecido em todos os compartimentos. O casal seguiu-lhes o exemplo e foi explorar o magnífico navio. O Infante D. Henrique era a jóia dos paquetes da carreira de África, embarcação de linhas elegantes e modernas e interior de um luxo nunca visto; o transatlântico acabara de se estrear e revelava-se tão soberbo que havia quem o criticasse por ser "bom de mais".

"Que maravilha!", repetia Mimicas sempre que se deparava com um novo pormenor rutilante do esplêndido navio. "Mas que maravilha!"

O marido havia adquirido bilhetes de primeira classe para celebrar condignamente o virar de página nas suas vidas e ambos fruíram o momento com a consciência de que o deveriam saborear em pleno. O prazer começou logo no vestíbulo da classe, um espaço decorado com uma estátua do infante D. Henrique de bronze revestido a ouro e com uma pintura do planisfério de Mecia de Viladestes como imagem de fundo.

"Sabes o que mais me impressiona?", observou Mimicas ao descer a majestosa escadaria do átrio central. "A estabilidade. Se olhares lá para fora vês que o mar está agitado, não é? Mas aqui... chiça!, até parece que estamos em terra!..."

"É dos estabilizadores", explicou o marido com ar de entendido, embora se limitasse a papaguear o que lera num folheto da Companhia Nacional de Navegação. "É um sistema avançado que neutraliza o balanço da ondulação."

Percorreram o paquete de uma ponta à outra, incluindo os sectores das classes turística A e turística B, e em duas horas visitaram os quatro grandes salões, os três restaurantes, a biblioteca, a sala de escrita e, curiosidade de médico, até o hospital. Por toda a parte o casal se deparou com uma decoração requintada em espaços amplos e bem iluminados, as grandes janelas a abrirem-se para o oceano imenso, como se o mar fosse um quadro e o navio o museu que o exhibia.

O passeio prolongou-se até ser interrompido por um esgar de Mimicas.

"Estou com larica...", queixou-se. "Quando é que se coisa?"

O marido consultou o relógio.

"O jantar? É agora."

Depois de uma rápida passagem pelo camarote, situado na segunda vigia a estibordo, para mudarem para trajos mais selectos, subiram ao restaurante e acomodaram-se nos assentos que lhes foram designados para o jantar. Na mesa estavam já os dois casais que lhes fariam companhia ao longo de toda a viagem, uma vez que era política do Infante D. Henrique sentar os comensais sempre nos mesmos lugares; parece que isso facilitava o serviço. Além do casal Branco, aquela mesa juntava o casal Silva e os dois filhos e o casal Rouco.

"Sabem o que isto me faz lembrar?", perguntou o médico depois de se instalar. "Um paquete da linha Cunard!"

"Qual Cunard? A do Titanic?"

O gracejo foi atirado por Domingos Rouco, que com a mulher formava a parelha mais exótica do navio. Domingos era um homem corpulento e tranquilo; vestia um fato de linho claro que, embora de bom corte, lhe acentuava a imensidão do corpo. Já a mulher, Albertina, era uma rapariga pequena e magra, de cabelo curto e com um olhar agitado a saltitar pela mesa. Não poderia haver casal mais contrastante: ele grande e sereno, ela minúscula e nervosa. Mas o que os tornava realmente singulares é que Domingos era negro e Albertina branca.

"Sim", riu-se José Branco. "Mas sem icebergues."

"Nestas águas não há esse perigo", devolveu Domingos, lançando um esgar mordaz na direcção do casal Silva. "Aqui é mais tubarões!..."

Silva estreitou os olhos e espiou Domingos com uma expressão indefinida. Era um homem pequeno de cabelo liso e olhar arguto, talvez até desconfiado, que respondeu por monossílabos evasivos quando o médico quis saber o que fazia na vida.

"Sou polícia."

De si nada mais revelou, a não ser o seu nome próprio, Aniceto, o da mulher, Graciete, e que era nascido no Porto, "mas adepto do Benfica", afinidade importante que encheu as conversas monotemáticas que manteve à mesa o resto da viagem com José Branco.

Como os quatro Silva, os pais e os dois filhos, eram mais de ouvir do que de falar, os Branco aproximaram-se dos Rouco e o que se passou entre os dois casais foi um caso de simpatia à primeira vista.

"Este barco é realmente espantoso", observou Albertina. "Já passaram pela capela?"

A pergunta extraiu uma expressão surpreendida de Mimicas.

"Ai sim? Existe uma capela? Com coiso e tudo?"

"Duas capelas. E, imaginem!, os altares de ambas são feitos com pedra do promontório de Sagres."

"Ah! Que maravilha! Eu e o Zé percorremos o paquete de fio a pavio mas não as vimos. Onde são? Não me digam que é depois do... do coiso."

"Esta noite levamos-vos lá para verem."

"Esta noite não, que há bingo", disse Mimicas. "Que tal amanhã de manhã?"

"Só se for à tarde. De manhã quero ir ao cabeleireiro."

"O quê? Também há cabeleireiro?"

"Não sabia? Ai que não viu bem o paquete! Olhe, se quiser vamos juntas."

Mimicas passou as mãos pelo cabelo, testando-lhe o volume.

"Combinado."

Os dois casais tornaram-se inseparáveis ao longo do resto da viagem. Encontravam-se pela manhã na piscina do paquete, davam à tardinha passeios pelo deck e depois do jantar juntavam-se nas jogatinas que se desenrolavam no salão de jogos.

Pelo fio das conversas percorreram a vida de cada um e foi assim que o casal Branco soube que Domingos Rouco tinha nascido em Inhambane, estudado em Tomar e tirado Direito na Universidade de Lisboa. Havia-se cruzado na faculdade com Albertina, a alentejana com quem casara dias antes de embarcar no Infante D. Henrique, e estava de regresso a casa para ir trabalhar em Lourenço Marques como consultor jurídico do Banco Nacional Ultramarino.

"Existem muitos juristas... uh... moçambicanos?"

A pergunta foi feita por José Branco uma manhã, já depois das escalas no Funchal e no Príncipe, e quando o paquete deslizava pelas águas quentes do golfo da Guiné rumo a Luanda. Mimicas e Albertina tinham ido para a biblioteca e deixaram os dois homens estendidos nas espreguiçadeiras junto à piscina.

"Quando dizes moçambicanos", observou Domingos Rouco com um leve sorriso irónico, "presumo que te estejas a referir a negros."

O médico engoliu em seco; era a primeira vez que aflorava a questão racial nas conversas com o novo amigo.

"Pois... sim, é isso."

Domingos enlaçou as mãos por trás da cabeça e, esticado na espreguiçadeira, fitou o céu. O tempo estava ameno e o imenso azul-claro do firmamento matinal era apenas rasgado por um ou outro farrapo de nuvens.

"Sou o primeiro advogado negro de Moçambique."

"A sério?"

"É verdade. E sou apenas o segundo negro moçambicano a tirar um curso superior."

A revelação deixou José Branco pensativo. Sempre supusera que os africanos eram gente primitiva, à semelhança do primeiro negro que vira na vida, o homem seminu exibido num pavilhão africano da Exposição do Mundo Português. Essa imagem fora reforçada ao longo do tempo pelas fotografias das revistas, pelo cinema e até pela expressão indígena, usada amiúde para descrever os povos de África.

O encontro com Domingos na mesa de jantar da classe no melhor paquete da Companhia Nacional de Navegação obrigou-o a rever o que até ali dava como certo. Os indígenas podiam afinal ser doutores? E porque não? Com base naquele exemplo passou a imaginar que haveria de certo outros casos semelhantes em Moçambique. A constatação forçou-o a retornar à primeira imagem, a do negro seminu da exposição, o que, percebeu, o deixava desconfortável. Domingos era tudo menos um primitivo; revelava-se aliás muito mais inteligente, culto e bem-falante do que a esmagadora maioria dos brancos que conhecia.

"Estás, portanto, a desbravar caminho", observou o médico. "Atrás de ti virão com certeza outros."

Domingos soltou uma gargalhada.

"Talvez alguns. Mas, para ser franco, nunca passaremos de um punhado."

"Não sei porquê."

"Por causa do racismo, Zé."

O médico passou a mão pelo queixo, na dúvida sobre se deveria aceitar aquela afirmação ou contestá-la.

"Sempre ouvi o regime dizer que Portugal vai do Minho a Timor e que todos os seus habitantes,

independentemente da cor ou do credo, são Portugueses. Não me parece um conceito racista."

"Digamos que eles alindaram a coisa", observou Domingos. "Mas isso não passa de uma mistificação, claro. Se todos somos igualmente portugueses, por que razão sou apenas o segundo negro moçambicano a tirar um curso superior? E por que razão, se são portugueses como os outros, os negros se vêem discriminados? É óbvio que essa conversa não passa de propaganda barata."

"Há muito racismo em Moçambique?"

O advogado ergueu o tronco, apoiando-se nos cotovelos.

"Oh! Então não há?! De um ponto de vista formal, Portugal não parece ser um país racista. Aceito até que se diga que os Portugueses são o povo menos racista que se pode encontrar na Europa. Mas o racismo existe nos costumes, no tratamento do dia-a-dia e também, de uma forma subreptícia, na própria lei."

"Na lei como?", admirou-se José Branco. "Existe alguma lei, por exemplo, que diga que um branco pode fazer uma coisa e um negro não pode?"

"Não", acedeu Domingos. "Não existem de facto leis especiais para brancos ou negros."

"Mas nos Estados Unidos existem, como sabes. Eles até têm leis raciais e espaços públicos onde os negros não podem entrar."

"Pois, isso não existe formalmente em Moçambique, é verdade. Mas olha que acontece na prática. Há escolas em Lourenço Marques só frequentadas por brancos, por exemplo. De um ponto de vista jurídico, no entanto, a coisa funciona de outra maneira: faz-se a discriminação racial pela via da discriminação por classes sociais."

"Não estou a perceber..."

"É muito simples. Qualquer negro pode ter os mesmos direitos de um branco desde que faça prova de que é civilizado. Chamam-nos assimilados. Um negro tem de provar que goza de estabilidade económica e de um nível acima da média portuguesa. Tem de viver como um europeu, pagar impostos, cumprir o serviço militar e ler e escrever correctamente o português. Se fizer tudo isto, será classificado como assimilado e terá os mesmos direitos que um branco."

"Como acontece contigo."

"Sim, eu sou um assimilado."

O médico esfregou o queixo, considerando o que acabara de ouvir.

"Bem, assim à primeira vista isso até faz sentido. Uma pessoa que vive numa palhota e anda na rua de tanga dificilmente se poderá considerar civilizada, não te parece?"

Domingos sentou-se na espreguiçadeira e ajeitou o boné de modo a garantir que a pala lhe protegia os olhos do sol.

"Achas que sim?", perguntou o advogado em tom retórico, como se fosse de repente transportado para a barra do tribunal e tivesse acabado de apanhar uma testemunha em falso. "Então deixa-me explicar-te uma coisa. Eu tenho vivido estes últimos anos na Metrópole. Estudei em Lisboa, a grande cidade, mas também em Tomar, onde tive contacto com a realidade da província. Sabes o que vi? Um país atrasado. As estatísticas mostram que quarenta por cento dos Portugueses são analfabetos e que o nível de vida de que gozam é o mais baixo da Europa."

Quer isto dizer que, se submetessem os metropolitanos aos critérios civilizacionais que se aplicam em África para reconhecer os assimilados, quase metade dos Portugueses não teria sequer direito ao estatuto de assimilado! Estás a entender isto?"

José Branco esboçou uma expressão desconcertada.

"Pois...", gaguejou. "Quer dizer, visto desse prisma... realmente!..."

"Então porque se aplica a distinção entre assimilado e não civilizado em África?", questionou.

"Porque não se aplica a mesma distinção na Metrópole? A resposta só pode ser uma: essa distinção é racial."

O médico assentiu; era a primeira vez que reflectia no problema desse ângulo.

"Admito que sim. De qualquer modo, tens de reconhecer que existe uma influência civilizadora de Portugal em África."

Domingos riu-se.

"Olha, vou contar-te uma história", disse, mudando de tom. "Lá em Inhambane existia um tipo que veio da Beira Interior e que montou uma farma no meio do mato. O gajo trouxe lá das berças a mulher e pôs-se a criar gado em Moçambique. Sabes quem é que lhe lia a correspondência e lhe escrevia as cartas? O criado! O preto tinha estudado numa missão católica e sabia ler e escrever, mas o patrão não."

"A sério?"

"A África portuguesa está cheia disto, Zé! Os colonos metropolitanos não têm cultura, não têm instrução e não têm dinheiro. Se se partir do princípio de que os povos de maior civilização devem colonizar os povos pouco civilizados, então Portugal tem também de ser colonizado! Só por milagre um país assim consegue ter uma influência civilizadora sobre quem quer que seja."

Foi a vez de José Branco se erguer da espreguiçadeira e se sentar.

"Espera aí!", atalhou. "Que eu saiba isso mudou! Não existe uma lei que impede a ida para África de indivíduos que não tenham pelo menos a terceira classe?"

"Existe sim", confirmou o advogado. "A emigração de analfabetos até pode ter diminuído, mas olha que não parou. A questão, porém, é que Portugal é um país atrasado que anda armado em grande civilizador." Encolheu os ombros. "De qualquer modo isso é lateral para o tema do racismo. O problema central é que os negros são discriminados na sua própria terra. Repara: apenas 0,3 por cento da população negra da África portuguesa é considerada assimilada. Os restantes 99,7 por cento são descritos como não-civilizados. Ora o que prevê a lei para os não civilizados? Nada. O que quer dizer que eles têm tantos direitos como... como o gado, por exemplo. A administração colonial pode pegar num não civilizado e forçá-lo a trabalhar, se quiser. Ou pode exportá-lo para a África do Sul como mão-de-obra, como se fosse uma máquina. Com este tipo de comportamento, como se pode esperar que as pessoas não se revoltem?"

Esta última pergunta, embora retórica, ficou a revoltear no ar, carregada de insinuações.

"Estás a referir-te a quê?", perguntou José, admirado. "Houve alguma revolta?"

"Claro que houve uma revolta. As pessoas não podem aceitar certas coisas!.."

"Mas quando é que houve revolta? Onde? Nunca ouvi falar nisso..."

"Nunca ouviste falar porque não convém ao regime que se fale", argumentou Domingos. "Mas aconteceu o ano passado em Moçambique. Os agricultores macondes protestaram lá no Norte, em Mueda, e a tropa portuguesa abriu fogo sobre a multidão. Morreram seiscentas pessoas."

O médico esboçou uma expressão incrédula.

"A tropa matou seiscentas pessoas no ano passado?"

"Sim, senhor!"

"Seiscentas? Contaram os cadáveres um a um?"

A pergunta atrapalhou o advogado.

"Bem... não."

"Então como sabem que morreram seiscentas pessoas?"

"Pela contagem do número de bicicletas abandonadas."

A incredulidade do olhar de José deu lugar a um esgar carregado de cepticismo.

"Desculpa, mas não me parece um método lá muito fiável para contabilizar mortos", observou.

"Quantos cadáveres foram efectivamente identificados?"

"Acho que dezassete", admitiu Domingos. "Mas, seja qual for o verdadeiro número, foi uma revolta. E resultou numa matança de civis inocentes."

O amigo assentiu.

"Se é como dizes, foi um crime. E um crime é um crime, independentemente do número de vítimas envolvidas. Mas, apesar de tudo, tens de concordar que é diferente matar dezassete e matar seiscentas pessoas."

"Não discuto", aceitou o advogado. "O que é importante que percebas é que a iniquidade da situação provoca revolta. O que aconteceu no ano passado em Mueda pode voltar a..." Hesitou, o olhar fixo num ponto distante. "Atenção, elas vêm aí."

O médico olhou na mesma direcção e viu Mimicas e Albertina a caminharem pelo deck com dois romances policiais nas mãos. Voltou a estender-se na espreguiçadeira e, sentindo o sol queimar-lhe a face, inclinou o guarda-sol em busca da sombra protectora.

"É melhor mudarmos de conversa", aconselhou José. "Elas podem ficar nervosas."

"Tens razão. Mas, considerando o facto de que vocês vão agora viver para Moçambique, há uma coisa de que preciso de te avisar."

"O quê?"

Domingos avaliou a distância a que se encontravam as duas mulheres. Eram uns vinte metros, não mais. Aliás, já lhes ouvia as vozes tagareleiras, com Mimicas a fazer três referências de rajada ao "coiso". Teria de ser rápido a dizer o que pretendia.

"Vem aí a guerra."

A vida de Diogo Meireles mudou no dia em que viu a mãe colada ao jornal com uma expressão de angústia. Tinha dez anos e sempre a conhecera como uma pessoa segura de si, alegre e despreocupada. Mas naquela manhã a mãe pareceu-lhe transtornada, a face lívida e as mãos literalmente agarradas à cabeça.

"Ai meu Deus, meu Deus!", exclamava ela repetidamente enquanto lia e relia a segunda página do matutino. "Que vai ser de nós, meu Deus? Que vai ser de nós?"

Tamanha consternação, por ser coisa nunca vista naquela casa, deixou-o assustado.

"O que foi, mãe?", atreveu-se a perguntar.

"Não é nada, Diogo", retorquiu ela sem sequer levantar o olhar. "Vai brincar com os teus irmãos."

O rapaz afastou-se, sem saber o que pensar. Brincar com os irmãos? O que queria ela dizer com isso? Então não sabia que o Manel e a Mimi tinham ido com o pai para o quartel? O que queria ela que ele fizesse? Que brincasse com o puto Jorge ou com a Gracinha, que ainda estava no berço? Mas que disparate vinha a ser aquele? Para não contrariar a mãe, porém, Diogo optou por se fechar no quarto e esperar que ela se acalmasse.

Se calhar a mãe lera mais um episódio de Fazenda Abandonada, o romance de Ventura Reis que seguia religiosamente no jornal. Só que, ocorreu-lhe logo a seguir, era sexta-feira e o romance só aparecia nos suplementos de domingo. Portanto, os dramas narrados pelo folhetim não podiam ser responsáveis por toda aquela comoção. Então o que seria? A verdade é que não dispunha de pistas, pelo que se resignou à sua ignorância. Estendeu-se na cama e pegou num exemplar da revista Zorro, que folheou para espreitar as mesmas histórias pela enésima vez.

Dez minutos depois sentiu a mãe atravessar o corredor e descer as escadas à pressa. Assomou à janela e viu-a bater à porta da vizinha e envolverem-se as duas numa conversa muito animada. Depois a vizinha fez-lhe sinal de que entrasse e ambas desapareceram dentro da casa. Era tudo muito estranho, concluiu, decidido a tirar o caso a limpo. Esgueirou-se para a salinha e deparou com o jornal caído no

chão, amarfanhado aos pés da poltrona como um trapo desamparado; tratava-se de um exemplar de A Província de Angola, presença diária naquela casa.

Pegou no matutino e estudou-lhe a primeira página sem detectar nada de especial. Virou para a segunda e, quase sem querer, fixou a atenção no que lhe interessava, a caixa dos filmes exibidos no cinema. O Cine Tropical anunciava Maldosamente Ingénua, com Sandra Dee e James Darren, que garantia ser "a história apaixonante de uma rapariga que pela primeira vez encontra o amor!" Tretas de meninas, pensou com um trejeito de desdém. Já o Cinema Colonial prometia O Regresso de Robin dos Bosques para as 15.30 do dia seguinte, sábado, coisa que logo lhe despertou a curiosidade. Robin dos Bosques? Era fita a não perder!

Desviou os olhos para a esquerda da página e reparou que havia umas linhas sublinhadas a lápis, presumivelmente pela mãe. A notícia intitulava-se "Novas manifestações da criminoso actividade de agitadores externos contra a ordem pública e segurança das populações", mas a sua curiosidade concentrou-se nas linhas sublinhadas, assim destacadas porque decerto haviam sido as causadoras da perturbação que testemunhara minutos antes.

"Gru... pos de nati...vos capi... ta... niados ou ins... truídos por ele... mentos vin... dos do exte... rior ", murmurou titubeante, "ata... caram pos... tos fron... tei... riços da'Guar... da Fis... cal e da Po... lí... cia."

Pousou o jornal no regaço e desviou os olhos para a janela. Não percebera nada. "Nativos capitaniados?" Que diabo queria isso dizer? O que havia ali de tão extraordinário que pudesse suscitar tamanha consternação na mãe? Não sabia bem o que pensar, a não ser que tudo aquilo tinha um certo perfume às aventuras de Tarzan.

Sentiu a porta de casa abrir-se e percebeu que ela regressava. Deixou o jornal onde o encontrara e dirigiu-se apressadamente para o quarto, onde se agarrou de novo ao Zorro. Depois sentiu a mãe pegar no telefone e ficou atento.

"Está lá?... O capitão Meireles, pode chamá-lo?... Diga-lhe que é a mulher... Sim, é urgente... Ai não?... Hmm, está bem. Obrigada."

E desligou.

A ansiedade da mãe era contagiante; dava a Diogo a impressão que ela não parava quieta. Circulava com grande agitação pela casa e chegou até a enervar-se com a Gracinha, gritando com a bebé por ter sujado as fraldas. Essa reacção encheu-o de espanto. Tanto nervosismo e irritação nem pareciam coisa da mãe, ela que era sempre tão doce e tranquila.

Sentindo necessidade da presença tranquilizadora do pai, Diogo pousou o Zorro sobre a mesinha-de-cabeceira e foi para a janela espreitar a rua na expectativa de o ver chegar. Viviam no primeiro andar de uma vivenda do bairro militar, no Alto da Maianga; a mancha azul do mar estendia-se lá ao fundo, plácida e apaziguadora. Sentiu-se acalmar. Lembrou-se que o quartel onde o pai prestava serviço militar se situava ali bem perto e naquele instante as ruas pareceram-lhe tranquilas.

Voltou para a cama e pegou mais uma vez no Zorro, convencido de que já se conseguiria concentrar na aventura de Blake e Mortimer no Egipto. Depressa verificou que a tensão da mãe o havia contagiado e, ao contrário do que era habitual, nem conseguiu achar graça à história.

Não passara meia hora quando sentiu o pai escalar as escadas de dois em dois degraus e irromper energicamente pela casa, como aliás era seu timbre.

"Lourdes! Lourdes!"

A mãe saiu à pressa da cozinha.

"Ó Quim, finalmente!"

"Não saíste de casa, pois não?"

"Claro que não. Quando li o jornal fui falar com a dona Olga e depois liguei para o quartel a saber de ti. Disseram-me que não podias atender. Tenho andado tão incomodada!..."

As vozes aproximaram-se e Diogo percebeu que ambos passavam pelo corredor. Logo a seguir viu os irmãos, que tinham entrado atrás do pai, invadirem-lhe o quarto; Manel e Mimi vinham silenciosos e com cara de caso, igualmente atentos à conversa que se transferira para a sala de estar, e sentaram-se à escuta.

"Ninguém pode sair de casa." Era a voz do pai. "Estamos a organizar patrulhas para proteger o bairro."

"Mas o que aconteceu, valha-me Deus? No jornal vem a notícia de que os pretos estão a atacar casas comerciais e fazendas na fronteira e que há oito feridos. A dona Olga diz que parece que houve mais vítimas, mas não se percebe muito bem."

O marido suspirou.

"É infelizmente pior do que isso", murmurou, baixando a voz. As crianças viram-se forçadas a suster a respiração e a aguçar os ouvidos para continuarem a acompanhar a conversa.

"Os pretos pegaram em catanas e desataram a matar toda a malta nas fazendas. Homens, mulheres, crianças... tudo o que é branco é para matar."

"Meu Deus! Isso está a acontecer na fronteira? Achas que pode chegar aqui a Luanda?"

"Tudo é possível. Houve matanças de brancos aqui perto."

Fez-se um breve silêncio na sala de estar.

"O que queres dizer com isso? O jornal diz que a confusão aconteceu em postos fronteiriços." Ouviu-se o som de páginas a serem voltadas. "Está aqui no jornal, ora vê!..."

"Eu sei muito bem o que diz o jornal", atalhou ele. "Houve de facto chatice lá em cima em Cuimba, mas parece que também sucederam coisas por aqui."

"Por aqui, onde?"

"Em Quicabo e em Nambuangongo, por exemplo. Também em Quimbumbé e em Zala."

"Onde é isso?"

"É aqui, no distrito de Luanda."

Ao ouvir o nome da cidade, Lourdes quase entrou em pânico.

"O quê? Em Luanda? Andam a matar brancos em Luanda?"

"Não, mulher, tem calma! Não foi na cidade. A coisa está a passar-se nas fazendas."

Fez-se um novo silêncio e Diogo trocou um olhar horrorizado com os irmãos. Nas férias toda a família ia passar uns tempos a uma das fazendas da região, propriedade dos amigos de um camarada do pai lá do quartel. Lembrava-se de ter estado uma semana numa fazenda com plantação de café e duas semanas numa outra onde se produzia gado; vira até os bois e as vacas serem marcados a ferro, como nos filmes de cobóis do John Wayne nas matinês do Cine Restauração. E agora o pai dizia que os pretos andavam nessas fazendas a matar os brancos?

A voz da mãe voltou num fio, mais temerosa do que nunca.

"Achas que se vai repetir aqui em Luanda o que aconteceu no mês passado?"

"Não sei", respondeu o pai. "É possível."

A referência foi instantaneamente entendida por todos. Diogo lembrava-se muito bem que semanas antes haviam ocorrido incidentes em plena cidade. Na altura fora uma grande agitação. Os pais diziam que os pretos andavam a atacar a polícia e toda a gente sentiu um medo muito grande. Correu então que a polícia dera uma grande lição aos bandidos e a coisa acalmara. Mas e se eles comessem a atacar todos os brancos? O pai acabara de revelar que tinham morto crianças. Ora, e apesar das veleidades que o enchiam depois de ver uma cobiada no Restauração, Diogo considerava-se a si mesmo uma criança,

totalmente dependente dos adultos. Quereria isto dizer que o matariam a ele? Estaria ele em perigo? E os irmãos? E os próprios pais? O tom da conversa que do quarto escutava em silêncio parecia-lhe augurar o pior.

"Então que vamos fazer, Quim?"

"Para já, ninguém sai de casa. Aqui o nosso bairro vai ser patrulhado a partir de agora. Mas a situação é muito delicada. A cidade tem cinquenta mil brancos e está rodeada de duzentos mil pretos. Se houver um levantamento geral dos indígenas, acho que não temos meios de nos defender."

"E o exército?"

"Qual exército, Lourdes? Tu sabes quantos soldados brancos existem em toda a província de Angola? Sabes quantos?"

"Sei lá. Alguns, acho eu."

"Mil e quinhentos."

"E não chega?"

O pai soltou uma gargalhada sem humor.

"Mil e quinhentos homens? Isso é o mesmo que nada, mulher! São apenas três regimentos em toda a colónia. E sabes quantos há aqui em Luanda? Só um. Um único regimento para toda a cidade e distrito!"

"Meu Deus! O que faremos se isto der para o torto?" Diogo ouviu o pai respirar fundo antes de responder; claramente, o assunto já havia sido discutido no regimento.

"Vamos todos para o quartel."

Apesar de não ter nascido em Angola, as mais antigas memórias de Diogo Meireles eram as brincadeiras dominicais nos baloiços do Parque Heróis de Chaves, as matinês infantis do Cine Restauração e as manhãs de banho na praia.

A família havia chegado a Luanda em 1957, altura em que o pai, o capitão miliciano Joaquim Meireles, iniciara uma comissão de serviço de quatro anos no Grupo Misto de Artilharia. Até àquela altura a cidade tinha vivido ao ritmo pacato de uma terriola de província, com um estilo de vida aprazível e descontraído, as grandes avenidas soalheiras e as palmeiras à beira-mar a conferirem-lhe um atraente toque exótico. Quando não estava no Colégio Goretti, Diogo ia para o quartel estudar matemática com o pai ou então ficava em casa com o resto da família. A mãe, Lourdes, tornara-se Meireles por casamento, mas o seu apelido original era Branco, o nome da família em Penafiel.

Diogo cresceu magro e calado, alto para a idade e anormalmente ágil. Os seus passatempos predilectos deslizavam pelas páginas do Zorro e sobretudo pelo soalho de casa. De giz na mão, desenhava pistas no chão do quarto para as fabulosas corridas das suas miniaturas da Matchbox, paixão que por contágio lhe despertou o interesse pelo que se passava anualmente no asfalto do Grande Prémio de Luanda. O moço tornara-se um amante das provas de automóveis que animavam o Circuito da Fortaleza, espectáculo repleto de barulho, cores garridas e fumaça a cheirar a óleo que o fazia palpitar de emoção como nenhum outro; ainda no ano anterior vibrara com a vitória do rodesiano John Love no seu espectacular Jaguar, embora na altura tivesse torcido sobretudo pelo Maserati de Álvaro Lopes, o ás angolano que cortou a meta num honroso quarto lugar.

Embora não o pudesse saber ainda, esses tempos tinham acabado. Desde que a mãe lera a notícia no jornal e o pai chegara a casa com as novidades que agitavam o quartel e toda a província, o ambiente em casa e pela cidade mudara radicalmente.

"E a Metrópole?", foi a primeira pergunta que Lourdes fez ao marido quando o viu chegar a casa dois dias mais tarde. "O que dizem da Metrópole?"

"Nem uma palavra", respondeu ele sombriamente. "Não querem saber de nós para nada."

"Mas já chegaram tropas..."

"Sim, uma companhia de paraquedistas. E vêm a caminho quatro companhias de caçadores."

A mulher ergueu os olhos aliviados, como se fizesse uma prece a agradecer aos Céus.

"Ufa! Sempre é alguma coisa."

"Pois, mas o Salazar não diz nada sobre o que se passa por aqui", resmungou o capitão Meireles.

"Nada de nada. É o silêncio absoluto. Fingem que está tudo normal."

O tema enchia todas as conversas em casa, no quartel ou por Luanda inteira. Havia pretos a matar brancos em Angola e a Metrópole nada dizia. Como era possível? A indignação generalizava-se, a par do medo. Estariam os brancos de Angola abandonados por Lisboa e entregues à sua sorte? Sentindo a fragilidade da polícia e do exército, os homens contavam armas e combinavam tácticas e modos de actuação em caso de necessidade extrema, enquanto as mulheres se fechavam em casa com as crianças.

Diogo e os irmãos iam acompanhando as novidades de cada vez que o pai chegava do quartel. A informação ia toda dar ao centro de comando militar e o regresso a casa do capitão Meireles era um autêntico momento de noticiário.

"Estamos a organizar a evacuação das fazendas mais isoladas", contou ele ao jantar numa das noites seguintes. "Partiram hoje colunas e aviões para o Norte."

"Aleluia! Já estava na altura de fazerem alguma coisa!"

"Mas não é possível levar auxílio a todo o lado. Os Dembos estão a dar cabo de nós. Estivemos a ver no mapa e não há para lá estradas nem pistas de aterragem. Não sei como vamos lá chegar."

"Ah, coitados!", exclamou a mãe. "Então como se vai ajudar aquela gente?"

"Precisamos de tempo."

Lourdes pôs-se a despejar sopa fumegante nos pratos; era abóbora. Começou no marido e seguiu para os filhos.

"A dona Olga anda uma pilha de nervos", observou ela. "Está transtornada e diz aos quatro ventos que nos vai suceder o mesmo que aconteceu ao Congo Belga. Achas possível?"

"Não sei."

A resposta claramente não agradou à mulher. Lourdes olhou de relance para os filhos, consciente de que havia coisas que não podia dizer diante das crianças, mas não conseguia conter a preocupação.

"Quim", disse ela entre dentes, improvisando uma observação críptica. "No Congo Belga eles andaram a... enfim, com catanas a... tu sabes, não é? Achas que vão fazer o mesmo aqui?"

O pai meteu a colher à boca, engolindo ruidosamente o pedaço de sopa, enquanto matutava na pergunta.

"Os sobreviventes vêm aí", murmurou, taciturno. "Vamos ouvir o que eles têm para dizer." As acácias rubras agitavam-se num murmúrio verde e laranja, como abanadores gigantes, protegendo do sol agreste os passeios poeirentos da cidade amarelada. Fazia calor, tanto que o próprio dia parecia derramar suor, e o vento quente que soprava baixo entre as árvores, serpenteando pelas ruas até arrebitar pequenos torvelinhos de pó, era afinal o único alívio que aquela fornalha concedia aos homens. O ar acariciava as peles húmidas de transpiração e refrescava o corpo, mas era só um instante, um bálsamo fugaz; o breve momento de conforto logo se esgotava e então voltava o ardor, um abrasamento intenso e pesado, sufocante, tão escaldante que dava a impressão de queimar o ar.

"Puf, que calor!", desabafou Mimicas enquanto abanava o leque com vigor. "Está que não se pode!"

Os dois casais abandonaram o monumental edifício da Capitania do Porto com três rapazes negros no encalço a carregarem as malas e instalaram-se à sombra de uma acácia para recuperar o fôlego. José Branco sentou-se sobre uma mala, abanando um lenço para se refrescar, e olhou para o casal que os acompanhava. "Então, Domingos? Contento por teres finalmente chegado à tua terra?"

O advogado parecia sufocar no seu fato escuro. Aliviou o nó da gravata de cornucópias e passou as costas das mãos pela testa de modo a limpar a transpiração que se acumulava em gotículas.

"Caramba! Já nem me lembrava deste calor!" Espreitou de relance para trás, onde se encontrava o paquete que acabava de ancorar no porto de Lourenço Marques. "Ali é que se ia bem, hem?"

"Lá isso ia", assentiu o médico. "É pena aqui na rua não haver ar condicionado!..."

Riram-se todos, divertidos com o absurdo da ideia. Um grupo de negros começou a chamar e a acenar do outro lado da praça e Domingos abriu-se num sorriso, devolvendo os acenos.

"Já chegou a minha gente!", exclamou. "Vocês têm quem vos venha buscar?"

"Ah, sim. Não te preocupes!"

"Guardaste os nossos contactos, não guardaste?"

José Branco indicou o bolso da camisa.

"Está aqui tudo. Depois ligo para irmos tomar um copo."

"Um copo não", corrigiu Albertina com um olhar cúmplice para Mimicas. "Nós as duas ainda vamos juntas às compras, não é verdade?"

"Ah, pois! Quero coisar umas coisas!..."

O grande homem negro engravatado e a mulher fizeram sinal aos rapazinhos esfarrapados de que pegassem nas suas malas e despediram-se do casal amigo.

"Então vamos andando", disse Domingos. "Divirtam-se em Lourenço Marques!"

José e Mimicas deixaram-se ficar à sombra, sentados sobre as malas a apreciar a rua e a praça que se abria em frente. O grande largo estava bem arranjado, rodeado de árvores, o piso cuidadosamente tratado em calçada à portuguesa com abundantes motivos geométricos; ao longo do perímetro erguiam-se belas construções de ferro ao estilo Belle Époque, no centro um coreto abobadado, ao lado alguns quiosques elegantes, aqui e ali um poste de iluminação e vastos bancos públicos; não fossem os homens e mulheres negros e dir-se-ia estarem na Europa mediterrânica. A única coisa que estranhavam era a condução à esquerda; não entendiam como era possível guiar à inglesa em território português.

"Então?", perguntou Mimicas, impaciente e cansada da longa viagem. "Que fazemos agora?"

José consultou uma carta do Ministério do Ultramar que trazia amarrotada no bolso.

"Não percebo", exclamou, desdobrando a missiva para consultar mais uma vez o conteúdo. "Eles disseram que estariam aqui à nossa espera..."

Um automóvel negro, com a carroçaria coberta de lama e pó, em particular nas rodas e na parte baixa até aos faróis, emergiu da praça e estacionou diante da entrada da Capitania do Porto. Era um velho Studebaker.

A porta do carro abriu-se e do interior saiu um homem magro, de idade, bigode pontiagudo, chapéu branco e fato creme. O desconhecido olhou em redor, como se procurasse alguma coisa; viu o casal instalado por baixo da grande acácia e, vencendo uma ligeira vacilação, dirigiu-se aos dois em passo hesitante, apoiado numa bengala. Chegou ao pé do casal e tirou o chapéu num gesto de deferência.

"Doutor José Branco?"

O médico pôs-se em pé.

"Sim, sou eu."

O homem sorriu.

"Floriano Carvalho, director dos Serviços Provinciais de Saúde." Estendeu a mão ossuda. "Sejam bem-vindos!"

José e Mimicas cumprimentaram o recém-chegado, que fez sinal aos carregadores de que colocassem as malas na vasta bagageira do Studebaker. O casal acomodou-se no carro e Floriano instalou-se ao volante.

"Estava a ver que nos tinham abandonado", observou Mimicas. "Já andávamos até a pensar em coisar um táxi para nos levar para o coiso."

"Peço desculpa pelo meu atraso", disse o anfitrião, olhando pelo retrovisor para se assegurar de que o caminho estava livre. "Pensava que o pacote só chegava ao fim da tarde."

"Não faz mal", devolveu José, conciliador; afinal Floriano era o seu superior hierárquico. "Vamos para longe?"

Floriano riu-se.

"Em Lourenço Marques é tudo perto." Ligou o motor e o carro arrancou. "Está a ver aquilo?" Floriano apontou para as muralhas ao lado da Capitania do Porto. "É a Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, o sítio onde há duzentos anos a cidade nasceu." O automóvel passou devagar ao longo da fortaleza, com os ocupantes a espreitarem as muralhas amarelo torradas, dispostas num quadrado baixo. "Foi durante muito tempo a única construção aqui existente."

"Nesta zona?"

"Não, em toda a cidade. No início Lourenço Marques cresceu muito devagar, sabe?" O carro acelerou e entrou no grande largo em estilo Belle Epoque que observaram da sombra da acácia. "Foi para aqui que a cidade começou a desenvolver-se, no século passado. No início chamava-se, creio eu, Praça da Picota e era o sítio onde a malta se juntava."

O Studebaker contornou a praça por completo e voltou ao ponto de partida para meter pela Rua Araújo em direcção à Praça Mac Mahon, num percurso paralelo à Alfândega e à ponte-cais Gorjão. Os recém-chegados seguiam de olhos presos aos edifícios da rua apertada. Por toda a parte admiraram uma arquitectura tropical de encanto singular, com um toque exótico; eram sobretudo casas de alvenaria adornadas por varandas de madeira, muitas delas com comércio à porta. Em alguns casos havia cabarets de porta fechada, à espera da noite para se abrirem à clientela, mas viam-se também chalets e bungalows ajardinados.

A meio da pitoresca Rua Araújo, o automóvel negro abrandou e encostou ao passeio, estacionando junto a uma esquina. Logo apareceram, como se tivessem emergido do nada, dois grooms negros, fardados de dólmen branco com botões dourados e cofió vermelho na cabeça, que se acercaram do carro e abriram as portas.

"Chegámos?", perguntou José, abanando a cabeça com incredulidade.

O carro havia percorrido uma distância muito curta; entre a Capitania do Porto e aquele local não distavam mais de quatrocentos metros.

"Sim, é aqui", anunciou Floriano, apeando-se com esforço. Fez sinal a um dos grooms de que fosse buscar as malas à bagageira e mirou as instalações que dobravam toda a esquina. "É este o vosso hotel."

Tratava-se de um edifício longo, em forma de V; era de um branco entrecortado por madeira exótica nos pilares e nos varandins, com o telhado coberto de telhas cor de tijolo. Havia um piso térreo e um primeiro andar percorrido por uma longa varanda de madeira, onde se debruçavam alguns clientes e na base da qual se encostavam largos vasos com pequenas plantas tropicais. A porta principal situava-se no vértice do V, o topo a anunciar "Central Hotel".

"Quanto tempo vamos ficar aqui?"

"O tempo suficiente para vos arranjar um destino." Floriano contemplou a fachada, que já lhe era familiar, e vacilou, como se as palavras do recém-chegado lhe tivessem levantado uma dúvida. "Não gosta do hotel?"

"Gosto, gosto."

O director dos Serviços de Saúde apontou para um outro edifício de esquina, este de três pisos,

situado na mesma rua.

"Veja lá! Se preferir, posso pôr-vos ali no Carlton." Indicou um terceiro edifício de esquina, também ao lado. "Ou ali no Savoy. É como queiram."

"Não, este está bem."

Floriano contemplou a fachada com satisfação.

"Pode ficar descansado que aqui o Hotel Central é muito jeitoso. É aseado e encontra-se muito bem localizado." Indicou o lado de onde vinham, a Praça 7 de Março e a Capitania do Porto. "Como vêm, situa-se na zona comercial, a dois passos do porto." Apontou na direcção oposta. "Ali em frente, trezentos metros adiante, está a Praça Mac Mahon, onde temos a estação de comboios." Depois voltou a mão para outro ponto. "E, duzentos metros para ali, naquela direcção, encontra-se o Mercado Municipal."

Cruzaram a porta e dirigiram-se à recepção com os grooms no encalço.

"Já sabe para onde nos vai transferir?", perguntou José Branco.

"Estamos a estudar várias possibilidades, mas não lhe vou dizer nada enquanto não existir uma coisa concreta. Tenho em vista um sítio que vai perder um médico e pode ser que o doutor seja colocado lá."

"Ai sim? O colega que lá está vai-se embora?"

"Vai."

"Volta a Portugal?"

Floriano fez um gesto largo, abarcando a rua e tudo o que se encontrava em redor.

"A Portugal? Meu caro, Portugal é tudo isto."

"O que eu queria dizer era se ele voltava à Metrópole..."

Com um trejeito um tudo-nada teatral, o superior hierárquico esboçou um ar admirado.

"Voltar à Metrópole? Para quê?"

"Bem", atrapalhou-se José. "Podia não se ter adaptado, sei lá..."

"Oh, doutor! Quem aqui chega já não quer voltar."

"Ora, como pode ter tanta certeza?"

"Porque esta é a terra mais bonita do mundo."

Permaneceram no Hotel Central durante alguns dias, período que lhes serviu para se habituarem à vida em Lourenço Marques.

O casal Rouco deu notícias logo na manhã seguinte e desafiou-os para um passeio pela cidade.

"Primeiro queria tomar o pequeno-almoço", disse Mímicas, eternamente esfaimada. "Mas aqui no hotel coisa-se tão mal!... Não haverá por aí um sítio onde a comida seja boa?"

"Ah, Mímicas!", retorquiu Domingos. "Aqui boa comida é mato!"

Mímicas arregalou os olhos, chocada com a notícia, e pôs a mão escandalizada na boca.

"O quê? Só no mato é que se arranja boa comida? Que horror! Como é que vamos viver assim?!"

Os dois Rouco soltaram uma gargalhada.

"Quando dizemos que uma coisa é mato, isso significa que há muito dessa coisa", explicou Albertina. Apontou para a rua. "Por exemplo: carros é mato. Isto quer dizer que há muitos carros, percebe?"

"Ah, bom!", exclamou a amiga, com alívio. "Ufa! Já estava a ficar assustada!..."

"Se têm fome, vamos então ali ao Scala matabichar", decidiu Domingos. "Depois seguimos para a Pinheiro Chagas. As senhoras dizem que é do melhor para as compras."

"Ai sim? É aqui perto?"

"Não, Mímicas. Temos de apanhar o machibombo."

O casal Branco esboçou um novo esgar interrogativo.

"O quê?"

Os Rouco riram-se de novo e Domingos pousou as mãos nos ombros dos dois amigos.

"Vocês precisam de se habituar aos moçambicanismos, pá", aconselhou ele num tom paternal.

"Vamos primeiro tomar o mata-bicho, não é? Depois apanhamos o machibombo porque a Pinheiro Chagas é maningue mato longe." Tirou do bolso uma pequena embalagem vermelha de pastilha elástica. "Vai uma chuinga? Iá, olhem que é naice!..."

Tomaram um pequeno-almoço no Café Scala tão bem servido que no final, e depois de se ter alambazado com quase metade da comida que tinha vindo para a mesa, Mímicas olhou horrorizada para os pratos vazios diante dela e abanou a cabeça.

"Ai, comi de mais", gemeu. "Estou tão arrependida..."

Apanharam o autocarro mesmo em frente ao café e ao longo do caminho observaram com curiosidade a catedral, a câmara municipal e depois o casario a desfilar em redor. A cidade parecia-lhes bem ordenada e espaçosa, cheia de luz e amplos espaços verdes; a arquitectura variava entre o estilo colonial e as linhas modernas, o que lhe conferia uma graça singular.

A viagem prolongou-se até chegarem a uma fileira de grandes avenidas. Floriano havia-lhes dito que Lourenço Marques não passava de uma povoação pequena, mas não era isso o que constatavam; embora não fosse maior do que Lisboa, a verdade é que a cidade se revelou de uma dimensão apreciável e manifestamente bem planificada, com longas avenidas paralelas, à americana, e arborizadas.

"É aqui."

Aparearam-se na Pinheiro Chagas, uma dessas avenidas largas e compridas, dominada por edifícios enormes. Demoraram um instante a admirar as fileiras de prédios; nunca tinham visto nada daquilo na Metrópole. No entanto, a admiração depressa cedeu lugar às coisas práticas. As senhoras enlaçaram os braços uma na outra e foram ao Salão Girassol arranjar o cabelo, deixando os maridos com um aceno e uma recomendação.

"Portem-se bem!"

A primeira coisa que os dois homens fizeram logo que se viram sozinhos foi comprar no quiosque a edição dessa manhã do Notícias, o principal jornal da cidade. José queria saber pormenores da grande vitória alcançada dois dias antes pelo Benfica diante do Barcelona e que lhe valera a conquista da Taça dos Campeões Europeus. Folhearam o jornal no meio do passeio e vitoriam a imagem de José Aguas em ombros com a taça nas mãos, mas os sorrisos desvaneceram-se quando, terminada a leitura pormenorizada da página desportiva, passaram os olhos pela primeira página e se depararam com um título sobre o que se estava a passar em Angola.

"Tenho uma irmã a viver em Luanda e ela anda em pânico", observou José, de repente taciturno. "A Lourdes mandou-me uma carta a dizer que a cidade se encontra em estado de sítio e que nem sai do bairro do quartel. Coitada, está muito assustada."

"Eu tinha-te avisado", disse o amigo. "A guerra era inevitável."

"Mas assim? Os tipos andam a matar mulheres e crianças à catanada! Achas que isso está certo?"

Domingos abanou a cabeça.

"Acho que está muito errado", admitiu. "Não me entendas mal. Não aprovo de modo nenhum essas carnificinas. Mas isso não significa que não compreenda. A culpa é o MPLA foram criados em 1956, Zé. Isto significa que existem há cinco anos. Andaram cinco anos a tentar falar com as autoridades portuguesas sobre o futuro de Angola. O que deu essa tentativa?" Fez um "O" com o polegar e o indicador. "Zero." Encolheu os ombros. "Depois admiram-se!..."

Agastado com a notícia, José dobrou o jornal e recusou-se a conversar mais sobre o assunto. O tema perturbava-o, sobretudo porque acabava de chegar a África e já via as coisas a andarem para trás.

Observando-o desalentado, e tentando animá-lo com referências à grande vitória do Benfica sobre o Barcelona, Domingos decidiu levá-lo à Casa Bem Fica, uma camisaria situada na Rua Salazar, para adquirir camisas de safari.

"Aqui é melhor vestir coisas leves", aconselhou. "São mais adequadas ao clima tropical do que o fato e gravata que se usa lá na Metrópole." Inclinou a cabeça, num aparte. "Se calhar até já têm camisas com a Taça dos Campeões Europeus cosida ao peito!..."

A visita à Casa Bem Fica serviu para desanuviar o ambiente. O nome da camisaria permitiu a José concentrar-se nas boas notícias, neste caso a vitória do seu clube, em detrimento das novidades sobre a nova guerra. Mas Angola permanecia presente num recanto da sua mente, e foi tanto assim que o tema voltou a aflorar no momento em que, após experimentar vários modelos de balalaica, se decidiu por um deles.

"O branco."

"Branco?", admirou-se Domingos. "Olha que o creme é mais usado. Se queres bizarras, porque não pedes vermelho?", gracejou. "Sempre serve para comemorar a vitória!"

"Quero o branco."

"Mas porquê o branco?"

"Condiz com o meu nome", explicou enquanto se mirava ao espelho. "Além do mais sou médico, não é verdade? O branco é sinónimo de paz e humanidade. É disso que precisamos."

José Branco decidiu-se pelo branco na Casa Bem Fica, uma decisão que reflectia o sentimento que se apossara dele. Que melhor cor poderia escolher no momento em que começava a guerra? De então em diante passou a vestir-se e calçar-se de branco, uma opção que personalizava tudo o que sentia, e foi assim que se apresentou uma hora mais tarde na casa de chá onde haviam combinado o reencontro com as mulheres.

Um burburinho morno enchia o Salão de Chá Veneza. A hora não era muito concorrida e havia inúmeras mesas vagas. As senhoras foram as primeiras a chegar e escolheram um lugar à janela. Dali viram os maridos cruzar a porta e, com gestos frenéticos, fizeram-lhes sinal.

Foi um momento curioso porque José e Mímicas apareceram diferentes diante um do outro; ele todo de branco como uma pomba, ela sem os tradicionais óculos.

"Fico bem?", quis Mímicas saber, piscando os olhos de forma provocadora. "A Albertina levou-me ao Oculista Pilú e comprei estas lentes de contacto. Gostas?"

José Branco sorriu.

"Estás muito chic." Rodou o corpo para exhibir os seus novos trajos. "E eu?"

Mímicas deteve-se a observá-lo dos pés à cabeça, apreciando-o com cuidado. Percebeu que a mudança do visual e a escolha do branco tinha um significado mais profundo do que podia parecer, sinalizando a entrada do marido numa nova fase da vida, mas mesmo assim não resistiu ao gracejo.

"Pareces uma freira de calças."

Quando acompanhou a mãe ao Quintas & Irmão para espreitar os saldos, Diogo foi direito à secção dos brinquedos entreter-se com os carrinhos da Matchbox que tanto o fascinavam. Havia algum tempo que andava a namorar um Lotus negro em miniatura que se encontrava no topo da prateleira, inacessível como o tesouro mais precioso da loja, e dessa feita reuniu coragem e dirigiu-se ao empregado com a ideia de pedir para o ver. O funcionário atendia nesse momento uma cliente e o rapaz, educado e paciente, sentou-se aos pés da caixa a aguardar a sua vez, tornando-se assim ouvinte inadvertido da conversa.

"a alojar muitos dos refugiados num prédio da Avenida de Lisboa, ao pé do Diário de Luanda, não sei se sabe onde é."

"Sei, pois claro que sei", retorquiu a cliente com grande convicção. "A escola primária do meu filho também já está transformada num albergue de refugiados, o que pensa você? E olhe que não é a única! A número sete encontra-se à pinha com gente acabada de chegar lá do Norte."

"Tem de ser", retorquiu o empregado com uma expressão resignada. "Já são mais de três mil refugiados, dona Aurora! Onde se vai pôr essa gente toda? As escolas e os sindicatos têm de se mobilizar, não há outro remédio!..."

"Os refugiados ainda é o menos, Nuno. Se fosse só isso, estávamos nós bem. Sabe o que verdadeiramente me apoquentava?" A cliente baixou a voz e tornou-se quase conspirativa. "Os mortos."

"Ah, pois..."

"Fala-se em quinhentos ou seiscentos. Um horror!"

"Isso são boatos, dona Aurora!", atalhou o empregado com um esgar céptico. "A boataria que por aí anda é infernal!"

"Mas os jornais dizem muito pouco! Imagine só as coisas que a censura não os deixa publicar... Se não acreditarmos no que ouvimos os nossos amigos dizerem, acreditamos em quê? Acha que é mentira? Acha que não morreu ninguém?"

"Não, claro que morreu. Os próprios jornais confirmam que há mortes de fazendeiros. Sobre isso não há dúvidas."

"Mas não dão números", insistiu a cliente. "Não acha isso estranho? Sabe, a mim disseram-me que os mortos já iam em seiscentos. E olhe que..."

O empregado apercebeu-se nesse instante da presença de Diogo, que continuava sentado junto à caixa a aguardar vez.

"Chiu!", disse ele para a cliente, fazendo-lhe sinal na direcção da criança. Depois sorriu e inclinou-se para Diogo. "Olá, meu maroto. O que queres tu?"

O rapaz apontou para o carro da Matchbox guardado no alto da prateleira.

"O Lotus."

Diogo sentiu o ambiente febril e a comoção que envolvia os pais e a generalidade dos adultos, mas percebeu também que quando havia crianças em redor toda a gente se calava, como se houvesse uma conspiração para simular a normalidade. Todavia, não se deixou enganar. Havia ajuntamentos de pessoas por toda a parte e os rostos fechados indicavam que algo de grave se passava. Que diabo estariam os adultos a esconder?

O ambiente tornou-se de tal modo pesado que Diogo suspendeu a vida de brincadeiras e, inspirado no incidente ocorrido no Quintas & Irmão, tornou-se uma espécie de espião. Sempre que via adultos em conversas conspirativas aproximava-se deles e, fingindo-se distraído ou ocultando-se em qualquer canto, punha-se a escutá-los.

O diálogo mais revelador foi o que surpreendeu no dia a seguir às compras do Quintas & Irmão. Estava Diogo à janela do quarto quando viu a mãe aparecer com a fruta que fora comprar às quitandas do bairro.

"Ó vizinha", chamou dona Olga no momento em que a surpreendeu prestes a entrar em casa. "Já viu o que aconteceu em Madimba?"

A mãe pediu-lhe um instante para ir a casa pôr as compras e Diogo aproveitou para agarrar num carrinho de bombeiros e sair disparado para ir brincar atrás de uma árvore mesmo ao lado da casa de dona Olga. Quando a mãe voltou para falar com a vizinha, o rapaz encontrava-se perfeitamente posicionado para escutar a conversa; aninhava-se ali próximo, mas permanecia invisível.

"Então, dona Olga?", quis saber a mãe. "Há novidades?"

"O meu marido foi à sede do Sindicato dos Motoristas ajudar a instalar umas famílias que vieram

lá do Norte, de junto da fronteira com o Congo. Os pobrezitos sofreram um inferno. Os pretos mataram o administrador de Luvaca e a mulher e fizeram ainda pior em Madimba. Apanharam o chefe do posto e mataram-no a ele, a quatro mulheres e a cinco crianças."

"Ai coitados, coitados!..."

"Veja lá! Isto está do pior!"

As duas suspiraram sucessivamente e gemeram de comiseração.

"O meu Quim chegou-me ontem a casa transtornado", disse a mãe. "Sabe, ele tem andado às voltas com os sobreviventes de Nambuca... Nambun..."

"Nambuangongo."

"Isso! Sabe que é a uns cento e cinquenta quilómetros daqui, não sabe?"

"Então não sei, dona Lourdes? Jesus! Desde que isto começou que tenho andado à roda do mapa a calcular a que distância estão eles de nós. Ando toda ralada com Quicabo, onde se fartaram de matar brancos. Olhe que Quicabo fica só a sessenta quilómetros de Luanda..."

"Isto é um horror, um horror! Que vamos nós fazer se a coisa chegar cá?"

"Nossa Senhora há-de proteger-nos."

"Pois olhe que não protegeu estes desgraçados!..."

Mais vagidos de comiseração entre as duas. Diogo mantinha-se encostado ao tronco da árvore, o brinquedo na mão apenas como justificação de ali estar para o caso de a mãe o surpreender.

"Mas a senhora falava de Nambuangongo."

"Ah, sim", retomou Lourdes. "Dizia-lhe eu que o meu Quim tem andado num frenesim com os sobreviventes de Namban... Nanguan... ai!, com os sobreviventes desse sítio. Sabe quantos brancos mataram aí? Mais de trezentos!"

"Que horror!"

"É uma chacina!..."

"Olhe que Nambuangongo também fica aqui no distrito de Luanda..."

"A quem o diz!"

Dona Olga fez um estalido com a língua.

"O meu marido contou-me que já contabilizaram uns trezentos brancos mortos à catanada nas fazendas entre o Dange e Quitexe. Parece que os pretos até retalham as crianças aos bocados!"

"Ai, não me conte isso que fico doente! Fico doente!"

"E eu? Nem durmo só a pensar na mesma coisa."

"Quando me falam das crianças penso logo nas minhas."

"Ah, pois é! Isto é terrível!", exclamou dona Olga, mudando de seguida o tom de voz. "Oiça lá, não quer tomar um chazinho?"

"Ai não. Tenho a minha Gracinha à espera. Daqui a pouco precisa do biberão."

"Quando é que tem de lhe dar o biberão?"

"Daqui por meia hora."

"Então ande daí, venha tomar um chazinho. São só dez minutinhos e vai ver que se sente mais revigorada."

A mãe fez uma pausa para considerar a sugestão.

"Dez minutinhos? Está bem."

"Ora venha. Sabe que o meu marido me disse..."

As duas vozes afastaram-se e emudeceram logo que a porta se fechou. Diogo levantou-se com o carrinho de bombeiros na mão e, apesar do terror que quase o paralisava, voltou em corrida para casa.

Duas noites mais tarde o pai chegou do quartel com um homem que nunca ninguém vira. Era um

civil baixo e calvo no topo da cabeça, com o cabelo negro e oleoso atrás das orelhas e penteado para cima, num esforço vão de ocultar a careca; mas o que nele mais se destacava eram as grandes olheiras que lhe escureciam o olhar.

"Lourdes, trouxe o senhor Lopes para jantar", anunciou o capitão Meireles. "Põe os miúdos a comer na cozinha."

"Na cozinha?", admirou-se a mãe. "Homessa! Porque não hão-de os garotos comer connosco?"

"O senhor Lopes veio dos Dembos."

A informação deixou a mãe embatucada. Estudou o convidado dos pés à cabeça, como se o reavaliasse. Depois de o cumprimentar com especial deferência, voltou-se para os filhos e bateu as palmas.

"Ala! Tudo para a cozinha!"

Diogo e os três irmãos foram comer para a copa, enquanto o pai se instalava com o convidado na sala. Logo que despachou os filhos, Lourdes verificou se a bebé dormia, levou a comida para a sala de jantar e fechou a porta.

O tom conspirativo do procedimento não passou despercebido entre os irmãos. Diogo trocou olhares com Manel e Mimi e, com súbita resolução, foi buscar o seu carrinho de bombeiros para ir brincar para o corredor, mesmo aos pés da porta da sala de jantar.

"O que estás a fazer?", quis saber Manel.

Diogo encostou o indicador aos lábios.

"Chiu!"

Encostou a cabeça à base da porta e ali ficou, atento à conversa que decorria à mesa. As frases nem sempre eram integralmente perceptíveis, mas uma ou outra palavra que falhava não impedia que captasse o sentido das frases.

"... primeira coisa estranha foi acordar com o gerente de uma fazenda às seis da manhã", dizia uma voz do outro lado da porta, decerto o convidado. "Pensei: mas que raio me quer o homem? O tipo vinha preocupado. Disse-me que na véspera lhe tinham desaparecido mais de cem homens da propriedade, a fazenda Zalala, e que achava os restantes muito agitados."

"Agitados como?", interrompeu o pai.

"Sei lá, nervosos... O homem parecia preocupado com a maneira como os trabalhadores falavam com ele e como o olhavam."

"Hmm... e então?"

"Bem, o gerente lá regressou à fazenda e eu fiquei a matutar com os meus botões: querem lá ver que há chatice? Decidi percorrer as roças da região. Vesti-me, deixei a minha mulher e os meus filhos a dormir e meti-me no carro. Andei por ali fora e pareceu-me tudo em ordem. A certa altura, quando já me preparava para voltar ao Quitexe, lembrei-me de uma demarcação que tinha sido feita há pouco tempo para uma nova plantação de café. Aquilo era recente e ainda estive vai não vai para não ir. Mas o terreno ficava ali perto e decidi espreitar a coisa. Quando lá cheguei pareceu-me tudo tranquilo. Buzinei para chamar o proprietário, mas ninguém apareceu. Se fosse de manhã cedo, enfim, ainda podia admitir que o homem estivesse a dormir, mas por aquela altura já era final da manhã, por isso não me pareceu normal ninguém responder. Saí do carro e fui até à casa. O que vi logo à minha frente? Um corpo deitado no chão no meio de um charco de sangue. Aproximei-me e percebi que era o fazendeiro, que tinha sido morto à catanada. Peguei logo na pistola e, a tremer, fui inspeccionar o resto da casa. Dei com um preto igualmente morto à catanada; era o empregado. Mais à frente estava a mulher do proprietário, coitada, também morta da mesma maneira."

"E as crianças?"

"Felizmente não tinham filhos. Saí dali a correr e fui em todas as fazendas a alertar para a situação. A certa altura cruzei-me na estrada com um grupo de brancos que reconheci; era pessoal do Quitexe. Onde vai?, perguntaram-me. Ora, vou regressar ao Quitexe. Não vá!, disseram-me; não há ninguém vivo. O quê, não há ninguém vivo?!, admirei-me. Os pretos mataram toda a gente. Senti o coração dar um salto. O quê? Mataram tudo, responderam-me. E a minha mulher? E os meus filhos? Não há ninguém vivo, repetiram. A minha família também? Alguém viu a minha mulher e os meus filhos mortos? Ninguém sabia, tinha tudo fugido à pressa."

"Ai que horror!", murmurou a mãe. "Que horror, que horror!"

"Fiquei transtornado, como devem calcular. O que ia eu fazer? Devia ir ao Quitexe e arriscar-me a ser morto? Devia ficar numa fazenda e ignorar o que acontecera à minha família? Foi a desorientação total, não podem imaginar."

"Imagino, imagino", disse o pai. "O que decidiu fazer?"

"Percebi que teria de arriscar. Trazia uma pistola comigo e precisava de saber o que sucedera à minha mulher e aos meus filhos. De modo que lá me meti pela estrada, a tremer de medo e a chorar por eles."

"Coitado..."

"Quando cheguei ao Quitexe parecia que tinha entrado no inferno. Havia corpos espalhados pelas ruas, tudo morto à catanada. Até o coração se me apertou. Nem parei e fui directo a casa, prevendo o pior. Entrei a medo, apavorado com o que poderia encontrar, mas descobri-a vazia. Não havia vivalma nem, felizmente, nenhum cadáver. Fui ter com o aspirante administrativo que normalmente me ajuda no posto e dei com o corpo dele no quarto de banho. Um outro auxiliar estava morto no posto. Sabe como? Agarrado ao emissor de rádio! Aquilo era dantesco, vocês não podem imaginar. Pus-me a esquadrihar o Quitexe, mas não encontrei a minha família. Depois lembrei-me de ir a casa do meu criado. Meti pela sanzala e fui dar à palhota. Entrei sem avisar e o que vejo eu? A minha mulher e os meus filhos! Oh, foi uma alegria que não se descreve! Tinham sido salvos pelo criado, o João, que Deus o abençoe."

A mãe soltou uma gargalhada nervosa.

"Ai que alívio!", exclamou. "Estava a ver que isso acabava mal."

"Felizmente que não, no nosso caso. Mas noutras situações foi diferente, sabe? Houve casos em que foram os próprios criados a degolar os patrões. Alguns tinham anos de casa!"

"Que horror!", exclamou a mãe. "E a sua família? Onde está ela?"

"Meti toda a gente esta tarde no Super Constellation. A esta hora estão a voar para a Metrópole, graças a Deus. Depois de arrumar as nossas coisas, também vou. Isto está que não se pode."

Fez-se um silêncio pesado à mesa e, ainda encostado à porta, Diogo ouviu um súbito tilintar de pratos, como se alguém chamasse a atenção para a comida de modo a aligeirar o ambiente.

"Ora coma, coma! Quer a perna ou o peito?"

"O peito", retorquiu o convidado. "Não tem jindungo?"

"Está na cozinha. Vai uma pitada?"

"Agradecia."

O rapaz escutou uma cadeira a arrastar e não esperou mais; levantou-se apressadamente e foi para a outra ponta do corredor. A porta da sala de jantar abriu-se e apareceu a mãe, que ao vê-lo ali lhe atirou de imediato um olhar desconfiado.

"O que estás a fazer aqui no corredor?"

Diogo assumiu o ar mais casual que conseguiu.

"A brincar."

A mãe fitou-o com uma expressão severa.

"Vai brincar para o quarto", ordenou, apontando para a porta. "Andor! Fora daqui!"

O filho levantou-se, contrariado, e arrastou-se cabisbaixo com o carrinho dos bombeiros na mão. Abriu a porta do quarto e viu os irmãos, que se viraram para ele e lhe lançaram um olhar expectante, como quem pede novidades.

Diogo levava muito que contar.

A convocatória surgiu na segunda semana, quando um pacote bateu à porta do quarto dos Branco no Hotel Central de Lourenço Marques e entregou a José um envelope remetido pelos Serviços Provinciais de Saúde. Depois de depositar uma gorjeta na mão do rapaz, o hóspede abriu o sobrescrito e constatou que se tratava de uma convocatória do director, Floriano Carvalho, para uma reunião nesse mesmo dia às três da tarde.

Almoçou com a mulher na cervejaria Piripiri e, à hora combinada, o médico apresentou-se na morada da Pinheiro Chagas à qual havia sido chamado. Tratava-se de uma elegante vivenda de traça colonial oitocentista, com um belo jardim à volta e o primeiro andar rodeado por uma vasta varanda, à maneira antiga.

"Oh, caro doutor Branco", saudou Floriano quando o foi receber às escadas. Levou-o para o gabinete e indicou uma cadeira diante da sua secretária. "Faça o favor."

O médico sentou-se e contemplou a sala. Era larga e estava toda revestida a madeira, com um enorme relógio e fotografias emolduradas a ornar as paredes, incluindo uma grande imagem de Salazar atrás da secretária do director.

"Que belo gabinete."

O olhar de Floriano incendiou-se de entusiasmo.

"É, não é?" Apontou para um caixilho na parede. "Está a ver esta fotografia?"

José Branco pousou o olhar na imagem encaixilhada, enquadrando um retrato a preto-e-branco de uma moradia com o espaço vazio à volta; evidentemente um clichet antigo do edifício onde se encontravam.

"É esta casa?"

"Essa fotografia foi tirada em 1914", indicou com um sorriso embevecido. "Trata-se de um dos edifícios mais antigos de Lourenço Marques, construído para ser a residência do director do Hospital Miguel Bombarda. É para que veja como é distinta esta moradia!"

Os olhos do convidado desviaram-se do retrato para as amplas janelas da sala.

"Uma casa cheia de charme, sem dúvida."

O sol jorrava pelos vidros, formando um rectângulo iluminado no soalho de madeira exótica. O pó cintilava no ar, como se milhares de pirilampos minúsculos esvoaçassem diante da luz, e um móvel de madeira rangeu, parecia que protestava contra o calor.

Fez-se um silêncio desconfortável, quebrado pelo pigarrear forçado de Floriano a assinalar a entrada no assunto que o levava a convocar o médico para aquela reunião.

"Já tenho aqui a sua guia de marcha", disse, exibindo um envelope com o carimbo dos Serviços Provinciais de Saúde. "Mas antes de lha entregar gostaria de ter consigo a conversa que tenho habitualmente com todos os médicos que aqui recebo antes de os enviar para os seus postos."

"Vai-me alertar para as especificidades das patologias africanas?", perguntou José. "Não precisa. Ao contrário de muitos colegas que por aí andam, eu tirei Medicina Tropical em Lisboa antes de vir para aqui. Sei muito bem o que me espera."

Os dedos de Floriano tamborilaram distraidamente na mesa.

"Ainda bem!", exclamou o director. "Mas, independentemente disso, queria fazer-lhe uma pergunta. O senhor sabe o que estamos a tentar fazer nesta terra?"

José estranhou a pergunta e ficou incerto sobre o seu sentido.

"Bem, acho que estamos a tentar tratar das populações..."

Floriano ignorou a réplica do médico, evidentemente fora do alvo, e respondeu a si próprio.

"Uma coisa grandiosa." Levantou-se e dirigiu-se à janela voltada para a avenida. "Olhe lá para fora, doutor. Olhe bem." Fez uma pausa, exibindo a paisagem com um gesto grandiloquente. "O que vê o senhor?"

José esticou o pescoço.

"Vejo carros a passar na avenida, pessoas a circular pelos passeios e prédios por toda a parte. Porquê?"

"Há menos de duzentos anos, Lourenço Marques não passava de uma fortaleza, justamente aquela que vos mostrei quando vocês chegaram, e uma casa de madeira construída ao lado. Além das palhotas, claro. Mais nada."

"Há quanto tempo foi isso?"

"No século XVIII, meu caro amigo."

"Mas os Portugueses não chegaram a Moçambique em 1498?"

"Sim, é verdade, foi Vasco da Gama o primeiro branco a pôr o pé nesta terra. Mas isto ficou tudo negligenciado, meu caro. Ninguém queria saber de nada, havia outras prioridades. Os únicos que se interessaram foram alguns mercadores portugueses que, enquanto as caravelas seguiam para a Índia, exploraram a costa de Moçambique, atraídos pela lenda do Monomotapa. Dizia-se que havia por aí grandes minas de ouro."

"Como as do rei Salomão?"

"Mais ou menos. Instalaram-se então feitorias em Sofala e na Ilha de Moçambique, mas o resto era paisagem. Durante quatro séculos, a influência portuguesa por estas paragens ficou ao sabor das nossas cíclicas expansões e retracções e do comércio dos escravos, do ferro e do ouro. Até cerca de 1890, Moçambique não era bem um território português, mas um pedaço de terra entregue a intermináveis disputas tribais, com os caciques e os mazungos a guerrearem-se uns aos outros, aliando-se alternadamente aos Portugueses e aos maometanos. Só nominalmente é que isto dependia da coroa portuguesa." Abriu a janela e deixou o ar quente da rua invadir o gabinete. "A coisa estava de tal modo ao deus-dará que os primeiros europeus a instalarem-se neste sítio, onde é agora Lourenço Marques, não foram os Portugueses, mas os Holandeses. Depois vieram os Ingleses e até uma empresa austríaca, veja lá!"

"Mas nós não andávamos por aqui?"

"Por Moçambique?"

"Não, não." Apontou para o chão. "Aqui na zona de Lourenço Marques."

Floriano indicou com a cabeça um ponto indefinido para lá de uma janela.

"Instalámos um entreposto ali na ilha da Inhaca, do outro lado da baía, para o comércio do marfim. Mas só viemos aqui para Lourenço Marques em 1781, quando o pessoal da Inhaca atravessou a baía e se pôs a construir a fortaleza. A coisa manteve-se pequena ao longo de todo o século XIX, mas a descoberta de ouro e diamantes no Transvaal criou a necessidade de se abrir um porto para escoar esses minerais preciosos. Ora o melhor porto do Sudeste africano é o de Lourenço Marques, toda a gente sabe. Está protegido pela baía e dispõe de águas profundas. De modo que se começou a investir por aqui. A linha férrea, essencial para ligar o Transvaal à costa, ficou entretanto concluída e então, aí sim!, Lourenço Marques começou a crescer a sério." Fez um gesto largo com as mãos, afastando-as como se houvesse um objecto a dilatar no meio. "A cidade cresceu tanto, em dimensão e importância, que, em apenas quatro anos, retirou à Ilha de Moçambique o estatuto de capital da colónia. Pode dizer-se que Lourenço Marques

é praticamente uma criação do século XX. Tudo o que havia antes por aqui era risível, insignificante."

"Mas já havia Moçambique..."

"Não, não havia. Existiam umas terras mais ou menos administradas por nós, só isso. Muitas partes do território permaneceram nas mãos dos selvagens até 1914, altura em que, então sim, a colónia adquiriu as suas fronteiras definitivas. Mas só eram fronteiras no papel, como deve calcular, porque Portugal não fazia ocupação efectiva. O problema é que os Ingleses e os Alemães começaram a ficar com vontade de nos abocanhar e, como não tinha dinheiro nem gente para ocupar a terra, a coroa voltou-se para empresas privadas estrangeiras e entregou-lhes por cinquenta anos o monopólio da exploração de dois terços do território, a troco de 7,5 por cento dos lucros. Está a ver o negócio?"

"Portanto, alugámos a colónia aos estrangeiros."

"Isso. Criaram-se assim três companhias: a do Niassa, a da Zambézia e a de Moçambique. A contrapartida dada por Portugal foi assegurar o controlo efectivo do território, o que obrigou a desencadear várias campanhas militares, como as de Mouzinho de Albuquerque, que levaram à captura dos reis locais, como o Gungunhana."

José Branco passou as mãos pelo cabelo e fitou o superior hierárquico com uma expressão intrigada.

"Tudo isso é realmente muito interessante", disse da forma mais convicta que conseguiu. "Mas confesso que não vejo bem a relação desse assunto com o meu trabalho..."

O director respirou pesadamente.

"O que estou a tentar explicar-lhe, caro doutor, é que isto era tudo muito negligenciado. Os idiotas da monarquia, e depois os parvalhões da República, estavam demasiado envolvidos nas suas trapalhadas para prestarem a devida atenção às colónias. Os republicanos ficaram todos enxofrados com o ultimato inglês, mas, enquanto governaram, esses fala-barato também nada fizeram." Floriano abandonou a janela e voltou a sentar-se no seu lugar. "Sabe quem é que mudou isto?"

A pergunta suscitou um arquear de sobancelhas de José; a resposta era previsível.

"O novo regime?"

O olhar do seu superior hierárquico desviou-se para o retrato pregado na parede atrás da secretária.

"Salazar."

Numa reacção quase reflexa, o médico fitou também a figura esfíngica do presidente do Conselho, imobilizada naquela moldura.

"Ah."

Floriano deu uns passos e estacou diante do retrato.

"Salazar foi o primeiro homem a formular uma estratégia coerente para o império. A ideia que ele apresentou, e que estamos a pôr em prática, é fazer com que as províncias ultramarinas sejam auto-suficientes, com a indústria concentrada na Metrópole e a agricultura e as matérias-primas nas colónias. Salazar acabou com as concessões privadas aos estrangeiros e instituiu uma administração central forte. Investiu no algodão e no arroz, e a verdade é que as exportações aqui da província aumentaram mais de quinhentos por cento." Fez uma pausa, para deixar o número assentar. "Quinhentos por cento. Imagina o que isso é?"

"É muito."

"É a diferença entre o nada e o tudo, meu caro. Entre a inexistência e a existência." O director puxou a cadeira e reinstalou-se no seu lugar à secretária. "Mas não ficámos por aqui. O estado está a investir na industrialização, que se centra nesta zona de Lourenço Marques, e também no turismo. A ideia é atrair os bifes que vivem na Rodésia e na África do Sul, para ver se eles vêm cá gastar os seus rands."

Apontou o dedo ao subordinado. "E é aqui que você entra."

O médico arregalou os olhos.

"Eu?"

"Sim. Você, eu, todos os colonos que aqui estão. E que, para marcar Moçambique no mapa, o país necessita de quadros qualificados. Temos poucos, como sabe, até porque a Metrópole não pode enviar toda a gente habilitada que para lá anda, se não fica ela sem ninguém. Somos por isso poucos, mas precisamos de dar o melhor uso a cada um." Apontou para o subordinado. "Você é um desses poucos. A pátria exige que dê o seu melhor, apesar das condições adversas que cá existem. A terra é dura, mas as pessoas que vêm para o Ultramar são gente que ergue, que constrói, que abraça o trabalho, que faz das fraquezas forças e transforma o pó em ouro. Para trás fica o Portugal derrotista, preguiçoso e maledicente, das críticas e das invejas, dos que falam e nada fazem. Aqui é o Portugal optimista, trabalhador e construtivo, solidário e positivo, dos que fazem mais do que falam. Estamos numa terra imensa, onde está tudo por fazer, e gostaria que tivesse isso sempre presente quando começar a desempenhar as suas novas funções." Ergueu o dedo. "Quem vem para África vem em missão!"

"Com certeza", assentiu o médico. "Vim cá para trabalhar e sei muito bem que está quase tudo por fazer. Mas confesso que a sua conversa me está a assustar um bocado. Em que diabo de buraco me querem vocês meter?"

Floriano esboçou um sorriso e levantou-se de novo, desta feita para se abeirar de um mapa de Moçambique que se encontrava assente numa estrutura de madeira ao lado da secretária.

"Esteja tranquilo que é um sítio agradável", prometeu, pousando o indicador num ponto do mapa. "Aqui."

José Branco aproximou-se e fixou os olhos no local indicado. Tratava-se de uma cidade situada relativamente perto de Lourenço Marques, apenas alguns quilómetros a norte da capital provincial.

"Xai-Xai?"

O director pegou no envelope com a guia de marcha.

"Esse mapa é antigo", disse, entregando-lhe o sobrescrito. "Agora chama-se João Belo."

O subordinado mantinha a atenção colada àquele ponto do mapa.

"É este o buraco para onde vamos ser desterrados?"

"Qual buraco, doutor? João Belo é uma linda cidade!" Inclinou a cabeça. "Com a vantagem acrescida de não ser muito longe daqui. Temos lá trabalho para si e para a sua mulher. Se precisar de alguma coisa, estarei aqui às suas ordens." Estendeu-lhe o braço, dando a reunião por terminada. "Boa sorte!"

Apertaram as mãos e Floriano acompanhou o médico até à porta do gabinete. Despediram-se mais uma vez e José virou as costas para descer as escadas.

"Doutor Branco?"

Ia já a meio da escadaria quando se deteve e olhou para trás. O superior hierárquico permanecia plantado à porta do gabinete.

"Sim?"

"Tenha cuidado com as más companhias, ouviu?"

Acto contínuo, e sem esperar pela réplica, Floriano fechou a porta e deixou José Branco ancorado entre dois degraus, intrigado com o conselho, a tentar compreender o seu real alcance.

Um silvo ondulante soou pelo altifalante do rádio como um assobio desafinado. O capitão Meireles rodou o manípulo, procurando sintonizar a frequência certa. Do éter irrompeu uma voz e o capitão ficou atento por um instante, tentando perceber se havia encontrado o que queria.

"... mais le président De Gaulle, après avoir reçu le premier- ministre Debré, a déclaré que la

situation en Algérie est..."

Uma emissora francesa.

"Bardamerda!", vociferou, frustrado.

Mudou imediatamente de frequência e os silvos voltaram. Captou música e parou. Era uma qualquer canção em árabe. Rodou de novo o manípulo, mas, enervado com a minúcia do processo, foi rápido de mais e saltou uma mão-cheia de emissoras.

A mulher, distraída a fazer malhas, ergueu o sobrolho.

"Ó Quim, não é assim", disse, guardando as lãs e aproximando-se do rádio. "Lá em minha casa habituei-me a ver o meu pai procurar a BBC. Isto de sintonizar uma estação de onda curta tem a sua técnica." Lourdes girou o manípulo e, em apenas alguns segundos, todos na sala ouviram uma voz familiar emudecer os zunidos da estática.

"... aos microfones da Emissora Nacional, a emitir em onda curta pelas frequências de..."

Lançou um olhar triunfal na direcção do marido.

"Estás a ver, Quim? Com calma tudo se faz."

Os sons da rádio portuguesa impuseram o silêncio em toda a casa. Diogo consultava a página desportiva de A Província de Angola em busca de novidades sobre as corridas de automóveis que tanto o apaixonavam, mas deixou igualmente a atenção desviar-se para as ondas curtas.

Passados alguns minutos soou o sinal horário a assinalar as nove da noite e começou o noticiário. A Emissora Nacional dava notícias sobre a substituição das chefias militares na sequência de uma intentona contra o governo chefiada pelo general Botelho Moniz e, nas palavras do locutor, "prontamente neutralizada pela imediata intervenção das forças da ordem".

A revelação provocou espanto na sala, mas ninguém articulou qualquer observação com medo de perder uma palavra que fosse do noticiário.

"Na sequência destes graves acontecimentos", acrescentou o locutor, "o senhor presidente do Conselho assumiu ele mesmo a pasta da Defesa. No seu gabinete de trabalho, o professor António de Oliveira Salazar gentilmente acedeu a explicar aos nossos microfones os motivos que o levaram a tomar esta decisão."

Ouviu-se a seguir uma voz esganiçada e sibilante que todos de imediato reconheceram como do chefe de governo.

"Se é preciso uma explicação para o facto de assumir a pasta da Defesa Nacional mesmo antes da remodelação do governo, a explicação pode concretizar-se numa palavra, e essa é: «Angola»", disse a voz familiar. "Andar rapidamente e em força é o objectivo que vai pôr à prova a nossa capacidade de decisão."

A declaração foi recebida aos urros na sala de jantar. O capitão Meireles esmurrou o ar com o mesmo vigor com que celebrava os golos do seu FC Porto, no que foi acompanhado pela família.

"Até que enfim!", exclamou a mulher, abrindo-se num imenso sorriso. "Irra! Estava a ver que não!..."

O marido dava saltinhos na sala, agarrando em Diogo e em Mimi e dançando com eles. Incapaz de se conter, abriu a janela e gritou para quem o quisesse ouvir.

"Para Angola, e em força!"

O sol abrasava a pele, apesar da brisa salgada que soprava suave do mar. A multidão comprimia-se em ambos os lados da grande Avenida Paulo Dias de Novais, enchendo os passeios como se fosse uma guarda de honra à magnífica marginal de Luanda. As varandas dos edifícios estavam apinhadas de gente e das janelas pendiam enormes colgaduras; vendiam-se pipocas e gelados e viam-se guarda-sóis coloridos a abrigar a massa humana. O ar trepidava de excitação e cada mirone se esforçava por defender o palmo

de passeio que ocupara de modo a garantir o melhor lugar para observar o grande acontecimento.

"Ó Quim", disse Lourdes naquele aperto, varrendo a multidão com o olhar. "Quantas pessoas achas que estarão aqui?"

"Sei lá... umas trinta ou quarenta mil. Eles até fecharam o comércio para permitir que os empregados viessem!..."

Com a bandeirinha portuguesa a tremelicar na mão, Diogo não era dos mais excitados. Sentindo-se cansado com a espera prolongada, o rapaz depressa se desinteressou da marginal, cujo asfalto permanecia estranhamente vazio, e preferiu sentar-se à sombra da fila de palmeiras e estudar o grande navio que atracara logo pela manhã na cidade. Pôs a palma da mão sobre a testa, como se fosse a pala de um boné, e protegeu os olhos para melhor ler a palavra pintada no casco do navio.

"Ni... a... ssa", soletrou. "Niassa."

Voltou a cabeça e viu os pais e os irmãos apertados entre a multidão, mantendo-se firmes no pedaço de passeio que haviam ocupado duas horas antes. Admirou a resistência deles, mas não os conseguia acompanhar, doíam-lhe já as pernas.

O ministro! ministro!"

O alerta dado por um mirone desencadeou um burburinho na multidão. Com a curiosidade atiçada, Diogo levantou-se e furou pela massa de gente até chegar de novo junto dos pais. Espreitou a estrada. O alcatrão da marginal encontrava-se ainda vazio e o espectáculo permanecia nos passeios, onde a mole humana se agitava com os olhos voltados na direcção do porto. Esticou o pescoço e espreitou naquele sentido, tentando destrinçar a fonte do burburinho.

Pela direcção dos olhares da multidão, percebeu que todos fitavam o edifício do Automóvel e Touring Clube de Angola. A descoberta surpreendeu-o, uma vez que aquele local o fascinava; era ali que se organizavam as emocionantes corridas do Circuito da Fortaleza e o aventureiro Rallye Automóvel Leopoldville-Luanda.

Mas as emoções nesse momento pareciam-lhe outras. A varanda do clube estava transformada numa tribuna, com o tal ministro do Tramar no meio. Chiça, que raio de nome tinham posto ao homem! Ministro do Tramar!? Parecia ser gente importante, o que não admirava; um ministro que pelos vistos tanto gostava de tramar os outros era de certeza temível. Aliás, já lá em casa o pai tinha-lhe grande respeito e chamava ao sujeito, Adriano qualquer coisa, "o ministro sem medo".

O toque de uma corneta interrompeu as divagações do rapaz, cujo olhar passeava pela varanda do Touring Clube. Logo a seguir o ar tremeu com o súbito rufar simultâneo de tambores.

"Eles vêm aí!"

A multidão agitou-se, despertando do torpor, e as pessoas adiantaram-se um passo, procurando a melhor posição.

"Viva a tropa!", gritou alguém. "Viva Portugal!"

O berro foi acompanhado de vivas sucessivos e o ambiente incendiou-se. Quem tinha uma bandeira na mão içou-a bem alto, gesto que Diogo imitou, e quem não conseguia um lugar na primeira fila punha-se atrás em bicos de pés, esforçando-se por ver acima do mar de cabeças.

"Ó p'ra eles! Ó p'ra eles!"

O desfile foi aberto por cinco jipes da Polícia Militar, secundados com estrondo pela banda do Comando Militar de Angola. Os primeiros soldados acabados de desembarcar apareceram em formação logo a seguir, marchando com passadas marciais, sincronizadas e ao ritmo da banda, as armas a tiracolo, as botas engraxadas a rigor.

Aquela visão ateou uma corrente eléctrica entre a multidão, que se pôs a ovacionar os recém-chegados. Soaram palmas espontâneas, tão ruidosas que por momentos abafaram a marcha solene das

cornetas e dos tambores e das botas militares a bater no alcairão em uníssono; os mirones gritaram, deram sucessivos vivas aos soldados, a Salazar e a Portugal. Foi um bruá imenso. O céu encheu-se de serpentinas, de flores e de confetti lançados dos prédios como chuva colorida, os soldados sorriram e acenaram de volta, e a multidão pôs-se a entoar A Portuguesa com ardente patriotismo. Algumas mulheres recorriam aos lenços para molhar a emoção e havia homens que saltitavam como crianças; olhavam para os soldados e viam a redenção.

Embasbacado diante da cena, talvez até mais impressionado com a reacção apoteótica da multidão do que com a própria tropa em desfile, Diogo agitou freneticamente a bandeira o mais alto que pôde e, embalado pela emoção, ergueu os olhos para o céu e murmurou uma jura sentida e solene.

"Quando for grande, Deus, faz-me soldado de Portugal!"

O Limpopo dobrava-se como uma jibóia, roçando pelo casario na sua curva apertada, manso e majestoso; o Sol despontava na planície e o pipilar solitário de um pássaro ecoava pelo espelho de água. A paisagem respirava tal majestade que o casal Branco apenas se atrevia a sussurrar durante o pequeno-almoço, como se receasse que as vozes perturbassem a natureza. Estavam a comer no quintal de casa, protegidos pela sombra de um limoeiro e ambos virados para o rio. Das águas dóceis sentiram subir uma brisa ainda fresca; não era de admirar, considerando a hora matinal.

Foi quase com pena que concluíram a refeição. Depois de Mímicas dar as últimas instruções ao criado, os dois pegaram nas suas coisas e abriram a porta de casa. A manhã despontara tranquila e João Belo parecia ainda meio adormecida. Um jipe passou com estrépito na rua de terra batida, levantando uma nuvem de poeira avermelhada, mas o movimento limitava-se no essencial a algumas pessoas que circulavam despreocupadamente pelos passeios.

Quando teve a certeza de que a nuvem não os atingiria, José saiu para a rua e passou o dedo pelo capot do Opel parado diante da casa, de modo a avaliar a quantidade de pó que sobre o automóvel se abatera durante a noite. Era uma bela viatura branca com tejadilho azul-turquesa, que ele, inexperiente ao volante e pouco familiarizado com a condução à esquerda praticada em Moçambique, logo no primeiro dia amolgara ao tentar estacioná-la.

"Não queres levar o coiso?", perguntou a mulher numa referência ao carro.

"Fico intimidado quando ando na bomba da senhora directora da farmácia", gracejou José, inclinando-se para lhe dar um beijo. "Até logo, senhora directora."

Mímicas corou e riu-se.

"Parvo!"

Os dois separaram-se, ele rua acima a pé para o hospital, ela dando meia volta e regressando a casa. Havia já três anos que era aquela a sua rotina matinal em João Belo. Devido à falta de quadros, Mímicas fora nomeada directora da farmácia do Estado, cargo que ocupava apesar de ser recém-formada e que lhe dava direito a casa. Na verdade não era uma casa, mas um conjunto de edifícios: a residência, um posto médico e a farmácia do Estado, os três blocos unidos por uma vasta varanda.

Não era comum a mulher ocupar uma posição hierárquica superior à do marido, facto que atraía já alguns gracejos na boa sociedade de João Belo, mas José sempre levava a coisa na galhofa. Referia-se à mulher em público como "a senhora directora" e desse modo contornava a ideia prevalecente entre os seus contemporâneos de que o homem está sempre acima da mulher. Formavam assim um casal sui géneris: ela era directora da farmácia, ele distinguia-se por andar sempre impecavelmente de branco, como se tornara seu costume desde que chegara a Moçambique.

Foi aliás nas suas tradicionais vestes brancas que nessa manhã seguiu para o trabalho, a mala a balouçar na mão e o olhar atento ao trânsito. Sempre que um automóvel passava pela rua tinha o cuidado de se desviar do inevitável bafo poeirento; vestir de branco obrigava-o a cuidados redobrados, sob pena

de ter de ir ao roupeiro buscar as balalaicas de reserva.

Chegou ao hospital à hora habitual, faltavam dez minutos para as sete da manhã. Cumprimentou o enfermeiro Néelson, um tsonga que tirara o curso de Enfermagem em Lourenço Marques, e recolheu ao seu gabinete para se preparar. Vestiu a bata que estava pendurada no cabide e abriu a malinha, extraindo o estetoscópio e pondo-o ao peito. Cruzou a porta e fez sinal ao enfermeiro que o aguardava como uma sentinela.

"Vamos?"

Néelson hesitou.

"Doutor, o senhor director já cá está."

José fez uma careta surpreendida e consultou o relógio, querendo certificar-se de que não se enganara. Os ponteiros confirmavam que eram quase sete da manhã.

"A esta hora?"

O enfermeiro não respondeu e acompanhou o médico até à enfermaria. José foi ter com cada um dos pacientes e interrogou-os sobre a noite, auscultando-os e medindo-lhes a temperatura. Havia um caso de paludismo cerebral que o mantinha preocupado, tendo gasto mais tempo com esse paciente. Sempre que tinha dúvidas questionava Néelson, que havia passado a noite no hospital e o esclarecia de pronto, e assim cumpriu os seus deveres na enfermaria.

As consultas começavam às oito e, quando a hora chegou, apressou-se a caminhar para o gabinete. Apercebeu-se nessa altura de um vulto a esgueirar-se por detrás de uma cortina que separava os doentes e franziu o sobrolho, mas depressa reconheceu a figura furtiva; era o director.

"Bom dia, doutor Abreu!", cumprimentou, intrigado. "Por aqui a esta hora? Caiu da cama ou quê?"

A silhueta permaneceu um instante imóvel, como se não esperasse ser identificada, mas logo deu um passo para o lado, talvez percebendo que era inútil permanecer escondida.

"Hmpf!", grunhiu o director com ar irritado, dando uma resposta incompreensível.

José Branco riu-se para dentro e abanou a cabeça, sem entender aquele comportamento; era mais uma parvoíce do director, pensou. Retomou caminho, apressado; gostava de cumprir horários e via já uma fila de pessoas na salinha contígua à sua porta. Cumprimentou-as com um "bom dia" geral e meteu-se no gabinete, fazendo sinal ao enfermeiro.

"Chame o primeiro."

O primeiro paciente foi, na verdade, um par. Tratava-se de um padre que acompanhava uma freira com um problema bizarro: tinha o ventre dilatado. O médico mandou a freira deitar-se na marquesa, apalpou-lhe a protuberância e auscultou-a com atenção.

"Serão gases, doutor? Nós comemos muitos feijões lá na missão..."

As palavras do pároco foram pronunciadas com uma voz sibilante, à maneira dos beirões, e José levou alguns instantes a responder.

"Não."

"Ai, meu Deus!", ciciou o homem, passando as mãos pela cara com evidente aflição. "É um cancro? Será um cancro? Um linfoma? Um carcinoma?"

Disse-o com expectativa, quase com esperança, o que suscitou a estranheza do médico. Terminado o exame, José recolheu o estetoscópio e regressou em silêncio ao seu lugar, de onde perscrutou os rostos do par que o viera consultar. A freira tinha um ar embaraçado, envergonhado mesmo, e mal se atrevia a cruzar os olhos com o padre. Já o pároco não olhava para ninguém; transpirava em abundância, afogado numa ansiedade que ao clínico pareceu sinal inequívoco de que não era inocente naquela situação.

"Não é um carcinoma", disse por fim José, mantendo o semblante impenetrável. "É um criançaoma."

As consultas prolongaram-se até às onze da manhã, altura em que a salinha se esvaziou por completo e José fez a habitual pausa para o café. Esticou os pés sobre a secretária e descontraíu, embora a sua vontade fosse estender-se sobre a marquesa e dormir um pouco; lidar durante três horas ininterruptas com pacientes deixara-o exausto.

"Pode-se?"

O médico deu um salto na cadeira, entornando o café pela bata e pela balalaica, e olhou para a entrada.

"Domingos!"

O rosto sorridente de Domingos Rouco espreitava pela porta, divertido com a reacção do amigo e sobretudo com as nódoas de café espalhadas pela roupa.

"Lá se foi a balalaica!", exclamou em tom zombeteiro. "Tens de ir ao Bem Fica comprar mais..."

José sacudiu o café que lhe escorria pelos dedos, pousou a chávena na mesa e foi acolher o recém-chegado.

"Por aqui?", admirou-se, apertando-lhe a mão. "Só estávamos à vossa espera este fim-de-semana."

"Pois é, mas recebi um telegrama para vir com urgência a Inhambane e, pimba!, lá vim a correr."

"Que se passa? E coisa grave?"

"Não. Assuntos de família, nada de especial."

O médico fez-lhe sinal de que se sentasse na cadeira habitualmente reservada aos pacientes durante as consultas, mas antes de se lhe juntar lançou uma espreitadela para além da porta.

"A Albertina?"

"Vim sozinho", esclareceu o amigo. "No sábado faço o caminho de regresso e combinámos encontrar-nos no Bilene. Vocês sempre vão, não é verdade?"

José acomodou-se no seu lugar.

"Para o Bilene? Claro! É o que está combinado." Esticou o pescoço na direcção da janela e avistou o Chevrolet do recém-chegado estacionado à porta do hospital. "Olha lá, se vens de Inhambane, o melhor era até passares por nossa casa e íamos juntos. Que te parece?"

"Iá, maningue naice."

O médico indicou-lhe a chávena vazia que havia entornado instantes antes.

"Vai um café?"

Domingos riu-se.

"Onde? Na roupa? Não obrigado." Abanou a cabeça, mudando para um tom ligeiramente mais sério. "Matabichei antes de sair de Lourenço Marques."

"E o trabalho? Tudo bem?"

"Os serviços de contencioso do BNU são sempre maningue movimentados, pá", disse. "Iá, a malta nunca pára." Esboçou uma expressão caricaturalmente confidencial. "Além do mais tenho o trabalho por fora, não é? Os indígenas enchem-me de serviço." Disse indígenas em tom irónico. "E dão-me muita despesa também. Os gajos têm imensos problemas e pouco dinheiro. Mas suponho que é este o preço de ser o único advogado indígena de Moçambique. A malta vem toda bater-me à porta da flat e, como deves calcular, não posso dizer que não."

"Os pides ainda te chateiam?"

"Ui! Nem me fales! Há dois anos que não me largam." Ergueu uma sobrancelha. "Desde que foi criada a Frelimo que andam em cima de mim. Os gajos acham que eu ando envolvido na coisa."

"E não andas?"

O advogado riu-se.

"Não digo que não", admitiu.

"Se a Frelimo diz que quer expulsar os Portugueses de Moçambique e declarar independência imediata e se tu fazes parte da coisa, é natural que os pides te tragam debaixo de olho, não te parece?"

"Eh, pá! Não é bem assim. Quando a Frelimo diz que quer expulsar os Portugueses, isso não é literal. A Frelimo quer é expulsar o regime português. Mas os portugueses que pretendam cá ficar serão bem-vindos, claro. O nosso movimento não é radical. Não te esqueças que o Mondlane se licenciou nos Estados Unidos e que a Frelimo tem o apoio da Ford Foundation. Os países africanos estão todos a declarar a independência e esse processo é apoiado pelos Americanos. Não vejo por que motivo há-de Moçambique ser diferente."

"Não estou a ver o regime ir nessa conversa", observou José. "Se Portugal não ceder, o que achas que vai acontecer?"

"Ó Zé, já uma vez falámos nisso. Se o Salazar não ceder, o caldo vai-se entornar."

"Ou seja, a guerra vai chegar aqui a Moçambique..."

O advogado ficou um instante quieto, mas acabou por assentir com um ligeiro movimento da cabeça.

"Já te avisei, não avisei? Ela já começou em Angola e também na Guiné. Moçambique é o freguês que se segue..."

"E tu? Vais fazer parte dela?"

Domingos respirou fundo e encolheu os ombros num gesto de resignação.

"Não sei", disse. "Mas não estou a ver alternativa."

José desviou o olhar para a janela.

"É essa a vantagem do meu trabalho", considerou com ar pensativo. "Ao contrário dos advogados, os médicos não têm de se meter na política. O nosso trabalho é estritamente humanitário."

O amigo ergueu o dedo, como se o avisasse.

"Estás enganado, Zé. Na vida tudo é política."

José cruzou os braços, com o ar resoluto de quem tinha tomado uma posição e dali não sairia.

"Os médicos são a excepção."

"Isso é o que tu pensas. Por mais que tentemos fingir a política, meu caro, ela acaba sempre por nos apanhar. Vais ver! Mais tarde ou mais cedo, a política prega-te uma rasteira e ali estás tu, forçado a enfrentá-la. Vais ver!"

Mas o amigo não se mostrava convencido.

"Sabes, Domingos, a minha profissão tem certas especificidades com as quais não estás familiarizado. Para começar, o juramento de Hipócrates estabelece muito claramente que..."

José interrompeu a frase no momento em que se apercebeu de um vulto a assomar à porta. Desviou os olhos naquela direcção e reconheceu a figura seca do director do hospital, que de manhã havia surpreendido na enfermaria. O doutor Abreu era um médico à moda antiga, cheio de formalismos e com uma pose austera, pelo que, em sinal de deferência pela hierarquia, José se levantou do lugar, no que foi acompanhado por Domingos.

"Doutor Abreu", disse. "Precisa de alguma coisa?"

O director do hospital nem o encarou. Em vez disso estudou o visitante com uma expressão de desdém, examinando-o lentamente dos pés à cabeça.

"O que está este preto aqui a fazer?"

A pergunta rebentou no gabinete com um fragor surdo, silenciando tudo à sua volta. José ficou um longo instante especado a fitar o superior hierárquico, horrorizado com o que acabara de ouvir e percorrendo mil opções sobre como responder. Deveria fingir que não percebera? Deveria agir como se aquilo que ele dissera fosse normal? Ou deveria berrar com o director? Aplicar-lhe uma murraça, talvez?

Como proceder quando o seu chefe dizia uma coisa daquelas a uma pessoa, ainda para mais um amigo?

"Desculpe, doutor Abreu", acabou por murmurar, o coração aos pulos, dividido entre a vontade de insultar e o receio de apanhar um processo disciplinar por insubordinação; teria de dizer o que pensava, mas precisava de medir as palavras. "O doutor Rouco é meu amigo e está aqui numa visita de cortesia. Os termos e o tom que o senhor utilizou não são, receio bem, os mais adequados e devo dizer que me deixam até envergonhado."

O director continuou a olhar fixamente o visitante.

"Este preto não é um paciente, pois não? Se não é, não está aqui a fazer nada e tem de se pôr na rua. Os únicos selvagens que aqui entram são os doentes." Apontou para a entrada. "O lugar dos outros é lá fora."

"O doutor Rouco não é um selvagem", ripostou José, o sangue já a ferver. "É meu amigo e exijo que o trate com o respeito que merece."

O director insistiu com o braço na direcção da porta de entrada.

"Rua!", ordenou. "Quero este preto na rua! Já! Fora do meu hospital! Fora daqui!"

Domingos e José trocaram um olhar, percebendo que a coisa não se iria resolver.

"Deixa estar, Zé", disse o advogado, pegando nas suas coisas e preparando-se para sair. "Eu vou dar uma volta e encontramos-nos para o almoço, está bem?"

"Isso não é bem assim", disse o amigo, voltando-se de novo para o superior hierárquico. "Se o doutor Rouco sai, eu também saio."

Foi a primeira vez que o director do hospital pousou os olhos no subordinado desde o início do incidente.

"Era o que mais faltava!", rosou. "O preto sai, mas o senhor doutor fica porque tem deveres a cumprir!"

Era o que José queria ouvir: uma ordem que pudesse desafiar. Arrumou o estetoscópio na malinha, despiu a bata suja e atirou-a para o chão, pegou na mala e saiu do hospital ao lado do amigo.

Fazia calor ao sol. Caminharam os dois em silêncio até ao Chevrolet. Quando entrou no veículo, José sentiu o interior a esquentar como se estivesse a meter-se numa lareira. Domingos instalou-se ao volante, ligou o motor e, com o braço atrás do banco para fazer marcha atrás, encarou o amigo; trazia um sorriso irónico a bailar-lhe nos lábios espessos.

"O que te dizia eu?", perguntou. "A política apanha-nos sempre."

No momento em que estacionou à beira da praia da Samba, o minúsculo Austin-Morris Minor parecia uma lata de sardinhas; os ocupantes iam tão apertados que havia pernas e braços a sair pelas janelas. Logo que as portas se abriram, do interior saltaram Diogo, os pais com a bebé, os outros três irmãos e ainda o impedido que servia a família; eram ao todo oito pessoas.

Enquanto durava, a acanhada viagem até à praia no Austin era motivo de galhofa todos os domingos, mas não neste. A euforia provocada pelo desembarque das primeiras tropas havia gerado na família uma reconfortante sensação de segurança, embora com o tempo esse sentimento fosse cedendo de novo lugar à apreensão. Todos os dias o pai chegava do quartel com mais novidades e nem sempre eram as melhores.

A ida à praia era uma tentativa de desanuviar o ambiente pesado, que a todos afectava. A época das chuvas, quando o tempo é mais quente, já havia passado, mas a praia da Samba permanecia apetecível como sempre, as areias douradas a prolongarem-se até à água tépida e translúcida. Os recém-chegados estenderam as toalhas numa crista do areal, tendo o cuidado de proteger do sol os cestos com a comida e o garrafão, e logo todos correram para a água, as crianças à frente a soltar guinchos de excitação.

Ao contrário dos irmãos, porém, Diogo não era um amante dos mergulhos nem das brincadeiras à beira-mar, pelo que cedo se deitou na toalha e ali se deixou tostar. Minutos mais tarde sentiu os pais regressarem também do banho. Falavam à distância, mas as vozes ondulavam pela areia e pela brisa e chegavam a Diogo como se ambos estivessem ao fundo de um túnel.

"A água está uma maravilha", observou a mãe. "Então junto à areia parece mesmo um caldinho."

"É o que isto tem de bom", concordou o pai. "Mas não sei se vamos aguentar muito tempo."

"Homessa! Porque dizes isso?"

"Ora! Porque os ataques não param. Ainda noutra dia a Força Aérea conseguiu pôr fim ao cerco à Mucaba, não foi? Pois os terroristas voltaram ontem a atacar a Mucaba."

"Credo! E não se consegue travar essa gente?"

"Pelos vistos não. Os tipos atacaram também Sanza Pombo e a Damba. Foram dadas ordens para suspender o cultivo do algodão em todas estas regiões."

"Mas quem são esses terroristas?", perguntou a mãe. "O que querem eles? Exterminar-nos a todos?"

"Uns chamam-se UPA e outros MP... qualquer coisa. Dizem que Angola é para os pretos."

"Que disparate!"

"Pode ser um disparate, mas os Americanos dão-lhes razão e os comunistas entregam-lhes armas. E queres saber uma coisa? Até a ONU votou a favor dos terroristas!" Soltou uma gargalhada forçada, que a mulher não acompanhou. "É para rir!"

"Quer dizer que Portugal está sozinho?"

O pai anuiu.

"E incrível, não é? Matam mulheres e crianças à catanada e o que faz o mundo? Aplauda!"

A abanar a cabeça de reprovação, Lourdes inclinou-se sobre um cesto e extraiu uma sanduíche do interior. Desembrulhou o guardanapo que a envolvia e sentou-se a contemplar o mar. Os filhos brincavam ainda na água e Lourdes acompanhou com atenção os seus movimentos, tentando perceber se de alguma forma estariam perturbados pelo ambiente que se instalara em Luanda. Não deve ter gostado do que viu porque de repente abanou a cabeça e, com súbita resolução, voltou-se para o marido.

"Ó Quim, quando é que disseste que acabava a tua comissão de serviço?"

O marido engoliu o pedaço de sanduíche que tinha na boca antes de responder.

"No próximo mês", indicou. "O coronel Tavares já me perguntou se quero renovar por mais quatro anos."

"E tu, o que lhe respondeste?"

"Que ia pensar."

A mulher voltou a contemplar o mar enquanto mastigava.

Havia barcos de pesca a deslizar na água e um deles, baloiçando nas ondas, aproximava-se da praia já em fecho de faina. Os filhos tinham-se apercebido daquele barco e interceptavam-lhe o caminho para espreitar os peixes aos saltos nas cestas.

"Amanhã vou à Agência Atlas comprar os bilhetes", anunciou Lourdes sem tirar os olhos vigilantes dos filhos. "No mês que vem estamos todos na Metrópole."

O relógio assinalava já as onze da manhã e José Branco ainda não fora chamado. Uma dor na região lombar arrancou-lhe um esgar sofrido; encontrava-se havia demasiado tempo sentado naquela cadeira. Já tinham passado duas horas e ninguém lhe dizia nada. Ergueu-se para espairecer e deu um passeio pelo rés-do-chão da elegante moradia do centro de Lourenço Marques. Deparou com uma funcionária que escrevinhava a uma secretária e trocou com ela um sorriso tímido.

"Tenha paciência", disse ela. "O senhor director já o chama."

O médico passeou os olhos pela secretária e vislumbrou o papel ordinário de um jornal a espreitar por baixo do que pareciam relatórios.

"É de hoje?"

A funcionária pegou no periódico, um jornal de páginas enormes, e estendeu-lho.

"Diz aqui 16 de Abril de 1964, como vê", indicou, apontando a data por baixo do cabeçalho.

"Quer?"

Era de facto a edição dessa manhã do Notícias. José pegou no matutino e voltou para a cadeira, animado por ter encontrado uma forma de passar o tempo enquanto não era chamado. Na verdade devia ter comprado um exemplar a caminho da reunião, mas a realidade é que nunca imaginara que o director dos Serviços Provinciais de Saúde o faria esperar tanto tempo.

Passou os olhos pela primeira página e constatou que os principais títulos eram desinteressantes. Estava quase a saltar directamente para as páginas desportivas quando reparou, escondida no canto à direita, numa caixa estreita e pequena com um título bizarro: "Notícia falsa sobre Moçambique na Rádio Nairobi". É verdade que não percebia muito de jornalismo, mas se a notícia era falsa porque a publicavam?

Intrigado, leu o interior da caixa. "A estação emissora de Nairobi, no Quénia, difundiu a notícia cujo teor é o seguinte", começava o texto, passando a citar a informação queniana. "«Fontes moçambicanas declararam que as autoridades portuguesas haviam declarado o estado de emergência e mandado 2500 homens para a Província da Zambézia, ao norte do Rio Zambeze. As tropas estão a operar contra os rebeldes que declararam guerra aos portugueses há um mês. A informação veio em cartas entregues por mão, dizendo que até agora nenhum membro das guerrilhas fora capturado, embora tenham feito 'raids' contra diversos postos portugueses»."

Parou a leitura, estupefacto. Estado de emergência? Dois mil e quinhentos homens para a Zambézia? Rebeldes que declararam guerra há um mês? "Raides" contra postos portugueses? Guerrilhas? Mas o que era aquilo? Voltou ao texto. "À notícia acima transcrita - inteiramente forjada - opõe-se formal desmentido, porquanto há calma absoluta em todo o território da Província de Moçambique, não se tendo registado o mais pequeno incidente." O texto prosseguia com a habitual diatribe contra os inimigos de Portugal e não dava mais informações úteis, mas só o facto de o Notícias publicar aquela caixinha em primeira página, mesmo que discreta, pareceu-lhe perturbador. Se tudo era falso, porque difundira essa notícia? E por que razão a comissão de censura a deixara passar?

"Doutor?"

Quais as reais intenções por detrás da publicação de texto tão extraordinário? Seria uma forma encapotada de passar uma informação verdadeira? Não iria isso...

"Doutor?!"

A voz irrompeu ao retardador na mente de José Branco, dissolvendo-lhe os pensamentos. Olhou para a porta e viu uma mulher de meia-idade a observá-lo. "Hã?"

"O senhor director está a chamá-lo", anunciou a mulher. "Faça o favor de subir."

O escritório dormitava à meia-luz no rolar morno do final da manhã, o torpor apenas perturbado pelo ranger casual de uma madeira, pelo tiquetaque hipnótico do relógio de parede e pelo ocasional farfalhar de papéis a serem remexidos. José havia cruzado a porta um minuto antes e Floriano Carvalho nem sequer levantou a cabeça. O director lia um documento, aparentemente absorvido no seu conteúdo, embora o visitante ficasse com a distinta impressão de que o superior hierárquico se fingia ocupado.

Floriano deixou prolongar o momento, indiferente ao pigarrear do convidado para assinalar a sua presença, até que acabou por juntar os papéis com algum fragor. Arrumou-os na esquina da secretária,

afinou as cordas vocais e mirou por fim o subordinado.

"Doutor Branco", foram as suas primeiras palavras. "Não posso negar que me sinto decepcionado com o seu comportamento."

A declaração de abertura, sem cumprimentos nem preâmbulos, deixou o subordinado apreensivo. Floriano Carvalho, o director que tão bem o recebera três anos antes, acolhia-o agora com alguma frieza. José vacilou, sem saber se deveria dizer alguma coisa ou permanecer calado, mas como o director nada acrescentou àquelas primeiras palavras sentiu que lhe cabia algum tipo de reacção.

"Bom dia", cumprimentou, esperando que Floriano percebesse que se tratava de um remoque pela falta de cortesia do acolhimento. "Dá-me licença que me sente?"

O superior hierárquico fez um gesto imperial a indicar a cadeira que se encontrava diante da secretária.

"Faça o favor."

O médico puxou a cadeira, arrastando-a deliberada e ruidosamente pelo soalho, e acomodou-se. Cruzou a perna, de modo a ocultar a apreensão e dar até a ideia de que, apesar do formalismo polido das suas palavras, não se sentia minimamente intimidado, e encarou o superior hierárquico.

"Lamento que se sinta decepcionado", começou por dizer. "Mas na verdade nada fiz."

"Fez, e o senhor sabe muito bem que fez."

"Eu não tenho..."

"Deixe-me continuar, se faz favor", cortou Floriano num inesperado tom tenso, embora controlado. Ergueu-se da cadeira e caminhou até à janela. "Sabe, doutor, eu tenho um sonho." Estacou, contemplando a paisagem urbana com os braços cruzados atrás das costas. "O meu sonho é a grandeza de Portugal. Se pessoas como eu e o senhor estão aqui é para desempenhar um papel, para cumprir uma missão. Uma missão civilizadora." Fez um gesto, apontando os edifícios para além da janela. "Há cem anos não havia aqui coisa nenhuma. Isto era mato e uns pântanos e umas palhotas. Mais nada. Erguemos esta cidade em pouco tempo e faremos mais e melhor se pudermos e nos deixarem." Indicou-se a si e ao seu convidado com a mão direita. "Eu e o senhor somos ambos os emissários da civilização. Compete-nos a nós reerguer o império, restaurar o orgulho da pátria, afirmar o papel de Portugal no mundo. E isso, caro doutor, faz-se trabalhando." Ergueu um dedo e voltou-se para o médico, a luz do dia a banhar-lhe metade da face. "Essa é a palavra crucial. Trabalhando. É para isso que aqui estamos. Para trabalhar, para fazer coisas, para erguer a civilização, para alargar os horizontes, para honrar a nação." Caminhou devagar para o seu lugar. "Enquanto estivermos ocupados com o nosso trabalho está tudo bem. Fazemos o que sabemos e damos o melhor que temos. O resto não é connosco." Sentou-se. "É por isso que estou decepcionado consigo. É que o senhor doutor fez o que sabe fazer. Mas resolveu também fazer o que não sabe, e aí borrou a pintura toda."

Floriano manteve os olhos fixos no subordinado, como um professor que chegou ao ponto crucial da lição e observa o aluno para se assegurar de que ele assimilou a matéria. José remexeu-se na cadeira, incomodado e esforçando-se por se manter contido.

"Caro senhor director", disse. "Eu faço o meu trabalho o melhor que posso e sei. Creio aliás que ninguém põe isso em dúvida. O que aqui me trouxe... ou melhor, o que o levou a chamar-me não foi a qualidade do meu trabalho, mas um problema de relacionamento pessoal. E, sobre isso, deixe-me ser muito claro: as pessoas têm de saber respeitar se quiserem ser respeitadas. O doutor Abreu não respeitou um amigo que me foi visitar ao hospital. Insultou-o da forma mais degradante possível. Nessas condições, não vejo como possa ele esperar que eu também o respeite."

Até aí com a cabeça na sombra, o director dos Serviços de Saúde debruçou-se para a frente, os cotovelos apoiados sobre a secretária, e deixou a luz que alagava a sala iluminar-lhe o rosto tenso.

"Seria assim, caro doutor Branco, não se desse o caso de o seu amigo estar envolvido em actividades subversivas."

"Actividades subversivas? O meu amigo é advogado no BNU e, tanto quanto sei, permanece um cidadão livre. Se ele está envolvido em actividades subversivas, porque não o detêm?"

O director fez um trejeito impaciente.

"Isso não sei nem me interessa", retorquiu, voltando a recostar-se na cadeira e devolvendo a cabeça à sombra de modo a ficar com o perfil recortado pela penumbra. "Eu não sou polícia. Não passo de um quadro da administração colonial que está a gerir os Serviços Provinciais de Saúde, nada mais. Agora, eu não nasci burro e sei muito bem que o envolvimento com pessoas ligadas à Frelimo é coisa que só pode dar sarilho."

"Desculpe, mas não estou a perceber. Qual é exactamente a natureza do sarilho em que me meti?"

Floriano pegou nos papéis que tinha estado a ler quando o seu convidado entrou e folheou-os, os olhos a saltitar pelos parágrafos.

"O sarilho, caro doutor", disse, mantendo a atenção presa nos papéis, "é que o doutor Abreu fez um relatório sobre um acto de insubordinação da sua parte enquanto estava de serviço no hospital e expôs ainda acontecimentos posteriores relacionados com esse acto, incluindo o comportamento sedicioso do enfermeiro Néelson, claramente influenciado por si." Levantou os olhos para o subordinado. "É esse o sarilho."

José fez um gesto a indicar os papéis.

"O doutor Abreu explicou que chamou preto ao meu convidado?"

O director dos Serviços Provinciais de Saúde arregalou os olhos, claramente apanhado de surpresa, mas logo readquiriu a expressão impassível que exibia desde o início da reunião.

"Não explicou, nem isso interessa."

"Ai interessa, interessa!"

Floriano pousou de novo as folhas na esquina da secretária e cravou os olhos glaciais no seu interlocutor, como adagas a dissecarem uma vítima.

"O que interessa, caro doutor Branco", rosou com um ranger de dentes, "são quatro factos." Exibiu quatro dedos, como se cada um deles fosse um facto. "Primeiro, o senhor estava a confraternizar no hospital com um elemento subversivo durante as horas de expediente. Segundo, o seu superior hierárquico expulsou esse elemento das instalações, como era aliás o seu dever, e o senhor, num acto público de insubordinação, abandonou o seu posto. Terceiro, o enfermeiro Néelson, claramente influenciado pela sua atitude, recusou-se a trabalhar durante dois dias. Quarto, a sua mulher, que é directora da farmácia do estado e que tem responsabilidades acrescidas por via dessas suas funções, não cumpriu uma ordem do director do hospital para aviar uns medicamentos. Ou seja, por sua causa instalou-se no hospital distrital de João Belo um clima de insubordinação que, como calcula, a administração provincial não pode ignorar nem tolerar."

"No hospital onde eu trabalho não há insubordinação", retorquiu o médico. "Há é prepotência e racismo. "Eu estava a conversar com o meu amigo durante a minha pausa para o café e depois de já ter cumprido as minhas obrigações. Saí do hospital porque, como deve calcular, entre os meus deveres profissionais não consta a obrigação de pactuar com as má-criações do senhor director. O senhor enfermeiro Néelson fez greve? Fez, sim senhor! E fê-lo porque testemunhou um acto de discriminação racista que, além de ser imoral, me parece ilegal. E a senhora directora da farmácia não aviou os medicamentos? Fez ela muito bem! O senhor director, e não inocentemente, deu-lhe a ordem mas não lhe entregou a requisição. Queria que ela aviasse os medicamentos sem requisição? Aí sim, estaria a infringir as regras e acabaria punida por isso."

O superior hierárquico manteve-se quieto a fitá-lo, os dedos enlaçados sobre a secretária.

"Está a insinuar que o doutor Abreu quis montar uma armadilha à sua mulher?"

"Eu não estou a insinuar nada, estou meramente a expor o que aconteceu", insistiu José. "Desde que percebeu que eu era amigo do doutor Rouco que o senhor director tem assumido atitudes que me parecem destinadas a provocar uma ruptura. Na própria manhã em que ele expulsou o doutor Rouco do hospital, vi-o escondido na enfermaria a observar o meu trabalho. Só posso presumir que estava a espiar-me para ver se eu chegava ou não a horas, se cumpria ou não escrupulosamente as minhas obrigações."

Floriano curvou os lábios, num trejeito de quem não via qualquer problema no que acabara de ouvir.

"Acho normal", disse. "Fiscalizar e ter mão no pessoal é, que eu saiba, uma obrigação do director."

"Não digo que não", admitiu o médico. "Mas por que motivo só me controla a mim? E porque só o faz desde que se apercebeu de que eu era amigo do doutor Rouco? E por que razão começou também a implicar com a minha mulher? À falta de melhor explicação, só posso concluir que andava era a ver se me conseguia apanhar em falso."

"Isso não sei nem quero saber", impacientou-se o director dos Serviços Provinciais de Saúde. "Essa conversa, se o senhor a quiser ter, não a tenha comigo, que não sou polícia. Tenha-a com o governador, tenha-a com o ministro, tenha-a com quem quiser, mas não comigo. A mim cabe-me dirigir estes serviços, fazer cumprir os regulamentos, articular-me com os directores dos hospitais e obedecer a ordens superiores."

"Com certeza."

Abriu uma gaveta com um gesto brusco.

"E é justamente por ter recebido ordens superiores que o chamei cá a Lourenço Marques."

Tirou do interior da gaveta uma folha dactilografada.

"Esta é a sua guia de transferência." Estendeu-lhe a folha. "O senhor vai sair de João Belo."

José pegou na folha e olhou de relance para as primeiras linhas; o seu nome encontrava-se referenciado em maiúsculas impressas a tinta vermelha.

"Posso saber com que base é que..."

"São ordens superiores."

O médico assentou a folha no regaço e, como se estivesse distraído, pousou o olhar nas flores alaranjadas que coloriam uma acácia rubra para além da janela.

"E se eu recusar?"

"Não pode recusar. O senhor doutor, quando foi integrado na administração ultramarina, assinou um documento a comprometer-se ir para onde fosse necessário. Com certeza que se lembra disso..."

"Hmm-hmm", assentiu num murmúrio ausente. "Também o enfermeiro Nélon será transferido, neste caso para o posto do Guijá."

José permaneceu impassível, com os olhos fixos no exterior, como se tudo aquilo lhe fosse já indiferente. Apesar da pose, porém, fervia por dentro. Ainda ponderou a possibilidade de argumentar, contrapondo com o facto de ter rubricado o documento com um espírito diferente, em que o critério para as transferências era o da necessidade de serviço, não o de uma punição, e quis defender o enfermeiro, que tal como ele se indignara contra a iniquidade do tratamento a que Domingos fora sujeito no hospital. Mas conteve-se; já nada daquilo lhe parecia relevante. O que tinha de acontecer iria acontecer. O mais importante era perceber o que o esperava.

"Vou para onde, posso saber?"

"Tete."

Movendo a cabeça com lentidão, como se despertasse de um sono letárgico, virou o rosto para o mapa que se encontrava plantado ao lado da secretária.

"É lá para cima, não é?"

Floriano voltou a erguer-se do lugar e aproximou-se do mapa.

"Sim, é no Norte." Indicou um ponto a meio do fio azul de um rio. "Aqui mesmo. Nas margens do Zambeze."

O médico deixou os olhos pregados ao ponto que assinalava Tete, ponderando se devia fazer a pergunta que tinha em mente. Esteve para recuar, uma vez que a matéria era sensível, mas acabou por decidir avançar; se iam para o Norte, tinham de saber o que os esperava.

"Não foi nessa zona que decretaram agora o estado de emergência?"

"Quem lhe disse isso?"

"Está no jornal."

O director apontou uma linha azul que serpenteava pelo mapa e desaguava a norte da Beira.

"O Zambeze é aqui", confirmou. "E, que eu saiba, está tudo calmo. O que apareceu no jornal não passa de mentiras propagadas para criar instabilidade entre as pessoas. Nós não temos de nos ocupar com estas coisas; temos é de fazer o nosso trabalho."

O subordinado respirou fundo; essa também era, em boa verdade, a sua opinião. Além disso havia outras preocupações a agitar-lhe o espírito.

"E a minha mulher?"

O director voltou a sentar-se e deitou a mão ao interior da mesma gaveta, que permanecera aberta. Retirou uma segunda folha dactilografada e estendeu-lha; tratava-se evidentemente de uma outra guia de transferência.

"Desta vez ela vai consigo", anunciou com o tom paternal de quem concede uma benesse. "Mas da próxima segue cada um para o seu lado, percebeu?" Estendeu o dedo, à maneira de um professor a admoestar um aluno malcomportado. "Não se voltem a meter em política!"

O ralhete estava dado e o aviso feito. Sentindo-se injustiçado, José teve de fazer um esforço para não protestar. Ainda pensou em dizer que nunca se metera em política nem era sua intenção fazê-lo, mas percebeu que era inútil. Precisava de se concentrar no essencial, e o essencial estava impresso no mapa.

"Porquê Tete?", perguntou, a atenção voltando-se de novo para a carta de Moçambique. "Não é para aí que se envia quem se quer punir?"

O director confirmou com a cabeça.

"É um posto maningue chato." Suspirou, talvez no único momento de compaixão que se permitiu. "Lamento, mas são ordens superiores. Devo preveni-lo, caro doutor, de que Tete goza de facto de uma péssima reputação."

"Em que sentido?"

Floriano fechou a gaveta e ergueu-se do seu lugar, indicando desse modo que a reunião estava a terminar. Ajeitou o casaco e lançou um derradeiro olhar ao mapa.

"Chamam-lhe o cemitério dos brancos."

Foi à volta de uma bola de voleibol que Diogo cresceu no Rego da Água, uma lugarejo de Vila Nova de Gaia conhecido por ser o centro social da freguesia da Madalena. Começou a sua vida de voleibolista pouco depois de voltar de Angola, quando se inscreveu na equipa que o Orfeão da Madalena decidira formar. O clube disponibilizou um campo a céu aberto para os treinos do Toneca Melro, o rijo serralheiro que fora colono em Moçambique e que se tornou treinador dos miúdos nas horas vagas depois do trabalho.

Era um grupo formidável, o do Orfeão da Madalena. Os garotos treinavam à noite com afinco num

terreno de saibro e Diogo batia com tanta força que a bola voava amiúde para o quintal do Veloso, um canalizador que plantara repolhos atrás de casa.

"Vai buscar!", ordenava-lhe o mestre Melro, sempre em pé junto à rede. "Da próxima quero melhor pontaria!..."

E lá ia Diogo galgar o muro e esgueirar-se pelo quintal do vizinho para recolher a bola, saltarinhando entre as couves e as alfaces do Veloso. Aos treinos sucederam-se os jogos e depressa se tornou claro que as figuras principais do seis-base eram Angelino Melro, o filho do treinador, que primava no passe, e o próprio Diogo, a grande estrela da companhia, graças à capacidade de elevação e remate, que se tornou lendária por aquelas paragens.

Angelino era um rapaz de olhar baço e, tal como Diogo, de poucas falas. Esse traço comum, aliado ao facto de ambos terem vivido em África, criou entre eles um laço que os aproximou; no Rego da Água todos sabiam que onde se via um logo aparecia o outro.

Guiada pelos dois craques e sob a batuta sagaz do mestre Melro, a carreira do Orfeão foi meteórica, com a equipa a impor derrotas aos adversários que sucessivamente lhe apareciam pela frente. Começou com o Santo Tirso e terminou com a Académica de São Mamede. No final, o Orfeão da Madalena tornou-se o inesperado Campeão Regional de Aspirantes e ascendeu ao nível seguinte.

Todos na equipa tinham consciência de que o Campeonato Nacional de Aspirantes se tratava de prova a doer e que os adversários seriam do mais forte que havia. Os mais temíveis eram os nomes maiores do desporto do país, Benfica e FC Porto. Como poderia o pequeno Orfeão da Madalena sobreviver ao embate com tais gigantes? O assunto foi acaloradamente debatido nos quatro cafés do Rego da Água, onde todos se mostravam convencidos de que, pesasse embora o inegável valor do mestre Melro e dos "nossos rapazes", o mais certo era a equipa levar cabazada atrás de cabazada e terminar no último lugar do campeonato.

O sorteio do calendário de jogos era, apesar disso, aguardado com expectativa nas instalações do Orfeão. No grande dia os homens do Rego da Água convergiram para o local e ficaram a aguardar as notícias, os mais novos com garrafas verdes de Sumol a balouçarem-lhes nas mãos, os mais velhos a languescer sobre as mesas enquanto dedilhavam pacientemente copinhos de bagaço que iam esvaziando aos beijinhos. Por volta do meio-dia tocou o telefone e o mestre Melro foi atender. Era o presidente da agremiação, que tinha ido a Lisboa participar no sorteio. Diogo discutia na altura com Angelino qual seria o melhor adversário para a estreia, mas, no momento em que a conversa telefónica começou, todos voltaram para ali a atenção, suspenderam a respiração e, perscrutando o rosto do treinador colado ao aparelho, esperaram o veredicto.

A fisionomia do mestre Melro permaneceu no entanto inescrutável ao longo de toda a chamada. O treinador limitava-se a uns secos "sim, senhor presidente" e "muito bem, senhor presidente", pelo que tiveram de suportar a impaciência que os consumia como lenha em lume brando e aguardar a conclusão do telefonema.

Ao fim de um minuto interminável, o mestre Melro desligou o telefone e encarou os rostos expectantes com a face cerrada.

"É o Benfica."

Vista da pequena janela do Dakota em voo de aproximação à pista, Tete não passava de um insignificante aglomerado de casas que o rio, num menear elegante pela savana amarela, contornava como se não quisesse perturbar a cidade. O avião tocou no solo, saltou e estabilizou, rolou pela pista com o nariz voltado para cima, como era imagem de marca dos Dakota, e imobilizou-se na placa diante da pequena torre de controlo.

Só quando a porta se abriu e os passageiros começaram a desaguar para a escada entretanto

colada ao aparelho é que o casal Branco percebeu que não haviam chegado a um sítio normal. Um hálito ardente, escaldante como o bafo intenso de um forno, invadiu o interior do avião e desencadeou um coro de suspiros entre os passageiros alinhados no corredor até à porta.

"Não há dúvida", observou um viajante indiano com um sorriso resignado, como se aquela fornalha tivesse uma assinatura inconfundível. "Chegámos a Tete!"

José e Mimicas entreolharam-se, chocados. Já haviam sido avisados de que Tete era quente, mas assim? Não imaginavam que pudesse haver no planeta, e muito menos em Moçambique, um sítio onde as temperaturas fossem as de semelhante fornalha.

"Puf!", bufou Mimicas. "Que inferno!"

O marido sentia-se estupefacto com o calor; parecia-lhe que o ar poderia a todo o momento entrar em combustão e pegar fogo. Saíram do Dakota aos tropeções e sentiram toda a força do impacto do sol a tostar-lhes a pele; era como se uma pilha incandescente os queimasse com o seu fôlego. Apanhado de surpresa, José largou um olhar desconcertado, quase suplicante, na direcção da hospedeira da DETA que se despedia dos passageiros.

"Isto é sempre assim?"

A hospedeira encolheu os ombros e manteve os dentes arreganhados num sorriso profissional.

"Bem-vindos a Tete!"

O fedor a transpiração enchia a apertada sala onde aguardaram as malas. O terminal era incrivelmente quente, mas pelo menos ali estavam protegidos do ardor inclemente do sol. Viram as malas serem transportadas pela pista e despejadas na sala das chegadas. Pegaram nas deles e abalaram para o átrio, onde uma multidão aguardava os recém-chegados; era um mar de rostos inquisitivos, brancos, indianos, mulatos e negros, todos suados à espera que saísse quem vinham buscar.

"Doutor Branco!"

José voltou o rosto na direcção de onde viera a voz que o interpelara e reconheceu o homem que se aproximava; era um sujeito pequeno, com o cabelo curto e pequenos óculos rectangulares a enquadrar-lhe um olhar arguto, gelado e afiado, forjado no fogo de segredos inconfessáveis. Tratava-se do seu companheiro de viagem no Infante D. Henrique, mas já se haviam passado três anos e, apesar do esforço de memória, não conseguiu lembrar-se imediatamente do nome. "Ah! Olá!"

O homem apertou-lhe a mão e cumprimentou Mimicas.

"Lembra-se de mim?"

"Claro. Claro que sim." Abanou a cabeça, como se tentasse sacudir o cérebro e desencravar o nome de uma gaveta da memória. "O benfiquista ilustre que jantava connosco no paquete. Como me poderia esquecer? Mas confesso que o nome... enfim!..."

"Aniceto", apresentou-se. "Inspector Aniceto Silva."

"É isso!", exclamou. "Peço desculpa pelo meu lapso. O senhor é da PSP, não é?"

Os lábios finos de Aniceto esboçaram o fio de um sorriso, não mais do que um esgar sem humor.

"Sou polícia, de facto", confirmou, limpando com um lenço bordado as gotas de transpiração que lhe serpenteavam pela testa. "Mas na altura da nossa bela viagem, e considerando a presença na mesa de um indivíduo relacionado com certos meios da oposição, achei por bem não partilhar mais pormenores das minhas funções profissionais. Mas não pertenço aos quadros da PSP. Sou inspector da PIDE e estou agora responsável pelo posto de Tete."

A revelação apanhou José de surpresa. Sabia que a PIDE, a Polícia Internacional de Defesa do Estado, tinha a responsabilidade de vigiar, intimidar e prevenir quaisquer actos que pusessem em causa o regime. Quem criticasse Salazar ou o governo podia ser preso e maltratado pela PIDE, de que se dizia que, em última instância, chegava a assassinar pessoas. Verdade ou não, o facto é que a sua reputação se

tornara temível. Ter um pido à espera num aeroporto não era por isso, e com toda a certeza, das experiências mais desejadas por qualquer viajante.

"Ah!... O senhor é... da PIDE?!", gaguejou. "Há... há algum problema?"

O rosto do homem, até aí amigável, endureceu de um momento para o outro.

"O senhor está preso!"

A ordem foi dada num tom firme e seco. O médico vacilou, abalado com o que ouvira, sem perceber o como nem o porquê. A mulher agarrou-se a ele, como se pudesse impedir o que inevitavelmente se sucederia a uma ordem assim dada por uma pessoa daquelas.

"Sou acusado de... de quê?"

Aniceto soltou uma gargalhada ruidosa e, num gesto apaziguador, pousou-lhe a mão no ombro.

"Eh, pá! Esta resulta sempre!"

"Perdão?"

"O senhor acabou de ser vítima da minha piada favorita, doutor!", revelou o inspector da PIDE com um esgar divertido. "Sempre que digo isto, as pessoas ficam pálidas! Vá-se lá saber porquê!..."

O casal acompanhou a risada com uma gargalhada breve e nervosa, embora sobretudo aliviada.

"Não há dúvida", observou José, balouçando afirmativamente a cabeça. "O senhor é impagável!"

Aniceto ainda se ria.

"É boa, não é? Nunca falha!" Mais gargalhadas. "Vocês haviam de ver a vossa cara!"

Deixando o homem da PIDE gozar o momento, o casal suspirou de calor e alívio e voltou a pegar nas malas. Fizeram ambos tentações de prosseguir caminho, embora não soubessem exactamente para onde. Estaria alguém do hospital à sua espera? Haveria táxis lá fora? Para onde se deveriam dirigir?

"Bem, senhor inspector", disse José. "Vamos andando. Foi um prazer..."

"Espere aí, doutor", travou-o Aniceto. "Eu vim cá para vos levar a casa."

"O senhor?!"

"Sim, eu. Porquê? Não me diga que tem alguma coisa contra mim!..."

"Claro que não", apressou-se o médico a esclarecer; a última coisa que queria era ofender um pido. "Mas estava à espera que houvesse aqui alguém do hospital ou dos Serviços de Saúde. Ser um inspector da PIDE a fazer-nos a recepção... enfim, não é normal!"

"Ó doutor, não estamos na Metrópole!", exclamou o inspector. "Isto é uma terra pequena e temos de nos ajudar uns aos outros. O director do hospital teve de ir ao Zobué e não pôde vir. Vim eu."

O calor era insuportável e desfez qualquer esboço de resistência. O casal só queria sair dali e chegar à sua nova casa.

"Muito bem", aceitou José. "Vamos para onde?"

Aniceto Silva deitou um olhar às malas que os dois carregavam.

"Eh, pá. Isso parece pesado." Voltou-se para trás e ergueu a mão. "Ó Chico! Anda cá!"

Um indivíduo alto e muito encorpado aproximou-se deles; tinha ar de andar pelos quarenta e tal anos, talvez até cinquenta. Percebia-se que se tratava de um homem rude, a face sulcada por rugas de quem já se havia confrontado com o pior da vida.

"Este é o meu melhor operacional", anunciou o inspector quando o matulão se chegou a eles. "O Francisco Latino andou na guerra de Espanha e noutras confusões ainda piores. O doutor já o conhece?"

Francisco fitava José com atenção, como se o estudasse.

"Não", disse o médico. "Nunca tive esse prazer."

"No entanto, o Chico conheceu os seus pais", declarou Aniceto. "Nunca lhe falaram dele?"

A revelação suscitou um esgar de admiração no recém-chegado.

"A sério? Quando é que se conheceram?"

Francisco respirou fundo e mudou de perna de apoio, como se o assunto o deixasse pouco à vontade.

"Foi há muito tempo", disse com secura, manifestamente sem vontade de se alongar no tema. "Histórias antigas, que já não interessam a ninguém."

"Ah, eu cá acho as histórias antigas fascinantes", atalhou o inspector da PIDE. "Aliás, também eu conheci os seus pais."

Mais uma novidade a surpreender José.

"Não me diga!"

"É verdade! Cruzámo-nos em Lisboa e em Penafiel." Indicou o subordinado com a cabeça. "Mas, como diz aqui o Chico, são histórias antigas, que, apesar de curiosas, já não interessam a ninguém." Apontou para as malas. "Chico, arranja aí quem nos traga as malas dos senhores doutores!..."

A viagem do aeroporto, situado em Chingodzi, até Tete foi relativamente curta, mas demorada. A estrada era de terra batida avermelhada. Parecia pó de tijolo, varrida por sucessivas nuvens de poeira que as viaturas erguiam a caminho da cidade, como se os pneus fossem tubos de escape. A paisagem apresentava-se plana e seca, dominada por árvores gigantes com enormes raízes e troncos largos e rudes, que davam a impressão de músculos em esforço. As copas estavam despidas, com os ramos nus espetados em todas as direcções; parecia um emaranhado de arames. Os dois Branco nunca haviam visto coisa igual.

"Que árvores são estas?", quis saber Mímicas.

O inspector fixou a atenção numa árvore monumental mesmo ao lado da estrada.

"Embondeiros."

Além dos embondeiros, plantados como esculturas gigantes até onde a vista alcançava, uma outra característica distinguia a paisagem: ao longo da berma da estrada viam-se ocasionalmente pequenos montes cónicos alaranjados, alguns maiores do que uma pessoa, e que os recém-chegados presumiram tratar-se de construções de formigas.

"Térmitas", corrigiu Aniceto Silva. "Chamam-lhes morros de muchém. Não se metam aí. Noutra dia um gajo passou um tractor por cima de um desses morros e as térmitas saíram lá de baixo aos milhões e comeram-no vivo."

"Está a brincar!..."

"Se eu não tivesse visto o que dele restou, não acreditaria."

Impressionada com a história e incomodada com o calor que a sufocava dentro da viatura, Mímicas abriu a janela e pôs a cabeça de fora. Tentava refrescar-se ao vento, mas o ardor cruel do sol e a poeira asfíxiante obrigaram-na a mudar de ideias.

"Que calor horrível!", queixou-se. "Sabe qual é a temperatura?"

O inspector virou a cabeça para trás.

"Estão quase cinquenta graus."

A revelação deixou os dois recém-chegados literalmente boquiabertos.

"Cinquenta?!"

"À sombra", esclareceu Aniceto. "Porque ao sol está muito mais calor." Fez um gesto a indicar a paisagem em redor. "Tete é o ponto mais quente de África a sul do equador. Pior só o deserto do Sara. Às vezes o calor é tanto que penso que o Zambeze está prestes a entrar em ebulição."

"Que horror!"

O inspector da PIDE passeou os olhos pela paisagem seca.

"Iá, as coisas aqui são maningue agrestes", reconheceu. "Mas é um lugar com história. Livingstone passou por Tete. Capelo e Ivens também." Suspirou com nostalgia. "Vocês chegaram à África profunda."

A estrada inclinou-se para baixo e, logo adiante, depararam com vários automóveis estacionados desordenadamente, alguns mesmo à beira das águas serenas e lamacentas do rio. O Land Rover da PIDE imobilizou-se e os ocupantes apearam-se, juntando-se à multidão que aguardava perto dos automóveis ou à sombra das micaias. O largo caudal do Zambeze cortava a estrada, separando os carros do casario que se estendia pela outra margem; evidentemente a cidade de Tete.

"Que se passa?", perguntou José. "O que estamos aqui a fazer?"

O inspector indicou uma estrutura que deslizava pachorrentamente a meio do rio; parecia uma jangada metálica, larga e grotesca, e vinha apinhada de automóveis e com um camião.

"Estamos à espera do batelão", explicou. "É a única maneira de chegar a Tete."

Permaneceram longos minutos na margem a observar a aproximação e a manobra de acostagem do batelão. O ardor ao sol era tão infernal que até o rio parecia transpirar. Uma vez ancorada a estrutura, os automóveis e o camião saíram e os veículos que se encontravam na margem do Matundo, do lado oposto à cidade, entraram para os lugares que vagaram, dispendo-se numa arrumação milimétrica ao longo da plataforma flutuante.

Quando o estacionamento ficou lotado, a passadeira das viaturas foi retirada e a embarcação reiniciou a lenta travessia do Zambeze. O ar tornou-se mais fresco, graças à brisa fluvial que soprava refrescante e rente às águas, e os passageiros aproveitaram aquele bálsamo para se abeirarem das bordas da estrutura e contemplarem a paisagem, tranquila no meio do rio e embalada pelo ronronar monótono e ritmado do motor do batelão.

"Estive a observar a documentação sobre o hospital e reparei numa coisa estranha", observou José. "O director é um cirurgião."

Aniceto Silva assentiu.

"Assim é, de facto. O que tem isso de estranho?"

"Os regulamentos dos Serviços Provinciais de Saúde estabelecem que o director de um hospital é obrigatoriamente um clínico geral. Só na ausência de um clínico geral pode um médico de especialidade assumir a direcção."

"O doutor Martins, embora cirurgião, é o único médico do hospital."

José inclinou a cabeça.

"Era", disse, sublinhando a palavra. "Agora também estou cá eu. E sou de clínica geral."

O inspector da PIDE retirou os pequenos óculos do rosto e lançou um bafo sobre as lentes, humedecendo-as. Depois esfregou-as com o seu pequeno lenço bordado.

"Estou a ver onde quer chegar", murmurou enquanto limpava as lentes. "Acontece que as suas amizades, mais os acontecimentos em João Belo, constituem um obstáculo sério a que, neste caso, se aplique o regulamento. Por instrução superior ficou determinado que o doutor Martins continuará a ser o director, apesar do que o regulamento estabelece." Guardou o lenço e voltou a encavalitar os óculos no nariz. "Espero que não veja inconveniente nisso."

O médico encolheu os ombros.

"Nenhum", disse. "Queria era perceber a situação."

Tete revelou-se uma cidade tão poeirenta quanto os seus arredores. As ruas não eram mais que passagens de terra batida e as pessoas andavam por toda a parte descalças ou de sandálias. Um aroma a erva queimada parecia pairar em permanência no ar, tão omnipresente quanto a poeira fina e o bafo de calor seco e impiedoso.

O Land Rover da PIDE passou pelo cruzamento do Hotel Zambeze e estacionou no início de uma rua que subia em curva. O inspector Silva saltou para fora, fazendo sinal aos recém-chegados e a Francisco de que tirassem as bagagens.

"O hospital e a farmácia são no alto desta rua", revelou. "Como vêm, vão ficar os dois relativamente perto do trabalho."

O casal Branco contemplou o edifício assinalado pelo inspector. Tinha dois pisos, com a fachada em curva ocupada por uma longa varanda. Seguiram o seu anfitrião, que os conduziu por umas escadas do quintal para o primeiro andar.

"É aqui."

O apartamento era pequeno, mas servia perfeitamente. Dispunha de um grande quintal coberto de árvores de frutos, cujas copas forneciam amplas zonas de sombra, e a varanda arqueada tinha uma vista panorâmica para a rua.

"Presumo que se sintam cansados da viagem", observou Aniceto Silva. "Vou deixar-vos instalarem-se e repousar um bocadinho. Depois o que gostariam de fazer? Querem passear ou conhecer o hospital?"

"Não se incomode connosco."

"Não incomodam nada. Prometi ao doutor Martins que, considerando a ausência dele, vos acolheria com todas as regras da hospitalidade e vou cumprir a minha missão até ao fim. Ele deu instruções à enfermeira-chefe de que vos mostrasse o hospital e a farmácia, mas vocês é que decidem o que querem fazer."

Os dois entreolharam-se. A viagem fora cansativa, mas a verdade é que não lhes apetecia nada ficar fechados em casa. Se tinham curiosidade de conhecer os locais onde iriam trabalhar, porque não aproveitar o convite?

"Então está bem", concordou José. "Descansamos uma horita e depois vamos lá espreitar o hospital."

Na ausência do director, Aniceto Silva mostrou-se meticoloso nas suas responsabilidades de anfitrião. Depois de dispensar Francisco, acompanhou-os nessa tarde numa primeira visita ao hospital e à farmácia. Subiram a rua onde já residiam e desembocaram numa rotunda poeirenta no alto da colina.

Um bonito edifício branco dominava a rotunda com uma escadaria central e uma varanda ao longo de toda a fachada, as quinas acima da porta, uma bandeira portuguesa a esvoaçar num mastro e a palavra Hospital acima das armas lusitanas. O Land Rover contornou um círculo ajardinado e estacionou diante da escadaria. No momento em que saíram da viatura viram a figura minúscula de uma freira em hábitos azul-claros descer na sua direcção com um sorriso acolhedor.

"Bien venidos a Tete!", saudou-os ela numa mescla bizarra de português e castelhano. "Chamo-me Lúcia y soy la enfermeira-chefe do hospital. El doutor Martins está no Zobué y pediu-me para hacer las honras da casa. Bien venidos! Espera-vos mucho trabajo."

"Uma espanhola por aqui?", admirou-se José.

"Posso ter nascido en España", empertigou-se a irmã Lúcia, "pêro soy una cidadã del mundo."

A freira espanhola guiou-os pelos corredores do hospital, mostrando-lhes as instalações e as diferentes valências. Por toda a parte cheirava a álcool e éter, odor familiar para quem frequentava aqueles ambientes desde os tempos da faculdade. Começaram pelas enfermarias, passaram pelas urgências e percorreram a radiologia, o laboratório de análises, a estomatologia, a fisioterapia e a reanimação.

José sentia-se surpreendido por ver um hospital português apetrechado com tantas valências numa terriola perdida no meio de África e fez a observação em voz alta.

"verdad", concordou a irmã Lúcia. "Pero ainda vamos tener mais valências."

"A sério?"

"No próximo ano queremos abrir la maternidade."

"Onde fazem agora os partos?"

A freira fez-lhes sinal de que a seguissem pelo corredor.

"Los partos normales são feitos na enfermaria", disse, conduzindo-os a uma sala com uma mesa no centro. "Pero las cesarianas são aqui, em el bloco operatório." A sala cheirava a desinfetante e havia poderosas lâmpadas sobre a mesa de operações. "el único bloco operatório dei distrito", revelou a espanhola com uma mistura de orgulho e desânimo. "El director trabaja aqui."

O médico recém-chegado contemplou a sala, surpreendido com o que vira.

"Sendo até agora o único médico do hospital, o senhor director conseguia responder a todas as necessidades?"

A irmã Lúcia estalou a língua e fez uma careta que lhe enrugou a face larga.

"Dios mio, nem mesmo com cien médicos seria posible dar respuesta a todas las necesidades."

Fez uma pausa, buscando a palavra que melhor exprimia o que pensava. "El trabajo é colossal."

O jantar decorreu à luz de lanternas no quintal da casa de Aniceto Silva. O director distrital da PIDE convidou para a ocasião as principais figuras de Tete, como o governador, o intendente, o director das Obras Públicas, o director da Missão de Fomento e Povoamento do Zambeze e o comandante da polícia, mais as respectivas esposas. De todas estas figuras, apenas o chefe da PSP e a mulher eram da idade do casal recém-chegado, pelo que José e Mímicás se aproximaram mais do tenente António Trovão e da sua Carolina, uma rapariga alta e vistosa que não parava de embalar um bebé.

"O meu Nuno nasceu aqui em Tete", disse ela, beijando-o na fronte. "Mas, Deus me perdoe, não me volto a sujeitar a estas condições. Tive o parto na enfermaria!"

"Pois é", assentiu o médico. "Mas disseram-me que no próximo ano vamos estar apetrechados com uma maternidade."

"Mesmo assim! Se tivermos mais algum filho, sabem o que faço? Meto-me no avião e vou a Lourenço Marques dar à luz!"

"Não sei se a DETA deixa uma mulher em estado de gravidez tão adiantado entrar no avião", contrapôs José. "Creio que existem umas regras para essas situações, de modo a impedir partos lá em cima."

O tenente António Trovão, que acompanhava a conversa em silêncio, remexeu-se na cadeira.

"Quem disse que a DETA não deixa?", interveio. "Ai deixa, deixa!", exclamou com um sorriso, puxando dos galões de chefe da PSP. "Nem que eu tenha de dar ordem de prisão ao comandante do avião!"

No final desse longo primeiro dia, e considerando que estava cumprida a sua missão de acolhimento, o inspector Silva levou o casal Branco à sua nova casa. Despediu-se à porta e rodou sobre os calcanhares, metendo-se no carro.

"Espere!", chamou José.

Aniceto Silva ligava já a ignição e espreitou para fora.

"Passa-se alguma coisa?"

O médico inclinou-se sobre a janela do jipe e examinou-lhe a face. Depois apontou-lhe para o meio da testa.

"Tem aqui um sinal de que não estou a gostar nada."

"Um sinal?"

José voltou-se para a mulher.

"Ó Mímicás, já viste isto?"

A farmacêutica aproximou-se e, enfiando a cabeça pela janela, quase colou os olhos preocupados ao rosto do inspector da PIDE.

"Iá, pois é! O coiso está-lhe a coisar a testa!..."

"O que se passa?", inquietou-se Aniceto. "Há algum problema?"

O médico manteve a atenção presa na testa, perscrutando-a com cuidado profissional.

"Ó inspector, já alguma vez foi visto por um oncologista?"

Aniceto Silva arregalou os olhos, o terror a trepar-lhe pelo rosto.

"O quê? Um onco... um oncologista?" Apalpou a área da testa que os seus dois interlocutores observavam fixamente. "Porquê, doutor? Porque... porque diz isso?"

"Não sei não!", murmurou José com uma careta, como se falasse consigo mesmo. "Não é por nada, mas parece-me que isto é um tumor!..."

"Ai é, é!", confirmou Mimicas. "E dos malignos! Já vi pacientes coisarem-se com tumores assim." Abanou a cabeça com uma expressão condoída. "Ah, coitado!"

O marido acompanhou-a no gesto de cabeça.

"Isto é muito mau."

Ainda sentado dentro do Land Rover, Aniceto vacilou no assento, chocado com o que escutava.

"O quê? O quê?"

Com um olhar a transbordar de compaixão, o médico pousou-lhe a mão solidária sobre o ombro.

"Esta resulta sempre."

"Como?"

José piscou-lhe o olho.

"O senhor acabou de ser vítima da minha piada favorita, inspector!", afirmou, saboreando a vingança. "Sempre que digo estas coisas as pessoas ficam pálidas! Vá-se lá saber porquê!..."

O dia do jogo foi emocionante no Rego da Água, sobretudo quando os rapazes do Orfeão viram aparecer no cruzamento diante do clube o autocarro vermelho e branco com a grande águia dourada. Era coisa imponente de se ver! Viera da longínqua capital, fizera trezentos quilómetros, andara durante seis horas pela Nacional 1 - tudo para ir ali jogar com a equipa da Madalena. Que emoção!

Ainda mais intimidante foi observar os jogadores da formação adversária a descerem do veículo; vinham altivos e impecavelmente equipados de encarnado-vivo, a águia ao peito a dizer Et pluribus unum! e o símbolo da Adidas ao lado. Que contraste com os do Orfeão, onde tudo era cosido pelas mãos em casa e cada um se equipava à sua maneira; uns de amarelo, outros de verde, Diogo de branco.

Mas o que mais impressionou a rapaziada anfitriã foi o equipamento que os jogadores do Benfica traziam nos pés.

"Já viste aquelas sapatilhas?", perguntou Angelino, incapaz de tirar os olhos delas. Os adversários calçavam o último grito da moda na modalidade, sapatilhas de marca tão sofisticadas que apenas se encontravam nas fotografias dos jornais e das revistas da especialidade.

"Então não?", disse Diogo. "Onde as terão arranjado?"

Angelino deu-lhe uma forte palmada nos ombros, que quase o desequilibrou.

"Isto é o Benfica, grande morcão! Eles até têm o Eusébio!"

"Sim, mas onde terão arranjado as sapatilhas? Nunca as vi à venda em parte nenhuma. Nem em Cedofeita!..."

O amigo não tirava os olhos das sapatilhas dos recém-chegados, que se desequipavam já para o aquecimento.

"Isto só há à venda na Alemanha", sentenciou Angelino. "É preciso muita massa para as comprar."

O mestre Melro chamou o seu pessoal e a equipa foi aquecer no outro lado do campo. Os jogadores do Orfeão procederam a corridas e toques de bola, mas ao longo de todo o exercício mantiveram a cabeça voltada para os adversários, intimidados com o seu ar aristocrático, mais o

equipamento catita, o que irritou o treinador.

"Porque estais a olhar para ali, carago?", rugiu mestre Melro. "Por acaso vedes entre aqueles paneleiros algumas gajas boas?"

O jogo começou mal. Diogo estava nervoso e falhou alguns blocos defensivos. Também os tempos de salto não lhe saíam bem, perdia ângulo para aplicar as suas poderosas direitas, isto apesar de os passes de Angelino apresentarem a perfeição do costume. Por tudo isto, o Benfica ganhou com facilidade o primeiro set e o craque do Orfeão teve de ouvir uma descompostura do treinador.

"O que tens tu hoje, canudo? Estás com medo daquelas meninas? Faz favor de ir para o campo e jogar o que sabes!"

Mas o segundo set também começou mal, com Diogo a falhar mais dois remates e o Benfica a somar pontos. A cabazada anunciada estava já em curso e os espectadores da casa mergulhavam em depressão. Que vergonha! Mas o pior eram os efeitos daquela razia nos próprios jogadores do Orfeão, e em particular no seu maior craque. Além do nervosismo, as dúvidas apoderavam-se do jogo de Diogo, roubando-lhe o que lhe restava da confiança. O adversário acumulava pontos atrás de pontos até chegar ao momento crítico do set.

Nessa altura, mal contendo a frustração pela sequência de passes que o colega de equipa desperdiçava, Angelino voltou-se para trás e cravou os olhos furiosos nele.

"Diogo, vou dar cabo de ti!", rosnou entre dentes. "Os cabrões estão-se a rir da malta!"

Aquela censura ligou um interruptor no jogo de Diogo. Espicaçado pela humilhação e por se aperceber do embaraço dos colegas de equipa e dos espectadores, o rematador do Orfeão soltou de repente o seu voleibol e conquistou uma mão-cheia de pontos até o Benfica, apesar de confrontado com inesperadas dificuldades, conseguir fechar o segundo set a seu favor.

O Orfeão da Madalena perdia por 2-0, mas aquele foi o ponto de viragem do jogo. Primeiro de raiva, depois com crescente confiança e segurança, Diogo guiou a equipa para a vitória no terceiro e no quarto sets, e fechou concludentemente o quinto set perante a incredulidade e a euforia de todos os que enchiam o recinto e mal queriam acreditar no milagre que se produzia diante dos seus olhos. A equipa da terra, os miúdos sem equipamento e que treinavam à noite no anexo coberto de pó de tijolo, haviam vencido o grande Benfica.

A partir daí tudo se tornou possível. Galvanizados pela surpreendente vitória sobre os encarnados, os jogadores do Orfeão acreditaram que podiam fazer o impossível e derrotaram consecutivamente o FC Porto e o Lisboa Ginásio. Perante a estupefacção geral, a equipa sagrou-se Campeã Nacional de Aspirantes em voleibol.

O ritual matinal que o casal Branco havia instituído em João Belo foi transferido para Tete. Acordavam ambos pelas seis da manhã e, para aproveitar a única hora relativamente fresca do dia, tomavam o pequeno-almoço na longa varanda do apartamento. Saíam de casa de seguida e metiam-se no Opel branco de tejadilho azul para subir a rua até ao complexo formado pelo hospital e pela farmácia.

Depois de se despedir da mulher, José ia para o seu gabinete vestir a bata e, na companhia da irmã Lúcia, fazia às sete em ponto a visita às enfermarias para saber como os doentes haviam passado a noite e lidar com os casos que requeriam maior atenção. Às oito voltava ao gabinete para as consultas, muito concorridas, por só existirem dois médicos na cidade.

"Hoje tenemos doentes que vieram de muy lejos", anunciava a freira diariamente, procurando sensibilizá-lo para esses casos. "Ay, Dios mio! São muchos."

Além daqueles que viviam em Tete ou nos arredores, muitos pacientes vinham de locais com designações estranhas, como Mucumbura, Caldas Xavier, Furancungo, Fingué, Songo, Zum-bo, Magoe. De início eram apenas nomes que se sucediam em desfile e que ao médico nada diziam, mas um dia José

pediu ao engenheiro Pontes, o director da Missão de Fomento do Zambeze, um mapa pormenorizado do distrito e pregou-o na parede do gabinete, assinalando com alfinetes vermelhos os pontos onde existiam pequenos postos de assistência médico-sanitária, como Chioco, Changara, Mandié, Zobué, Vila Coutinho, Furanungo, Fingué e Mutarara.

A partir desse dia começou as consultas com um novo procedimento. Depois de perguntar o nome queria sempre saber qual a terra de origem do paciente. Quando ouvia a resposta levantava-se e ia ao mapa verificar as distâncias em relação ao posto de assistência médico-sanitária mais próximo ou em relação a Tete. Depois voltava a sentar-se e tomava nota num pequeno caderno.

"Eles vêm mesmo de muito longe", observou ao fim de algum tempo, após mais uma manhã de consultas. "Se eu não visse, não acreditava."

"Yo tinha-lhe dito, doutor", exclamou a irmã Lúcia, quase feliz por ver reconhecida a sua razão. "Vêm de muy lejos."

O médico apontou para os alfinetes vermelhos espetados no mapa.

"Mas alguns têm postos de assistência sanitária nas terras onde vivem ou perto delas", observou. "Por que motivo mesmo assim vêm a Tete? Porque não se tratam lá?"

"Eles tratam-se, doutor. Pero existem muchas razones para virem para cá. Algunos desses postos não têm médicos. Solo enfermeiros. Y mesmo quando existem médicos esses postos não dispõem de las condiciones adequadas. Por ejemplo, não têm laboratório de análises ou máquina de raio X. Ou necesitan de cirurgia y solo em Tete existe um cirurgião. Ou..."

"Pronto, pronto, já percebi", atalhou José. "Mas como chega esta gente cá?"

"Oh, de todas las maneiras! Algunas veces são los postos médico-sanitários que, percebendo que no tienen meios para lidar com essas situaciones, enviam las pessoas para Tete. Noutros casos são elas próprias que se metem al camino. Vienen de machibombo, de canoa, a pé. Já vi, com os meus próprios ojos, uno que veio de Caldas Xavier numa ginga."

"Ginga?"

"Bicicleta." Abanou a cabeça. "Ay, pobrecito! Tinha febre- amarela e veio a gingar de tão lejos. Parece impossível, no?"

Este problema impressionou o médico. O ideal seria equipar melhor os postos médicos ou de enfermagem espalhados por todo o distrito, mas tinha plena consciência de que tal era impossível; havia falta de médicos e de enfermeiros por toda a província e, mesmo que esse problema não existisse, só os custos de um tal empreendimento, que teria de incluir investimento em pessoal e em equipamento, seriam exorbitantes e incomportáveis para o orçamento do governo central.

O assunto preocupava-o tanto que decidiu discuti-lo com o director do hospital.

"Porque não arranjar ambulâncias?", sugeriu. "Era uma forma de contornar o problema."

"Nós já temos ambulâncias", observou o doutor Martins.

"São só duas. Precisávamos de mais."

O director olhou para o mapa do distrito de Tete e fez uma careta, nada persuadido com a solução.

"Eu podia convencer Lourenço Marques a dar-nos mais uma ou duas ambulâncias", admitiu. "Mas isso não resolvia o problema. Já viu o tamanho de todo o distrito?" Fez um gesto a indicar o mapa. "Olhe para isto. São cem mil quilómetros quadrados! Isso é equivalente a... sei lá!, à Metrópole, por exemplo! Já viu? E como se estivéssemos em Coimbra e tivéssemos de ir prestar assistência a Faro e a Bragança! E isto num território que só pode ser coberto em picadas!" Abanou a cabeça, enfático. "As ambulâncias estão totalmente fora de questão!"

A conversa com o director do hospital deixou José a contemplar longamente o mapa. Martins tinha razão, percebeu com desânimo. O problema não se resolvia com mais médicos, que não havia; nem com

mais postos, que eram caros; nem com mais e melhor equipamento, de custos proibitivos; nem sequer com mais ambulâncias, que não poderiam mover-se pelas picadas esburacadas de um território tão vasto. O distrito era maior do que a própria Metrópole! Como cobrir tal imensidão e trazer de todos os recantos para Tete os casos que requeriam maiores cuidados?

Teve de se render. Por muito que lhe custasse, o problema simplesmente não tinha solução.

Naquela manhã chegou com olheiras ao hospital. Tinha na véspera ido com a mulher a casa do tenente Trovão para uma patuscada que se prolongara para além do previsto, pelo que acabara por se deitar tarde.

Faltavam três minutos para as sete quando entrou no gabinete e, sempre determinado a fazer a inspecção das enfermarias às sete em ponto, vestiu apressadamente a bata. Lançou um olhar à agenda pousada sobre a secretária, aberta nas páginas referentes à última semana de Setembro de 1964, e praguejou baixinho. Vinha aí a época das chuvas, sabia, e seria mais difícil os doentes percorrerem grandes distâncias para receberem ajuda no hospital.

Apercebeu-se nesse instante de que a porta se abria atrás dele e divisou a figura minúscula da irmã Lúcia a esgueirar-se pela entrada.

"Doutor, o senhor já sabe de las notícias?"

"Bom dia, Lúcia", disse, como se sublinhasse que os cumprimentos deveriam sempre ser a primeira coisa que se trocava pela manhã. "Está tudo bem?"

"Las notícias, doutor. Já escuchou?"

A insistência da irmã Lúcia na pergunta, e o facto de lhe parecer tão preocupada que nem se dignou devolver a saudação, suscitaram-lhe estranheza.

"Que notícias?"

A freira espanhola espreitou de relance o canto do gabinete onde se encontrava um móvel de rádio.

"É mejor escuchar, doutor."

José ainda vacilou, determinado a cumprir as suas obrigações; fazia questão de iniciar a ronda às sete em ponto, como era seu hábito. No entanto, a expressão do olhar da irmã Lúcia indicava-lhe que talvez fosse melhor seguir a recomendação. Respirou fundo e, resignado, acorrou-se diante do aparelho. Sentiu a freira sair do gabinete, decerto para preparar a inspecção à enfermaria, mas não se importou; preferia ouvir telefonia sozinho. Carregou no botão do rádio e escutou uma voz familiar.

... que lavas no rio

E talhas com o teu machado

As tábuas do meu caixão.

Pode haver quem te defenda

Quem compre o teu chão sagrado

Mas a tua vida não.

Embalado pela melodia, ele próprio cantarolou com Amália as estrofes de "Povo que lavas no rio", até que a música acabou e se ouviram duas vozes masculinas a falar sobre um som de fundo que parecia ser o lento marulhar do mar.

"Ontem fui à praia com a Isabel", anunciou a primeira voz.

"Ah sim?", admirou-se a segunda. "então?"

"Ela estava deitada na areia, toda tostadinha", retomou a primeira. "A Isabel mexia a coxa e eu só olhava para ela, ela a mexer-se e eu a olhar. Olha, não aguentei mais: saltei para cima dela e comi-a toda!" "O quê? A Isabel?"

"Claro! É uma galinha das Mahotas Avícola!", concluiu o primeiro. "Avícola das Mahotas: as

melhores galinhas, o melhor sabor!"

O segundo anúncio gabava as virtudes da Gazcidla, "uma chama viva onde quer que viva", e o terceiro era aquele que antecedia sempre o sinal horário.

"Que horas são?", perguntou uma voz na rádio em tom casual.

"São horas de beber um copo de Laurentina preta", sentenciou uma segunda voz. "Todas as horas são boas para beber um copo de Laurentina preta!"

Veio o sinal horário e apareceu uma nova voz, esta em directo.

"São sete horas da manhã", anunciou. "Bom dia, está a sintonizar o Rádio Clube de Tete. Agora as notícias."

Seguiu-se o indicativo do noticiário.

"Proseguem os combates no Congo", anunciou a mesma voz. "Os rebeldes congolezes tentam controlar o acesso a Stanleyville, tendo ontem de manhã..."

"Que está haciendo?"

Era a irmã Lúcia que espreitava à porta do gabinete. A pergunta embatucou o médico.

"Bem, estou a seguir a sua sugestão", explicou. "Não me tinha aconselhado a ouvir a rádio?"

A freira fez com a língua um estalido impaciente e acocorou-se diante do aparelho, rodando o botão de sintonização.

"No es la rádio portuguesa!", disse em tom de repreensão. "Essa nunca conta nada. Es la BBC!"

O receptor emitiu uma sucessão de zumbidos e assobios até se fixar na frequência dos Serviços Portugueses da estação britânica.

"... anunciou ter atacado o posto administrativo do Chai, em Cabo Delgado, no Norte de Moçambique", disse uma voz em tom solene e pausado. "Fonte da Frelimo na Tanzânia disse que esta foi a primeira acção armada lançada pelo movimento para libertar Moçambique do colonialismo português. A mesma fonte revelou que a acção envolveu ainda a destruição de pontes em Mocímboa da Praia, Esposende, rio Mueda, Nangade e Machoma e cortes em linhas telefónicas. Recorde-se que toda a região a norte do Zambeze se encontra em estado de emergência desde Abril, tendo os contingentes portugueses sido reforçados por dois mil e quinhentos homens. No mês passado um outro grupo rebelde matou um padre da Missão de Nangololo e feriu um africano a tiro de canhango."

As semanas que se seguiram a estes novos incidentes foram de inquietação, com os boatos a cruzarem-se em todas as direcções. A vida prosseguia com normalidade, é certo, e os jornais e rádios limitavam-se às notícias da actualidade geral, dominada por combates contra os vietcongues a sudoeste de Saigão, pelo anúncio da União Soviética de que não pagaria as operações da ONU no Congo, em Chipre e no Médio Oriente e pela goleada de 4-0 do Benfica ao Sporting, devidamente comemorada com mais uma patuscada em casa do inspector Silva.

Dir-se-ia à primeira vista que nada mudara, mas não era bem assim. As informações orais não confirmadas cruzavam-se nas conversas em voz baixa; havia até quem dissesse que estava iminente um ataque terrorista de grande envergadura contra a cidade de Tete, afirmação na qual ninguém verdadeiramente acreditou até ao dia em que, dois meses depois dos primeiros incidentes, a irmã Lúcia apareceu no gabinete de José Branco com a notícia de que tinha ocorrido um ataque no distrito de Tete, o primeiro de que havia notícia.

"Foi em Mutarara", esclareceu ela. "La noche passada."

"Quem lhe disse isso?"

"Un padre espanol que conheço."

Por esta altura já o médico conhecia quase de cor o mapa que tinha pregado à parede, mas mesmo assim foi espreitá-lo.

"Mutarara é aqui, no Sul do distrito", indicou. "Junto ao Malawi. É evidente que os tipos se infiltraram pela fronteira."

A freira espanhola mordeu o lábio inferior, os olhos a medirem a distância entre Tete e Mutarara.

"Acha que vão atacar nuestra ciudad, doutor?"

José encolheu os ombros.

"Quem sabe?"

Havia, porém, duas pessoas que sabiam. Ou pelo menos se elas não soubessem ninguém mais saberia. Uma era o comandante da PSP, com quem privava habitualmente. Convidou nessa noite o casal Trovão para jantar, mas o tenente não dispunha de muitos pormenores sobre o que sucedera em Mutarara.

"Deram uns tiritos contra o posto de sentinela", limitou-se a dizer. "O nosso pessoal respondeu e os terroristas cavaram."

"Ninguém foi atingido?"

"Não."

Restava a José tentar a segunda pessoa e a oportunidade sorriu-lhe no domingo seguinte. Portugal jogava com Espanha, vencedora do recentemente criado Campeonato da Europa, e o inspector Silva, amante da bola e a exemplo do que fazia nas tardes dominicais de futebolada, convidou-os, a ele e Mimicas e a mais dois casais, para um almoço no quintal ao som do relato da Emissora Nacional.

A refeição foi animada e a tarde coroada com dois golos de Eusébio que garantiram a vitória portuguesa por 2-1, façanha condignamente celebrada no quintal da casa do homem da PIDE com abundantes quantidades de whisky e até de vinho do Porto, em homenagem à cidade onde a partida decorreria.

"A minha Lúcia é que vai ficar chateada por termos dado cabo dos espanhóis", observou José com um sorriso. "Amanhã nem me fala."

"Os gajos não têm que se queixar", contrapôs Aniceto Silva. "Encavámo-los bem. Com este novo seleccionador, o Manuel da Luz Afonso, mais o Otto Glória, somos bem capazes de nos apurarmos para o Mundial."

"Ah, isso já me parece mais difícil..."

"Você duvida, Branco?", escandalizou-se o inspector da PIDE. "Então o Benfica não ganhou duas Taças dos Campeões Europeus? Então nós não derrotámos hoje o campeão da Europa? Com a armada moçambicana, o Eusébio, o Coluna e o Costa Pereira, mais o Torres e o resto da malta, não vejo porque não haveremos de estar em Inglaterra!..."

A satisfação pelo triunfo no relvado criou entre os convidados, e sobretudo no seu anfitrião, o ambiente propício para que José visse ali a oportunidade de suscitar a questão mais imediata que a todos verdadeiramente preocupava.

"Talvez tenha razão", admitiu o médico. "O facto é que derrotámos os Espanhóis. Mas sabe do que precisávamos mesmo? Era de derrotar os terroristas."

Aniceto fez com a língua um estalido contrariado, desagradado por lhe falarem de trabalho em momento tão festivo.

"Ai os turras, os turras!...", exclamou, deixando a voz perder-se na repetição. Era a primeira vez que os presentes ouviam a expressão turra como referência aos guerrilheiros. "Esse, meu caro doutor Branco, é um outro campeonato!"

"Disso ninguém tem dúvidas! A questão é saber como está ele a decorrer. Já viu? Os tipos fizeram agora o primeiro ataque aqui no distrito. Onde irá isto parar?"

O inspector da PIDE respirou fundo, como se ponderasse o que poderia ou deveria dizer diante de toda aquela gente; sabia que era uma pessoa temida na cidade e não estava habituado a ser interpelado

em público sobre assunto tão sensível. Por outro lado, porém, tinha de transmitir algumas mensagens, sob pena de deixar que a boataria alarmista se propagasse ainda mais pela comunidade branca de Tete, e aquela oportunidade pareceu-lhe tão adequada como qualquer outra.

"Ouçam, os turras estão a tentar desestabilizar o Norte de Moçambique", reconheceu. "Temos informações, que os senhores farão o favor de manter reservadas, de que o plano deles é criar problemas em todas os distritos a norte do Zambeze: Niassa, Cabo Delgado, Zambézia, Moçambique e Tete. Querem insurreição em toda a parte."

"Ah!", exclamou o médico. "Então sempre é verdade que o estado de emergência foi declarado aqui no Norte!..."

Aniceto Silva esboçou uma careta contrariada.

"Não vou desmentir isso. Mas posso garantir-vos que a coisa só está a pegar no Niassa e em Cabo Delgado. Esta bandidagem não tem hipóteses no resto do território."

"Tem a certeza?"

O inspector estendeu a mão e desligou a voz do rádio, que se alongava já nos comentários ao jogo da tarde.

"É tão certo como nós irmos ao Mundial! Os tipos possuem a ajuda da Tanzânia e podem assim assegurar a retaguarda e o apoio logístico. Além disso, têm os macondes na mão. É por isso que andam tão activos ao longo da fronteira tanzaniana. Mas não conseguem descer devido aos macuas, que estão connosco. Por outro lado, é importante termos presente que eles não dispõem de muitos homens. Terão uns trezentos, no máximo."

"E aqui em Tete?"

"Nas actuais condições parece-me difícil que os gajos nos criem muitos problemas nesta zona. Lembrem-se que Tete não faz fronteira com a Tanzânia. Os turras têm a Zâmbia do seu lado, mas precisam também da colaboração do Malawi para poderem vir até aqui, e aí... azar! O presidente Banda está do nosso lado." Fez um gesto na direcção do aparelho de rádio onde haviam escutado o relato de futebol. "O Banda é o nosso Eusébio!" Inclinou-se para a frente, conspirador. "Vou contar-vos uma coisa: o gajo autorizou-nos a andar pelo Malawi a recolher informações sobre o inimigo!" Endireitou-se e contemplou o efeito que a sua revelação produzira nos presentes. "E só para verem. De modo que, sem o Malawi a ajudá-los, o mais que os turras podem fazer aqui no distrito são umas acçõezinhas da treta, só para dizerem que já chegaram a Tete." Bateu no ombro do médico. "Não se preocupem, meus caros. Está tudo controlado."

Por esta altura instalara-se o mais absoluto silêncio no quintal da casa, com todos os convidados a escutarem o homem da PIDE. O assunto era da mais elevada gravidade e pessoa mais bem informada do que o inspector seria difícil encontrar em Tete. Se ele parecia despreocupado e garantia que não havia problemas, quem poderia duvidar? Um murmúrio de alívio percorreu por isso o grupo e os sorrisos afloraram por toda a parte.

"Portanto", insistiu José, "os terroristas não vão entrar em Tete?"

"Nem pensar."

"E isto que eles estão a fazer, na sua opinião, o que é? São assaltos para roubar coisas?"

Aniceto Silva remexeu-se na cadeira, manifestamente incomodado com a pergunta. Passou os olhos em redor e viu as atenções cravadas nele, aguardando o seu veredicto. Pegou numa garrafa de Johnny Walker red label e despejou o whisky no copo.

"Eu não iria por aí", acabou por dizer, contemplando o líquido dourado a balouçar no vidro baço. "Temos de nos capacitar de um facto: a situação que enfrentamos é igual à de Angola e à da Guiné."

"Acha?"

Com as gotas de transpiração a deslizarem-lhe pela testa, o inspector bebeu o whisky até metade e soltou um longo "ahhhh!" quando pousou o copo. Depois voltou a olhar para os convidados e arreganhou os dentes, como se tentasse sorrir e não conseguisse.

"Estamos em guerra."

E engoliu o resto da bebida.

O visitante, homem cerimonioso e bem-educado, só se sentou no sofá quando o anfitrião lhe fez sinal de que o fizesse. Diogo não conseguia tirar os olhos dele. Mal acreditava que tinha em sua casa o treinador do grande FC Porto.

Todavia, sabia que não deveria estar surpreendido, uma vez que a inesperada vitória do Orfeão da Madalena no campeonato fizera disparar a cotação voleibolística dos principais jogadores do clube, e dele próprio em particular. Impressionado com a qualidade dos jovens, o professor Puga viera nessa manhã ao Rego da Água e fora bater-lhes à porta.

A primeira visita havia sido feita ao mestre Melro, que aceitara a transferência do filho Angelino para as Antas. Agora era a vez de o técnico tentar contratar Diogo.

"Quer um cálice de vinho do Porto?", ofereceu Lourdes.

O professor Puga fez um gesto enfático com a mão.

"Nunca fora das refeições."

Joaquim acomodara-se na sua poltrona de chefe de família, colocada bem de frente para o televisor, e remexeu-se, impaciente por ir direito ao assunto. Sabia já da visita do treinador do FC Porto ao mestre Melro, pelo que estava perfeitamente a par do motivo da presença do professor Puga em sua casa, mas as formalidades eram para se cumprir e as explicações para ser dadas, até porque havia alguns aspectos importantes a limar.

"Então conte lá o que se passa, mister."

Aquele mister era uma expressão que o pai de Diogo lera nos jornais em referência aos treinadores de futebol. Em boa verdade ignorava se ela se aplicava aos técnicos de outras modalidades, mas o facto é que o professor Puga, ou porque a referência era adequada ou meramente por boa educação, se comportou como se achasse natural ser referido naqueles termos.

"Penso que não surpreenderei ninguém se disser que o vosso filho provocou esta temporada uma enorme sensação no campeonato", começou por dizer. "É um rapaz cheio de potencial para o vôlei, devido sobretudo à sua enorme elasticidade e capacidade de elevação. Se ele chegou onde chegou numa equipa como a do Orfeão da Madalena, imaginem o que não fará no FC Porto. Atenção: longe de mim qualquer intenção de beliscar o trabalho do mestre Melro, que foi extraordinário para quem não tem formação específica nesta área. Mas estou convencido que é possível polir o vosso Diogo até à perfeição e fazer dele um dos melhores voleibolistas do país." Abriu a pasta que tinha pousada no regaço e extraiu uns papéis que estendeu na direcção de Joaquim. "Tomei, por isso, a liberdade de trazer comigo um contrato para inscrever o Diogo como jogador do FC Porto." Apontou para a última página. "Se estiverem de acordo, é só assinar aí em baixo."

Joaquim folheou o documento, maravilhado com o logótipo mágico do seu clube do coração. Mas a mulher, com o sentido prático que a caracterizava, arrancou-lhe o contrato das mãos e folheou-o, em busca do essencial.

"Quanto é que pagam?", quis saber.

"Quarenta escudos por mês", respondeu o técnico do FC Porto. "Mais transportes."

Lourdes localizou o valor numa das cláusulas a meio da segunda página, mas torceu o nariz.

"É pouco."

O rapaz, sentado em silêncio ao lado do televisor, baixou a cabeça, desanimado com a resposta.

No entanto, o pai, refazendo-se do furto do contrato pela mulher, pigarreou e ergueu o braço, como um aluno a pedir a palavra.

"Eh, lá!", interveio. "Estamos a falar do Porto!"

Lourdes lançou-lhe um olhar de repreensão.

"Pagam pouco, Quim!", insistiu. "O miúdo tem é de ir para a escola, não de andar aos pulos com uma bola. As bolas não educam."

"Mas é o Porto, carago!"

"Nem que seja o Penafiel!..."

Joaquim desferiu uma palmada inesperada na própria coxa, assustando a mulher, o filho e o professor Puga.

"Bardamerda!", vociferou, a alma azul e branca a falar mais alto. "Portista que se dê ao respeito não impede filho seu de ir para o clube! Ainda por cima pagam quarenta paus, carago!... Qual é a dúvida?"

As consultas da manhã haviam terminado minutos antes e José Branco despiu já a bata quando sentiu um vulto espreitar-lhe pela porta. Desviou o olhar naquela direcção e reconheceu o rosto barbudo do doutor Martins, o director do hospital.

"Posso?"

"Entre", disse José, voltando a atenção para o cabide onde pendurava a bata. "Vai almoçar?"

Martins encostou-se à ombreira e cruzou os braços.

"Vou, pois. Mas primeiro tenho aqui uma visita a quem preciso de mostrar o hospital e gostaria que você nos acompanhasse."

"A minha mulher está à minha espera."

"Telefone-lhe e diga que vai chegar mais tarde. Isto tem uma certa prioridade."

O médico encaixou o cabide com a bata na vara do armário e voltou-se para o superior hierárquico, encarando-o com uma expressão interrogativa.

"Porquê? O que se passa?"

"Ó doutor Branco", disse o director com um leve tom de reprovação, "estamos em 1968, o que significa que o senhor já trabalha neste hospital há quatro anos, e ainda me pergunta o que se passa?"

José girou a cabeça em redor, para se certificar de que não lhe escapava nada.

"Sim, o que se passa?"

"Passa-se Cabora Bassa, doutor. Tem seguido as notícias, não tem?"

"Claro. Parece que sempre vamos construir a barragem."

"Parece, não. Vamos mesmo. O acordo com a Africa do Sul está fechado para erguer a barragem em Cabora Bassa e mais trinta no rio Cunene, em Angola."

José encolheu os ombros, indicando que nada daquilo era novidade para ele.

"E então?"

Em resposta, o doutor Martins afastou-se da ombreira e esticou o pescoço na direcção do corredor.

"Nicole, pode chegar aqui, por favor?"

O som de sapatos femininos a clacarem no piso de cimento antecedeu o aparecimento diante do gabinete de uma mulher alta, com um vestido azul, leve e justo, a combinar na perfeição com o cabelo loiro, tão claro que parecia palha; o que nela chamava mais a atenção, no entanto, era o peito amplo, solto por baixo do tecido, indício manifesto de que não usava soutien.

"Sim, doutor?"

O sotaque da mulher tinha uma estranha musicalidade, como de uma inglesa que falasse português

do Brasil.

"Este é o doutor Branco", apresentou-os o director. "Doutor Branco, a doutora Nicole Thorn."

A visitante fitou José com os seus grandes olhos azuis ligeiramente amendoados e sorriu, ronronando como uma gata.

"Muito prazer."

"É sul-africana?"

Ela abanou negativamente a cabeça, embora mantendo o sorriso.

"Rodesiana."

"Mas fala português muito bem..."

"Tirei Medicina em Salisbúria, mas fiz uma pós-graduação em São Paulo, no Brasil."

"E o que está aqui a fazer?"

Nicole abriu as mãos, no gesto conformado de quem expõe uma evidência.

"Ora, o que haveria de ser?"

"Cabora Bassa", percebeu José. "Mas isso não é um projecto com os Sul-Africanos?"

O director do hospital meteu-se na conversa.

"O Consórcio ZAMCO, que está encarregado de executar o projecto, é constituído por empresas sul-africanas, francesas, suíças, italianas e portuguesas", esclareceu o doutor Martins. "Mas os rodesianos vão estar envolvidos na área da segurança e na navegabilidade do Zambeze, além de que também irão utilizar a energia da barragem."

"Com isso tudo ainda fico com a impressão que a senhora é engenheira!..."

A rodesiana soltou uma gargalhada.

"Ainda não. Estou aqui fazendo um levantamento das condições sanitárias da região, para saber o que espera os engenheiros e todo o pessoal ligado à obra e determinar as necessidades."

"Estou a ver", disse o médico. "Encontra-se portanto aqui numa visita de inspecção..."

"Chamemos-lhe visita exploratória", corrigiu o director do hospital, fazendo-lhes um sinal de que seguissem pelo corredor. "Vamos? É melhor começarmos a visita."

O périplo pelo hospital culminou num almoço no Zambe, o mais requintado botequim de Tete. O ambiente era agradável, devido sobretudo à acção dos aparelhos de ar condicionado. O restaurante estava mais cheio do que era habitual àquela hora e bastou observar os clientes com atenção para perceber porquê. Aos rostos familiares, como o do inspector Aniceto Silva, que almoçava junto à janela com o seu homem de mão, Francisco Latino, acrescentavam-se muitas caras novas, em especial de homens aloirados de olhos claros e pele avermelhada como camarões, decerto sul-africanos e rodesianos.

"Bifes é mato", constatou José quando se instalaram nos lugares indicados pelo empregado. "Não param de chegar."

O doutor Martins varreu as outras mesas com o olhar.

"A barragem trouxe animação, hem?"

Consultaram a ementa e encomendaram os pratos. Quando o empregado se afastou estabeleceu-se um silêncio desconfortável entre os três e José aproveitou estar num canto, na penumbra, para passear os olhos por Nicole. Era uma mulher atraente, como as que se viam nos filmes americanos, e tão vistosa que atraía todos os olhares, incluindo dos homens estrangeiros, desde o momento em que os três haviam entrado no Zambe até àquele instante em que se encontravam ali sentados.

"Então?", protestou a rodesiana. "Ninguém bota faladura?"

"Peço desculpa", disse José. "Estava a pensar que conheço poucos bif... ingleses... enfim, sul-africanos ou rodesianos. Aliás, você é mesmo a primeira."

"Ai sim? Não me diga! Para compensar eu estou meio habituada a conviver com portugueses. Quando era mais nova vinha sempre com os meus pais passar férias à Beira. Ainda peguei dois namorados portugueses. Oh, eram tão legais!... Um pouco machistas, é verdade, mas eu não lhes podia resistir." Suspirou. "Acho que foi por isso que tirei a pós-graduação no Brasil e aprendi português."

"Aprendeu português por causa dos seus namorados da Beira?"

Ela fechou-se num olhar enigmático; parecia sedutor, mas talvez fosse apenas nostálgico.

"Tenho uma perdição por homens mediterrânicos", revelou. "Claro que aproveitei quando vinha cá de férias. Mas naquele tempo eu ainda era muito garota e bem-comportada. Não havia nada das coisas que existem agora, está vendo?"

O médico abanou a cabeça, sem compreender.

"Que coisas?"

Nicole soltou uma risadinha comprometida e sacudiu o tronco como se dançasse, abanando os seios opulentos e desprendidos sob o tecido leve do vestido azul.

"Não havia The Beatles a cantar All You Need is Love, não havia a pílula, não havia o LSD..."

Sem que José se apercebesse disso, a imaginação escapou do seu controlo e deu por ele a imaginar como seria uma inglesa na cama. Nunca tivera uma estrangeira entre os braços e sentiu a curiosidade espicaçá-lo. Seria envergonhada ou extrovertida? Já era suficientemente experimentado para saber que entre os lençóis não havia duas mulheres iguais. Se era assim com as portuguesas, por que razão haveriam as bifas de ser diferentes? Analisou Nicole e ela não lhe pareceu ingénua. Mas qual a sua atitude perante um homem? Passiva ou activa? Gemia? Teria facilidade ou dificuldade em alcançar orgasmos? E como seria em relação a...

Abanou a cabeça, num esforço para afugentar aqueles pensamentos. Era um homem casado e os dias de folia haviam terminado quando casara com Mímicas. Mesmo que assim não fosse, raciocinou, nada lhe garantia que a rodesiana se pudesse interessar por ele. Porém, apercebeu-se que era mesmo essa a impressão que Nicole começava a dar-lhe. Desde que se haviam conhecido, no final dessa manhã, que ela não parara de lhe sorrir. Pensou inicialmente que o fazia por mera cortesia ou até traço cultural. É certo que não lhe constava que os Ingleses fossem especialmente sorridentes ou calorosos, mas que conhecia ele desse povo além dos turistas sul-africanos que observara à distância na marginal de Lourenço Marques e dos rodesianos que vira ao longe na praia da Beira?

Agora que se encontravam ali à mesa do Zambe e falava com ela e a observava com mais atenção, apercebia-se de que raros eram os sorrisos que Nicole lançava na direcção de Martins. Fez um esforço de memória e tomou consciência de que a maior parte das perguntas que a rodesiana havia formulado durante a visita ao hospital não haviam sido dirigidas ao director, mas a ele. Ou talvez o tivesse feito porque achasse que José é que era o operacional e teria porventura mais respostas. Se calhar ela apenas sorria por simpatia e ele, tolo, já se pusera a imaginar coisas. O facto, porém, é que a rodesiana divagava sobre os seus antigos namorados portugueses e os homens mediterrânicos e sobre o amor livre dos Beatles e sobre a pílula e as drogas. Onde quereria ela chegar? Seria tudo aquilo inocente?

"Está todo o mundo bancando de silencioso outra vez", protestou Nicole de novo, desta feita fazendo beicinho. "Ué, que é isso? Não estão gostando da companhia?"

"A companhia é ótima", apressou-se José a esclarecer. "Estamos talvez um pouco cansados..."

A rodesiana sacudiu o cabelo dourado para trás; não era longo, mal tocava os ombros, mas ondulava como seda, aveludado e abundante.

"Ah, compreendo. Isto da barragem significa que vem aí muito trabalho, não é?"

"Ui, nem imagina."

"Estive lendo informação sobre este projecto em Cabora Bassa e há uma coisa que não estou

entendendo", disse ela, pensativa. "A barragem fica a uns meros duzentos quilómetros da Zâmbia, país amigo dos terroristas. Quando ela estiver pronta, a energia terá de ser transportada ao longo de oitocentos quilómetros por território moçambicano, o que exige a construção de uns seis mil postes que estarão vulneráveis a sabotagem. Além do mais essa energia mal poderá ser gasta em Moçambique, que não tem produção industrial que a justifique, nem sequer é indispensável para a África do Sul, que dispõe de fontes alternativas. Ou seja, é um investimento caro, não é imprescindível e está cheio de riscos. Por que razão, nestas condições, se vai construir a barragem?"

José e Martins entreolharam-se e riram-se.

"Tem toda a razão!", exclamou o director do hospital.

"Pois tenho. Mas não responderam à minha pergunta. Porque vão construir esta barragem?"

"Por razões políticas", atalhou José. "E só por isso."

Nicole esboçou uma expressão inquisitiva.

"Não estou a perceber. Que razões políticas poderá haver?"

O médico ajeitou os talheres diante dele, mais para ocupar as mãos do que para corrigir a sua disposição na mesa.

"O projecto de Cabora Bassa é uma espécie de ponta de lança da estratégia portuguesa para a guerra", começou por dizer, falando devagar, como se pesasse cada palavra. "O governo espera que o projecto atraia para o distrito de Tete cerca de um milhão de colonos brancos, alterando assim decisivamente toda a demografia da região. Se o Norte de Moçambique tiver muitos brancos, o inimigo terá dificuldade em movimentar-se." Largou os talheres e cravou os olhos na interlocutora. "Mas o mais importante é que, com este grande investimento internacional, Portugal atrai para o seu lado a alta finança e os interesses do mundo ocidental. Os Estados Unidos têm apoiado os turras, mas terão dificuldade em continuar a fazê-lo se o interesse dos grandes grupos económicos ocidentais estiver do lado português."

"Está dizendo que Cabora Bassa só existe por causa da guerra?"

O empregado aproximou-se da mesa a equilibrar os pratos fumegantes nas mãos. Os comensais inclinaram-se para trás para deixar pousar os pratos, e antes que comesçassem a comer José deu a resposta.

"Nem mais."

Ao sair do Zambe após o almoço os médicos passaram pela mesa onde se sentavam os dois homens da PIDE e, por cortesia, apresentaram-lhes a sua convidada rodesiana. Aniceto Silva fez uma vénia a Nicole e beijou-lhe a mão, gabando-lhe a beleza com grandes floreios oratórios que arrancaram um sorriso da médica.

"Os homens dos serviços de inteligência sempre foram uns grandes galanteadores", observou ela.

"Serviços de inteligência não", corrigiu o inspector, sempre exigente no bom português. "No sentido dos serviços que presto à nossa causa, a palavra inglesa intelligence traduz-se em português por informação." Inclinou a cabeça, num aparte. "Não é que a inteligência seja despiciente no nosso trabalho, se me é permitido dizê-lo."

"Decerto que sim", assentiu a rodesiana. "Estou segura até que, com tanta gente inteligente, esta guerra está ganha."

"Não diria tanto, minha senhora."

A resposta desconcertou Nicole.

"Porque diz isso? Acha que será perdida?"

"De modo nenhum!", afirmou Aniceto Silva com um gesto enfático. "Os turras apenas nos estão a criar alguns problemas em Cabo Delgado e no Niassa. O resto está controlado."

"Aqui em Tete também, presumo."

"Com certeza. Nestes quatro anos que a guerra leva já houve um ou outro incidente aqui no distrito, mas em geral a situação em Tete permanece tranquila."

"Acha, portanto, que não vai haver problemas com a construção da barragem..."

O homem da PIDE esboçou uma careta, como se essa ideia lhe suscitasse reservas.

"Há quem pense assim, mas eu desconfio."

"Ai sim? Porquê?"

Aniceto Silva bateu com o indicador na ponta do nariz.

"É cá um faro que tenho", disse. "Os turras já anunciaram que vão fazer tudo o que estiver ao seu alcance para travar o desenvolvimento do vale do Zambeze. Consideram que Cabora Bassa é um grande perigo e disseram que travar a construção da barragem é agora a sua prioridade. Portanto, é só fazer as contas." Baixou a voz, num tom de conspiração. "Temos informações seguras de que eles já se estão a movimentar na Zâmbia para meter homens aqui no distrito. Ou muito me engano ou, com Cabora Bassa em marcha, as coisas vão aquecer à séria por aqui. Eu não me chame Aniceto se isso não acontecer."

"Tenho a certeza de que os seus chefes estão sabendo isso..."

"Saber, sabem", assentiu o inspector. "Mas acho que se andam a fiar na Virgem, se é que me faço entender. Os tipos pensam que os turras vão meter aqui apenas uns grupinhos de guerrilha e que a coisa se resolve com a colocação de batalhões no Furancungo e no Bene, para travar as infiltrações da Zâmbia." Voltou a bater com o dedo no nariz. "Cheira-me, no entanto, que o inimigo vai enfiar neste distrito uma data de gente. Se travar a barragem é agora a sua prioridade e se forem verdadeiras as informações de que há grande movimento de homens pela Zâmbia, é melhor prepararmo-nos para o bailarico!"

A médica rodesiana pareceu ficar atordoada com estas afirmações, decerto porque elas lhe abriam a inesperada perspectiva de ir para Moçambique meter-se num vespeiro de guerra. José apercebeu-se da perturbação que aquelas informações lhe provocaram e, acenando em despedida aos dois homens da PIDE, indicou a porta a Nicole.

"Já se faz tarde", disse. "É melhor irmos andando. Até logo!"

Aniceto Silva travou-o com o braço.

"Espere aí, doutor!", exclamou. "Ainda não me comentou a grande novidade!..."

"Qual novidade?"

"Então!... A do... do director."

"Qual director? Está a falar de quê?"

Surpreendido com tanta ignorância, o inspector virou a atenção para o doutor Martins.

"Não lhe contou?"

José voltou-se igualmente para o seu superior hierárquico, percebendo que havia ali alguma coisa que lhe escapava.

"Contou o quê? Que se passa?"

Martins forçou um sorriso e passou os dedos pela barba.

"Vou voltar a Lourenço Marques", anunciou. "A minha transferência já foi autorizada."

"E quem o irá substituir?"

"O novo cirurgião será o Feitor, um colega que deverá chegar a Tete daqui a duas semanas."

Aniceto Silva franziu o sobrolho com uma expressão levemente reprovadora.

"Ó doutor", disse, interpelando de novo Martins. "Ainda não contou tudo. Ora desembuche lá o resto."

"O resto é consigo", devolveu o cirurgião. "No fim de contas, foi o senhor que deu a aprovação final, não foi?"

"Aprovação de quê?", quis saber José. "Do que estão vocês para aí a falar?"

O rosto do inspector da PIDE abriu-se num grande sorriso. Aniceto Silva estendeu a mão na direcção de José.

"Aperte aí o bacalhau, homem!", exclamou num tom efusivo. "Você vai ser nomeado director do hospital de Tete. Parabéns!"

O pai ganhou o braço-de-ferro e o professor Pulga acrescentou Diogo a Angelino na sua lista de contratações. A vida dos dois rapazes do Rego da Água tomou então um rumo inesperado.

Todos os dias, depois das aulas no Liceu de Gaia, os dois amigos metiam-se no autocarro ou apanhavam uma boleia, coisa muito comum nesses tempos na cidade do Porto, e lá iam até às Antas para o treino do fim da tarde. Regressavam a casa já de noite e Diogo juntava-se aos irmãos para as lições de Matemática e Física que o pai ministrava depois do jantar, ou de Química e Biologia na dona Detinha, a vizinha que era professora no liceu e que dava uma ajuda na educação dos cinco filhos do casal Meireles. O circuito infernal completava-se aos fins-de-semana com os jogos.

O esforço diário de Diogo adquiria facetas sobre-humanas, mas o facto é que a sua carreira no FC Porto estava em fase ascendente. Ao segundo ano foi promovido aos seniores e em breve passou a fazer parte do seis-base do escalão superior, usando sempre nas costas o número 6. Formava com Angelino uma dupla formidável, o amigo no passe, Diogo no remate, um duo de ouro que valeu vitórias sucessivas à equipa e prometia aos dois craques um futuro triunfal.

A vida fintou, contudo, aquela parelha. Numa tarde em que aguardavam o autocarro a caminho das Antas, Diogo reparou que o amigo estava menos loquaz do que o habitual e questionou-o sobre o que se passava.

"O meu pai conseguiu lugar na Companhia dos Caminhos- de-Ferro da Beira", anunciou Angelino sem se atrever a encará-lo. "Partimos daqui a duas semanas."

O anúncio foi tão repentino que Diogo duvidou que tivesse ouvido o que lhe parecera ter ouvido.

"O quê?!"

Angelino, que mantinha o olhar baço perdido no fundo da rua, voltou então o rosto para o amigo e encarou-o por fim.

"Vou-me embora para Moçambique."

O universo do jovem craque do FC Porto alterou-se então radicalmente. A partida de Angelino constituiu uma profunda decepção e deixou-o órfão de amigos. Para compensar a perda, voltou-se ainda mais para os treinos e concentrou-se na actividade desportiva. As vitórias não pararam de aparecer e a sua carreira de voleibolista tornou-se meteórica.

Além de adversários como o Benfica e o CDUL, a equipa cruzou fronteiras para enfrentar formações como o Real Madrid, o Partizan de Belgrado, o Montpellier e o Galatasaray. A adolescência e as exigências do voleibol de alta competição moldaram o desenvolvimento do seu corpo, tornando-o alto e ainda mais elástico, mas também lhe trabalharam a mente, fazendo dele uma pessoa metódica e competitiva. O FC Porto sagrou-se campeão nacional em anos consecutivos muito à custa dos espantosos saltos e fortes remates de Diogo sobre a rede.

Em breve o novo craque do clube vestia a camisola da selecção nacional. A estreia ocorreu em Lisboa a abrir o Torneio da FISEC, a Federação Internacional dos Desportos Escolares Católicos, e o primeiro adversário foi o Líbano.

Essa primeira internacionalização mereceu celebrações com espumante até no Orfeão da Madalena e os ecos da façanha chegaram à distante Beira, cidade de onde Angelino enviou um postal com felicitações e um gracejo.

"Então agora o Líbano é um país católico?"

O som do jipe a contornar o largo diante do hospital irrompeu pela janela do gabinete de José

Branco. O médico auscultava nesse instante um idoso que viera do Moatize, mas ao aperceber-se da chegada da viatura largou o que estava a fazer e correu até à porta do edifício. O jipe verde tinha os pneus e a parte de baixo enlameadas e uma espessa camada de pó alaranjado a cobrir-lhe o tablier.

O novo director desceu as escadas do hospital e avistou o vulto azul-claro da irmã Lúcia apear-se do grande Austin transformado em veículo-ambulância.

"Então? O nosso homem?"

O rosto da freira estava macilento e sulcado de olheiras. Toda ela tinha um aspecto fatigado.

"Muerto", anunciou a irmã Lúcia num tom desalentado. "Fizemos dez horas para lá e dez horas para cá. Para nada." Indicou displicentemente o jipe atrás dela. "Ainda estava vivo quando llegamos ao Fingoé, pero não resistiu à viaje aqui para Tete. A carretera estava muy mal e ele faleceu na zona do Songo."

O médico estacou e assentou as mãos na ilharga. Ficou a observar os enfermeiros que retiravam o corpo do interior do veículo.

"Porra."

A palavra pareceu ter despertado a irmã Lúcia do seu torpor. A freira pôs as mãos à cintura e lançou ao médico um olhar zangado.

"Dicer 'porra' não resolve nada, doutor!", exclamou com revolta mal contida. "Precisamos de espalhar hospitais por todo el distrito. No podemos continuar assim. Tenemos que hacer qualquer coisa!"

José suspirou, percebendo a fúria da enfermeira-chefe mas sentindo-se impotente para resolver o problema. Deu meia volta e regressou devagar ao seu gabinete para concluir as consultas. Logo que chegara a Tete havia percebido que o distrito era demasiado vasto para a capacidade da assistência sanitária de que dispunham e esse problema começou a pesar-lhe sobremaneira a partir do momento em que, semanas antes, assumira a direcção do hospital.

A responsabilidade inerente às suas novas funções fazia-o voltar uma e outra vez à mesma questão, em particular quando se perdia uma vida que se teria podido salvar se a assistência tivesse sido mais célere. A solução evidente seria aumentar a capacidade do serviço, mas o problema é que isso era incomportavelmente caro. Além do mais, onde encontraria ele pessoal com qualificações suficientes para reforçar os quadros e distribuir em número adequado por todo o distrito? Tudo isso lhe parecia irrealista. Porém, sentia que não tinha o direito de se conformar com aquela situação. Que fazer? Será que poderia...

"Doctor!?"

A voz num inglês nasalado arrancou-o das suas cogitações e trouxe-o de volta ao presente. Encontrava-se no corredor do hospital e uma fila de pacientes aguardava o momento da consulta no seu gabinete. O homem que o interpelara estava a meio da fila de espera e tinha ar de rodesiano ou sul-africano, com cabelo branco e um chapéu à cowboy.

"Diga."

O homem dedilhava o chapéu com movimentos nervosos.

"Doctor, eu sou American e trabalho no Cabora Bassa", apresentou-se, num português trapalhão e com sotaque muito forte. "Apanhei um diarreia e preciso ser vista."

"Com certeza", indicou José. "Quando chegar a sua vez vamos ver isso com cuidado, está bem?"

O americano indicou a dezena de pessoas que se encontravam à sua frente na fila.

"Mas eles vão ser vistas primeiro que eu?"

"Chegaram antes de si?"

"Sim, mas... mas são niggers", exclamou, elevando a voz num crescendo de indignação. "Onde já se viu os brancos ficarem atrás dos niggers? Isto no América não é possible! Como podem vocês atender os niggers primeiro que um branco?"

José Branco revirou os olhos. Ainda instantes antes havia aguentado a fúria de Lúcia em luso-castelhano pela cobertura sanitária deficiente do distrito e agora tinha de aturar um camone em luso-bife que queria passar à frente dos restantes pacientes. Que mais lhe reservaria o dia? Respirou fundo e, ignorando o americano, seguiu para o seu gabinete e sentou-se à secretária, de onde pousou o olhar subitamente fatigado no idoso cuja consulta havia interrompido minutos antes.

"Onde íamos nós?"

O calor na rua era uma constante em Tete e, como o interior dos automóveis se tornavam verdadeiros fornos durante o dia, desceu a janela e contemplou o Zambeze. A tomada de posse nas novas funções implicou várias alterações na sua vida, a mais agradável das quais foi a mudança de casa. O casal Branco largou o apartamento na esquina perto do Hotel Zambeze e transferiu-se para a residência do director, uma agradável vivenda no topo da colina onde fora erguido o hospital. Diante da nova casa podia ver-se a cidade lá em baixo e apreciar uma deslumbrante vista sobre o rio.

Ligou o motor e pôs o Opel em movimento. Passou diante do hospital e desceu a rua até ao centro da cidade. O calor era insuportável, pelo que esticou a cabeça para fora. O vento da viatura em movimento bateu-lhe quente na face, como se fosse soprado pelo próprio Sol, mas sempre constituía um alívio para o ardor inclemente que parecia incendiar o ar.

Tinha nessa tarde uma consulta na PIDE, a cujos funcionários dava assistência médica regular, mas antes precisava de satisfazer um compromisso de última hora. Meteu pela Avenida Armindo Monteiro, a estrada junto ao rio, e dirigiu-se ao seu destino, os olhos atentos às direcções, a mente a divagar pelo problema dessa manhã. Havia perdido um paciente porque a assistência sanitária no distrito era uma boa porcaria. A questão obcecava-o, sobretudo desde que assumira a direcção do hospital, mas tinha plena consciência de que não havia solução para ela.

A imagem de um hangar à direita despertou-o dos seus pensamentos. Viu o portão aparecer de repente e enfiou o Opel por ali.

"Então, doutor?", saudou-o o engenheiro Pontes, que o esperava junto ao portão. "Não teve dificuldade em dar com o nosso aeroporto internacional, pois não?"

O médico reagiu à ironia com um sorriso e apeou-se do carro.

"Em Tete não é difícil dar-se com nada", disse, esticando-se para descontraír os músculos. Depois varreu o hangar com os olhos, apreciando a dimensão dos edifícios. "Então é aqui que a Missão de Fomento esconde os seus tecotecos?"

"É verdade", anunciou o director da Missão. "Quer dar uma olhada às nossas instalações?"

"Presumo que o vosso doente tenha pressa de ser atendido..."

Era essa a razão pela qual José havia sido chamado de urgência ao hangar da Missão de Fomento e Povoamento do Zambeze. A pessoa que lhe telefonara para casa tinha falado em suspeitas de paludismo, mas o engenheiro Pontes não se mostrava particularmente preocupado naquele momento.

"O tipo pôs-se a dormir", disse, puxando pelo braço do médico. "Enquanto o gajo não acorda, venha daí! Ande ver a maravilha que são as nossas engenhocas voadoras."

O braço largo do rio descia ali perto, vasto e majestoso, reflectindo o Sol numa miríade trémula de cintilações, como se o espelho da água fosse coberto por um manto reluzente de jóias. Pisaram o alcatrão da pista e José contemplou vários aparelhos imóveis na placa. Havia dois helicópteros na berma e, mais adiante, dois aviões, um pequeno com um motor no nariz dentro do hangar e no exterior um maior, com dois motores; no seu silêncio e imobilidade pareciam cavalos a dormir de pé.

"Caramba", exclamou o médico. "Isto é que é uma frota! Qualquer dia a Missão de Fomento faz concorrência à DETA e aos táxis aéreos do Guerra, hem?"

"E isto não é tudo", disse o engenheiro. "Temos ainda um outro avião, mas agora está em Chicó."

"Para que precisam vocês de tanta geringonça?"

Entraram no hangar e o engenheiro conduziu-o na direcção de um pequeno gabinete. Na parede havia um grande mapa a representar o distrito de Tete.

"Por causa das nossas brigadas", respondeu Pontes, aproximando-se do mapa. "Não sei se sabe, mas por causa de Cabora Bassa a Missão vai mudar de nome. Daqui a uns tempos passaremos a ser o GPZ, ou Gabinete de Planeamento do Zambeze. A nossa função é inventariar os recursos existentes no vale e, dada a situação de guerra, reorganizar o povoamento das populações do distrito."

"Não percebo. Que quer dizer com isso?"

"Quero dizer que vamos erguer aldeamentos por toda a parte e meter lá as populações. Os militares dizem que é para as proteger melhor, mas quer-me cá parecer que isso é conversa. O que eles pretendem é controlar o pessoal, está a ver? Mas, enfim..."

"E se as pessoas não quiserem ir para lá?"

O engenheiro encolheu os ombros.

"Isso é um problema dos militares", esclareceu. "A nós compete-nos apenas planear e construir os aldeamentos. Para fazer esse trabalho espalhámos brigadas por toda a parte. Temos malta no Furancungo, em Chicoa, no Chinde... em todo o lado. O chato é que o distrito é enorme, como já deve ter reparado. De modo que arranjámos esta frota para reabastecer as nossas brigadas. Uma vez que as estradas são péssimas e o território gigantesco, os aviões fazem o serviço na perfeição. Levam mantimentos, entregam o correio e transportam todo o material de logística de que o pessoal precisa lá no mato."

Estavam os dois plantados diante da parede do hangar e, quase sem querer, José pôs-se a comparar aquele mapa com o que tinha pregado à parede do seu gabinete no hospital havia já quatro anos. Este era talvez mais pormenorizado.

"Isso é uma valente ideia", disse devagar, os olhos a passearem pelos pioneses espetados nos pontos do mapa onde a Missão de Fomento tinha instalado as suas brigadas. "Sabe uma coisa? Era exactamente disso que... que... que..."

Calou-se, os olhos arregalados a devorarem o mapa. Voltou a cabeça e olhou para o pequeno avião estacionado atrás dele e depois para o mapa outra vez e de novo para o aparelho.

"O que foi?", inquietou-se o engenheiro Pontes. "Que se passa? Aconteceu alguma coisa?"

A mente de José funcionava a grande velocidade, tentando digerir as implicações da ideia que lhe germinara na mente como o clarão de um relâmpago. Não era uma ideia, era uma grande ideia! Grande, grande! E se?... e se?...

Encarou o director da Missão de Fomento e cravou nele com intensidade o olhar cintilante.

"Você usa estes aviões todos... todos os dias?"

A pergunta foi feita com uma dose inesperada de ansiedade, o que suscitou estranheza ao engenheiro Pontes.

"Todos os dias? Porra, claro que não! Temos muito pessoal espalhado por aí, mas a frota é grande e permite-nos fazer rotação dos aparelhos. Umhas vezes voam uns, outras vezes voam outros. É consoante as necessidades de serviço."

"Acha que... que me poderia emprestar um destes aviões de vez em quando?"

"Emprestar-lhe um avião? A si? Para quê?"

"Não é a mim", corrigiu José. "Ao hospital, homem. Será que é possível emprestar um avião ao hospital?"

"Bem... quando é que vocês precisam dele?"

"Sei lá, de vez em quando. Quando puderem. Acha que é possível?"

O director da Missão de Fomento olhou para o aparelho estacionado dentro do hangar e voltou-se

para o médico diante dele, ponderando a questão. José observava-o com ansiedade indisfarçável. O engenheiro pesou as suas necessidades e os problemas que o pedido levantava, mas acabou por encolher os ombros e abrir os braços, num gesto de entrega.

"Iá", disse. "Não tem problema."

Ao ouvir estas palavras, José Branco não se conseguiu conter e deu um pulo no ar, um pulo tão grande quanto aquele que dera dois anos antes ao ouvir pela rádio o locutor a relatar o quarto golo consecutivo que Eusébio marcou à Coreia do Norte em pleno Mundial de Inglaterra. Pousou estrondosamente no chão e, com um largo sorriso, abraçou, comovido e efusivo, o seu estupefacto interlocutor.

"Ó engenheiro!", exclamou, "se você não fosse tão feio, dava-lhe um chocho!"

O piloto ajustou os Ray-Ban no rosto, mirou-se ao espelho e deu um toque na farda, alisando a pequena faixa com o seu nome, Teixeira, bordado a ouro. Satisfeito com o aprumo, desatou a ligar botões no painel de bordo, desencadeando uma sucessão de cliques e clagues secos. Todos aqueles movimentos pareceram inconsequentes até que carregou num botão vermelho e o motor soluçou e se pôs a ronronar e a hélice começou a girar, primeiro devagar, depois mais depressa, num zumbido em crescendo.

"Torre, aqui fala Delta-Charlie-Romeo-Tango-Echo", disse para um intercomunicador, evidentemente o rádio. "Solicito autorização para taxiar."

O rádio estralejou e uma voz metálica respondeu.

"Sim senhor, está autorizado a rolar. Dirija-se à pista 130 e informe-me quando estiver pronto para descolar."

Teixeira verificou indicações e mostradores, destravou uma alavanca e, acto contínuo, o aparelho deu um pequeno salto para a frente, zunindo enquanto rodava pela pista em solavancos suaves. Um olhar para a manga de vento confirmou-lhe que a brisa soprava de facto de norte, pelo que se posicionou no sentido de 130 graus, conforme instruído pela torre. Testou os motores a fundo e verificou o painel; parecia tudo normal.

O piloto olhou para o lado e no seu rosto ossudo e seco apareceu o esboço de um sorriso. Mostrava assim ao passageiro que estava tudo sob controlo e não tinha razão para se sentir preocupado.

"Vamos a isto?"

Encolhido no assento, José Branco observava o que se passava com extrema atenção e curiosidade. O Piper Tripacer da Missão de Fomento e Povoamento do Zambeze era um aparelho minúsculo, com uma hélice no nariz e apenas dois lugares, o que transformava o passageiro numa espécie de co-piloto. Qualquer pessoa que se sentasse ali teria obrigatoriamente de se preocupar em saber se o piloto era saudável. O que faria se ele adoecesse de repente e perdesse os sentidos? Mas José, sendo médico, não se mostrava particularmente inquieto. Sabia muito bem como proceder em tal situação: não podendo pilotar o aparelho, teria de reanimar o piloto. Como era a primeira vez que tinha oportunidade de se instalar no cockpit de um avião, estava mais interessado em observar os procedimentos de descolagem do que apoquentado com a saúde de Teixeira.

"Força", respondeu José. "Vamos embora."

O piloto efectuou uma verificação final e imprimiu potência ao motor. O zumbido tornou-se intenso e deu até a sensação de que a hélice ia rebentar de tanto esforço. Satisfeito com a resposta do aparelho, Teixeira voltou a colar o intercomunicador à boca.

"Delta-Charlie-Romeo-Tango-Echo pede autorização para descolar."

"Delta-Charlie-Romeo-Tango-Echo está autorizado a descolar", foi a resposta imediata. "Boa viagem!"

O avião acelerou pela pista, rolou com velocidade e, em apenas alguns metros, Teixeira puxou a

manche e o aparelho ganhou altitude com uma leveza surpreendente, estremecendo sob a crepitação do motor e sacudindo ao sabor caprichoso do vento, o nariz sempre apontado para o imenso e profundo céu límpido.

José espreitou pela janela e viu o rio curvar pela cidade e o batelão a cruzar o Zambeze no seu vaivém interminável e os pilares da ponte que era entretanto construída como um esqueleto de ferro a erguer-se a meio das águas e o casario a tornar-se mais pequeno e os embondeiros a perder de vista na terra alaranjada e o Matundo ali à direita e o horizonte recortado em montes e farrapos de nuvens a navegar no azul infinito... O vento ali em cima soprava forte e sacudia o pequeno Piper Tripacer de um lado para o outro, mas depressa o aparelho estabilizou em altitude, o motor deixou de zumbir em aflição e passou a zungar num tom monocórdico, tão monótono que se tornou até sonolento, e assentou enfim a direcção para norte.

O lugar do passageiro, na verdade um assento de co-piloto, era apertado, mas José sentiu-se surpreendido por estar a tirar prazer da viagem. Os imponentes Super Constellation ou até os grandes Dakota impressionavam-no, de tal modo que nunca se livrava do medo quando voava neles. O Piper Tripacer era uma formiga ao pé daqueles monstros e qualquer rabanada de vento o fazia bailar nas alturas, mas o que era estranho é que não sentia medo nenhum por voar naquela frágil caixa de fósforos.

Tratava-se de um sentimento difícil de explicar. Nos outros aviões tinha uma impressão permanente de que viajava em caixões voadores e a morte poderia ocorrer a qualquer momento, mas naquela autêntica folha atirada ao vento a sensação era que lhe haviam nascido asas e se tornara totalmente livre. Se o contasse a Mimicas, ela decerto não acreditaria. A verdade, porém, é que deixar-se levar naquela engenhoca delicada não lhe parecia façanha, mas puro entretenimento.

Aterraram numa pista de terra batida no Furancungo, uma povoação situada próximo da fronteira com o Malawi. Dois homens da Missão de Fomento esperavam-nos à porta do avião e, antes mesmo de ajudarem a descarregar os mantimentos e o material, agarraram-se ao correio e verificaram se havia alguma coisa para eles. Ambos tiveram sorte. Um recebeu uma carta da mulher e o outro desembulhou um exemplar de A Bola que lhe vinha destinado.

"É para ver as notícias do meu Sporting", disse com uma gargalhada. "Aos lampiões nem os deixo cheirar o jornal, que é para aprenderem a não chatear!"

"Veja lá o que diz", atalhou José. "Olhe que sou do Benfica..."

O homem encolheu os ombros.

"Ninguém é perfeito!"

Os primeiros "clientes" do médico foram os funcionários da brigada do Furancungo da Missão de Fomento. Fez consulta a todos, mas os problemas que encontrou revelaram-se negligenciáveis. A maior parte queixava-se de picadas de insectos, pelo que lhes distribuiu umas pomadas para resolver o assunto, e apenas um tinha algo de mais sério, embora nada de especial: uma gastroenterite que resolveu com as soluções adequadas para o caso.

"E agora", anunciou o médico, "a população."

"Qual população?", estranhou o chefe da brigada.

"Eu não sou o médico privativo da Missão", esclareceu José. " Vim aqui prestar assistência sanitária a todas as pessoas que dela necessitam. Onde as posso encontrar?"

Os homens da Missão de Fomento entreolharam-se, surpreendidos. O chefe da brigada esboçou um gesto de resignação, como se achasse o pedido bizarro mas não o quisesse discutir.

"Não sei se o senhor doutor vai encontrar o que quer", disse. "Mas se quer mesmo ir, eu levo-o lá."

O chefe da brigada guiou-o até ao aglomerado de palhotas do Furancungo. A manhã era agradável,

como habitualmente naquela região, e os aldeãos sentavam-se à conversa diante das casas de adobe enquanto as mulheres transportavam água ou pilavam com os bebés atados por panos às costas. Havia uma panela de água sobre as pedras carbonizadas de uma fogueira que ardia brandamente no centro de uma clareira e os recém-chegados dirigiram-se ao local, atraindo a atenção dos moradores. Como sempre, José vestia as suas tradicionais camisa, calças e sapatos imaculadamente brancos, destacando-se assim do resto do grupo.

"Atenção a todos!", anunciou o chefe da brigada em voz alta. "Temos connosco um médico para ver as pessoas doentes. Quem tiver uma ferida ou uma dor ou alguma coisa de errado no corpo pode vir ter com ele. O médico é amigo e põe as pessoas boas."

Para garantir que a mensagem era correctamente entendida por todos, o chefe da brigada chamou o seu tradutor e o homem explicou as coisas em nhungué. Os aldeãos ouviram tudo com grande atenção e observaram José com curiosidade, mas quando as explicações terminaram e o médico ficou a aguardar os primeiros pacientes ninguém se mexeu.

O silêncio tornou-se embaraçoso e alguns aldeãos recomeçaram a conversar entre eles, como se tudo aquilo que haviam escutado não tivesse passado de uma interrupção das coisas realmente importantes. Preocupado com salvar a face do seu ilustre visitante, o chefe da brigada repetiu a mensagem e o tradutor também. De novo sem efeito.

"Peço desculpa, senhor doutor", disse o chefe da brigada, "mas, como vê, eles..."

José ergueu a mão.

"Não faz mal." Fez um gesto. "Venham comigo, por favor."

O médico começou a passear pelas palhotas, com o chefe da brigada, o tradutor e Teixeira no encalço. Descobriu uma criança com a perna inchada e ajoelhou-se diante dela para a observar, mas a mãe viu a cena e foi de imediato buscá-la.

"Diga-lhe que não faço mal", indicou ao tradutor. "Esta perna tem de ser vista porque senão ele pode ficar com problemas."

O homem traduziu para nhungué, mas a mãe da criança abanou a cabeça e deu uma resposta curta antes de desaparecer entre as cubatas com o menino.

"Ela diz que o filho não tem nenhum problema e que já vai ficar bom."

O médico suspirou e retomou o passeio pela aldeia. Encontrou mais dois casos que lhe pareceram requerer atenção, mas as pessoas voltaram a esquivar-se e sumiram-se rapidamente no emaranhado de palhotas. Percebeu que os aldeãos tinham medo por verem um estranho a deambular por ali com promessas de curar toda a gente, pelo que decidiu mudar de tática.

Retomou o passeio pela aldeia, espreitando aqui e ali o interior das palhotas, até que numa delas se deparou com uma mulher estendida sobre uma esteira. O dono da cubata estranhou ver ali um grupo de brancos, e em particular um branco vestido de branco, e aproximou-se, zeloso da protecção da sua família e dos seus bens.

"O que tem ela?", quis saber José.

"Xi, patrão, está a morrer", respondeu o aldeão em português. "É melhor não incomodar."

O médico inclinou-se sobre a mulher e, apontando-lhe uma lanterna, analisou-a melhor. Tinha o corpo coberto de chagas e feridas diversas. O foco de luz desceu-lhe até às mãos e reparou que lhe faltavam alguns dedos. José recuou instintivamente.

"Lepra!"

O resto do grupo de visitantes, que se aglomerara à porta da palhota para ver a paciente, afastou-se de imediato. O médico, todavia, permaneceu no local e retomou a observação.

"Ó doutor!", chamou Teixeira. "Saia daí!"

"Não há problema", retorquiu o médico. "Ajudem-me a levá-la daqui para fora!..."

Os homens entreolharam-se, espantados com o pedido, e ficaram momentaneamente sem saber o que dizer. O primeiro a reagir acabou por ser o dono da cubata.

"Deixa a minha mãe", disse ele, quase implorando. "Deixa ela morrer em paz."

"Que disparate, não deixo nada!", devolveu José no tom de que essa questão nem se punha.

"Andem daí, pessoal. Vamos lá, ajudem-me a tirá-la daqui."

O grupo não sabia bem o que fazer e acabou por ser o chefe da brigada quem expressou o receio que se apossara de todos.

"Mas, doutor, ela tem lepra...", argumentou ele. "Isso é maningue contagioso, não é?"

Ao aperceber-se da resistência, o médico saiu da palhota e acorrou-se à entrada, abrindo no chão a malinha que o acompanhava sempre. Retirou do interior o que pareciam dois panos brancos e estendeu-os na direcção dos homens.

"Se estão com medo, ponham estas máscaras", ordenou. "Mas não se preocupem com nada. A lepra é provocada por um microrganismo que só se transmite pela saliva, e mesmo assim dificilmente. Isto significa que a doença apenas é contagiosa quando se vive muito tempo ao pé do paciente em condições de grande promiscuidade, estão a entender?"

Os três homens fizeram que sim com a cabeça, mas ninguém se mexeu.

"Não é o caso de nenhum de vocês, pois não? Alguém aqui partilhou a intimidade com a senhora? Alguém andou a beijá-la?" Apontou para a cubata com um gesto veemente. "Então levem-me imediatamente esta mulher para o posto, seus maricas! Ela tem de ser tratada."

"Mas a lepra tem cura, doutor?"

"Claro que tem. O bacilo da lepra mata-se. Nunca ouviu falar na palavra antibióticos?"

Ultrapassando as derradeiras hesitações, o chefe da brigada mandou buscar uma maca e dois empregados transportaram a leprosa pelo emaranhado de ruelas poeirentas da aldeia em direcção ao posto onde funcionava a Missão de Fomento no Furancungo.

O sol batia forte e Teixeira, que continuava a proteger os olhos com os Ray-Ban, aproveitou um momento em que viu o médico afastar-se um pouco mais para se aproximar discretamente dele.

"Ó doutor", murmurou o piloto, preocupado em assegurar-se de que ninguém mais os ouvia. "O que vamos fazer com esta mulher?"

"Temos de a levar para Tete."

"Mas como?"

"Ora, no avião."

Desde o início que Teixeira suspeitava que era esse o plano, pelo que não mostrou a mínima surpresa. Tirou os óculos, lançou um bafo de humidade nas lentes escuras e pôs-se a limpá-las à camisa.

"E quem fica em terra?"

José franziu o sobrolho.

"O que quer dizer com isso?"

Aproximavam-se já do posto e via-se o aeródromo lá ao fundo, com o avião estacionado junto ao poste com a manga do vento.

"O Piper Tripacer só tem dois lugares, doutor", lembrou o piloto, reassentando os óculos no rosto. "Se ela vai lá dentro, quem fica cá? Eu ou o doutor?"

O médico estacou, desconcertado. Olhou para o avião lá ao fundo e depois para a maca transportada pelos homens, até se voltar enfim para Teixeira, que aguardava uma resposta.

"Vou ficar aqui a fazer um levantamento da situação sanitária", decidiu. "Leve-a imediatamente para Tete e venha buscar-me amanhã de manhã."

As viagens subsequentes mostraram que a resistência da população do Furancungo não era uma excepção. Ao longo das semanas seguintes, José aproveitou a ocasional disponibilidade dos aviões da Missão de Fomento ou do Aero-Clube de Tete para voar até Chicoa, Vila Coutinho e Chinde, onde também se confrontou com a desconfiança generalizada. As pessoas afastavam-se à aproximação do médico e tornou-se difícil ver mais do que um punhado de pacientes em cada viagem.

"São os feiticeiros", opinou Teixeira, os olhos sempre escondidos pelos Ray-Ban. "Metem-lhes medo e dizem que o doutor traz do céu maus espíritos."

A leprosa, que havia sido internada no hospital de Tete, dava entretanto sinais de grande melhoria. As manchas cutâneas desapareceram e a mulher, que até aí vivia num estado de constante debilidade, ganhou energia aos poucos e ao fim de algum tempo começou até a mostrar-se irrequieta; passeava pelo hospital a qualquer hora e pôs-se a perguntar com crescente insistência quando a iam mandar para a sua terra.

Numa manhã de inspecção das enfermarias, José Branco deu com ela a tentar trepar por uma maçanqueira. Não lhe pareceu comportamento de uma pessoa gravemente doente e mandou que lhe fizessem uma baciloscopia. Quando os resultados vieram do laboratório tirou as últimas dúvidas.

"O leprae foi eliminado", constatou ao consultar o relatório das análises. "Vamos mandá-la para casa."

As reticências das populações locais a serem vistas por um médico branco haviam entretanto produzido o seu efeito junto do director do hospital. José tinha encarado os aviões da Missão de Fomento ou do Aero-Clube de Tete como a resposta perfeita para a cobertura sanitária do distrito, mas começava a ter as suas dúvidas. De que valia o esforço de voar até aos quatro cantos de um território tão vasto se ninguém se deixava tratar? Não seria melhor ficar em Tete? Se calhar devia restringir o uso dos meios aéreos ao transporte de casos urgentes, afinal a preocupação que originalmente o conduzira àquela solução.

Decidiu fazer uma nova tentativa e, por causa da leprosa, escolheu de novo o Furancungo. Se a viagem não servisse para mais nada, pelo menos serviria para se certificar do estado da mulher. Duas semanas depois de lhe ter dado alta e de a ter devolvido à sua terra, voltou a voar com Teixeira até à povoação do planalto junto à fronteira nordeste.

A aterragem decorreu como de costume, com o Piper Tripacer a tocar na pista de terra batida do aeródromo e a dirigir-se aos solavancos para o local habitual de estacionamento. Teixeira desligou o motor e tudo foi ficando tranquilo, com o rumor estrepitante do aparelho a calar-se e o zumbido da hélice a abrandar até se impor o silêncio retemperador. Os dois ocupantes tiraram os cintos e, enquanto o piloto procedia às verificações finais de segurança, o médico abriu a porta e saltou para fora. Sentiu uma dor na região lombar, fruto da posição prolongada no assento, mas depressa o incómodo desapareceu e ele dirigiu-se ao jipe que entretanto os viera buscar.

"Bom dia!", saudou. "Está tudo bem?"

"Maningue naice", retorquiu o chefe da brigada. "Hoje isto anda animado!..."

José pôs o pé no jipe e alçou o corpo para o interior do veículo. Nessa altura reparou num burburinho junto ao portão do aeródromo e desviou o olhar para aquela zona. Uma pequena multidão de aldeãos acotovelava-se no local; era de certeza mais de uma centena de pessoas.

"Que se passa?", perguntou o médico. "Vêm aí os Beatles?"

O chefe da brigada tirou um maço de LM do bolso e acendeu um cigarro.

"O senhor doutor está tramado."

"Eu? Porquê?"

"Lembra-se da leprosa?"

O coração de José disparou. Encarou o interlocutor com uma expressão de alarme.

"O quê? Aconteceu-lhe alguma coisa?"

"Aconteceu pois."

"O quê? O quê?"

"Ficou boa, o diabo da mulher. Até já anda a machambar com a família. Havia de a ver, é um espectáculo!"

O médico ficou momentaneamente desconcertado.

"Então o que se passa?"

O homem aspirou o cigarro e deixou o bafo de fumo sair-lhe lentamente pelas narinas. Depois apontou na direcção da multidão que se acumulara junto ao portão do aeródromo e respirou fundo, quase contrariado.

"O que se passa é que agora toda a gente quer ser vista por si."

O sucesso não foi instantâneo, mas seguiu um padrão que se repetiu por todos os lugares que José Branco visitou ao longo dessas primeiras semanas. A chegada do médico que vinha do céu suscitou inicialmente grande desconfiança, mas o tratamento bem sucedido de pacientes considerados pelos aldeãos casos perdidos foi desencadeando a afluência de doentes em massa a cada aeródromo onde o Piper Tripacer aterrava.

"O doutor já é um Beetle", gracejou Teixeira ao aterrar numa pista prestes a ser invadida por uma nova multidão. "Qualquer dia as miúdas começam aos berros e a arrancar cabelos e a mostrar as mamas só de o ver descer do avião..."

O médico revirou os olhos, mostrando um desagrado que não era sincero.

"Engraçadinho!..."

As multidões engrossavam a cada nova visita e mesmo em aldeias que antes pareciam desertas começaram a comparecer grandes massas de gente, como se as pessoas brotassem da própria terra. Depressa se passaram a contabilizar mais de mil pacientes em determinados locais e foi nessa altura que o médico percebeu que estava a ser vítima do seu êxito. Teria de fazer alguma coisa.

Pedi uma reunião com o director da Missão de Fomento e expôs-lhe a situação.

"É demasiada gente", concluiu José no final da exposição. "Não sou capaz de dar vazão a tanto doente."

O engenheiro Pontes esboçou um esgar de impotência.

"Ó doutor, eu percebo isso", disse, "mas o que quer o senhor que eu faça?"

O director do hospital tamborilou os dedos na madeira da secretária, sabendo que o pedido que ali o trazia seria de difícil digestão para o estômago do seu interlocutor.

"Preciso que me empreste o avião mais vezes."

"Mais ainda?", admirou-se o responsável da Missão de Fomento, o tom de voz a roçar o escandalizado. "O senhor doutor já se abotoou com a maquineta uma ou duas vezes por mês!"

"Não chega", afirmou. "Não posso visitar o Furuncungo, por exemplo, quando o rei faz anos. Tenho de ir lá todas as semanas. E quem diz Furuncungo diz Chicoa ou qualquer das muitas terriolas onde ainda nem sequer pus os pés."

"E os gajos do Aero-Clube? Eles não o ajudam?"

"Claro que sim. Com os aviões deles e com os vossos consigo voar todas as semanas. Mas o serviço é muito procurado e preciso de maior disponibilidade da vossa parte."

Pontes abanou a cabeça.

"Ó doutor, por mais boa vontade que eu tenha, e tenho, há uma coisa que o senhor tem de perceber", disse num registo a roçar o pedagógico. "Ao ceder-lhe o aparelho uma ou duas vezes por mês já estou a correr alguns riscos. Mas se eu lhe der mais... meu Deus, como explico isso? Além disso preciso do avião, não é? Por muito nobre que seja o seu trabalho, a Missão de Fomento também tem as suas obrigações e não pode deixar de as cumprir só para o ajudar." Abanou a cabeça com ênfase. "Não, isso não é possível."

"Não é para me ajudar a mim pessoalmente", contrapôs o médico. "É para ajudar as populações."

O engenheiro respirou fundo, a decisão já tomada.

"É muito louvável o que o senhor está a fazer. Mas, em consciência, não tenho modo de lhe emprestar o avião mais vezes do que já empresto, sob pena de prejudicar o nosso trabalho. Isso não posso permitir."

O médico preparou-se para esgrimir com aquela rejeição, mas conteve-se. Que poderia dizer que não tivesse já dito? Que argumentos haviam ficado por expor? Como conseguiria inverter aquela decisão? Estudou o rosto do seu interlocutor e percebeu nesse instante que já tinha ido tão longe quanto possível. Não era de facto razoável exigir mais do que já lhe era oferecido.

Empurrou a cadeira para trás e ergueu-se com lenta resignação.

"Tem razão", reconheceu, estendendo a mão ao interlocutor. "Agradeço-lhe de qualquer modo a ajuda."

O director da Missão de Fomento apertou-lhe a mão e acompanhou-o até à porta do gabinete.

"E agora, doutor? O que planeia fazer?"

O médico lançou-lhe um derradeiro olhar antes de meter pelo corredor para sair do edifício.

"Vou falar com o governador."

O governador de Tete era um homem baixo e de uma magreza quase cadavérica, conhecido pela parcimónia enquanto orador; tratava-se de pessoa que preferia ouvir a falar. Logo que teve conhecimento de que o director do hospital da cidade telefonara a solicitar uma audiência, acedeu a marcar uma reunião para essa tarde.

A hora combinada recebeu José e ouviu-o sentado no seu sofá predilecto, mesmo diante do aparelho de ar condicionado, de modo a apanhar em cheio o sopro frio que lhe refrescava o gabinete. O médico não alimentava grandes esperanças de obter o apoio das autoridades; sabia que havia outras prioridades e as preocupações sanitárias não se situavam no topo da lista, mas isso não o impediu de tentar. Pôs-se por isso a narrar as suas aventuras com Teixeira no Piper Tripacer pelas aldeias do distrito.

Como era seu timbre, o governador de Tete ouviu a exposição num silêncio impenetrável e só quando o seu convidado por fim se calou é que pronunciou as primeiras palavras.

"Já me tinham falado no grande sucesso em que se transformaram as suas visitas de João Semana", disse devagar, como se ponderasse cada palavra. "Isso é mesmo assim?"

"O senhor governador havia de ver", confirmou o médico com evidente orgulho, procurando por todos os meios contagiar o seu poderoso interlocutor com o entusiasmo que o fazia vibrar. "Chegam a ser mais de mil pessoas. São tantas que às vezes nem sei para onde me virar..."

Um leve sorriso aprovador aflorou ao rosto do governador.

"Mil pessoas, diz o doutor?", perguntou, manifestamente impressionado. "Caramba, isso é mesmo maningue gente!"

"Pois é. É por isso que preciso da sua ajuda, senhor governador. Só com um voo por semana para todo o distrito não tenho maneira de dar resposta a todas estas necessidades."

"Acredito", assentiu o anfitrião, pensativo. Fez uma breve pausa e assentou as mãos nos joelhos, num gesto determinado, como se tivesse acabado de formar opinião sobre o assunto. "Sabe, o seu projecto interessa-me."

"Sim?!", exclamou José, sentindo a esperança espreitar, mas lutando contra o excesso de expectativas. "Está a falar a sério?"

O governador ergueu-se pesadamente do sofá e caminhou até um grande painel com um mapa muito detalhado do distrito de Tete; era a carta que usava para discutir com os chefes militares a situação no terreno.

"Nestas coisas nunca brinco", retorquiu. "Sabe, doutor, temos alguns sinais de que a guerra se poderá alargar aqui no nosso distrito. Os turras já se andam a infiltrar a partir da Zâmbia e espalharam uns quatrocentos homens por diversas bases neste triângulo aqui." Desenhou com a mão um triângulo imaginário entre três pontos a norte do Zambeze, que nomeou. "Chofombo, Cabora Bassa, Furancungo." Voltou-se para o seu convidado. "Os ataques ainda são pontuais, uma vez que estamos naquela fase de aliciamento das populações em que os gajos andam para aí numa grande actividade clandestina, a tentar fazer uma lavagem cerebral às pessoas. Mas eu acho que em breve isto vai mesmo aquecer. E porquê?" Apontou para um ponto no Zambeze. "Por causa de Cabora Bassa, claro. Ainda hoje me pergunto se terá sido boa ideia mandar construir o raio da barragem!" Respirou fundo e fez com as mãos um gesto vago, numa expressão de resignação. "Por isso eu diria que o seu trabalho pode ser de importância crucial. Vejo nele um grande potencial para ajudar a pôr as populações do nosso lado e assim travar a subversão. Como alguns dizem, para ganhar esta guerra temos de lhes conquistar o coração e as mentes."

Estas observações, tão eloquentes em pessoa habitualmente parcimoniosa em palavras, deixaram José inquieto.

"A minha preocupação, senhor governador", apressou-se a esclarecer, "nada tem a ver com a situação política e militar, questão em que entendo que os meus deveres de médico me impõem a neutralidade e na qual não quero nem me devo meter, mas com as dificuldades de assistência sanitária que existem e são estruturais no nosso distrito. As minhas responsabilidades começam e acabam aí."

O governador caminhou para o seu lugar e voltou a instalar-se no sofá.

"Bem sei, bem sei", assentiu ele num tom tranquilizador. "Mas uma coisa não atrapalha a outra, pois não? Que a sua ideia nos convenha é um problema nosso, não seu. Acho até que, se nos convier, melhor para si: mais facilmente obterá o que precisa."

O médico deteve-se a estudar o seu interlocutor, tentando ler-lhe no rosto as intenções. "Pois, mas isso, em termos práticos, significa o quê?", quis saber, como se tacteasse às escuras. "Será que o senhor governador podia falar com os responsáveis da Missão de Fomento e convencê-los a emprestarem-me o avião mais vezes? Outra possibilidade seria disponibilizar meios através do Aero-Clube."

O governador sorriu mais uma vez e, inclinando-se para a frente, estendeu-lhe a mão, indicando assim que dava a reunião por concluída.

"Vou fazer mais do que isso", disse em tom de despedida. "Vou remeter o assunto para Lourenço Marques."

O vulto azul-claro com um lenço branco na cabeça assomou à porta do gabinete, espreitando para o interior.

"Doutor Branco?"

O médico ergueu a cabeça e reconheceu o rosto sulcado de rugas da freira.

"Sim, Lúcia?"

"Está aqui o homem dos Correios", anunciou a enfermeira-chefe. "Tiene um telegrama para o senhor..."

A freira espanhola afastou-se para deixar entrar um rapaz fardado com as insígnias dos CTT. O carteiro trazia um envelope na mão que estendeu de imediato ao destinatário. O médico pegou no sobrescrito e, em troca, entregou-lhe distraidamente uma moeda de 2\$50.

"Toma lá uma quinhenta", disse. "E a bacera para ires tomar uma Coca-Cola."

Nem ouviu o carteiro agradecer. Sabia que raramente os telegramas eram arautos de boas notícias, pelo que, mal contendo a preocupação, rasgou o envelope pela borda e extraiu do interior a folha, que de imediato devorou com os olhos.

"C'os diabos!"

A exclamação e o franzir da sobrançelha provocaram um sobressalto na irmã Lúcia, que ficara a observá-lo para tentar adivinhar pelas feições dele o conteúdo da missiva.

"É grave, doutor?"

A expressão na face de José denunciava uma certa perplexidade, mas abanou a cabeça em resposta à inquietação da sua subordinada.

"Não, grave não é..."

Calou-se para reler o telegrama, o que não contribuiu para tranquilizar a freira.

"Doutor, que pasa? "

O médico lançou um olhar na direcção do calendário das baterias Tudor que tinha pregado à parede.

"Caramba, só passou uma semana!", exclamou com pasmo. "Isto foi rápido!"

"O que foi rápido? No entiendo..."

José estendeu-lhe o telegrama.

"É uma convocatória", explicou, abrindo a malinha de mão para arrumar o estetoscópio. "Tenho uma reunião depois de amanhã com o governador-geral."

Lúcia passou um olhar inquisitivo pelo telegrama.

"Una reunion com o governador? Isso significa o quê?"

O médico fechou a malinha com um gesto rápido e pegou nela, dirigindo-se à porta do gabinete para sair.

"Significa que tenho de ir a Lourenço Marques."

Quando as portas do Dakota da DETA se abriram e José Branco pisou as escadas e o ar doce de Lourenço Marques lhe acariciou a face, não deixou de se sentir levemente surpreendido por descobrir que existiam sítios onde a temperatura ambiente era amena. Sempre soubera isso, claro, mas após tanto tempo a viver no distrito de Tete tinha de certo modo acabado por interiorizar que o normal era a fornalha inclemente, não a brandura acolhedora.

Uma vez no terminal do Aeroporto Gago Coutinho, levantou a mala que viera nos porões do avião e seguiu na direcção da tabuleta a indicar "saída". A porta abriu-se e viu um ajuntamento diante dele; eram as pessoas que aguardavam a chegada de familiares e amigos que iam desembarcando dos voos sucessivos. Antes do seu tinha aterrado um avião de Porto Amélia e logo a seguir um aparelho da South African Airways proveniente de Joanesburgo, pelo que os passageiros se misturavam na zona de desembarque.

No meio daquela multidão anónima destrinçou um negro que exibia uma folha de papel com o seu nome rabiscado. Aproximou-se dele e identificou-se. "Sou o motorista da Secretaria Provincial de Saúde, doutor", disse o homem, pegando-lhe na mala. "O carro está lá fora."

"Você veio-me buscar?", admirou-se José, sentindo-se lisonjeado mas ao mesmo tempo a achar que aquela atenção era talvez um exagero. "Caramba, não era preciso tanto!..."

O homem exibiu a fileira reluzente de dentes.

"E como ia o doutor para o hotel? De machibombo?"

O motorista conduziu-o pelas avenidas amplas de Lourenço Marques até passarem pelo gigantesco complexo do Liceu Salazar, onde formigavam revoadas de estudantes de bata branca, e desembocarem no Hotel Cardoso, um belo edifício de fachada creme situado na borda da colina. Abaixo estendia-se a mancha azulada do Índico no seu abraço à cidade; de longe as águas pareciam tranquilas, sulcadas apenas por um cargueiro que se abeirava do porto.

O homem ajudou-o no check-in, marcou hora de encontro na manhã seguinte para o ir buscar à porta do hotel e com um aceno desapareceu de regresso à sua vida. "Tá-tá."

A tarde ia a meio e fazia um certo calor. O recém-chegado foi pousar a mala no quarto e, depois de arrumar a roupa nas gavetas, sentou-se à beira da cama e pegou no telefone. Consultou a agenda, procurou o nome de Domingos Rouco e digitou o número que tinha anotado, dois oito nove sete.

Ao terceiro toque atendeu uma voz feminina. Era Albertina.

"Estou sozinha aqui na minha flat", revelou a amiga depois de se cumprimentarem.

"Então o Domingos?"

Fez-se um súbito silêncio no outro lado da linha.

"Ao telefone não", acabou ela por dizer. "Temos de nos encontrar."

Estes cuidados deixaram-no desconcertado. Que mistério seria aquele que não podia ser conversado ao telefone? Teve vontade de insistir, mas presumiu que Albertina tivesse as suas razões e conteve-se.

"Estou no Cardoso. Podes dar um salto até aqui?"

"O Cardoso não pode ser, tem demasiada gente", observou ela. "Além do mais agora também não posso. Que tal às oito da noite no Kanimambo?"

Num gesto quase reflexo, José espreitou o relógio. Faltavam quatro horas.

"Combinado."

Percebeu que dispunha de quatro horas para preencher e hesitou sobre o que fazer. Poderia dar um passeio pela cidade, mas a verdade é que estava muito cansado e o que lhe apetecia era estender-se ao sol. Espreitou pela janela do quarto a piscina do hotel e achou-a incrivelmente convidativa, com a água azul-turquesa cristalina a relampejar entre o edifício e o relvado. Em Tete não havia piscinas assim; a melhor era a do Aero-Clube e mesmo lá a água não tinha aquela transparência.

Despiu a roupa e pôs o fato-de-banho. Nunca fora grande entusiasta de andar de trajo de banho e uma miradela ao espelho recordou-lhe porquê: tinha um gigantesco chumaço entre as pernas que o tecido elástico do fato-de-banho avolumava ainda mais. Para dizer a verdade, era embaraçoso. Mas que podia fazer? Deixar de ir à praia ou à piscina? Ir de calças? Havia situações em que não podia evitar o fato-de-banho e, apesar de se sentir complexado, a verdade era que, se quisesse gozar a piscina do hotel, teria de se submeter.

Desceu até à piscina e pediu um whisky, que depositou na mesinha ao lado da espreguiçadeira onde se alongou. À frente dele, o Índico estendia-se tranquilo aos pés da elegante urbe, resplandecente nas suas características águas azul-claras. De copo na mão, pôs-se a apreciar a magnífica vista sobre o mar, o porto e a Baixa da cidade.

Deu uns mergulhos nas águas tépidas da piscina, embora sem nunca sair da zona onde tinha pé, e secou ao sol até a tarde se aproximar do fim. Fazia ainda calor e, sentindo uma deliciosa languidez entorpecer-lhe os movimentos, ficou a contemplar o esplendoroso pôr do Sol que rasgava o céu com vigorosas pinceladas púrpura, entre clarões dourados e roxos; dizia-se que o crepúsculo no Cardoso era o mais bonito de Lourenço Marques e o soberbo espectáculo celeste que se desenrolava diante dos seus olhos parecia confirmá-lo.

"Puxa, vida! Legal encontrar você aqui!"

A voz feminina com o insólito sotaque anglo-brasileiro fê-lo voltar a cabeça. A fitá-lo estava o rosto sorridente de uma loira enorme, o corpo sardento desenhado como as curvas de uma viola e os seios desproporcionadamente grandes tão apertados no biquini azul que davam a sensação de querer a todo o momento pular para fora.

"Ah!", exclamou, reconhecendo-a. "Olá!"

"Lembra de mim?"

"Como poderia esquecer?", disse ele com um sorriso. Tentou recordar-se do nome, mas não conseguiu. "Você é a... a médica rodesiana."

A loira passou-lhe o olhar pelo corpo e ficou momentaneamente presa ao fato-de-banho dele, como se visse e não acreditasse, mas depressa se recompôs e a face retomou uma expressão luminosa.

"Eu também não esqueci você", murmurou com uma certa malícia. "José, não é? Veio de férias?"

"Trabalho", corrigiu ele. "E você?"

"Fiquei uma semana no Songo e estou indo agora para Salisbúria. Mas como passei por Lourenço Marques pensei para mim mesma: Nicole, cadê o seu espírito de aventura? Porque você não tira uns diazinhos de férias? Esse sítio é legal. E aqui estou eu!"

Chamava-se Nicole, lembrou-se José.

"Isto é realmente agradável", observou ele, exibindo com um gesto o espaço em redor. "Fica cá até quando?"

Nicole esboçou uma careta, como se fizesse beicinho.

"Você depois de amanhã pegar um voo para a Rodésia", disse, evidentemente contrariada. "Mas quando as coisas arrancarem a sério em Cabora Bassa vou visitar com frequência o Songo. Acha que posso procurar você?"

"Sim, claro. Sempre que quiser."

"Jóia! Assim podemos discutir os... os problemas sanitários, né?"

"Com certeza."

A rodesiana espreitou o relógio.

"Puxa, vida! São quase sete horas!", exclamou. Pousou os olhos azuis no seu interlocutor. "Estou ficando com fome. Você não quer vir jantar comigo?"

A proposta arrancou uma hesitação de José, mas tomou um ar pesaroso.

"Não posso", disse. "Já tenho um compromisso."

Chegou mais cedo ao restaurante Kanimambo e foi instalar-se numa mesa, de onde ficou a vigiar a porta. Achara estranho o tom de mistério de Albertina ao telefone e presumiu que o amigo andava de novo metido em sarilhos com as autoridades. Quando a viu cruzar a porta e lançar-lhe um sorriso indistintamente triste, porém, percebeu que dessa vez os problemas eram mais graves do que supunha.

"O Domingos está preso", anunciou-lhe ela logo que se sentou. "Meteram-no na Machava."

O anúncio apanhou-o com a força de um murro desferido de surpresa no estômago.

"Preso?", balbuciou, estupefacto. "Mas... porquê?"

Albertina revirou os olhos e suspirou com resignação.

"Ora, porquê? Pelos motivos do costume, claro. Os tipos da PIDE andavam a vigiá-lo e descobriram que o Domingos integrava o núcleo da Frelimo aqui em Lourenço Marques. Ele, o Craveirinha, o Honwana, o Malangatana e toda a malta. De maneira que os acusaram de subversão e prenderam-nos."

"Meu Deus!", exclamou, sem saber exactamente o que dizer. Era a primeira vez que tinha um amigo atrás das grades e não sabia como proceder numa situação dessas. "Como está ele?"

"Vai-se aguentando, considerando as circunstâncias." Esboçou uma careta. "Aquilo é maningue chato. A Machava está a abarrotar de detidos e há celas individuais onde meteram mais de dez reclusos. Parecem atum em conserva. Como nem sequer têm cama para dormir, estendem-se numa manta de algodão."

"O Domingos também?"

"Felizmente não", murmurou ela. "Deixaram-no sozinho numa cela com cama, graças a Deus. Tem um penico e come no chão, mas ao menos está bem melhor do que a maioria."

"Achas que é possível visitá-lo?"

Ela abanou a cabeça.

"Estás maluco? Claro que não!"

"E tu? Como te sentes?"

"Melhor do que ele", observou Albertina com um sorriso fraco. "Além da situação do Domingos, custa-me ver o trabalho destruído. Sabes, ao prender o Domingos e o resto do pessoal, a PIDE conseguiu de uma assentada desmantelar todas as estruturas da Frelimo no Sul de Moçambique. Não sobrou nada de nada."

O amigo fez uma expressão contemplativa enquanto considerava o que acabara de escutar.

"Há aí uma coisa que não percebo", murmurou. "Não achas estranho que o tenham separado dos restantes presos? Quer dizer, se o consideram um subversivo seria normal que..."

"Foi Salazar."

"Perdão?"

"O presidente do Conselho impediu que o maltratassem. Sabes que se encontraram os dois em Lisboa, não sabes?"

José arregalou os olhos, incrédulo.

"O Domingos esteve com Salazar?", perguntou, atónito. "Com o Toninho? Estás a gozar!..."

"Ai não sabias? Foi uns meses antes de a guerra começar. Depois daquela chatice convosco em João Belo, ele foi a Lisboa tratar de umas coisas e, quando quis regressar, a PIDE apreendeu-lhe o passaporte. Como não tinha nada a perder, o Domingos pediu para falar com o presidente do Conselho. Não que alimentasse maningue expectativas, mas pelo menos ficava com a consciência de ter tentado tudo. Agora há-de imaginar a surpresa que ele teve quando foi chamado para uma reunião com o homem."

"A sério? O Toninho mandou-o chamar?"

"A vida tem destas surpresas", assentiu Albertina. "Salazar recebeu-o no gabinete e tudo."

"Isso é extraordinário! E o que aconteceu?"

"Nada de especial. O Salazar disse-lhe que falasse livremente e o Domingos propôs-lhe que fosse criada imediatamente uma comunidade de estados de língua portuguesa, um pouco como a Commonwealth, de modo a manter as nações que fazem parte do império dentro da esfera lusitana e impedir o avanço do comunismo em África."

"E o Toninho? O que respondeu a isso?"

"Não se mostrou frontalmente contra a ideia, mas disse que o problema era que os movimentos africanos iam interpretar essa proposta como um sinal de fraqueza e exigiriam logo a independência, e isso não podia ser. Depois convidou o Domingos para ser deputado na Assembleia Nacional, coisa que ele recusou, claro."

Passaram o resto do jantar a falar sobre Domingos, mas depressa se tornou evidente que o tema era obsessivo e a conversa acabou por derivar para a vida em Tete e o projecto de José de usar um avião para levar a assistência sanitária a todo o distrito. O médico contou-lhe peripécias das suas aventuras no mato e Albertina apreciou especialmente o episódio da multidão que se juntou no Furuncungo porque o feiticeiro branco tinha ressuscitado a leprosa.

Acabaram a refeição e combinaram reencontrar-se no dia seguinte para almoçar.

"Estou com saudades de ir ao Grego", disse Albertina. "O que achas?"

"Está combinado."

José pagou a conta e saíram do restaurante. No momento em que se despediram à porta do Kanimambo, ela agarrou-o pelo braço e fitou-o com intensidade.

"Quando amanhã te encontrares com o governador", pediu antes de entrar no seu carro, "podes perguntar pelo Domingos?"

"Com certeza", prometeu o amigo. "Farei o que puder." A manhã seguinte acordou amena, coisa a que já não estava habituado após tanto tempo submetido à severidade do clima escaldante de Tete. Saiu do Hotel Cardoso impecavelmente vestido de branco, quase como se fosse prestar assistência médica no mato, e à hora marcada apresentou-se no palácio do governo, onde pediu direcções para o gabinete do "senhor governador".

Mandaram-no aguardar numa salinha refrescada por uma grande ventoinha que rodava no tecto, onde se distraiu a ler o Notícias, o principal matutino de Lourenço Marques, e edições recentes de A Bola, que tinham acabado de chegar da Metrópole com novidades frescas sobre o sensacional apuramento do Benfica para mais uma final da Taça dos Campeões Europeus, desta vez para defrontar o Manchester United em Londres. Leu os artigos duas e três vezes, e ao fim de duas horas, quando já quase se sentia esquecido, ouviu o claque matraqueado de um par de saltos altos de sapatos de senhora a

tamborilar pelo chão do palácio. Uma figura feminina, pequena e roliça, assomou à porta e fez-lhe sinal.

"Queira acompanhar-me, por favor."

O gabinete do governador-geral da província de Moçambique era quase um salão. As paredes estavam cobertas de estantes com livros esmeradamente encadernados, belos quadros e soberbas estatuetas africanas em pau-preto, a maior parte de origem maconde. Havia uma grande bandeira nacional, um retrato do presidente da República e outro do presidente do Conselho, uma grande secretária de madeira exótica ricamente trabalhada e sofás elegantes sobre magníficos tapetes.

"Ora viva, doutor Branco!", trovejou uma voz. "Têm-me falado imenso das suas façanhas!"

Reconheceu o rosto que se aproximava dele de muitas fotografias que ao longo do tempo vira publicadas nos jornais. O governador-geral de Moçambique era um homem de meia-idade, com o corpo seco enfiado num fato manifestamente desajustado para o ambiente tropical. É certo que o dia nascera moderado, como era timbre do clima benigno de Lourenço Marques, mas mesmo assim fazia-lhe impressão ver alguém apresentar-se daquele modo.

"Senhor governador, agradeço-lhe a prontidão com que me recebeu..."

"Não tem de quê! Vai um whiskyzinho?"

"Com soda."

Foi só ao penetrar no gabinete que o visitante percebeu por que razão o seu interlocutor estava assim vestido. É que os aparelhos de ar condicionado encontravam-se na potência máxima e fazia ali dentro um frio quase polar. José sentiu a pele eriçar-se-lhe e esteve à beira de pedir um agasalho, mas conteve-se. Não ia dar parte de fraco.

O governador dirigiu-se ao bar e preparou dois copos de whisky com gelo, um regado a soda e outro a água, e entregou o copo borbulhante ao visitante, convidando-o com um gesto a instalar-se no sofá. Havia vários documentos espalhados pela mesinha, entre pratinhos de caju e um cesto com peças de fruta tropical variada.

"O senhor doutor vai-me desculpar o atraso com que o recebi", disse o anfitrião, acomodando-se ele próprio no sofá.

"A subversão de que estamos a ser alvo a partir dos nossos vizinhos do Norte consome-me muita atenção. Ainda há pouco tive uma reunião não agendada com o general Tomé e já estou atrasado para uma cerimónia de recepção de novas tropas marcada para daqui a pouco ali no porto, de modo que, se não vir inconveniente, vou directo ao assunto."

"Com certeza, senhor governador."

"O governador de Tete enviou-me uma exposição sobre o seu caso que muito me interessou. O projecto de expandir a assistência humanitária a todo o distrito de Tete pareceu-me pertinente e oportuno. Sei que o senhor tem usado os aviões da Missão de Fomento e do Aero-Clube de Tete, mas que eles não chegam para as encomendas. Acontece que, como é evidente, não cabe à Missão de Fomento envolver-se na assistência sanitária. As suas responsabilidades são outras. O que nos traz à questão essencial: não haverá outro modo de resolver este problema?"

O médico pousou o copo na mesinha e respirou fundo.

"Haver há, senhor governador", indicou. "O que eu preciso é de um avião que esteja em permanência ao meu serviço. Considerando o volume de trabalho em todo o distrito, só assim poderemos dar resposta cabal às necessidades. Se o aparelho é da Missão de Fomento ou de outro organismo qualquer, isso pouco importa. O importante é que tenha capacidade para levantar voo e aterrar em picadas."

"O Aero-Clube de Tete não pode ajudar mais?"

"Eles já me ajudam e continuarão a ajudar. Mas não estão vocacionados para a assistência

sanitária, dispõem de recursos limitados e, como calcula, têm outras preocupações."

O governador-geral pôs a mão no queixo e passeou os olhos pelo gabinete, pensativo.

"O que acha, por exemplo, da Força Aérea?", sugeriu. "Há decerto por aí uns aparelhos disponíveis..."

O médico fez um ar momentaneamente meditativo, enquanto considerava a ideia, mas acabou por esboçar uma careta de reprovação e abanar a cabeça.

"Não me parece, senhor governador", disse. "A Força Aérea é uma instituição envolvida em acções de guerra. Julgo que não é adequado associar um serviço de assistência sanitária a uma instituição dessa natureza. Os militares têm as suas prioridades e os médicos civis têm outras, porventura antagónicas. Além disso, que iriam pensar as populações? E como reagiriam os turras? Não, não me parece adequado utilizar aviões militares."

"Então o que sugere o doutor?"

José encolheu os ombros, entre frustrado e impotente.

"Confesso que não sei", admitiu.

O governador manteve os olhos perscrutadores cravados nele, como se o desafiasse.

"Peça o impossível!"

O médico riu-se, quase desconfortável.

"O impossível? O impossível era comprar um avião, claro. Mas isso..."

Deixou a frase perder-se, consciente de que a ideia era absurda, mas surpreendeu-se ao ver o governador estreitar os olhos, como se levasse a sério a sugestão.

"Quanto custa uma engenhoca dessas?"

A pergunta deixou-o engasgado.

"Um... um avião? Sei lá... muito dinheiro."

"Quanto?"

"Bem... depende do avião, não é verdade? Eu tenho usado um aparelho muito pequeno, um Piper Tripacer. Só tem dois lugares, mas é adequado para aterrar em picadas no meio do mato. Um Piper Tripacer é coisa para uns seiscentos contos."

"Vá lá! Sempre é mais barato do que um Super Constellation..."

O médico soltou uma gargalhada nervosa ao ouvir o governador comparar o minúsculo Piper Tripacer com o gigantesco avião comercial usado pela TAP na carreira de África.

"Lá isso é, não há dúvida nenhuma."

"Portanto esse Piper Tripacer é o seu sonho para essa missão..."

José hesitou.

"Sonho, enfim... não direi."

"Ó doutor", exclamou o governador, como um forçado a atizar o touro. "Peça o impossível!"

O médico engoliu em seco. Atrever-se-ia?

"Bem, o ideal mesmo era um... um Piper Cherokee. Noutra dia andei num avião desses lá no Aero-Clube e achei-o fantástico! Não sei se conhece, é um monomotor ainda suficientemente pequeno para poder aterrar em picadas, mas já dispõe de seis lugares. Nada mau. Além do mais os assentos traseiros são amovíveis, o que permite abrir espaço para transportar o que for necessário: sei lá, medicamentos, equipamento ou até duas macas com pacientes."

"Quanto custa?"

"É um pouco mais caro", retorquiu José, baixando a voz com medo de assustar. "Uns oitocentos contos."

O governador pegou no copo e começou a rodá-lo na mão, observando o gelo a girar no líquido

dourado enquanto ponderava o problema. Deixou-se ficar em silêncio alguns segundos, período durante o qual o seu visitante se manteve calado, consciente de que não deveria interromper os pensamentos do anfitrião.

"Digamos que oitocentos contos me parece um valor acessível", sentenciou por fim o governador. "O Governo-Geral da Província pode entrar com trezentos. Acho que posso arranjar mais cem do BNU e outros cem do Montepio. Ficam a faltar os restantes trezentos, não é verdade? Terá de ser o senhor doutor a arranjá-los."

"Eu, senhor governador?", admirou-se José. "Onde diabo vou eu desencantar trezentos contos?"

O governador inclinou-se para a frente e pousou o copo na mesinha com os olhos presos no seu interlocutor.

"O senhor doutor vai escrever uma carta muito bonitinha ao doutor Victor Sá Machado a expor a sua ideia", disse. "O projecto que o senhor quer erguer em Tete tem uma dimensão humana que decerto irá interessar o doutor Sá Machado."

"O doutor Machado?", interrogou-se José, tentando em vão visualizar um rosto. "Confesso que não estou a ver quem seja..."

O anfitrião espreitou o relógio e, vendo o adiantado da hora, ergueu-se com um movimento enérgico, assinalando assim o fim da reunião.

"Ó doutor, é a Gulbenkian!", exclamou. "A fundação é que lhe vai arranjar o dinheiro que falta!"

O governador acompanhou-o até à porta e estendeu-lhe a mão em despedida. O médico hesitou em apertá-la de imediato; tinha ainda uma derradeira questão a apresentar-lhe.

"Senhor governador", disse, enchendo-se de coragem para suscitar o assunto. "Se me permite, queria-lhe falar sobre um amigo meu que está detido na Cadeia Central da Machava. Trata-se do..."

"Doutor Rouco", atalhou o governador, antecipando o assunto. "Eu sei."

José olhou desconcertado para o anfitrião.

"Sabe?"

"Sei que são amigos e que ele está na Machava", disse. "Mas não posso fazer grande coisa. O doutor Rouco infelizmente envolveu-se em actividades subversivas graves e teve de ser preso. Parece até que já andou a criar problemas na Machava e a incitar outros reclusos à revolta." Suspirou. "Enfim, é uma coisa desagradável."

"Há alguma possibilidade de... de garantir que ele, ao menos, não é maltratado?"

O governador fitou o médico com uma expressão indecifrável.

"O que vale ao doutor Rouco é ter bons amigos", sentenciou, enigmático. "E, com o devido respeito, não estou a falar do senhor. O doutor Salazar tem-lhe dado uma certa protecção e parece que também o professor Marcello Caetano, que foi professor dele na universidade, anda a tentar protegê-lo. Com este tipo de amigos, nada lhe acontecerá." O anfitrião voltou a estender a mão para se despedir. "Fique descansado que ele vai sair em breve da Machava."

A notícia arrancou um grande sorriso a José, que desta feita devolveu o cumprimento e apertou quase efusivamente a mão que lhe era estendida.

"Ainda bem, senhor governador!", exclamou com evidente alívio. "Ainda bem! Não imagina como fico contente."

O governador voltou-se e deu um passo para regressar ao gabinete, mas deteve-se e lançou um olhar ao visitante, despedindo-se com uma derradeira informação.

"O doutor Rouco vai ser transferido para a Metrópole", revelou. "Ficará detido em Peniche."

E fechou a porta.

A primeira coisa que José fez quando abandonou o palácio foi descer até ao centro da cidade,

entrar no Café Scala e pedir um telefone. Ligou a Albertina para lhe dar a novidade, mas ninguém atendeu e percebeu que a amiga não estava em casa. Saiu do café e foi ter com o motorista que a Secretaria Provincial de Saúde tinha posto ao seu dispor.

"Leva-me à Costa do Sol."

O automóvel percorreu a grande marginal em ritmo de passeio, as janelas abertas para deixar entrar o ar revigorante do mar. A longa mancha azul do Índico enchia o horizonte à direita, apenas recortada pela longínqua ilha da Inhaca. O areal das praias começava junto ao alcatrão e estava semeado de árvores, sobretudo ao lado da marginal. Viam-se revoadas de mulheres que aproveitavam a sombra das copas para se protegerem do calor e venderem capulanas coloridas, enquanto alguns rapazes andrajosos acenavam com sacos de caju e homens fardados de branco aguardavam ao lado de enormes frigoríficos motorizados da Esquimó que lhes comprassem os sorvetes. A marginal desembocou num grande parque de estacionamento onde já havia poucos lugares. O médico saiu do carro, tirou os sapatos e calcorreou o areal da praia até molhar os pés à borda da água. Deu alguns passos com o mar sempre rasteiro e viu cem metros adiante pessoas que tinham a água apenas pela cintura, mas José nunca aprendera a nadar e preferiu voltar para trás e instalar-se à sombra de um pinheiro.

Quando a hora chegou calçou os sapatos e caminhou até ao restaurante, um edifício longo em Art déco, branco como se fosse de cal e com a vasta varanda entremeada por colunas azuis que sustentavam o primeiro andar. O estabelecimento chamava-se Restaurante Costa do Sol, mas todos o conheciam por O Grego, devido à nacionalidade do proprietário. Varreu a varanda com o olhar e não a descortinou. Ainda pensou em voltar mais um bocado para a praia, mas verificou que já havia poucas mesas livres e achou que o mais prudente seria ocupar uma delas.

Albertina chegou atrasada. Não explicou os motivos e o amigo presumiu que houvesse política pelo meio, ou talvez apenas esforços mais ou menos confidenciais para chegar ao marido, pelo que nada lhe perguntou. Pediram um prato de camarões grelhados, especialidade da casa, e duas Laurentinas, e quando o empregado se afastou José deu-lhe a novidade de que o marido ia ser transferido para uma cadeia da Metrópole.

"Não me surpreende nada", disse ela com o rosto fechado. "Fizeram uma lei a permitir transferências de reclusos entre a Metrópole e o Ultramar. Sempre suspeitei que essa lei foi feita a pensar exclusivamente nele."

"Vê a coisa pelo lado positivo", sugeriu o amigo. "Isso significa que se querem assegurar de que nada lhe acontece e é bem tratado. O governador confirmou-me que até o Toninho o protege."

Conversaram sobre o encontro que José tivera nessa manhã e só mudaram de tema quando os camarões foram servidos. Estavam deliciosos, como de costume no Grego, e perceberam que era impossível continuar a falar de desgraças enquanto se lambuzavam com semelhante iguaria. O tom tornou-se assim mais ligeiro.

O médico estava preocupado com a mulher do amigo e sentia uma certa responsabilidade para com ela, em particular naquelas circunstâncias, pelo que a acompanhou todo o dia. Depois do almoço foram passear na Baixa e ver uma fita americana no Cine Varieté.

No fim decidiram ir jantar ao local mais fino de Lourenço Marques. Como era seu hábito, a melhor sociedade laurentina juntara-se no ambiente requintado da esplanada do Hotel Polana. Entre copos de whisky e champanhe servidos por empregados impecavelmente fardados, os frequentadores da esplanada discutiam a vivenda com que sonhavam no magnífico bairro vizinho de Sommerschild, com jardim e piscina azul-turquesa, ou o fim-de-semana espectacular que iriam passar à Ponta do Ouro, ao Bilene ou à ilha da Inhaca, a mesma ilha cujas luzes ténues cintilavam na mancha escura do Índico diante do hotel; pareciam dançarinas a seduzir os refinados frequentadores da esplanada do Polana.

"As pessoas aqui em Lourenço Marques não fazem ideia de que há uma guerra a ser travada em Moçambique", observou Albertina, após uma pausa em que escutaram a conversa numa mesa vizinha. "Açam que existem uns problemazitos de bandidagem lá no Norte e é tudo. Algumas chegam a dizer que é um exagero mandar tanta tropa para lá!..."

Depois de deixar a amiga em casa, José voltou para o Cardoso e combinou com o motorista que o recolhesse logo pela manhã para o levar ao aeroporto. O dia havia sido longo e foi com alívio que chegou diante da porta do quarto. Estava cansado e só queria atirar-se para a cama e dormir. Meteu a chave na fechadura e abriu a porta.

A cama estava feita, como seria de esperar, mas estranhou ver umas jeans dobradas em cima da cadeira. Não usava calças de ganga e estacou, num instante de total perplexidade, até perceber o que acontecera: tinha-se enganado no quarto! Recuou um passo e voltou para a porta, mas ao girar o corpo viu uma mala pousada no chão e reconheceu-a. Era a sua mala. Ou pelo menos tratava-se de uma mala igualzinha à sua. Ficou momentaneamente desconcertado, sem saber o que pensar nem como proceder. Estava ou não no seu quarto? Olhou para o número da chave, 206, e para o número da porta, 206.

"Oi!", exclamou uma voz atrás dele. "Você já chegou?"

O sotaque anglo-brasileiro era inconfundível. Virou-se e viu Nicole aparecer do quarto de banho no meio de uma nuvem de vapor e envolvida numa toalha do hotel; o cabelo loiro molhado parecia palha que lhe descaía sobre os ombros nus e os olhos azuis expressivos apresentavam-se dilatados, como berlindes gigantes.

"O que está aqui a fazer?"

A rodesiana esboçou uma expressão fingidamente infeliz.

"O meu banheiro quebrou", lamentou-se. "Não tinha água e tive de vir aqui tomar um banho. Você não se importa, pois não?"

José olhava-a com incredulidade, ainda sem perceber o que sucedia.

"Mas... mas como?", gaguejou. "Como entrou no quarto?"

"Falei com o mocinho e banquei de distraída. Disse para ele que tinha perdido a chave e que você era o meu namorado e que precisava muito de entrar. Aí ele abriu a porta."

O médico manteve o olhar preso nela enquanto raciocinava. O quarto de banho de Nicole ficara sem água e ela viera para o dele tomar banho? Aquela história não batia certo. Aliás, bastava vê-la enrolada na toalha, descontraída e sorridente, para perceber que nada daquilo tinha sido um acaso.

Teve vontade de a mandar vestir-se e sair, mas apercebeu-se de que o seu corpo vibrava de excitação, alheio à sua vontade. Foi como se a mente se tivesse dividido. Uma voz prudente lembrou-lhe que era um homem casado e que o tempo para aquelas folias já passara, mas depressa outra sublinhou que ele nunca tinha tocado numa estrangeira e que aquela se oferecia toda e Mímicas não estava ali e que teria de ser mesmo um grande tolo e um totó do tamanho da Torre dos Clérigos se não aproveitasse aquela ocasião única para saborear uma mulher tão invulgar quanto esplendorosa.

Sentia-se dividido. Foi como se a rodesiana tivesse intuído o seu conflito interior porque, mesmo no auge da dúvida, quando o dilema o dilacerava e ele procurava ver claro na névoa entorpecedora do desejo, Nicole deixou tombar a toalha aos pés e revelou o corpo sinuoso e os seios desproporcionadamente grandes adornados por mamilos largos e rosados, como chupetas gigantes, e a púbis dourada como José nunca tinha visto nem sabia existir.

"Tenho frio", murmurou ela.

Com um movimento inesperadamente rápido e descarado, apalpou-o entre as pernas e ronronou, obviamente agradada com o que sentia na mão. Aproximou o rosto devagar, os olhos expectantes e a boca entreaberta numa expressão lasciva de gata com cio, e com um novo gesto súbito esticou a língua ardente

e lambeu-lhe os lábios. Foi o golpe de misericórdia.

Incapaz de se controlar mais um segundo que fosse, a vontade derretida pelo calor da sedução, José abandonou-se ao monstro que lhe tomou conta do corpo.

A vida desportiva de Diogo Meireles adquiriu tons triunfais com a gloriosa camisola azul e branca no corpo. Os campeonatos pelas cores do FC Porto sucediam-se e as internacionalizações também. Num só ano foi juvenil, júnior e sénior, vencendo todas as competições nacionais que disputou.

Assumiou-se como a vedeta da equipa e as suas conquistas, impressionantes nos campos de voleibol, estenderam-se de repente a outras modalidades. Graças ao seu olhar terno e às longas patilhas à Beatles de cabelo castanho rebelde, tornou-se a principal atracção das espectadoras.

É verdade que as raparigas do Liceu de Gaia, com uma ou outra excepção, nunca lhe suscitaram grande interesse; as batatas escolares tornavam-nas banais, quase assexuadas. No entanto, as espectadoras dos jogos eram diferentes. Muitas aperaltavam-se para assistir às partidas do FC Porto, exibindo profundos decotes e vestidos justos que lhes acentuavam as formas. No final das partidas, algumas aguardavam-no à saída dos balneários para pedir um simples autógrafo ou até a querer tirar fotografias ao lado dele. "Gosto muito de te ver jogar", disse-lhe uma morena, pestanejando os olhos verdes, uma das primeiras vezes que Diogo se viu assediado à porta do balneário. "Tens muito estilo."

Voltou a vê-la no jogo seguinte e, vencendo a timidez, arrancou-lhe o nome.

"Chamas-te Julieta?", admirou-se Diogo, que viu ali pretexto para um piropo. Sentiu-se ruborizar, sem saber se teria coragem para o lançar. "Eu... sabes o que gostaria?"

Ela fitou-o com expectativa, o verde dos olhos a luzir de emoção.

"O quê?"

Atrever-se-ia?

"De ser o teu Romeu."

Não era dos piropos mais originais que Julieta alguma vez ouvira; na realidade o nome de Romeu tendia a vir à baila sempre que ela se apresentava a alguém, mas já se resignara àquela sina shakespeariana e a frase infinitamente batida em nada diminuiu o seu interesse pelo rapaz de olhar sonhador e cabelos revoltos.

Palavra puxa frase e daí a pouco estavam ambos a tomar um cimbalino num dos cafés mais frequentados da zona das Antas. O cimbalino no Café Bom Dia transformou-se numa francesinha para o lanche no Café Velasquez e a sobremesa veio quando Diogo venceu enfim a timidez e lhe saboreou os lábios trémulos e a língua escaldante que lhe soube a doce e lhe abriu o apetite para outras sobremesas.

O pavilhão das Antas estava nessa noite encerrado, mas com a cumplicidade do roupeiro o craque da equipa de voleibol levou a sua Julieta para o balneário das equipas adversárias, onde se sabia à vontade, e entre gemidos e suspiros descontrolados perdeu a virgindade sobre a marquesa das massagens.

A relação com Julieta parecia promissora, até porque se tratava de rapariga meiga e divertida, mas logo três semanas depois uma tal Margarida pediu-lhe um autógrafo à saída do pavilhão de Espinho. A Guidinha, como fez questão de ser chamada, também era morena, mas de olhos castanho-claros e um peito que fez o rapaz sonhar com a Gina Lollobrigida.

Não resistiu à força da dupla argumentação e, após uma refrega intensa no banco traseiro do Vauxhall Viva dos pais dela, num recanto escondido entre pinheiros junto à praia de Espinho, decidiu trocar de namorada. Isto, claro, até conhecer a Laura da boca marota no intervalo de um jogo com o Leixões, a meio do mês seguinte.

A verdade é que nenhuma destas relações sucessivas teve consequências duradouras; as moças queriam romance e estabilidade, ele preferia ficar-se pelo sexo e pela novidade. O que lhe valia é que,

atrás de cada rapariga vinha sempre uma nova para fruir, elas atraídas pelo esplendor que o galã da equipa irradiava, ele garantindo à custa disso que as experiências novas prosseguiam sem cessar.

As coisas corriam, pois, de feição a Diogo. Até ao dia em que, em vésperas de uma deslocação à Argélia para defrontar a selecção local, chegou a casa e ouviu a mãe chamá-lo da cozinha.

"Diogo?! És tu?"

"Sim, mãe. O que é?"

"Chegou correio para ti."

Pensou que fosse uma carta de Angelino, o amigo não lhe escrevia havia já algum tempo, e apressou o passo até à cozinha. Mas quando cruzou a porta e surpreendeu os olhos húmidos e avermelhados da mãe desconfiou. Tinha estado a chorar. Desviou de imediato a atenção para o envelope que lhe dançava entre os dedos nervosos e sentiu um baque cortar-lhe o ar. Más notícias, percebeu. Teria havido uma tragédia? Teria alguém morrido? Um turbilhão de hipóteses aflorou-lhe à mente em catadupa, cada uma mais terrível do que a outra, como se tivesse mergulhado numa cascata de medos.

"O... o que foi? De quem é essa carta?"

A mãe estendeu-lhe o sobrescrito com uma expressão triste a toldar-lhe o olhar.

"É das Forças Armadas."

A rua inclinava-se para cima mas a rapariga não desanimou e continuou a correr em passadas largas, a mente fixa na hora a que terminavam as visitas. Não completou muitos passos porque a inclinação ascendente começou a pesar-lhe nas pernas; as coxas tornaram-se tão pesadas que lhe pareciam cimento e os pulmões ardiam com o ar quente.

"Tenho de chegar antes das três", murmurou de respiração entrecortada, num esforço para se motivar e buscar energias onde as perdia. "Às três fecha." A respiração era já um resfolegar intenso. "Força! Tenho de conseguir!"

A rua parecia inclinar-se ainda mais e a rapariga, olhando para a curva que não parava de subir, sentiu-se desanimar.

"Não posso mais!", expirou. "Não posso..."

Esforçava-se por continuar a correr, por lutar contra o desfalecimento iminente, mas as pernas deixaram de lhe obedecer e, já insensíveis, como pedras que escapam ao controlo, enroscaram-se uma na outra e a rua começou a rodopiar e a rapariga viu-se de repente no chão e a mente num torvelinho e os pulmões exangues e o corpo dorido. Uma dor raspada nasceu-lhe dos joelhos.

"Ai!", gemeu.

Ofegante, ficou um longo instante a tentar regularizar a respiração. Quando sentiu as forças voltarem, olhou em redor e fixou o corpo. Começou a perceber que se estatelara no passeio. Mexeu as pernas e a dor nos joelhos recrudescu.

"Ai, ai, ai!"

Levantou devagar um joelho e viu-o esfolado, as peles de chocolate rasgadas e o sangue a pingar num vermelho-escuro. Caíra mal. Tentou erguer-se, mas uma pontada no outro joelho fez-lhe ver que teria dificuldades.

Ouviu o som surdo de uma porta a bater e voltou a cabeça. Um Opel branco de capota azul imobilizara-se na berma da rua. Viu uns sapatos brancos a aproximarem-se.

"Então? Caíste, miúda?"

Era uma voz de homem e falava português como os da Metrópole. A rapariga levantou a cabeça e fitou o desconhecido. O homem vestia todo de branco e inclinava-se na sua direcção, os olhos castanhos a avaliarem os joelhos ensanguentados.

"Dói-te muito?"

A rapariga gemeu e assentiu com a cabeça. Depois de estudar a posição do corpo, o recém-chegado pôs-lhe as mãos nos braços e levantou-a com cuidado.

"Anda, vou-te levar ao hospital."

Ao sentir o movimento, a rapariga gemeu com mais força. "Dói!"

O desconhecido de branco suavizou os gestos, mas continuou a erguê-la.

"Eu sei, miúda. Já vamos tratar disso, não te preocupes."

O homem segurou-a bem e encaminhou-a devagar para o Opel. Abriu a porta, instalou-a no assento do passageiro e, contornando a viatura pela frente, foi ele próprio sentar-se no lugar do condutor. Ligou a ignição, fez marcha atrás, posicionou o carro e começou a subir a rua.

"Então? Estás melhor?"

A rapariga cerrou os dentes, num esforço para controlar a dor, e fez que sim com a cabeça.

"Como te chamas?"

"Sheila."

O homem de branco mantinha os olhos na estrada, mas uma vez por outra olhava-a para se certificar de que ela se encontrava bem.

"Onde ias tu com tanta pressa?"

"Ao hospital."

Intimidada pelo desconhecido, Sheila respondia por monossílabos. Não estava habituada a lidar com brancos da Metrópole, que habitualmente apenas via à distância e que a deixavam pouco à vontade quando por acaso se aproximavam.

"Bem, para o hospital vais tu agora", disse ele. "Mas o que ias lá fazer, não me dizes?"

"Ia ver a vovó."

O condutor olhou-a de relance com um brilho levemente intrigado.

"A tua avó está no hospital?"

A rapariga confirmou com um gesto rápido da cabeça.

"O que tem ela?"

"Bilharzirose."

O homem de branco cerrou o sobrolho enquanto a mente processava a informação.

"Bilharzirose, hem?", murmurou, embora fosse claro que a observação era retórica, formulada mais para ele próprio do que para ela. Como se a mente lhe tivesse fornecido a resposta, arregalou os olhos. "Não me digas que a tua avó é a senhora da cama 14..."

Ao ouvir a referência, o olhar da rapariga iluminou-se e assumiu uma expressão admirada.

"Iá", confirmou. "Como sabe?"

O homem de branco sorriu.

"Sou o director do hospital", identificou-se.

Sheila carregou as sobrelhas, desconfiada. Já ouvira inúmeras referências ao director do hospital e com certeza não era aquele.

"O senhor é o director do hospital?"

Formulou a pergunta numa voz desconfiada, deixando claro pelo tom que sabia muito bem quem era o responsável pelo hospital e que não se deixaria ludibriar pela primeira patranha que lhe contassem.

"Sou pois."

A rapariga abanou a cabeça, desaprovadora. Não gostava que se divertissem com ela.

"Oh, está a brincar! Toda a gente sabe que o director é o doutor Branco."

O homem ao volante voltou o rosto para a frente e, com a rua já a nivelar-se na horizontal, pôs o pé no travão e abrandou diante do portão do hospital.

"E quem pensas tu que eu sou?"

A irmã Lúcia esticou o adesivo, cortou uma faixa e assentou-a sobre o algodão. Repetiu o gesto instantes depois, mas colou a nova faixa de adesivo na perpendicular, em cruz. Apesar de estar ajoelhada perante a jovem paciente, recuou e contemplou o curativo com uma expressão aprovadora.

"Está feito!"

A freira ergueu-se e ajudou a rapariga a descer da marquesa.

"Ainda dói um bocadinho", constatou Sheila.

"Já pasa", disse a irmã Lúcia no seu português espanholado, habituada que estava a coisas bem piores. "Puedes ir para casa."

A rapariga fez beicinho.

"Mas eu quero ver a minha vovó..."

"La hora de las visitas já acabou, minha nina", anunciou a freira. "Vais ter de voltar mañana."

Sheila suspirou, resignada, e andou com cuidado em direcção à porta. A irmã Lúcia ficou a observá-la, tentando perceber se ela estava em condições de fazer caminhadas. O ar dorido da rapariga deixou-a na dúvida.

"Escucha, onde vais?"

"Para casa, claro."

"A pé?"

Sheila pareceu embasbacada.

"Pois... iá, claro."

A freira fez uma careta e, vencendo uma hesitação, esticou a cabeça em direcção ao corredor.

"Doutor Branco!"

"Sim, Lúcia? O que é?"

A voz do director viera do gabinete no fundo do corredor.

"La nina vai para casa, pero mal puede andar."

O médico emergiu da porta e aproximou-se; tinha o estetoscópio ao peito e um semblante interrogador.

"Então, Sheila? Já não queres ver a tua avó?"

A rapariga olhou para a freira espanhola, atrapalhada, e baixou a cabeça.

"A irmã Lúcia disse que a hora das visitas já acabou..."

José Branco parou diante da jovem paciente e passou-lhe os olhos pelos joelhos para se certificar de que os curativos estavam devidamente aplicados. Precaução inútil, sabia muito bem. A minúscula irmã Lúcia era conscienciosa nos seus deveres.

"E disse maningue bem", afirmou. "Mas acho que desta vez podemos abrir uma excepção." Fez um sinal com a cabeça. "Anda daí, vamos lá ver a tua avó."

Sheila arregalou os olhos negros.

"A sério?"

"Ficas cá o tempo que quiseres e, quando tiveres de te ir embora, avisas aqui a irmã Lúcia, ouviste?" O médico virou-se para a freira. "Ó Lúcia, o Luís depois que a leve a casa."

"Muy bien."

O director abandonou o edifício principal com a rapariga atrás dele, atravessou o pátio e entrou numa enfermaria. Percorreu as camas até se imobilizar aos pés da 14. Uma velha de cabelo branco e corpo engelhado fitou-o com curiosidade.

"Dona Aissa, tenho aqui uma visita para si."

Os olhos da velha deslizaram para a figura delgada que apareceu atrás do médico.

"Sheila! O que estás aqui a fazer?"

"Vim visitá-la, vovó."

"A esta hora? O que tens nos joelhos?"

Alheando-se da conversa entre neta e avó, José Branco pegou no relatório clínico da paciente pregado ao gradeamento da cama e estudou-o. O documento era assinado pelo doutor Feitor e referenciava o diagnóstico de bilharziose em Aissa Mussa. Estava-lhe a ser ministrado Ambilhar, medicamento adequado para aquelas situações, mas o director do hospital sabia que aquele fármaco produzia perturbações no sistema nervoso central. Fez um esforço de memória e lembrou-se que tinha sido ele próprio quem dera ordem de baixa à paciente após um episódio em que ela nem a família reconheceria.

Arrumou o relatório e pigarreou, interrompendo a conversa entre as duas.

"Então, dona Aissa? Como se sente hoje?"

A paciente virou o rosto macilento para ele.

"Vai-se andando, senhor doutor. Às vezes tenho umas dorzinhas, mas aguenta-se."

"Ainda deita sangue quando tosse?"

Acto contínuo a idosa tossiu, provavelmente sugestionada pela pergunta. Depois respirou fundo.

"Um pouquinho, sim. Mas já está melhor."

"E as fezes?"

A palavra extraiu uma expressão opaca de Aissa.

"Como diz, senhor doutor?"

"O cocó", esclareceu ele. "Apareceu algum sangue no cocó?"

A mulher olhou de relance para a neta, talvez melindrada por abordar diante dela um assunto tão embaraçoso.

"Também está melhor, senhor doutor", murmurou. "O sangue aparece menos vezes."

"Quando foi a última vez?"

"Ontem depois do almoço. Já. Mas foi só um pedacito."

O médico aproximou-se da mesinha-de-cabeceira e pegou na pequena embalagem branca de Ambilhar ali pousada.

"Tem-se dado bem com o remédio?"

A mulher fez uma careta.

"Às vezes fico um pouquinho baralhada."

"Não há-de estar assim tão mal", observou José com um sorriso amigável. "Ainda há instantes não teve qualquer dificuldade em reconhecer a sua neta..."

Aissa voltou o rosto para a rapariga, estendeu a mão fraca para lhe tocar no braço e sorriu, exibindo a boca desdentada.

"Hoje não, graças a Deus. Reconheci a minha Sheila maningue bem. Alá é grande!"

"E o resto da família? Tem reconhecido toda a gente quando a vêm visitar?"

"Qual resto da família, senhor doutor?"

Os olhos desconcertados de José dançaram entre Aissa e Sheila, como se procurassem resposta para a pergunta inesperada.

"Bem... sei lá", gaguejou. "Os pais da sua neta, por exemplo. Não vieram ver a senhora?"

A mão fria de Aissa cravou-se com mais força no braço da rapariga a seu lado.

"A Sheila é órfã, senhor doutor. A minha filha morreu quando a Sheila tinha cinco anos e depois faleceu o meu genro. Agora sou eu quem trata dela, coitadinha. Dela e dos irmãos mais novos, o Maomé e

o Malaquias. Estão todos ao meu cuidado."

O director do hospital coçou a cabeça.

"Então e agora que a senhora está internada quem cuida dos seus netos?"

Aissa suspirou pesadamente.

"Ai, senhor doutor! Nem me fale nisso! Eles estão entregues a si mesmos, coitadinhos! Ando maningue ralada com isto! Nem imagina!" Fez um gesto vago indicando a cama onde estava deitada. "Mas que posso eu fazer, senhor doutor? Estou aqui internada e não tenho modo de os ajudar..."

"Os seus netos estão entregues a si mesmos?"

"Alá é grande e cuidará deles."

O médico apoiou-se noutra perna, incomodado e repentinamente impaciente.

"Oiça, não é que eu queira duvidar dos poderes de Alá, mas parece-me que isso não chega."

"Que posso eu fazer, senhor doutor?", perguntou ela num queixume. "Foi o senhor mesmo que me internou, sabe muito bem que não posso sair daqui..."

José olhou pensativamente para a rapariga. Sheila era uma moça bonita de pele trigueira, estranha mistura de português e negro, mas com o indiano a dominar; tinha um rosto bolachudo, longos cabelos negros e um olhar vivo.

"Olha lá, Sheila", interpelou-a. "O que sabes tu fazer?"

A rapariga quase se encolheu quando percebeu que era a ela que o director do hospital se dirigia.

"Eu, senhor doutor? Estou a aprender costura."

"E gostas?"

Sheila baixou a cabeça e manteve-se calada, como se tivesse vergonha de falar sobre o assunto. Foi a avó que respondeu no seu lugar.

"Ela não gosta, mas tem de ser. Precisamos que faça uns tostões lá para casa, senhor doutor."

O médico cravou o olhar na rapariga, que se mantinha cabisbaixa, e sentiu uma inexplicável piedade dela.

"Não queres ser costureira?"

Sheila abanou a cabeça quase imperceptivelmente.

"Então o que gostarias tu de ser?"

Ela respirou fundo, como se ganhasse coragem, e olhou timidamente em redor. A enfermaria recortava-se sob a meia-luz metálica do início da noite; um clarão ténue fluía pelas janelas e desenhava com as sombras bizarras figuras espectrais que se estendiam no chão e trepavam pelas paredes. No exterior tinham sido ligadas lâmpadas amarelas, atraindo insectos zumbidores e projectando um halo irrereal nos corredores. Alguns pacientes tossiam e outros gemiam de mansinho, os movimentos quebrados sob os lençóis, se calhar alheios, talvez atentos à conversa que se rumorava na cama 14 e que por momentos ficara suspensa.

Vencendo a timidez, Sheila ergueu por fim a cabeça e encarou o director do hospital.

"Enfermeira."

Havia já algum tempo que José Branco sentia necessidade de ter uma enfermeira oriunda da zona onde operava. Além das freiras, as enfermeiras que serviam no hospital eram portuguesas ou cabo-verdianas e não entendiam nhungué, o dialecto de Tete. Precisava por isso de recrutar uma pessoa da terra.

Além do mais, as necessidades de serviço iriam em breve sofrer um incremento significativo. O BNU e o Montepio tinham aprovado o donativo solicitado pelo governador-geral e a Gulbenkian aceitara entrar com o dinheiro que faltava para comprar o avião. A fundação mostrara-se de tal modo entusiasmada com a ideia que até se comprometera a pagar os dois primeiros anos de manutenção do

aparelho. O dinheiro não dava ainda para contratar um piloto, e por isso ele próprio já começara a ter lições no Aero-Clube de Tete e esperava tirar o brevet daí a pouco tempo.

Por outro lado, as responsabilidades de José haviam sido alargadas. Fora recentemente nomeado delegado de saúde e ainda presidente da Cruz Vermelha de Tete.

As coisas avançavam depressa, pelo que precisava de compor um quadro de pessoal sanitário adequado. Aquela rapariga falava fluentemente português e nhungué e queria ser enfermeira. Qual a dúvida?

Depois de ponderar a situação, pediu a Lúcia que mandasse Sheila ir ter com ele quando aparecesse no hospital para ver a avó. Isso aconteceu logo na tarde do dia seguinte. O médico acompanhava um paciente à porta quando viu a rapariga sentada diante do seu gabinete; mandou-a entrar e sentar-se na cadeira habitualmente reservada aos doentes.

"Queres vir trabalhar aqui para o hospital?", propôs-lhe. "Temos uma vaga para recepcionista."

O olhar da rapariga incendiou-se.

"Está a falar a sério, senhor doutor?"

"Tenho por acaso ar de brincalhão?", perguntou o médico, fingindo uma expressão severa. "Claro que estou. Queres ou não o lugar?"

"Quero, pois!", aceitou ela apressadamente, quase com medo de que a proposta fosse retirada, mas de imediato esboçou uma expressão inquisitiva. "O que faz uma recepcionista, senhor doutor?"

"Uma recepcionista recebe os pacientes", explicou ele. "Preciso de alguém que fale nhungué e que faça com que as pessoas se sintam bem acolhidas. Dentro em breve é possível que tenhamos um avião que traga doentes que se encontram no meio do mato e que nem português falam. Vais ter de falar com eles, traduzir o que dizem e o que lhes dizemos e fazer com que não estranhem em demasia o ambiente que vão aqui encontrar. Achas-te à altura dessa tarefa?"

Sheila sentia-se tão excitada que não conseguiu permanecer no seu lugar. Ergueu-se por isso de um salto, como se tivesse sido impelida por uma mola, o entusiasmo a fervilhar-lhe no corpo.

"Quando começo?"

O director do hospital sorriu ao vê-la tão excitada.

"Segunda-feira."

A tarefa serviu para testar as capacidades da rapariga. Sheila respondeu com empenho, abraçando as suas funções com a força de quem sabe que a vida é um jogo de oportunidades. Abandonou de imediato o curso de costura e a sua existência passou a ser dedicada quase exclusivamente ao hospital, onde passava o dia a acompanhar os doentes e a servir de intérprete das suas variadas maleitas.

Algum tempo depois, no final de um dia particularmente cansativo, José Branco deu com a nova recepcionista sentada num banco do varandim do hospital, os olhos a errarem algures pelo pátio interior.

"Então, Sheila? Cansada?"

"Puf, senhor doutor! Nem me diga nada! Apareceu aí uma família inteira com varíola e tive de ajudar o doutor Feitor a falar com eles. Foi a tarde toda nisso!"

O médico calcorreou o varandim e instalou-se no banco ao lado da rapariga.

"Isto é mais duro do que parece", suspirou, também ele fatigado. "Ainda queres ser enfermeira?"

Sheila, que languescia ao calor do final da tarde, ganhou súbita energia, como se nesse instante alguém a tivesse ligado à corrente.

"Então não quero, senhor doutor?! É o meu sonho!"

"Olha que esta vida é difícil!...", observou, a voz arrastada. "Exige força mental, física e espiritual. Uma enfermeira lida com a miséria humana mais degradante e é preciso ser forte para aguentar isso. Este trabalho não é pêra doce, menina! Isto não é vestir a bata e pôr o cup na cabeça e andar por aí

a abanar o rabo. Isso é nos filmes, não é a realidade. A realidade é muito dura e requer um grande espírito de sacrifício. Não é qualquer pessoa que pode ser enfermeira."

"Isso já eu percebi, senhor doutor. Basta ver o que se passa neste hospital para entender."

"E então?"

"Continuo a querer ser enfermeira. Já lhe disse que é o meu sonho e nada me fará mudar de ideias."

José Branco contemplou o perfil escurecido de um embondeiro recortado pelo céu avermelhado do pôr do Sol e voltou a suspirar; desta feita, contudo, o suspiro era o de quem acabara de tomar uma decisão.

"Que idade tens tu?"

"Dezassete anos, senhor doutor."

O médico levantou-se do banco com esforço e endireitou-se, alongando o tronco como se o exercitasse.

"Muito bem!", disse. "Vou falar com Lourenço Marques e submeter o teu nome a candidatura."

O mais difícil foi convencer a avó. Aissa nem queria ouvir falar em deixar a neta sair de casa para ir a uma cidade longínqua lá no Sul, ainda por cima com reputação de urbe licenciosa, submeter-se ao exame de candidatura ao curso de Enfermagem.

"Xi, patrão! Aquilo não é sítio para a minha Sheila!"

Confrontado com a intransigência da idosa, que entretanto já tivera alta e regressara à sua palhota para criar os três netos, José moveu influências e conseguiu convencer as autoridades sanitárias da província a voarem até Tete para fazerem o exame à jovem candidata.

No dia do teste, Sheila entrou na sala a tremer de nervosismo. Começou a responder às perguntas com o coração na boca, a garganta apertada e as mãos a tremerem, mas ao fim de alguns minutos sentiu que dominava a situação e foi-se acalmando. A experiência que já acumulara a trabalhar no hospital revelou-se decisiva e, para sua própria surpresa, deu-lhe respostas para todas as questões que lhe apresentaram.

Quando semanas depois vieram os resultados dos exames a todas as candidatas de Moçambique, aguardava-a uma novidade. Ficara em primeiro lugar. Tratava-se de uma vitória, mas também de um problema. É que o curso de Enfermagem era ministrado em Lourenço Marques e não havia ginástica nem jogo de influências que resolvesse isso.

"Não, não!", disse Aissa peremptoriamente, ao ouvir expor a ideia. "Nem pensar!"

José Branco já aguardava aquela resposta, mas sabia que teria de ser persistente e inteligente.

"Oíça, eu pago os estudos."

"Não é isso, senhor doutor! Eu não quero a minha neta lá em Lourenço Marques! Aquilo é terra maningue depravada!"

"Que é isso, Aissa? Não há depravação nenhuma!"

"Então não há, senhor doutor?! Então eu não sei?!"

"Ela vai com a minha protecção e estará à guarda de amigos meus. Pode ficar tranquila quanto a isso."

"O lugar da Sheila é aqui comigo e com os irmãos."

"Eles também podem ir com ela. Eu pago os estudos de todos."

"Não, não, não!"

O médico inclinou a cabeça, o olhar reprovador.

"O Aissa, veja a sua idade. E se lhe acontece alguma coisa? O que vão fazer os seus netos? Ficam na miséria, entregues a si mesmos?"

A velha muçulmana permaneceu um longo momento a fitar o médico; o problema, na verdade, horrorizava-a. Sabia que a qualquer momento poderia morrer, por mais misericordioso que fosse Alá a idade era o que era e não havia modo de lhe escapar. Que aconteceria aos seus netos? Como se desembaraçariam eles? Tantas vezes pensava nisso antes de adormecer e agora aquela possibilidade era-lhe apresentada assim, sem mais, desígnio da Providência. Seria Alá a lançar-lhe um aviso pela boca daquele branco?

Sentindo-a hesitar, José percebeu que a porta se entreabriria; faltava desferir a estocada final.

"O curso é uma garantia. Deixe-os ir para Lourenço Marques. Eu pago-lhes os estudos e eles ficarão com uma enxada que os ajudará na machamba da vida. Essa é a maior prenda que a Aissa lhes pode oferecer."

Levou ainda mais meia hora de conversa mole, mas Aissa estava conquistada muito antes de dar a luz verde final.

"Trate então deles, senhor doutor", concedeu por fim. "Dê-lhes a enxada para a vida."

Os irmãos de Sheila, porém, nem queriam ouvir falar na ideia. Irem para Lourenço Marques estudar? Maomé rejeitou a proposta liminarmente e Malaquias foi ainda mais rápido. A surpresa, porém, veio de Sheila. Embora não recusasse a sugestão, a sua manifesta falta de entusiasmo surpreendeu o médico.

"Eu não sei, senhor doutor."

"Como, não sabes? Então tens esta oportunidade para realizares o sonho de ser enfermeira e estás agora a dizer-me que não sabes?"

Ela baixou a cabeça, acabrunhada e incapaz de o olhar.

"Pois, não sei..."

"Então para que te candidataste ao curso? Para que foste fazer o exame de candidatura? Para não ires?"

A rapariga fechou-se em si mesma e, após balbuciar umas respostas sincopadas e em monossílabos, o director do hospital sentiu-se exasperado. Incapaz de extrair o sim dela, desistiu e abandonou a palhota em direcção ao carro. Sheila acompanhou-o, cabisbaixa, mas quando sentiu que estava suficientemente longe dos ouvidos da avó murmurou:

"Tenho um namorado."

José arregalou os olhos.

"O quê?"

Ela olhava para todos os lados excepto para o médico, tão embaraçada se sentia com a confissão.

"Chama-se Ismael. Se eu for para Lourenço Marques, não o vejo mais."

O médico fitou-a um longo momento, primeiro atónito, depois com um sorriso a formar-se no rosto.

"Ah, já estou a perceber!", exclamou. "É por isso que não queres ir? Por causa do teu namorado?"

Ela fez que sim com a cabeça.

"O que faz ele?"

"Foi agora para a tropa."

José ponderou a situação e tentou achar maneira de contornar o problema. O facto é que o hospital tinha falta de enfermeiras moçambicanas que comunicassem com os pacientes que não falavam português e Sheila parecia-lhe perfeita para o lugar.

Nem que revolvesse o céu e a terra, ela iria tirar o curso de Enfermagem e ajudá-lo a melhorar a assistência no hospital. Para isso precisava apenas de desatar aquele nó.

"E se eu arranjar maneira de o transferir para Lourenço Marques? Achas que isso resolvia a

coisa?"

Sheila ergueu a cabeça e encarou-o pela primeira vez, os olhos a brilharem de esperança. Estava encontrada a solução.

Primeiro foi um zumbido. A multidão pareceu despertar da letargia e as cabeças puseram-se a girar pelo firmamento azul, voltando-se de um lado para o outro em busca da fonte do barulho. Uma voz gritou "ali!" e logo um e outro braço se ergueram a indicar a direcção, comandando os olhares para um pequeno ponto que cortava o céu como uma varejeira distante.

O avião perdeu rapidamente altitude e aproximou-se da multidão que enchia a placa do Aero-Clube de Tete. O comandante Trovão mandou os seus homens afastarem algumas pessoas que deambulavam pela pista, de modo a viabilizar a aterragem, mas o aparelho, em vez de se enquadrar com a faixa de terra batida para pousar, virou-se directamente para a multidão. Um clamor de "ah!" e "oh!" encheu o aeródromo do Aero-Clube e algumas pessoas assustaram-se e desataram a correr para tentar escapar à máquina voadora que apontara na sua direcção e crescia sem cessar. Deixara de ser uma mosca inofensiva e transformara-se numa ameaçadora ave de rapina metálica.

Um fragor infernal encheu o ar quando o Piper Cherokee sobrevoou as cabeças em voo rasante e voltou a ganhar altitude. Um alarido excitado percorreu a multidão. Parecia que uma corrente eléctrica unia os espectadores, cruzando comentários e observações em clima de grande agitação.

"Viram? Viram?"

"É ele! É mesmo ele!"

"Iá!"

Não foi tanto a emoção da razia que emocionou os presentes, embora aquela passagem temerária tivesse desempenhado o seu papel, mas a mera visão do aparelho que os sobrevoara. O avião cintilava no céu, pintado de branco com uma faixa azul e ostentando enormes cruces vermelhas nas asas e na cauda, a matrícula CR-AKS inscrita na carlinga, o que eliminou as dúvidas que pudessem restar quanto à sua identidade.

O Piper Cherokee enquadrou-se enfim com a pista e, balouçando no ar, acabou por tocar na terra, levantando súbitas nuvens de pó alaranjado, e abrandou em apenas alguns metros; rolou aos soluços para fora da pista e aproximou-se da placa com o motor a arfar de mansinho e a hélice a levantar torvelinhos de poeira como uma ventoinha zangada.

A multidão abriu alas e o aparelho imobilizou-se diante do casinhoto que funcionava como torre de controlo, onde o aguardavam as entidades oficiais, encabeçadas pelo governador do distrito, pelo bispo, pelo director da Missão de Fomento, pelo comandante da PSP, pelo chefe distrital da PIDE e pelo director do Aero-Clube.

O motor engasgou-se e morreu de repente, como se alguém o tivesse esganado. As hélices imobilizaram-se com um suspiro e um silêncio absoluto impôs-se no aeródromo. Acto contínuo, as portas do avião abriram-se e José, espreitando para o exterior, acenou às várias dezenas de pessoas que ali se haviam deslocado para o acolher.

Uma ovação prolongada eclodiu nesse momento, recebendo o agora médico-aviador, que descia já do aparelho em pose triunfal: parecia um descobridor a desembarcar no Novo Mundo. As palmas foram apenas quebradas pelos primeiros acordes do hino nacional tocados pela banda da PSP. A multidão pôs-se então em sentido e cantou com ímpeto, a garganta e os pulmões a darem o máximo, os versos que glorificavam os heróis do mar.

Logo que o coro de vozes berrou "marchar, marchar!" e a banda emudeceu, o governador tirou várias folhas de papel do bolso, ajeitou os óculos e, aproximando-se do microfone improvisado diante do casinhoto, afinou a voz com o bmm-bmm da praxe e lançou-se no discurso com o verbo inflamado que

a ocasião impunha.

Começou por citar o poeta "nas suas imortais palavras" e disse "Deus quer, o homem sonha, a obra nasce", momento em que apontou para o avião e esclareceu ser aquela a obra, logo acrescentando que "Deus quis que a terra fosse toda una, que o ar unisse, já não separasse". Os mais versados em poesia estranharam a referência ao "ar", sabiam que o verso mencionava antes o "mar", mas atribuíram a alteração à natureza da obra, o avião, e fizeram bem porque essa era realmente a intenção do ilustre orador, homem parco em palavras que terminou o discurso a apontar para a multidão e a citar novamente o poeta, "quem te sagrou criou-te português", e logo concluiu com um brusco e sentido "viva Portugal!", exclamação imperial que se perdeu na oscilação indiferente do capim ao longo da savana africana.

Depois das palmas, o bispo aproximou-se do avião devidamente paramentado e acompanhado por dois acólitos, ergueu a cruz e pronunciou umas frases em latim que um dos presentes bichanou para o lado a informar com erudição que o bispo fazia o Urbi et orbi, observação prontamente desmentida por um ouvido mais atento, "disparate, o Urbi et orbi é a bênção do papa na Páscoa e no Natal!", mas logo o bispo mudou para português, disse "em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo", e a cada referência a cada elemento da Santíssima Trindade lançou água benta sobre o aparelho e arrancou novas palmas da multidão.

Falara o estado e benzer a Igreja; faltava a consagração pagã. No seu tradicional fato branco, agora ornamentado no peito com insígnias douradas a exibirem um círculo alado com Moçambique no centro, que ele próprio concebera e desenhara e a mulher bordara, José Branco pegou na garrafa de champanhe que a irmã Lúcia lhe estendeu e entregou-a a Mímicas, nomeada "madrinha do avião". A mulher do médico aproximou-se do aparelho, alguém gritou "força com isso!", ela ganhou balanço e atirou a garrafa com toda a gana e esmigalhou-a contra a carlinga do Piper Cherokee branco de faixa azul, molhando as cruces vermelhas com as lágrimas chiques e adocicadas de Dom Pérignon.

Foi assim inaugurado, naquele final de manhã de 1968, o Serviço Médico Aéreo, obra criada em Tete para "que o ar unisse, já não separasse".

Uma tabuleta de madeira assinalava "Fingué" ao lado da pista. José acabara de aterrar e guinou o avião para a direita, aproximando-o do jipe estacionado diante de uma multidão. Desligou o motor, percorreu os olhos pela check list para a verificação final, e encarou a irmã Lúcia, sentada no lugar ao lado.

"Vá por dentro", disse, indicando-lhe o interior do aparelho. "Preciso que me ajude a descarregar o correio e os medicamentos."

"Si, doutor."

Abriu então a porta do avião e saltou para fora. Todos os olhos estavam pousados nele.

"Prepare-se, doutor", gritou uma voz proveniente do jipe. "Clientes é mato."

Contemplou a multidão que se concentrara ali perto. As pessoas pareciam agitadas, como se a mera visão da aeronave tivesse desencadeado uma corrente nervosa que a todos percorria. Consultou o relógio; o horário era apertado, tinha reservado pouco tempo de atendimento para a população do Fingué e não havia nem um minuto a perder. Contornou a asa até à traseira do aparelho e fez sinal para o pessoal do jipe.

"Trouxe o correio", anunciou. "Venham buscá-lo."

Abriu a porta traseira do avião e deu com a irmã Lúcia a empurrar duas caixas de medicamentos na sua direcção. Pegou nelas e pousou-as sobre o capim rasteiro. Depois retirou uma sacola com a sigla C.T.T. impressa nas faces laterais e vasculhou no interior até extrair três envelopes e uma pequena encomenda endereçadas a destinatários no Fingué. Os homens já se tinham abeirado do avião e espreitavam-lhe sobre os ombros; viviam uma semana inteira à espera daquele momento.

"Essa é para mim, doutor?"

Várias mãos ansiosas estenderam-se na direcção do médico, que lhes entregou os sobrescritos e a encomenda.

"Deve ser, não sei. As cartas têm os nomes."

Um dos homens agarrou um envelope e, logo que passou os olhos por ele, pôs-se a dançar.

"Ena, é mesmo para mim!"

José ajudou a irmã Lúcia a apear-se e fez sinal aos homens a quem acabara de entregar o correio.

"Mandem avançar o pessoal."

O pedido gerou esgares de admiração.

"Mas, ó doutor, não vai antes um cafezinho?"

O médico ergueu o braço e bateu com o dedo no relógio.

"Só tenho duas horas", anunciou. "Preciso de estar às três no Zumbo para voltar a Tete às seis. Vamos lá, despachem-se!"

Sentou-se na abertura da porta e ficou a ver a multidão encaminhar-se num tropel na sua direcção. A irmã Lúcia cortou o caminho aos pacientes e, com a autoridade de um sargento, gritou "façam bicha!" e em alguns segundos as pessoas formaram uma longa fila que se estendia para lá da saída do aeródromo.

José olhou para o tamanho da fila e quase desfaleceu; era demasiada gente para apenas duas horas. Percebeu que precisava de arranjar um método mais expedito de lidar com tantos pacientes e, na pressão do momento, teve uma ideia. Sabia quais as doenças mais comuns nas populações que viviam no mato e era só uma questão de proceder a uma triagem eficiente. Pôs-se de pé e juntou as mãos como uma concha à frente da boca, à maneira de um megafone.

"Quem tem sangue no chichi forme bicha!", gritou, apontando a seguir para o sítio para onde queria que se encaminhassem. "Ali à esquerda!"

Alguns aldeãos que percebiam português formaram logo uma segunda fila no local indicado e puseram-se a chamar outros que sabiam padecer do mesmo mal. Seguiu-se um burburinho e um movimento tumultuoso, mas depressa tudo acalmou e culminou em duas filas de gente ao lado do avião.

"Esta é a malta da bilharziose", murmurou o médico para a freira. Indicou uma das caixas de medicamentos que havia pousado no capim. "Ó Lúcia, distribua-lhes Ambilhar e dê-lhes as instruções adequadas, está bem? Eu vou começar com o resto do pessoal. Quando acabarmos fazemos uma nova triagem para a doença do sono. A irmã distribui os medicamentos enquanto eu verifico os da tuberculose. Assim apressamos o serviço e partimos logo a seguir. Parece-lhe bem?"

A espanhola pegou na caixa de Ambilhar e dirigiu-se para a fila que acabara de se formar.

"Muy bien, doutor."

José voltou a sentar-se na abertura traseira do avião e ultimou os preparativos da tarefa que tinha pela frente. Depois levantou o olhar para a fila diante dele e fez sinal à mulher que se encontrava em primeiro lugar, com um bebé ao colo e duas meninas agarradas à capulana.

"Olá!", saudou-a. "Então o que se passa?"

Começara a maratona.

A vida de José Branco mudou radicalmente. O avião alargou-lhe a autonomia e os horizontes, mas também lhe trouxe novas responsabilidades e desafios. Embora acumulasse as funções de director do hospital de Tete, presidente da Cruz Vermelha da cidade e delegado de saúde, dando ainda assistência sanitária a várias instituições e organismos que operavam na capital distrital, as suas atenções passaram a centrar-se no Serviço Médico Aéreo, uma vez que era este serviço que lhe permitia estender a acção a todo o distrito e chegar a populações até aí ignoradas.

Todas as semanas o pequeno Piper Cherokee branco com a cruz vermelha nas asas e na cauda

descolava do Aero-Clube de Tete pelas sete da manhã e voava para os mais diversos pontos do distrito, do Zobué ao Mazoi, passando por Fingué, Boroma, Chicoa, Chipera, Magoe, Furancungo, Vila Coutinho, Estima, Zumbo e outros destinos espalhados pela vasta savana da região. Até o Songo, onde se erguera entretanto uma vila para albergar o pessoal que estava a construir a grande barragem de Cabora Bassa, se tornou ponto de passagem obrigatório no itinerário semanal do minúsculo aparelho.

As paragens eram breves, um par de horas ou pouco mais antes de o avião descolar rumo ao destino seguinte onde nova multidão o aguardava. Com a rotina, todavia, José conseguiu desenvolver processos de triagem que lhe permitiram tratar com eficiência um grande número de pessoas.

"Bilharziose para a esquerda!", era uma frase que nele se tornou habitual. "Paludismo para a direita!"

Sabia por experiência que as doenças dominantes na região eram o paludismo, a bilharziose, a doença do sono, a tuberculose, a poliomielite e a varíola, e recorreu a técnicas específicas a cada problema para lidar com essas maleitas mais comuns. Nos primeiros tempos preocupou-se sobretudo com medicar os doentes, distribuindo por exemplo Resoquina a quem tinha paludismo e Ambilhar às vítimas de bilharziose.

No segundo ano, contudo, começou a interrogar-se sobre a eficácia da sua acção.

"Ó Lúcia", disse no final de uma paragem em Vila Coutinho particularmente cansativa. "Assim não vamos lá!..."

"Ay, doutor! Porque diz isso?"

"Eles são sempre muitos! Já viu?"

"Es verdade", assentiu ela. "Mas olhe para o lado positivo: já conseguimos curar muchos pacientes."

"Sim, mas o problema é que logo a seguir eles voltam com as mesmas doenças..." Revirou os olhos. "É exasperante!"

A pista era uma faixa cortada no capim, salpicada por estranhos pontos escuros. Olhando lá para baixo, José Branco apercebeu-se de que se tratava de gado a pastar e que teria de ser ele próprio a resolver o problema.

"Olhe para aquilo", disse à freira, apontando para os animais que lhe bloqueavam a aterragem. "Isto não é um aeródromo, Lúcia. É um vacódromo."

Empurrou a manche e o avião picou sobre a pista. A terra cresceu depressa diante do cockpit e no último instante o médico-aviador endireitou o aparelho e fez uma razia ao descampado antes de voltar a ganhar altitude. Flectiu para a esquerda, de modo a posicionar-se de novo no enfiamento da faixa de verdura, e estudou os efeitos da sua manobra.

"Já está", constatou com um sorriso de satisfação ao ver o gado fugir. "Limpámos a pista!"

A aterragem dessa manhã em Chipera, minutos depois, foi o primeiro acto de um processo que iria culminar no final do dia na ideia que tudo mudou.

Como sucedia habitualmente quando dos seus périplos semanais, logo que estacionou o Piper Cherokee no aeródromo da povoação José estabeleceu o posto médico no próprio avião, fazendo da porta lateral do aparelho o seu gabinete de consulta. Acomodou-se aí e começou a atender os doentes que faziam fila à entrada da pista.

O primeiro paciente era um homem já de idade, desdentado e com o corpo ligeiramente curvado, que se arrastou com uma certa dificuldade até junto do Piper Cherokee.

"Tem diarreia, doutor", disse o idoso, pousando a mão no estômago para reforçar a ideia. "Comi maningue maçanica."

Era um diagnóstico simples e de solução expedita.

"Então durante dois dias não vai tocar em fruta, ouviu?", recomendou o médico, estendendo o braço para uma caixa de medicamentos. "Come arroz e bebe maningue água fervida. A única fruta é banana." Entregou-lhe uma embalagem branca e azul a assinalar Ultralevur. "E toma este remédio."

O homem olhou para o médico e depois para a embalagem e de volta para o médico.

"Só isso?"

"Sim. Amanhã já está bom."

José lançou o olhar ao paciente seguinte, convidando-o a avançar, mas o homem que sofria de diarreia permaneceu plantado no mesmo sítio, no rosto uma expressão ao mesmo tempo decepcionada e desconfiada.

"Não tem mais?"

"Come arroz e banana, bebe maningue água fervida e toma esse medicamento", repetiu José cheio de paciência. "Amanhã já está bom."

"Não leva injeção?"

"Não é preciso", insistiu o médico, a tentar despachá-lo porque o tempo urgia; ainda mal começara e já o primeiro paciente o estava a atrasar. "O seguinte!"

O homem afastou-se com relutância, manifestamente pouco convencido com a receita que lhe fora passada. Acontece que o caso seguinte era o de uma mulher acompanhada de dois filhos com conjuntivite. O médico passou-lhe para as mãos os cremes adequados e mostrou-lhe como os deveria aplicar nas crianças, mas a mulher não lhe pareceu muito satisfeita e protestou num nhungué ruidoso enquanto apontava para uma seringa e indicava os braços das crianças.

"Não é preciso injeção!", garantiu José. "Os cremes chegam."

Desde que havia começado a trabalhar no hospital de Tete que estes episódios eram frequentes, mas nunca fizera caso deles. Dessa vez, contudo, achou de tal modo intrigante tanta insistência nas seringas que mencionou o assunto pouco depois, quando terminou as consultas e o chefe do posto administrativo de Chipera veio ter com ele à pista para se despedir.

"O doutor nunca havia reparado nisso?", riu-se o homem. "Eles adoram injeções! Na Metrópole ninguém sai contente de uma consulta se o médico não lhe passar uma receitazinha com uns medicamentos para aviar, não é verdade? Pois aqui são as injeções. Tratamento que não envolva picas não é tratamento para eles. Adoram injeções! Ui, isso é que é ser tratado!"

As palavras do chefe do posto de Chipera acompanharam José Branco durante o resto do dia. O que o homem dissera encaixava-se na perfeição na sua experiência de médico e director do hospital de Tete. A ideia começou assim a germinar-lhe na mente, seguindo um caminho lento mas seguro. Se eles gostavam tanto de injeções, porque não tirar partido disso?

Na verdade, apercebeu-se com crescente entusiasmo, as peças encaixavam-se de modo inesperado, uma vez que os meios existiam e era seu dever fazer pleno uso deles. Quanto mais considerava o assunto, mais a ideia lhe parecia fazer sentido, até concluir que a única coisa realmente espantosa é que não tivesse pensado em tudo isso havia mais tempo. Como pudera ser tão distraído?

O que José precisava era de um plano estratégico de saúde e foi isso o que desenvolveu logo que no final desse dia chegou a Tete. Sentia-se de tal modo excitado que, em vez de ir para casa, correu directamente para o hospital. Fechou-se no gabinete, contemplou o mapa que mantinha pregado na parede e, de bloco de notas na mão, estimou a população do distrito e calculou a diferença entre as doses que possuía em stock e as necessárias para pôr em prática o plano.

Com as contas feitas, sentou-se à secretária diante de uma máquina de escrever e dactilografou uma carta. Depois assinou-a e meteu-a num envelope, que selou com uma lambidela rápida. Meteu a cabeça pela porta do gabinete e espreitou o corredor.

"Lúcia?!", chamou. "Pode vir aqui, por favor?"

A freira apareceu em poucos segundos.

"Que pasa, doutor?"

"Entrega-me esta carta ao Luís?", pediu, estendendo-lhe o sobrescrito. "Ele que a leve aos Correios. É urgente."

A espanhola pegou no envelope e espreitou a entidade rabiscada no lugar do destinatário. Era a Secretaria Provincial de Saúde e Assistência de Moçambique, sedeadada em Lourenço Marques.

"Si, doutor. Vou já hablar com ele."

"O Luís que tenha cuidado", aconselhou o médico. "Isso é maningue importante, ouviu?"

A recomendação foi feita como se o envelope contivesse ouro. Vendo o superior hierárquico rodear o sobrescrito de tantos cuidados, a irmã Lúcia estreitou os olhos e fez um ar entendido, quase cúmplice.

"Muy bien, doutor. Já vi que está a pedir mais dinero para o serviço. Bem que precisamos dele!..."

"Não é dinheiro nenhum, Lúcia", corrigiu o director do hospital, pegando na malinha e preparando-se para ir enfim para casa. "São vacinas. Muitas vacinas."

José Branco mostrava-se plenamente consciente de que sozinho não seria capaz de levar a cabo toda a campanha de vacinação que tinha em mente. O que faria quando chegassem milhares e milhares de vacinas? Passaria o dia num aeródromo perdido no meio do mato a inocular populações inteiras? Sozinho ou apenas com a ajuda da irmã Lúcia? Não era possível.

Passou por isso de imediato à segunda fase do programa que havia delineado. No planeamento da primeira viagem a fazer depois de ter escrito essa carta estabeleceu que iria a menos locais num único dia e gastaria mais tempo em cada um deles.

"Ai, doutor, no entiendo!", estranhou a irmã Lúcia quando estudou o plano de viagem. "Así não teremos modo de visitar todo o sítio..."

"Tenha calma, já vai perceber."

O primeiro poiso do périplo dessa semana foi o Mazoi. Depois de prestar a assistência habitual à população que enchia os acessos ao aeródromo à sua espera, José pegou numa caixa e dirigiu-se aos dois funcionários que operavam o posto administrativo local.

"Então, senhor doutor?", exclamou o chefe, um transmontano de meia-idade que se tinha amancebado com a filha do régulo local. "Já vai andando, não é verdade?"

"Calma, que ainda há uma coisa que quero tratar convosco", disse. "Podemos ir ao posto?"

O pedido suscitou um esgar de surpresa dos dois homens, habituados a ver o médico aterrar, entregar-lhes o correio, tratar de umas centenas de pacientes e partir duas horas depois rumo ao destino seguinte. Era a primeira vez que o viam mostrar interesse em sair do aeródromo e ir ao posto.

"Porquê, senhor doutor? Passa-se alguma coisa?"

"Passa, pois. Vocês por acaso sabem dar vacinas?"

Os dois homens entreolharam-se, como se se interrogassem mutuamente.

"Quer dizer... não."

José ergueu a caixa, sugerindo que o seu conteúdo tinha a solução para o problema.

"Então vou ensinar-vos."

Pôs-se assim a dar formação aos funcionários que operavam os postos administrativos em cada terriola, mostrando-lhes como preparar as vacinas e inoculá-las nas pessoas.

Quando chegaram enfim de Lourenço Marques milhares de doses, a formação estava já completa e encontrava-se tudo pronto para a campanha. O médico não perdeu mais tempo. Meteu as caixas de vacinas no avião e distribuiu-as por todos os postos para onde voou nas duas semanas seguintes.

A campanha começou em força pelo distrito inteiro. O ponto de arranque foi o Furancungo. O médico deixou as caixas no posto local e, após dar as últimas instruções, seguiu de imediato para Vila Coutinho, depois para o Zobué e assim sucessivamente até percorrer numa semana todos os pontos do itinerário do Serviço Médico Aéreo, por toda a parte a distribuir correio e a espalhar caixas com doses de vacinas.

Quando na segunda-feira seguinte voltaram pela primeira vez ao Furancungo, primeira etapa do périplo semanal, José e a irmã Lúcia estranharam ninguém ter comparecido no aeródromo para ser tratado. Isso contrariava tudo o que havia acontecido nas viagens mais recentes.

"Passar-se-á alguma coisa?", admirou-se o médico num tom fingidamente casual, esforçando-se por esconder a preocupação; aquilo não era normal. "Que estranho!..."

A freira encolheu os ombros.

"Pues, não sei!"

A situação deixou José estarecido. Era verdade que já no passado lhe sucedera ser ignorado pela população, mas isso só tinha ocorrido no princípio, quando havia iniciado no ano anterior aquelas visitas no Piper Tripacer com Teixeira e as populações se mostravam desconfiadas. Desde que essa desconfiança fora ultrapassada, no entanto, cada visita era um dia de festa na terra. Assim sendo, como explicar que a sua chegada fosse tão ostensivamente ignorada?

Meteram a pé pela picada e caminharam até ao posto administrativo. Quando se aproximaram da lomba antes do posto ouviram um clamor que os intrigou. Apressaram o passo e, no momento em que atingiram o alto da lomba, depararam com uma multidão concentrada diante do posto administrativo; era uma enchente como nunca tinha sido vista naquela terra.

"Mas que raio!..."

Abriram caminho entre as pessoas e, no meio de um calor infernal e do fedor a suor, conseguiram penetrar no posto. Os populares faziam fila da porta até duas cadeiras onde vários funcionários administrativos as inoculavam com surpreendente presteza, os movimentos já automatizados. O paciente mostrava o braço, o funcionário limpava-lhe o ombro com algodão e álcool, espetava-lhe a seringa, injectava a vacina, tirava a seringa, colava-lhe o algodão à pele e, sem levantar os olhos e já a preparar outra seringa, chamava:

"O seguinte!"

Desconcertados, os dois recém-chegados saíram do edifício sem assinalar a sua presença e voltaram à lomba da estrada, de onde contemplaram o espectáculo da multidão que se comprimia para entrar no posto administrativo. José estava boquiaberto e pelo rosto da irmã Lúcia serpenteavam grossas lágrimas. Ambos viam e quase não acreditavam.

Apesar da comoção que a sufocava, foi a espanhola a única que conseguiu falar.

"Esta campana es um milagre!"

Os rapazes alinhavam-se no pavilhão em filas sucessivas e o espectáculo não era bonito de se ver. Havia algo de profundamente inestético na imagem de um macho nu e Diogo não conseguia sequer decidir-se sobre o que achava mais feio: se ver um homem despido de frente, com o emaranhado peludo de onde pendia um apêndice mirrado, se observá-lo de costas e ter de suportar as nádegas felpudas e borbulentas, os quadris quadrados e as pernas desengonçadas. Que contraste com os corpos harmoniosamente ondulados e lácteos da Guidinha tetalhuda ou da Laura da boca marota!

"Diogo Meireles!", chamou a voz do militar.

Imitando o procedimento que observara nos casos anteriores, correu para a frente e plantou-se em sentido diante do homem que o chamara.

"Presente, meu sargento!"

O militar ficou um momento a verificar a lista que tinha nas mãos, mas acabou por levantar o olhar e pousá-lo entre as pernas do mancebo. "Isso é pila que se apresente?", perguntou com um semblante sisudo.

Quando aguardava a sua vez, Diogo já o ouvira tecer comentários jocosos a propósito de outros mancebos, pelo que ignorou a pergunta e manteve-se calado.

"Vinte flexões!"

Atirou-se ao chão e em menos de quinze segundos completou as flexões com grande rigor, o corpo devidamente esticado, os braços a subir e descer como molas hidráulicas. Depois levantou-se e pôs-se de novo em sentido, arrancando uma expressão interrogativa ao sargento.

"Cinquenta abdominais!"

Dessa feita deitou-se de costas e, o corpo distendido, ergueu as pernas alto e baixou-as sem tocar no soalho, erguendo-as de novo e baixando-as sempre em ritmo acelerado e com os dois dedos grandes colados um ao outro numa simetria perfeita. Levou menos de dois minutos a completar o exercício e a erguer-se de novo, a respiração inalterada, o corpo hirto.

"Eh, pá!", observou o sargento, impressionado. "Acho que temos aqui o Super-Homem. Siga!"

Fez um gesto a indicar dois médicos de bata branca numa secretária e a atenção regressou à lista que tinha em mãos para identificar o nome seguinte.

"José Paulo Cardoso!"

Diogo foi ter com um dos médicos, que o examinou da cabeça aos pés e lhe auscultou o coração e registou a pressão arterial. Depois tirou-lhe sangue e entregou-lhe um pequeno frasco de plástico para as mãos, com a recomendação de que urinasse nele.

O procedimento foi relativamente simples e completou nessa manhã a inspecção sanitária na junta de recrutamento. Umhas semanas depois apareceu-lhe em casa um novo envelope das Forças Armadas, que abriu diante dos pais.

"Então?", quis saber a mãe, dedilhando nervosamente o avental. "O que dizem eles?"

Diogo respirou fundo, consciente de que aquele ofício mudaria a sua vida.

"Deram-me como apto."

O curso de miliciano foi tirado no quartel das Caldas da Rainha. Tudo se alterara de repente na existência de Diogo. Teve de sair de casa e abandonar o liceu, embora o facto de o mesmo estar a acontecer a outros colegas o levasse a encarar essa mudança com uma certa naturalidade, se não mesmo fatalismo.

Mas se houve um choque provocado pelo desenraizamento, o mesmo não se pode dizer das exigências físicas da instrução militar. Para um atleta de alta competição como Diogo, a ginástica e todos os exercícios envolvendo o corpo, penosos para os restantes mancebos, eram embaraçosamente fáceis. De novo o curso apenas lhe deu a formação teórica e noções sobre o Regulamento de Disciplina Militar.

Apesar da incorporação no serviço militar e de todas as mudanças que isso acarretou, o novo recruta manteve-se como jogador do FC Porto e da selecção. Enquanto os jogos se limitaram às competições internas, como os campeonatos regional e nacional ou a Taça de Portugal, foi fácil obter dispensa das autoridades militares.

O problema surgiu no dia em que se apresentou perante o comandante com um pedido diferente.

"O Porto tem uma deslocação ao estrangeiro, meu coronel", anunciou com o corpo muito hirto no gabinete do comandante. "Solicito autorização."

O superior hierárquico arregalou os olhos.

"Ao estrangeiro?"

"Sim, meu coronel."

"Ó diacho!", exclamou o comandante, coçando a cabeça. "Contra quem?"

"O Olimpiakos do Pireu, meu coronel. É a primeira eliminatória da Taça dos Campeões Europeus e a primeira mão está marcada para apenas daqui a quinze dias."

O comandante recostou-se no assento, ponderando as implicações daquele pedido.

"Bem, se fosse na União Soviética ou num desses países comunistas, não tinhas a mínima hipótese", começou por dizer. "Mas sendo na Grécia... enfim, vou pensar nisso."

A hesitação do comandante surpreendeu Diogo. Como atleta de alta competição habituara-se a gozar de um estatuto especial no quartel e jamais uma solicitação de dispensa por razões desportivas lhe havia sido negada. O que tinha aquela de diferente? Uma avalanche de interrogações perpassou-lhe pela mente, mas manteve-se silencioso; sabia que não podia questionar o superior hierárquico, embora ao mesmo tempo não conseguisse entender as dúvidas que ele dava sinais de alimentar.

O comandante apercebeu-se da perplexidade do recruta e ponderou mandá-lo embora sem quaisquer explicações, mas acabou por condescender.

"Estas deslocações ao estrangeiro são sempre um problema", suspirou. "Aqui há uns tempos houve uma situação semelhante devido a um jogo em Paris. A autorização foi concedida e o filho da puta, quando se apanhou em França, desertou. Estás a ver o engulho, não estás?"

A observação quase indignou Diogo.

"Nunca me passaria pela cabeça fugir, meu coronel", exclamou com intensa convicção. "Na minha família a palavra tem força de lei. Se me conceder a autorização, eu vou a Atenas, jogo e volto com a equipa. Isso nem tem discussão!"

O comandante afagou o queixo enquanto avaliava o recruta.

"Voltas, dizes tu?"

"Pode estar seguro, meu coronel."

"Olha que não quero cá chatices, ouviste? Vinte por cento dos mancebos fogem à tropa. Esses cabrões saem do país ou entram no que chamam a «clandestinidade». Tens consciência de que é um risco deixar-te ir, não tens?"

"Deixe-me e não se arrependerá."

A autorização foi dada dois dias depois e Diogo seguiu para Atenas com a equipa. Regressou na semana seguinte e apresentou-se no gabinete do comandante com uma pequena ânfora que comprara numa loja perto do Parthenon, antiguidade decerto feita na hora.

"É para si."

O habitual almoço dominical na casa do director do hospital, na colina sobranceira ao Zambeze, teve nesse dia como convidados o comandante da PSP e a mulher. A vida em Tete era relativamente monótona. Não havia grande coisa para fazer a não ser trabalhar, dormir a sesta para fugir ao calor da tarde e organizar umas patuscadas com os amigos, modo de vida em que o casal Branco se integrou.

A ementa do almoço nesse dia era cabrito assado, mas António Trovão viera da Beira com novidades explosivas. Tinha ido participar num encontro provincial da PSP e os comandantes da polícia no Niassa e em Cabo Delgado haviam aparecido na reunião com notícias sensacionais.

"O Kaúlza tomou posse em Março e já se pôs a inventar", revelou Trovão perante a curiosidade dos seus anfitriões. "Lançou uma operação à americana lá em Cabo Delgado e deu-lhe um nome todo pomposo. Nó Gordio, vejam só. O tipo acredita que vai mesmo desatar o nó górdio da guerra."

O assunto acabou rapidamente por tomar conta da conversa à mesa. "Isso é o que eles dizem sempre", observou José num tom céptico. "Ainda no ano passado ouvi o inspector Silva garantir que a guerra estava quase ganha e ela ainda aí anda."

"Iá, mas dá a impressão que agora é mesmo a sério", insistiu o amigo. "Os gajos fizeram uma

limpeza geral ao longo de toda a fronteira com a Tanzânia. Disseram-me que o Kaulza deitou mão aos grandes meios, com operações de search and destroy e outros palavrões que ele aprendeu lá com os camones. Parece que a coisa mete helicópteros, aviões, napalm, desfolhantes, carros blindados, milhares de magalas, vários grupos de comandos, pára-quedistas... eu sei lá!" Riu-se. "O tipo julga que está no Vietname!"

"E essa operação, como está a correr?", quis saber José, que de guerras não percebia grande coisa a não ser os feridos que via chegarem-lhe ao hospital. "Obteve alguns resultados?"

O comandante da PSP fez um trejeito condescendente com a boca.

"Parece que sim", admitiu. "Dizem-me que os turras estão mesmo em debandada para a Tanzânia. Mas não tenho a certeza de que isso signifique o fim da guerra. O Kaulza mandou queimar aldeias onde estavam os turras e lançou napalm e desfolhantes nas machambas para lhes negar os meios de subsistência. O gajo deve achar que vence a guerra se matar toda a gente, mas não me cheira que um conflito desta natureza se possa ganhar assim."

O diálogo à mesa, como tantas vezes sucedia, derivou para opiniões sobre como estavam as coisas a decorrer. Aproveitando uma pausa na conversa, cujos pormenores sangrentos lhe desagradavam, Mímicas deu um salto à cozinha e reapareceu instantes depois com uma travessa coberta por um doce amarelo-torrado que todos reconheceram.

"Quem quer coisar um pudim Araújo?"

Foi um fecho de almoço em verdadeira apoteose. O pudim Araújo era a sua especialidade mais gabada. Tratava-se de um doce espumoso, feito de claras batidas com açúcar derretido; o sabor a nozes estava igualmente muito presente e compensava a doçura do caramelo. O assalto ao Araújo foi imediato e em dois minutos a travessa ficou vazia, apenas com um fio dourado de caramelo líquido a boiar nas bordas.

"Ai, comi de mais!", queixou-se Mímicas ao encarar o prato sujo que tinha diante dela. "Estou tão arrependida!..."

Depois de observar que já chegava de falar na "porcaria da guerra", José sentou-se ao piano e, com um copo de whisky com soda pousado junto ao teclado, pôs-se a dedilhar um dos seus temas favoritos, a música do filme *Limelight*, a velha fita que todos em Portugal conheciam como *Luzes da Ribalta*.

"Tararararaa... dez mil camisas!", entoou ao ritmo da melodia, o que divertiu os Trovão.

Um súbito zumbido entrou pela casa, primeiro distante, depois enervante e persistente. Todos reconheceram o som de um helicóptero, mas como se tratava de um ruído familiar para quem vivia junto ao hospital não fizeram caso e o anfitrião prosseguiu com a sua interpretação do tema musical do filme de Charles Chaplin.

O problema é que, logo que o primeiro zunir se afastou, indício seguro de que o helicóptero levantara voo, uma nova zoada se fez ouvir, indicando um segundo aparelho em aproximação, e a este seguiu-se um terceiro. Isso, sabiam todos, já não era normal. Como os zumbidos pareciam incessantes, os dedos de José immobilizaram-se no teclado, impondo assim um silêncio súbito na sala. O médico trocou um olhar intrigado com os convidados.

"Que raio!..."

A atenção de António Trovão, o comandante da PSP, estava havia algum tempo já fixada naquele som.

"Passa-se qualquer coisa."

Saíram para o jardim e voltaram os olhos para o espaço da colina diante do hospital, a uns duzentos metros de distância. Viram então os Alouettes alinhados no ar, como se estivessem envolvidos

numa ponte aérea ou a fazer um exercício de grandes dimensões. Como gafanhotos gigantes, os aparelhos arredondados giravam sobre o Zambeze e, à vez, faziam-se à pequena pista circular que havia sido construída em pleno coração do hospital.

"Parece grave", observou Mimicas, a mão na boca. "Que terá acontecido?"

Dali era impossível obter respostas, mas o médico apenas precisou de alguns segundos para tomar uma decisão.

"Desculpem", disse, voltando-se para os convidados. "Tenho de ir ver o que se passa."

Regressaram para dentro de casa. O comandante Trovão agarrou-se ao telefone para ligar para o quartel e pedir informações e José foi ao quarto buscar a sua malinha de médico. Pôs o estetoscópio ao pescoço como se fosse um colar e, com um derradeiro aceno de despedida dos convidados, meteu-se no automóvel. O movimento de Alouettes não dava sinais de abrandar, era ainda um vaivém contínuo, e nesse instante teve a certeza de que o esperava uma tarde intensa.

A confusão no hospital era indescritível. Havia gritos, gemidos e manchas de sangue espalhadas pelo chão e pelas paredes, como nos talhos. Os feridos eram depositados nos corredores ou encaminhados para a sala de operações. O director inspeccionava os corpos, alguns terrivelmente mutilados. Percebeu pelo tipo de feridas que eram vítimas de explosões.

Os enfermeiros do hospital afadigavam-se em torno dos feridos e José foi ajudá-los a fazer pensos, preparar transfusões e meter tubos de soro. Alguns casos pareceram-lhe requerer amputação; hesitou, porém, antes de proceder ele mesmo à operação. O hospital tinha um cirurgião, mas não o via por ali.

"O Feitor?", perguntou à irmã Lúcia, que tinha a bata salpicada de sangue. "Onde está ele?"

"Não sei, doutor. É domingo, verdad? Entonces o doutor Feitor está de folga." Olhou à sua volta na enfermaria e tentou localizar o cirurgião, mas apenas vislumbrou os enfermeiros e os feridos. Espreitou pela janela e viu o motorista a ajudar o enfermeiro Mendonça a transportar uma maca.

"Luís!", chamou. "Vai procurar o doutor Feitor! Ele que venha o mais depressa possível!"

Observou o motorista a meter-se no carro e calculou que levaria uma boa meia hora até o cirurgião chegar. Olhou para o ferido mais grave e ponderou o que fazer. Apesar de lhe estar a ser aplicada uma transfusão, a condição do homem tornava urgente a operação. Tinha a perna empapada de sangue; teria de ser decepada o mais depressa possível. Avistou um enfermeiro militar que viera num Alouette e fez-lhe sinal com a cabeça.

"Meta-me este ferido na sala de operações", ordenou. "Vou ter de o amputar."

O rosto transpirado do enfermeiro carregava-se de sulcos de fadiga, mas o olhar pareceu acender-se quando deu com o médico.

"Sim, doutor."

O enfermeiro pegou na maca com o ferido e assentou-a num carrinho, que começou a empurrar em direcção à sala de operações. José apressou o passo e caminhou ao lado da maca.

"O que aconteceu?"

"Uma emboscada", disse o enfermeiro. "Veio uma carga crítica para a barragem e a tropa estava a fazer-lhe a escolta desde a Rodésia. Já perto do Songo a rapaziada achou que o perigo tinha passado e facilitou nas medidas de segurança. Puseram-se todos na brincadeira. Correu mal... Os turras estavam emboscados e mandaram uma bazucada que atingiu a carga crítica em cheio." O enfermeiro respirou fundo. "Parecia um terramoto, doutor, havia de ter visto. Quando chegámos ao local estava tudo em fânicos. Morreram pelo menos dez homens e temos uns quarenta feridos. O doutor Coutinho ficou no Songo a tratar os casos mais graves, aqueles que não tinham condições para viajar, e mandou trazer estes aqui para Tete."

Viraram numa porta a meio do corredor e entraram na sala de operações. O ambiente estava climatizado e o ronronar suave do ar condicionado quase tornava a sala agradável. O ferido foi depositado na mesa que ocupava o centro da sala e o médico foi lavar as mãos. A irmã Lúcia apareceu entretanto com os instrumentos e pôs-se a esterilizá-los, enquanto o enfermeiro militar dava uma anestesia ao ferido. José atou a máscara ao rosto, calçou as luvas, pôs a touca e começou a inspeccionar a ferida, tentando decidir por onde proceder ao corte. Pareceu-lhe que o mais seguro seria amputar por cima do joelho.

A irmã Lúcia aproximou-se da mesa e estendeu-lhe a serra. O médico contemplou uma última vez a perna do ferido, como se quisesse certificar-se de que não havia mesmo alternativa, e suspirou com resignação.

"Vamos a isto."

Pegou na serra e fez sinal ao enfermeiro militar de que segurasse a perna com força, de modo a facilitar a amputação, mas quando ele próprio agarrou a coxa do ferido e assentou o instrumento para começar a serrar a carne e o osso sentiu uma mão travar-lhe o braço.

"Você é cirurgião?"

Olhou para trás e, apesar da bata, da touca no cabelo e do pano que ela trazia no rosto, reconheceu a figura da médica.

"Nicole!", exclamou, surpreendido. "O que está aqui a fazer?"

"Estou indo para o Songo e vim dar uma mãozinha para tratar dos feridos", disse ela, desviando o olhar para o paciente sobre a mesa de cirurgia. "Estou vendo que vai operar. Você é cirurgião?"

"Bem... não, mas o nosso cirurgião ainda não chegou e este caso é urgente. Vamos ter de amputar depressa."

Nicole inclinou o tronco para a frente e espreitou a ferida de perto, avaliando o caso.

"Estou vendo", murmurou, como se aprovasse o diagnóstico. "Você costuma fazer amputações?"

"Já fiz algumas, claro. Aqui em África temos de ser polivalentes, não é? Mas confesso que a minha especialidade não é esta..."

Com um movimento suave, Nicole arrancou-lhe a serra das mãos e ocupou-lhe o lugar.

"Mas a minha é", disse no tom de quem nem admite discutir o assunto. "Deixa para lá que eu faço isso, tá? Você vá tratar dos outros feridos."

Como previra ao sair de casa, essa tarde no hospital revelou-se particularmente difícil. O doutor Feitor aparecera entretanto e ajudara Nicole na cirurgia, enquanto José e as enfermeiras se concentravam nos paliativos e nos casos que não requeriam amputação. Tiveram também a ajuda do doutor Arroz, que estava de passagem por Tete a caminho do Zobué.

Ao cair da noite, o director recolheu-se ao gabinete com a irmã Lúcia para prepararem o dia seguinte. As cirurgias tinham terminado e a situação parecia controlada, com os feridos a convalescerem nas enfermarias. José distribuiu as tarefas de modo a ter em conta as necessidades do hospital e também do Serviço Médico Aéreo, que, como era hábito, ia partir em missão na madrugada seguinte, mas a freira não aprovou a planificação.

"Yo não posso ir esta semana", disse a irmã Lúcia, abanando enfaticamente a cabeça. "No hablar! Há mucho trabajo para hacer! O doutor vá sozinho!..."

O director endireitou-se na cadeira

"Que é isso, Lúcia? O doutor Feitor está cá, ainda vão chegar os médicos militares para acompanhar os feridos e além disso temos o resto do pessoal. Dá perfeitamente para fazermos o serviço aéreo."

"Tenemos médicos suficientes", admitiu a freira, "pero não enfermeiros. Yo fico cá. O doutor vá

sozinho."

"Sozinho? Sozinho como? Isso não é possível, mulher! Preciso de ajuda para fazer o serviço. Onde já se viu uma única pessoa tratar da saúde de toda a população do distrito?"

"Tiene os enfermeiros que o senhor colocou nos postos administrativos."

"Ó Lúcia, sabe muito bem que a preparação deles é demasiado rudimentar."

A freira manteve o olhar fixo no seu superior hierárquico, percebendo o problema e ponderando o que fazer.

"Tiene razão, doutor", concedeu, sentindo-se dividida perante os seus deveres. "Pero aqui também há mucho trabajo... Como vamos hacer isto?"

"Cada um tem de dar o máximo, é a única maneira", disse José. "Lembre-se de que estes feridos ainda têm aqui o doutor Feitor e o resto dos enfermeiros para tratar deles, mas quem trata da população? Ninguém. Eu sozinho não dou conta do recado, como a irmã muito bem sabe. Preciso da ajuda de pelo menos mais uma pessoa qualificada. Se a Lúcia não vier comigo, quem vai?"

A espanhola baixou a cabeça, à beira da derrota.

"É verdad, doutor", reconheceu. "O problema é que o serviço é muy grande e tenemos pouco pessoal. Se ao menos fuese possível mandar vir de Louren..."

Um toque na porta interrompeu-lhe o raciocínio. Os olhares do médico e da freira voltaram-se para a entrada do gabinete e os dois viram uma cabeça loira espreitar.

"Dá licença?"

Era Nicole.

"Entre, entre", convidou o director, hesitando entre os deveres de hospitalidade e o receio de que a rodesiana fizesse ou dissesse algo de inconveniente. "Está tudo bem?"

"Tudo legal", devolveu a médica, as mãos escondidas atrás das costas. "Vim lhe dar uma prenda."

"Uma prenda?", admirou-se José. "Para mim?"

Nicole mostrou as mãos e exibiu-lhe um chapéu de aba larga e voltada para cima, como os usados pelos cowboys nos filmes.

"É um chapéu que usamos nas farmes da Rodésia. Você gosta?"

O director pegou no chapéu e observou-o com atenção. Tinha uma faixa de pele de leopardo em redor. Assentou-o na cabeça e voltou-se para as duas mulheres.

"Fico bem?"

"Muy guapo!", elogiou a irmã Lúcia.

"Parece o Clint Eastwood", disse Nicole. "Promete que você vai usar quando estiver no mato."

"Garantido."

A rodesiana esboçou uma súbita expressão inquieta.

"Estou com um problema", revelou. "Os helicópteros se foram e vou precisar de pegar uma carona para voltar para o Songo."

José tirou o chapéu e coçou a cabeça.

"Uma boleia para o Songo? Oh, diacho!" Considerou a questão e teve uma ideia. "Se calhar é melhor falar com a tropa", disse, pegando no telefone. "Acho que eles vão organizar uma coluna para depois de amanhã..."

A rodesiana inclinou a cabeça e respirou fundo, como se não aprovasse a sugestão.

"Você não vai fazer o seu serviço aéreo essa semana?"

"Íá. Saio amanhã pela manhãzinha."

"O seu avião não passa pelo Songo?"

Com o telefone ainda na mão, José hesitou, começando a perceber onde ela queria chegar.

"Quer dizer... iá. Mas só na quarta-feira. Vou começar amanhã pelo Furuncungo, depois sigo para Vila Coutinho e por aí fora."

"Então me leva!"

O médico ainda abriu a boca para rejeitar a sugestão, nem pensar naquela ideia, mas viu um enorme sorriso desenhar-se no rosto da irmã Lúcia e não teve coragem de dizer que não.

"Está a ver, doutor?", perguntou a freira espanhola com uma expressão triunfante. "Dios nos ajuda quando necessitamos. Aqui a doutora vai consigo y yo fico a tratar dos feridos."

A armadilha fechara-se.

Quando o Piper Cherokee levantou voo da pista do Zobué, José temia o pior. O primeiro dia havia decorrido com absoluta normalidade, como de resto seria de esperar considerando que traziam mais um passageiro. O doutor Arroz também aproveitara a boleia do Serviço Médico Aéreo e acompanhara-os ao longo de toda a jornada de segunda-feira, com paragens no Furuncungo e em Vila Coutinho, até aterrarem ao anoitecer no Zobué para pernoitar. Arroz estava colocado num posto especialmente criado nesta povoação para combater a tripanossomíaze, pelo que ficou por aí.

Na madrugada seguinte José e Nicole entraram no avião e acharam-se sozinhos pela primeira vez desde a inesquecível noite no Hotel Cardoso.

"Onde vamos hoje?", quis saber a rodesiana.

O médico-aviador tinha o mapa aberto no cockpit e apontou para uma localidade no Oeste do distrito.

"O destino final é o Fingué", indicou. "Mas no caminho vamos parar em Cazula e Bene."

"E quando chegamos ao Songo?"

"Sexta-feira. Normalmente seria amanhã, mas planifiquei a viagem de modo a deixar o Songo como última escala da semana, para que você me possa ajudar em todas as povoações onde aterrarmos. É muita gente para ver e sozinho não consigo dar conta do recado."

Um brilho de aprovação perpassou pelo olhar marinho de Nicole.

"Legal."

O aparelho ganhou altitude e rumou para oeste, em direcção a Cazula. Um imenso azul iluminava o céu, suave e translúcido, interrompido apenas aqui e ali por trapos isolados de nuvens. A terra seca estendia-se lá em baixo como uma ampla manta alaranjada salpicada de minúsculos pontos castanhos; eram os embondeiros que ali de cima se assemelhavam a pequenas bolotas espalhadas pelo chão.

Visto daquela perspectiva o mundo parecia sereno e imperturbável. Não fosse o ronronar monótono do motor e dir-se-ia que a paz abraçava o céu. Como tantas vezes lhe sucedia quando voava, o médico foi assaltado por uma doce e reconfortante sensação de bem-estar. Teve vontade de desligar o motor e deixar o avião planar em sossego, entregando-se àquela vasta placidez benigna como um bebé que se rende ao peito acolhedor da mãe, mas sabia que isso não passava de uma fantasia e fez um esforço para não se deixar embalar por aquela ilusão e concentrar-se nos comandos do aparelho.

Foi Nicole quem quebrou o silêncio.

"Você alguma vez experimentou?"

"O quê?"

Ela lançou-lhe um olhar cheio de segundas intenções.

"Fazer amor no céu."

José sentiu um rubor subir-lhe ao rosto e engoliu em seco.

"Vamos lá, não comece."

Um sorriso maroto formou-se na face da rodesiana. A mão dela deslizou para a perna do piloto, carregada de provocação.

"Estou vendo que a ideia já lhe ocorreu..."

José sacudiu-lhe a mão.

"Quieta!"

Ela esboçou uma expressão contrafeita, como uma menina mimada a quem acabaram de privar de uma boneca.

"Ai! Que ruim! Naquela noite no Cardoso você não me mandou ficar quieta, se lembra?"

"O Cardoso foi há dois anos", retorquiu o médico-aviador com secura. "Desde então nunca mais nos vimos."

"Mas, acredite, eu não esqueci!" Fez um esgar nostálgico e suspirou, como se a simples lembrança do que acontecera fosse uma emoção demasiado forte. "Meu Deus, nunca imaginei que existisse homem com um... uma... enfim, assim tão grande. Minha nossa, o que tenho pensado naquela noite!"

José abanou a cabeça em desaprovação.

"Estivemos dois anos sem nos vermos e agora você chega aqui e quer brincadeira outra vez? Pensa que isto é o quê?"

"Não nos voltámos a ver porque me mandaram regressar a Salisbúria", retorquiu ela em tom justificativo. "Que poderia eu fazer? Mas agora, com as obras de Cabora Bassa a avançar em força, vou ficar colocada no Songo, bem pertinho de você. E aí vamos nos ver mais vezes, né?"

"Vai ficar no Songo? Porquê? O Coutinho não serve?"

"É muita gente para um médico só. O doutor Coutinho é legal, mas os engenheiros que falam inglês precisam do apoio de um médico que domine a língua na perfeição, você entende?"

Vê-la assim ao seu lado, de camisa desabotoada o suficiente para deixar ver o peito sardento e o rego dos seios, e sobretudo a língua molhada na boca entreaberta e o olhar oferecido, foi de mais para José. Parecia que alguém lhe tinha ligado um botão entre as pernas, porque com um clique inesperado o monstro despertou.

"Oiça", tentou argumentar, num esforço desesperado para combater o desejo que lhe ataçava já o corpo, "eu sou um homem casado e tenho de respeitar a minha mulher."

Nicole revirou os olhos azuis, como se dispensasse a lição.

"A vida aqui em Tete é um saco!", exclamou. "Não tem televisão, não tem praia, não tem nada! O que vamos fazer para nos entreter? Crochet?" Voltou a deslizar com a mão para a perna dele. "Porque não tiramos partido do maior entretenimento que a natureza nos deu? Há algum mal nisso? Sua mulher não precisa de saber nada..."

"Mas isso não pode ser assim!"

Protestou, mas dessa vez não retirou a mão que lhe afagava a perna direita, pormenor que não escapou à rodesiana.

"O que pensa você que todo o mundo faz em Tete ou no Songo?", murmurou a loira com infinita doçura. "Eles andam metidos com elas e elas com eles. E só joguinhos, meu bem. Ué, e qual o problema? É uma maneira legal de a gente se entreter..."

"Eu não sei o que os outros fazem", ripostou José, as palavras mais firmes do que o tom em que as pronunciou. "Sei que nós temos de..."

Calou-se porque a mão de Nicole se desviara da perna para o monstro e, exercendo pressão com os dedos, sentia-lhe o volume em crescimento. Com um sorriso oblíquo, a rodesiana intuiu nesse instante que tinha a partida ganha.

"Essa droga não tem piloto automático?", quis saber, indicando o painel do cockpit.

"Tem, claro."

Já totalmente senhora da situação, ela correu-lhe o fecho das calças e, com um movimento

esfaimado, puxou-lhe o monstro para fora.

"Liga ele."

Foi a última coisa que a rodesiana disse antes de mergulhar nele e José, pairando naquele firmamento infinitamente azul de sensações inebriantes, perceber que só havia uma coisa a fazer antes de o corpo tomar totalmente conta da sua vontade e deslizar para as profundezas escaldantes daquela mulher.

Ligou o piloto automático.

Vistas do ar, as palhotas pareciam fundir-se com a terra e o capim, e apenas os telhados cónicos de colmo e dois fios de fumo que serpenteavam para o céu, ateados evidentemente por fornos de cozinha, tornavam evidente a José que se escondia ali uma aldeia.

"Cazula."

Lançou um olhar para os mamilos rosados e erectos de Nicole, sugerindo-lhe que se vestisse, e manobrou os comandos de modo a preparar a aterragem. Verificou o sentido do vento e a posição da faixa de capim que funcionava como pista e posicionou o avião, enquadrando-o frontalmente com o rectângulo rasgado na terra. O Piper Cherokee balouçou ao vento como uma folha e perdeu altitude aos solavancos, como se descesse os degraus de uma escada invisível. O médico-aviador carregou num botão e ouviu-se o claque seco do trem de aterragem a abrir.

Uma figura apareceu lá em baixo a correr e posicionou-se no meio do rectângulo do capim, pondo-se a agitar os braços num frenesim, como se fizesse sinais desesperados para o avião.

"Que é isso?", admirou-se a rodesiana enquanto apertava o soutien com as mãos atrás das costas

"Quem é esse cara?"

Depois de uma hesitação, José puxou a manche do avião.

"Não querem que aterremos."

O motor do Piper Cherokee rugiu e o aparelho ganhou de novo altitude, abortando a aterragem. Nicole estava intrigada com o que acabara de acontecer e questionou o amante, mas José não respondeu. Recolheu o trem de aterragem e manobrou o aparelho de modo a completar uma curva completa, posicionando-se de novo contra o vento e enquadrado com o rectângulo. Voltou a perder altitude, mas desta feita não desceu o trem de aterragem e passou em voo rasante sobre a pista de maneira a observar o que se passava lá em baixo.

Viu alguns homens a escavarem a pista e apercebeu-se de um deles a extrair um disco metálico da terra.

"Minas!", exclamou. "A pista está minada!"

A informação atingiu Nicole com a força de uma bofetada.

"What?", admirou-se, colando os olhos incrédulos ao vidro do avião para tentar analisar melhor o que se passava lá em baixo, mas a pista já ficara para trás e tudo o que via nesse momento eram embondeiros. "Minas? Tem minas na pista?"

"Às vezes acontece", assentiu o médico-aviador com um encolher indiferente de ombros.

"Algumas pistas de aterragem aparecem minadas, sobretudo nas zonas por onde andam os turras. É a guerra."

Ela pôs a mão sobre a boca e virou a cara para o amante, os olhos azuis arregalados de terror.

"My God! E agora? Vamos embora, né?"

José abanou levemente a cabeça.

"Esperamos."

"Esperamos? Esperamos o quê?"

"Esperamos."

A rodesiana emudeceu, sem entender o procedimento mas presumindo que o médico-aviador sabia

o que fazia. O Piper Cherokee voltou a ganhar altitude e pôs-se a completar círculos sobre Cazula, como uma ave de rapina gigantesca à espera do momento para cair sobre a presa. O piloto manteve a atenção colada às figuras minúsculas que formigavam na pista, atento ao seu comportamento.

Ao fim de uns dez minutos viu as figurinhas afastarem-se do rectângulo e uma delas fazer com os braços novos sinais para o céu. Nesse instante posicionou mais uma vez o aparelho contra o vento e, no enfiamento do rectângulo de terra, começou a perder altitude e voltou a baixar o trem de aterragem.

"Que está fazendo?", inquietou-se Nicole. "Vai aterrizagar?"

"Claro."

"Você está biruta?", alarmou-se, elevando a voz. "Essa pista está minada. Ninguém pode aterrizagar nessas condições! Não tem como! Vamos embora!"

Ignorando os protestos da rodesiana, José manteve a direcção e os procedimentos e o avião continuou a descer. Nicole começou a gritar, desesperada, e só se calou quando, instantes mais tarde, o aparelho estremeceu com violência perante o impacto duro das rodas na terra e ela foi confrontada com a realidade.

Tinham aterrado.

A consulta em Cazula decorreu bem, apesar do evidente nervosismo da população e dos homens que administravam o posto. Tinha sido assinalada a presença da guerrilha na zona e dois dias antes um grupo de comandos fora largado ali perto para dar caça ao inimigo. Nessa noite havia sido escutado tiroteio e algumas explosões à distância.

"Tivemos de minar a pista", explicou o chefe do posto, limpando com as costas da mão a transpiração que lhe escorria pela testa sob o sol ardente da manhã. "Foi para impedir que os turras entrassem por este lado durante a noite." Respirou fundo e desviou o olhar ansioso para os embondeiros que se alinhavam no horizonte para lá da pista, como sentinelas silenciosas. "Não ganho para isto, doutor. As coisas estão a ficar maningue más. Qualquer dia pego na minha preta e pisgamo-nos para a Beira."

Considerando que a pista estivera minada e os receios que vislumbra no rosto das pessoas, José achou que poderia haver mais gente a necessitar de cuidados médicos e que não se tinha atrevido a aproximar do avião. Já em ocasiões anteriores havia constatado que a presença do perigo tornava as populações mais tímidas, pelo que fez sinal a Nicole de que o seguisse.

"Ande", disse, pondo o chapéu rodesiano. "Vamos dar uma volta por aí."

"Para quê?", espantou-se ela, relutante em abandonar o avião. "Não temos de continuar a viagem?"

"Temos, pois. Mas primeiro vamos certificar-nos de que não há mais ninguém a precisar de ajuda."

Abandonaram de jipe o pequeno aeródromo improvisado na savana e foram até à povoação. José andou de palhota em palhota e localizou de facto alguns velhos e mulheres que requeriam assistência e não se tinham atrevido a ir até à pista onde se encontrava o avião.

Quando ia sair de uma das derradeiras cubatas, aprestando-se a regressar ao aeródromo para retomar viagem, o médico apercebeu-se de um vulto que apareceu de repente a cortar-lhe o caminho.

"Doutor Branco", interpelou-o o homem. "Pode vir conosco?"

O indivíduo era barbudo, tinha gotas de suor a deslizar-lhe com abundância pelo rosto negro e vestia uma farda caqui que a transpiração colava ao corpo no peito e por baixo dos braços. O que mais se destacava nele, porém, era o objecto que trazia na mão, uma mistura de um engenho metálico com um apoio rudimentar feito de madeira.

Uma Kalashnikov.

O grupo immobilizou-se no lugar onde se encontrava, paralisado de medo. José olhou para os funcionários do posto administrativo em busca de informação, mas estes pareciam tão surpreendidos

como ele. Nicole, que já tinha percebido o que se passava, encolheu-se atrás dos funcionários, como se tentasse fundir-se com a terra e desaparecer.

O médico virou-se para o homem armado.

"O que deseja?"

"Precisamos da sua ajuda", disse o desconhecido, fazendo sinal com a cabeça para um trilho aberto na cortina de capim, a indicar assim a direcção que deviam tomar. "Faça o favor de me acompanhar."

José pegou na mala e, sem hesitar, começou a andar na direcção apontada pelo homem.

"Doutor", chamou o chefe do posto administrativo. "Não vá!"

Sem parar, o médico virou a cabeça para trás e depois pousou os olhos na Kalashnikov que balouçava na mão do guerrilheiro; a arma não estava numa posição ameaçadora, mas nem isso parecia necessário porque a sua simples presença era ameaça suficiente.

"Não me parece que tenha alternativas pois não?"

O trilho aberto no capim prolongou-se talvez uns dois quilómetros. Logo à saída de Cazula um punhado de homens armados e também vestidos de caqui, embora algo esfarrapados, juntou-se ao médico e ao guerrilheiro barbudo. O grupo percorreu o trilho em fila indiana e em silêncio, o barbudo à frente a indicar o caminho, José logo a seguir, os restantes atrás.

O médico sentia-se nervoso e o coração batia-lhe a um ritmo acelerado, mas tentava ocultar o medo que lhe transformava as pernas em gelatina. É verdade que não era a primeira vez que lidava com guerrilheiros; acontecia-lhe com frequência encontrar feridos em aldeias que, embora não o confessassem, eram evidentemente elementos do inimigo. Tratara-os a todos, mas aquela que era a primeira vez que o raptavam e interrogava-se sobre o destino que lhe iriam dar. Decerto não o levaram para o matar, tentou convencer-se, meio esperançado, meio ansioso. Se o quisessem fazer não lhe falaria naquele tom cortês; além do mais, já o teriam abatido. Mas se não planeavam matá-lo que lhe queriam eles? A caminhada terminou numa clareira rodeada de palhotas. O guerrilheiro barbudo conduziu o médico para uma delas e fez-lhe sinal de que entrasse. José tirou o chapéu rodesiano da cabeça, curvou-se e cruzou a entrada escura. A cubata estava fresca e um forte odor a suor e urina impregnava o ar. Apercebeu-se de um vulto deitado numa esteira, mas levou alguns instantes a habituar-se à escuridão e a destringar as formas com clareza.

Era um ferido. O olhar do médico foi atraído para a coxa do homem, envolvida em ligaduras ensanguentadas. Sabia que teria de ver isso com cuidado. Desviou a atenção para a face do ferido. Tinha os olhos fechados e a testa banhada de gotículas de transpiração; a respiração era irregular e o homem parecia mergulhado num sono agitado. José pousou-lhe a mão na testa e sentiu-lhe a temperatura; estava quente, mas não a ferver.

"Então, doutor?"

O médico olhou para trás e viu o guerrilheiro barbudo inclinado sobre o seu ombro a espreitar o ferido.

"Tem febre, mas não me parece maningue alta", respondeu. "Vou ter de lhe ver a perna. O que aconteceu?"

O barbudo fez uma careta.

"Foram os comandos. Atacaram de surpresa e mataram-nos dois camaradas. Quatro ficaram feridos. Três já voltaram à Zâmbia, mas aqui o Ernesto, coitado, como foi atingido na perna, não conseguia andar. Tentámos tratá-lo, mas desconseguimos." Lançou uma espreitadela à porta da palhota, como se receasse a entrada de alguém. "Temos de ir embora, é maningue perigoso ficar aqui, mas não sabíamos o que fazer ao Ernesto. Aí vimos de repente o seu avião e pensámos: o doutor Branco já

tratou guerrilheiros da Frelimo. Ele vai ajudar o pobre do Ernesto. E fomos buscá-lo." Endireitou o corpo, como se a missão estivesse enfim cumprida. "Agora vamos embora."

O médico olhou para as ligaduras ensanguentadas na perna do ferido e voltou-se de novo para o guerrilheiro barbudo.

"Vão-se embora, como? Que quer dizer com isso?"

"Não podemos ficar aqui, doutor." Indicou a luz que jorrava pela entrada da cubata. "O guerrilheiro tem de estar sempre em movimento. Os comandos podem voltar, ainda por cima depois de termos ido lá buscar o doutor. Agora que o senhor aqui está, podemos partir."

"E quem fica com o ferido?"

"Fica o doutor."

José olhou de novo para o homem estendido na esteira e abanou a cabeça.

"Não, não pode ser assim", disse, enfático. "Ajudem-me a levá-lo até ao aeródromo. Temos de o meter no avião."

O guerrilheiro pareceu estupefacto com a sugestão.

"O avião, doutor?"

O médico indicou uma espuma amarelada na orla do sangue que sujava as ligaduras.

"Está a ver isto?", perguntou. "É pus. A ferida está infectada. Este homem tem de ser imediatamente transportado para o hospital. Não sei se vamos a tempo de lhe salvar a perna, mas quero pelo menos tentar." Fez um gesto a indicar a cubata. "Aqui é que ele não pode ficar."

"Mas nós não podemos ir até ao aeródromo, doutor. Isso vai dar maningue chatice."

José ponderou a observação.

"Então levem-no ao menos até à aldeia", sugeriu. "Depois eu trato do resto."

O guerrilheiro foi chamar os seus homens e o grupo improvisou uma maca, onde instalou o ferido. Minutos depois médico e guerrilheiros retomaram a picada de regresso a Cazula, com um batedor à frente. O sol ardia a pique e José ordenou que um dos homens fosse buscar folhas de palmeira e fizesse o caminho ao lado da maca, usando as folhas como guarda-sol para proteger o ferido.

Era uma estranha fila, com homens de caqui a transportar a maca e uma figura de branco a acompanhar o grupo, tão diferendado como uma pomba rodeada por um bando de corvos. Daquele bando emergiu o guerrilheiro barbudo, que apressou o passo para se pôr ao lado do médico.

"O doutor também trata os comandos?", quis saber o guerrilheiro.

"Às vezes", retorquiu José. "Trato de toda a gente que precisa de tratamento."

"Mas os comandos são animais", insistiu o guerrilheiro. "E os piores são os pretos. Três quartos dos comandos portugueses são homens negros. Essa gente é maningue má. Não presta." Inclinou a cabeça. "Estou a pedir não trata eles."

"Não trato de quem? Dos comandos negros?"

"Sim. Estou a pedir não trata eles."

O médico ajeitou o chapéu, inclinando a aba para melhor se proteger do sol. Sobre a linha do capim, onde o ar ondulava com o calor, já se avistavam os primeiros telhados de colmo das palhotas de Cazula, indício seguro de que a pequena aventura estava perto do fim.

"Você tem de perceber uma coisa", disse José com uma voz suave. "Eu sou um médico e tenho deveres. Traga-me aqui o assassino da minha mãe e eu cuidarei dele."

Aconteciam por vezes estes imprevistos que obrigavam a alterar a planificação das viagens semanais do Serviço Médico Aéreo. José Branco encontrava num local alguém a precisar de transferência imediata para um hospital e mudava o roteiro de voo. Em vez de seguir para o destino inicialmente previsto, voava até Tete para internar o paciente no hospital e só então retomava a viagem

em direcção ao destino que ficara em suspenso.

Foi o que sucedeu dessa vez. Os guerrilheiros largaram o médico e a maca com o ferido na orla de Cazula. Já em liberdade, José foi chamar o pessoal do posto administrativo e pediu ajuda para transportar o guerrilheiro para o Piper Cherokee. Uma vez no avião, removeu duas cadeiras, de modo a abrir espaço na traseira do aparelho, e encaixou a maca com o ferido.

"Quem é esse cara?", quis saber Nicole quando se acomodaram no cockpit, manifestamente nervosa com a presença daquele passageiro atrás dela. "é turra?"

O médico-aviador verificava o painel de bordo, mas não conseguiu conter uma gargalhada.

"Não te metas com ele", recomendou. "Olha que vai já desatar aos tiros."

A rodesiana cravou os olhos receosos no homem deitado na maca, observando-o com um fascínio atemorizado.

"My God! É terrorista!"

Imerso no painel de bordo, José terminou o check e iniciou os procedimentos para ligar o motor.

"Não", disse. "é um paciente."

De Cazula deveriam seguir para Bene e terminar o dia no Fingué, mas a presença do ferido, e sobretudo o estado em que ele se encontrava, obrigou o médico-aviador a alterar o plano de voo. Logo que descolou, e em vez de prosseguir para noroeste, o avião completou uma larga curva no espaço vazio e rumou para sul, a caminho da capital distrital.

Apanharam pouco depois uma vasta faixa de água a cortar a savana; era o caudal majestoso do Zambeze que serpenteava na sua longa viagem do coração de África até às águas quentes e translúcidas do Índico. O Piper Cherokee baixou de altitude e José, preocupado em manter distraída a enervada rodesiana, mostrou-lhe as manadas de elefantes que brincavam nas margens do rio, ao pé de grupos de hipopótamos e de alguns antílopes; viam-se mesmo duas girafas e várias zebras.

"Estás a ver aquilo ali?", perguntou José, apontando para uns troncos que boiavam na água. "São jacarés."

O Zambeze guiou-os até Tete, onde aterraram meia hora depois. O médico-aviador ligou do Aero-Clube para o hospital e pediu à irmã Lúcia que mandasse um jipe buscar o ferido, dando instruções de que ele fosse imediatamente visto pelo doutor Feitor.

Aguardaram junto ao paciente até a viatura chegar. Depois de o entregarem, José e Nicole meteram-se de novo no aparelho e retomaram viagem, sobrevoando mais uma vez o Zambeze por algum tempo, só que dessa vez em sentido contrário, e dirigindo-se enfim para Bene. A semana havia sido dura, como aliás sempre sucedia quando o trabalho do Serviço Médico Aéreo apertava, e José Branco ansiava por regressar a casa. Acossado pelos remorsos desencadeados com o retomar da ligação com Nicole, logo que no final da tarde de sexta-feira aterrou no Aero-Clube sentiu uma vontade quase incontrolável de correr para os braços da mulher. Sabia, contudo, que não o podia fazer imediatamente; tinha primeiro de ir ao hospital tratar da papelada que se acumulara na sua ausência.

Enquanto guiava pelas ruas poeirentas de Tete em direcção ao centro, o sentimento de culpa em relação a Mimicas adensou-se. A relação que durante esses últimos dias desenvolvera com a rodesiana tinha um cariz fortemente sexual, mas deixara-o vazio e com saudades da mulher. Como pudera traí-la daquela maneira? Sempre encarara o que havia acontecido dois anos antes no Hotel Cardoso como um acidente de percurso, um tropeção que o tempo tornara uma vaga lembrança, algo tão distante que quase não passava já de um sonho.

Mas desta vez tinha sido diferente. Traíra e voltara a trair a mulher. Fizera-o conscientemente, durante vários dias seguidos e mesmo ali no distrito de Tete, não na longínqua Lourenço Marques. E o pior, o que realmente o perturbava, é que não se sentia com forças para cortar com Nicole. Era como se a

mente lhe desse uma ordem e o corpo se recusasse a cumpri-la.

Porque o fazia? A novidade de experimentar uma estrangeira constituía sem dúvida parte da resposta. Mas havia mais, tinha de haver mais. Alguma coisa faltava na sua relação com a mulher e ele suspeitava que eram os filhos. Havia anos que mimicas tentava engravidar, mas nada sucedera ainda. Haveria algum problema com ela? Ou com ele? A verdade é que não tinha respostas para a situação.

Estacionou diante do hospital e, depois de lançar um olhar melancólico na direcção de casa, plantada orgulhosamente na berma da colina como um castelo sobranceiro à cidade, galgou as escadas e entrou no edifício.

Cumprimentou o porteiro e cruzou-se com a irmã Lúcia no corredor.

"Foi buena a viagem?", quis ela saber, mais por cortesia do que por curiosidade genuína.

"Normal", devolveu o médico com um gesto de indiferença. "Como vão as coisas por aqui?"

"O inspector Aniceto Silva telefonou a dizer que o doutor se deveria apresentar na PIDE logo que chegasse."

José estacou a meio caminho, intrigado com o recado.

"Está a falar a sério?"

"Sí, claro. Ele disse: imediatamente."

"Explicou porquê?"

A freira espanhola revirou os olhos, como se aquilo fosse um jogo e ela estivesse cansada de o jogar.

"No", suspirou. "Pero ele levou o guerrillero."

"Qual guerrilheiro? O que eu trouxe de Cazula?"

"Esse mesmo. O doutor Feitor tratou-lhe da perna, não foi preciso amputar. Pero logo que melhorou, a PIDE veio buscá-lo."

A informação deixou o director do hospital chocado.

"Ah!", exclamou. "E como diabo soube a PIDE que o tipo estava aqui internado?"

Lúcia encolheu os ombros, num gesto de absoluta ignorância.

"No sé."

Não teve de esperar muito para ser recebido pelo inspector Aniceto Silva nas instalações da polícia de segurança do estado em Tete. Tratando-se do médico que dava assistência aos funcionários dessa polícia, José era bem conhecido por ali e foi acolhido com um copo fresco de capilé e encaminhado para o gabinete do chefe.

"Mandeí que o chamassem porque temos aqui uma pequena chatice", disse o inspector em jeito de preâmbulo.

"O que foi?", quis saber o médico. "Não me diga que está preocupado com o novo treinador do Benfica..."

Era um truque simples, mas funcionava. Sempre que previa tensão com Aniceto Silva, puxava o clube à baila e a conversa amaciava um pouco.

"Isso é que não, doutor!", exclamou o inspector, sem conter um sorriso. "Tenho confiança neste Hagan que fomos buscar a Inglaterra. É um bife teso que nem um carapau. Com esse gajo ainda vamos voltar a conquistar a Europa, vai ver."

"Olhe que o Ajax anda forte. Ganhou a Taça dos Campeões e tem aquele Crujif, dizem que é uma máquina a fintar!..."

"Ora essa! E nós temos o Eusébio! Esse é uma máquina a bujardar!"

"Pois, mas ele não dura para sempre..."

Aniceto Silva pareceu ficar pensativo, como se reflectisse no problema do envelhecimento do

grande craque do Benfica. Indicou ao visitante que se sentasse no sofá e depois ele próprio acomodou-se no seu lugar habitual.

"Olhe, doutor, o que eu espero que não dure para sempre é o raio desta guerra", desabafou, mudando o ângulo da conversa. "E foi justamente por causa dela que o mandei chamar."

"Então? Que se passa?"

"Passa-se que me chegou aos ouvidos que o doutor teve um encontro com os turras e trouxe um deles para Tete. Não pense que não sei que o senhor já antes tratou alguma dessa rapaziada com quem se cruza por vezes lá no mato. Por mim, tudo maningue naice. Agora o que eu não estava à espera é que o doutor transportasse um turra na sua geringonça aqui para Tete e ainda por cima o internasse numa enfermaria do nosso hospital, numa cama onde a porra do turra tinha como vizinhos os nossos soldados! Um e outros lado a lado! Isso, doutor, é o cúmulo! Já só falta o senhor levar o turra para Lourenço Marques e...e pô-lo numa suite do Polana, caraças! Onde é que já se viu isto?"

O tom em que as palavras foram pronunciadas foi em crescendo, com o inspector a ruborescer à medida que ia falando e a terminar quase aos berros, empolgado pela indignação que dele se ia apossando, cada frase a empolar a seguinte. Concluiu quase sem fôlego, como um tribuno eloquente mas já exangue, e quase esperou aplausos quando se calou e ficou a arfar. Fez-se um silêncio súbito e ambos permaneceram dois longos segundos a fitar-se.

"Já terminou?"

A pergunta do médico foi formulada numa voz tranquila, sem ponta de ironia, o registo quase neutro.

"Iá", assentiu Aniceto Silva, um tudo-nada ofegante. "Estou à espera de uma explicação sua."

"A explicação é a mesma que lhe tenho dado desde que nos conhecemos", disse José. "Eu sou médico e tenho um dever de neutralidade. Não lido com turras nem com tropa, não lido com pretos nem com brancos. Lido com pacientes. Se uma pessoa precisa de ajuda, cá estou eu. Não quero saber se é branco ou preto, não quero saber se..."

"Mas, ó doutor", interrompeu-o o inspector, num tom bem mais sereno do que aquele que usara no final da sua empolgada intervenção. "O senhor usou meios do estado para transportar um turra para Tete e meteu-o numa enfermaria ao lado dos nossos homens, se calhar alguns deles feridos por esse mesmo turra. Acha isso normal?"

"Eu não transportei um turra", argumentou o médico. "Eu transportei um ferido que precisava de assistência imediata. Não podia deixá-lo a morrer no meio do mato."

"Ele não morreria se não tivesse pegado em armas contra nós!..."

"Desculpe, inspector, mas isso não me diz respeito. Tudo o que sei é que tinha um ferido nas mãos e dispunha dos meios necessários para o salvar. Foi o que fiz, conforme é meu dever. E quanto a tê-lo posto na enfermaria, fique a saber que não é a primeira vez que uma coisa dessas acontece."

"O quê?"

"É como lhe estou a dizer", insistiu José, quase satisfeito por dar ao chefe distrital da polícia de segurança do estado uma novidade e provar-lhe assim que ele afinal não sabia tudo sobre todos. "Quantas vezes não apanhamos no mato homens feridos ou doentes? Acha que lhes pergunto se são turras? Não sei quem são, eles não andam com nenhum cartão a dizer 'turra', nem isso me interessa. Se precisam de ajuda, eu dou-lha. Estamos fartos de internar no hospital gente assim, o que pensa o senhor? E todos eles vão para a enfermaria dos homens e são instalados nas camas vagas, independentemente de quem esteja ao lado, seja ou não soldado. E, para que conste, nunca ocorreu nenhum incidente entre eles. No hospital não há tropa nem turras nem inimigos. Há gente."

O inspector Aniceto Silva respirou fundo, avaliando o problema. Sentia-se tentado a resolver a

questão à bruta, sempre seria mais simples e expedito, mas sabia que não podia fazê-lo. Havia falta de médicos no distrito, pelo que tocar num deles iria gerar dificuldades. E logo aquele médico. Além de director do hospital, presidente da Cruz Vermelha de Tete e delegado de saúde, José Branco era o director do Serviço Médico Aéreo, levando a cabo uma missão que Lourenço Marques considerava de importância estratégica. Não podia atacar frontalmente um homem daqueles por causa de uma questão que, embora sem dúvida relevante em matéria de princípio, era na verdade de menor importância. O melhor mesmo, decidiu, seria explicar-lhe as coisas e tentar injectar algum bom senso naquela cabeça de casmurro.

Recostou-se na poltrona e respirou fundo, avaliando o que poderia ou não revelar.

"Ó doutor, compreenda uma coisa", disse devagar, como se pesasse as palavras. "As coisas mudaram muito desde que a subversão começou. É natural, estamos em 1970 e já passaram seis anos desde o início desta chatice, não é verdade? Do nosso lado morreu Salazar e o presidente do Conselho é o professor Marcello Caetano. Do lado deles morreu o Mondlane e quem manda agora é um gajo chamado Machel."

"Ó inspector, tudo isso já eu sei", atalhou o médico. "Onde quer o senhor chegar?"

"Estou a tentar explicar-lhe que, como é inevitável, chefes novos trouxeram ideias novas. Até os nomes mudaram, caras!" Bateu no peito. "Olhe para nós: antigamente éramos a PIDE, agora resolveram chamar-nos DGS. Está a ver?"

José não conteve um sorriso.

"Desculpe lá, inspector, mas DGS parece nome de um modelo de automóvel." Fez um gesto no ar, como se imaginasse uma placa invisível. "Renault DGS!" Abanou a cabeça. "Acho que toda a gente vai continuar a chamar-vos PIDE..."

"Que era o que me apetecia também fazer, mas não posso", desabafou Aniceto Silva. "Decidiram chamar-nos Direcção-Geral de Segurança e temos é que respeitar. Manda quem pode, obedece quem deve, já dizia Salazar. Mas nada disso interessa. O que importa é que, se as mudanças começam pelos nomes, imagine como não será com táticas e estratégias e tudo o mais. Como calculará, estas coisas congeminações em gabinetes confortáveis estão a ter efeitos práticos no terreno." Bateu com o indicador na mesinha diante da poltrona, como se ela fosse "o terreno". "O nosso novo presidente do Conselho mandou para cá o general Kaúlza de Arriaga, que tem umas ideias um bocado americanadas. Por causa delas, a guerra aqui em Moçambique está a entrar numa nova fase e..."

"Está a falar daquela grande operação que o Kaúlza lançou lá em Cabo Delgado?"

O inspector da DGS tentou dissimular a surpresa, mas um pestanejar de olhos irrefreável traiu-o.

"Ai o doutor já sabia? Quem lhe contou?"

Na face de José desenhou-se um sorriso reservado, como de um jogador de póquer a esconder as cartas.

"Digamos que tenho as minhas fontes..."

"E o que lhe disseram as suas fontes?"

"Que se tratou de uma operação à americana, envolvendo grandes meios, e que resultou num sucesso." O médico soergueu o sobrolho, como se buscasse cumplicidade. "Confirma, não é verdade?"

Aniceto Silva esboçou um esgar, parecia até que tinha acabado de descobrir uma coisa desagradável na sua poltrona, quem sabe se um alfinete apontado para cima.

"Depende do que se entende por sucesso", observou com secura. "A operação foi lançada para expulsar os turras de Cabo Delgado e do Niassa. Nesse particular, acho que sim, pode dizer-se que foi um sucesso." Afinou a voz. "O problema é que este sucesso teve um efeito imprevisto e que, receio bem, nos esteja a atingir em cheio." Fez um gesto a indicar o gabinete em redor. "Quando eu digo 'nos esteja a

atingir' estou a referir-me a nós, aqui em Tete."

"A nós?", admirou-se José. "Que quer dizer com isso?"

"Quero dizer que os turras se estão a transferir de armas e bagagens para o nosso distrito, doutor." Arregalou os olhos, de modo a enfatizar a ideia. "De armas e bagagens."

"Está a falar a sério?"

O homem da DGS retirou um maço de LM do bolso da camisa e extraiu um cigarro, que acendeu com o isqueiro.

"Infelizmente, sim", confirmou após largar a primeira baforada. "Há dois anos que os turras elegeram Cabora Bassa como o seu alvo prioritário, como sabe, mas isso na altura não passou de mera conversa. Os tipos continuavam concentrados lá em Cabo Delgado e no Niassa, junto à Tanzânia, e não conseguiam descer porque, explorando as rivalidades étnicas com os macondes, pusemos os macuas do nosso lado. Depois veio esta Operação Nó Gordio, que os obrigou a recuar, e neste momento está já a ser aplicada a Operação Fronteira, que se destina a interditar a passagem de turras provenientes da Tanzânia. Isto deixou-os perante um problema, como deve calcular. Que fazer? Deveriam tentar entrar de novo em força num território que nós tornámos inabitável? Ou deveriam permanecer na Tanzânia, aceitando assim implicitamente a derrota militar? Encostados à parede, os tipos optaram por uma terceira solução. Mudaram o teatro de operações e vieram aqui para Tete. Quem é que se lixa?" Encostou o polegar ao peito, como se fosse ele a vítima. "Somos nós! Se até agora a coisa neste distrito estava relativamente calma e os turras se limitavam a acções de propaganda junto da população e a um ou outro ataque ocasional, agora passaram mesmo à ofensiva." Nova baforada. "O doutor não tem reparado no aumento de incidentes?"

José balançou afirmativamente a cabeça.

"De facto", confirmou. "Aliás, quando aterrei em Cazula a pista estava minada e o homem que trouxe para Tete era justamente um ferido de combate. Coisas destas estão agora a acontecer-me com frequência crescente."

Aniceto Silva aspirou o cigarro e ficou a contemplar a névoa acinzentada que revolteava para cima, numa estranha dança em espiral lenta.

"O problema", murmurou pensativamente, "é que eles nos surpreenderam de calças na mão."

"Que quer dizer com isso?"

"Apanharam-nos desprevenidos. Há seis anos, quando os gajos atacaram em Cabo Delgado, nós já tínhamos tomado as nossas precauções. Mas desta vez não. Tete está desguarnecida."

"O Kaúlza não vai enviar tropas para cá?"

"Claro que sim", assentiu o inspector. "Mas quando eu falo em precauções não estou a falar em termos puramente militares. Era preciso termos aldeamentos já preparados para meter lá a população e assim dificultar a infiltração subversiva. Era preciso trabalhar os grupos étnicos para explorar as divergências entre eles e minar assim o apoio dos indígenas aos turras. Ficámos a dormir e nada disso foi feito. Agora receio que já seja tarde."

"Mas o engenheiro Pontes disse-me há uns tempos que a Missão de Fomento anda a fazer esses aldeamentos e que..."

"GPZ."

"Como?"

"Também a Missão de Fomento mudou de nome, doutor. Chama-se agora Gabinete de Planeamento do Zambeze, ou GPZ."

O médico revirou os olhos, sem perceber porque havia sido interrompido por causa de uma minudência daquelas. Sabia muito bem que o organismo se chamava GPZ, mas habituara-se ao nome

antigo e esses hábitos tendem a perdurar.

"O que seja. O facto é que eles já estão a construir os aldeamentos e a meter gente lá dentro." Baixou a voz. "Parece até que, em muitos casos, contra a vontade das pessoas."

O inspector espreitou o relógio e esmagou o cigarro na mesinha diante dele.

"Oiça, doutor, estive a contar-lhe isto para que o senhor perceba que as coisas vão mudar aqui em Tete e que é preciso muito bom senso", disse em jeito de quem quer apressar a conversa. "Tudo o que lhe peço é bom senso. Não estou a pedir muito, pois não? Ajudar um turra, como o senhor fez, é ajudar o inimigo. Não sei se isso será a coisa mais inteligente a fazer nestas circunstâncias."

Aniceto Silva pôs-se de pé e José também se ergueu.

"O senhor tem os seus deveres e eu tenho os meus", argumentou o médico. "Se um ser humano precisa de auxílio, tenho obrigação de o dar. Se o senhor não compreender isso... paciência."

O inspector puxou-o suavemente pelo braço em direcção à porta.

"Eu compreendo-o se o doutor me compreender." Esboçou um sorriso enigmático. "Se é que me compreende."

O homem da DGS abriu a porta e deixou o director do hospital passar. Já no corredor, José hesitou, como se tivesse sido assaltado por uma ideia, e voltou-se para trás.

"Inspector, queria pedir-lhe um favor."

"Diga."

Nova hesitação. A ideia que tinha na cabeça era atrevida e precisava de ganhar balanço para a formular.

"Posso ver o turra que eu trouxe de Cazula?"

O homem estava deitado numa esteira estendida no chão e soergueu-se quando a porta se abriu. Os olhos de José começaram por absorver o espaço exíguo onde acabara de penetrar. A pequena cela parecia um forno escaldante e tinha um aspecto imundo, com um fedor a urina e fezes a pairar no ar estagnado. A luz irrompia por uma janelinha no topo da cela e fixava-se na parede contrária, como um projector de cinema ainda ligado após o filme.

A atenção do médico desceu então para o recluso, que, sentado da esteira, o observava com curiosidade. O homem já não trazia a roupa esfarrapada com que o encontrara no mato, mas peças relativamente asseadas que evidentemente lhe haviam sido entregues no hospital. Tinha ligaduras a atar-lhe a coxa, mas pelo aspecto tornava-se evidente que já precisavam de ser mudadas.

"Olá, Ernesto", cumprimentou o médico, acocorando-se diante do homem. "Sou o doutor Branco. Como vai essa perna?"

O recluso lançou-lhe um olhar inquisitivo.

"Doutor Branco? Foi o senhor que me trouxe do mato?"

"Sim." O rosto de Ernesto abriu-se num sorriso sincero.

"Quero-lhe agradecer a sua gentileza. A madre Lúcia endereçou-lhe os maiores encómios quando me encontrava internado no hospital e sinto-me extremamente grato pela assistência que teve a amabilidade de me prestar."

José ergueu o sobrolho, estranhando o vocabulário do guerrilheiro. Não era habitual encontrar no mato negros que falassem português daquele modo.

"Apenas cumpri o meu dever." Concentrou-se nas ligaduras. "Essa perna?"

"Está em franca recuperação. O doutor Feitor e a madre Lúcia fizeram um magnífico trabalho e salvaram-me a perna." Lançou um olhar resignado em redor. "O meu receio é que esta cela desfaça tudo. A ferida precisa de atenção, senão infecta outra vez."

"Vamos lá então ver isso."

O médico abriu a malinha e preparou um novo rolo de ligaduras e dois frascos, um de álcool e outro de mercurocromo. Depois concentrou-se na perna do paciente e começou a desenrolar-lhe a ligadura já suja.

"Ai", gemeu Ernesto.

Um pouco de dor era inevitável, considerando a gravidade da lesão, o pouco tempo de recuperação e as condições de menor higiene naquele espaço, pelo que José procurou que os seus movimentos fossem mais suaves. Examinou a perna e percebeu que ela tinha emagrecido e estava visivelmente mais mirrada do que a outra, o que era natural considerando que o paciente deixara de a usar e é a função que faz o músculo; se a perna não exerce a sua função, o músculo simplesmente desaparece.

"Então tu és turra?", perguntou o médico, mais para manter Ernesto distraído do que por curiosidade pessoal. "Andas aos tiros à tropa?"

O paciente hesitou, como se ponderasse o que deveria responder.

"Não sei nada da guerra, doutor."

"Ai não? Então como é que ficaste ferido?"

"Eu faço o que o chefe me manda. O chefe mandou-me ir para o mato, eu fui para o mato. Os chefes tomam as suas decisões e nós é que arcamos com as consequências, não é verdade?"

José sorriu.

"Sei bem como é." A ligadura já tinha sido toda retirada e a ferida encontrava-se exposta. Estava suturada, mas uma breve inspecção tornou evidente que precisava de mudar os pontos. O médico aprontou a agulha e pegou num pedaço de algodão e num frasco e deitou álcool sobre o algodão. "Prepara-te."

"Para quê, doutor?"

"Vai doer."

Encostou o algodão à ferida e o paciente urrou.

O curativo durou meia hora e, quando saiu da cela, o médico foi direito ao gabinete de Aniceto Silva. O inspector ditava um ofício à secretária enquanto girava em círculos pensativos diante do ar condicionado, mas interrompeu a tarefa para atender o visitante.

"Então o seu protegido?", gracejou. "Está finório?"

"Inspector, aquela cela não tem condições para uma pessoa em convalescença."

O homem da PIDE encolheu os ombros, como se declinasse responsabilidades.

"Isto não é um hospital, doutor. Nem um hotel."

"Mas nestas condições a ferida vai infectar outra vez. Aliás, a infecção já está a começar. Se eu não o tivesse visto agora, a coisa desenvolvia-se e era uma chatice."

Aniceto Silva apoiou-se noutra perna, num movimento subtil a exprimir alguma impaciência.

"Iá, mas está fora de questão o gajo voltar para o hospital", rosnou. Depois pareceu absorto, como se reconsiderasse.

"A não ser que o doutor viesse cá vê-lo de dois em dois dias..."

Deixou a ideia pairar, dando a entender que tinha acabado de apresentar uma solução e que cabia ao seu interlocutor agarrá-la. O médico percebeu a intenção.

"Isso era uma possibilidade", conformou-se José. "Ou venho eu ou mando alguém. Ele precisa de mudar de pontos e de ligaduras."

O inspector deu-lhe uma palmada no ombro, como se tivessem acabado de fechar um acordo.

"Então está combinado", exclamou. "Acha que consegue pô-lo a caminhar numa semana?"

"Numa semana?", admirou-se o médico. "Nem pensar! Ele vai precisar de pelo menos um mês de

convalescença e mais um mês de fisioterapia para recuperar o músculo, que já está a perder com a inactividade. Só depois poderá andar normalmente."

A língua do homem da DGS fez um estalido contrariado.

"Que merda! Dois meses para recuperar? Tem a certeza?"

"Dois meses, se não forem mais", insistiu o médico. Carregou as sobrancelhas, a curiosidade a espicaçá-lo. "Mas, desculpe lá, para quê tanta urgência?"

"Tenho de entregar o tipo aos comandos." Indicou com a mão um mapa que tinha no gabinete.

"Queremos que ele os leve para identificar bases, zonas de passagem e pontos de abastecimento. Mas isso tem de ser feito rapidamente, porque senão os turras mudam as rotas e a informação fica desactualizada."

"Se é para isso, desengane-se", atalhou José com ênfase. "Ele vai precisar de tempo para recuperar."

Aniceto Silva abriu os braços, numa postura de frustração, e respirou fundo, o olhar desagradado a perder-se no corredor.

"Então o que faço com o tipo?"

Era uma questão que ultrapassava o director do hospital.

"Bem, não sei. O que ia fazer com ele depois de o entregar aos comandos?"

O inspector premiu os lábios e olhou para o seu interlocutor como quem acha que está a falar com um idiota.

"Ó doutor, ele ia e já não voltava."

"Não voltava como?"

"O senhor não sabe que um turra que é entregue aos comandos nunca mais regressa?"

A declaração foi de tal modo perturbadora que o médico pensou ter ouvido mal.

"Perdão?"

O chefe distrital da DGS revirou os olhos e respirou fundo, quase enervado com tanta ignorância e ingenuidade'

"Estamos em guerra, doutor", disse num tom pedagógico, como um professor primário a explicar o abecedário a uma criança. "Quando um turra vai com os comandos, não volta. Depois da operação o gajo não passa de um peso-morto. Se o trouxerem para aqui, o que fazemos dele? Mandamo-lo de férias para a Beira? É uma chatice a mais que para aí temos. Por isso os comandos limpam-lhe o canastro, escrevem no relatório que ele tentou fugir e o caso fica logo resolvido."

José teve dificuldade em acreditar no que ouvia e permaneceu um instante sem saber o que pensar ou dizer. Seria brincadeira? Mas o tom convicto com que o inspector falara tirou-lhe as dúvidas.

"Eles podem fazer isso? Não é ilegal?"

Aniceto Silva encolheu os ombros, como se o argumento fosse absolutamente irrelevante.

"Oh, doutor!... Há tanta coisa ilegal nesta vida! Estamos em guerra, não estamos? Numa guerra estas coisas acontecem!..."

Inquieto e já algo alarmado, o médico apontou com o polegar para o corredor, ao fundo do qual se encontravam as celas, incluindo aquela onde haviam fechado o guerrilheiro de Cazula.

"O que lhe vão fazer?"

O inspector suspirou, resignado.

"Para já, nada. Teremos de aguardar os dois meses para o entregar aos comandos. Que remédio!"

"Mas isso significa que o vão matar!..."

O homem da DGS abriu as mãos, indicando que a questão o ultrapassava.

"Já lhe disse, é a guerra."

Não era a resposta que o médico queria ouvir. José endirei- tou-se quase empertigado, e encheu o peito de ar, como se buscasse energia para enfrentar aquele problema.

"Oiça, inspector, isso não pode ser", disse numa voz baixa e tensa, a cabeça a abanar com ênfase. "Entregue-me o homem e ele fica à minha responsabilidade."

As linhas do rosto de Aniceto Silva contraíram-se, desenhando uma expressão de incompreensão.

"À sua responsabilidade? Não estou a perceber..."

"Entregue-me o homem", repetiu o director do hospital. "Se o senhor não sabe o que lhe vai fazer, não o entregue aos comandos. Entregue-mo a mim."

O inspector da DGS ouvia mas não acreditava.

"O doutor enlouqueceu? Quer que eu lhe entregue um turra? Fica com um turra nas mãos? Um turra? A que propósito?"

"A propósito de que vocês não sabem o que lhe vão fazer. Mas eu sei. Entregue-mo a mim e eu encarrego-me dele."

Aniceto Silva abanou a cabeça.

"Nem pensar!", exclamou com grande convicção. "O doutor não sabe com quem está a lidar! Este tipo é um turra! A primeira oportunidade pisga-se e vai juntar-se aos outros." Apontou o dedo ao seu interlocutor. "E se não lhe cortar o pescoço antes de se ir embora já o senhor está com muita sorte!..."

"Isso não vai acontecer", retorquiu José com igual firmeza. "De qualquer modo é problema meu. Eu responsabilizo-me por ele e o senhor fica com o seu problema resolvido."

O inspector abalou pelo corredor e começou a caminhar em direcção à saída, indicando assim que a conversa terminara e que o seu convidado se devia ir embora. José percebeu que o caso estava quase perdido, mas intuiu que a única maneira de inverter as coisas era jogar a sua carta mais alta. Se ela não resultasse, nada resultaria. Por isso não acompanhou Aniceto Silva, preferindo permanecer plantado no lugar onde se encontrava.

"Se não me entregar este homem", atirou para a figura que se afastava, "o Serviço Médico Aéreo acaba."

A carta tinha sido lançada e era forte, pelo menos o suficiente para o responsável da DGS estacar ao fundo do corredor e girar sobre os calcanhares.

"O quê?"

"E como eu lhe disse. Se não me entregar o recluso, acaba-se o Serviço Médico Aéreo."

Aniceto Silva ficou momentaneamente sem palavras. Tentava perceber a relação causa-efeito entre as duas coisas, o guerrilheiro e o Serviço Médico Aéreo, mas não conseguia estabelecer a menor ligação e o seu semblante reflectia a maior das perplexidades.

"O doutor ensandeceu?", perguntou com genuína sinceridade. "Quer acabar o Serviço Médico Aéreo por causa de... de um turra? Não estou a perceber!..."

Foi só neste instante que José Branco saiu do seu lugar e, num gesto quase conciliador, começou a percorrer o corredor em direcção ao chefe distrital da DGS.

"É muito simples", disse num tom sereno e profissional, como se expusesse uma evidência. "Os turras entregaram-me um ferido no mato. Eu prometi tratá-lo e trouxe-o aqui para Tete. O que eles vão concluir é que eu o entreguei à PIDE, a PIDE entregou-o aos comandos e os comandos mataram-no. Está a ver a situação?"

"Sim. E então?"

O médico chegou diante do inspector e imobilizou-se; dir-se-ia que o queria enfrentar em duelo.

"O que irá acontecer da próxima vez que o meu avião aterrar no mato e os turras vierem ter comigo? O que irá suceder quando eles me disserem: confiámos em si, entregámos-lhe um ferido e vocês

mataram-no? O que acha que os turras me vão fazer? Acha que nessas circunstâncias o Serviço Médico Aéreo tem condições de segurança para continuar a funcionar?"

As perguntas deixaram Aniceto Silva abalado; os seus olhos pareciam vidrados enquanto considerava aquele cenário inesperado. Como era possível que aquilo não lhe tivesse ocorrido?

"Porra!"

Sentindo nesse instante que a partida estava ganha, José evitou mesmo assim sorrir; sabia que era importante nunca humilhar um derrotado, especialmente tão poderoso como aquele. Em vez disso pousou-lhe a mão no ombro, quase como se o quisesse reconfortar, mas não conteve uma ponta de prazer, orgulho até, no momento em que formulou a pergunta seguinte.

"Quando é que venho buscar o preso?"

O lodo escuro e pegajoso tinha algo de repelente, mas Diogo Meireles não dispunha de alternativa. Rastejou no meio da erva, esfregando-se naquela lama nojenta, até se posicionar no ângulo que lhe pareceu mais favorável, mesmo no limiar da crista de uma pequena elevação. Apontou a G3 na direcção onde sabia esconder-se o alvo e aguardou. As moscas aproximaram-se, zumbindo a rasar o lodo, teimosas e enervantes, mas Diogo ignorou-as, determinado a não perder a oportunidade que se avizinhava.

A figura emergiu de repente, saltando por cima da erva, e Diogo voltou para ela a arma e disparou uma rajada. A placa de madeira recortada com o perfil de um homem armado tombou, sinal seguro de que fora atingida.

"Toma!", rosnou. "Um já está!"

Após três meses nas Caldas da Rainha a fazer o curso de miliciano, Diogo tinha sido transferido para Tavira, onde começara um novo curso, de atirador. Passou esses três meses a acordar de madrugada para se enterrar no lodo das salinas em exercícios diários de combate e emboscadas, agarrado à sua primeira G3 e a disparar balas reais, como nessa ocasião em que rastejou pelo lodo para atingir uma placa de madeira que os instrutores haviam ocultado na erva.

No início da recruta em Tavira teve alguma dificuldade em habituar-se à arma, devido ao coice dos disparos e ao trovejar que lhe parecia rasgar os tímpanos, mas três meses mais tarde, quando foi dado como apto para a guerra, já tratava a G3 com a familiaridade com que lidava com uma bola de voleibol.

Aprendeu tácticas de contra-guerrilha, desenvolvidas com base numa mescla das experiências francesa, britânica e americana, e quase decorou o manual em vigor, O Exército na Guerra Subversiva, e em particular a doutrina de que "a guerra subversiva era, essencialmente, um problema de conquista da população". O combate, sustentava o manual, podia ser a faceta mais dramática da guerra de contra-subversão, mas não era a mais importante; a chave estava no apoio das populações.

Passou então para o quartel da Guarda, onde ficou à espera de colocação, presumivelmente num qualquer posto no Ultramar. Inquiriu camaradas e leu tudo o que havia na imprensa. O cruzamento das informações permitiu-lhe esboçar uma ideia do que o esperava, mas foi o avô quem lhe fez um retrato mais claro quando, no fim-de-semana da Páscoa de 1971, Diogo foi a Penafiel e com ele conversou sobre os vários cenários possíveis para onde poderia ir.

"Os piores são a Guiné e o Norte de Moçambique", disse-lhe o capitão Mário Branco, o rosto riscado pelas rugas e a cabeça reluzente já quase sem cabelo. "Se fores para Angola, rapaz, podes ir a Fátima agradecer a Nossa Senhora."

"E Cabo Verde?"

"Ui, isso merecia uma peregrinação a Roma!", sorriu o velho capitão. "Nos tempos que correm, Cabo Verde, São Tomé, Macau e Timor são verdadeiros paraísos para quem anda na tropa."

A conversa decorria no escritório do rés-do-chão, onde se havia concentrado toda a família para aguardar a chegada do compasso. Amélia, que seguia o diálogo e se sentia igualmente preocupada com o destino do neto, não se conteve.

"Mário, sendo tu do exército e tendo amigos no Estado- Maior, lá em Lisboa, não podias ir dar uma palavrinha para ver se... se safavas aqui o nosso Dioguinho?"

Avô e neto entreolharam-se.

"Nem pensar!"

A dúvida durou ainda alguns meses, como se os deuses estivessem demasiado ocupados com outros assuntos ou talvez a magiar-lhe alguma partida, mas a longa espera terminou finalmente à entrada de 1972, numa manhã em que Diogo se encontrava deitado na sua camarata, enroscado numa manta para se proteger do agreste frio serrano.

"Ainda a dormir?"

A voz irrompeu-lhe no sono. Estremunhado, ergueu a cabeça e viu o alferes do serviço postal debruçado sobre a sua cama a estender-lhe um envelope.

"Hã? Que é isso?"

"O que havia de ser, pá?", perguntou o alferes, abanando o sobrescrito. "É a tua guia de marcha!"

"O quê?"

"Pega lá nessa merda!"

Num gesto mecânico, quase sem pensar, Diogo estendeu a mão e tentou segurar o envelope, mas ele caiu-lhe aos pés da cama. Mesmo assim o alferes deu a entrega como consumada e fez meia volta, volatilizando-se tão depressa como se materializara.

"Boa sorte, pá!"

Diogo levou meio segundo a despertar por completo. Sentou-se na cama e, de repente alheio ao frio, fitou longamente o envelope castanho, os dedos a coçarem o cabelo desgrenhado, o coração aos saltos de ansiedade. Como era possível que um sobrescrito tão ridiculamente minúsculo, pensou, encerrasse a chave do seu futuro? Quase teve receio de voltar a pegar nele, nem sequer lhe quis tocar, mas depressa considerou que, se tinha medo de uma coisa tão simples e inofensiva, o que faria quando um dia estivesse diante do inimigo?

A interrogação serviu para derrotar as hesitações. Pegou no envelope e rasgou-o pelo canto. Extraiu a folha que ele guardava e desdobrou-a; era de facto a guia de marcha. O documento anunciava-lhe que passava à condição de rendição individual, o que significava que ia substituir um soldado caído; talvez se tratasse de um ferido ou, quem sabe, um morto.

Os olhos deslizaram pela folha, deambulando entre as palavras frias e formais do burocratês militar, em busca do essencial, o destino que lhe haviam reservado e cujo nome se recortou por fim a quatro letras na penúltima linha do texto impessoal.

Tete.

A consulta da manhã decorria como habitualmente no hospital de Tete. Havia já algum tempo que José Branco fixara as deambulações aéreas pelo distrito em quatro dias, arrancando à terça e regressando na sexta-feira, de modo a assegurar as consultas no hospital às segundas-feiras. Acontecia até com frequência voltar a Tete a meio da semana, ou até todos os dias, uma vez que o número de pacientes diminuía no mato. O facto é que as campanhas de vacinação tinham produzido resultados espectaculares e conseguira mesmo erradicar algumas doenças, feito festejado a whisky no bar do hospital.

A meio dessa manhã, e depois de ter lidado com alguns casos de diarreia e dois de paludismo, entrou-lhe no gabinete um militar que se identificou como o alferes Fonseca. No seu encaço vinha uma mulher com um bebé ao colo. O interessante neste caso é que a mulher era negra e ele branco.

"É a nossa menina, senhor doutor", disse o militar com a angústia no olhar, apontando para a criança que se encontrava no colo da mulher. "Está muito doente e já não sabemos o que lhe havemos de fazer."

"O que tem ela?"

"Começou com febre, mas esta noite pôs-se a vomitar com alguma violência e nós assustámo-nos."

O médico dirigiu-se à marquesa, onde a mãe deitou a criança. Bastou um olhar e a identificação de duas pústulas na boca para José diagnosticar a doença.

"Isto é varíola."

Disse-o de uma forma ligeira, como se estivesse a falar de uma mera constipação, mas o alferes era um homem observador e apercebeu-se da perturbação no olhar conhecedor do médico.

"Tem cura, não tem?"

José Branco não respondeu imediatamente. Ficou a fitar a criança, como se tentasse tomar uma decisão.

"A menina ainda é latente?"

"Iá, senhor doutor", confirmou o alferes, tentando ler-lhe na expressão o que pensava. "Tem apenas seis meses. Porquê?"

O médico fez um estalido com o canto da boca, como se a informação não fosse do seu inteiro agrado.

"A varíola é complicada no caso dos latentes", sentenciou. "Vamos ter de a internar."

O casal reagiu com alarme à decisão, com a mulher a puxar a filha para o colo, como se assim a protegesse, e o alferes a mostrar-se surpreendido.

"Mas... mas ela só tem seis meses, doutor!..."

"Precisamente por isso."

Mantendo sempre o semblante de quem achava tudo aquilo normal, José foi à porta do gabinete e espreitou para o corredor, mas não avistou nenhuma enfermeira. Fez então sinal ao casal de que o acompanhasse e levou-o até à enfermaria. Os pais da criança mostravam-se muito inquietos com a decisão de internamento, pelo que percebeu que teria de os acalmar. A melhor forma era distraí-los.

"A sua mulher que fique descansada. Vamos deixá-la permanecer cá no hospital com a menina."

"Agradeço-lhe, senhor doutor", retorquiu o alferes, subitamente embaraçado. "Sabe, a Mariana... enfim, ela não é minha mulher. Queremos casar, claro, mas o exército está a levantar uns obstáculos... é uma chatice!"

O director do hospital deitou um olhar perscrutador à negra, que apertava a filha entre os braços. Era uma rapariga bonita, de porte altivo e lábios espessos, decerto bons de beijar.

"Conhecem-se há muito?"

"Há dois anos, doutor. Eu sou comandante da OPV, não sei se conhece. E a organização de polícias voluntários..."

"Sei muito bem. São vocês que policiam os aldeamentos que o GPZ anda a construir por todo o distrito."

"Precisamente. O meu trabalho é recrutar e treinar indígenas para procederem ao policiamento dos aldeamentos, de modo a dificultar a infiltração pelos turras." Apontou numa direcção vaga, que José sabia ser o Zambeze. "Opero ali no quartel do Matundo, não sei se já lá foi."

"Conheço, pois."

"Acontece que uma vez cruzei-me com a Mariana, que é filha de uns machambeiros que vivem ali perto do quartel, e... sabe como é, apaixonámo-nos. Como o exército desencoraja as relações com os indígenas, não tivemos possibilidade de nos casar." Encolheu os ombros e voltou-se para trás de modo a

lançar um olhar meigo à mulher. "Mas é como se estivéssemos casados."

Chegaram à enfermaria feminina e o director do hospital voltou a não localizar nenhuma enfermeira. Foi à sala de descanso e deparou-se com um vulto de bata branca sentado a ler um livro, mas percebeu que não era nenhuma enfermeira. Tratava-se de Nicole.

"A Lúcia?"

A rodesiana ergueu os olhos azuis e, ao reconhecê-lo, sorriu-lhe.

"Veio um padre espanhol e foram almoçar." Piscou o olho esquerdo. "Eu acho que é desculpa, né? Padre e freira juntos? Hmm..." Riu-se. "Devem estar rezando!..."

Ao longo dos últimos dois anos, a relação entre José e Nicole havia-se tornado intermitente. Ela passava a vida entre o Songo e Salisbúria, mas ia com alguma frequência a Tete a pretexto de haver uma certa complementaridade com o seu trabalho no Songo, o que não era de todo inexacto. Ajudava um ou dois dias no hospital e aproveitava para manter o contacto com o amante português antes de seguir de novo para o Songo ou regressar à Rodésia. Aquela era uma dessas circunstâncias.

O director do hospital chamou Mariana e a filha e apresentou-as à médica rodesiana.

"Oiça, preciso que veja esta menina", indicou. "Tem seis meses e está com varíola." Lançou uma espreitadela para a fileira de camas na enfermaria. "Ponha-as num quarto particular, está bem?"

Nicole olhou para a criança, depois para a mãe e por fim para José, uma expressão de estupefacção desenhada no rosto.

"Um quarto particular?", interrogou-se, voltando a pousar os olhos na negra como se a ordem fosse absurda. "Mas... e pode?"

"Claro que pode", retorquiu o director do hospital, espreitando de relance para o relógio e regressando já ao corredor. Ia almoçar a casa, mas precisava ainda de concluir as consultas. "Cuide bem da menina."

O empadão de Mímicas era o prato favorito de José e ementa obrigatória nos almoços de segunda-feira em casa, mas quando nesse dia o provou sentiu pousar nele o olhar inquisitivo da mulher.

"Então?", quis ela saber. "O coiso está bom?"

"Uma maravilha, como sempre", elogiou José. "Já sabes que não há empadão como o teu."

Mímicas soltou uma gargalhada deliciada e lançou um olhar cúmplice ao empregado, que observava a cena com uma atenção que o médico percebeu ser pouco usual.

"Não fui eu que o fiz", revelou a mulher. "Foi o Ernesto!"

O marido olhou para o empregado como se buscasse confirmação, que obteve logo que o viu sorrir.

Ernesto trabalhava lá em casa desde que o retirara da DGS e com ele fizera o pacto de que o empregaria a troco de um salário e a promessa de que não voltaria para o mato, sob pena de criar problemas ao seu protector. Contrariando os augúrios de Aniceto Silva, as coisas correram bem e ao longo desses dois anos o acordo fora respeitado por ambas as partes. Desenvolveram até uma certa relação de confiança, ao ponto de Ernesto confidenciar ao seu empregador que era perito em minas e armadilhas da guerrilha quando fora ferido em Cazula. Agora um homem livre em Tete, casara e instalara-se com a mulher nuns quartos anexos à casa do director do hospital. Começara por se encarregar exclusivamente do jardim, mas pelos vistos Mímicas havia conseguido nesse dia convertê-lo às artes culinárias.

"Está visto", assentiu José com um gesto aprovador. "Já estou mesmo a ver que vamos perder o Ernesto. Sabem qual vai ser o próximo restaurante de Tete?" Esboçou com os dedos o desenho imaginário de uma placa identificativa. "Chez Turra! Aposto que até o inspector Silva ia lá comer!"

A fileira nívea dos dentes de Ernesto reluziu com o sorriso esfíngico que esboçou perante a

sugestão.

"A esse indivíduo", murmurou no seu português rebuscado, "eu misturo veneno no prato."

A sugestão não foi do agrado do médico, que lhe lançou um olhar reprovador.

"Ernesto, então? Que é isso? Aqui a política fica à porta de casa! Nós não podemos..."

Ia acrescentar mais qualquer coisa quando ouviu, vinda do exterior, a voz de uma mulher a chamar "doutor Branco!", duas vezes. O médico levantou-se e foi à varanda das traseiras ver o que era. A meio do quintal, à sombra da maçanqueira, reconheceu a mulher do enfermeiro Mabunda de mão dada com um dos filhos.

"Doutor Branco, a polícia levou meu marido", disse ela com uma expressão de angústia. "Estou a pedir traz ele para casa."

José Branco suspirou, já cansado daquela história recorrente. O enfermeiro Mabunda tinha quinze filhos e, para azar dele, os dois mais velhos haviam fugido para o mato e tinham-se tornado guerrilheiros. A DGS fora informada do facto e passara a detê-lo com regularidade. As detenções revelaram-se de tal modo rotineiras que o próprio Mabunda recomendou à mulher que, sempre que a polícia o fosse buscar, informasse imediatamente o director do hospital. Era o que ela mais uma vez estava a fazer.

"Está bem", assentiu. "Volte para casa descansada que eu daqui a pouco vou à PIDE."

A mulher manteve-se, todavia, plantada no mesmo lugar e cruzou os braços, como se tivesse mais alguma coisa a acrescentar. O médico lançou-lhe um olhar expectante, encorajando-a a falar.

"Levaram também o senhor Mendonça", acrescentou ela, nada embaraçada por trazer tantos pedidos. "E os amigos dele."

O director do hospital passou a mão pelo cabelo. Congela de Mendonça era outro dos seus enfermeiros que se viam frequentemente em apuros. Mendonça andava a estudar à noite com mais três amigos negros ligados a meios da oposição e a DGS, que suspeitava daqueles estudos, tinha por hábito convidá-los a fazer uso periódico dos seus calabouços. Quem os ia sempre lá buscar acabava por ser o médico.

"Eu também trato deles", prometeu José. "Vá lá à sua vida."

A mulher pareceu ficar satisfeita e abalou com o filho, deixando o director do hospital pensativo na varanda traseira da sua casa. José voltou devagar para a mesa e sentou-se pesadamente no lugar, o prato com o empadão ainda a fumegar. Olhou em redor e percebeu que estava sozinho; Ernesto já havia regressado à cozinha e Mimicas fora ao quarto mudar de roupa.

Pegou no garfo e mergulhou-o na comida. Quando o ia levar à boca, porém, o telefone tocou, levando-o a suspender o movimento.

"Que será agora?"

Pousou os talheres e, com um suspiro resignado, levantou-se para ir atender. Do outro lado da linha estava a sua enfermeira-chefe.

"Então, Lúcia? Como foi esse almoço com o padre, sua malandrecia? Rezaram muito?"

"Doutor", disse ela num tom tenso; talvez não tivesse apreciado a graçola. "Preciso que o senhor e dona Mimicas venham aqui ao hospital com urgência."

A forma anormalmente seca como a freira falou deixou-o de sobreaviso.

"Porquê? Passa-se alguma coisa?"

Fez-se um silêncio pesado na linha.

"Chegou agora um helicóptero aqui ao hospital. Houve uma emboscada dos guerrilleros na Angónia. Fizeram um muerto." Fez uma pausa. "O helicóptero trouxe o cuerpo."

"Sim, e então?"

Um novo silêncio ao telefone tornou subitamente claro que ela sabia que a notícia que tinha para

dar ia chocar o director do hospital.

"Fue o comandante Trovão, doutor."

O furriel estava de calções e tronco nu a escrever uma carta quando sentiu uma presença na tenda. Levantou a cabeça e deparou-se com um rapaz alto e magro, impecavelmente fardado de camuflado e com um rosto ossudo e juvenil, o cabelo castanho a espreitar por baixo do boné em madeixas levemente encaracoladas nas pontas; trazia as insígnias de furriel nos ombros e uma enorme mochila às costas.

"Olaré!", exclamou o homem em tronco nu. "Temos aqui o Paulo de Carvalho ou quê?"

O recém-chegado deteve-se, admirado com a referência ao cantor da moda, vedeta emergente do Festival RTP da Canção que se transformara já no ai-jesus das miúdas da Metrópole, e olhou em redor para ver se havia ali mais alguém. Não havia, pelo que concluiu que era a ele que o camarada se referia.

"Paulo de Carvalho?"

"Sim, Paulo de Carvalho", insistiu o homem em tronco nu. "És a cara chapada do gajo, pá." Soltou uma gargalhada. "Não me digas que também cantas. Ora canta lá!..." Sem esperar pela resposta, pôs-se ele mesmo a trautear a melodia que por essa altura animava as emissões de rádio de Lisboa: "Na mesma rua, na mesma cor, passava alegre, sorria amor..."

Ignorando a voz esganiçada, o intruso verificou um documento e pousou a mochila no catre correspondente ao número que vinha assinalado no papel. Depois sentou-se no catre e, descontraído o corpo, soltou um gemido de satisfação.

"Ah! Até que enfim!"

O homem de tronco nu não apreciou aquele à-vontade e, parando de cantar a meio de uma estrofe, soergueu-se no catre.

"Olha lá, esse lugar não é teu!"

"A partir de agora é."

"Não é não. Esse lugar pertence a um camarada que... a um camarada nosso."

O recém-chegado franziu o sobrolho.

"Um camarada que se foi numa emboscada", completou. "Eu sei. Vim destacado para o substituir."

O homem de tronco nu imobilizou-se, como se analisasse o que sentia e ponderasse o que fazer. A ocupação do catre do amigo caído suscitava nele emoções contraditórias; por um lado, parecia-lhe desrespeitar a memória daquele que morrera, por outro, constituía um sinal inequívoco de que a vida continuava. Respirou fundo, resignando-se à inevitabilidade de que na tropa havia mesmo vida depois da morte.

"Como te chamas?"

"Diogo", respondeu o novo furriel. "Diogo Meireles."

"És checa?"

A pergunta extraiu de Diogo uma expressão interrogativa.

"O quê?"

"Perguntei-te se és checa! Maçarico, novato..."

O recém-chegado percebeu.

"Ah, sim. Acabei de chegar da Metrópole."

"Mais um aramista, portanto."

Diogo estranhou a palavra. "Hã?"

"O que vens cá fazer, pá? Tratar da contabilidade, ajudar na cozinha, despachar processos administrativos?..."

Aquela lista de operações suscitou uma gargalhada do novato.

"Quais processos administrativos?", admirou-se Diogo, a face contorcida num esgar irónico. "Que

eu saiba venho aqui para combater."

"Portanto não vais ficar atrás do arame farpado?!"

"Só se me obrigarem."

O homem de tronco nu assentiu, como se assim tivesse completado o retrato do novo ocupante da palhota dos furriéis, e endireitou-se no catre.

"Eu sou o Alexandre", apresentou-se. "Mas todos aqui me chamam Chaparro. Tal como tu, também não sou um aramista."

Diogo reconheceu o nome.

"Ai tu é que és o Chaparro? O capitão disse-me que me ias entregar a arma..."

Estas palavras fizeram Chaparro revirar os olhos de enfado. Após um suspiro longo e paciente, o homem pousou a caneta e o papel e quase arrulhou de preguiça só por causa do esforço que teve de fazer para se pôr em pé. Coçou os abundantes pêlos do peito e lançou um olhar ressentido na direcção do recém-chegado, como se o recriminasse pelo trabalho que já lhe estava a dar. Depois meteu os dedos dentro dos calções e coçou também os pêlos da púbis enquanto resmungava umas palavras incompreensíveis que culminaram numa referência quase inaudível ao que parecia "estes malditos chatos". Diogo ficou sem saber a que chatos se referia o camarada, se ao recém-chegado que já lhe estava a dar trabalho, se aos que lhe faziam comichões. Depois Chaparro ajeitou as cuecas e os calções, puxando-os para cima, cheirou a ponta dos dedos com que se coçara, murmurou "hmmm... belo perfume!" e saiu da palhota com um breve "já venho!"

Chaparro não tinha ar de ser pessoa particularmente rigorosa, mas o facto é que a promessa foi cumprida e o homem em tronco nu voltou alguns minutos depois com uma G3 e um cunhete de madeira carregado de granadas e munições.

"Tens aqui o material de trabalho", anunciou, estendendo a espingarda-automática ao recém-chegado. "Pega lá na companheira." Atirou a caixa das munições para o lado do catre. "E aqui tens as ameixas e os pirolitos. Trata do material com o mesmo amor com que cuidas dos tomates, ouviste?"

Diogo sentou-se no catre e sentiu o peso da G3. Passou o indicador pelo interior do cano e logo a seguir verificou o dedo; vinha sujo, o que significava que teria de passar algum tempo a limpar a arma. Cheirou a espingarda automática e percebeu também que teria de ser oleada.

"Olha lá, Chaparro", disse, sem tirar os olhos da G3. "Isto é o BART, não é?"

O furriel que lhe entregara a arma e as munições mantinha-se displicentemente de pé diante do catre, talvez com preguiça de percorrer os cinco metros de volta ao seu lugar.

"Iá, porquê?"

"Que eu saiba, BART significa Batalhão de Artilharia." Fez um gesto a indicar a entrada da palhota. "Mas lá fora não vi nenhum canhão..."

Chaparro soltou uma gargalhada ruidosa que logo se transformou num ataque de tosse.

"És um cómico, pá", exclamou logo que recuperou o fôlego. "Esta merda chama-se artilharia, mas aqui só há infantaria."

"Então porque lhe chamam artilharia?"

O camarada encolheu os ombros.

"Sei lá!", disse com aparente indiferença. "Tá tudo doido, pá. Nada neste buraco faz sentido!..."

"Também não é bem assim", contrapôs Diogo, habituado pelas contingências da alta competição a rejeitar posturas pessimistas; um campeão pensa sempre positivo, era o seu lema. "Pode ser que haja coisas que não façam sentido, mas a verdade é que a nossa missão aqui é importante. Precisamos de conquistar a mente e o coração das populações. Para isso é necessária uma atitude civilizadora, não uma..."

Com um gesto inesperado, Chaparro arrancou-lhe a arma das mãos. Diogo calou-se, surpreendido. O furriel em tronco nu puxou a culatra, introduziu uma bala na câmara e apontou para a entrada da palhota, preparado para abrir fogo.

"Atitude civilizadora?", rosnou. "Aqui a regra é estar pronto para matar, ouviste?" Desviou o olho da mira para o recém-chegado. "Essas aldrabadas que acabaste de papaguear não passam de conversa para tolos. Isto é o mundo real, não são as fantasias que te ensinam na instrução." Fez um gesto com a cabeça, a indicar o catre de Diogo. "Sabes porque quinou o camarada que antes ocupava o teu lugar? Porque tinha maningue paleio, mas não estava preparado para matar. Essa é que é a verdade. Se quiseres saber o que acontece a quem não mata, a resposta é simples: é morto." Baixou a arma e devolveu-a. "Se não estás preparado para matar, é melhor que te prepares. Entendido?"

"Sim."

Chaparro deu meia volta e arrastou-se até ao seu catre. Antes de se deitar, voltou a meter a mão pelos calções e coçou novamente os pêlos da púbis, desta vez num frenesim vigoroso.

"Porra p'rós chatos!"

A vida no Chioco cedo se adivinhou de um tédio indescritível. A posição fortificada situava-se algures no meio do mato, no final de um longo trilho que partia da estrada entre Tete e o Songo e desembocava num leito de rios secos que só se enchiam na época das chuvas.

O BART, nome pelo qual era conhecido o Batalhão de Artilharia 7220, tinha o comando instalado em Changara, uma terriola na estrada entre Tete e Vila Pery que permitia controlar também o acesso vital à Rodésia, mas dispunha de companhias instaladas noutras posições ainda mais isoladas, como Chinanga, Chihande e Chioco.

Na primeira manhã após a chegada, Diogo foi dar uma volta pelo posto do Chioco. Depressa descobriu que se tratava de um espaço exíguo rodeado de trincheiras e arame farpado e preenchido por palhotas, casotas e tendas com funções diferentes. Algumas serviam de dormitório, numa fora instalado o comando, outra era a secretaria, uma terceira o refeitório; havia ainda a enfermaria, a cozinha, o centro de transmissões, a oficina auto e a despensa. O paiol, que requeria cuidados especiais por causa dos bombardeamentos por morteiros e por canhões sem recuo, fora escondido em instalações subterrâneas devidamente protegidas e camufladas.

"Olha lá, ó Chaparro", chamou Diogo depois de percorrer pela primeira vez todo o perímetro. "Onde é que... enfim, onde é que a malta se... se alivia?"

"Queres cagar?"

A pergunta formulada assim de forma tão embaraçosamente directa embarrancou o recém-chegado. Diogo tentou fingir um ar natural, mas não conseguiu ocultar um leve rubor.

"Quer dizer... sim."

Chaparro, que acordara pouco antes e já andava outra vez de calções e tronco nu a coçar os abundantes pêlos que lhe espreitavam pelo corpo, fungou e escarrou para o lado.

"Se fosse a ti, aguentava o cagalhão."

Diogo fez um ar admirado.

"Ora essa! Porquê?"

O camarada respondeu com um gesto, indicando-lhe que o seguisse. Caminharam os dois entre as tendas e as duas palhotas dos furriéis até atingirem o limite do perímetro no sector junto ao leito dos rios secos. Numa elevação antes de a terra se inclinar para o leito viam-se três casinhas de madeira protegidas por sacos de areia.

"Anda cá, ó Paulo de Carvalho", disse Chaparro, dando-lhe com os dedos sinal de que se aproximasse ainda mais. "Estás a sentir este aroma revigorante?"

Diogo já se havia apercebido do fedor das fezes ainda antes de chegarem ao local.

"Então não?"

Chaparro indicou as três casinhas.

"São aqui as latrinas", anunciou. Apontou para o leito seco e para a vegetação na outra margem.

"Como vês, é uma posição maningue exposta. Às vezes os turras escondem-se do outro lado e entretêm-se a disparar para as latrinas enquanto a malta se esforça por depositar a flor. É por isso que só se deve vir aqui quando a noite cai."

"Estou a ver."

Os olhos de Chaparro, sujos de ramela, desviaram-se das latrinas para o recém-chegado.

"Ainda queres arrear o calhau?"

Diogo coçou a cabeça e avaliou a pressão no ventre; havia alguma urgência na coisa. Por outro lado, não podia ignorar o problema do espaço aberto por trás das latrinas; era de facto extraordinariamente exposto. O que fazer? Embrenhado no dilema, lembrou-se que talvez na enfermaria houvesse algum comprimido que lhe permitisse adiar a aflição as horas suficientes até a noite cair.

"Se calhar é melhor esperar."

Aguentou de facto até ao crepúsculo e aproveitou ainda a luz do lusco-fusco, quando rasgavam já o horizonte vigorosas pinceladas de ouro, carmim e roxo, para aliviar os intestinos sem ter de enfrentar a situação na treva absoluta. Fê-lo em luta tremenda com as moscas que enxameavam as latrinas e uma complicada ginástica para não tocar com as nádegas em qualquer parte da casinha imunda, enquanto das casinhas vizinhas vinham os gemidos e os suspiros dos camaradas que aproveitavam igualmente os derradeiros raios de Sol para esvaziarem o ventre.

Percorreu depois o posto aos tropeções e às apalpadelas, quase como um bêbado, uma vez que a noite se abatera sobre o mato com rapidez fulminante. Consolava-se com o reconfortante pensamento de que se encontrava praticamente invulnerável; sem luz para a guiar, nenhuma bala inimiga o podia atingir.

Localizou o casebre do refeitório e, embora constatando que era o primeiro a chegar, entrou e sentou-se num banco a aguardar a hora de jantar.

Os outros homens foram chegando em grupos e os primeiros admiraram-se por se deparar com alguém às escuras.

"Então? Não ligas a luz?"

A pergunta surpreendeu Diogo. Que ele soubesse não havia electricidade no posto.

"Qual luz?"

A pergunta gerou uma gargalhada.

"A das bazucas, pá. Não tens aí nenhuma?"

Bazucas? A referência ao lança-granadas de ombro deixou-o estupefacto. Como poderiam as bazucas iluminar a tenda? De que estariam os camaradas a falar?

"Uh... não", gaguejou, preferindo não desvendar a sua ignorância. "Não tenho aqui nenhuma."

"Ora essa!", espantou-se um soldado. "Não tens nenhuma? Vai à geleira, pá! Há lá maningue bazucas."

Geleira?

"Ah, está bem", disse Diogo, fingindo-se ainda entendido mas sem nada entender. "Pois é, tens razão!..."

Os soldados ficaram a observá-lo, surpreendidos também eles com o inopinado diálogo; era manifesto que o camarada que haviam encontrado na tenda não fazia a menor ideia de nada e isso despertou neles uma ponta de desconfiança. Seria um turra? Ali na escuridão era difícil descortinar-lhe as feições, pelo que o receio de uma infiltração do inimigo lhes aflorou a mente. Porém, notaram que o

desconhecido falava um português metropolitano, até com um sotaque do Porto. Turra não podia ser. Não havia turras em Cedofeita...

"E o checa, pá!", exclamou por fim um deles. "O novo furriel que chegou ontem, caraças!"

A descoberta desencadeou uma galhofa de alívio, com os soldados a cobrirem as costas de Diogo de palmadinhas e a pedirem desculpa por não o terem reconhecido. Um deles dirigiu-se à ponta da tenda e abriu um frigorífico alimentado a petróleo; a luz do interior recortou-lhe a silhueta, mostrando-o de cócoras a voltar-se para trás.

"Meu furriel, está a ver isto?", disse, indicando o frigorífico. "Aqui em Moçambique chama-se geleira!" Apontou as garrafas de cerveja Manica arrumadas no interior, tão alinhadas que pareciam soldados na formatura. "E isto são bazucas!"

O soldado tirou uma garrafa e arrancou-lhe a carga, passando a Manica de mão em mão até todos a esvaziarem. Arrotaram quase em uníssonos, riram-se com o feito e um deles começou a despejar um líquido na garrafa; pelo cheiro intenso e característico, Diogo apercebeu-se de que se tratava de petróleo. Depois enfiaram um trapo pelo gargalo e um outro acendeu um fósforo, pegando fogo à torcida de pano. A garrafa emitiu um clarão trémulo que iluminou toda a tenda, projectando sombras bamboleantes na lona.

"Já está!", exclamou o primeiro soldado ao pousar a garrafa no centro da mesa. "Ligámos o gerador."

Um outro soldado fez sinal ao furriel, indicando o fio de fumo que vinha do trapo a arder.

"Sente este cheirinho da bazuca?"

Diogo inspirou e registou de imediato o odor acre a petróleo queimado.

"Sim."

"É a outra vantagem de usar bazucas à noite", disse o homem, arqueando as sobrancelhas para sublinhar a astúcia da coisa. "Põem logo os mosquitos em sentido."

O jantar não foi refeição que entusiasmasse um gourmet. Galinha-do-mato com arroz branco e feijões, tudo regado a bazuca num ambiente surreal, com a tenda iluminada pelo halo espectral que cabriolava no gargalo das garrafas ateadas.

Enquanto mastigava uma coxa, Diogo pôs-se a observar os homens sentados à mesa, as feições dos rostos a bailarem com a penumbra ao ritmo do hálito trémulo das chamas que adejavam pela mesa sobre as garrafas. Apercebera-se já durante o dia da mistura racial que havia na companhia, pormenor que confirmou ao jantar. Metade dos camaradas de armas eram brancos e a outra metade negros ou mulatos de Moçambique. O facto pareceu-lhe natural; não era o regime que dizia que Portugal se estendia do Minho a Timor? No que lhe dizia respeito, o seu país era de facto imenso: começava no Rego da Água e terminava no Chioco.

"Atã mê furriel?", quis saber um dos soldados. "Nã está boa a galinha? Nã quer mais? Olhe que també tem aqui pão e queije..."

Um algarvio, percebeu.

"Estou bem, obrigado."

A interpelação despertou-o para a multiplicidade de sotaques entre os camaradas da Metrópole. Reparou que alguns soldados brancos comiam com as mãos, a face tão inclinada para a frente que o nariz quase tocava no prato, e mastigavam ruidosamente de boca aberta; sem surpresa, constatou que Chaparro era um deles.

"De onde és tu, Chaparro?"

"Do Redondo."

Dirigiu a mais três camaradas brancos a pergunta sobre as suas origens e percebeu que muitos

desses homens da Metrópole, se não mesmo a maioria, eram gente do campo, agricultores que a guerra arrancara de Trás-os-Montes, da Beira Interior ou do Alentejo e atirara para o meio do mato em Africa.

Realmente!, raciocinou, os olhos a deambularem entre os soldados rudes que jantavam com grunhidos, arrotavam em abundância e limpavam a boca às costas das mãos. Como levar a cabo a missão civilizadora se os próprios civilizadores precisavam de ser civilizados?

As fardas que habitualmente se viam no hospital de Tete eram os camuflados militares, mas quando naquele início de tarde José Branco e a mulher chegaram apressadamente às urgências depararam-se com uniformes da PSP por toda a parte. A consternação era geral e Mímicas, que até então se recusara a acreditar na notícia, começou a chorar por ver nos rostos carregados dos polícias a confirmação do que o marido lhe anunciara minutos antes.

A irmã Lúcia passou nesse instante pelo pátio com um balde de água e o director interpelou-a.

"Onde está o Trovão?"

A freira indicou com a cabeça uma porta das urgências reservada ao pessoal do hospital.

"Lá dentro."

José meteu pela porta e entrou numa sala onde se encontrava um corpo deitado sobre uma marquesa. Reconheceu o amigo e sentiu um nó apertar-lhe a garganta. Nem se conseguiu aproximar, como se uma barreira invisível o impedisse de avançar um passo que fosse. Deu meia volta e, contendo as lágrimas, saiu precipitadamente do edifício e juntou-se a Mímicas.

"Doutor Branco", chamou uma voz.

Ainda abalado, o médico voltou-se e reconheceu o homem fardado que o interpelara; era o tenente Lopes, subcomandante da PSP. Vinha com a camisa desfraldada e parecia desorientado.

"Senhor tenente", cumprimentou-o. Aquela era provavelmente a pessoa com quem mais precisava de falar naquele instante. "O que aconteceu?"

O tenente Lopes tirou o boné e limpou com as costas da mão a transpiração que lhe escorria em abundância pela testa.

"Foi esta manhã na Angónia", disse. Já tinha repetido vezes sem conta a mesma história em poucas horas, mas era como se precisasse de a relatar de novo. "O senhor comandante Trovão tinha ido lá para fazer uma visita de inspecção. Quando iniciou o caminho de regresso, os turras apareceram de surpresa na berma da estrada e metralharam a coluna no momento em que os carros iam a passar." Baixou a voz. "Ele foi atingido de lado."

"Teve morte instantânea?"

O tenente abanou a cabeça.

"Não."

O director do hospital suspirou, deprimido. Tal como no instante em que a irmã Lúcia lhe havia dado a notícia, lembrou-se da última vez que vira o amigo. Fora dois dias antes, no sábado, depois de terem jantado em casa dele. Trovão e Carolina, que estava grávida de um segundo filho, tinham ido à porta despedir-se. A derradeira imagem que guardava dele, apercebeu-se, era um aceno.

"Há uma coisa que não entendo, tenente", disse José, quebrando o súbito mutismo imposto pelas reminiscências. "O jipe do comandante Trovão não é blindado?"

O tenente Lopes assentiu.

"Foi um azar dos diabos, doutor. O administrador da Angónia quis falar com o senhor comandante e convidou-o a ir para o carro dele, que não é blindado, durante a parte inicial do percurso. De modo que à frente seguia o carro do administrador e atrás vinham os jipes blindados. Quando os turras atacaram, dispararam sobretudo sobre o automóvel. O senhor comandante estava do lado errado dos assentos traseiros e foi atingido, mas o administrador safou-se."

Não havia muito mais a dizer. A conversa fora até ali acompanhada em silêncio por Mimicas. "A Carolina deve estar devastada", observou ela enquanto abanava a cabeça. "Que horror!..." O tenente Lopes pigarreou, quase embaraçado.

"Receio que a esposa do senhor comandante ainda não tenha sido informada", disse. "Foi uma grande confusão esta manhã e a nossa prioridade era trazê-lo aqui para o hospital. Agora temos de tratar das formalidades e... e informar a família."

José e Mimicas entreolharam-se, sentindo a responsabilidade. Eram amigos pessoais do casal Trovão e não gostariam que a notícia fosse dada a Carolina de uma forma oficial.

"Isso não pode ser assim", murmurou Mimicas, respirando fundo como se se preparasse psicologicamente para o que a esperava. "Temos de ser nós."

Fizeram em silêncio o caminho até casa dos Trovão, uma vivenda de traça colonial relativamente perto do rio. Estacionaram por baixo de uma árvore, mesmo ao lado da esquadra da PSP, e, controlando o nervosismo, assomaram ao portão.

Carolina estava sentada no quintal a gozar a sombra fresca de uma mangueira e a ler um policial que tinha pousado no regaço, era um livro de Agatha Christie, enquanto a mão esquerda afastava distraidamente as moscas que zuniam em redor. O filho brincava com carrinhos no chão, os joelhos sujos de lama e poeira, o cabelo loiro a refulgir ao sol.

Ao aperceber-se de que alguém acabara de abrir o portão, Carolina levantou os olhos para ver de quem se tratava. Estranhou que fosse o casal Branco, não era habitual José e Mimicas visitarem-na àquela hora, mas pensou que isso não era impeditivo de que se revissem; afinal todas as ocasiões são boas para que os amigos se juntem. Pousou o livro no chão e levantou-se de pronto, exibindo a enorme barriga de grávida, e acolheu-os com um sorriso luminoso.

O sorriso, porém, não veio retribuído. Foi justamente nesse instante, ao identificar um estranho olhar opaco que nublava o semblante fechado dos visitantes, que Carolina tomou consciência de que havia algo de profundamente errado e sentiu as pernas fraquejarem.

"Aconteceu alguma coisa?"

Enquanto manobrava o volante do automóvel no trajecto de regresso a casa, José ia ponderando se deveria ou não refazer os planos para o resto da semana. Seguia sozinho no carro, uma vez que Mimicas havia ficado com Carolina para a apoiar no que fosse necessário, e avaliava as vantagens e os inconvenientes de cada uma das duas opções que tinha em mente.

"Vou?", murmurou entre dentes, falando para si próprio como se desse modo conseguisse raciocinar melhor. "Ou não vou?"

O plano de voo do Serviço Médico Aéreo previa que partisse na madrugada seguinte, terça-feira, e saltasse por todo o distrito até ao regresso, ao final da tarde de sexta. Deveria manter o plano ou seria melhor cancelar tudo? Sentia-se perturbado com a morte do amigo e tinha dificuldade em ver as coisas com clareza.

Considerando a sua relação com o comandante Trovão e a necessidade de apoio à família, o cancelamento das operações aéreas durante essa semana era sem dúvida o mais aconselhável. Quando se inclinava para esta opção, todavia, o outro lado da questão fazia-se ouvir na sua mente. Então e as centenas de pessoas que iam ficar nessa semana sem assistência médica devido à suspensão do Serviço Médico Aéreo? E se algumas morressem porque o médico decidira não aparecer? Como poderia ele viver com isso? Estas interrogações inclinavam-no inexoravelmente no sentido oposto. Contudo, quando se decidia a manter o plano, o rosto do comandante Trovão formava-se na sua mente e concluía que ninguém, a começar por ele próprio, compreenderia a sua ausência no funeral e no apoio à família.

"Vou ou não vou?"

Encontrava-se ele em pleno processo de indecisão sobre como proceder quando chegou ao alto da colina. Poderia ter prosseguido para casa, como de resto era a sua intenção inicial, mas que iria ali fazer se nem sequer Mímicas lá se encontrava? Optou assim no último instante por virar à esquerda e meteu-se pela estreita passagem entre o hospital e a farmácia.

Estacionou no pátio interior e abriu a porta para sair, mas logo que tirou uma perna do carro viu o rosto bolachudo da irmã Lúcia abeirar-se da janela do automóvel. Vinha ofegante.

"Doutor, temos um problema!"

"Então? Que se passa?"

"Vieram aí dois homens da polícia para si."

O médico esboçou uma careta de estranheza.

"Polícia? Para mim?"

A freira espanhola confirmou com um curto aceno afirmativo.

"Quieren bablar consigo."

O médico lançou um olhar pensativo na direcção das urgências, onde permanecia o corpo de Trovão.

"A PSP deve querer a certidão de óbito."

Lúcia abanou a cabeça, enfática.

"Não era a PSP, doutor", afirmou. "Era a PIDE."

A rapariga negra alçou os olhos brilhantes para Diogo e sorriu; tinha um rosto fresco e agradável, com linhas simétricas e dentes reluzentes. O contacto dos olhos durou um segundo, instante breve mas suficientemente longo para o efeito desejado, e logo ela os baixou, fingindo concentrar-se no pilão. O furriel estacou junto à vedação e estudou-lhe o corpo curvilíneo.

A rapariga estava em tronco nu, pelo que o militar se pôs a apreciar-lhe os seios que saltitavam ao ritmo das batidas desferidas no pilão; eram seios voluptuosos, com os mamilos em pipeta, quase tão suculentos como os da Guidinha, a Lollobrigida de Espinho. Um novo olhar convidativo da negrinha deixou-o a rebentar de desejo; tinha de a possuir.

A rapariga mostrou-lhe de novo os dentes e Diogo devolveu-lhe o sorriso, deixando-a assim saber que ela lhe agradava. Gostaria de lhe falar, mas o arame farpado e o pilão eram uma barreira. Além do mais, tinha de se despachar porque precisava de se preparar para a missão dessa tarde. Voltou a levantar o saco e, lançando uma derradeira espreitadela aos seios apetitosos que balouçavam sobre o pilão, retomou o caminho ao longo da vedação que separava o posto do Chioco do vizinho aldeamento civil que o GPZ ali havia construído.

Quando chegou junto do portão, procurou o mainato no outro lado.

"Ó chefe!", chamou ao vê-lo sentado à entrada de uma palhota. "Já tens a farda pronta?"

O mainato olhou para ele e o rosto abriu-se.

"Sim, patrão."

O negro desapareceu na palhota e voltou logo a seguir com um tacho na mão esquerda e um camuflado embrulhado num plástico na outra. Estendeu a farda através da vedação e Diogo cheirou-a; vinha limpinha e bem passada. Sorriu aprovadoramente e ainda pensou em vestir pelo menos a camisa, mas reconsiderou e embrulhou a farda num pano. Estava ali havia algumas semanas e já se habituara ao "fardamento" tradicional do Chioco: calções, sapatilhas, boné e tronco nu. O camuflado, lavado e passado pelo mainato, só seria usado quando saísse na patrulha dessa tarde; não valia a pena sujá-lo enquanto estivesse no aquartelamento.

Diogo apercebeu-se de que o mainato espreitava com um toque de impaciência o saco que trouxera; devia estar com fome. O furriel pegou no saco e estendeu-o por entre os arames da vedação.

"Hoje é um peixe maningue bom que veio lá da Metrópole", anunciou-lhe. "Nunca ouviste falar de bacalhau?"

O negro abriu o saco e despejou no seu tacho o bacalhau à Gomes de Sá que o militar lhe entregara.

"Não, senhor."

"Então tu e a tua família vão provar agora. Pus também aí dentro pão e uns rebuçados para os miúdos."

"Obrigado, patrão" O mainato hesitou. "Tem problema com um dos filhos, patrão."

Diogo soergueu a sobancelha.

"Problema? Que problema?"

"Tem dor na barriga."

O furriel olhou de relance para a tenda do posto médico. A porta estava fechada.

"Eh, pá! A consulta para a população é amanhã. O miúdo não aguenta até lá?"

"Chora muito, patrão."

O tom do mainato transmitia alguma urgência. Diogo voltou a lançar um olhar para o posto médico. Uma vez por semana o posto abria-se à população para uma consulta e isso seria já no dia seguinte, mas claro que estava sempre disponível para os casos mais urgentes. Seria aquele caso urgente? O olhar do mainato assim dava a entender, pelo que Diogo pegou na farda que lhe fora entregue e, antes de dar meia volta, assentiu com a cabeça.

"Vou chamar o enfermeiro Moscoso", prometeu. "Aparece no posto daqui a meia hora, está bem?"

A patrulha saiu ao princípio da tarde com um guia do aldeamento. Apesar de ter chegado poucas semanas antes ao Chioco e de ser Chaparro o furriel com mais experiência, Diogo assumiu o comando da patrulha. A frente ia o guia e logo atrás seguia ele, a G3 sem bandoleira e sempre apoiada nos antebraços com um dedo colado ao gatilho, e depois vinham os restantes soldados. Chaparro transportava uma pesada HK 21, uma metralhadora de tripé com tiro particularmente nutrido, embora de manuseamento menos fácil devido ao volume e ao peso.

Meteram por um trilho em fila indiana, os olhos sempre atentos a qualquer mina ou movimento suspeito no capim. Caminharam durante uma hora em silêncio, as raras palavras sopradas em sussurro. Diogo ia embrenhado nos seus pensamentos, e sobretudo na visão que tivera junto do arame farpado quando fora levar a comida ao mainato. A negra do pilão ficara-lhe na retina, mas não sabia ainda lidar com a situação.

"Olha lá, ó Chaparro", disse de repente, voltando-se para trás. "Como é no aquartelamento com... com as gajas?"

O furriel de Redondo fez um ar admirado.

"Quais gajas?"

"Ó pá, nós temos um aldeamento ao lado do aquartelamento, não temos? O aldeamento está cheio de gajas. Qual é o esquema com elas?"

"As pretas? Não há esquema nenhum. Se te meteres com uma delas, vais contra as normas."

Diogo fez uma careta descrente.

"Oh, isso são as normas... Mas como é a coisa na verdade? Consegue-se dar umas pinocadas?"

"Conseguir, consegues", disse Chaparro com um encolher de ombros. "As tipas não se armam em esquisitas e se puderem ferram-te mesmo o dente. Um branco é um passaporte para outra vida, não é? O problema é se a coisa se sabe. O capitão chama-te logo e vais ter chatices por violares as normas."

Diogo meditou um instante sobre o que acabara de ouvir.

"Mas que raio de normas são essas?", quis saber. "Quando fiz a recruta na Metrópole li os

regulamentos de uma ponta à outra e não me lembro de ver lá nada sobre isso. Onde estão essas normas escritas?"

Chaparro riu-se baixinho.

"Ó palerma, estou a falar de normas de conduta. Um militar decente não se mete com as indígenas."

A observação deixou Diogo a pensar. Caminharam mais algum tempo num silêncio pensativo, o furriel com os olhos no caminho mas a mente na negra do pilão. O corpo exigia-lhe que se aproximasse dela, mas percebia que se o fizesse a coisa saber-se-ia, num meio tão pequeno. Isso pelos vistos não o ajudaria a conquistar a simpatia do capitão, o que lhe poderia valer chatices e talvez alguns trabalhos indesejáveis, a começar pela limpeza das latrinas.

"Portanto", disse cinco minutos depois, retomando a conversa como se ela nunca tivesse sido interrompida, o que até era verdade no que dizia respeito ao diálogo que não cessara na sua mente.

"Quanto a gajas, não há nada para ninguém!..."

"Quer dizer... podes sempre arriscar, não é? O problema não é comer uma preta, é ser apanhado a comê-la."

"Já despachaste alguma?"

O furriel voltou a rir-se.

"Não posso dizer!..." "Vá lá."

"Olha, se queres comer uma gaja sem arranjar chatices com a hierarquia, vai ao Maxim."

"Que é isso?"

"É a boite de Tete." Sorriu. "O local preferido dos camaradas que a ditosa pátria desterrou neste buraco. Entras no Maxim e aquilo é um mar de fardas. E gajas boas, claro."

"Costumas ir lá?"

Foi a vez de Chaparro se manter momentaneamente calado, como se ponderasse o que podia ou devia revelar.

"Ó Paulo de Carvalho", acabou por dizer, "onde pensas tu que apanhei a porra destes chatos?"

O guia ergueu de repente a mão, fazendo sinal para parar. O grupo de combate imobilizou-se, a atenção aguçada e os olhos a dardejarem em todas as direcções. Diogo aproximou-se do homem.

"Que se passa?"

"Picada minada, patrão."

O furriel examinou o trilho, esforçando-se por destrinçar a presença de qualquer dispositivo suspeito, mas nada detectou.

"Onde?"

"À frente", indicou o guia, dizendo o óbvio. Fez sinal para o capim em redor. "Melhor dar volta pelo mato."

Diogo lançou um novo olhar perscrutador ao trilho, mais uma vez sem resultados. Na dúvida, porém, parecia-lhe melhor fazer o que o guia dizia; a mina podia estar escondida por baixo de folhas ou ser accionada por um fio esticado no caminho. A verdade é que não tinha maneira de saber e se o guia dizia que via ali uma mina talvez não fosse má ideia admitir essa possibilidade.

Ergueu o braço e fez sinal ao grupo de combate para que o seguisse fora da picada. Indicou ao guia que mostrasse a direcção e acompanhou-o pelo capim, contornando o trilho. Andaram assim pelo mato cerrado em fila indiana durante algumas centenas de metros até que o guia retomou a picada num ponto mais à frente e prosseguiram caminho.

Ainda intrigado, o furriel tomou nota do troço no mapa e inquiriu Chaparro.

"Viste ali alguma mina?"

"Não."

"Então como pode ele ter dito que aquele troço estava minado?"

Chaparro suspirou, como se achasse a pergunta ingénua, e fez uma curta pausa para considerar o melhor modo de explicar as coisas àquele furriel checa.

"Olha lá, onde é que o guia vive?"

"No aldeamento."

"Que está infiltrado pelos turras, pá."

Mais do que surpresa, a revelação gerou no rosto de Diogo uma expressão de absoluta incredulidade.

"Estás a gozar!..."

"Achas que sim? Nunca ouviste os cães do aldeamento ladrar à noite? Nunca te interrogaste sobre o motivo por que o fazem?"

"Confesso que não..."

"Os cães ladram porque sentem os turras a entrar no aldeamento para dormir, pá. Os gajos dormem ao lado do nosso aquartelamento!"

A afirmação deixou Diogo perplexo. Todas as noites ouvia de facto os cães a ladrar, ainda na véspera isso havia acontecido, mas nunca prestara grande atenção ao caso.

"Ai sim? E o capitão sabe?"

"Finge que não sabe", sorriu Chaparro. "Mas toda a malta no Chioco tem perfeita noção do que se passa."

"Então porque não vamos lá buscá-los?"

"A quem? Aos turras? Para quê?"

Embora Diogo estivesse atónito com a sucessão de revelações, o que o deixava verdadeiramente estarecido era sobretudo o facto de aquele militar se comportar como se tudo aquilo que estava a dizer fosse normal.

"Para os prender, claro!", exclamou, quase a elevar a voz. O guia lançou-lhe um olhar de repreensão e o furriel, percebendo que violara perigosamente as regras de silêncio da patrulha, baixou o tom. "Se sabemos onde os turras estão", sussurrou, "temos de os ir lá buscar!..."

"Achas que sim? E depois sabes o que nos acontece? Os gajos retaliam e põem-se a lançar morteiradas para o aquartelamento todas as noites e a vida torna-se um inferno."

"E então? A malta manda uma patrulha localizar os morteiros e acaba com eles."

"E os tipos montam-nos uma emboscada no caminho e depois cavam. Quando a patrulha chegar ao local já não estão lá os morteiros e quando regressar ao aquartelamento as granadas começam outra vez a cair. Toda a noite. E na noite seguinte também."

Apanhado no fogo cruzado da argumentação, Diogo sentiu-se enredado num colete-de-forças que lhe tolhia os movimentos. Suspirou de frustração e impotência.

"Se assim é, os aldeamentos não servem para nada!", concluiu. "Andamos com este esforço todo para construir os aldeamentos e arrebanhar as populações para as meter lá e no fim verificamos que eles estão todos contaminados. Então é melhor acabar com a porra dos aldeamentos!..."

"Não é bem assim", corrigiu Chaparro. "Com os aldeamentos ao menos temos a possibilidade de os controlar e de exercer uma acção psico que nos ajude a conquistar as populações."

"Como dar-lhes acesso ao posto médico?"

"Por exemplo, mas não só. Não te esqueças de que a generalidade das populações do distrito de Tete nos são adversas, ao contrário do que se passa por exemplo em Nampula. Têm por isso de ser controladas e os aldeamentos servem essa função às mil maravilhas." Deu mais uns passos, pensativo. "E

é preciso não esquecer que há outras vantagens." Apontou para o guia que ia mostrando o caminho pela picada. "Este gajo, por exemplo. Perguntaste como sabia ele que o troço estava minado. Será que viu a mina? A resposta é não. O que se passou foi que, antes de sair com a nossa patrulha, o gajo foi perguntar aos turras quais os troços que devia evitar."

O furriel cravou os olhos nas costas do guia, examinando-o como se esperasse vê-lo de repente voltar-se com uma Kalashnikov nas mãos.

"A sério?"

"Não duvides", assentiu o militar. "O gajo pode não ser turra, mas é pelo menos amigo dos turras ou tem medo deles." Olhou de relance para trás, verificando a posição do resto do pelotão. "E sabes que mais? Ainda bem! É aliás graças a isso que estamos a fazer a nossa patrulha em segurança!..."

Sem desviar os olhos do guia, Diogo mal conseguia ocultar o pasmo.

"A minha alma está parva!"

Chaparro fez com as mãos um gesto de impotência e abriu o rosto num sorriso falsamente ingénuo.

"No mato, pá, o lema da tropa é muito simples, "Vive e deixa viver."

Prosseguiram o resto do caminho em silêncio. O que Chaparro acabara de contar deixara Diogo assombrado. Como era possível que tropa e guerrilheiros dormissem pacificamente a poucas dezenas de metros uns dos outros? Sempre imaginara a guerra de uma simplicidade transparente: os heróis de um lado e os bandidos do outro. Sempre que se encontravam deviam matar-se até os bons ganharem e os maus perderem. Simples e justo. Aliás, bastava ver os filmes de guerra do John Wayne para perceber como tudo era claro, os opostos distintamente recortados, a branco e preto.

Branco e preto.

Como ali em África. Brancos de um lado, pretos do outro. Só que a realidade, como constatava agora que mergulhara nela, não era assim tão linear. Para começar, metade das tropas brancas eram na verdade negras! Como o seu grupo de combate, aliás. Olhou para trás e observou os soldados que o seguiam em fila indiana pela picada. Uns eram brancos, outros mulatos e outros negros; tudo em proporções iguais e equilibradas, até parecia de propósito.

Depois havia o pormenor insólito de, pelo menos no caso dos aquartelamentos nos confins do mato, tropa e guerrilheiro conviverem no mesmo espaço. Pensou subitamente no seu mainato. Seria ele um guerrilheiro? E porque não? O homem tinha uns trinta anos; ainda estava em idade de combater. Quem lhe garantia que o mainato, depois de lhe entregar a farda lavada e de comer o bacalhau à Gomes de Sá que lhe dera em pagamento pelo serviço e de ter levado o filho ao posto médico do aquartelamento para ser tratado pelo furriel enfermeiro Moscoso, não saía do aldeamento e ia buscar uma Kalashnikov escondida no mato e se punha também ele a brincar à guerra?

Os olhos fixaram-se de novo no negro esfarrapado que caminhava diante dele. Claro, havia também o problema do guia. Como poderia continuar a confiar nele? É verdade que haviam feito a patrulha em segurança, mas até que ponto é que...

Apercebeu-se de algo estranho do lado direito, entre os arbustos, e ergueu a mão para deter o pelotão. Os soldados ficaram alerta e Diogo saiu da picada, esforçando-se por não fazer barulho. Aproximou-se de um tufo de capim alto e abriu uma nesga na vegetação, estudando o que lhe despertara a atenção.

"Que se passa?", sussurrou-lhe Chaparro ao ouvido.

Diogo apontou para uma área situada entre os arbustos e o camarada conseguiu vislumbrar uma cobertura de colmo em forma cónica.

"Uma palhota", segredou.

O furriel ergueu de novo a mão e fez sinal ao grupo de combate, indicando-lhe que o seguisse.

Com o coração a ribombar, acariciou com o dedo o gatilho da G3 e abriu caminho no capim, progredindo curvado e devagar, atento a qualquer movimento suspeito. Sentiu os homens atrás dele e isso deu-lhe confiança. Caminhou mais uns metros, tendo o cuidado de evitar pôr os pés em ramos secos e estaladiços, e acocorou-se junto ao último arbusto diante da palhota. Espreitou entre os galhos do arbusto e verificou que se tratava de duas cubatas de construção recente. Apercebeu-se então de movimento à porta de uma palhota e viu um desconhecido sair com um balde e acocorar-se diante de um buraco. Ia buscar água a um poço.

Diogo varreu o espaço em redor com o olhar, preocupado em assegurar-se de que os seus homens se encontravam em posição, e fez sinal para avançarem. O pelotão ergueu-se e cruzou a linha de arbustos com as G3 prontas a disparar, invadindo a clareira onde se encontravam as palhotas. O desconhecido que mergulhara o balde no poço olhou para trás e, com uma expressão de susto, apercebeu-se da presença dos soldados. Pôs de imediato as mãos no ar, deixando o balde tombar no poço.

Com aquele homem neutralizado, Diogo penetrou cautelosamente na primeira palhota e revistou-a; além de roupa e de alguma comida, nada mais encontrou. Ao voltar para fora observou Chaparro a sair da segunda palhota com a arma apontada a um rapaz também de mãos erguidas. Havia portanto duas pessoas por ali.

Presumindo que os suspeitos não falavam português, o furriel chamou o guia.

"Pergunta-lhes quem são e o que fazem aqui."

O guia voltou-se para o mais velho e, após uma troca de palavras em nhungué, traduziu as respostas.

"Chamam-se N'gume e Kashuda. Dizem que vivem aqui e estão a cuidar das machambas."

"Eles não sabem que não podem viver fora dos aldeamentos?"

"Dizem que têm fome, patrão", devolveu o guia sem sequer questionar o homem do balde. "Foi por isso que vieram tratar das machambas."

Diogo estudou-os da cabeça aos pés. Tinham um aspecto miserável, era um facto, mas não lhe pareciam esfaimados.

"Pede-lhes os documentos."

O guia traduziu a ordem em nhungué e o mais velho abanou a cabeça e respondeu.

"Não têm documentos, patrão. Dizem que perderam."

Diogo trocou um olhar com Chaparro, que acompanhara toda a conversa e abanava a cabeça com cepticismo. O furriel afastou-se dois passos e o camarada acompanhou-o.

"O que achas, Chaparro?"

"Vivem fora dos aldeamentos em palhotas de construção recente numa zona totalmente contaminada pelo in, estão em idade de combate e não têm documentos?", questionou o oficial miliciano com uma careta céptica. "Hmm... não sei!..."

"Serão turras?"

Chaparro lançou um novo olhar aos dois suspeitos, como se a expressão lhes assentasse à medida.

"Não tenho dúvidas."

"Mas não há prova disso."

O alferes riu-se sem vontade.

"De que provas precisas, pá?", perguntou. "Queres uma folha azul de vinte e cinco linhas em que os gajos declarem por sua honra que são turras, com a assinatura reconhecida presencialmente pelo notário? Claro que não temos prova de nada! E então? Isso não impede que os gajos sejam turras, pois não?"

O comandante da patrulha aproximou-se do guia.

"Eles que nos acompanhem", ordenou. "Vão ser compulsivamente acantonados no aldeamento do Chioco."

Depois foi dar ordens aos seus homens, que até ali se limitavam a garantir a segurança ao perímetro, e dez minutos mais tarde o pelotão voltava à picada com os dois suspeitos. Atrás dos soldados, e conforme o procedimento normal em território hostil, as duas palhotas eram já piras de fogo, tochas cambaleantes que as chamas apunhalavam em golpes ininterruptos, a palha ardente a contorcer-se devagar numa sinfonia sinistra de estalidos.

O mau humor do inspector Aniceto Silva era perceptível pelo semblante carregado e pela forma seca como acolheu o director do hospital. O próprio José sentia-se abatido com a morte do comandante Trovão e presumiu, talvez com razão, que a má disposição do anfitrião e a convocatória para aquela reunião estavam relacionadas com o mesmo assunto.

"Que merda, isto", observou o médico, cabisbaixo. "Acabei de falar com a mulher..."

O inspector deixou-se cair no seu lugar habitual sem sequer convidar o visitante a sentar-se. Mas José nem se apercebeu da descortesia e, movendo-se como um autómato, acomodou-se maquinalmente no sofá, uma expressão fatigada a obscurecer-lhe o olhar.

"É para que veja como isto está, doutor", observou Aniceto Silva. "Eu bem lhe digo que as coisas andam a piorar. Os turras já atacam em toda a parte. Cruzaram o Zambeze, passaram para o Sul do distrito e noutro dia, ao fim destes oito anos de guerra, lançaram o primeiro ataque em Manica e Sofala. Está a ver isto? Estamos em 1972 e os gajos já ameaçam Vila Pery e a Beira!" Abanou a cabeça e olhou para a palma da mão esquerda, fechando-a com um movimento rápido. "Tivemos a guerra quase ganha, caraças! Agora a coisa ameaça descontrolar-se."

O médico lançou-lhe um olhar provocador.

"E porquê, ó inspector?", perguntou em tom de desafio. "Porquê?"

"Porque não trabalhamos de forma adequada as populações", retorquiu o chefe distrital da DGS. Fez um gesto com a mão a indicar a sua secretária. "Ainda há pouco terminei um relatório que vou mandar para Lourenço Marques. Em Nampula conseguimos pôr os macuas do nosso lado, mas aqui não foi feito nenhum trabalho aprofundado com as etnias. Para agravar as coisas, muitos dos nossos administradores não passam de uns brancos retrógrados que não têm a menor preocupação com o bem-estar das populações. Parecem reis absolutos e chegam a dispor dos pretos como se fossem escravos. Quem é que tolera uma coisa dessas? Depois ainda se admiram que a propaganda subversiva do in esteja a funcionar!"

José fitou o interlocutor com a surpresa desenhada na face. Nunca imaginara que um dia ouviria um elemento da DGS a defender os negros, mas isso acabara de acontecer.

"A sua análise parece-me correcta", arriscou. "Mas o senhor está em posição privilegiada de mudar essas coisas..."

O inspector da DGS suspirou e voltou a sacudir a cabeça com uma expressão de desânimo.

"As pessoas acham que, pelo simples facto de sermos da DGS, podemos fazer tudo. Mas isso não é bem assim. Não se mudam mentalidades por decreto e se calhar já vamos tarde." Ergueu um dedo, à laia de alerta. "Isto do Trovão, doutor, foi apenas um aviso. Amanhã podemos ser nós."

"Isto foi é um grande azar, inspector", disse o médico. "Se o Trovão, em vez de ir no carro com o administrador, tivesse mas é ficado no jipe!..."

"Se, se, se!", cortou o chefe distrital da DGS. "Independentemente de todos os 'ses' que se possam imaginar, o facto é que os turras estão a crescer e não estou a ver como podemos ter mão nisto. Qualquer dia põem-se a bombardear Tete."

O médico lançou-lhe um olhar agastado, reprovando aquela observação; parecia-lhe alarmista.

"Que exagero, inspector!"

"Acha que sim?"

"Claro que acho", retorquiu José sem hesitar. "Que eu saiba eles não atacam civis."

"E o carro do administrador da Angónia onde o Trovão ia era o quê?", atirou Aniceto Silva num tom sibilino. "Um tanque de guerra? Uma Berliet?"

O sarcasmo era ajustado, pensou José sombriamente. Lembrou-se que Trovão tinha de facto sido abatido num automóvel civil e isso constituía uma evolução perturbadora; por outro lado, não esquecia que a viatura, sendo civil, era do estado, o que de certo modo a tornava um alvo.

"Bem... a tropa aguenta isto."

O inspector da DGS soltou uma gargalhada sem humor.

"A tropa?", questionou com insolência. "Não me faça rir, doutor!..."

O médico dissera-o por dizer, mas ficou surpreendido com o derrotismo que pressentia no homem mais informado do distrito. Se o inspector se sentia desanimado, boas razões teria para estar assim.

"Porquê? Acha que não?"

"Acho."

"Não diga isso, inspector", exclamou José. "Ainda noutra dia recebi um telegrama de uma irmã minha a dizer que o filho foi colocado num quartel aqui no distrito de Tete, não sei bem onde. Se o senhor me diz que a tropa não aguenta isto..."

"O seu sobrinho é miliciano ou está nas tropas especiais?"

"É miliciano, creio eu."

"Então não tem de se preocupar com os turras", observou o responsável da DGS com acidez. "O

problema dele vão ser as gajas e as Laurentinas."

"Porque diz isso?"

Aniceto Silva comprimiu os lábios finos e olhou de soslaio para o interlocutor, como se ponderasse até onde deveria ir a liberdade das suas observações.

"Ó doutor, a nossa tropa é uma vergonha", desabafou por fim, a boca deformada numa expressão de desprezo. "Muitos soldados têm comportamentos arbitrários com os pretos e as pretas. Às vezes andam bêbados, outras vezes metem-se em tiroteios disparatados e até já os vi a desrespeitarem os superiores sem qualquer sanção disciplinar. Uma vergonha!" Inclinou-se no seu lugar, como se quisesse confidenciar algo. "Noutro dia o Kaúlza veio cá inspeccionar uns quartéis. Sabe o que aconteceu? Os chefes militares deram ordens apressadas aos soldados para vestirem o camuflado e irem dar umas voltas no mato ali perto. O Kaúlza veio, pareceu-lhe que estava tudo bem, foi-se embora e a tropa voltou do mato para a pândega. É esta a tropa que aguenta isto?" Voltou a rir sem humor. "Não brinque comigo!" Recostou-se no seu assento e cruzou a perna, balouçando-a nervosamente. "O estado de espírito da tropa miliciana vai de mal a pior, doutor. Os nossos homens fazem a guerra de braços caídos e só querem é andar nas putas que frequentam ali o... como é que se chama o raio da boíte?"

"O Maxim."

"Isso, o Maxim! E nas raras ocasiões em que vão para o mato, não só não procuram o inimigo como fazem todos os possíveis por não o encontrar!" Abanou insistentemente a cabeça. "Não, doutor. A sua irmã não tem de se preocupar com o filho."

"Não sei se será bem assim", corrigiu José. "Quando ando a viajar por aí chegam-me informações frequentes de combates. Parece-me sinal inequívoco de que a tropa está activa."

O inspector ergueu dois dedos, como se fizesse o V de vitória, mas sem a convicção dos vencedores.

"Isso só podem ser duas coisas", disse. "Ou são os turras a emboscar a tropa ou são os comandos ou os pára-quedaistas ou os grupos especiais de tropas negras atrás dos turras. As forças especiais são as únicas que se mostram activas na perseguição ao inimigo. Os milicianos, esses, querem é tratar da sua vidinha e que ninguém os chateie!... Tome nota do que lhe digo: nesta guerra os comandos, os páras e os GE andam atrás dos turras, os turras andam atrás da tropa e a tropa anda atrás das gajas. É assim que se combate no Ultramar."

"O senhor fala como se a guerra estivesse perdida..."

"Perdida, não direi. Digamos que está ganha em Angola, perdida na Guiné e empatada em Moçambique."

Uma espreitadela discreta ao relógio despertou José para as horas. Já se fazia tarde, a guerra não era a sua especialidade e tinha ainda decisões a tomar sobre as operações dessa semana do Serviço Médico Aéreo.

"Bem, tenho de ir andando", disse, pondo-se de pé. "Gostaria apenas de..."

"Tenha calma, doutor", interrompeu-o Aniceto Silva. "Sente-se! Ainda temos coisas para conversar."

O chefe distrital da DGS manteve-se quieto no seu lugar, sinal claro de que não dera a reunião por concluída. José lembrou-se de que tinha também uns assuntos pendentes para resolver com o inspector, pelo que voltou ao seu lugar.

"Então o que se passa?", perguntou. "Julguei que me tinha chamado para falarmos sobre o Trovão..."

Aniceto Silva olhou para os dedos da mão, como se inspecionasse as unhas, e afinou a voz.

"Mandei que o chamassem por outro motivo, doutor", disse num tom monocórdico, quase formal.

"Fui informado de que o senhor colocou uma criança negra num quarto particular do hospital, em vez de a meter na enfermaria geral." Levantou os olhos e cravou-os no médico. "Pode explicar-me porquê?"

José ficou um longo momento boquiaberto, tentando descortinar algum sinal escondido por detrás daquelas palavras ou no tom com que elas tinham sido formuladas.

"O senhor está a brincar?", perguntou por fim.

"Estou a falar muito a sério", insistiu o homem da DGS com um semblante grave. "Pode explicar-me os motivos que o levaram a internar uma criança negra num quarto particular? Parece que até a mãe dela também lá ficou!..."

A pergunta era mesmo a sério, percebeu o director do hospital. Respirou fundo, respingando no seu interior as sobras de paciência até amearhar algumas migalhas. Havia sido um dia para esquecer e a última coisa de que precisava era ter de justificar perante a DGS uma decisão tão insignificante como aquela.

"A criança é filha de um oficial do exército", começou por explicar. "Apanhou varíola e encontra-se num estado muito grave, dado tratar-se de uma patologia infecto-contagiosa que carece de cuidados específicos. É muito raro os latentes sobreviverem à varíola, mas estamos a fazer os possíveis para salvar a menina. Considerei que um quarto particular era o local ideal para lidar com este caso tão sério e com tão elevada taxa de mortalidade." Inclinou a cabeça, deixando a irritação espreitar por entre as suas palavras. "Não sabia que existia uma proibição de internar crianças negras em quartos particulares do nosso hospital, nem que um assunto desta dimensão pudesse preocupar a PIDE."

Aniceto Silva voltou a mirar as unhas da mão esquerda.

"A DGS, caro doutor Branco, preocupa-se com tudo", sentenciou. "Não existe nenhuma proibição de internar crianças negras nos quartos particulares." Mais uma vez levantou os olhos para o seu interlocutor, como se o que tinha dito enquanto contemplava as unhas não passasse de um preâmbulo. "O que existe é a proibição de exercer funções públicas sem bom senso."

"Desculpe, mas não percebo onde pretende chegar", devolveu José, já agastado. "Não vejo em que é que meter a filha de um oficial num quarto particular do hospital constitui falta de bom senso. Gostaria que me explicasse isso."

"Não tenho de explicar nada a ninguém", cortou o inspector num tom subitamente ríspido. "Tenho é de perceber o que se passa na zona sob a minha jurisdição e as intenções com que certas coisas são feitas, mais nada."

O director do hospital sentia-se suficientemente enervado para manter o registo de protesto, mas reconsiderou a sua postura. Fosse ou não do seu agrado, a realidade é que precisava de Aniceto Silva e não se podia dar ao luxo de o hostilizar abertamente. Se ia prosseguir aquela conversa, percebeu, tinha de o fazer noutro tom e de uma forma mais inteligente.

"Naturalmente que entendo que tudo isto faz parte do seu trabalho", disse de uma forma quase descontraída, como se tudo aquilo fosse muito razoável. "Mas há uma coisa que não estou a perceber. Ainda há pouco o ouvi criticar os administradores déspotas e defender os direitos dos indígenas. Como é que essa posição encaixa nas suas dúvidas sobre o internamento de uma criança negra num quarto particular do hospital?"

A sombra de um sorriso cruzou o rosto tenso do homem da DGS.

"É muito simples", retorquiu. "Devemos tratar bem os pretos, dar-lhes educação e saúde, pagar-lhes salários iguais por serviços iguais e contribuir para o seu bem-estar económico e social." Ergueu a mão, como um polícia sinaleiro a mandar parar o trânsito. "Mas, alto lá, não devemos exagerar. Tudo tem o seu limite, a partir do qual as coisas se tornam perniciosas. Um preto com excesso de educação, por exemplo, começa logo com ideias de expulsar os brancos e coisa e tal. Isso não podemos tolerar, como é

evidente."

"Como o doutor Rouco, quer o senhor dizer?"

"Nem mais! Como o seu amigo Rouco."

"Não sei se sabe, mas o próprio Salazar convidou o doutor Rouco para ser deputado à Assembleia Nacional. Portanto não há-de ser tão mau quanto isso!..."

Aniceto Silva encolheu os ombros, como se a novidade lhe fosse indiferente.

"O nosso defunto presidente do Conselho lá teria as suas razões, que não me cabe a mim comentar", disse. "O facto é que o seu amigo Rouco se meteu com elementos subversivos, foi detido e depois enviado para a Machava e a seguir para Peniche. Que eu saiba, só agora o libertaram e deixaram regressar a Moçambique, mas com residência fixa na Beira, o que demonstra que continua a ser tido como perigoso. Ele é a prova viva de que um preto com excesso de educação se torna uma ameaça."

O médico teve de conter a irritação. Sabia muito bem qual a situação do amigo, com quem se correspondia para a Beira, e percebeu que aquela conversa não o iria levar a lado nenhum. Além disso tinha ainda uma outra questão a resolver e, embora o estado de espírito do seu interlocutor não fosse talvez o mais adequado, não a podia adiar.

"Ó inspector, já que estamos com a mão na massa, gostava de lhe falar sobre um outro problema", disse. "Como sabe, o senhor mandou deter dois enfermeiros meus."

Aniceto Silva sorriu.

"Estava a ver que não levantava esse assunto", observou, tirando do bolso das calças um papel com anotações que consultou. "Imagino que se esteja a referir ao Mendonça e ao... Mabunda."

"Esses mesmos", confirmou o director do hospital. "Estamos com falta de pessoal e precisava deles ainda hoje."

O inspector fez um gesto rápido com o papel na mão, sacudindo-o no ar.

"Lá está, é o que eu digo!", exclamou. "Dá-se demasiada educação a esta malta e começam logo a conspirar contra nós." Apontou para o primeiro nome anotado no papel. "Este enfermeiro Mendonça anda aí com um grupinho a bichanar por todos os cantos. Pensam que não os topo, mas a mim não me enganam."

"Ó inspector, estão apenas a estudar em horário pós-laboral. Deixe lá os moços!..."

"Estudar, dizem eles? Estão é a conspirar!..."

"Mas pegaram em armas? Mataram alguém?" Esboçou uma expressão de desinteresse. "Então deixe-os andar, enquanto falarem não fazem mal a ninguém. Aliás, o enfermeiro Mendonça tem até salvo maningue soldados que vêm todos partidos lá do mato. A mim não me interessa o que eles dizem, interessa-me o que fazem. E o que o Mendonça fez no hospital não tem preço."

O chefe distrital da DGS soltou um grunhido.

"Está bem, eu liberto os gajos", assentiu, quase contrafeito. "Mas diga ao Mendonça que tenha juízo, ouviu? Estou farto dos comentários que ele anda a fazer contra nós."

"E o enfermeiro Mabunda?"

"Esse foi detido só para que se mantenha em sentido, por causa dos filhos turras. Pode levá-lo também."

O médico espiou de novo o relógio, mais para sinalizar a pressa do que para saber as horas.

"Bem, então se calhar é melhor entregar-me já essa malta para eu ir andando, não é verdade?"

Levantaram-se ambos e Aniceto Silva deu ordem de soltura dos dois enfermeiros e dos três amigos de Mendonça que com ele estudavam à noite. O director do hospital e o chefe distrital da DGS dirigiram-se para a porta do edifício, onde ficaram a aguardar que os detidos tratassem das derradeiras formalidades e se reunissem a eles.

"Sabe o que mais me incomoda no meio disto tudo?", observou o inspector Silva enquanto esperava. "É que no fim a medalha vai ser de lata. De lata!"

"Que quer dizer com isso?"

O polícia fez um gesto na direcção do corredor ainda vazio.

"Olhe para estes gajos que estamos agora a libertar. Com as aberturas que o nosso novo presidente do Conselho tem ensaiado com a oposição, já vi que um dia tipos como estes vão tomar conta do poder. Quando isso acontecer, caro doutor Branco, vão fazer tudo o que estiver ao seu alcance para apagar da memória colectiva o que de bom este regime fez pelo país. Tudo." Esboçou um trejeito agastado com a boca. "Se o doutor ouvisse os comunistas que eu já interroguei, os mesmos comunistas que andam a contaminar a cabeça destes coitados, até lhe dava vómitos." Ergueu o dedo, empolgando-se. "Vómitos, digo-lhe eu!"

"Porquê? Que dizem eles?"

"Oh, nem queira saber: os maiores disparates!"

"Mas dizem o quê?"

"Olhe, que o regime quer o país pobre e subdesenvolvido, veja só! E dizem que o regime deseja manter as pessoas analfabetas e sem educação, que o regime fechou Portugal à Europa e ao mundo... essas aleivosias todas." Cravou os olhos no índico. "Repare bem, doutor. Desde os anos 50 que Portugal conheceu o maior crescimento económico da sua história. Com a monarquia e a República, o nosso país andou século e meio a atrasar-se em relação às nações mais desenvolvidas e tinha um défice orçamental crónico. Veio Salazar, as contas equilibraram-se e a economia disparou. Baixaram-se as taxas de juro, deu-se confiança aos empresários, aumentou-se a poupança e os resultados estão à vista. O crescimento económico tem andado perto dos sete por cento, a mesma taxa do Japão, e os salários reais cresceram seis por cento. São números fantásticos, doutor! Ainda ontem me chegaram aqui as estatísticas e elas parecem-me elucidativas." Meteu a mão ao bolso e retirou um papelinho, que desdobrou. "Olhe, até tomei nota. Veja aqui! Em 1950 o nosso PIB per capita correspondia a apenas trinta e cinco por cento do PIB per capita dos países mais ricos do mundo e este ano já representa quase cinquenta e oito por cento do PIB per capita desses países, o que significa que nos estamos a aproximar das nações mais desenvolvidas. Não é extraordinário? Acha que isto é política de quem quer manter o país subdesenvolvido?"

"Deixe lá ver isso."

O homem da DGS entregou o papel ao seu interlocutor, que passou os olhos pelas estatísticas rabiscadas a lápis.

"Além do mais, investiu-se na qualificação da mão-de-obra, que era desqualificada no tempo da República, como o senhor bem sabe. O regime expandiu as escolas primárias e secundárias, instalou postos escolares em todas as aldeias, recrutou regentes escolares para fazer frente à falta de professores, apostou nos liceus privados na província e agora também nos liceus públicos, investiu no ensino técnico... eu sei lá! A realidade é que em 1930 a taxa de analfabetismo em Portugal era de sessenta por cento e agora está reduzida a vinte e cinco por cento. Acha que isto é obra de quem tenciona manter o país ignorante e sem educação? Francamente! E como é possível dizer que estamos fechados à Europa e ao mundo quando aderimos à EFTA e à OECE e eliminámos a maior parte das restrições quantitativas ao comércio externo com a Europa ocidental e assinámos este ano um acordo comercial com a CEE? Como é possível dizer isso? E como..."

"Eles vêm aí", interrompeu-o José.

Os dois enfermeiros e os seus três amigos apareceram de facto no corredor, as formalidades já cumpridas. O inspector fez um gesto de desdém na direcção do grupo.

"O p'ra eles! Quando um dia esta malta tomar o poder vai dizer que queríamos manter toda a gente pobre e ignorante e Portugal isolado do mundo. Nós, que endireitámos o país e investimos nas colónias! E sabe qual é o problema? É que essas mentiras, caro doutor, vão tornar-se verdades indiscutíveis."

O director do hospital nada disse. Foi buscar o carro e acolheu os enfermeiros, deixando os outros três seguir a pé. Quando se preparava para arrancar, o inspector Silva assomou à janela do automóvel e acenou em direcção aos homens que acabara de libertar.

"Juizinho, hem?"

A brisa gerada pelo movimento da Berliet bafejava quente e seca, mas sempre compensava o calor ardente que incendiava a manhã. O céu abria-se num imenso azul sem nuvens, mas quando os veículos militares desembocaram na estrada principal que vinha de Vila Pery e viraram à esquerda. Diogo apercebeu-se de uma estranha nuvem amarelada a pairar sobre o horizonte.

"Tete", esclareceu Chaparro.

A informação deixou o furriel intrigado. Examinou a nuvem com atenção, interrogando-se sobre se o calor não teria provocado uma miragem e transformado o casario na ilusão de uma nuvem; já ouvira dizer que esse tipo de alucinação era comum em zonas muito quentes.

"Tens a certeza que aquilo é Tete?", perguntou. "Tem graça, a mim parece-me uma nuvem a flutuar sobre o mato!..."

A observação foi acolhida com uma gargalhada.

"Aquilo é uma nuvem", disse Chaparro. "Uma nuvem de poeira que paira em permanência sobre Tete."

"Poeira?" "A maior parte das ruas da cidade são em terra batida, pá. Quase não há asfalto. Os carros passam e levantam pó e a poeira fica o dia inteiro a planar no céu."

A coluna entrou nas ruas de Tete no final da manhã e Diogo ficou com a impressão de circular numa povoação do faroeste, o que o deixou estranhamente confortado; era como se estivesse no Chioco, mas em ponto grande e em condições de segurança.

As viaturas militares misturavam-se com as civis, umas e outras cobertas de pó, e as balalaicas dos brancos amalgamavam-se com os trajos coloridos dos negros e o verde-azeitona das fardas militares usadas por homens de todas as cores. Viu aramistas, como esperava, mas também boinas castanhas das tropas regulares, como a sua, a cruzarem-se nas ruas com boinas vermelhas dos comandos, boinas azuis dos pára-quedistas e boinas amarelas dos grupos especiais africanos. Desprezava os aramistas, mas com as outras forças o sentimento dominante era de rivalidade. Os comandos em particular não o deixavam indiferente; achava que tinham a mania que eram os melhores e suspeitava que o seriam de facto.

A coluna proveniente do Chioco imobilizou-se num cruzamento dominado por um grande edifício, identificado no topo como o Hotel Zambeze, e Diogo, com a mão na cabeça para não deixar cair a boina castanha, saltou para o passeio e acenou aos camaradas que permaneceram na Berliet.

"Até logo!"

Perguntou pela direcção do hospital e subiu a rua até chegar ao alto da colina. Nunca havia ali estado, mas a imagem da fachada do hospital diante da pequena rotunda onde desembocava a rua confortou-lhe o coração. Era pois ali que trabalhava o irmão da mãe. Entrou no edifício e, depois de questionar uma enfermeira, foi enviado para uma porta no fundo do corredor.

"Olá, tio Zé!"

José Branco atendia um paciente e desviou o olhar para identificar quem o interpelara. Levou um longo segundo a associar a cabeça do militar que lhe espreitava pela porta do gabinete com a saudação que acabara de escutar e a perceber que aquele furriel era o seu sobrinho.

"Diogo!", exclamou por fim. "Estava a ver que não me vinhas cá visitar!"

O médico interrompeu a consulta para acolher o recém-chegado. A última vez que o tinha visto fora quinze anos antes, era Diogo ainda um miúdo. A irmã e a família haviam partido logo a seguir para Angola e, quando regressaram à Metrópole já ele estava a viver em Moçambique. Tinha recebido fotografias dos cinco sobrinhos, claro, mas eram apenas imagens de garotos sorridentes com os joelhos esfolados, sem nada que os singularizasse. Se se tivesse cruzado com Diogo na rua não teria olhado duas vezes; não passava de mais um militar que ali fora parar.

"Olha lá, já tens idade para um whiskyzinho, não tens?", perguntou-lhe enquanto o puxava para uma porta diante do gabinete.

"Acho que sim!...", riu-se Diogo.

José Branco abriu a porta e o furriel sentiu o ambiente fresco e retemperador de um ar condicionado acariciar-lhe o rosto.

"Então anda aqui ao bar", convidou-o. "Vou meter gelo. Queres com soda ou com água?"

"Água."

O bar era um cubículo pequeno, mas fresco. Tinha um balcão a rodear uma estante cheia de garrafas e umas cadeiras e mesas espalhadas em redor, todas vazias àquela hora do dia. O aparelho de ar condicionado roncava sem cessar e Diogo acomodou-se junto a ele para melhor lhe acolher a frescura; havia já muito tempo que não sentia tanto conforto. Existia algo de tonificante naquele lugar, constatou, enquanto observava o tio a agarrar uma garrafa red label de Johnny Walker e a encher um copo; depois viu-o misturar água, deitar dois cubos de gelo e estender-lhe o whisky.

"Ficas aqui refastelado enquanto eu acabo as consultas, está bem?" O médico espreitou o grosso relógio de aviador, cheio de ponteiros. "Levo meia hora, mais ou menos. Se precisares de alguma coisa, vai-me bater à porta." Deu meia volta para regressar à consulta, mas hesitou, lembrando-se de mais um pormenor. "Se te habituares demasiado ao ar condicionado e começares a sentir calor, fazes como toda a gente aqui em Tete: sais do bar e vens cá para fora um minutinho. Quando reentrares vais achar que esse fresquinho é uma maravilha!..."

Diogo riu-se com a sugestão.

"Fique descansado."

O tio fez de novo tenção de sair mas deteve-se ainda mais uma vez e ergueu o dedo, como se no meio daquilo tudo se tivesse esquecido de dizer o mais importante.

"Ah!", exclamou. "O almoço é lá em casa."

A vista revelou-se de uma imponência desconcertante. A casa do tio situava-se no alto da colina, ao lado do hospital, e parecia uma tribuna assente sobre o rio. O caudal largo e tranquilo do Zambeze deslizava majestoso pela planície, movendo-se quase com sobranceira pela larga curva que contornava a cidade, como se a abraçasse; o espelho de água era apenas cortado por uma longa e estreita ilha fluvial, parecia que uma adaga rasgava o centro do rio mesmo diante da colina. À direita, dando ares de uma construção em miniatura ou da Ponte Salazar em ponto pequeno, eram visíveis os pilares e o tabuleiro da Ponte Marcello Caetano, já erguida para substituir o histórico batelão. Ao fundo, para lá do Zambeze, estendia-se a margem amarelo-torrada seca do Matundo.

"É de cortar a respiração, não é?"

A voz feminina obrigou Diogo a virar-se. Caminhando pelo jardim com um copo na mão, o corpo a bambolear num vestido estreito mas de saia larga, vinha uma rapariga de tez morena. Tinha o cabelo negro a pousar-lhe nos ombros ou a descair-lhe pelas costas; os olhos eram de um castanho-claro achocolatado e ostentava um sorriso tão quente e luminoso que Diogo teve a sensação distinta de que a recém-chegada seria capaz de derreter o mais frio dos homens.

Observando-a como se estivesse hipnotizado, o furriel tentou destrinçar-lhe a raça, mas percebeu

que a rapariga escapava a qualquer categorização; os lábios espessos eram de negra, o nariz estreito de branca e o longo cabelo liso e brilhante de indiana, os olhos uma mistura de chocolate claro. A única coisa certa na sua figura harmoniosa era a beleza, feita de um exotismo raro e estranhamente inebriante.

"Pois é", concordou Diogo, quase ofuscado por aquela presença. "Esta vista é... deslumbrante."

A rapariga esticou o pescoço e ofereceu-lhe a face para o beijo.

"Eu sou a Sheila", apresentou-se. "Vim agora de Lourenço Marques e parece que vamos almoçar juntos."

A novidade encheu Diogo de um enorme bem-estar. Encostou-lhe o rosto para a beijar e constatou que ela tinha uma bochecha quente e macia. O que nela mais o perturbava, porém, era o sorriso. Já vira muitas mulheres bonitas na vida, em particular depois dos jogos de voleibol que agora pareciam uma recordação difusa, mas não se lembrava de alguma vez ter conhecido alguém que tivesse um sorriso tão belo como aquele.

Trocaram palavras de circunstância. A conversa, todavia, arrancou aos solavancos e os silêncios embaraçosos intrometeram-se nas frases entrecortadas.

"O senhor é sobrinho do doutor Branco?"

"Sou. Ele é meu tio."

Amaldiçoou-se em silêncio pela tolice da réplica, um mero eco tonto do que ela acabara de dizer, mas a verdade é que a rapariga o intimidava tanto que lhe anulava o discernimento. Teve vontade de praguejar, como quando nos seus tempos de jogador falhava um remate fácil sobre a rede, mas dominou-se. Sentindo-se um adolescente e temendo soltar mais asneiras, calou-se.

Voltaram-se ambos para o rio como se da água pudesse vir uma resposta para aquele impasse sem jeito. Não veio. Não suportando mais o silêncio desconfortável, fez um esforço para inventar um tema de conversa.

"O que está a beber?", perguntou, fazendo sinal para o copo que ela tinha na mão.

"Capilé."

Diogo assentiu com a cabeça e quis opinar qualquer coisa a propósito do assunto, mas nada lhe ocorreu; era como se tivesse a mente em branco. Que observações argutas haveria a fazer em torno do capilé? Como se alimenta uma conversa sobre esse tema? Haveria alguém capaz de sustentar um diálogo inteligente com uma rapariga bonita a respeito daquela bebida? Sentiu-se embatucar de novo e, mais uma vez embaraçado e cheio de vontade de se autoflagelar pela sua estupidez, voltou a fixar os olhos no Zambeze.

Um ponto negro perfazia uma curva no céu, acima do rio, e voltava-se na direcção da casa onde se encontravam. Diogo distinguiu as formas arredondadas familiares do Alouette III, o helicóptero da Força Aérea que se aproximava com um zumbido surdo.

"Olha um heli", disse, apontando para o aparelho voador. Ela já o avistara também. "Deve vir de uma operação."

"Não", corrigiu Sheila. "Traz feridos."

Diogo lançou-lhe um olhar interrogador.

"Como sabe?"

"Ora, porque o hospital é aqui e o helicóptero vem nesta direcção!...", disse. "Todos os dias é isto."

O soldado teve de novo vontade de se esmurrar a ele mesmo. Estaria parvo ou quê? Espreitou os edifícios erguidos uns quinhentos metros à esquerda da casa do tio, também sobre a colina. O mais próximo era a farmácia e atrás dela estava o hospital. Parecia por demais evidente que o Alouette, se vinha naquela direcção, teria de trazer feridos. Como podia mostrar-se tão estúpido? Pior ainda, o que

iria pensar a repariga? Receou tecer mais comentários disparatados e preferiu calar-se de vez, ficando a observar o helicóptero na sua manobra de aproximação ao hospital. O fragor das hélices enchia aliás o ar com batidas surdas, o que lhe pareceu conveniente porque impossibilitava a conversa e o poupava a mais tolices.

"Vamos comer?"

A pergunta do tio, lançada da janela, salvou a situação. Diogo e Sheila sorriram um para o outro, aliviados, e entraram na casa.

Acolheu-os a frescura dos aparelhos de ar condicionado e sem mais delongas sentaram-se à mesa para a refeição.

"Este almoço tinha sido marcado para assinalar o facto de termos ganho uma nova enfermeira", disse José Branco, inclinando a cabeça na direcção da repariga. "Sheila, espero que não se importe por também ter convidado o meu sobrinho."

"Com certeza que não."

O médico virou-se para Diogo.

"A Sheila passou os últimos dois anos em Lourenço Marques", revelou. "Foi lá tirar o curso de Enfermagem. Regressou ontem a Tete e agora vai dar-me uma mãozinha no hospital." Olhou para ela. "Não é verdade, Sheila?"

"Iá. Estou cá para trabalhar, doutor!"

"Temos falta de pessoal moçambicano e isso dificulta por vezes o contacto com as populações", explicou ao sobrinho. "A Sheila fala nhungué e vai-nos ser maningue preciosa."

Mimicas entrou nessa altura na sala. Atrás dela vinha Ernesto, impecavelmente fardado de branco, a segurar uma travessa com uma grande terrina fumegante. Um aroma delicioso de especiarias encheu de imediato o ar.

"Espero que gostes de comida indiana, Diogo", disse a anfitriã, ocupando o seu lugar. "Como a Sheila vinha cá decidi coisar um caril de cabrito." Sentiu a fragrância condimentada do caril. "Hmm, está uma delícia!" Inclinou a cabeça, como se fizesse uma confidência. "Não é para me gabar, mas tenho dedo para a cozinha!..."

"Foi a tia que cozinhou?", admirou-se Diogo.

Mimicas pareceu surpreendida com a pergunta e pousou a mão no braço do empregado, que já servia o caril.

"Quer dizer, quem coisou foi aqui o Ernesto", admitiu ela. "Mas segui as minhas indicações e fui eu que deitei os condimentos. É que, não sei se já vos disse, tenho dedo para a cozinha." Voltou a inclinar a cabeça no seu gesto característico. "Não é para me gabar!"

O caril pareceu saboroso a todos, excepto a Diogo, que sentiu um ardor infernal incendiar-lhe a boca mal trincou o primeiro pedaço de carne. Com a vista turva, as lágrimas a inundarem-lhe os olhos e muco viscoso a jorrar-lhe pelas narinas, engoliu um copo inteiro de água num esforço desesperado para apagar as chamas que o caril ateara.

As dificuldades do rapaz desencadearam gargalhadas na sala de jantar.

"Então?", quis saber Sheila com um sorriso malicioso. "São lágrimas de saudade?"

Com o rosto mergulhado num guardanapo, Diogo limpou os olhos, assoou-se e respirou fundo, aliviado por ter enfim estancado a erupção.

"Caramba!", bufou. "O que é isto? Nunca tinha provado uma coisa assim!..."

A observação fez Mimicas empertigar-se.

"O quê? Não me digas que não gostas!..."

"Gosto, gosto!", apressou-se o convidado a esclarecer, limpando novas lágrimas que lhe

germinavam do canto dos olhos. "Não estou é habituado a comida tão picante."

"Aqui em Moçambique é normal", esclareceu Sheila. "Mas vocês, na Metrópole, não costumam comer piripiri, pois não?"

A conversa divagou pela comida, com Sheila e Mímicas a enumerarem as delícias da gastronomia moçambicana, começando pela galinha à cafrial e terminando nos caranguejos da Beira, "tão bons que parecem doces". Por falar em doces, a conversa desviou-se para a bebinca, a sobremesa goesa que era, no dizer da anfitriã, "especialidade aqui da nossa Sheila", elogio retribuído pela enfermeira, que muito gabou o pudim Araújo da sua anfitriã, "obra-prima do paladar".

"Não é para me gabar", pavoneou-se Mímicas com orgulho, "mas o meu pudim Araújo é mesmo uma maravilha!"

"Lá isso é, doutora", concordou Sheila. "Nunca provei doce tão bom. Uma especialidade!"

Mímicas olhou para o prato vazio diante dela e abanou a cabeça com uma expressão desgostosa.

"Ai, comi de mais", constatou num queixume. "Estou tão arrependida..."

José Branco e o sobrinho deixaram as mulheres fazer as despesas da conversa, discorrendo ambas sobre receitas "de adoçar o dente", mas o médico foi rápido a aproveitar a primeira pausa para inquirir Diogo sobre as condições de vida no Chioco.

"Se calhar é melhor eu dar uma palavrinha ao coronel Varela", sugeriu. "Como novo governador de Tete e comandante da ZOT, ele tem plenos poderes para te transferir. Vou estar amanhã com ele e..."

Diogo ergueu a mão para travar o tio.

"Espere aí", disse. "Transferir-me para onde?"

"Ora, para um posto menos perigoso", esclareceu, quase admirado por ter de expor a evidência.

"A tua mãe escreveu-me noutra dia e, como deves calcular, anda raladíssima contigo. Não é fácil ter um filho na guerra."

"Saio do Chioco e torno-me o quê? Um aramista?"

A expressão suscitou um olhar inquisitivo do médico.

"Aramista? Não estou a perceber..."

"Um aramista é um desses militares que dizem que estão na guerra mas não saem dos gabinetes", esclareceu, quase a sentir-se um veterano. "O tio nunca os viu por aí? Andam impecavelmente fardados e com a botas a brilhar de tão bem engraxadas, mas não se aventuram para lá de nenhum perímetro que não esteja protegido por arame farpado. São os aramistas, a vergonha da tropa. Se eu sair do Chioco será para quê? Para abandonar os meus camaradas e tornar-me um aramista?" Abanou a cabeça. "Não, obrigado."

José Branco fitou o sobrinho com sentimentos ambivalentes. Por um lado queria-o fora de perigo, para segurança dele e descanso da mãe, e sentia a responsabilidade e o dever de o proteger; por outro, vislumbrou em Diogo uma variedade diferente do mesmo idealismo que o movia a ele próprio e isso fê-lo sentir uma ponta de orgulho. Quis dar-lhe uma palavra de apreço. Não era todos os dias que via um militar recusar a possibilidade de uma transferência para uma posição mais confortável, mas não era homem para verbalizar sentimentos e, sem saber lidar com o assunto, preferiu mudar de tema de conversa.

"Olha lá", disse para aligeirar o ambiente, "não tens vergonha de ter vestido a camisola do Porto?"

Caminhavam os dois descontraidamente pela rua curva que descia do hospital em direcção à Baixa. Era o início da tarde e fazia um calor infernal, mas nem Diogo nem Sheila pareciam incomodados com isso; ele esforçava-se por se esticar e encher o peito, de modo a sublinhar o porte atlético, e ela ia passando as mãos pelo longo cabelo negro, como se o penteasse com os dedos.

"É uma pena não ter carro para lhe dar uma boleia", desculpou-se Diogo. "A única coisa ao meu dispor é uma Berliet, mas não me parece viatura adequada para transportar uma donzela."

Riram-se os dois, cada um a fantasiar a cena à sua maneira; o furriel imaginava a cara dos camaradas ao vê-lo passear com aquela beldade na viatura militar, Sheila desenhava na mente o espanto dos vizinhos se ela chegasse a casa de Berliet.

"Não faz mal", disse a rapariga. "Já foi maningue gentil oferecer-se para me acompanhar. Mas não queria que se incomodasse. Deixe-me no calhambeque e eu depois sigo sozinha."

"Nem pensar!", cortou Diogo com um gesto peremptório. "Faço questão de a acompanhar a casa. Isso nem tem discussão! Não a vou deixar abandonada por aí..."

"Mas eu estou habituada."

O furriel fingiu-se despeitado e cobriu o peito com a mão, em pose de cavaleiro.

"Por quem me toma? Acha-me capaz de a abandonar? E se aparece por aí algum turra e a rapta? Que ia eu dizer ao meu tio?" Fez uma careta e tornou a voz mais aguda, reproduzindo um diálogo imaginário: Olhe, tio Zé, larguei-a por aí e os turras levaram-na! Agora paciência! Ficou sem enfermeira!"

Sheila riu-se com gosto, exibindo a sua perfeita fileira de dentes.

"Que tonto! Aqui em Tete não há turras!..."

Diogo estacou de repente no passeio e ficou a observá-la fixamente, como se tivesse acabado de descobrir um novo encanto no rosto dela.

"Ora ria-se lá outra vez!..."

A rapariga parou igualmente a meio do passeio e fitou-o com uma expressão interrogadora, sem perceber o pedido.

"O quê?"

"Gostava que se risse outra vez", repetiu ele. "Sabe que tem o sorriso mais bonito que alguma vez vi numa rapariga? Quando os seus lábios sorriem, os olhos também se alegram, a cara ri e todo o corpo a acompanha. Nunca vi coisa igual!"

Sheila enrubesceu e, quase aflita, tapou a face com as mãos, como se assim conseguisse esconder o sorriso que agora a embaraçava.

"Tonto!", protestou, virando o rosto para a frente e retomando a marcha. "Já me fez corar..."

"Também fica bonita a corar", acrescentou Diogo depois de dar dois saltos para se pôr ao lado dela. "Mas é o seu sorriso que mais me encanta!..."

A rapariga aligeirou ainda mais o passo, como se tentasse fugir; ia tão depressa que parecia um figurante absurdamente irrequieto numa fita de Charles Chaplin.

"Você é maningue atrevido!", disse num queixume manifestamente pouco sincero. "Devia ter vergonha!"

"Em geral sou até um pouco acanhado", devolveu ele. "Mas ao pé de si sinto-me capaz de dizer tudo o que me vai na alma. Você tem algo de especial, sabia?"

"E você tem maningue conversa!", atalhou ela sem o encarar. "Aposto que diz isso a todas..."

O furriel pousou a mão sobre o coração.

"Juro que não!", garantiu com ênfase. "Já lhe disse que sou muito acanhado."

"Pois não parece."

A troca de palavras decorria fluida nestes tons melífluos, como se ambos se tivessem entregue a um jogo; nem sinal dos silêncios súbitos que tanto os haviam embaraçado quando se tinham conhecido apenas três horas antes. Caminhavam distraidamente, embalados nesta conversa doce. Ora um lançava um piropo, ora o outro se fingia ofendido; brincavam num instante, logo a seguir era tudo a sério.

Absortos um no outro, como se nada mais importasse, foi com espanto que se aperceberam de que haviam desembocado na Baixa; não tinham dado pelo correr do tempo. Passaram pela Univendas e Diogo deu de caras com um edifício que reconheceu; era o Hotel Zambeze, erguido no cruzamento onde os camaradas o haviam largado nessa manhã.

A súbita pausa permitiu a Sheila orientar-se e dar indicação de que deviam cruzar a rua. Seguiram para o outro lado até chegarem a um posto de combustíveis da Megaza com uma decoração original; sobre o telhado plano da gasolinera encontrava-se um calhambeque vermelho e branco em tamanho natural, como uma peça de museu exibida ao ar livre.

A rapariga imobilizou-se na rampa de entrada do posto e voltou-se para ele subitamente silenciosa, uma expressão ambivalente no rosto; parecia indecisa entre o desânimo e a esperança.

"Fico aqui", acabou por dizer. "Muito obrigada pela companhia. Foi um prazer conhecê-lo."

A interrupção da conversa e a despedida abrupta deixaram Diogo surpreendido. Olhou para o posto de combustíveis e depois para Sheila, como se não percebesse o que se passava.

"Você mora aqui?"

Ela riu-se nervosamente.

"Claro que não. Mas tenho ali a minha ginga."

"A sua quê?"

"A ginga", repetiu ela, recomeçando a caminhar. "Vou com ela para casa."

"Vai com uma gringa para casa?", admirou-se ele. "Não estou a perceber..."

Sheila entrou no posto e pegou numa bicicleta cor-de-rosa com estrutura baixa, como era adequado para as senhoras. Puxou-a para fora e montou-a.

"Não sabe o que é uma ginga?", perguntou a rapariga enquanto acariciava o guiador. "Iá, vê-se mesmo que está há pouco tempo em Moçambique!..."

Diogo contemplou a bicicleta com ar aprovador.

"Então vai de bicicleta para casa? Sim senhor, não a imaginava tão... tão feminina."

"Deixo-a sempre aqui quando vou para o hospital", explicou. "É maningue difícil subir a rua de ginga até lá cima. Tentei uma vez e fiquei a meio, as pernas a pesarem-me uma tonelada. Ui, foi um horror! Mais vale guardar a ginga aqui no calhambeque e ir a pé."

O furriel assentiu com a cabeça, embora nem tivesse escutado as últimas palavras. Estava demasiado ocupado a tentar inventar um pretexto e uma maneira de a ver de novo e preocupado por não lhe ocorrer nenhuma ideia; era como se tivesse chegado a um beco sem saída.

"Então despedimo-nos aqui", observou Diogo com desânimo resignado. "Tem mesmo de se ir embora?"

Ela suspirou.

"Iá. Preciso de ir para casa, a minha avó está à espera."

Como se respondesse ao suspiro dela, foi a vez de Diogo respirar fundo.

"Gostava de voltar a vê-la."

"Ai sim? E como vai fazer isso? Manda uma Berliet para me levar ao Chioco?"

Riram-se os dois, embora sem muito entusiasmo.

"Vou oferecer-me para vir cá mais vezes buscar mantimentos", disse ele. "Sabe como é, volta e meia temos de dar um salto a Tete para nos reabastecermos." Levantou a boina castanha e passou a mão pelo cabelo, juntando coragem para lançar o isco. "Acha que nos poderemos encontrar quando eu cá vier?"

"Depende", murmurou a rapariga, fazendo-se cara. "Posso estar ocupada."

"A fazer o quê?"

"Ora, a trabalhar! Então não sabe que agora sou enfermeira? Fico maningue chunguila com a bata e o cup, sabia?"

"Calculo!" Teve vontade de lhe dizer que ficaria decerto ainda mais bonita sem bata, mas não se atreveu. "Olhe, quando eu vier cá avise-a com antecedência, está bem?"

Sheila encaixou o pé no pedal da bicicleta e preparou-se para partir.

"E como vai fazer isso? Envia-me um telegrama?"

"Mando-lhe uma carta", prometeu Diogo, tirando do bolso um papel amarrotado e uma bic azul. "Será que me pode dar o endereço da sua casa?"

A rapariga apoiou-se sobre a perna esquerda e a bicicleta começou a rodar, afastando-se devagar.

"Isso queria você!", disse ela. "Escreva-me para o hospital."

A bicicleta ganhou velocidade e Diogo ainda deu uns passos em corrida, tentando acompanhá-la, mas logo percebeu a futilidade do gesto e parou, ficando a acenar com o braço.

"Prometo."

Já em plena aceleração, Sheila voltou a cabeça para trás e acenou de volta. "Tá-tá!"

O Sol deitava-se já no horizonte, rasgando o poente com vigorosas manchas de sangue luminoso, quando a coluna invadiu no meio de grande aparato o perímetro do Chioco. A Berliet onde Diogo seguia soltou um derradeiro ronco e imobilizou-se com um bafo de exaustão. Os motores calaram-se quase em simultâneo e a calma impôs-se por fim.

Uma nuvem de poeira cor de ferrugem ficou a deslizar no ar; parecia um espectro mudo a assombrar a picada. Os soldados demoraram-se um instante mais nos assentos, entorpecidos e letárgicos, a saborear o refolego da chegada. O rumor sussurrado da brisa e o ondular enérgico do pano dos estandartes era tudo o que os separava do silêncio mais profundo. A bandeira portuguesa adejava no topo do mastro; por vezes murchava com o abrandar do vento, para a lufada seguinte a acirrar com força redobrada, sacudindo-a em movimentos de repentina violência.

Com um gesto deliberadamente lento, Diogo tirou a boina da cabeça e passou as costas da mão pela testa para limpar o suor sujo de pó alaranjado. "Porra!", exclamou com alívio. "Estava a ver que não chegávamos!..."

Chaparro foi o primeiro a saltar para terra, no que foi seguido por outros camaradas.

"Que merda de viagem!"

Alertado para o regresso da coluna, o capitão assomou de imediato à parada e foi acolher os recém-chegados. Ainda a descansar na Berliet, Diogo viu-o caminhar fardado a rigor, as calças e a camisa impecavelmente passadas e as botas engraxadas com esmero, e não conseguiu reprimir um olhar carregado de desdém. O seu comandante era um perfeito aramista.

"Então?", quis saber o oficial. "Correu tudo bem?"

Chaparro encolheu os ombros.

"O costume, meu capitão. Fomos emboscados em dois pontos: uma vez na estrada do Songo, outra quando metemos pela picada e vínhamos para aqui."

"Oh diacho! Há feridos?"

"Não. A malta aguentou-se."

O capitão abanou a cabeça, agastado.

"Estas viagens são sempre uma chatice", observou. "E os mantimentos? Não falta nada?"

Diogo desceu devagar da Berliet, quase como se tivesse o corpo dorido, e tirou de uma pasta amarelo-torrada as requisições e toda a papelada relevante.

"Está tudo aqui, meu capitão", confirmou, folheando os documentos. "Batatas, arroz, latas de conserva, peixe seco, vinho, bazucas..."

"E combustível?", cortou o oficial enquanto procurava com os olhos o caminhão-cisterna. "Também veio?"

"Claro."

O comandante do aquartelamento bufou de satisfação.

"Ufa! Ainda bem! Desde que o petróleo acabou, ontem à noite, a geleira deixou de funcionar. Estava a ver que íamos ter de tomar outra vez bazucas quentes!..." Fez sinal a um ordenança. "Ó Augusto, vai já meter combustível na geleira. Isso é prioritário, pá. Senão, não há bazuca para ninguém!..."

Diogo sentia-se demasiado fatigado para ajudar a descarregar os mantimentos. Sabia que formigavam por ali aramistas que haviam passado o dia inteiro sem fazer nada a não ser tratar de papelada ou descascar batatas; eles que trabalhassem. Travou a G3 e arrastou-se entre as palhotas e as tendas da tropa.

Caminhou ao longo da vedação que separava a zona militar do aldeamento civil e avistou a negra do pilão sentada numa pedra a trincar uma maçaroca assada. A rapariga tinha o seio esquerdo, arrebitado e opulento, a espreitar fora dos trapos que lhe tapavam o resto do tronco. Ela apercebeu-se da presença do soldado e acompanhou-o com um olhar expectante, como se dele esperasse um sinal. Diogo ainda considerou se haveria de o dar; o Sol deitava-se já e seria fácil lobrigar na escuridão um qualquer recanto onde também se pudesse deitar com ela. Mas algo o travou e obrigou a virar a cara para a frente e prosseguir o caminho, como se nada sentisse.

A sua própria reacção apanhou-o de surpresa. O corpo pedia-lhe mulher e ali estava uma, disponível e apetitosa. Em circunstâncias normais ter-lhe-ia feito um gesto e resolveria a coisa sem mais delongas. Era assim depois dos jogos de voleibol e também poderia ser assim depois dos jogos de guerra. Porque não o fizera? O seu comportamento assumia contornos de mistério. Violava as normas de conduta? E depois? O facto é que outros camaradas também molhavam a sopa à socapa, como provavam as constantes comichões públicas do Chaparro, e não era por isso que lhes sucedia o que quer que fosse.

A verdade, a surpreendente verdade, é que não tinham sido as normas de conduta militar a refreá-lo. O que verdadeiramente o travara fora outra rapariga. Sheila. Fizera toda a viagem de regresso a reconstituir a conversa que tiveram antes, durante e depois do almoço e a recordar as feições delicadas da rapariga, os seus gestos e trejeitos, o riso, a voz meiga, o olhar de chocolate ardente, os lábios sensuais, os meneios do corpo, o próprio corpo... Fora, aliás, justamente enquanto pensava nela que a coluna havia sido alvejada na viagem de regresso.

Ia Diogo com Sheila novamente a encher-lhe a cabeça quando, ao passar pela tenda que servia de cozinha, sentiu uma mão segurá-lo. Desviou o olhar para a mão e seguiu-a até à sombra. O crepúsculo desprendia já os derradeiros lampejos do Sol, lançando o manto opaco da noite africana sobre o mato, e o soldado adivinhou, mais do que viu, o perfil pançudo do despenseiro recortado na penumbra.

"Meu furriel", disse o homem, dando um passo para a luz ténue do anoitecer. "Ouvi dizer que a coluna foi emboscada no regresso. é verdade?"

"Afirmativo", confirmou Diogo, o rosto sulcado de fadiga. "Mas foram só uns tiritos, nada de especial. Porquê?"

O despenseiro coçou a cabeça, como se avaliasse a maneira de apresentar a questão.

"É a despesa, meu furriel", acabou por dizer. "Estamos ali com um problemazito."

Diogo lançou-lhe um olhar inquisitivo, sem perceber por que razão lhe era apresentada a ele, um operacional, uma questão que cabia aos aramistas resolver. Aquela gatinha não fazia uma única patrulha e ainda o vinha sobrecarregar com problemas relacionados com a despesa? Apeteceu-lhe mandá-los à merda, a ele e aos outros aramistas todos, a começar pelo próprio capitão, mas sentia-se de tal modo cansado que nem energia teve para se indignar.

"Diga lá o que o incomoda..."

O despenseiro fez uma careta, como se sentisse relutância em suscitar a questão mas não tivesse alternativa.

"Sabe, meu furriel, estamos a gastar demasiada comida", disse. "O arroz, as batatas, o bacalhau, a carne... na despensa está tudo abaixo dos níveis normais."

Diogo olhou-o sem perceber onde queria o homem chegar.

"Você está a insinuar que andamos a comer de mais?", perguntou. "Está a sugerir que a companhia faça dieta?"

Nova careta incomodada do despenseiro.

"Não, meu furriel. Cada homem está a consumir as quantidades normais. Mas os gastos de comida é que não são normais... se é que me entende."

Diogo sacudiu a cabeça; não entendia.

"Comemos o normal mas gastamos acima do normal?", admirou-se. "Explique lá isso melhor, homem, que eu tenho mais que fazer!"

O despenseiro inclinou-se para a frente, como se quisesse segredar-lhe ao ouvido, e baixou ainda mais a voz insinuante, já quase apenas um sussurro.

"São os mainatos, meu furriel", ciciou. "Os mainatos e as famílias. A comida que lhes estamos a dar não está orçamentada, se é que me faço entender!..."

Diogo arregalou os olhos. Os mainatos! A dificuldade do despenseiro tornou-se enfim clara. Os soldados pagavam os serviços de limpeza dos mainatos do aldeamento vizinho com rações tiradas da cozinha e que alimentavam famílias inteiras. O problema, percebeu nesse instante, é que as quantidades fornecidas ao aquartelamento eram as necessárias apenas para os soldados e não estavam previstas porções adicionais para os aldeãos.

"Estou a ver", disse o furriel. "Mas o que posso eu fazer? Não está à espera que proíba a entrega de comida aos mainatos, pois não? Além do mais, quem teria de dar essa ordem era o capitão, não eu, uma vez que..."

"A coluna não sofreu uma emboscada?", atalhou o despenseiro, os olhos incendiados de esperança.

Diogo hesitou, novamente perdido no raciocínio.

"Sim, já lhe disse! Mas não estou a ver qual a relevância disso para o seu problema!..."

O despenseiro olhou para os lados, quase conspirador, e voltou a inclinar-se para o furriel como um espião prestes a passar ao inimigo um segredo de estado.

"E se, a meio da emboscada, as balas do in tivessem furado um saco de arroz? Hã? E se também tivessem atingido um saco de batatas? E se no meio da confusão ainda se tivesse perdido o saco com as conservas?" Arqueou as sobrancelhas, buscando a cumplicidade do seu interlocutor. "Está a ver onde quero eu chegar, meu furriel?"

Diogo coçou a testa.

"Deixa-me cá ver se entendi bem", murmurou, tentando reordenar o raciocínio. "Queres justificar a comida gasta a mais nos mainatos com supostas perdas de mantimentos durante uma emboscada?"

O rosto do despenseiro abriu-se num sorriso de satisfação.

"Eu não poria a coisa melhor, meu furriel!" Voltou a olhar para todos os lados, novamente conspirador. "E há ainda o problema do soldado Raul, está a ver?"

"Não."

"É o caso daquele camarada que noutra dia deu sem querer uma coronhada num Unimog, não sei se ouviu falar. Sabe, a coisa foi um bocado à bruta e ele partiu o farol lateral traseiro da viatura. Não há

modo de justificar essa despesa, como o meu furriel bem sabe, e o Raul vai ter de pagar os estragos do seu próprio bolso, coitado." Inclinou-se ainda mais, literalmente a segredar. "Mas se alguém escrever no relatório desta emboscada que o Unimog foi atingido por uma bala do in no farol lateral traseiro..."

O despenseiro deixou a sugestão flutuar no ar, na esperança de que o seu interlocutor pegasse nela. Diogo coçou o queixo, considerando o problema. Tudo aquilo lhe parecia altamente irregular, para não dizer ilegal. O que o despenseiro lhe sugeria é que o exército assumisse as despesas pessoais dos soldados e até os seus descuidos com o equipamento. Não tinha dúvidas de que era ilegal e imoral. Mas, sendo ilegal, havia o outro lado da moral. Que moralidade tinha o exército ao interromper a vida daqueles homens, afastá-los das famílias e atirá-los para um lugar perdido no meio do mato, pô-los a viver com grande desconforto e exigir-lhes até que sacrificassem a própria vida se nem sequer era capaz de assumir as despesas de umas quantas ninharias que lhes mitigavam as dificuldades?

Concluído o raciocínio, o rosto do furriel abriu-se num sorriso e ele estendeu a mão para fechar o negócio.

"Raul, você até pode não passar de um aramista", observou, "mas não há dúvida que é um grande aramista!"

O corpo de Chaparro quase se contorcia enquanto ele, com a língua a espreitar do canto da boca, desenhava as letras na folha habitualmente usada para correspondência.

"A quem escreves tu com tanto afinco?"

A pergunta de Diogo, feita do catre no outro lado da tenda, desconcentrou-o. A esferográfica deslizou-lhe sobre o papel fino, fazendo um traço inadvertido, e o furriel praguejou de frustração. Analisou a folha, tentando perceber se era possível corrigir a gralha, mas constatou que dificilmente conseguiria salvar aquele risco e lançou um olhar fulminante ao camarada.

"O que é?"

"Todas as noites te vejo aí deitado no catre a escrever", observou Diogo. "São para quem essas cartas?"

Chaparro manteve o olhar irritado cravado no homem responsável por ele ter feito um risco na carta.

"Que tens tu a ver com isso?"

"Ai, que sensível!", exclamou Diogo, erguendo as mãos como se se rendesse. "Pronto! Se não queres dizer, não digas!..."

Os olhos de Chaparro desceram para o risco no papel. Analisando-o com cuidado concluiu que podia fingir que se tratava de um travessão, longo é certo, mas o que lhe interessava é que havia meio de disfarçar o erro. Voltou a comprimir a língua no canto da boca e compôs o texto de uma forma que o deixou mais satisfeito. Afastou a carta e contemplou-a, como um pintor a apreciar a obra; o erro tinha sido satisfatoriamente escondido. O feito deixou-o orgulhoso; por momentos, sentiu-se mesmo um artista, talvez não um pintor, mas pelo menos o artista das emendas.

"Estou a escrever para a minha madrinha de guerra", acabou por revelar, mais bem-disposto.

"A sério? Quem é ela?"

"Chama-se Maria das Dores e vive numa aldeia perto do Redondo", disse com uma expressão sonhadora. "Escreve-me uma vez por semana e eu escrevo-lhe todos os dias. Andamos num namoro pegado."

"É gira?"

"Uma beleza!" Apalpou os bolsos da camisa à procura de alguma coisa. "Queres ver? Tenho aqui uma fotografia!..."

Chaparro saltou do catre e foi ter com o camarada com um rectangulozinho nas mãos. A fotografia

a preto-e-branco, obviamente de estúdio, mostrava o rosto fresco de uma rapariga com uma fisionomia compenetrada, como se tivesse uma missão a cumprir.

"É gira, é", confirmou Diogo, devolvendo a imagem. "Onde foste desencantar esta gaja?"

"Eh pá, da maneira habitual. Mandeí um pedido para a Comissão Central do Serviço Nacional de Madrinhas a candidatar-me a afilhado. Ao fim de algum tempo, o Movimento Nacional Feminino arranjou-me a Maria das Dores. Eles procuram sempre uma madrinha que seja da terra do afilhado, estás a ver?"

"E do que falam vocês nessas cartas?"

Chaparro encolheu os ombros.

"Sei lá, de tudo e de nada. Eu conto-lhe algumas das merdas que aqui se passam e, claro, dou-lhe um pouco de manteiga, não é? Digo-lhe que é muito gira, que nos devíamos encontrar quando eu voltar... essas tretas."

"E ela?"

"É muito compreensiva e diz-se orgulhosa de mim. Além disso dá-me notícias do Redondo e até já foi a minha casa falar com a minha mãe. Porreiro, não é?" A expressão de entusiasmo foi desfeita por uma pequena careta. "Mas às vezes tem uma conversa patrioteira que me enerva. Diz que estou em África a defender Deus e a família... estás a ver o género? Chego a perguntar a mim mesmo se será ela que me escreve ou o cardeal Cerejeira!" Riu-se. "Mas é simpática, isso não há dúvida." Piscou o olho. "Sabes, se tiver jeito a escrever as minhas cartas, ainda lhe dou umas pinocadas quando chegar ao Redondo." Beijou a fotografia. "Ah, filha! Ando-te cá com uma tusa!..."

A observação suscitou um esgar céptico de Diogo.

"Já lhe contaste que tens chatos?"

Chaparro reagiu à pergunta quase com um gesto reflexo, metendo automaticamente a mão dentro das cuecas para se coçar.

"Vai-te lixar!", resmungou. Lançou um olhar a um caderno pousado no catre do furriel e, vendo-o garatujado, percebeu que também eram folhas para cartas. "Olha lá, também andas a escrever?" Sorriu com malícia. "Não me digas que tens a tua madrinha de guerra..."

Diogo pegou no caderno de modo a esconder os seus rabiscos do olhar indiscreto do camarada.

"Pois é, arranjei agora uma."

"Ah-ha!", exclamou Chaparro como se o tivesse apanhado em flagrante. "Quem é a gaja? E lá da tua terra?"

O furriel riu-se.

"Esta é daqui."

"Daqui, de onde?", admirou-se o seu interlocutor. "Arranjaste uma madrinha de guerra em Moçambique? Como é que se faz isso, pá?"

Diogo passou os olhos pelo caderno, contemplando as linhas que já havia escrito.

"É de Tete."

Chaparro abriu a boca, estupefacto.

"De Tete?"

"Conheci-a hoje", disse. "Uma hora depois de vocês me terem largado no cruzamento."

"Foste ao Maxim? Estava aberto?"

"Qual Maxim, qual carapuça! Ela é enfermeira, pá."

O soldado ficou um longo instante a fitar o furriel, como se visse e não acreditasse. Uma súbita irrupção de latidos desviou-lhes a atenção para o que se passava no exterior; eram os cães que ladravam para os lados do aldeamento vizinho. Os dois homens trocaram um olhar conhecedor; sabiam que era o

sinal do regresso a casa dos guerrilheiros que se faziam passear por aldeãos.

A interrupção pareceu quebrar o interesse de Chaparro em prosseguir a conversa. O soldado deu meia volta e caminhou devagar até ao seu catre, a cabeça a abanar com incredulidade, o corpo curvado quase em desânimo.

"Porra!", murmurou. "Nunca vi ninguém tão rápido com as gajas!..."

O Sol era já uma pérola de luz a beijar o horizonte, como uma flor que se exhibe ao mundo num derradeiro fulgor de glória, quando José Branco abriu a porta do avião e sentiu o ar sufocante de Tete esbofetear-lhe a face. Atirou um olhar na direcção de Sheila e soltou um suspiro de fadiga e alívio.

"Foi duro, hem?"

"Não me diga nada, doutor", devolveu a rapariga, apontando para os pés enlameados. "Tenho matope quase até ao joelho!"

"Nada que um bom banho não resolva!..."

"No estado em que estou, nem sei se consigo tomar banho", riu-se ela. "Estou maningue cansada e quando chegar a casa vou cair redonda na cama. A vovó até se vai assustar!"

As hélices do Piper Cherokee imobilizaram-se. Do motor vinham pequenos estalidos, como se o avião estivesse à beira de se desarticular. Eram de resto sons normais depois de um voo; por mais fatigado que o material do aparelho se encontrasse, decerto não estaria mais exausto do que os seus ocupantes.

Os recém-chegados cruzaram o capim da pista do Aero-Clube, acompanhados do motorista Luís e do enfermeiro Mendonça, que os tinham recolhido no grande jipe Austin. Os dois homens ajudaram a transportar as caixas dos medicamentos que haviam sobrado e a maca com um doente que o médico optara por transferir para Tete.

Ao chegar ao jipe, José apercebeu-se de um vulto no interior. Estava escuro, mas bastou um lampejo dourado no cabelo do ocupante do veículo para compreender que se tratava de Nicole. Revirou os olhos, contrariado, mas procurou dissimular o que sentia, não fossem os enfermeiros notar o seu embaraço.

"Oi, Zé", saudou a rodesiana quando o grupo se acomodou no Austin. "Pedi ao Mendonça para me trazer também. Quis ver a chegada do avião. Você não se importa, pois não?"

"Claro que não", retorquiu o médico com segura indisfarçável. "Fizeste muito bem."

A viagem até ao hospital foi completada em silêncio, com os recém-chegados demasiado cansados para poderem sustentar uma conversa. O mutismo prolongou-se e tornou-se tão pesado que Nicole se sentiu obrigada a quebrá-lo.

"Então, Sheila?", disse. "Agora é você que faz as viagens com o doutor Branco?"

"Hmm-hmm."

"Que sucedeu com a irmã Lúcia? Pegou preguiça?"

"A irmã Lúcia tem trabalho no hospital."

A rodesiana ainda tentou preencher aquele sossego quase embaraçoso com sucessivas perguntas sobre os mais variados assuntos, mas os esforços esbateram numa barreira de respostas desconchavadas, concedidas por mera educação. Nicole percebeu e calou-se, deixando que o silêncio se reinstalasse no interior do jipe.

Todas as funções e procedimentos habituais no final de mais uma semana de périplo do Serviço Médico Aéreo foram desempenhados com eficiência silenciosa. Os voos de assistência sanitária duravam havia quatro anos, o que permitira estabelecer uma rotina que já dispensava ordens; à custa de tanta repetição todos sabiam bem o que fazer.

O doente foi internado, o material devolvido à farmácia com as requisições devidamente

preenchidas e José, após uma vistoria às enfermarias, reuniu-se com o doutor Feitor e a irmã Lúcia para se inteirar das novidades. No final recolheu ao gabinete, onde ficou sozinho a tratar da correspondência oficial com Lourenço Marques e a dactilografar o relatório de tudo o que acontecera durante a digressão aérea dessa semana.

Um toque na porta do gabinete arrancou um grunhido ao director do hospital.

"Hmm?"

A porta abriu-se, mas José Branco manteve-se debruçado sobre a máquina de escrever.

"Tem um minutinho para mim?"

O médico não precisou de erguer a cabeça para saber de quem se tratava.

"Que é, Nicole?"

A médica rodesiana entrou no gabinete e aproximou-se devagar, como se estivesse a experimentar o caminho.

"Você não está contente por me ver?"

José sentiu-lhe o perfume suave e parou de escrever para por fim alçar o olhar na direcção dela.

"Se queres que seja franco, não", disse com alguma secura. "Apareces aqui a toda a hora sem avisar e agora até já me vais esperar na pista do Aero-Clube. Achas que as pessoas são parvas? Se isto continuar assim, não tarda nada começam a suspeitar que se passa alguma coisa. Depois vem o falatório."

Nicole encolheu os ombros.

"Deixa elas falar. Que mal tem?"

"O mal é que eu sou um homem casado."

A rodesiana esboçou uma expressão de indiferença.

"E depois? Você não se preocupou com isso lá no Hotel Cardoso, pois não? Nem quando paquerámos pela primeira vez dentro do avião. Nem quando fizemos amor lá no Songo, ou aqui no Hotel Zambeze." Passeou a vista pelo gabinete e um brilho provocador cintilou-lhe no olhar azul. "Ou daquela vez em que fizemos desta salinha o nosso ninho."

"E então?"

A voz dela amaciou ainda mais; tornou-se um torrão de açúcar, suave e sedutora.

"E então estava pensando que poderíamos transar." Pestanejou, insinuante. "Agora. Estava querendo levar você para o hotel, mas acho que não vou aguentar nem mais um minutinho." Indicou a porta do gabinete. "Não quer experimentar no bar? Nunca fizemos ali dentro e com o fresquinho do ar condicionado até que deve ser bem gostoso..."

A sugestão ficou a pairar, como se coubesse agora a José fazer a sua parte. O médico imobilizou o olhar fatigado no papel que dactilografara; após a pausa de uma respiração, e como se enfim articulasse o que havia muito congeminava em silêncio, abanou a cabeça numa recusa enfática.

"Não", exclamou. "Acabou."

A palavra escolhida tinha uma entoação final que alarmou Nicole.

"Acabou o quê?"

"Nós. Isto. Acabou, não quero mais."

"Você está louco?"

"Eu estava louco", rectificou José. "Mas deixei de estar. Já não quero mais isto, esta vida de duplicidade, de segredos, de esquemas às escondidas. Não quero continuar a ter vergonha de encarar a minha mulher quando chego a casa, nem andar com este sentimento de culpa que me persegue, nem estar sempre com medo de que as pessoas à minha volta se apercebam de alguma coisa." Voltou a abanar a cabeça. "Não quero mais isto. Chega!"

A médica rodesiana aproximou-se dele e pousou-lhe as mãos no cabelo.

"Que é isso, meu bem? Tenha calma, não esquite assim."

"Eu estou calmo."

Ela fitou-o nos olhos, como se medisse a determinação que via nele, e percebeu que teria de jogar forte. Molhou os lábios com a ponta da língua, ciente de que havia coisas a que nenhum homem resistiria, e inclinou a cabeça. Com um movimento rápido, caiu-lhe sobre a boca e afundou-se num beijo molhado. José tentou lutar, mas sentiu a língua invadir-lhe a boca e desistiu nesse instante, vencido por aqueles lábios ardentes, rendendo-se na convicção de que o fazia apenas por um breve momento. Deixou-se transportar naquele embalo doce, como se concedesse uma trégua aos sentidos; decidira que seria o derradeiro beijo e porque não haveria de o fruir?

Quando o beijo terminou e os lábios se apartaram apercebeu-se de um movimento inesperado na porta e olhou naquela direcção. Com um susto, o coração a saltar num baque de horror e um doloroso aperto no estômago, reconheceu o rosto que o fitava com incredulidade.

Era Mímicas.

Foi apenas duas semanas depois que Diogo Meireles conseguiu lugar na coluna de reabastecimento que partiu para Tete. Apesar de se ter voluntariado para aquela missão, fez toda a viagem em sobressalto e dividido por sentimentos ambivalentes. Sabia que a viagem era perigosa; os camaradas mostravam-se nervosos e contavam histórias de ataques à coluna. A verdade é que a emboscada que sofrera quinze dias antes naquele mesmo percurso fazia prova disso.

O outro lado da moeda era a possibilidade de abandonar, mesmo por apenas um dia, aquele buraco fedorento em que se transformara o Chioco e ir à cidade desanuviar e ver coisas diferentes. Mas o mais importante, o que de facto o levava a candidatar-se a integrar a coluna, foi a atracção pela mais bela das jóias que Tete tinha para oferecer ao mundo.

Sheila.

Pensara nela ao longo desses quinze dias e escrevera-lhe várias cartas que o correio da semana anterior havia levado para Tete e algumas outras que não tivera oportunidade de lhe mandar por não ter havido um novo correio. Ou melhor, o correio da semana era a coluna que ele agora integrava e as cartas levava-as consigo. Pôs a mão no bolso e sentiu-as. Sabia que eram uma arma para chegar ao coração da rapariga e tinha a certeza, ou pelo menos esperava, que as primeiras já tivessem surtido o seu efeito.

O que não sabia é se Sheila iria comparecer ao encontro. Nem aliás possuía a garantia de que ela tivesse sequer consciência de que havia encontro. O facto de o correio ser semanal, existindo apenas quando a coluna ia e vinha a Tete, constituía realmente um grande contratempo na planificação da Operação Sedução. Como fazer chegar mensagens urgentes à rapariga se só lhe podia remeter cartas de sete em sete dias?

Como muitas vezes sucede nas situações de emergência, a imaginação tem o condão de contornar os obstáculos da realidade e isso mais uma vez acontecera. Dado que não tinha modo de fazer chegar a Sheila uma carta a avisar que seguiria na coluna seguinte, uma vez que essa carta só seria transportada para Tete na própria coluna que o levaria, teve de aguçar o engenho. Tal como nas revistas de Walt Disney, em que uma lâmpada se acendia na cabeça do Professor Pardal sempre que lhe ocorria a solução para um problema, a ideia aparecera-lhe na véspera num desses momentos luminosos.

Sentado no banco corrido da Berliet, Diogo observava o mato com os olhos mas a cabeça revivia aquele momento de genialidade. Estava à noite com os camaradas na palhota dos furriéis a jogar à sueca e a escutar a rádio rodesiana quando o olhar se fixara no aparelho de onde jorrava a voz de Jim Morrison a cantar Riders on the Storm com solenidade absurda. O gajo morrera no ano anterior, mas, caraças!, tinha cá um vozeirão! A solução, percebera Diogo naquele momento de inspiração em que escutava os Doors, estava no rádio. Saltou da cadeira como se tivesse sido impulsionado por uma mola e, apesar dos

protestos dos camaradas, saiu a correr e só parou na tenda onde se encontrava instalado o posto de transmissão.

O posto era manejado pelo furriel Bimba, o engenhocas da companhia, que estranhou o pedido mas não ergueu obstáculos. Tal como lhe havia sido solicitado, contactou o Aero-Clube de Tete e transmitiu uma mensagem destinada ao doutor José Branco, informando-o de que o furriel Diogo Meireles iria no dia seguinte à cidade e precisava de uma consulta urgente com a enfermeira Sheila. Diogo não explicou a Bimba, nem tão-pouco o fez na mensagem, por que motivo a consulta tinha obrigatoriamente de ser com aquela enfermeira. Bimba presumiu que ela teria qualificações especiais para o problema específico que afligia o camarada, o que de certo modo até era verdade. Quanto ao tio Zé, Diogo não tinha modo de adivinhar o que presumiria ele, mas presumiu que o tio presumisse a verdade e nem isso o deteve.

Uma cotovelada no braço despertou Diogo, esfumando a memória do sucedido na véspera e trazendo-o à realidade da Berliet. O camarada sentado ao lado, autor da cotovelada, apontou para o horizonte e sorriu com satisfação. O furriel voltou o olhar naquela direcção e vislumbrou, como uma mancha de crayon amarelo raspada sobre uma tela azul, uma distante nuvem de poeira a pairar sobre o mato.

"Tete."

A freira que o recebeu no hospital, uma espanhola baixinha que se apresentou como irmã Lúcia, abanou a cabeça quando a inquiriu sobre Sheila ou o tio.

"A chica e o doutor Branco no están", anunciou. "Foram terça-feira dar a vuelta do Serviço Médico Aéreo."

Diogo fez um esgar de desespero, receando ter efectuado a viagem em vão. Teria o tio recebido a mensagem que enviara pelo rádio? Provavelmente já havia partido quando Bimba contactou o Aero-Clube.

"Quando voltam?"

"Hoje é sexta, portanto regressam esta tarde", disse a freira. "Se não houver novidade."

A informação animou-o; afinal nem tudo estava perdido. Despediu-se da freira e foi passear por Tete. Almoçou no Restaurante Central, passou pelo Christus Luscos, onde adquiriu alguns produtos etiquetados Só para as Forças Armadas, e arranjou boleia até ao Aero-Clube.

Logo que chegou, deslocou-se ao posto de controlo para se informar da hora prevista para o regresso do Serviço Médico Aéreo. Pediu que o alertassem quando o avião aterrasse e foi-se instalar numa espreguiçadeira junto à piscina onde decorria uma aula de natação para crianças. Mandou vir uma cerveja, mas ocorreu-lhe que poderia ficar com um hálito menos agradável para Sheila e rectificou o pedido, corrigindo-o para uma bebida mais exótica.

"Uma Coca-Cola, por favor."

Ouvira falar muito destes refrigerantes americanos que não se vendiam na Metrópole, mas que pelos vistos eram abundantes em Moçambique. A Coca-Cola veio e, sempre com espírito de experimentação, passou a seguir para uma Pepsi Cola e depois para uma Seven Up e uma Fanta, refrigerantes com sonoridades anglo-saxónicas e um apelo estrangeirado que lhe agradavam.

Experimentou todas estas novidades com lentidão tranquila, saboreando cada trago e arrotando todas as borbulhas de gás. Deixou assim rolar a tarde, estendido na espreguiçadeira e a observar com olhar distraído a aula de natação.

Sentia-se estranhamente integrado numa humanidade mais vasta, um mundo cujas fronteiras não se limitavam ao incipiente Sumol à venda no Porto e em Lisboa e se abriam a outras novidades gaseificadas. Deu consigo a reflectir sobre a inesperada hipótese de as colónias serem afinal mais

avançadas do que a própria Metrópole. Talvez a ideia parecesse absurda a um espírito menos atento, considerou, mas olhando em redor, para o ambiente ameno do Aero-Clube de Tete, o calor do ar temperado pela frescura da piscina e da garrafa gelada de Fanta, não podia ignorar que a vida ali, apesar de toldada pelas circunstâncias de guerra, se revelava bem mais encantadora do que a da fria Metrópole, onde o espaço era acanhado e as ideias curtas.

"O avião aterrou."

O anúncio, comunicado de chofre pelo empregado do bar, desfez-lhe o raciocínio com a mesma brusquidão com que o despertar dilui um sonho. Diogo ergueu-se de um salto da espreguiçadeira, atirou dez escudos para a mesa e abandonou o complexo da piscina, dirigindo-se apressadamente para a pista do Aero-Clube.

A tarde ia já avançada e sobre a pista de terra batida pairava ainda a nuvem de poeira levantada pela recente aterragem. Um Piper Cherokee branco com uma faixa azul e uma enorme cruz vermelha encontrava-se parqueado junto à casinha do controlo aéreo e várias pessoas afadigavam-se em redor do avião e de um jipe Austin verde estacionado ao lado, embrenhadas numa azáfama sussurrada.

Distinguiu no meio daquele formigar de gente, quase como se um foco de luz incidisse na figura central de uma peça de teatro, a balalaica e as calças brancas do tio.

"Por aqui?", admirou-se José Branco quando o viu.

"Não foi avisado?"

Diogo fez a pergunta com um sorriso, mas reparou que uma sombra obscurecia o olhar do tio, a névoa de uma preocupação que sem sucesso procurava esconder. Talvez incomodado com a expressão perscrutadora do sobrinho, o médico apressou-se a tirar do bolso das calças um pequeno sobrescrito dobrado em várias partes.

"Entregaram-me agora uma mensagem tua, mas confesso que ainda não a li", disse José. "Passa-se alguma coisa?"

"Não, não é nada de especial", tranquilizou-o Diogo. "Era só eu a avisar que vinha cá hoje." Olhou em redor. "A Sheila? Ela não veio consigo?"

O tio voltou-se para trás e apontou para uma morena de bata que ajudava um aldeão doente a sair do Piper Cherokee.

"Está ali", exclamou. "Porquê?"

Diogo atirou um sorriso na direcção do tio antes de mostrar o ramo de flores que trazia escondido atrás das costas.

"É que ela vai jantar comigo e ainda não sabe."

O empregado do Carlettis revolteava entre as mesas como um bailarino, executando hábeis passos de dança numa complicada coreografia; eram redemoinhos para evitar colisões com os fregueses que enxameavam o restaurante. Vinha banhado de transpiração, afinal havia só dois empregados para tanta gente, e rodopiou a bandeja pelo ar numa manobra quase acrobática antes de, com um derradeiro floreado, a pousar sobre a mesa.

"Uns camarõezinhos fritos para os senhores, não é verdade?", disse, assentando no centro da mesa a travessa de camarões, o pão e as duas bebidas, um copo de cerveja e uma Fanta. "Mais alguma coisa?"

O cliente fez sinal de que estava tudo bem e o empregado mergulhou na multidão e volatilizou-se.

"Caramba!", exclamou Diogo com os olhos postos na travessa. "Nunca vi camarões deste tamanho. São gigantes ou quê?"

O rosto de Sheila abriu-se numa expressão de admiração.

"Estás a brincar?", surpreendeu-se, respeitando a combinação de doravante se tratarem sempre por tu. "Nunca comeste camarões aqui em Moçambique?"

"Só cá estou há um mês e meio", esclareceu ele. "É a primeira vez que provo camarões desde que cheguei. No Chioco não há nada disto, como deves calcular." Pegou num camarão tão grande que lhe cobria toda a palma da mão. "Porquê? Não me digas que este tamanho é normal!..."

A rapariga exibiu o seu sorriso maravilhoso.

"Claro que é normal! Isto são camarões de Moçambique, Diogo!" Pegou também num e retirou-lhe a casca alaranjada. "Prova! São uma maravilha, vais ver."

O soldado seguiu-lhe o exemplo e trincou o camarão que retirara da travessa.

"Hmm... é realmente bom. Parece um doce!"

Sheila fez um gesto com a cabeça, a indicar o restaurante.

"Os petiscos aqui do Carlettis têm muita fama em Tete", revelou. Pousou os olhos na cerveja. "E dizem os entendidos que a cerveja de cá é a melhor da cidade..."

Diogo já a havia bebericado, mas deu outro gole para a saborear de novo.

"É boa é", confirmou. Estendeu-lhe o copo. "Queres privar?"

"Ah, não!", disse ela. "Não bebo cerveja. Aliás, não bebo álcool nenhum."

O rapaz sorriu com malícia.

"Porquê? Tens medo de apanhar uma piela?"

"Não é isso. Não toco em álcool por motivos religiosos."

A explicação arrancou um olhar surpreendido do militar.

"Quais motivos religiosos? Que eu saiba Jesus bebia vinho..."

Sheila colou os dedos delgados à garrafa de Fanta, sentindo a frescura da garrafa de laranja gaseificada.

"Sou maometana."

A rapariga fez a declaração como se ela explicasse tudo, mas para sua surpresa o seu interlocutor não pareceu esclarecido.

"E então?"

"Diogo... os maometanos não bebem álcool!..."

O rapaz arregalou os olhos.

"Ai não?! Porquê?"

A pergunta de Diogo desencadeou em Sheila uma gargalhada; era assombrosa a ignorância dos metropolitanos em relação à religião que ela professava.

"Porque o Profeta assim mandou", esclareceu. "Eu até nem sou muito zelosa no cumprimento dos nossos preceitos, mas pelo menos isso respeito."

O rapaz perscrutou-lhe o rosto devagar, como se a descobrisse a uma nova luz.

"Pois é, ouvi dizer que há maningue maometanos aqui em Moçambique..."

"Então não há?", riu-se ela, divertida por lhe captar um primeiro maningue, sinal de que Diogo se aculturava depressa.

"Uns vinte por cento da população de Moçambique são maometanos, Diogo. E olha: somos grandes patriotas portugueses, sabias? A guerrilha não consegue entrar em Nampula porque a população dominante da província são os Macuas, uma etnia islamizada. Os Macuas são os mais fiéis aliados dos brancos e não se deixam influenciar pelos turras."

"Ah, pois! Os Macuas!", exclamou Diogo, familiarizado com a etnia devido à sua importância no quadro militar. "O in invadiu Cabo Delgado e o Niassa, mas não consegue descer para o resto da província por causa dos Macuas. São maometanos?"

"Se fores a Nampula vêes mesquitas em toda a parte..."

"Ai sim? E por que motivo vocês afiam os dentes? E também um costume maometano?"

"Que confusão!", exclamou ela, revirando os olhos de exasperação. "Em primeiro lugar, o que é isso de vocês? Quem é vocês?"

"Bem... vocês, os macuas maometanos."

"Eu não sou macua! Nasci aqui em Tete e tenho antepassados indianos, brancos e acheuas. A maior parte dos macuas são maometanos, mas nem todos os maometanos de Moçambique são macuas, entendes? Depois, quem afia os dentes não são macuas nem isso é prática maometana." Arreganhou os beiços e exibiu uma fileira perfeita de dentes brancos. "Vês? Não estão afiados, pois não? Para tua informação, quem afia os dentes são os Macondes, que são animistas e cristãos e aliaram-se aos turras em Cabo Delgado."

"Ah, tu não és macua!..."

Sheila riu-se com a ideia.

"Claro que não, já te disse. Mas sou maometana."

O soldado mostrou a Sheila o seu melhor sorriso.

"Então está tudo explicado!", exclamou. "Se és maometana, tens de ser boa rapariga!" Engoliu mais um camarão e fez uma careta, como se tivesse acabado de lhe ocorrer algo. "Olha lá, não são os maometanos que podem casar com várias mulheres ao mesmo tempo?"

A pergunta provocou um ligeiro franzir do sobrolho da rapariga, desconfiada do que aí vinha.

"Sim..."

"Quer dizer que, se eu casar contigo, poderei também casar com outras mulheres? Não te importavas?"

Sheila ergueu a mão para o travar.

"Calma!", exclamou. "Isso não é assim! Em primeiro lugar, já te expliquei que, sendo maometana, não sou zelosa no cumprimento dos nossos preceitos. Portanto, comigo não há haréns para ninguém! Em segundo lugar, aqui em Moçambique vigora a lei portuguesa. Que eu saiba, o casamento com duas ou mais mulheres ao mesmo tempo chama-se poligamia e é ilegal. Por isso não te ponhas com ideias, ouviste?"

Diogo recostou-se na cadeira e trincou um dos derradeiros camarões que restavam na travessa. Na face bailava-lhe um sorriso tão malicioso que deixou a rapariga inquieta. O que raio havia ela dito que lhe pudesse ter dado tanta satisfação? Aguardou uns momentos, esperando que ele se explicasse, mas como nada dizia e mantinha aquele esgar estupidamente irónico, a rapariga não se conteve.

"Olha lá, porque estás com essa cara?"

O furriel fez um ar de admiração inocente, o sorriso transformado já em riso.

"Eu? Qual cara? Não estou com cara nenhuma!..."

Sheila apontou-lhe para a face.

"Essa aí!... Esse risinho maningue parvo. Em que estás tu a pensar?"

O riso de Diogo tornou-se de novo sorriso.

"No que tu disseste."

A rapariga passou mentalmente em revista as palavras que havia proferido momentos antes, tentando perceber aquela observação; por mais que se esforçasse, contudo, nada de anormal descortinou no que tinha dito. Então porque sorria ele?

"Anda lá", implorou. "O que disse eu que te pudesse pôr com essa cara de... de...?"

"Não foi bem o que disseste", murmurou ele com uma expressão enigmática. "Mas o que não disseste."

A observação deixou Sheila intrigada. Esperou que Diogo concretizasse a ideia, mas o militar voltou a fechar-se no seu sorriso.

"Está bem", impacientou-se Sheila. "O que foi que eu não disse?"

O rapaz pressentiu-lhe o desassossego e percebeu que teria de abrir o jogo. Para ganhar tempo, e porque a tarefa requeria uma boa dose de atrevimento, pegou no copo e engoliu de uma assentada o que lhe restava da cerveja. Depois pousou o copo vazio, lambeu a espuma que se lhe colara aos lábios e fitou-a com uma expressão séria e inescrutável.

"Quando te falei no harém disseste que isso não aceitavas", lembrou ele. "O que não disseste é que não te casavas comigo."

Como Sheila havia saído do Aero-Clube na companhia de Diogo, José Branco fez o caminho para o hospital sozinho no banco traseiro do jipe. Luís seguia ao volante e tagarelava sem cessar com o enfermeiro Mendonça, ambos em voz baixa, deixando o médico lá atrás entregue aos seus pensamentos.

A cidade de Tete, poeirenta e adormecida na obscuridade azul-petróleo do início da noite, desfilava em silêncio diante dos olhos do médico-aviador. José observava as casas, as árvores, os postes de iluminação, as lojas, os transeuntes, as bicicletas e os automóveis, mas apenas registava o problema que havia uma semana lhe ocupava a mente, como se um espírito tivesse tomado conta dele e não houvesse forma de o exorcizar. O problema era Mímicas.

Desde que a mulher o apanhara no gabinete a beijar Nicole a vida mudara. E para pior. Nesse fim-de-semana Mímicas não lhe dirigira uma palavra que fosse. Permanecera num estado de mutismo absoluto. José tentou falar-lhe, procurou explicar-lhe a situação, esforçou-se por lhe mostrar que era a ela que amava, que apesar do que vira ele havia terminado o relacionamento com a rodesiana, mas a mulher ignorou-o por completo. Afastou-se dele e manteve-se longos períodos encerrada no quarto.

Era nesse pé que se encontrava a situação quando José teve de partir na madrugada de terça-feira para mais um périplo aéreo pelo distrito. Andara de terriola em terriola a tratar de doentes, mas o que lhe ocupava em permanência a mente era Mímicas. É certo que os dias mais difíceis tinham sido os primeiros, quando o cisma que se dera no casal estava mais fresco e parecia absolutamente irreversível, ensombrando o futuro da relação.

Com o passar dos dias, todavia, foi encarando as coisas de outra perspectiva e a visão do problema tornou-se menos pessimista. Pensou que provavelmente tinha sido melhor ter-se afastado durante aquela semana. A pausa conceder-lhes-ia espaço, daria perspectiva às coisas e permitiria suavizar a dor. Não se dizia que o tempo tudo cura?

"Estamos a chegar, doutor", avisou Luís. "Vamos primeiro ao hospital ou prefere que o deixe já em casa?"

Perdido nas suas deambulações, o médico foi apanhado de surpresa com a rapidez com que haviam atingido o topo da colina e hesitou, indeciso quanto ao que fazer.

Em circunstâncias normais iria primeiro ao hospital falar com o doutor Feitor e a irmã Lúcia para tomar conhecimento de tudo o que acontecera na sua ausência e depois iria visitar as enfermarias e despachar a burocracia acumulada. Mas aquelas circunstâncias não eram normais, como de resto, e pelos vistos, até o próprio motorista estava ciente.

"Leva-me a casa."

O médico-aviador havia passado quatro dias ausente e sabia que não aguentaria nem mais um minuto. Tinha uma necessidade premente, absoluta, inadiável, de se reconciliar com a mulher. O momento era enfim chegado.

As folhas dos arbustos na berma da colina ondulavam ao sabor do bafo quente da brisa e a poeira rodopiava na estrada como um peão incorpóreo. Lá em baixo cintilavam as luzes ténues da cidade, mas a casa estava mergulhada na sombra. Parecia um vulto adormecido na noite.

Logo que Luís e Mendonça o deixaram, José aproximou-se da entrada e apercebeu-se de que uma

claridade frágil despontava como um fio de luz debaixo da porta. Meteu a chave na fechadura e entrou em casa.

"Mímicas", chamou, como habitualmente quando regressava do Serviço Médico Aéreo.

"Cheguei!"

Havia um candeeiro aceso no canto da sala, mas de resto não registou sinais de vida. O recém-chegado percorreu a casa num estado de ansiedade crescente; espreitou os quartos, o escritório e a cozinha, mas não viu viva alma. Sentou-se à mesa da sala de jantar e tentou perceber onde estaria a mulher. Agarrou-se ao telefone e ligou para as amigas dela, mas Mímicas não se encontrava com nenhuma. Em desespero de causa telefonou para diversos estabelecimentos públicos onde ela poderia estar, incluindo o Café Zambe, o Bar Copacabana e até o centro comercial, sempre sem a conseguir localizar.

Foi a irmã Lúcia quem lhe deu a melhor sugestão.

"Não vi a sua senora toda a semana, doutor", disse ela do outro lado da linha. "Pero já falou com o Ernesto?"

José bateu com a palma da mão na testa; como pudera esquecer-se de algo tão elementar?

"Tem razão. Ele deve saber."

O anexo onde Ernesto vivia com a família era uma fila de três compartimentos alinhados no quintal, entre a garagem e a casa. Quando saiu para a varanda traseira, José deparou-se de imediato com o bailar nervoso das luzes dos candeeiros de petróleo e escutou o murmúrio tranquilo das conversas em nhungué. Havia mantas estendidas numa rampa ao lado do anexo; era ali, ao ar livre, que a família do empregado dormia.

"Ernesto?!"

Fez-se um súbito silêncio no quintal.

"Sim, doutor?"

"Onde está a senhora?"

O empregado não respondeu de pronto. O médico vislumbrou um movimento na sombra e percebeu que era o vulto de Ernesto a aproximar-se da varanda interior, as feições e os contornos do corpo pouco nítidos à contraluz dos candeeiros.

"Ela saiu."

"Sabes para onde foi?"

O empregado abanou a cabeça.

"Saiu na quarta-feira."

A informação atingiu José ao retardador. Quarta-feira? Quarta-feira tinha sido dois dias antes.

"E não voltou?"

"Não senhor", murmurou Ernesto lugubrememente. "Saiu com mala."

A informação deixou José embasbacado. Esta novidade tornava tudo bem mais grave.

"Não... não disse para onde ia?"

"Não senhor."

O médico teve de se apoiar ao ferro da varanda, a mente mergulhada numa corrida quase febril para identificar possíveis destinos. Teria ido para Lourenço Marques? Regressara à Metrópole? Voltara para Cabo Verde? A lei que impedia as mulheres de viajarem sozinhas sem a autorização dos maridos havia sido revogada três anos antes, pelo que as possibilidades eram infinitas. Não conseguiria determinar o destino dela com meras conjecturas.

Deu meia volta, cabisbaixo, e acenou em despedida.

"Obrigado, Ernesto. Boa noite."

O empregado levou um longo segundo a responder.

"Eu ouvi a senhora falar ao telefone."

José estacou.

"Com quem?"

"Ligou para a Cotur e pediu um bilhete de avião."

"Ai sim? Para onde?"

O vulto de Ernesto passou a mão pela cabeça, num gesto de embaraço.

"Ela falou maningue baixo e não consegui ouvir", disse.

"Mas depois fez outro telefonema. Esse eu entendi."

"Para quem?"

"Para o doutor Rouco."

O médico endireitou o corpo, subitamente reconfortado por perceber enfim para onde Mimicas fora. A mulher estava na...

O Land Rover enlameado passou pela avenida com fragor, levantando uma nuvem de poeira que invadiu o passeio. Diogo viu-se obrigado a voltar costas à nuvem e a encostar-se a Sheila, de modo a protegê-la do manto denso de sujidade. Ela percebeu a intenção e anichou-se-lhe ao peito, abrigoando o rosto do pó.

O militar sentiu-lhe o cabelo negro afagar-lhe a face; cheirava a eucalipto. Envolveu-a nos braços com um gesto protector, defendendo-a do véu poeirento que adejava em redor, as partículas de pó alaranjado a reluzirem à luz amarelada do candeeiro. O corpo de Sheila estreitava-se em linhas delgadas, a sua pele era suave e aveludada ao toque das mãos, e senti-la assim vulnerável despertou o desejo em Diogo.

A luz do candeeiro brilhava intermitentemente, a lâmpada a pestanejar sob o efeito dos insectos que a rodeavam, e o casalinho deu três passos hesitantes, atravessando a poeira e mergulhando na penumbra que se derramava aos seus pés. O manto de pó desvanecia-se já quando Sheila se atreveu a arrebitar a cabeça para respirar ar fresco. Foi a vez de ser ela a cheirar o Old Spice com que o homem que a protegia da poeira se havia regado no pescoço. Quase por acidente, mas sabendo que tudo era inevitável, trancaram o olhar um no outro. Sentindo o corpo adquirir vontade própria, o furriel deixou a face descair devagar até a boca se colar à bochecha da rapariga; era quente e incrivelmente macia. Deu um beijo húmido naquela superfície de seda cálida e começou a deslizar lentamente pela face, quase milímetro a milímetro, até a boca se colar aos lábios escaldantes e entreabertos de Sheila.

O primeiro beijo.

A boca da rapariga era ardente e doce, acoitando-lhe a língua como o frasco de mel acolhe o dedo guloso. O corpo de fêmea, enroscado em Diogo, agitou-se num frémito lascivo e o rapaz deu pelo ventre dela a embater no seu, como um forçado a provocar a besta. Tirando partido da invisibilidade que a sombra lhes proporcionava, o militar desceu a mão direita ao longo das costas palpitantes de Sheila e apertou-lhe uma nádega com volúpia. A rapariga ronronou, agradada.

Encorajado por esta reacção, e sem descolar a boca daqueles lábios sequiosos, meteu-lhe a mão esquerda pelo decote até lhe sentir o veludo macio do seio e apertá-lo como se a quisesse ordenhar. Um novo gemido. Desceu ainda mais a mão que lhe apalpava a nádega e enfiou-a pela abertura das saias, subindo pelas pernas até lhe sentir o hálito abrasado entre as coxas. O dedo do meio adquiriu vida própria e contornou-lhe o rendilhado das calcinhas, mergulhando com atrevimento na humidade incandescente.

"Não!", disse ela, sacudindo o corpo para lhe afastar o braço. "Isso não!"

Diogo abriu os olhos, inebriado. A digressão pelo corpo de Sheila deixou-o atordoado de desejo; se havia conseguido ir até tão longe, como não levar a viagem até ao fim? Parar nesse momento era como

travar um comboio que galgava a pleno vapor pela planície; parecia-lhe impossível, doloroso, impensável. Precisava de ir até ao termo da linha, custasse o que custasse.

"Oh!", protestou. "Porquê?"

"Porque não!", insistiu Sheila com convicção inabalável. "Estamos no meio da rua, Diogo!"

O rapaz espreitou em redor, como se só então tomasse consciência do local onde se achavam. É verdade que a rua se apresentava quase deserta; viam-se algumas pessoas lá ao fundo e era tudo. Além disso, encontravam-se encostados ao tronco de uma mangueira e protegidos pelo véu sombrio da noite. Mas ela tinha razão; estavam na rua e ali não se faziam certas coisas. Como aquelas.

"Onde podemos ir?", perguntou ele, ofegante de lascívia.

Sheila voltou a sacudir o corpo, libertando-se enfim do abraço.

"Vamos comer um aice crime."

"Ai se há crime?", admirou-se ele, sem perceber. "Vai haver um crime?"

"Não, tonto", riu-se a rapariga. "Um aice crime. É como chamamos aqui aos sorvetes. Ao lado do talho do Sousa existe uma loja que vende aice crimes italianos. São uma delícia!"

"Que raio de nome vocês arranjarão!", resmungou o furriel. "Mas, diz-me, para que quero eu os gelados? Tu és a melhor sobremesa que existe em Tete!..."

Sheila empurrou-o, fingindo-se ofendida.

"Ora! Por quem me tomas tu?"

"Por um aice crime."

Os gelados italianos eram do melhor que Diogo já havia provado; nunca tinha saboreado na Metrópole sorvetes assim. Escolheu um cone com uma bola de chocolate e ela optou por um de morango, e sentaram-se ambos no passeio diante do jardim público a lamber aquelas delícias frias.

Mantiveram-se silenciosos alguns instantes. Os sorvetes eram de facto saborosos, mas o soldado não tinha a cabeça ali. Apesar de ter readquirido perfeito controlo de si mesmo, sentia o corpo ainda sob o efeito embriagador dos químicos que havia libertado apenas meia hora antes e com a sensação de ter interrompido um processo que ainda lhe decorria nas veias.

"Tenho de ir para casa", observou ela com a expressão de quem cumpre um dever, obviamente sem vontade nenhuma de partir. "O chato é que já é noite e a minha ginga não tem farol."

"Moras longe?"

"Não muito, mas a pé ainda é uma horita."

"Eu acompanho-te."

"A pé?", riu-se ela. "Uma hora para lá e uma hora para cá? Nem penses!"

Diogo ergueu-se de pronto e estendeu-lhe a mão, convidando-a a levantar-se.

"Anda daí!"

Ela ergueu o olhar, hesitando em pôr-se em pé. "Já?"

"Tu viste que horas são?", perguntou o namorado, exibindo-lhe o relógio. "Se vou caminhar duas horas é melhor sairmos agora. Tenho de me deitar cedo porque a coluna sai pelas cinco da manhã para o Chioco e eu ainda quero dormir algumas horas."

Sheila estendeu-lhe a mão e ele puxou-a, ajudando-a a levantar-se. Ela ainda considerou a possibilidade de ir buscar a bicicleta, mas concluiu que mais valia deixá-la guardada no posto do calhambeque e ir levantá-la no dia seguinte, quando viesse do hospital.

Percorreram o centro de Tete lado a lado, a saborear o que restava dos gelados, e enfiaram por uma estrada de terra batida em direcção ao subúrbio onde Sheila vivia. Uma multidão animava a estrada naquela noite quente, com mulheres a passarem com bacias de água equilibradas na cabeça e crianças a brincarem com carrinhos engenhosamente construídos com paus e latas. O ar enchia-se de gargalhadas e

de conversas e de música; os transistores animavam-se com ritmos de instrumentos africanos, como o caligo e a mbira, enchendo a noite de alegre musicalidade. Sheila ensaiou até uns passos de dança com uma graciosidade que deliciou o companheiro, bem mais desengonçado naqueles movimentos.

Depois meteram por um caminho que saía desta estrada movimentada e deixaram toda aquela agitação para trás. O trilho era estreito e, após passarem por umas palhotas, embocaram num troço onde não se vislumbrava viva alma. A sombra reacendeu-lhes o desejo. Diogo deu a mão à rapariga e depois um beijo e logo se seguiu um abraço e tudo recomeçou; as línguas devoraram as bocas, as mãos exploraram os corpos, os ventres colidiram esfaimados.

Percebendo que já não conseguia parar mas que estavam num local de passagem, Diogo arrastou-a para fora do trilho e deitaram-se por trás de um arbusto, enrolando-se sofregamente até ele ficar por cima dela. Com um movimento atabalhoado o rapaz baixou as calças, mas Sheila apercebeu-se e hesitou.

"Não!", disse. "Isso não!"

O soldado sentia-se perder o controlo, mas conseguiu deter-se.

"Porquê? Não queres?"

Ela exalou um som estranho, misturado com um suspiro e gemido.

"Oh, se quero! Mas não posso! Não posso!"

"Porquê?"

"Porque... porque é cedo. Mal nos conhecemos!..."

Diogo inclinou-se sobre o rosto dela e colou os lábios aos lábios dela.

"Mas eu amo-te."

Sheila hesitou.

"Eu também...", titubeou. "Eu também... mas não podemos!... Precisamos de tempo."

Diogo lambeu-lhe os lábios frementes com um movimento inesperadamente guloso.

"Qual tempo, Sheila? Qual tempo?"

"Tempo", repetiu ela, achando óbvio o que queria dizer. "Temos de nos conhecer. Não podemos fazer tudo à primeira, não sou esse tipo de moça. Entendes?"

A rapariga rodopiou sobre si mesma, tentando libertar-se do peso dele, mas Diogo não deixou. O soldado percebeu, porém, que ela se esforçava por controlar o ardor que já se lhe apossara do corpo e que a todo o momento poderia ser bem-sucedida e dominar o ímpeto de vez. Teria de jogar as últimas cartas, e precisava que fossem trunfos.

"Não temos tempo, meu amor."

"Que disparate! Claro que temos! Temos o tempo que quisermos."

Diogo tentou beijá-la, mas ela virou a cabeça, evitando-lhe os lábios. A janela de oportunidade fechava-se já.

"Eu sou um soldado, meu amor", murmurou, lançando o ás que tinha guardado na manga. "Estamos em guerra e eu fui colocado num posto no meio do mato e rodeado de turras. Isso quer dizer que nem sei se amanhã estarei vivo. Entendes isso?"

"Claro que estarás!"

O rapaz manteve a cabeça sobre ela. Sheila apenas lhe pressentia o vulto recortado na sombra, mas não tinha dúvidas de que ele a fitava.

"Quantos soldados mortos ou estropiados os Alouettes que passam frente à casa do meu tio não levam diariamente para o hospital? Quantos feridos não morreram na tua enfermaria? Quantos cadáveres não cobriste já com o lençol?"

Sheila estremeceu, subitamente apavorada, e pousou-lhe a mão quente no rosto.

"Não te vai acontecer nada!"

"Como podes ter a certeza? Eu sou um soldado em zona de guerra e estou num posto isolado e rodeado de turras. Como sabes que não te apareço amanhã no primeiro Alouette que aterrar no hospital? Como sabes tu isso?"

A rapariga começou a chorar.

"Não... não quero... não te pode acontecer nada!..."

"E se acontecer?", insistiu ele, plantando firme a terrível dúvida. "Como podes tu negar-nos o amor que merecemos? Como poderás tu viver com a consciência de que nem sequer me deixaste amar-te como um homem ama uma mulher?"

"Não, não", choramingou ela, abanando a cabeça. "Não te vai acontecer nada!..."

"E se acontecer?", repetiu Diogo, a insistir na mesma ideia, como um ferreiro que malha o ferro até o metal se dobrar à sua vontade. "Estamos em guerra e não sabemos o dia de amanhã. Vamos por isso viver um momento de cada vez. Precisamos de aproveitar o que temos enquanto o temos. Eu estou aqui agora." Acariciou-lhe o rosto molhado de lágrimas. "Ama-me como se me perdesse amanhã."

Incapaz de resistir mais um segundo que fosse, Sheila puxou-o para si, estreitando-o num abraço esfaimado, e beijou-o longamente na boca. O rapaz sentiu o corpo dela abandonar as defesas e as pernas entreabrirem-se, numa rendição que era também um convite, sinal inequívoco de que o ferro se dobrara enfim. Desfez-se das roupas que o atrapalhavam e, a tremer de desejo incontável, procurou-lhe a entrada, mergulhou-lhe entre as pernas e perdeu-se no delicioso caldo de doçura incandescente.

O marulhar ameno do mar foi a primeira coisa que José Branco escutou quando abandonou o Motel Estoril e percorreu a fileira de lojas ao longo do edifício ondulante. O Sol erguia-se a meia altura sobre o Índico, aquecendo o ar húmido impregnado de maresia e tornando mais alegres e vivas as múltiplas cores dos toldos que se estendiam pelo areal do outro lado da estrada. A praia parecia acenar, convidativa, atraindo os veraneantes que calcorreavam a areia em ritmo de passeio e de toalhas às costas; eram sobretudo colonos portugueses e turistas rodesianos.

Deu com o automóvel parqueado à sombra de uma acácia, com uma visão perfeita do farol do Macuti. Meteu-se no Opel e seguiu pela marginal em direcção ao Clube Náutico, a janela aberta com o braço de fora para sentir o vento tépido. Enquanto conduzia, o visitante não pôde deixar de pensar que nunca vira cidade tão descontraída e agradável como a Beira e interrogou-se momentaneamente sobre a razão de ser assim. Talvez devido à longa praia de água quente, pensou; era um bálsamo perfeito para o culminar de um dia de trabalho. Mas também tinha de considerar a elegância tropical dos edifícios da cidade, aqui em estilo Belle Epoque, ali em traça colonial.

Sempre achara a Beira uma urbe atraente, embora talvez menos naquelas circunstâncias penosas. José tinha um problema para resolver e não ia descansar enquanto não encontrasse solução. Virou para o bairro da Sofir, ainda na estrada que bordejava o Índico, e, após verificar os números nos portões, estacionou diante de uma casa colonial. Conhecia bem aquele tipo de construção, muito característico dos edifícios residenciais públicos em Moçambique. A casa estava dividida em dois apartamentos, um no rés-do-chão e o outro no primeiro andar, desenho que proliferava pela província. O seu destino era o primeiro andar.

Cruzou o portão e invadiu o quintal até se imobilizar numa porta rasgada na esquina da casa. Tocou à campainha e ouviu a sineta tilintar lá em cima. Instantes volvidos, escutou passos pesados no som característico de quem desce um longo lanço de escadas. A porta abriu-se e deparou com o olhar surpreendido do seu velho amigo.

"Olá, Domingos!", saudou. "Estás bom?"

"Zé!", soltou o advogado negro, abraçando-o. "Tudo maningue naice?"

Embora se tivessem mantido em contacto por carta, era a primeira vez que se viam desde os

tempos de João Belo. O médico avaliou por isso o amigo, tentado descortinar nele efeitos da passagem pela prisão; Domingos estava talvez um pouco mais velho, com alguns cabelos brancos a nascerem-lhe nas têmporas, mas a principal diferença residia no volume do corpo.

"Estás mais gordo, pá!"

"Iá, são os caranguejos da Beira", retorquiu o advogado com uma gargalhada. "Desde que me desterraram neste paraíso que não quero outra coisa!"

"Que sorte!"

Foi a vez de Rouco apreciar o aspecto do amigo.

"E tu estás todo chunguila com essas grandes gadelhas", constatou. "Andas armado em Beatle ou quê?"

"Sabes que eu sou mais James Last..."

Apercebendo-se de que aquele local não era o mais indicado para conversarem, Domingos fez sinal para dentro do edifício.

"Entra, entra."

O anfitrião puxou o recém-chegado para a sombra do átrio e levou-o pelas estreitas escadas interiores até ao apartamento do primeiro andar. Fazia uma frescura agradável, com o ar em movimento graças às ventoinhas que rodavam nos tectos. O advogado pôs a tocar no gira-discos o último Paul Mauriat e foi preparar dois whiskies.

"A Mímicas não está?"

A pergunta foi feita por José no tom mais casual possível, quase como se o assunto tivesse acabado de lhe ocorrer. De costas para o visitante, Domingos misturou soda com o whisky e deitou gelo nos copos, enquanto se meneava ao ritmo da orquestra que jorrava pelo altifalante do gira-discos. Depois aproximou-se, estendeu um copo ao amigo e caiu pesadamente no seu lugar.

"A Albertina meteu uns dias de férias e foram as duas à praia", disse com ar desentendido.

"Devem aparecer daqui a pouco."

Pela expressão fugidia do amigo, José percebeu que ele conhecia a situação do casal mas optara por fingir ignorância, o que se afigurava o comportamento mais sensato. Não voltaram por isso a tocar no assunto, deixando a conversa derivar para a vida na Beira e em Tete.

"Olha que Portugal está a perder mão na situação", avisou Domingos, entretendo-se a balouçar o gelo que tinha dentro do copo. "Aqui o nosso amigo Jardim prepara-se para decretar a independência de Moçambique."

"Qual Jardim?", admirou-se o médico, que nunca ouvira falar em nenhum dirigente da guerrilha com esse nome. "Quem manda no vosso lado não é agora o Machel?"

O advogado negro soltou uma gargalhada.

"Estou a falar do Jorge Jardim, pá! O manda-chuva aqui da Beira."

José arregalou os olhos, identificando o personagem. Jorge Jardim era o maior empresário de Moçambique, uma espécie de governador não oficial da província.

"Ah, o Jardim!" Associou a figura à informação que Domingos lhe dera e esboçou uma expressão de estranheza.

"Ele quer decretar a independência? Que disparate é esse?"

"É como te digo. Tenho informações seguríssimas de que o gajo fez em Lusaca um acordo com o Kaunda que prevê um governo multipartidário para Moçambique, integrando a própria Frelimo, com independência e continuação da ligação à Metrópole. O plano até era porreiro, mas o Marcello e o Machel recusaram." Inclinou-se no seu lugar, falando já quase num sussurro. "Parece que o Jardim pretende agora seguir o exemplo dos bifés da Rodésia e decretar unilateralmente a independência,

instituinto um regime branco aqui em Moçambique. O gajo é amigo do Banda e põe o Malawi do lado dele. É possível que conte ainda com a ajuda da Rodésia e da África do Sul, que andam há anos a tentar meter aqui tropas porque acham que os Portugueses não estão a fazer a guerra como deve ser e têm medo de, caindo Portugal, serem eles os próximos alvos a abater." Sorriu. "No que têm razão, diga-se de passagem..."

"A Metrópole não vai nessa conversa!..."

Domingos girou a palma da mão de um lado para o outro, indicando que não tinha a certeza de nada.

"Vamos ver", limitou-se a dizer. "De qualquer modo, o controlo da situação começa a escapar a Portugal. O Kaúlza acha que a guerra se resolve militarmente e está a dar cabo de tudo, mas, tanto quanto sei, o Marcello e o governador-geral estão descontentes com ele. O Marcello acusa-o de ter uma concepção cruel da guerra e o governador diz que o gajo quer ganhar a matar toda a gente e que as guerras subversivas não se vencem assim. Parece que a PIDE tem a mesma opinião."

O médico pareceu intrigado.

"Mas como raio sabes isso tudo?"

O amigo recostou-se no seu assento.

"Posso estar com residência fixa", disse com um sorriso, "mas não ando a dormir." Apontou-lhe o indicador. "E digo-te mais: a coisa vai aquecer em Tete."

"Mais ainda?"

O fragor distante das ondas rompeu pela janela. Domingos lançou um olhar para lá da marginal e contemplou a linha que demarcava as duas manchas azuis, como um traço riscado a crayon cerúleo numa tela colossal; era o horizonte derramado entre o azul-escuro do mar e o anil claro e profundo do céu.

"Nunca ouviste falar de Mucumbura?"

"É uma terriola perto da Rodésia", identificou José. "Parece que houve para lá uns problemas no ano passado."

Os olhos de Domingos desviaram-se do fio longínquo para o amigo.

"A Frelimo matou um régulo que ajudava os Portugueses e plantou uma mina que matou três soldados rodesianos", disse num tom distanciado. "Dias depois apareceram lá as tropas especiais e mataram mais de vinte machambeiros por terem dado comida aos guerrilheiros. A mesma coisa aconteceu meses depois em várias aldeias ao longo do rio Dack e ainda na zona do Buxo." Abanou a cabeça. "Não sei onde isto irá parar, mas se é assim que o Kaúlza quer ganhar a guerra..."

O advogado deixou de propósito a frase em suspenso e foi justamente no silêncio que se seguiu que escutaram o som de uma chave a rodar na fechadura e se voltaram para a entrada.

A porta abriu-se e Albertina entrou em casa na companhia da amiga. Logo que viu o marido na sala a fitá-la com uma expressão expectante, porém, Mímicas deu meia volta e abalou.

A Berliet imobilizou-se à entrada do tabuleiro da ponte sobre o rio Mazoi e o furriel Bimba foi o primeiro a saltar. Estudou a estrutura metálica à distância, avaliando os seus pontos nevrálgicos, e voltou-se para trás, fazendo um gesto para a viatura.

"Diogo", chamou. "Vens comigo?"

O camarada mantinha-se recostado no banco corrido da Berliet, os olhos sonhadores a lembrarem a experiência que vivera duas noites antes, e pareceu despertar no momento em que ouviu a voz interpelá-lo pelo nome.

"Hã?", perguntou, atarantado. "O quê? O quê?"

Deu com Bimba de olhos cravados nele, as mãos à ilharga numa pose de reprovação.

"Olha lá, estás a dormir ou quê?" Fez sinal para a ponte. "Anda daí, vamos inspeccionar os

pilares!..."

Dessa vez a instrução foi compreendida. Como se fosse catapultado por uma mola, Diogo saltou do veículo, certificou-se de que a G3 se encontrava destravada e internou-se no capim, acompanhando o camarada na descida pela encosta. O rio fluía à distância, fresco e convidativo, e o gorgolejar límpido das águas ecoava pelo vale como uma torrente melódica. Diogo caminhava com os olhos a saltitarem entre o chão que pisava e o rio que o tentava, até firmar o pé num pequeno promontório e poder enfim contemplar o braço prateado de água. Passeou os olhos pelo caudal, com esperança de poder descer lá a baixo para dar uns mergulhos depois de terminar a missão; considerando o calor infernal que fazia, parecia-lhe até mais sensato fazê-lo nesse momento.

"Então? Vens?"

A voz do furriel Bimba voltou a retirá-lo da fantasia. Sacudiu a cabeça, preocupado já com a facilidade com que se distraía à mais pequena oportunidade, e aligeirou o passo no encalço do camarada. Bimba guiou-o entre os arbustos e o capim alto até se posicionarem por baixo do tabuleiro da ponte. Logo que atingiram um ponto favorável de observação, começaram a inspeccionar a estrutura.

O olhar de Diogo percorreu a parte inferior do tabuleiro e depois passou para os pilares. O primeiro apresentava-se limpo, mas a sua atenção deteve-se num volume estranho que parecia amarrado ao segundo pilar.

"Está ali uma coisa."

Bimba seguiu-lhe a direcção do dedo.

"Onde?", quis saber. Perscrutou o pilar até localizar o objecto suspeito. "Ah, aquilo!..." Estreitou os olhos, como se assim conseguisse ver melhor. "Parece-me um ninho..."

Diogo considerou a possibilidade e estudou o volume com grande atenção. Ao cabo de alguns instantes, abanou a cabeça.

"Não é ninho nenhum", sentenciou com absoluta segurança. "São explosivos."

Os dois militares pareciam lagartixas coladas ao pilar. Diogo verificou a segurança da corda que o sustentava e fez força com a perna, colocando-se por fim ao nível do volume suspeito. Era uma caixa metálica e parecia fundida no pilar; impossível arrancá-la com os meios de que dispunha ali. Estudou o receptáculo e apercebeu-se de que estava vedado. Uma tampa selava a caixa através de quatro pequenos parafusos atarraxados um em cada canto.

Espreitou para baixo e viu a cabeça de Bimba a balouçar ao ritmo do seu arfar. O camarada esforçava-se por alcançar o ponto onde se encontravam os explosivos; era um soldado experiente, mas faltava-lhe a preparação física de Diogo para ser capaz de escalar o pilar com a mesma destreza.

"Ó Bimba", chamou Diogo. "Esta merda está selada por uns parafusos. O que faço? Desaparafuso a tampa?"

"Não toques nisso, porra!", exclamou o camarada, fazendo uma pausa para recobrar energia. "Aguenta um instante!..."

Bimba levou ainda um minuto a ascender à posição onde se situava a caixa suspeita. Chegou ofegante e teve de aguardar ainda alguns momentos de modo a recuperar o fôlego e as forças. Limpou a transpiração que lhe escorria abundante pela frente e, já mais recomposto, secou na farda as mãos suadas e começou por fim a examinar a caixa.

"Ufa!", bufou. "O que temos aqui?" Passou a mão pela tampa e inspeccionou os parafusos. "Hmm... pois é, precisamos mesmo de desaparafusar esta gaita." Sentindo que necessitava de mais tempo para se restabelecer, desviou os olhos para o camarada. "Fazes-me isso?"

Diogo extraiu do bolso das calças um instrumento aguçado e colou-lhe a extremidade a um parafuso, desenroscando-o de imediato. Depois passou para os seguintes até conseguir soltar a tampa e

expor o interior da caixa. Fez tudo com movimentos automáticos, os olhos acompanharam os seus próprios gestos mas a atenção deambular pelo rosto de Sheila, o jantar no Carlettis, o passeio de mãos dadas ao longo da avenida, o primeiro beijo por baixo da mangueira, nunca uma mangueira havia produzido manga mais doce do que os lábios de Sheila, o sorvete italiano saboreado no...

"Hmm.. mau, mau!", murmurou Bimba como se falasse apenas consigo mesmo. "Esta é nova!..."

A observação despertou Diogo. Surpreendera-se mais uma vez a sonhar acordado, e isso, percebia, sucedera justamente num momento em que não podia de modo algum acontecer. Estava pendurado num pilar de uma ponte a desactivar um explosivo e precisava de se concentrar totalmente na tarefa.

Olhou para Bimba como se o enxergasse pela primeira vez e viu-o estudar o dispositivo no interior da caixa. O que lhe chamou a atenção, porém, foram as dúvidas que lhe leu no olhar. Fez um esforço mental e reconstituiu de memória as palavras que ele havia pronunciado momentos antes, transformando os sons numa frase com sentido.

"O que queres dizer com isso?", alarmou-se Diogo logo que percebeu o que o outro dissera instantes antes. "Nunca viste armadilhas destas?"

Absorvido no problema, o camarada não respondeu; provavelmente nem sequer tinha escutado a pergunta. Bimba deitou a mão ao interior de um saco que trouxera a tiracolo e tirou um caderno que se pôs de imediato a folhear. Diogo baixou a cabeça de modo a ficar em posição de espreitar o título. O cabeçalho do caderno dizia Manual do Exército e assinalava, como subtítulo, Manuseamento de Explosivos.

O furriel estremeceu e endireitou-se, abalado. Bimba era o perito em minas e armadilhas do Chioco e supostamente dominava o tema de trás para a frente. Observá-lo a consultar um manual para aprender a desactivar explosivos não era, por isso, das coisas mais reconfortantes que se poderia vê-lo fazer, sobretudo quando se estava ao pé dele e junto dos explosivos nos quais ele iria mexer.

"Olha lá", retomou Diogo com crescente inquietação. "Tu sabes o que estás a fazer?"

Bimba lançou-lhe um olhar estranho e voltou de novo a atenção para o manual. Depois começou a estudar as ligações estabelecidas na caixa, comparando-as com o que via no texto.

"Ora bem, se eu tirar este fio vermelho, a coisa em princípio fica resolvida...", murmurou num diálogo consigo mesmo. Hesitou, consultando o manual e depois outra vez a caixa. "Não, não é o vermelho. É o azul." Mais uma hesitação. "Hmm.. espera aí! Tiro o fio azul? E se... hmm!... Não será melhor o vermelho?"

Novas gotas de suor brotaram do topo da testa de Diogo. Ao contrário dos outros, estes pingos que lhe escorriam já pela face não eram a habitual transpiração produzida pelo calor, mas puro efeito dos nervos a serem testados. Sabia-o porque aquele suor era frio; além disso, pela mesma altura sentiu uma pontada dilacerar-lhe o estômago e percebeu que o corpo lhe exigia que saísse dali enquanto havia tempo.

"Bimba", disse, quase numa súplica. "Tens a certeza que sabes o que estás a fazer? Olha que se não tens é melhor a malta descer e mandar vir um engenheiro que perceba disto, pá!... Não vamos correr riscos estúpidos, pois não?"

Inquiriu o rosto do camarada, à espera de uma resposta, mas achou a expressão de Bimba estranha; tinha as pálpebras molhadas e o branco dos olhos parecia injectado de sangue.

"E se for o amarelo?", interrogou-se Bimba nesse instante. Espreitou o manual. "Se eu tirar o fio amarelo, será que esta merda explode? Hmm.. talvez seja melhor ir mesmo para o vermelho..."

Os dedos do perito em explosivos dançavam entre os três fios, na agonia da indecisão. Num instante dava a impressão que ia puxar um, mas uma consulta ao manual convencia-o a arrancar outro até

uma nova espreitadela àquelas páginas o fazer regressar à primeira hipótese ou avançar para a terceira.

"Bimba!? Estás a ouvir?", insistiu Diogo, sacudindo-lhe o ombro esquerdo. "É melhor não mexeres nessa merda, pá!... Vamos chamar alguém, está bem?"

Em vez de responder, o perito em minas e armadilhas pôs-se a trautear uma cançoneta que Diogo reconheceu como a canção que Tonicha levava no ano anterior ao Festival Eurovisão da Canção.

"Menina de olhar sereno raiando pela manhã", começou Bimba a cantarolar, "de seio duro e pequeno num coletinho de lã..."

Diogo cravou o olhar no rosto alterado do camarada e depois nos dedos que brincavam com os três fios ligados aos explosivos e lembrou-se de ouvir Chaparro dizer que o Bimba estava em fim de comissão e já andava transtornado e sentiu enfim a verdade impor-se diante dele, terrível e definitiva.

"Tá piruças!"

Com o pânico a apossar-se do corpo, Diogo desatou a descer apressadamente o pilar, sem saber se ia a tempo de se salvar, se Bimba esperaria pelo final da canção para puxar os fios, se a canção era longa, se...

"Já está!"

A voz de Bimba, lá em cima, paralisou-o de terror. Encolheu-se abraçado ao pilar, à espera do pior. Mas nada aconteceu. A medo, sempre a aguardar que o mundo desabasse a todo o momento, ergueu devagar os olhos e espreitou para cima.

"Já está, como? O que fizeste?"

"Era o fio vermelho", devolveu Bimba com despreocupação, as mãos ocupadas a desmontar o engenho sem qualquer cerimónia. "Os cabrões às vezes fintam-nos e mudam as cores para nos baralhar, mas a mim não me enganam eles!" Soltou uma risada histérica. "Filhos da puta, pensavam que trapaceavam o Bimba?! Ora tomem lá, que já ficaram sem a bomba!..."

Desceram os pilares com os explosivos separados em peças diferentes. Depois de guardarem o material na Berliet foram inspeccionar o resto da ponte e, não encontrando mais nada que considerassem suspeito, juntaram-se ao resto da unidade de combate. Os homens da companhia estavam posicionados na estrada e no mato em redor da ponte, a vigiar o local de modo a garantir a segurança em torno da estrutura.

O rádio estalejou à distância e Diogo consultou o relógio. Tinham passado duas horas desde que haviam desmontado a armadilha. Espreitou a Berliet onde Bimba, por ser o enghocas, se encarregava das comunicações e ouviu a voz do camarada responder para o rádio. Instantes depois vislumbrou-lhe o vulto a erguer-se e acenar.

"Vêm aí!"

Os soldados redobraram de atenção, esquadrinhando o mato à procura de qualquer movimento suspeito. Se os turras tinham plantado explosivos na ponte era porque andavam por perto. Uma nuvem de poeira tornou-se visível da estrada, confirmando que chegara o momento mais delicado da operação. Vólvidos cinco minutos sentiram o ar vibrar e viram uns pontitos zumbir no céu, como varejeiras gigantes.

Os pontos cresceram e transformaram-se em helicópteros. A nuvem de poeira estava já bem próxima e a sua origem ficou de repente visível; era uma coluna de viaturas que se aproximava da ponte com grande espalhafato. Diogo deu um passo para trás porque a barulheira em crescendo se tornara infernal e a confusão generalizara-se.

As primeiras viaturas entraram na ponte; tratava-se de Berliets com operacionais de boinas vermelhas, evidentemente comandos. Depois, enquadrados pela pesada escolta militar, apareceram vários camiões com atrelados pesados e incrivelmente longos; alguns tinham fileiras com pares de doze

rodas. Iam devagar e funcionavam como magnetos para os olhos; toda a gente fixava a atenção neles, encarando-os com um quase inexplicável respeito. Os camiões apresentavam um formato estranho. Todos sabiam que eles tinham enorme importância, uma vez que transportavam as famosas cargas críticas destinadas às obras da barragem de Cabora Bassa. A sua circulação exigia por isso operações militares de grande envergadura, envolvendo meios aéreos e batalhões inteiros.

Hipnotizado por aquela visão esmagadora, Diogo abeirou-se da estrada e espreitou-lhes as matrículas. Eram inglesas, obviamente oriundas da Rodésia. Os veículos pesados percorreram lentamente todo o tabuleiro, como se receassem que o seu peso fizesse desabar a ponte, até chegarem por fim ao outro lado. A retaguarda era protegida por mais Berliets carregadas de homens com boinas vermelhas, que fechavam a coluna como a cauda de uma longa e estranha serpente.

A coluna passou e a tranquilidade regressou à ponte. Sem pronunciarem uma palavra, os soldados do Batalhão de Artilharia encaminharam-se para as Berliets e assumiram os seus lugares. Diogo sentiu-se por momentos um autómato; estava ali mas tinha a mente noutra parte. Pela enésima vez desde que acordara nessa madrugada, contou os dias que faltavam para a coluna de abastecimento ir a Tete e para ele a integrar na viagem até Sheila. Ah, como seria bom o reencontro! Na próxima visita à cidade fariam as coisas de maneira diferente. Aliás, já tinha tudo planeado: em vez de passar a noite no quartel, ia ficar no Hotel Zambeze. Tinha a certeza de que...

Os motores foram ligados, interrompendo o devaneio, e os homens prepararam-se para iniciar o caminho de regresso ao Chioco. Diogo inclinou-se no assento e lançou ainda um derradeiro olhar à outra margem. A nuvem de poeira, enquadrada pela aparatosa escolta de helicópteros e comandos, esfumava-se já em direcção ao Songo, deixando-lhe a impressão de que tudo não havia passado de uma estranha miragem.

A fuga inopinada de Mimicas ao ver o marido na sala criou um ambiente de profundo desconforto na casa dos Rouco. Até ali, José e Domingos haviam mantido uma conversa na ficção de que nada de anormal se passava entre o casal Branco e de que aquela visita era meramente de cortesia, mas agora deixara de ser possível fingir que estava tudo bem.

O primeiro impulso de José foi sair a correr atrás da mulher, mas conteve-se. Já não pretendia disfarçar o estado de coisas entre ele e Mimicas, mas sentia-se determinado a pelo menos manter a dignidade e não dar espectáculo. Forçou-se por isso a encolher os ombros e a sorrir para os anfitriões.

"Mulheres!"

Disse-o num desabafo, como se a palavra tudo explicasse, e só então acenou em despedida. Sempre a esforçar-se por manter uma pose calma e controlada, partiu enfim em busca de Mimicas.

Não a viu quando chegou à rua, o que o intrigou. Embora não tivesse saído imediatamente no encalço da mulher, fizera-o uns trinta segundos depois dela. Como podia ter desaparecido tão depressa? Vasculhou a longa estrada marginal de um lado para o outro, primeiro varrendo o espaço em redor com um olhar rápido, depois demorando-se nos pormenores, tentando identificar rostos, detectar movimentos, localizar azuis como o do vestido que Mimicas trazia quando a vira, mas o facto é que não vislumbrava sinais dela.

"Onde raio se meteu?", murmurou entre dentes.

Fez a pergunta quase com esperança de que a sua mera verbalização lhe pudesse trazer uma resposta, mas não surgiu réplica de parte alguma. A mulher volatilizara-se. Pensou em dar meia volta e aguardar em casa dos Rouco que ela reaparecesse, parecia-lhe evidente que em algum momento teria inevitavelmente de regressar, mas percebeu que se instalaria um ambiente estranho e que o melhor seria resolver as coisas em privado. Teria de descobrir Mimicas.

Meteu-se no carro e deambulou pela zona espreitando em todas as direcções. As ruas da cidade

eram guardadas pelas sombras das acácias, que se alinhavam nos passeios como uma guarda de honra, mas não a enxergou entre as pessoas que por ali circulavam e decidiu dar uma volta pelo centro. Foi até à vasta Praça do Município e contornou-a devagar, sem resultado; depois seguiu até ao Grande Hotel, onde também não a conseguiu avistar.

Deixou o olhar esvaziar-se pelo mar, a mente concentrada no problema imediato. Se eu fosse a Mimicas, para onde iria?, interrogou-se. Viu um torvelinho de fumo ascender pelo horizonte azul, como se um cigarro aceso deslizesse no mar; era um cargueiro a passar ao largo, se calhar em direcção a Nacala, ou talvez o destino fosse Porto Amélia. Foi nesse instante, enquanto mirava aquele ponto fumegante, que teve a ideia.

O calor no areal era insuportável e José sentiu ganas de dar um mergulho nas águas irrequietas da praia da Beira. Havia pessoas estendidas em toalhas a apanhar banhos de sol, enquanto outras chapinhavam à beira-mar e algumas crianças brincavam com baldes na areia molhada. As ondas morriam na praia com um clamor incessante, ora vinham, ora iam, e o odor salgado da maresia enchia o ar, misturando-se momentaneamente com os aromas frutados exalados pela geleira de um vendedor ambulante de gelados que por ali passou aos gritos. "Sorvete! É morango, é chocolate! Esquimó! sorvete! Tem chuinga também! Maningue naice!"

O médico tirou os sapatos e caminhou pela água ao longo da praia, refrescando-se; o mar estava tépido, como sempre na Beira, e era agradável passear à sua borda. José levantou os olhos e viu a estrutura erguer-se da areia com o seu emaranhado de ferros enferrujados, como um esqueleto metálico que o Indico vomitara das suas entranhas, e dirigiu-se a ela. A sombra do velho barco encalhado na praia distinguiu um vulto sentado na areia e percebeu que era Mimicas. O seu palpite estava certo.

"Sempre gostaste de vir para aqui", atirou-lhe ao aproximar-se. "O teu local favorito na praia da Beira."

A mulher lançou-lhe um olhar ressentido.

"Vai-te embora!"

A ordem foi ignorada por José, que continuou a caminhar até mergulhar na sombra do navio encalhado e estacar junto a Mimicas. Estava-se bem ali, com os destroços a protegê-los do calor húmido e inclemente. Era difícil perceber por que razão aquele barco ainda não havia sido removido, mas a verdade é que se tornara já parte integrante da paisagem daquela praia, como um velho coqueiro a que todos se tivessem habituado.

"Anda para casa", disse ele num tom suave. "Não sei o que te diga mais para expressar o meu arrependimento. Já te pedi desculpa mil vezes e peço-te outras mil se tiver de ser."

"Nem que peças um milhão de vezes", retorquiu ela, sem tirar os olhos do mar. "Vai-te embora! Nem te quero ver à frente!"

José suspirou e sentou-se na areia ao lado dela.

"Eu sei que não serve de desculpa, mas quero-te dizer que nada foi planeado nem desejado por mim. Ela simplesmente...atirou-se a mim. Eu resisti, mas, sabes como é, um homem é um homem e... e..."

"Cala-te!", cortou Mimicas num grito, o corpo agitado numa convulsão. "Não quero ouvir nada!"

O marido reavaliou o que havia dito e concluiu que deveria evitar referências a Nicole. O melhor era concentrar-se nos seus sentimentos pela sua mulher.

"O que te quero dizer é que nunca gostei de outra pessoa que não fosse de ti", disse. "Os homens às vezes são estúpidos e fazem coisas estúpidas. No momento em que as estão a fazer sabem que são estúpidas, mas é como se algo tomasse conta da nossa vontade... não sei como explicar." Respirou fundo. "O que quero dizer é que fiz um grande disparate, mas espero que me perdoes. Amo-te a ti e só a ti e o que se passou não se repetirá nem mais uma vez."

Mimicas levantou-se bruscamente.

"Não quero voltar a pôr-te os olhos em cima!", rosnou. Deu meia volta e começou a afastar-se com passos rápidos, mas o marido ainda lhe escutou um derradeiro desabafo. "Metes-me nojo."

O herói do bigode e a rapariga de sari púrpura e dourado trocaram um longo olhar langoroso e, embalados por uma melodia sentimental pungente, aproximaram os rostos com infinito vagar até as pontas dos narizes se tocarem com pudor; a imagem fez então um lento fade a negro, as luzes acenderam-se como se o Sol tivesse irrompido no salão e os aplausos eclodiram em cascata na plateia, misturando-se com uma chuva de assobios e alguns protestos por, em matéria de carne, "só mostrarem isto!"

"Então?", perguntou Diogo ao levantar-se, espremendo-se contra o assento da frente para deixar a namorada passar. "Gostaste?"

"Foi bonito."

A multidão enchia já o corredor, fazendo fila para sair da sala, e os dois juntaram-se àquela massa de gente.

"Só não percebo por que motivo estes filmes indianos nem um beijo mostram."

"És um tonto!", riu-se Sheila. "Quando eles olham um para o outro ou quando tocam o nariz, isso é a coisa."

"Que coisa?" Ela premiu-lhe o nariz com um dedo.

"Tu sabes muito bem!..."

"Não sei, não."

"Pois, pois. Faz-te sonso..."

Desaguaram no átrio, que se enchia de gente; eram brancos e negros, crianças e adultos, indianos e mulatos, balalaicas e fardas, toda uma multidão atraída pela famosa matinê indiana dos domingos no Cinema São Tiago.

Esticando o pescoço para a esquerda, Diogo olhou por cima das cabeças para verificar se o bar do Café Dominó ainda estava aberto. O enxame de clientes para lá das portas deu-lhe a resposta.

"Queres tomar alguma coisa?"

Sheila tirou a língua para fora e exibiu uma forma elástica branca e amarfanhada.

"Já tenho uma chuinga."

"Eu reparei lá dentro", retorquiu ele, passando a língua pelos lábios. "Hoje sabes a morango."

"Parvo!"

Diogo riu-se. Aquele "parvo!" pareceu-lhe uma carícia.

"Anda, ao menos faz-me companhia."

Furaram pela multidão ainda compacta e quase lutaram para chegar ao muito concorrido balcão do café ao lado do Cinema São Tiago. Fazia calor e Diogo conseguiu uma nesga entre dois bancos. Ergueu a mão e fez sinal ao empregado logo que ele se virou na sua direcção.

"Cerveja", pediu. "Bem fresca!"

"Manica, Dois ou Laurentina?"

"Laurentina."

O pedido estava feito e Diogo voltou-se para a namorada, apoiando o cotovelo no balcão. Incomodada com a acumulação de tanta gente num espaço tão quente, Sheila parecia ansiosa por fugir dali. Mas não havia pressas; se ele tinha feito o sacrifício de ir ao cinema ver aquela pepineira só para lhe agradar, ela bem que podia aguentar uns minutinhos enquanto o namorado refrescava a garganta no Café Dominó.

O pensamento regressou-lhe ao filme e ao curioso pormenor de os olhares entre personagens substituírem os beijos. Ia fazer uma pergunta à namorada a propósito dessa peculiaridade do cinema

indiano quando sentiu alguém tocar-lhe no ombro.

"Então? Já não se fala aos amigos?"

Virou a cabeça e viu um soldado em uniforme de passeio voltado para ele. Antes de lhe fixar a face, a sua atenção foi atraída para a boina que o soldado trazia na cabeça. Ou, em bom rigor, o que lhe despertou a curiosidade não foi tanto a boina como a cor dela.

Era vermelha.

"Perdão?"

"Então agora finges que não me conheces, pá?"

A boina vermelha significava que o homem que se dirigia a ele era um comando. Que Diogo soubesse não conhecia comando algum. Nunca falara com nenhum, apenas os vira a passar na rua, acantonados em quartéis ou a escoltar comboios que transportavam cargas críticas para o Songo. Mas se é certo que jamais travara conhecimento com qualquer boina vermelha, o facto é que ali estava um a interpelá-lo.

Sacudiu a cabeça, num esforço para se livrar dos pensamentos e concentrar-se no que importava, e observou por fim o rosto do seu interlocutor. Era um rapaz seco, com uma face longa e estreita, mas o que ele tinha de mais característico e singular era o olhar baço.

"Angelino!?"

O comando sorriu.

"Estava a ver que não me reconhecias!"

Abraçaram-se como velhos amigos; havia anos que Diogo não via Angelino Melro. Trocaram as palavras que se dizem nestas circunstâncias, com perguntas sobre a família e observações cúmplices a propósito dos tempos que tinham passado juntos no Orfeão da Madalena e no FC Porto.

Diogo apresentou-lhe a namorada com uma ponta de orgulho, consciente do efeito que Sheila produzia em qualquer homem, e a conversa desviou-se para a estranha circunstância de se reencontrarem justamente ali em Tete, uma terriola poeirenta nos confins de África, ambos soldados no meio de uma guerra.

"Agora és comando?"

Angelino bateu no ombro esquerdo, chamando a atenção para as insígnias de alferes.

"E comandante de companhia, ainda por cima!"

A revelação extraiu um esgar estupefacto do amigo. "

"Comandante? Mas tu és oficial de carreira? Desde quando?"

"Desde que o meu comandante adoeceu."

"E então? Se o teu comandante adoeceu, avança o segundo comandante..."

Angelino abanou a cabeça.

"Nos comandos não é assim", explicou. "O comandante da minha companhia é o capitão Janeiro, do quadro de oficiais. Mas ele apanhou uma hepatite e está de cama. Como nos comandos o comandante é o único oficial de carreira da companhia, quem o substitui é sempre o miliciano que ficou mais bem classificado no curso."

Diogo avaliou da cabeça aos pés a figura franzina e seca do amigo, como se duvidasse.

"Tu foste o primeiro classificado do curso de comandos?"

"O voleibol sempre serviu para alguma coisa, hein?", confirmou o amigo. "Enquanto o capitão Janeiro não voltar, o comandante da 6ª Companhia de Comandos de Moçambique é aqui o teu ilustre amigo e antigo colega de equipa."

Diogo não parecia convencido.

"Mas que idade tens tu afinal?"

"Vinte anos. Porquê?"

"Ainda és muito novo, pá!", exclamou. "Como é possível que estejas a comandar uma companhia de comandos com essa idade?"

Foi a vez de Angelino contemplar o camuflado de Diogo.

"Olha lá, e tu? Que eu saiba somos da mesma idade! Quer-me cá parecer que estás é com inveja!..."

"Não digas disparates! O que acho é que ninguém devia comandar uma companhia com apenas vinte anos. Incluindo eu, claro."

O comandante dos comandos ajeitou-lhe os galões de furriel.

"E o que eu acho é que a chefia de uma unidade deve ser entregue segundo o mérito, não a idade", argumentou. "Ou muito me engano ou tu já estás contaminado pela mentalidade aramista da tropa macaca."

"Qual aramista? Qual tropa macaca?", questionou Diogo, fingindo-se ofendido com a expressão usada pelo amigo. "Eu sou um atirador miliciano destacado."

"Destacado onde? Nas tropas especiais?"

"No BART. Enfiaram-me no Chioco."

A referência ao Chioco foi propositadamente introduzida para impressionar Angelino, mas não surtiu efeito.

"Tropa macaca", insistiu o comando num tom paternalista. "Tsss! Não tens vergonha?"

Vergonha era coisa que jamais ocorrera a Diogo, mas o facto é que, perante a descoberta de que o amigo se tornara comando, de algum modo sentia-se um tudo-nada diminuído, como se estivesse ao lado de um galo de guerra e não passasse de um pinto. O sentimento deixou-o algo acabrunhado, complexado até, e, procurando ganhar tempo para congeminar uma resposta condigna, agarrou na caneca de Laurentina e bebeu metade de um trago.

Quando pousou a cerveja no balcão e limpou com a língua a espuma branca que lhe ficara a borbulhar nos lábios não lhe havia ocorrido ainda qualquer resposta de génio. Percebeu, resignado, que teria de se contentar com algo banal.

"Não tenho vergonha nenhuma", acabou por dizer. "Porquê? Devia ter?"

"Claro que devias! A tropa macaca é formada por um bando de maricas que não fazem porra nenhuma a não ser coçar os tomates o dia inteiro. Nunca te imaginei uma menina..."

"Ora! Vou para onde me mandam!..."

"Se te mandarem vestir saias também vestes? É que à tropa macaca só lhe falta mesmo andar a provar vestidos!"

"Desculpa lá, mas não é bem assim", corrigiu Diogo, a levar o assunto mais a peito. "Que eu saiba, o Chioco não é propriamente uma estação balnear e a malta não anda aqui a reinar. Aquilo é duro, pá. Maningue duro."

Angelino emitiu uma gargalhada seca.

"Duro? Não me faças rir!"

"Podes gozar o que quiseres, mas só eu sei o que tenho de aturar. Vivemos num buraco cercado pelo in, sofremos emboscadas, apanhamos morteiradas, andamos em campos minados, patrulhamos território hostil, fazemos operações de protecção a pontes, a estradas, às linhas de muito alta tensão... olha, que eu saiba os comandos não passam pior. Alguma vez estiveste no Chioco? Fazes alguma ideia do que aquilo é?"

Confrontado com a pergunta, Angelino fitou-o com intensidade e o olhar, habitualmente opaco, agitou-se com uma súbita tonalidade sinistra.

"Achas que a merda do teu buraco no Chioco é guerra? Mas tu sabes o que é guerra a sério? Tu alguma vez viste a guerra como ela verdadeiramente é? Tens por acaso alguma ideia do que é a guerra?"

Aquele inesperado olhar de ferro atrapalhou Diogo, desconcertado por observar tanta certeza no rosto do velho amigo.

"Bem... suponho que sim", titubeou. "Porquê? O que vês tu que eu não veja?"

O comandante dos comandos abanou a cabeça, como se nenhuma explicação que pudesse dar fosse capaz de responder àquela pergunta. Ainda abriu a boca para tentar apresentar um esboço do que lhe ia na mente, mas acabou por fechá-la sem pronunciar mais do que um som ininteligível. Era impossível descrever a guerra; para perceber a sua essência tornava-se imprescindível vivê-la como os comandos a viviam, uma experiência que não se podia articular por palavras. No mato, em território absolutamente hostil e apenas protegido pela G3 e pelos camaradas, é que se poderia ver a verdade. Se ao menos o amigo pudesse vir com ele!... Logo que formulou o desejo sentiu-se paralisado, os olhos vidrados, como se só então tivessem visto algo que sempre estivera diante dele. Acabara de lhe ocorrer uma ideia.

"Olha lá", disse, voltando-se devagar para Diogo enquanto a ia trabalhando na mente. "Tu queres saber o que é verdadeiramente a guerra?"

"Bem... iá."

"Então vem passar um mês connosco."

Diogo carregou as sobrancelhas numa interrogação, sem entender bem o que acabara de escutar.

"Connosco quem?"

"Com os comandos, pá. Vens ver como é a guerra a doer."

"Tás a reinar?"

"Não, estou a falar muito a sério!"

Diogo apontou para as insígnias do Batalhão de Artilharia 7220, que trazia cosidas ao camuflado.

"Eu já estou destacado, pá."

"Estás destacado para artilharia e é uma questão de te destacares para os comandos, não tem problema nenhum."

"Não é bem assim", corrigiu. "Que eu saiba um gajo não pode ir para os comandos assim do pé para a mão."

"Claro que não", reconheceu Angelino. "Mas não te esqueças que eu sou o comandante da companhia. Conheço muito bem o comandante do teu batalhão porque ainda no outro dia o safei numa situação bem chata em Cademera. Os turras emboscaram-no numa picada e, se não fôssemos nós a ir lá dar-lhe uma mãozinha, ele ficava-se. De maneira que, se eu te pedir emprestado por um mês, o gajo não se vai opor."

Diogo considerou a ideia. Estava já havia três meses no Chioco e a vida naquele buraco era de uma monotonia insuportável. Uma mudança de ares até seria agradável. Além disso, uma experiência nas tropas especiais poderia muito bem revelar-se interessante. O que tinha a perder?

"Mas o que iria eu fazer nos comandos?"

"Ora, acompanhavas-nos nas missões."

"Com que estatuto?"

Angelino passou uma mão pensativa pelo queixo.

"Ficavas como uma espécie de elemento de ligação. Isso arranja-se, não te preocupes. O que não faltam são bons pretextos. Consigo falar com o teu comandante e tratar da papelada de modo a ter-te nos comandos no dia 1." Consultou o calendário no relógio. "Ou seja, daqui a... digamos, quinze dias. Assim passas o próximo mês todo connosco. O que achas?"

Hesitante, Diogo agarrou na caneca e balançou-a, os olhos a observarem a cerveja a dançar, a mente a considerar a possibilidade inesperada.

"Eh pá, não sei..."

O amigo agarrou-lhe o braço e puxou-o levemente, como se o quisesse levar com ele.

"Anda daí! é só um mês! Sais daquela ratoeira no Chioco, ganhas uma experiência nos comandos, vês como é a guerra a sério e a malta põe a conversa em dia. Além disso, quando a coisa terminar até podes fazer uma tatuagem no ombro a dizer Comandos, Dezembro 1972. Maningue naice, não?"

"Prefiro escrever Amor de mãe, Moçambique", gracejou Diogo. "E ainda desenho uma kalash."

"Pões o que quiseres, pá. Alinhas?"

Diogo manteve a atenção presa na cerveja, mirando o líquido dourado que bailava na caneca.

"Um mês, dizes tu?"

"E durante esse tempo não vês o Chioco nem pintado no mapa! Poderá haver melhor?"

O soldado hesitou um instante mais. Tudo aquilo era verdade, mas sabia que a vida nos comandos era dura. Valeria a pena arriscar? Olhou para Sheila como se buscasse conselho, mas a namorada encolheu os ombros; aqueles eram assuntos de militares, que não compreendia.

"Vai dar para vir aqui a Tete?"

Angelino desviou os olhos para Sheila e, com um sorriso, percebeu a importância da pergunta.

"Nos intervalos das missões", assentiu. "O que significa que terás mais oportunidades de vir cá do que se ficares no Chioco. Além do mais não te esqueças que a malta está aquartelada no Mazoi, não é? Fica relativamente perto de Tete. Muito mais do que o Chioco, que está lá para trás do Sol posto!..."

O argumento revelou-se decisivo. Diogo espreitou a cerveja, como se procurasse aí alguma razão para rejeitar o convite, mas percebeu que não encontraria nenhuma resposta no fundo da caneca. Por fim ergueu os olhos para o amigo e, com o sorriso de quem já se vê longe do Chioco, estendeu-lhe a mão.

"Está combinado."

Foi um aperto de mão forte, firmado com a convicção de quem sela um acordo solene. Angelino tirou a boina castanha que o amigo tinha na cabeça e substituiu-a pela sua boina vermelha, como se quisesse apreciar o efeito da mudança. Diogo espreitou-se ao espelho do bar, imaginando-se já um comando, e voltou-se para Sheila.

"Fico bem?"

A rapariga abanou a cabeça e revirou os olhos, resignada às coisas dos homens.

"Manningue chunguila."

O namorado esboçou uma careta.

"O que é isso?"

"Lindo", traduziu ela. "Manningue lindo!"

Diogo riu-se e deu-lhe um beijo. Depois voltou-se para Angelino e ficou surpreendido ao constatar que o amigo observava a cena com uma expressão grave.

"Diverte-te enquanto podes", observou o comando. "Porque quando estiveres connosco vou-te levar para um sítio que nem imaginas que existe."

"Ai sim? Onde é isso?"

Foi a vez de Angelino agarrar na sua caneca e engolir toda a cerveja de um trago só. Depois pousou a caneca no balcão com estrondo, arrotou baixinho e o seu olhar nublado passeou pelo Café Dominó.

"O inferno."

PARTE TRÊS

Inferno

*Deixai tocar a esperança,
Ó vós que entraís!*

DANTE

A primeira palhota apareceu entre dois embondeiros. Angelino alçou a mão, ordenando ao grupo que se imobilizasse, e fez sinal a um dos seus homens de que avançasse. O soldado ultrapassou a fila com a G3 apontada para a frente e meteu-se pelo capim até desaparecer para além da palhota.

A mochila que Diogo trazia às costas era demasiado pesada, pelo que a pousou no chão com um suspiro de alívio, e ajeitou a arma, preparando-se para qualquer eventualidade. Ao lado Angelino perscrutava o capim, atento aos mais pequenos ruídos.

"Que se passa?", perguntou-lhe Diogo num sussurro. "Onde estamos?"

"Zangaia."

Era o nome do aldeamento para onde se deveriam dirigir, o que significava que haviam chegado ao destino. Olhou em redor e viu o grupo de comandos agachado no trilho com as armas automáticas em prontidão; não era assim que imaginava a primeira parte da missão, considerando o seu perfil.

"Porque parámos?"

"O Samuel foi bater o terreno."

Isso já Diogo havia percebido. O que não entendia era a prontidão para o combate diante de um aldeamento considerado amistoso. Decidiu, contudo, manter-se calado. Aquele era o modo operacional dos comandos e achou que, em tais circunstâncias, não devia submeter o amigo a uma barragem de perguntas; o tempo lhe traria as respostas.

A primeira surgiu, de resto, menos de cinco minutos depois, quando Samuel reapareceu na companhia de dois aldeãos sorridentes e fez um sinal com o braço aos seus camaradas. Ao identificar o sinal, Angelino ergueu-se e deu a ordem.

"Vamos!"

O grupo de comandos levantou-se com descontração e começou a caminhar despreocupadamente em direcção à palhota. Diogo agarrou na G3 e, encorajado por ver a sua maratona à beira do fim, levantou a mochila e pô-la às costas, preparando-se para o derradeiro esforço. Eram só mais uns metros até se ver livre do peso infernal que arrastara pela picada desde que as Berliets os haviam largado na estrada.

Os soldados entraram na aldeia e foram acolhidos com hospitalidade. Homens e mulheres aproximaram-se, algumas mamas traziam até bebés embrulhados às costas, e transportaram pequenos troncos para os visitantes se sentarem. Havia crianças a saltitar entre as cubatas, espreitando os recém-chegados com um misto de receio e fascínio.

Angelino cumprimentou o régulo e, depois de trocar as gentilezas habituais com o chefe da aldeia, veio ter com o amigo a rir-se.

"Olha para eles!", disse, apontando para as crianças. "Mostra-lhes uma das tuas prendas e já vais ver!..."

Diogo pousou a mochila com estrondo e, bufando para recuperar o fôlego, arrancou a tira que a

selava e meteu a mão no interior, extraindo uma enorme caterpillar vermelha de plástico que mostrou às crianças.

"Unfuno brinquedo?", gritou-lhes Angelino. "Venham buscá-lo!"

Os rapazes hesitaram um momento ainda, os olhos arregalados na direcção do grande carro que Diogo tinha na mão. Um deles, mais atrevido, perdeu a vergonha e veio dali a correr, no que foi imitado pelos restantes. Estabeleceu-se de imediato uma algazarra infantil em redor do atrapalhado Diogo e da sua mochila, o que ateou gargalhadas dos soldados e dos aldeãos.

"Eh pá!", gritou Diogo, tentando controlar a excitação dos rapazes e mantê-los afastados do saco. "Calma! Calma!"

Sentia-se o Pai Natal do mato. Extraiu uma pistola de plástico que uma criança logo lhe surripiou e a seguir aconteceu o mesmo com um pequeno Fórmula 1 azul, um Tyrrell-Ford do campeão do mundo, Jackie Stewart. Qualquer brinquedo que tirava do saco volatilizava-se entre aqueles braços magros.

"E as miúdas?", perguntou-lhe Angelino, a voz a sobrepor-se ao clamor agitado da rapaziada. "E as miúdas?"

Diogo viu as raparigas paradas à distância a observá-los e percebeu a observação do amigo. Vasculhou no saco e retirou uma boneca com um vestido rosa-bebé que exibiu no ar. Os rapazes olharam desconcertados para o brinquedo, não era o que estavam à espera de ver, mas as meninas reagiram de imediato e aproximaram-se. A primeira a chegar ficou com a boneca.

A algazarra prolongou-se enquanto havia brinquedos no saco; nas mãos do soldado apareciam sucessivamente carros, bonecas e armas de plástico. Logo que a distribuição terminou, porém, as crianças largaram Diogo e afastaram-se para brincar na clareira. O saco havia-lhe dado um trabalhão durante a marcha, mas o visitante sentia-se plenamente compensado.

Sentou-se à sombra de uma maçanqueira e ficou a contemplar a fila de pessoas diante das caixas e dos sacos que os comandos haviam transportado até à aldeia; as caixas traziam medicamentos e os sacos estavam cheios de rações de combate. A distribuição era comandada por Angelino, mas a certa altura o comandante da companhia delegou a tarefa no furriel Sousa e foi inspeccionar as sentinelas que haviam sido distribuídas em torno da aldeia para garantir a segurança de todo o grupo.

Quando a distribuição ficou concluída e Angelino voltou da sua inspecção, os soldados foram convidados para a clareira principal. Os aldeãos acendiam uma fogueira e Diogo viu-os esfolar um cabrito que tinham acabado de matar em honra dos visitantes e atravessá-lo com um pau para o rodar sobre o fogo. Algumas mulheres pilavam o pilão, o som surdo a ecoar como um batuque que marcava o ritmo da vida na aldeia, e uma enorme panela cheia de xima, a tradicional farinha de milho, foi igualmente posta ao lume.

Os anfitriões distribuíram os primeiros pedaços de carne pelos visitantes e Diogo não pôde deixar de se rir.

"É esta a guerra dos comandos?", perguntou ao sentar-se ao lado de Angelino enquanto trincava o cabrito quente. "É a primeira vez que vos acompanho numa missão e não imaginava que fosse tão violento!..."

O amigo ignorou o tom irónico.

"O psico faz parte do nosso trabalho."

"É duro, sim senhor! Transportar brinquedos, medicamentos e comida? Caramba!" Voltou a rir-se. "Pensava que tinhas dito que com os comandos a guerra era a doer!..."

"E é!", retorquiu Angelino, entretido a limpar com os dentes os últimos vestígios de carne que permaneciam teimosamente agarrados a um osso. "O que nós estamos a fazer chama-se operação de acção psicológica. Nunca ouviste falar? Visitamos aldeamentos amigos, trazemos ajuda e convivemos

com o pessoal."

"Ora! Isso também faz o resto da tropa", argumentou Diogo. "Conviver com as populações é o pão nosso de cada dia. O que os comandos fazem qualquer magala faz. O que têm vocês de especial?"

O chefe da missão contemplou demoradamente o osso que segurava na ponta dos dedos. Estava limpo, já não havia nem um farrapo de carne para arrancar. Atirou o osso para trás das costas e foi com o prato buscar um pedaço de xima, que acompanhou com feijão. Voltou ao lugar e sentou-se pesadamente.

"Queres saber o que nós temos de especial?"

"Não estou cá para outra coisa."

Angelino molhou a xima no feijão e meteu-a na boca com as pontas dos dedos.

"Amanhã já vais ver."

A escova tocou na lama e recuou, como se a testasse. A luz da alvorada era ainda fraca e Diogo teve de aproximar os olhos, à maneira de um míope, para analisar o resultado. Estava seca. Com um movimento brusco e rápido, escovou a parte interior da sola da bota e voltou-a para o outro lado, estudando as ilhoses metálicas de latão preto unidas pelo atacador; tinham poeira. Passou a escova pelas duas filas paralelas de ilhoses e ergueu-se delas uma fina nuvem de pó. A seguir inspeccionou a parte externa da bota; havia mais lama junto ao calcanhar. Aproximou a escova e esfregou de novo com intensidade.

"Diogo, já estás pronto?"

Ergueu os olhos e viu Angelino aproximar-se com o furriel Sousa.

"Quase, quase."

"Estás a fazer o quê? A cheirar o chulé da bota?"

"A tirar o matope."

"Tem juízo, pá! Calça-te e vem daí! Está na hora!"

Sabendo que não se podia tornar um fardo para os comandos, Diogo encaixou os pés nas botas, pegou na G3 e na mochila e ergueu-se, apressando o passo para se pôr ao lado dos dois homens que haviam passado por ele sem parar.

"Partimos já?"

"Iá, mas agora é a doer. Quero-te a meio da coluna." Deu uma palmada no ombro do furriel que caminhava ao seu lado. "Aqui o Sousa vai atrás de ti para se assegurar de que não te acontece nada. Não é, Sousa?"

O furriel riu-se.

"Até lhe dou o biberão!"

"Vês? Se quiseres o biberão é só falares com o Sousa. A propósito, já matabichaste?"

"Pára com isso, pá!", protestou Diogo. "Pareces a minha mãe!"

"Sou mais do que a tua mãe", devolveu Angelino, deitando um olhar indagador à espingarda automática do amigo. "E a G3? Está em condições?"

"Vá lá, não me chateies..."

"Eu fiz-te uma pergunta!"

Diogo quase revirou os olhos, mas o tom de comando tornara claro que dessa vez Angelino não falara como seu amigo, mas como comandante da 6ª Companhia de Comandos.

"Passei a noite a limpá-la."

O alferes inclinou a cabeça e, estreitando os olhos, esboçou uma expressão desconfiada.

"Não brinques comigo, pá! Eu vi-te andar por aí depois do jantar. Não foste às pretas?"

"Claro que não."

O amigo riu-se.

"Olha-me esta andorinha, armada em menina! Ontem foi toda a gente às gajas e tu andaste a fazer o quê?"

"Não preciso das gajas aqui do aldeamento."

O olhar de Angelino iluminou-se.

"Ah, pois! Tu tens a tua Sheila, não é?" Voltou a rir-se, muito satisfeito consigo próprio. "Estás habituado a bife da cidade e já não te contentas com galinhas do mato! Iá, és um finório!"

Apesar de os primeiros raios de Sol despontarem já sobre o mato, ainda fazia escuro e ali apenas se viam luzes de lanternas a bailar na sombra e escutavam-se ordens dadas em voz baixa. Diogo integrou-se na coluna e posicionou-se entre Isaías, um maconde ainda estremunhado, e o furriel Sousa, um mulato de Vila Pery. Espreitou o relógio. Seis da manhã; era de facto a hora prevista para se porem a caminho.

"Vamos", murmurou Angelino ao passar pelo furriel. "Tá a andar!"

A ordem de marcha foi dada em voz baixa, como era hábito entre os comandos, e o furriel Sousa passou-a a Diogo, que a passou a outro homem, até todo o grupo se pôr em movimento e fundir-se em silêncio com o mato, como fantasmas a mergulhar na bruma. Havia já três horas que Diogo estava deitado no capim, ao lado de um arbusto, a vigiar o Mazonha. O longo lençol prateado serpenteava pela planície, deslizando gorgolhante uns cinquenta metros mais à frente. O Sol brilhava alto, incendiando-lhe o cocuruto, pelo que se encostou à direita, a tentar refugiar-se na sombra de uma micaia.

"Tá quieto!", murmurou Angelino. "Uma emboscada requer imobilidade total."

"Isto é uma seca", queixou-se Diogo, indicando com a cabeça o rio vazio. "Já aqui estamos há maningue tempo e ainda não apareceu ninguém."

"Tem paciência."

Um zunido enervante cortou a erva e Diogo fez um gesto rápido com a mão, tentando afastar a mosca incómoda. O insecto voltou à carga, serpenteando em torno da cabeça, e o furriel viu-se forçado a enxotá-lo com gestos largos que Angelino teve de travar para evitar que a posição fosse denunciada. Mas a técnica pareceu ter funcionado porque a mosca acabou por desaparecer e a modorra reinstalou-se na margem do rio.

"Quando é que saímos daqui?" O comandante consultou o relógio.

"Mais três horas e pomo-nos na alheta!"

O amigo bufou, esforçando-se por ganhar paciência, e deixou-se ficar quieto. Fazia calor, embora a brisa do rio temperasse o ar. Ouviu uma rã e distraiu-se a tentar localizá-la; pelo som pareceu-lhe que estaria junto a uns ramos que haviam encalhado na margem, mas um novo coaxar deu-lhe a impressão de vir de outra direcção e esforçou-se por lobrigar a rã nuns tufo de capim alto e amarelado. Permaneceu longamente naquele jogo estúpido, procurando a todo o custo situar as rãs em função da direcção dos sucessivos coaxares, mas não logrou identificar a posição de uma única.

O jogo foi interrompido uma hora depois por um súbito marulhar da água. Olhou naquela direcção e viu círculos concêntricos a afastarem-se da superfície, num ponto próximo da margem. Destravou a G3 e apontou-a para ali, o coração de repente aos pulos. Acontecera alguma coisa.

"Viste aquilo?"

Angelino olhava na mesma direcção.

"Iá."

"Achas que são eles?"

A voz de Diogo era ansiosa, mas o amigo parecia manter a calma mais absoluta.

"Eles, quem?"

"Os turras, pá!"

O comandante dos comandos riu baixinho.

"São turras, são."

"Viste-os?"

"Vi pois!"

Diogo olhou para os círculos que se afastavam da superfície da água e voltou a cabeça para o amigo, sem perceber as risadinhas.

"E então? Não abrimos fogo?"

Angelino voltou a rir baixo.

"Ó parvalhão, são jacarés!"

O amigo fixou os olhos na superfície do rio, tentando confirmar a informação.

"Jacarés? Tens a certeza?"

"O Mazonha está cheio deles", retorquiu Angelino, apontando para a água. "Estás a ver aquele tronco ali?"

Diogo olhou na direcção indicada e viu um tronco de árvore a boiar na corrente líquida, o perfil recortado sobre o espelho reluzente. "Iá."

"É um jacaré."

Observou com mais cuidado, tentando destrinçar movimento, mas o tronco permanecia perfeitamente imóvel.

"A sério?"

"Estou-te a dizer. Ora olha com atenção."

Diogo ficou longos minutos a espreitar o tronco, que continuava estático. Em circunstâncias normais teria desistido de olhar para aquele ponto durante mais de um ou dois minutos, mas ali não havia nada para fazer e aquela parvoíce, por incrível que pudesse parecer, mantinha-o distraído.

Ao fim de quinze minutos, o tronco moveu-se, soltando novos círculos concêntricos na superfície, e, com um movimento rápido e um breve borborejar, desapareceu no fundo da água.

"Tinhas razão!"

A novidade alegrou Diogo: afinal sempre sucedera qualquer coisa. Sorriu para Angelino com a satisfação de quem presenciara um grande acontecimento, mas depressa o efeito da novidade se desvaneceu e percebeu que, eliminada aquela pequena atracção, teria de se voltar para o jogo das rãs. Apurou o ouvido, tentando captar mais um coaxar, e suspirou com enfado.

"Que seca!"

Faltavam já menos de três horas para o pôr do Sol quando Angelino se levantou e olhou em redor, procurando os seus homens. Consciente de que todos o estavam a ver, ergueu o braço e encolheu-o; depois ergueu-o de novo e voltou a encolhê-lo. Estava dado o sinal para se porem em movimento.

Por toda a margem do rio, onde antes se avistavam apenas capim e arbustos, os homens emergiram quase do nada. Eram vinte e cinco comandos, que, apesar de fatigados por tantas horas em silêncio, se mantiveram calados e acompanharam a direcção de marcha do seu comandante.

Os soldados caminhavam espaçados, conforme a técnica de progressão no mato, mas a curiosidade levou a melhor sobre Diogo, que acelerou o passo e foi ter com o amigo.

"Para onde vamos?"

Angelino tirou um mapa do bolso e desdobrou-o.

"Temos de fazer uma operação de progressão até este ponto", disse, indicando o destino com o dedo. "Pernoitamos aqui e logo pela manhã vem um helicóptro trazer-nos um turra que os pides arranjam. Parece que o gajo nos vai mostrar a localização de uma base do in."

"Vai, vai", ironizou o furriel Sousa, que também se aproximara. "Se for como o último, acho que vamos andar à caça dos gambozinhos!..."

O comandante suspirou.

"O que tu achas não interessa nada", cortou com secura. "Estas são as ordens que temos e vamos cumpri-las. Daqui até ao objectivo são duas horas de marcha pelo mato." Verificou o relógio. "Arrancando agora, chegamos lá antes ainda de a noite cair." Fitou reprovadamente os dois homens plantados junto dele. "O que estão vocês a fazer ao pé de mim? Tá a andar."

O furriel Sousa assentiu e afastou-se de imediato, mas Diogo manteve-se colado ao amigo. Angelino franziu o sobrolho, pouco habituado a que as suas ordens não fossem imediatamente acatadas.

"Que foi? Não ouviste o que eu disse?"

"Ouvi, pois", admitiu Diogo. "Mas o que é uma operação de progressão?"

Angelino esboçou uma expressão contrariada e fez tenção de se afastar, mas reconsiderou e indicou ao amigo que o acompanhasse. Todo o grupo se encontrava já em marcha, deambulando pelo mato denso. Samuel seguia à frente, na posição de batedor, aos ziguezagues por entre arbustos e árvores, evitando pontos de exposição. Os comandos avançavam um a um, em fila, mas deixando muito espaço entre eles. Os únicos que caminhavam juntos eram o comandante e Diogo.

"Uma operação de progressão é o que estamos a fazer agora", explicou Angelino em voz baixa. "Como sabes encontramos-nos numa zona do in. A nossa missão é identificar toda esta área para localizar turras ou população que os proteja. Quem for apanhado por aqui é, por definição, um in ou um apoiante do m."

Diogo ouviu a explicação mas não pareceu convencido.

"E como damos com esse pessoal? Metemos pelo mato e fazemos figas para ter sorte?"

O amigo riu-se de mansinho.

"Achas que estamos a avançar ao acaso?"

"Parece."

Angelino deteve-se e apontou para a esquerda.

"Olha para ali", disse. "Estás a topar aquilo?"

Diogo fixou a atenção na direcção indicada e, após algum esforço, destrinçou efectivamente algo de irregular; pareceu-lhe uma linha estreita em que o capim estava tombado e que corria quase paralelamente ao percurso que os comandos seguiam.

"Iá."

"É um trilho."

O significado da linha pisada tornou-se claro.

"Pois é!", constatou. "E porque não vamos por ali? Sempre era mais fácil do que irmos pelo meio do mato!..."

O comandante retomou a marcha.

"Estás parvo ou quê?", repreendeu-o. "Os tipos davam com as nossas pegadas, pá. Além do mais, aquela merda pode estar minada. Mas o mais importante é que os turras usam o trilho. Vamos vigiá-lo um bocado e pode ser que tenhamos sorte."

"Eles andam ali? Porquê, se está minado?"

"Não te preocupes com os gajos. Os cabrões sabem muito bem onde esconderam as minas."

Caminharam mais umas centenas de metros. Diogo ia observando o trilho distante, quase fascinado. Será que veria turras aparecerem por ali? A ideia produziu nele sentimentos ambivalentes; por um lado, ansiava pela excitação de um recontro, mas por outro receava as consequências de tal situação.

"Já alguma vez deste com um turra nos trilhos?", quis saber Diogo.

"Eu? Claro."

"Ai sim? Como foi?"

Angelino riu-se baixinho.

"Eh, pá! Foi uma cilada bem montada!... Pusemo-nos todos a andar no trilho durante um ou dois quilómetros e a determinada altura eu fiz um sinal e demos todos um passo para o lado, pisando o capim. Depois escondemo-nos e ficámos à espera, emboscados no trilho. Passada meia hora vimos aparecer um gajo com uma kalash a andar devagar e curvado, de olhos nas nossas pegadas. Até que chegou ao ponto onde elas acabaram. O turra ficou atarantado e pôs-se à procura da continuação. Foi aí que o Sousa lhe mandou uma bojarda e acabámos com ele."

A memória da história provocou um largo sorriso no comandante dos comandos, evidentemente orgulhoso com o engenho da emboscada. Todavia, Diogo não se riu; não porque não achasse graça à história, mas porque estava a imaginar-se no lugar do turra.

Lançou um olhar desconfiado ao trilho.

"Olha lá, e se eles nos toparem agora?"

Angelino encolheu os ombros, quase indiferente.

"Isso é pouco provável", retorquiu. "Nós estamos fora do trilho."

"Sim, mas e se toparem?"

"Se toparem, toparam." Indicou o grupo de comandos que progredia em fila pelo mato, um homem aqui e outro lá atrás.

"Estás a ver o espaço entre nós? É um procedimento elementar de segurança, uma vez que assim, se derem connosco, dificilmente conseguirão disparar sobre mais de dois."

Diogo observou os comandos a progredirem isoladamente pelo mato e ponderou o que o amigo lhe explicara.

"Então se calhar era melhor fazermos o mesmo, não?"

Angelino riu-se.

"Estás com medo?"

"Não, mas...", atrapalhou-se Diogo. "Enfim..."

"Tens razão, é melhor respeitarmos o procedimento de segurança."

Acto contínuo o comandante apressou o passo, distanciando-se do amigo. O par desfez-se e a fila de comandos alongou-se pelo mato, contornando elevações e arbustos; pareciam formigas num carreiro espaçado.

Um burburinho alguns metros adiante despertou a atenção de Angelino. O comandante aproximou-se da dianteira da fila e viu Samuel a falar com duas pessoas. Era uma mulher envolta numa capulana já muito gasta, embora limpa, e uma menina que não deveria ter mais de sete anos. Tinham um saco de serapilheira pousado no chão com o interior repleto do que pareciam ser frutos silvestres.

"Que se passa?", quis saber. "Quem é esta gente?"

Samuel indicou uma maçanqueira encostada a um pequeno monte ali ao lado.

"Estavam ali a apanhar maçanicas."

Contrariado, o comandante respirou fundo e lançou um olhar reprovador ao subordinado.

"Porra! Não podias ter-te mantido invisível?"

O comando, um negro do Moatize bem constituído, abriu os braços num gesto impotente.

"Ia a vigiar o trilho e não as vi", explicou. "Quando dei por ela, estavam as duas a olhar para mim. Que havia eu de fazer? Já não me podia esconder..."

Diogo chegou nesse instante junto dos camaradas e observou a mulher e a criança com curiosidade. Ambas fitavam os soldados com uma evidente expressão de receio; mal se atreviam sequer a mexer-se para não darem mais nas vistas.

"Quem são estas?"

A pergunta não recebeu réplica; na verdade nem precisava, tão evidente era a resposta.

"Pergunta-lhe quem são e de onde vieram", ordenou Angelino, indicando a mulher.

Samuel pôs-se a dialogar com ela em nhungué e recebeu respostas rápidas e nervosas, acompanhadas por uma profusão confusa de gestos.

"Dizem que vivem num aldeamento a duas horas daqui e que vieram cá buscar comida."

"Viram turras?"

O soldado do Moatize voltou a trocar palavras em nhungué com a mulher, que abanou a cabeça com veemência.

"Diz que não. Diz que não há turras por aqui."

Angelino esfregou o queixo, meditativo.. Por esta altura já outros comandos haviam chegado ao local, embora se tivessem colocado em posições de vigilância para garantir a segurança. O comandante fitou Samuel com uma expressão inquisitiva.

"O que achas?"

"Ela está a mentir", opinou Samuel. "Fez duas horas a pé para vir aqui buscar umas maçanicas? Não existem maçaniqueiras ao pé do aldeamento?" Fez uma careta céptica. "Hmm.. esta tipa está-nos a partir a vista!..."

O comandante assentiu.

"Também acho", disse. Olhou para a posição do Sol. "Já só temos mais uma hora de luz. Despacha-te."

Samuel ergueu a G3 e apontou-a na direcção da mulher e da rapariga, que deram um passo horrorizado para trás.

"Não!", travou-o Angelino. "A G3 faz muito barulho."

Sem largar a espingarda automática, o comando negro tirou a faca do cinto. Diogo observou o movimento com estupefacção e voltou-se para Angelino, esperando dele uma contra-ordem que travasse Samuel. Para seu maior pasmo, porém, o amigo tinha também ele extraído a faca do cinto e dera já um passo em frente.

"O que vão vocês fazer?", perguntou Diogo, mal acreditando no que observava diante dele.

"Então? Que é isso?"

Vendo os dois soldados a aproximarem-se com lâminas na mão, a mulher agarrou-se à rapariga, tapando-lhe o rosto, e ambas caíram de joelhos a chorar.

"Lekani kutipaah!", balbuciou a mulher aos soluços, o rosto molhado com lágrimas de desespero.

"Não nos matem!"

Os dois comandos deram um salto e agarraram-nas por trás; Samuel ficou com a mulher e Angelino com a rapariga.

"Pára!", gritou Diogo com horror, sem saber o que fazer para travar aquela loucura, impotente para impedir o que se tornara já inevitável. "Pára com isso, pá! Pára com isso!"

O que se passou a seguir foi estonteantemente rápido e bizarramente lento. Com os braços esquerdos em V a imobilizarem as cabeças das vítimas, os dois comandos fizeram um movimento rápido com as facas e rasgaram os pescoços à sua mercê. Diogo ouviu uma erupção líquida e um gorgorejar sinistro e viu as vítimas espernearem em silêncio até que os comandos as largaram e elas tombaram, a mancha de sangue a alastrar pela terra enquanto se remexiam nas derradeiras pulsões de vida, até ao estertor final, a convulsão que as deixou enfim imobilizadas e estancou o rio vermelho que lhes jorrava das gargantas rotas.

Boquiaberto, Diogo levou um longo instante a despertar do torpor da surpresa.

"Já viste o que vocês fizeram?", perguntou numa fúria súbita, dando um salto em frente e

encostando o rosto à cara de Angelino. "Assassino! és um assassino! és um..."

O amigo deu-lhe um empurrão, tentando mantê-lo à distância.

"Cala-te!"

"... criminoso! Filho da puta!" Diogo voltou a colar-se a Angelino e aplicou-lhe um murro no estômago que apanhou o comandante de surpresa. "Cabrão de merda! Viste o que fizeste? Viste o que..."

Uma mão ensanguentada colou-se à boca de Diogo e calou-o, ao mesmo tempo que algo de repente o imobilizou. Era Samuel que o agarrava por trás e o amordaçava com a mesma mão com que degolara a menina de sete anos. Diogo emitiu ainda sons abafados e pontapeou o ar, tentando libertar-se a todo o custo, mas acalmou no mesmo instante em que, com a outra mão, Samuel exibiu ameaçadoramente a faca suja de sangue e lhe encostou a ponta ao pescoço.

"Quietinho."

Angelino, que caíra no chão, ergueu-se devagar e apanhou a sua G3. Depois aproximou-se de Diogo e apontou-lhe um dedo à cara.

"Não voltes a questionar-me numa operação, ouviste?", rugiu entre dentes. "Querias ver o que é a verdadeira guerra?" Indicou os dois cadáveres. "Pois ei-la!"

Samuel largou a sua presa e, sem tirar os olhos dela, ajoelhou-se e pôs-se a limpar a faca às folhas de um arbusto.

Livre do abraço que lhe tolhia os movimentos, Diogo cambaleou e contemplou com angústia os dois corpos estendidos no chão, como se tentasse certificar-se de que eram verdadeiros e tudo não ocorrera durante um pesadelo, mas no mundo real. Rodou a cabeça como num sonho e viu vários comandos em redor a observá-lo; os homens haviam-se aproximado logo que se aperceberam da alteração e pareciam estudá-lo com curiosidade divertida, como se o anormal não fosse matar aquelas pobres criaturas, mas tentar salvá-las.

Angelino mirava-o também, como um professor a submeter o aluno ao crivo de um exame, mas não prolongou o olhar por muito tempo. Ao fim de uns instantes deu meia volta e fez sinal aos seus homens.

"O circo acabou", disse. "Tá a andar!"

A água que encontraram no meio do capim era esverdeada de tão nojenta, havia até larvas de mosquito a boiar à superfície, mas isso não impediu Angelino de mergulhar o cantil no charco e extraí-lo repleto de líquido; parecia uma sopa de verduras.

O chefe dos comandos não se intimidou com o aspecto repugnante da água. Retirou do bolso uma pequena caixa de medicamentos, isolou um comprimido e atirou-o para o fluido infecto que lhe enchia o cantil. Aguardou uns minutos e depois desfez o lenço do pescoço, pô-lo por cima de um cantil vazio e vazou a água do primeiro cantil sobre o lenço até encher o segundo. Terminada a operação, examinou a água assim filtrada; mantinha-se ainda algo baça, mas já não se podia dizer que estivesse imunda.

"Já está!", exclamou com satisfação. Estendeu o cantil na direcção de Diogo. "Queres?"

O furriel abanou negativamente a cabeça, mas nada disse e nem sequer olhou para o comandante.

Angelino virou-se e, respirando fundo, sentou-se ao lado do amigo com o cantil na mão. Encostou-se à rocha e exalou o ar como se assim se libertasse de todo o cansaço acumulado ao longo do dia. A jornada havia sido longa e tinha de se preparar para uma outra que podia ser pior.

"Ainda estás amuado?"

A pergunta quase fez Diogo revirar os olhos de irritação. Sentindo o corpo do comandante ao seu lado, remexeu-se e afastou-se um palmo para marcar as distâncias. Claramente não queria conversas.

"O que foi?", insistiu Angelino. "Cheiro mal?"

O amigo hesitou, como se ponderasse se devia responder ou permanecer em silêncio. Poderia

manter-se calado, mas recebeu parecer demasiado infantil. É certo que tinha bons motivos para pôr o comandante de quarentena, mas isso seria fazer figura de criança mimada. A fúria que o consumia, por outro lado, era demasiado forte. Por que razão se deveria conter?

"Cheiras a crianças mortas!", vociferou baixinho. "Metes-me nojo!"

Angelino ficou momentaneamente calado, como se não tivesse resposta a dar; ou talvez estivesse apenas a pensar no que poderia dizer. Bebericou a água do charco que havia coado e cuspiu para o lado, possivelmente para se livrar do sabor amargo do comprimido que usara para eliminar as larvas de mosquito.

"Queres saber porque matámos aquelas duas?", perguntou por fim.

Diogo nem o encarou.

"Isso já sei", limitou-se a dizer. "Porque és um criminoso."

"Não vês nenhuma outra razão?"

Dessa vez Diogo voltou-se e derramou um olhar de desprezo sobre Angelino.

"Que outra razão poderia haver para degolares uma mulher e uma criança?"

"Por segurança."

A resposta desencadeou em Diogo uma gargalhada forçada.

"Segurança? Deves estar a reinar comigo!", exclamou com desdém. "Que ameaça representavam aquelas duas desgraçadas?"

Tinhas medo que a mais pequena te matasse à dentada? Ou que a mais velha te trincasse a pila? Não me venhas com histórias, pá! Aquelas mortes foram gratuitas! Eram civis, estavam desarmadas e não constituíam a mínima ameaça. Matá-las foi um crime."

Angelino cuspiu novamente para o lado.

"Não fales alto, ouviste? E controla-me essas risadas parvas!" Depois esticou a cabeça e varreu o espaço em redor, como se procurasse alguém. "Samuel?! Samuel?!"

A noite havia despontado e apenas restava no horizonte o clarão moribundo do Sol já desaparecido, como o rasto escarlate de um fantasma que se desvanecia lentamente no céu. Um vulto curvado assomou então da sombra.

"Que é?"

Era Samuel.

"Podes contar aqui ao nosso amigo a operação no monte Xipire?"

"Qual? A dos dois putos?"

"Essa mesmo."

Preocupado com a possibilidade de o seu perfil ser detectável recortado pela luz do crepúsculo, Samuel sentou-se aos pés dos dois interlocutores e pousou a G3 no regaço.

"Foi uma operação comandada pelo alferes Anselmo", disse. "Fomos com um turra que os pides nos entregaram e que supostamente sabia da localização de um aquartelamento do in. O gajo levou-nos até uma palhota e disse que era um receptor de alimentação. Não havia nada lá dentro e ficámos a emboscar a palhota. Como não apareceu ninguém, queimámo-la e apertámos com o turra para nos dar um objectivo verdadeiro."

"Isso é palha", cortou Angelino, impaciente. "Vai ao que interessa nessa história."

Samuel respirou fundo.

"Quando íamos pelo mato em busca de um novo objectivo demos com dois miúdos de mão dada. Um tinha talvez sete anos e o outro uns três. Tentámos sacar-lhes alguma informação, mas eles não disseram nada de útil. Depois pôs-se o problema do que fazer com eles. Era uma das nossas primeiras operações em território do in e, na instrução em Montepuez, tinham-nos dito que as testemunhas são

sempre para eliminar. Mas o alferes Anselmo teve maningue pena dos putos, de modo que..."

"Conta o que o Anselmo disse."

O comando hesitou, tentando reconstituir de memória os acontecimentos.

"Disse que eram miúdos desarmados e inofensivos, não constituíam a menor ameaça e seria um crime se os matássemos."

"E então? O que aconteceu?"

"Deixámo-los ir e seguimos o nosso caminho. Duas horas depois caímos numa emboscada. Íamos pelo capim, longe de qualquer trilho, quando apanhámos fogo de toda a parte. Xi! Aquilo foi maningue mau! Os turras até tiros de morteiro despejaram sobre a malta! O Orario foi atingido e nós tivemos de bater em retirada. O problema é que os gajos vieram atrás do pessoal e metralharam-nos constantemente. Ficámos à rasca. Tínhamos de carregar o Orario e estávamos em território do in a ser caçados pelos turras. Andámos dois dias naquilo: eles a disparar e nós a cavar. Até que o alferes Anselmo lançou uma acção de mão e conseguimos capturar um turra. Os gajos recuaram para se reorganizarem e, aproveitando a trégua, chamámos os helis e saltámos dali para fora."

"Depois interrogaram o turra capturado, não foi?"

"Iá."

"O que disse ele?"

Samuel fez uma pausa antes de responder.

"Que uns miúdos foram dizer aos pais que tinham visto a tropa", murmurou num tom seco. "Os pais falaram com os guerrilheiros. Os turras interrogaram os putos sobre o número de soldados do nosso grupo e a direcção em que seguíamos e comunicaram com uma unidade que tinham no sector para onde nós nos dirigíamos." Fez um estalido com a língua. "Foi essa unidade que montou a emboscada."

"Olha lá, desde que és comando quantas vezes estiveste numa operação em que sofreste uma emboscada?"

"Foi só essa vez."

"E em quantas operações houve baixas do nosso lado?"

"Foi só essa vez também." O soldado negro respirou fundo e arreganhou os lábios, exibindo os dentes amarelados. "Filhos da puta dos miúdos!"

Fez-se um silêncio momentâneo entre os três, que Angelino deixou prolongar para que a informação fosse devidamente digerida pelo amigo.

"Obrigado, Samuel", disse por fim o comandante da companhia. "Podes ir."

O vulto do soldado fundiu-se de imediato com a sombra. A noite caíra por completo e apenas as luzes das estrelas e do quarto crescente lunar iluminavam o mato com um clarão de prata. A treva enchia-se de ruídos estranhos; eram os insectos e os pássaros envolvidos em duetos mais ou menos melódicos, um criiiii-criiii ali, um tu-tu acolá. Os soldados falavam em sussurros, esforçando-se por se manter invisíveis.

Angelino bebeu a água que lhe restava e pousou o cantil.

"Como vês, em território do in nenhum civil é inofensivo", disse à laia de conclusão. "Nem dois putos com menos de dez anos. Por ter poupado esses miúdos, não só o nosso grupo acabou por não cumprir a missão como se viu emboscado, foi perseguido e sofreu uma baixa. E sabes porquê? Porque o Anselmo não teve tomates para cumprir o seu dever! A segurança do grupo e a execução da missão são as duas prioridades que devem orientar a acção de um comando. Toda a ameaça a essas prioridades tem de ser eliminada, custe o que custar e por mais repugnante que isso pareça. Isto é uma coisa que nos foi ensinada na instrução em Montepuez e constatada na vida real." Fez um gesto largo, como se quisesse abarcar todo o mato. "Porque isto, meu caro amigo, não é uma fita de Hollywood nem uma história do

Mundo de Aventuras, mas a realidade da guerra. Nos filmes e nos livros os bons nunca eliminam mulheres nem crianças e só matam os maus em última instância. O mundo real não é assim. Em território hostil até as mulheres e as crianças constituem, mesmo que não o queiram, ameaças maningue sérias à tua segurança. Se não as eliminares, já sabes: serás morto."

Diogo remexeu-se no lugar.

"Está bem, é verdade que aquelas duas não podiam ser deixadas à solta", admitiu, voltando ao caso do dia. "Mas ao menos podíamos tê-las trazido connosco. Não havia necessidade de as matar..."

"Trazíamos-las connosco, dizes tu?"

"Sim, porque não? Poupavas-lhes a vida e salvaguardavas a nossa segurança."

Angelino soltou uma gargalhada baixa e sem humor.

"Então vou-te contar outra história", disse. "E essa passou-se comigo. Aqui há uns tempos estivemos três semanas numa operação no mato e, já no final, quando nos encaminhávamos em território do in para o ponto onde seríamos recolhidos pelos helis, demos de caras com uma miúda. A gaja devia ter uns quinze anos, não menos. A nossa reacção foi limpá-la imediatamente, para ela não denunciar a nossa presença e não termos os turras todos em cima de nós. Mas eu pensei: a missão está terminada e já vamos de regresso. Para quê eliminá-la? O perigo que a tipa representa é mínimo. Porque não poupá-la? De modo que foi o que fizemos."

"Deixaste-a ir embora?"

"Claro que não!", exclamou Angelino de pronto. "Achas que sou parvo ou quê? Não a podíamos largar em liberdade, isso nem pensar. A gaja poderia pôr em risco a segurança da nossa retirada do teatro de operações. O que eu fiz foi pegar nela e trazê-la connosco, estás a perceber?" Mudou o tom de voz. "Oh pá, nem imaginas o pesadelo que foi!"

"O quê? Ela arranjou maneira de contactar os turras?"

"Não é isso, pá!" Angelino aproximou-se do amigo e a voz assumiu um tom de confiança.

"Repara, há três semanas que o pessoal estava no mato. Isso significa que há três semanas que não víamos uma gaja, não é? Éramos vinte e cinco homens, tínhamos ainda de passar a noite no mato antes de sermos recolhidos no dia seguinte, a malta andava toda com tusa e, de repente, ficamos ali com uma miúda de quinze anos toda boa e à mão de semear. O que pensas tu que aconteceu?"

A pergunta fez estremecer Diogo, que se pôs a imaginar a cena e a reconstituir o que lhe era sugerido.

"Vocês... porra! Vocês fizeram-lhe alguma coisa? Vocês..."

O comandante da companhia riu-se.

"Tentativas não faltaram, posso-te garantir", disse. "Toda a gente queria molhar a sopa, como deves calcular. De modo que nessa noite nem preguei olho só para me assegurar de que ninguém tocava na miúda. Ó pá, só te digo que cheguei a arrepender-me de não a ter matado! Iá, caras! Foi um inferno a noite inteira! Mas no dia seguinte lá a consegui meter no heli e a miúda veio connosco para o quartel. Chegou ao Mazoi pura e casta como a virgem que se calhar não era."

"Fizeste bem."

"A questão não é essa, Diogo. Eu pude garantir que ninguém tocava nela porque foi só uma noite. Agora imagina que eu trazia aquelas duas gajas que hoje nos viram? Achas que as conseguia proteger estas noites todas que vamos estar no mato? Ia ser um regabofe, pá!"

"Mas ao menos sobreviviam..."

"Não sei se sobreviviam." Fez um gesto com a cabeça a indicar os camaradas. "Qualquer gajo aqui que esteja a rebentar de tusa podia sacá-las à socapa pela noitinha, violava-as atrás de um arbusto e matava-as para elas não o denunciarem. Isto são comandos, pá, não são meninas do ballet!"

"Eu protegia-as."

"Não gozes comigo!", riu-se Angelino, como se a ideia de um furriel da tropa regular a enfrentar um punhado de comandos fosse a coisa mais absurda que jamais ouvira. "Mas, imaginando que esse problema se resolvia, o facto é que as gajas iam ser um fardo enquanto estivéssemos no mato. Eu e tu não pregávamos olho só para as proteger, a malta só pensava nelas em vez de se concentrar na missão, andávamos sempre preocupados com elas e as tipas arrastavam-se pelo mato a queixar-se que estavam cansadas e tinham fome e mais não sei quê. No fim retiravam-nos agilidade, concentração e capacidade de movimento. Com as gajas aqui connosco, a nossa missão dificilmente seria levada a cabo com sucesso."

"Mas estavam vivas", insistiu Diogo. "E isso é importante."

"É importante nos filmes americanos! Se nós fôssemos trazer connosco cada civil que encontramos no mato, nenhuma missão dos comandos seria bem sucedida, pá. Nem uma! O nosso trabalho não é andar a carregar civis de um lado para o outro em zona hostil; é localizar e eliminar os turras. E é bom que não te esqueças que, em território do in, a população não é neutral. Os civis, mesmo aqueles que têm o aspecto mais inocente do mundo, fazem parte do in."

Diogo reajustou o corpo, acomodando-se contra a rocha junto à qual se haviam sentado.

"Olha, não tenho a certeza de que..." Interrompeu a frase e deu um salto, alarmado. "Eh pá! O que é isto?"

Reagindo quase instantaneamente, Angelino pôs-se em pé com a G3 em riste.

"O quê? Que se passa?"

"Está aqui alguma coisa, pá!"

"O quê? Onde?"

"Aqui! Na pedra!"

O comandante dos comandos extraiu a lanterna do bolso e acendeu-a, voltando-a para a rocha que haviam escolhido para protecção durante a noite. O foco de luz deambulou nervosamente pela superfície rugosa, fazendo as sombras dançarem com movimentos bruscos, até se imobilizar no que parecia um cilindro brilhante. Fixaram os olhos no cilindro e, pasmados, perceberam que ele se mexia.

"Porra!", exclamou Angelino. "É uma cobra!"

Atraídos pelo súbito sururu, vários comandos convergiram para o foco de luz e admiraram o enorme volume viscoso que se contorcia em torno de um buraco rasgado na base da rocha.

"É jibóia, pá!", constatou Samuel. "Temos de dar cabo dela!"

Ainda contemplaram a possibilidade de usarem a G3, mas era uma solução ruidosa e, por isso, demasiado arriscada e desaconselhável em território hostil. Os soldados acabaram por optar pelas facas e por paus. Retiraram-nas do cinto e atiraram-se à enorme cobra, retalhando-a ainda viva. Depois enterraram os pedaços e limparam os vestígios com uma pá.

"É a pedra", observou Angelino, enquanto lavava as mãos com um pano molhado. "Como ela se mantém quente durante a noite, as gajas vêm para aqui." Pegou na lanterna e passeou o foco pela base da grande rocha, incidindo no buraco para onde a jibóia se havia dirigido. "Olha ali! Estão a ver? Pode haver mais cobras, caraças!"

"Nesta zona jibóias é mato", confirmou Samuel. "Acho que vamos ter de usar pólvora. Vai fazer um bocadinho de barulho, mas paciência!"

Os comandos retiraram algumas balas das caixas de munições e abriram-nas, despejando a pólvora numa folha de papel. Quando a pólvora se acumulou num pequeno montículo, inseriram a folha à entrada do buraco e deitaram-lhe um fósforo. A pólvora incendiou-se com um fzzzzz transformado em clarão e os militares viram duas cobras pequenas sair apressadamente do buraco e desaparecer na treva.

A visão das jibóias em fuga desencadeou uma galhofa breve.

"Esta noite já não nos chateiam mais!", exclamou Angelino, encostando-se à rocha. "Seria mais seguro se estivéssemos debaixo de uma árvore, mas como por aqui não há nenhuma teremos de nos contentar com isto."

Nessa noite jantaram a ração de combate. Quando acabaram de comer, enterraram os resíduos para não deixar vestígios da sua passagem por ali e foram-se deitar. Angelino pôs dois homens de vigia em posições opostas; ficaram ambos deitados de barriga para baixo, de modo que a sua silhueta não se recortasse no horizonte.

Os restantes foram dormir junto à grande rocha. Estenderam-se num círculo com a cabeça virada para fora e a G3 encostada ao corpo, sempre preparada para uma eventualidade. Os murmúrios acabaram e a noite foi entregue aos sons do mato, uns estranhos e outros familiares; os grilos estridulavam, os lagartos gecavam, um mocho crocitava. O concerto foi interrompido por uma gargalhada distante.

Diogo ergueu a cabeça, alarmado.

"Angelino!", sussurrou. "Angelino!"

A voz impaciente do comandante dos comandos sussurrou-lhe de volta.

"Que é?"

"Ouviste esta gargalhada?"

Foi a vez de Angelino soltar a dele, mas baixa e curta.

"É uma hiena, pá", disse. "Cala-te e dorme!"

O céu estrelado estava limpo de nuvens e o mato era iluminado pelo clarão flamejante do mar de estrelas; o braço da galáxia estendia-se pelo eixo central do firmamento, tão brilhante que a sua luz projectava sombras ténues no mato. Diogo fixou a atenção no Cruzeiro do Sul; parecia-lhe a estrutura de um papagaio de papel. De tanto deambular com os olhos pelas profundezas do céu, começou a sentir vertigens e virou-se de lado, evitando assim contemplar as estrelas.

Fechou os olhos e tentou adormecer, mas as imagens dos acontecimentos do dia não paravam de aflorar. Com a mente a fervilhar de interrogações, Diogo deu voltas e reviravoltas no lugar até chegar à conclusão de que não conseguiria adormecer enquanto não assentasse todas as ideias que se cruzavam na sua cabeça.

"Angelino!", sussurrou ele ao fim de alguns minutos. "Angelino! Estás acordado?"

O amigo respondeu num fio de voz estremunhado.

"Que é?"

"Estou ainda a pensar naquelas duas gajas que matámos hoje."

"Vai dormir, pá!"

Diogo calou-se por momentos, avaliando se valia a pena dizer o que lhe ia na mente. Admitiu deixar a coisa por ali, mas as ideias não lhe saíam da cabeça e, após novas reviravoltas, ergueu-se um pouco e apoiou-se nos cotovelos.

"Sempre ouvi o Marcello dizer que a guerra só se ganha conquistando as mentes e os corações da população."

"Qual Marcello?"

"O Caetano, pá. O presidente do Conselho."

Angelino suspirou pesadamente.

"Esse gajo não tem a mínima noção do que se passa aqui", murmurou o comandante da companhia com um traço de irritação na voz. "Também é daqueles que acham que a guerra no mato é igual à guerra dos filmes e coisa e tal."

"Mas ele tem razão, pá. Como é que ganhas a guerra sem o apoio das populações? E se nós

matamos as populações, como podemos nós esperar que elas nos ajudem?"

Novo suspiro.

"Já vi que também não tens noção nenhuma."

"Desculpa, mas não respondeste à minha pergunta", insistiu Diogo, convencido de que a sua ideia era pertinente. "Como podes esperar conquistar o apoio das populações se matas todos os civis que te aparecem pela frente? Como achas que as famílias vão reagir?"

"Eu não mato todos os civis", corrigiu Angelino. "Só mato os civis que se encontram em zona hostil e faço-o porque sei que eles já estão contaminados pelo in."

"E contaminados continuarão se procedermos todos como vocês procedem..."

Foi a vez de Angelino, já bem desperto, se soerguer e se apoiar nos cotovelos.

"Mas tu achas que alguma população em zona hostil virará para o nosso lado só porque poupámos alguns dos seus elementos?", perguntou erguendo a voz, quase exaltado. "Se os pouparmos eles ficam todos contentes porque passam a dispor de informações precisas sobre a nossa força e os nossos movimentos e podem montar-nos emboscadas a seu bel-prazer. Se os pouparmos, eles..."

"Chiu!", sussurrou um soldado que tentava dormir.

Apercebendo-se de que se exaltara, Angelino interrompeu-se e controlou de imediato o nível da voz.

"Tu tens de perceber uma coisa elementar", disse, regressando ao tom murmurante. "Por que razão as populações ficam contaminadas? A resposta é: devido à presença do in. A nossa tropa está nos quartéis, mas os turras misturam-se com as populações, entendes? Se eu vivo numa aldeia e tenho turras a morarem na palhota ao meu lado, é natural que me deixe contaminar por eles. Se não o fizer de livre vontade, faço-o por medo. A tropa entra na minha aldeia e vai-se embora, mas os turras continuam a viver ali. Se eu os denunciar à tropa, outros turras vão aparecer e à primeira oportunidade tratam-me da saúde. Nessas condições, como poderei eu pôr-me ao lado da tropa?"

"Estou a perceber..."

"É por isso que, quando o Marcello diz que é preciso conquistar as mentes e os corações das populações, ele não tem a mínima noção da realidade do terreno. Quando os turras se infiltram numa aldeia, a aldeia fica contaminada e não há nada que possamos fazer. Se os quisermos eliminar, temos de eliminar a aldeia."

"Mas há aldeias que nos são favoráveis", argumentou Diogo. "Ainda ontem fomos dar brinquedos, comida e medicamentos a uma aldeia dessas. Isso prova que, adoptando a política certa, podemos conquistar mentes e corações."

"Isso só é verdade nas aldeias que não foram contaminadas."

"Não foram contaminadas por causa da nossa ajuda."

"Não!", corrigiu Angelino. "Não foram contaminadas apenas porque o in ainda não decidiu contaminá-las. No momento em que os turras entrarem nelas e se puserem a viver ali, vais ver o que acontece!..."

"Os régulos podem expulsá-los..."

O comandante riu-se baixinho.

"Isso queriam eles! Ainda há uns tempos o régulo Buxo, em Mucumbura, fez frente aos turras. Sabes o que lhe aconteceu? Mataram-no! O resto do pessoal acagaçou-se e submeteu-se. Conclusão: a aldeia dele ficou contaminada. E isto está sempre a acontecer, pá. Os turras assassina qualquer régulo ou fumo que se ponha do nosso lado. Portanto, mete isto na cabeça: por convicção ou medo, as populações estão sempre do lado de quem vive com elas. A partir do momento em que os turras vivem nas aldeias e a tropa fica nos quartéis, está tudo dito! Numa situação destas, a única maneira de..."

"Chiu!"

A reprimenda calou Angelino. O comandante da companhia consultou o relógio e, sabendo que teriam de se levantar às quatro da manhã, calculou as horas que lhe restavam de sono. Não eram muitas.

"É tarde, pá", disse, voltando a deitar-se e acomodando-se numa posição confortável. "Toca a dormir."

Estendido na sua esteira, Diogo voltou a mirar o firmamento estrelado enquanto digerira o que acabara de ouvir. Mas não levou muito tempo. A treva profunda do céu, que antes lhe desencadeara vertigens, começou a pesar-lhe nos olhos e um minuto mais tarde já o furriel deslizara para o sono profundo.

As portinholas foram fechadas e os camiões arrancaram com fragor, os motores a urrarem como uma súbita erupção. A nuvem de pó erguida pelos pneus das Berliets em movimento envolveu as palhotas e engoliu a aldeia do fumo Mandie, o chefe aliado que os acolhera para a missão que acabavam de levar a cabo. Diogo sentia-se cansado e pousou o olhar nas palhotas que iam ficando para trás, transformando-se em silhuetas que se esfumaram na poeira escura.

O Sol estava a pique e fazia um calor infernal. Diogo esticou a cabeça para aproveitar o movimento do camião onde seguia e refrescar-se com o vento. O ar que lhe bateu na cara era quente e seco, mas sempre lhe parecia melhor do que a fornalha da imobilidade.

Sentiu os olhos pesarem e, espreitando em redor, percebeu que já havia camaradas seus a dormitarem, indiferentes aos solavancos da Berliet pela picada. Tinham acordado cedo e o dia já ia longo. A viagem de regresso ao Mazoi durava uma hora, pelo que o melhor seria fazer como eles. O soldado ajeitou a G3, acomodou-se no seu lugar e encostou-se ao companheiro da direita, mergulhando num torpor sonolento. Gostaria de dormir, mas o veículo, como todas as Berliets, tinha a meio da caixa duas filas de bancos virados para fora e os soldados ficavam todos voltados para o mato; se adormecesse poderia cair da viatura, pelo que se limitou a dormir.

Bonk.

Veio a si com um salto e olhou em volta, observando alguns companheiros de ar estremunhado a tentarem igualmente perceber o que acontecera. Fora um solavanco mais forte do que o habitual. Trocaram olhares cúmplices e sorriram, voltando a acomodar-se para retomar o sono. Mas depressa veio outro solavanco violento e mais outro, este último tão grande que todos ficaram por momentos suspensos no ar.

"Porra para esta merda!", protestou Diogo. "Parece uma montanha russa!"

Um negro franzino, macua dos arredores de Nampula, arreganhou os lábios e exibiu uma fileira reluzente de dentes brancos.

"Um comando até de pé dorme", proclamou, mudando de posição para se pôr mais confortável. "Só a tropa da Metrópole é que precisa de colchão, como as meninas. És menina?"

Diogo mudou de posição, desesperado com o assento duro da Berliet.

"Vai-te lixar!"

O macua riu-se e fechou os olhos, regressando instantaneamente ao torpor sonolento. Mas Diogo não conseguiu descontraír-se; os sucessivos abanões do camião eram demasiado desconfortáveis para isso, pelo que ficou a contemplar o mato. O Sol flamejava alto e inclemente, e nada mexia em redor; apenas se via capim, terra vermelha, embondeiros gigantescos e os morros de muchém erguidos pelas colónias de térmitas.

A picada desembocou numa estrada de terra batida e a viagem tornou-se mais cómoda, mas Diogo manteve-se desperto porque sabia que Tete era já a seguir. Viu as primeiras casas e estudou as pessoas que circulavam pelas ruas; tentava avistar Sheila, mas, embora a cidade fosse pequena, sabia que

difícilmente daria com ela a andar ao ar livre àquela hora. Teve ganas de saltar lá para fora e ir ao hospital procurá-la, mas foi apenas um impulso inconsequente e deixou-se estar até o casario ficar para trás e a coluna meter pela estrada de Vila Pery e da Beira, a mesma que passava pelo Mazoi.

O furriel Sousa, que viera sempre no lugar ao lado do condutor, saltou pouco depois para a carga e juntou-se aos homens sob o seu comando. Três ainda dormitavam, embalados pelo balouçar monótono da Berliet, mas os restantes haviam despertado quando a coluna circulou por Tete e passavam agora um maço de LM entre todos.

"Está tudo bem?"

"Sem problemas, meu furriel."

"Vai uma bazuca?"

A pergunta agitou o grupo, subitamente interessado.

"Ainda há, meu furriel?"

Sousa dobrou-se sobre o assento da frente e ergueu uma caixa de madeira que tilintou com o movimento. Pousou a caixa diante dos soldados e, com um sorriso triunfal, extraiu uma garrafinha de Manica.

"Está quente, mas não faz mal", disse. "É cerveja!"

O ambiente na Berliet animou e todos agarraram a sua garrafa, arrancando a tampa na fechadura da portinhola do camião e despejando a cerveja quente pela garganta.

"Agora só falta uma gaja, caraças!"

"O quê? Não te chegou a mamalhuda de ontem?"

"As gajas nunca chegam, pá! Quantas mais melhor!" "Iá."

O tema, regado a cerveja, alegrou os comandos. Seguiram-se alguns comentários sobre as mulheres com quem haviam estado na véspera, no aldeamento Mandie, a troco de vinte escudos, mas sem dar pormenores. Eram como irmãos, mas havia coisas que cada um reservava para si.

A Diogo também coubera uma pretinha, mas recusara. A rejeição valera-lhe a troça dos camaradas, embora isso não o tivesse incomodado; não era comando nem tinha nascido em Moçambique, não se sentia obrigado a partilhar aqueles rituais de iniciação. Por isso, e apesar de integrar o grupo havia já quinze dias, achava-se um estranho e mantinha-se relutante em participar na galhofa como se fosse um deles. Estava a meio da comissão e faltavam-lhe outros quinze dias para terminar aquela missão entre os comandos; a verdade é que não via a hora de regressar ao BART. Desde que integrara as tropas especiais que a sua perspectiva sobre a guerra de facto se alterara, mas não para melhor. Seria um alívio voltar ao Chioco. Ficou por isso a observar as brincadeiras entre os comandos como se não fosse participante, mas mero espectador.

As cervejas esvaziaram-se e os soldados recostaram-se nos assentos, iniciando um concerto de arrotos que voltou a diverti-los; tudo servia para se entreterem. Mas depressa a algazarra acalmou e o furriel Sousa, preocupado com o protegido de Angelino, sentou-se ao lado de Diogo.

"Então?", interpelou-o. "Divertiste-te?"

Não era a pergunta que Diogo esperava, pelo que ficou momentaneamente sem saber o que dizer.

"Acho que sim", acabou por murmurar.

"Deste uns tiraços?"

"Dois ou três para o ar."

O alferes aplicou-lhe uma palmada na perna.

"Um destes dias vais ter de dar um balázio em alguém", disse. "Ninguém é verdadeiramente um comando se não matar um turra, caraças! Ainda tens dez dias para mostrares o que vales!"

"Mas eu não sou um comando."

O furriel abriu-se num sorriso.

"Lá isso é verdade!"

Diogo voltou-se e mirou a Berliet que os seguia. Era ali que viajava o régulo e os respectivos filhos, que haviam capturado durante a operação que tinham levado a cabo nessa madrugada.

"O que vai acontecer aos presos?"

"Vamos entregá-los à PIDE."

"Mas o que lhes irá suceder?"

"Serão interrogados."

"E depois?"

Sousa encolheu os ombros com indiferença.

"Sei lá", exclamou. "Depende do que disserem e das informações que a PIDE tiver sobre eles. Se os tipos..."

Zzzzzziiim mmmm

Rata-ta-ta-ta-ta!

O caos irrompeu sem aviso na Berliet. Os zumbidos de bala rasgaram o ar e vários projecteis ricochetearam na blindagem do camião numa sinfonia de morte.

"Emboscada!"

Quando o furriel Sousa gritou já todos os soldados se haviam espalhado pela carga para se abrigarem das balas invisíveis. Diogo sentiu uma chicotada de adrenalina incendiar-lhe o sangue e começou a ver o caos que se desencadeara em seu redor ao retardador, como em câmara lenta, os sentidos aguçados, as cores mais vivas, os sons mais presentes, os movimentos incrivelmente demorados. Mesmo ao lado escutou um gemido romper no meio da confusão e apercebeu-se de que alguém ficara ferido. A sua prioridade naquele instante era, todavia, outra, e concentrou-se antes nos sons realmente importantes, as detonações e os zumbidos de projecteis metálicos que rasgavam o ar; eram eles a verdadeira ameaça, os ruídos que requeriam toda a sua atenção.

A Berliet emitiu um ronco de esforço, mas uma nova saraivada cortou-lhe a progressão e o camião deu um solavanco e imobilizou-se na berma. Ouvia-se um matraquear ininterrupto de armas automáticas e os soldados, passada a surpresa, esperaram uma aberta com as G3 em riste.

"Agora!"

À primeira pausa, os comandos expuseram os canos das armas em busca de alvos, mas foram acolhidos por uma nova saraivada de balas e a situação tornou-se outra vez confusa.

Alguns soldados caíram sobre outros, Diogo via pernas e braços e tudo aos saltos, sempre aos solavancos e sempre em câmara lenta, e só depois de algum pandemônio os homens conseguiram pôr-se em posição e abrir fogo sobre o mato.

A intensidade da emboscada inimiga diminuiu, mas um súbito movimento no capim denunciou posições. "Ali! Ali!"

Os comandos fizeram convergir o fogo sobre o local onde detectaram o movimento e Diogo, mais para aplacar a angústia do que para atingir alguém, seguiu-lhes o exemplo e lançou granadas de mão e descarregou a G3 e todos os medos naquela direcção.

Os homens que vinham nas restantes Berliets da coluna apareceram entretanto, indicando outras posições suspeitas para onde as armas dos comandos se voltaram.

"Cessar fogo!"

A voz rouca do furriel Sousa foi reconhecida no meio de fuzilaria e de imediato obedecida pelos seus homens. Os comandos suspenderam o tiro e um estranho silêncio abateu-se sobre a estrada. O inimigo também havia deixado de disparar e o mato tornara-se imóvel. O capim apenas ondulava ao

sabor da brisa escaldante, o cheiro a pólvora queimada a fundir-se com o cacimbo.

"Segunda equipa", chamou o furriel. "Reconhecimento!"

Cinco homens desataram a correr curvados, as armas em riste, e mergulharam no capim. Os comandos observaram o movimento com grande atenção, os olhos a dardejarem em todas as direcções; esperavam o recomeço do tiroteio a todo o instante e sabiam que o fogo contrário denunciaria as posições hostis. Se identificassem esse fogo, identificariam o inimigo.

A espera prolongou-se por alguns minutos.

"Está limpo!", anunciou enfim a voz de um elemento da segunda equipa que partira em reconhecimento. "Os turras cavaram."

Os comandos ergueram-se com cautela, as G3 sempre a postos.

"Médico!"

Um soldado correu na direcção do furriel Sousa, que pedira assistência. Diogo olhou com atenção e percebeu que o chefe do grupo de combate, apesar de ainda dar ordens, se encontrava imobilizado.

Outras vozes levantaram-se a pedir auxílio e ele próprio foi lá ajudar. Um homem havia sido baleado e dois tinham sofrido ferimentos ao cair da Berliet; o motorista ficara mesmo sem a mão direita e tiveram de lhe fazer um torniquete e dar-lhe morfina. O caso estava difícil, mas Diogo recebeu entretanto ajuda do homem que fora prestar assistência a Sousa, o cabo Rosa, e que apareceu com uma maca que pousou ao lado do ferido.

"Seguras pelos pés que eu seguro pelos ombros", ordenou o cabo, assumindo posição. "Um.. dois... upa!"

Diogo e o cabo Rosa puseram o ferido na maca. O homem urrou de dor, pelo que fizeram um pequeno compasso de espera até erguerem a maca e arrumarem-na na Berliet mais próxima. O camião militar estava transformado em ambulância improvisada.

"O que tem o nosso furriel?", perguntou Diogo, incapaz de conter a curiosidade. "Não se conseguia mexer..."

"Acho que partiu a bacia."

"O quê?"

"Caiu mal no chão e está cheio de dores", explicou o cabo Rosa. "Já o imobilizei numa maca, mas o gajo ainda acha que está operacional."

Diogo olhou para trás e viu o furriel dos comandos deitado na maca a inspeccionar o capim. Era incrível como, apesar de ter a bacia partida, Sousa estudava as posições que haviam sido ocupadas pelo inimigo. Viam-se palhotas lá ao fundo e, para as identificar, o furriel ordenou que lhe mostrassem um mapa. Um homem foi buscá-lo à mochila e estendeu-o no chão, ao lado da maca.

"Esta merda chama-se Corneta", constatou o furriel Sousa, os olhos colados ao mapa. Ergueu a cabeça e encarou os seus homens. "A primeira equipa que se junte à segunda e limpe a aldeia. Os outros estabelecem um perímetro de segurança aqui na estrada."

Diogo pertencia à primeira equipa, pelo que pegou na G3 e acompanhou os camaradas na batida até Corneta. Meteram pelo capim, evitando os trilhos por causa das minas, e cercaram a aldeia. Não se via vivalma. Os comandos avançaram com cautela, evitando expor-se, até penetrarem nas primeiras palhotas. Estavam desertas.

"Os cabrões cavaram", concluiu Samuel, que comandava a segunda equipa. "Vamos deitar fogo a esta merda toda." Fez sinal a Diogo e aos restantes membros do grupo. "Ponham-se a andar. Eu e o Isaiás tratamos disto."

Diogo hesitou. Já que viera para os comandos queria ver tudo o que eles faziam; podia não ser bonito, mas ao menos era instrutivo.

"Posso ficar a ver?"

O pedido surpreendeu Samuel.

"Estás parvo ou quê?", exclamou o comando negro. "Os turras fugiram mas devem ter os morteiros apontados para aqui. Logo que virem o fumo a subir das palhotas, os gajos põem-se a despejar granadas sobre a aldeia. O grupo tem de sair daqui antes que eu e o Isaías peguemos fogo às cubatas."

"Eu também posso ajudar-vos a lançar o fogo", propôs Diogo. "Com três homens até é mais rápido!..."

Samuel encolheu os ombros, consentindo. Os homens abandonaram Corneta e os três soldados que ficaram para trás caminharam para a ponta mais longínqua da aldeia, acenderam os fósforos e colaram as chamas a várias tochas. Depois arrancaram em corrida e lançaram as tochas para dentro das palhotas, correndo sempre na direcção da saída da aldeia. Em poucos instantes o fogo alastrou, transformando as habitações cilíndricas em piras dançantes, e os três tinham já deixado Corneta quando as granadas de morteiro começaram a cair na aldeia em chamas.

"Olha para eles!", observou Isaías com um sorriso fatigado, já junto à estrada, enquanto as explosões se sucediam na aldeia, transformada num lençol de fogo e fumo. "Devem achar que somos parvos."

A Berliet com os seis feridos partiu em direcção a Tete e os comandos montaram nos restantes camiões e arrancaram com destino ao quartel do Mazoi. Os homens iam de semblante carregado, furiosos com o que acontecera e com vontade de ir atrás dos turras lá onde eles estavam a lançar os morteiros, mas permaneceram calados. A excepção era Samuel, o grande negro de Moatize, o único que verbalizava a revolta que a todos ruminava no peito.

"Filhos da puta!", rugiu em voz baixa. "Isto não vai ficar assim!" A Berliet chiou ao travar, elevando uma nova nuvem de poeira, e Angelino apeou-se de um salto logo que a viatura se imobilizou por completo e o motor se calou. Diogo, que ia ao lado, apressou-se a seguir no encalço do amigo.

"Eh pá, espera por mim!"

Sem olhar para trás, Angelino ergueu o braço e exibiu o relógio.

"É uma e um quarto da tarde!", exclamou. "Está quase na hora da reunião e um comando nunca chega atrasado."

O edifício para onde caminhavam, uma estrutura de um único piso com um telhado de zinco e um alpendre a todo o comprimento, situava-se no complexo militar da estrada à entrada de Tete. O calor apertava, jorrando do Sol impiedoso. O ar escaldante ondulava sobre o fundo amarelo e castanho do capim que se estendia até ao horizonte, o mar de erva seca apenas cortado pela ocasional maçanqueira ou por embondeiros colossais.

Dos dois lados da estrada erguia-se o complexo militar da Zona Operacional de Tete, o local de onde se coordenava a guerra em todo o distrito. Era a primeira vez que Angelino tinha sido convocado para uma reunião na ZOT. Quase por hábito espiou de relance as sentinelas e os portões e não pôde deixar de se admirar com o dispositivo de segurança existente no comando militar.

"Olha para isto", exclamou quase com desdém, indicando a Diogo o portão por onde haviam entrado com a Berliet. "Bastava um grupo de comandos para tomar esta merda em dez minutos."

O amigo olhou e nada disse. Depois do que vira nas últimas semanas, não tinha a mínima dúvida de que isso era verdade. Mas também sabia que qualquer outra força suficientemente treinada e determinada que contasse com o factor surpresa poderia tomar conta do complexo, embora talvez não por muito tempo.

Entraram no edifício que lhes havia sido indicado na ZOT e sentiram o alívio da sombra. Fazia calor ali dentro, mas não era nada comparado com a fornalha que fervia no exterior. Os visitantes foram

acolhidos por uma sentinela em continência e dirigiram-se à recepção. A ordenança sentada ao balcão pediu-lhes os documentos e levantou-se, fazendo-lhes sinal de que a acompanhassem no percurso até à sala de planeamento operacional.

Percorreram o corredor até chegarem à sala. A ordenança tentou abrir a porta, mas estava fechada à chave; a reunião havia sido marcada para as treze e trinta e, como era previsível, eles eram os primeiros a chegar.

"O nosso coronel ainda deve estar a almoçar", disse a ordenança para o chefe dos comandos, afastando-se pelo corredor em passo lesto. "Vou avisá-lo de que o meu alferes já chegou."

Angelino encostou-se à parede e tirou do bolso um LM, que acendeu com o seu Zippo de estimação. Uma nuvem de fumo branco ergueu-se diante do rosto, esvoaçando pelos olhos meditativos.

"Em que estás a pensar?"

"Na vingança."

"Eh pá, o que aconteceu foi guerra", argumentou Diogo. "Umás vezes somos nós quem faz emboscadas, outras vezes são eles. Já se sabe, quem vai à guerra dá e leva."

Angelino desviou o olhar furioso na direcção do amigo.

"Deves estar a fazer confusão", rosnou. "Os comandos não levam, só dão."

"Hoje levaram."

O alferes colou o cigarro à boca e aspirou com força, "deixando o fumo sair com lentidão.

"Já vais ver o troco que lhes vamos dar."

"Estás a falar a quente, pá. Tem calma."

Angelino fitou o amigo e a expressão baça pareceu cintilar de fúria muda.

"Ouve, Diogo, tens de perceber uma coisa de uma vez por todas", rosnou num tom controlado. "Os comandos não são tropa macaca como vocês. Eu sei isso, vocês sabem isso e os turras também. Que os turras se metam com a tropa macaca é uma coisa. Mas que se metam connosco é diferente. Nós íamos com as nossas boinas vermelhas, não íamos? Os tipos sabiam muito bem que nós éramos comandos e mesmo assim abriram fogo. Tudo bem. Vão já levar com o troco e aprender de uma vez por todas que connosco ninguém se mete! Ouviste? Ninguém!"

"Até parece que foste pessoalmente alvejado", observou Diogo, intimidado com aquela fúria fria. "Eu é que estive lá e, ó p'ra mim, não estou tão enxofrado como tu. Por isso acalma-te! Que eu saiba não levaste com as balas. Além do mais, isto é guerra, pá."

"Não estás a entender o problema", insistiu Angelino. "Os gajos meteram-se com os comandos e não podem. É isso que eles vão ter de aprender. Se uma coisa destas passar impune, amanhã voltam a fazer-nos uma emboscada igual ou ainda pior. A malta não pode deixar que estes cabrões percam o respeito aos comandos. Nós não estamos aqui a brincar e eles já vão perceber isso de uma forma muito clara."

"O que vais fazer? Queres queimar outra vez as palhotas que já queimámos? Os gajos fugiram, pá!"

Angelino deitou o cigarro para o chão e esmagou-o com a ponta da bota.

"Isso é o que vamos ver", sentenciou. "Esta reunião vai servir para planear a resposta."

Calaram-se por momentos. Diogo voltou a experimentar a porta e confirmou que estava trancada.

"Achas que me deixam assistir?"

Angelino abanou a cabeça.

"O quê? Tu? A uma reunião com o governador? Deves estar a reinar, pá."

"Então não estou aqui a fazer nada", constatou o amigo. "Quanto tempo vai demorar esta merda?"

"Sei lá! Tanto pode durar meia hora como a tarde toda. Porquê?"

Um brilho de esperança cintilou no olhar de Diogo.

"Então vou dar ali um passeio a Tete, tá?", disse. "Volto daqui a pouco."

"Não me digas que queres ir ter com a tua Sheila..."

A pergunta emudeceu Diogo, subitamente ruborizado. Ao ver a reacção do amigo, Angelino percebeu que havia acertado em cheio e foi a vez de ele próprio corar, mas de irritação.

"Não tens vergonha?", repreendeu-o. "Um grupo nosso foi emboscado há uma hora, tu próprio ias lá dentro, e só pensas numa gaja? Mas que raio de soldado és tu?"

Diogo suspirou.

"Angelino, eu não sou um comando e não penso como vocês", justificou-se. "Há uma hora estava eu a levar tiros e não sei se amanhã me volta a suceder o mesmo e se escapo. Posso ficar com a bacia partida, como o Sousa, ou até bater a bota. A verdade é que não sei o que me vai acontecer. Se tenho uma oportunidade de ir ver a minha namorada, porque não aproveitar?"

O amigo fitou-o com intensidade. Apesar da sua habitual expressão fria e calculista era evidente que estava à beira de explodir. O autodomínio, porém, sobrepôs-se às emoções e o comando acabou por meter a mão nas calças, retirar um pequeno objecto metálico do bolso e lançá-lo na direcção de Diogo. O furriel interceptou o objecto no ar com um gesto reflexo e, abrindo o punho, viu-o pousado na palma da mão. Era a chave da Berliet.

"Tens uma hora."

A maca transportava um rapaz com a perna esquerda engessada e amputada acima do joelho; tratava-se evidentemente de um soldado que havia pisado uma mina e que estava ainda sob o efeito de um anestésico. A enfermeira empurrava a maca pelo corredor do hospital e, vendo o frasco de soro prestes a saltar do gancho, estendeu o braço para ajeitar a sua posição. Apercebeu-se nesse momento de um vulto atrás dela e deu um salto de alarme.

"Diogo!", exclamou Sheila ao voltar-se, pousando a mão sobre o peito como se quisesse conter o coração. "Que susto!"

"Desculpa. Foi sem querer!..."

"Que estás aqui a fazer?"

"Sofremos uma emboscada esta manhã e..."

A rapariga arregalou os olhos, horrorizada, e estudou-o da cabeça aos pés com um movimento rápido e ansioso.

"Oh!", interrompeu-o. "Estás ferido?"

"Não, está tudo bem", disse ele, abrindo os braços para provar que se encontrava intacto. "Mas tivemos de vir à ZOT e aproveitei para dar cá um salto e matar saudades."

Fundiram-se num abraço sentido, feito de saudade e alívio. O corpo de Sheila tremia, evidentemente assustada por o namorado ter estado envolvido numa emboscada. Enquanto a enlaçava, e ao sentir-lhe a agitação, Diogo considerou se não teria feito melhor em inventar uma desculpa em vez de lhe ter contado a verdade. A realidade, porém, é que acreditava que a verdade os aproximaria e renovaria a ideia de que deviam viver um momento de cada vez, saborear todos os instantes como se fossem os últimos. Não que ele acreditasse nisso. Pelo contrário, achava-se imortal e não lhe passava pela cabeça a possibilidade de ser atingido por uma bala ou de pisar uma mina; isso era para os outros, não para ele. Mas os riscos que corria impressionavam a namorada e isso era algo que Diogo estava disposto a usar em seu favor.

O abraço foi longo, mas Sheila acabou por se libertar quando se sentiu mais calma.

"Quanto tempo ficas em Tete?"

"Não muito", disse ele. "Deram-me uma hora e já passaram quinze minutos."

"Só!?" A rapariga suspirou, angustiada com os perigos que o namorado correria e irritada com o pouco tempo de que dispunha com ele. "Não podes passar cá a noite?"

Diogo consultou o relógio e abanou a cabeça.

"Tenho trinta e cinco minutos, se descontarmos o tempo que levo a voltar à ZOT. Não mais."

"Mas eu preciso de falar contigo", argumentou ela. "Tenho uma coisa muito importante para te dizer."

O soldado inclinou a cabeça, num esgar trocista.

"Então diz."

Sheila desviou o olhar para a maca. O ferido continuava inconsciente, mas o facto é que não podia permanecer ali.

"Agora não pode ser", disse. "Tenho de levar este paciente para a enfermaria."

"Então contas-me noutro dia."

Sheila abanou a cabeça, rejeitando liminarmente essa possibilidade. Lançou um olhar perscrutador pela janela do corredor, em busca de um lugar onde pudessem falar à vontade, e a imagem do edifício vizinho deu-lhe a resposta.

"Espera-me à porta da farmácia, pode ser?"

A farmácia abria-se para o exterior graças a uma comprida fileira de janelas ao longo das paredes que a rodeavam. Enquanto aguardava, Diogo espreitou o interior do edifício e viu um farmacêutico indiano sentado numa mesa em redor de um microscópio. Devia estar a fazer análises clínicas, presumiu. Sentiu nesse momento uma batida surda e voltou-se para o Zambeze. Um Alouette sobrevoava o rio e perfazia um arco já para virar na direcção do hospital. Devia trazer mais feridos; um desgraçado que pisara uma mina ou alguém atingido durante mais uma emboscada.

"Diogo?"

O soldado virou-se e viu Sheila caminhar na direcção dele; a rapariga vinha com uma expressão séria no rosto e os dedos a remoinhar o cabelo, evidentemente nervosa. Aproximou-se e caíram de novo nos braços um do outro.

"Está tudo bem?", quis ele saber, sentindo-a perturbada. "Se ainda andas preocupada com a emboscada, não andes. Estou óptimo, não me aconteceu nada."

Sheila suspirou.

"Graças a Deus!", murmurou. "Não sei o que faria se te sucedesse alguma coisa!..."

Diogo afagou-lhe o cabelo, carinhoso.

"Não me aconteceu nada", repetiu. "Está tudo bem. Acalma-te."

A rapariga anichou-se mais uma vez no corpo do namorado e deixou-se ali ficar um momento, a face a repousar-lhe no peito, as pálpebras cerradas num instante de sossego. Depois respirou fundo e levantou o olhar.

"Tenho uma coisa maningue importante para te contar." Ergueu a mão e exibiu dois dedos. "Uma não. Duas."

O soldado franziu o sobrolho.

"O quê?", perguntou ele num tom brincalhão. "Não me vais dizer que o Porto perdeu com a CUF, pois não? Isso já eu sei!..."

Apesar do peso que lhe oprimia o peito, Sheila não conseguiu reprimir uma risada.

"Tonto! Não é nada disso!"

"Então?"

Ela desviou o olhar e respirou fundo mais uma vez, como se procurasse ganhar coragem. Encheu os pulmões de ar e fitou-o de novo.

"Tenho um namorado."

Diogo riu-se, divertido com a expressão solene com que ela proclamara uma coisa tão óbvia.

"Claro que tens, palerma. E espero que estejas satisfeita com ele."

Sheila revirou os olhos.

"Não estás a perceber", disse ela. "Tenho outro namorado."

O anúncio atingiu Diogo como uma bala. Cravou na rapariga um olhar interrogador e segurou-a pelos ombros, de modo a evitar que ela lhe fugisse com a cara.

"Outro namorado como? Que queres dizer com isso?"

"Chama-se Ismael."

A confirmação deixou Diogo boquiaberto. Esperava que ela negasse ou que lhe explicasse que ele havia entendido mal ou lhe dissesse qualquer outra coisa que mostrasse que falavam de assuntos diferentes, mas o nome que Sheila lhe atirou provava que não havia equívocos, que ele entendera tudo à primeira, que ela queria mesmo dizer o que dissera e que ele compreendera bem.

"Mas... o que...", gaguejou Diogo, tentando reordenar os pensamentos. "Quem é esse? Como é que... que..."

"Foi antes de te conhecer", esclareceu a rapariga, adivinhando a torrente de perguntas que o assaltavam. "Comecei a namorar com ele há dois anos, antes até de ir para Lourenço Marques tirar Enfermagem. Ele fez a tropa na Matola, nos arredores da cidade, e encontrávamo-nos todos os fins-de-semana. Mas desde que terminei o curso e vim para Tete que não o vejo, uma vez que ainda não lhe concederam licença." Passou a mão pela face de Diogo, num gesto de ternura. "Ou seja, não estou com o Ismael desde que te conheci."

Diogo assentiu, percebendo a situação mas com dificuldade em aceitá-la.

"Só agora é que me dizes?"

Ela encolheu os ombros e baixou a cabeça, embaraçada.

"Tentei muitas vezes", murmurou. "Mas nunca tive coragem."

O rapaz teve vontade de gritar e recriminá-la, mas pôs-se na posição dela e conteve-se. Será que, se ele tivesse uma namorada em Portugal, lhe contaria logo? Gostaria de responder que sim, mas sabia que provavelmente se manteria calado. O que tinha a fazer, considerou, era lidar com a situação com a mesma coragem que ela mostrava nesse momento.

"E agora?", quis saber, receando a resposta. "O que vais fazer?"

"Tenho de resolver a situação, não é?"

"Pois tens. Não nos podes ter aos dois." Forçou um sorriso. "Os maometanos aceitam que um homem tenha duas mulheres, mas não me parece que aceitem uma mulher com dois homens."

Ela baixou a cabeça.

"Eu sei", sussurrou. "Mas não é fácil."

"O que não é fácil?", exclamou Diogo, desprendendo-se da rapariga e sentindo que começava a perder o controlo das emoções. "Parece-me até muito simples. Há dois namorados e tens de escolher um. Escolhe."

Sheila manteve a cabeça baixa e reprimiu um soluço.

"Tenho andado toda a semana angustiada, meu Deus! Não sei o que faça!"

"É assim tão difícil escolher entre nós os dois?"

"Não é isso", sussurrou ela, desfazendo-se em novos soluços. "Não é isso."

"Então porque choras?"

Ela levantou a cabeça e deixou Diogo ver-lhe a face molhada de lágrimas.

"Porque te escolhi a ti."

Disse-o com um gemido, embora a ele aquela confissão soasse a música. Sheila escolhera-o. Diogo abriu os braços e acolheu-a, soltando uma gargalhada feliz.

"E é caso para chorares, minha parva?", perguntou com ternura. "Acho que escolheste maningue bem! Porque choras?" Ergueu uma sobrancelha desconfiada. "Não me digas que ainda gostas dele!..."

A rapariga refugiou-se-lhe no peito. Abanou a cabeça e fungou, tentando recuperar a compostura. "Não."

"Então? Porque choras?"

Fungou mais uma vez e levantou os olhos, fitando-o com intensidade.

"Porque estou grávida."

Segundo tiro. Como se tivesse sido atingido por mais uma bala traiçoeira, Diogo deu um passo para trás, atónito, e procurou-lhe os olhos para se certificar de que ouvira bem.

"O quê?"

Afogada em vergonha, Sheila baixou as pálpebras e caiu para a frente, desamparada, deixando a cabeça voltar a colar-se-lhe ao peito, como se estivesse desesperada e clamasse por protecção.

"Estou grávida e não sei quem é o pai."

O líquido negro fumegante ondulava na chávena num remoinho lento. Parecia petróleo a escaldar.

"Vai um café?"

Angelino, muito hirto e de olhar carregado, abanou ligeiramente a cabeça.

"Não, meu coronel. Vou comer quando voltar ao Mazoi."

O coronel Varela apreciou a recusa. Se fosse tropa regular, o seu interlocutor já se teria agarrado à chávena e se calhar até tinha pedido umas bolachas para acompanhar. Mas não aquele homem. O alferes era um comando e estava ali para actuar, não para confraternizar.

Na verdade, Armando Varela estava habituado a ver os comandos como rivais; no fim de contas ele próprio era coronel pára-queda. Mas desde que assumira simultaneamente as funções de chefe militar e de governador de Tete, já não podia olhar para os comandos com os olhos antagonistas de um pára-queda. Pairava agora acima das rivalidades e tinha o dever de coordenar todas aquelas forças. O coronel girou a cabeça pela sala de planeamento operacional, uma divisão simples com paredes de madeira, e pareceu-lhe tudo a postos. Pousado sobre a mesa estendia-se um grande mapa a mostrar o regulado de Gandali, situado poucos quilómetros a sul da ZOT; aliás, as instalações da Zona Operacional de Tete encontravam-se tão perto do regulado que até apareciam assinaladas no mapa.

Em redor da mesa, quatro homens aguardavam que o chefe militar desse início à reunião. O coronel Varela olhou-os um a um. O homem da Força Aérea, capitão Vasco Telles, e o comandante do Batalhão de Caçadores 17, major Josué Ponces, mantinham-se numa expectativa tranquila; era natural, tratava-se de dois executores que simplesmente aguardavam as ordens do seu superior hierárquico.

A mesma postura seria aliás de esperar do comandante dos comandos, Angelino Melro, mas o coronel sabia ler os homens e descortinava no alferes, sob a máscara de uma impavidez obviamente simulada, a ebulição de um operacional impaciente por entrar em acção. Não era preciso ser um génio para perceber aquela impaciência; o governador sabia muito bem que o sangue do alferes fervia por causa da emboscada que os comandos haviam acabado de sofrer na estrada. Se bem os conhecia, não descansariam enquanto não ajustassem contas com os turras.

Os olhos do chefe militar de Tete desviaram-se para o quarto homem, que se remexia com impaciência e mudava amiúde a perna em que se apoiava. O coronel estreitou as pálpebras, tentando interpretar aquela postura corporal. Conhecia o pequeno inspector da DGS havia algum tempo e já tinha notado que, quando Aniceto Silva se apresentava assim agitado, era porque rebentava de novidades. Estava na hora de as conhecer.

O coronel Varela pousou a chávena na borda da mesa e pôs as mãos à ilharga, como fazia nos seus tempos de operacional pára-queda quando se preparava à porta de um avião para se lançar no abismo.

"Meus senhores", começou por dizer no tom de quem abre formalmente a reunião. "Como sabem, os turras andam a ganhar cada vez mais atrevimento e já chegaram à entrada de Tete." Fez um gesto na direcção da janela, exibindo a planície seca que se estendia pelo horizonte amarelado. "Os gajos estão, aliás, a meia dúzia de quilómetros aqui da ZOT e ameaçam Tete e a estrada do Songo para Cabora Bassa. O general Kaúlza anda muito preocupado com a situação e já me ligou várias vezes nas últimas semanas. É imperativo garantir a segurança de Tete e de Cabora Bassa e barrar-lhes o caminho para Vila Pery e para a Beira. Mas, além da grande importância estratégica do que está em causa, é bom lembrar que a própria honra das Forças Armadas se encontra em jogo. Se nós nem os arredores de Tete controlamos, controlamos o quê? Precisamos, pois, de pôr ordem nisto! Para lidar com este problema andamos há uma semana a planear a Operação Marosca. A ideia era lançá-la depois do Natal, mas parece que surgiram umas novidades que nos poderão forçar a antecipar a acção planeada." Indicou Angelino. "O nosso alferes sofreu agora uma emboscada a poucos quilómetros daqui, não é verdade?"

O comandante da 6ª Companhia de Comandos inclinou-se sobre o mapa e apontou para uma aldeia junto à estrada.

"Foi aqui em Corneta, meu coronel", indicou. "Eu não estive lá, as coisas aconteceram com os meus camaradas do segundo grupo. Eles tinham ido pernoitar ao aldeamento Mandie para fazer esta manhã um golpe de mão no aldeamento Cebola e capturar o régulo e os filhos, conforme as ordens que tínhamos recebido, e foram emboscados na estrada no caminho de regresso. Sofremos seis feridos, incluindo o furriel Amaro Sousa, que ficou com a bacia fracturada. Os nossos homens bateram a aldeia situada ao lado do ponto da emboscada, mas ela estava deserta e limitaram-se a queimar as palhotas."

O coronel Varela comparou no mapa a distância de Corneta à ZOT e à cidade de Tete.

"Porra, os cabrões estão mesmo próximo!", constatou. Desviou o olhar para o impaciente inspector Aniceto Silva. "Quais são as informações de que a PIDE dispõe sobre esta zona?"

"Está totalmente infiltrada pelos turras, senhor coronel", retorquiu o homem da DGS. "O que o alferes Melro acaba de contar confere com o que tem acontecido nas últimas vinte e quatro horas nesse sector. Ainda agora o Guerra apareceu a queixar-se de que, quando vinha de avião e descia para aterrar em Tete, foi alvejado de umas palhotas." Fez um gesto em direcção ao ponto no mapa a assinalar Corneta. "A avioneta fez a aproximação à cidade por sudoeste e, pelos meus cálculos, os tiros vieram justamente desta zona."

O coronel franziu o sobrolho.

"Andaram a disparar desse sector contra a geringonça do Guerra?"

"Sim, senhor coronel. Foi ontem."

"E o que fez o senhor?"

"Mande o Chico ver o que se passava. Ele foi lá esta manhã perguntar à população se os turras andavam por ali."

O chefe militar soltou uma gargalhada.

"Quando viram o Chico devem ter apanhado um cagaço, não? Eu, se desse com um brutamontes daqueles, confessava logo tudo!"

Aniceto Silva não acompanhou o riso.

"Pois eles não confessaram coisa nenhuma", retorquiu com segura. "Aquilo está tudo infiltrado pelos turras, senhor coronel. Tudo." O inspector inclinou a cabeça na direcção de Angelino. "Aliás, os comandos foram há pouco emboscados naquele sector pouco depois de a população ter garantido ao Chico que ali não havia turras. Mas a emboscada prova que os turras estão lá e que a população nos anda

a mentir."

O coronel Varela endireitou-se e pegou na chávena de café. Sorveu um gole quente e respirou fundo, avaliando as suas opções. O quadro que lhe havia sido traçado era claro e cabia-lhe a ele tomar as decisões que se impunham. Pousou a chávena e afinou a voz, como sempre quando se preparava para dar ordens importantes.

"Muito bem, vamos então antecipar a Operação Marosca", decidiu. Virou-se para o comandante da Força Aérea. "Como sabe, capitão Telles, o plano prevê que a operação seja desencadeada pelos Fiats."

"Pode contar connosco, meu coronel."

O chefe militar de Tete voltou-se para o comandante da 3ª Companhia de Comandos.

"Depois avançam os comandos", indicou, consultando as folhas onde a Operação Marosca se encontrava planificada. "São necessários três grupos. Dois serão inseridos a norte e terão de estar em posição pelo final da manhã." Apontou para o major Ponces. "O Batalhão de Caçadores 17 terá uma força a apoiar os comandos emboscados a norte." Indicou um ponto no mapa a assinalar a estrada. "O terceiro grupo de comandos encontrar-se-á aqui no entroncamento da estrada do Songo com os Alouettes que os levarão para a borda sul do sector."

"Eu conheço o plano, meu coronel", retorquiu Angelino. "Precisava é que o bombardeamento dos Fiats incidisse em pleno centro da aldeia, para obtermos maior efeito."

"No centro da aldeia?", estranhou o capitão Telles. "Isso está cheio de civis!..."

"É verdade", confirmou Angelino. "Mas a confusão que o bombardeamento irá gerar entre a população é a mais propícia para a entrada em segurança das nossas forças."

O comandante da Força Aérea abanou a cabeça enfaticamente.

"Não, nem pensar!", declarou. "A Força Aérea não bombardeia populações civis. Dêem-nos um alvo militar e tudo bem, mas não posições civis!"

"A aldeia é um alvo militar", atalhou o inspector Aniceto Silva, intrometendo-se na conversa. "Os turras estão infiltrados no sector e contaminaram as populações civis."

O capitão Telles ergueu o dedo, como quem diz que dali não arredava pé.

"Repito que a Força Aérea não bombardeia alvos civis!", sentenciou. "Dêem-nos um alvo militar e podem contar connosco, mas não alvos civis!"

"Os alvos civis são alvos militares", insistiu o homem da DGS. "Não percebe o que se passou ali esta manhã? Os comandos foram atacados naquele local pouco depois de a população ter garantido ao Chico que por ali não havia turras! Isto mostra que toda a zona está infiltrada!"

O capitão Telles voltou a abanar a cabeça, irreductível.

"Os bombardeamentos aéreos são indiscriminados", explicou. "Não podemos largar bombas no meio de uma aldeia cheia de civis."

"Mesmo estando ela infiltrada de turras?"

"Mesmo assim."

Aniceto Silva abanou a cabeça, agastado. O bombardeamento aéreo, porém, era sobretudo um requisito tático, o que levou Angelino a tentar encontrar uma solução que contornasse a recusa obstinada do homem da Força Aérea.

"Então lance pelo menos uma bomba pequena", argumentou o comandante dos comandos. "Precisamos dela para estabelecer a confusão."

"Nem pequena nem grande! Não há bombas da Força Aérea contra aldeia nenhuma."

Angelino, que se esforçava por manter a postura tranquila, aclarou a garganta.

"Desculpe, meu capitão, mas só se for nova política da Força Aérea", disse. "Há uns tempos vi

uma aldeia com o chão coberto de crateras de bombas lançadas pela Força Aérea. Algumas eram tão grandes que cabia lá uma Berliet."

O capitão Telles olhou-o com desconfiança.

"Onde foi isso?"

"Na serra Mapé, em Cabo Delgado. Como sabe é uma zona totalmente contaminada, mas na aldeia viviam populações. E as crateras estavam bem no meio da povoação."

"Eu não tenho nada a ver com as operações da Força Aérea em Cabo Delgado", rugiu o oficial aviador. "Aqui em Tete nós não..."

"Meus senhores!", sobrepôs-se a voz do coronel Varela, impondo o silêncio. "A Operação Marosca decorrerá conforme planeado." Lançou um olhar ao capitão Telles. "A Força Aérea irá bombardear o alvo, como consta dos requisitos operacionais." Virou a cara para Angelino e para o major Ponces. "Dois grupos de comandos e um de caçadores estarão em posição a norte e logo a seguir ao bombardeamento avança de sul um terceiro grupo de comandos nos Alouettes." O movimento da cabeça terminou no inspector Aniceto Silva. "A PIDE acompanhará este terceiro grupo de comandos e conduzirá os interrogatórios." O coronel calou-se e voltou a encarar os quatro interlocutores um a um, como se indicasse que a hora da discussão já terminara e aquelas instruções eram finais. "Entendido?"

Os quatro anuíram com movimentos afirmativos de cabeça. O chefe militar de Tete voltou a consultar os documentos onde a operação estava planificada.

"O bombardeamento dos Fiats será efectuado às sete da manhã do dia 18 e logo a seguir..."

"Tem de ser amanhã", cortou Aniceto Silva.

O coronel Varela arregalou os olhos, espantado com a interrupção.

"Como?"

O inspector da DGS tinha uma expressão convicta no rosto.

"Se queremos ter a certeza que apanhamos os turras, temos de avançar amanhã o mais tardar."

"Amanhã?"

"Iá, amanhã."

O coronel suspirou; parecia um pai a lidar com o capricho de uma criança.

"Inspector, todos queremos antecipar a operação", disse. "Mas ninguém quer antecipá-la assim tanto. Porquê essa urgência?"

"Já lhe expliquei, senhor coronel", argumentou o inspector da DGS. "Se queremos ter a certeza de que apanhamos os turras, temos de avançar amanhã o mais tardar."

"Mas porquê amanhã? Porque não dia 18?"

"Porque são essas as informações de que disponho, senhor coronel. Estou a falar de informações seguras."

Angelino apoiou-se noutra perna, impaciente e irritado com tanta certeza.

"Eu conheço muito bem as informações seguras da PIDE!", exclamou o chefe dos comandos num tom de desprezo. "Estou farto de andar à caça dos gambozinos à custa das vossas informações seguras! Ainda noutro dia a PIDE nos garantiu que havia no Zoboe um acampamento de turras e, quando lá chegámos, só vimos impalas!"

"Estas informações são seguras", insistiu Aniceto Silva, quase rangendo os dentes.

"Seguríssimas!"

O coronel Varela inclinou-se sobre a mesa, apoiando-se nas mãos.

"Iá, mas seguras a que ponto, senhor inspector? O nosso alferes tem razão. Não tem conta o número de missões que enviamos à custa das informações seguras da PIDE e que se vêm a revelar um completo fiasco..."

O inspetor suspirou.

"As nossas informações indicam a presença do Raimundo na zona." A referência ao nome teve o condão de calar os quatro militares na sala, garantindo ao inspetor a melhor atenção. "Não preciso de vos recordar o prestígio desse chefe maconde que veio aqui para Tete desestabilizar o distrito, pois não?"

O coronel Varela cruzou os braços e mordeu o lábio inferior, considerando a informação.

"Tem a certeza de que o Raimundo está neste sector?"

O rosto do homem da DGS abriu-se num sorriso sibilino.

"Quem mais se atreveria a atacar os comandos à luz do dia?" Fez uma pausa, deixando a ideia germinar na mente dos militares. "Ele comanda trezentos guerrilheiros que se infiltraram nas aldeias desta área. E eu sei que o tipo vai estar amanhã numa delas."

Angelino soltou uma gargalhada céptica.

"Como pode o senhor saber uma coisa dessas? Falou com ele?"

Aniceto Silva estreitou ligeiramente os olhos, com ar de quem estava na posse de matéria confidencial.

"É uma informação que tenho."

"Desculpe, senhor inspetor", interveio o coronel Varela. "Considerando o que está aqui em causa gostaria de saber qual a fonte dessa informação."

O responsável da DGS respirou fundo, sabendo-se derrotado.

"É o Mendes", disse. "O gajo foi esta manhã comprar cabritos às aldeias e os turras apanharam-no."

"Qual Mendes? O da Toyota vermelha?"

"Esse mesmo."

"Os turras apanharam-no?"

"Sim, mas não lhe fizeram mal", apressou-se o inspetor a esclarecer. "Os tipos disseram-lhe que não o matavam mas que precisavam de ser abastecidos de farinha e sal e mandaram-no ir a Tete buscar esses produtos e entregá-los amanhã na aldeia." Consultou uma anotação. "Marcaram encontro junto a uma pedra chamada... tombonhapangara... ou lá como se diz essa merda! Só sei que o coitado do Mendes apanhou um cagaço dos antigos! Foi a correr para Tete e veio logo falar comigo."

Os quatro militares estavam boquiabertos, os olhos presos no inspetor; era demasiado bom para ser verdade! Passada a surpresa inicial, o coronel Varela acercou-se de Aniceto Silva e desferiu-lhe uma sonora palmada nas costas.

"Ó homem, porque não disse isso mais cedo?", exclamou com indisfarçável entusiasmo. "Você tinha uma informação dessas e estava calado?"

Apanhado de surpresa pela palmada, o inspetor cambaleou e esboçou um esgar de dor.

"Mas, senhor coronel, é o que eu estava a tentar fazer", defendeu-se. "Eu disse que tinha informações seguríssimas de que o Raimundo estava localizado, não disse?"

O chefe militar soergueu o sobrolho.

"Muito bem, você sabe onde os turras vão estar amanhã. Mas como tem a certeza de que o Raimundo estará lá?"

"Certeza ninguém tem de nada, mas foi o que o Mendes me disse", explicou Aniceto Silva.

"Parece que os tipos da aldeia estavam todos em respeito por terem o Raimundo com eles. Diziam que estava ali o dalepa e que com o gajo ninguém se metia."

Todos reconheceram a referência. "Dalepa", ou "bicho que cheira mal", era o inconfundível nome de guerra do lendário Raimundo, o guerrilheiro maconde que andava a desestabilizar o distrito de Tete.

Enfim convencido, o coronel Varela desferiu um murro inflamado na palma da mão.

"Muito bem, pessoal!", exclamou. Encarou o comandante dos comandos e apontou-lhe o dedo para enfatizar as suas ordens. "Esta zona é para limpar, percebeu alferes? Para limpar! Quero tudo limpo de uma vez por todas!"

Era a primeira vez que Angelino recebia uma ordem daquelas, mas nem sequer pestanejou. No seu dicionário, "limpar" significava limpar. Sabia que essa ordem já havia sido dada em operações envolvendo outras companhias e sempre imaginara que alguma vez teria de lhe caber a ele. A hora chegara e não havia que duvidar, até porque um comando obedecia a ordens e ele era o melhor da sua companhia.

"Sim, meu coronel."

O chefe militar de Tete voltou a inclinar-se sobre a mesa, analisando as posições identificadas no mapa.

"Qual é o ponto de encontro marcado pelo Raimundo com o Mendes? Vai ser em Corneta?"

O inspector da DGS abanou a cabeça.

"Corneta encontra-se demasiado exposta por causa da estrada que passa ao lado", disse Aniceto Silva. "Além disso foi destruída há pouco pelos comandos, como aqui o senhor alferes teve a amabilidade de nos explicar." Indicou um espaço no mapa mais a norte. "Os turras estão numas aldeias ali mais para o interior." Dobrou-se também sobre a mesa e ajustou os óculos, procurando uma referência mais exacta. Consultou umas anotações que extraiu do bolso da camisa e comparou-as com as legendas registadas no mapa. "As coordenadas da zona onde os turras se encontram são... deixe cá ver... 3334.1618... 3337.1618 e... e 3334.1621." Indicou um triângulo imaginário com os vértices assentes nas três coordenadas. "É aqui dentro."

"Que aldeias estão aí?"

O inspector identificou-as com o dedo.

"São estas."

Aniceto Silva ergueu os olhos e viu os quatro militares voltados igualmente sobre o mapa, esforçando-se por reconhecer as legendas aí assinaladas.

"Chawola e... e Juwau?"

"Sim, senhor coronel", confirmou o inspector, deslizando de seguida o dedo para um terceiro ponto. "Mas o Mendes ficou de entregar a farinha e o sal nesta outra aldeia."

O olhar do chefe militar deslizou para o nome da terceira referência.

"Willamo?"

O chefe distrital da DGS abanou a cabeça e corrigiu-o.

"Wiriyamu."

As pás das hélices cortavam o céu a um ritmo cadenciado e trepidante, invisíveis mas perceptíveis, tão rápidas que sobre o aparelho apenas se destrinchava uma vaga ondulação, como se ali estivesse uma lente a desfocar o firmamento. Angelino Melro acariciou a espingarda automática e, dominando a tensão, verificou as munições pela terceira vez no último minuto; tudo lhe parecia em ordem. "Ali!"

Ergueu os olhos e viu o piloto gritar-lhe qualquer coisa e apontar para a frente. O ar reverberava, abafando a voz do piloto, pelo que não entendeu o que lhe era dito. Teve de alongar o pescoço num esforço para perceber o que se passava. Lobrigou duas colunas de fumo negro a erguerem-se do arvoredos e a serpentarem pelo ar até se esbaterem nas alturas; pareciam vulcões a vomitar da planície fios de carvão em pó. Analisou o solo de onde o fumo se alteava e apenas vislumbrou árvores. Procurou as palhotas e enxergou-as um pouco mais aquém do local de onde jorrava a fumaça. "Filhos da puta!",

praguejou entre dentes. "Estes gajos da Força Aérea não têm emenda!"

"Que foi? O que aconteceu?"

Olhou para Diogo, que lhe fizera a pergunta, e depois desviou a atenção para o piloto, certificando-se de que ele nada ouvira. O homem aos comandos do Alouette mantinha-se concentrado na sua tarefa, o que o tranquilizou. Mas teria de se controlar; o helicóptero era da Força Aérea e aquele momento não era o adequado para iniciar uma altercação com os tipos.

"Que foi?", insistiu Diogo. "Passa-se alguma coisa?"

Angelino fez com a cabeça sinal para as colunas de fumo lá adiante.

"Os sacanas não bombardearam o centro da aldeia", disse. "Deitaram as bombas no mato. Cabrões de merda, eu sabia que não se podia contar com estes gajos!"

A observação deixou Diogo desconcertado e o seu alcance só foi plenamente apreendido por Samuel, que se encontrava sentado ao lado e que assentiu sem pronunciar palavra. O Alouette aproximava-se em velocidade do teatro de operações e Angelino espreitou para os lados, certificando-se de que tudo corria bem; os outros quatro helicópteros seguiam em formação, não havia problemas.

Depois passou os olhos pelos quatro operacionais que iam no seu Alouette. Dois eram homens seus; tratava-se de Diogo e de Samuel, um soldado negro que encarava como irmão porque nos comandos a maioria dos homens era negra e entre todos a cor não contava; os outros dois eram os tipos da DGS que o inspector Aniceto Silva lhe impingira.

Estudou-os com curiosidade. O chefe era Francisco, um matulão de quem se dizia ter combatido noutras guerras ao serviço dos Espanhóis. Já o outro, Maurício, era um lomué da confiança de Francisco. Havia muitos negros a trabalhar para a DGS, sabia Angelino; não constava que fossem mais meigos do que os brancos.

O facto, porém, é que ele não gostava de operar com a DGS; as informações que os pides davam à tropa revelavam-se pouco fidedignas e resultavam amiúde em trabalho infrutífero. Mas ordens eram ordens e, como por vezes sucedia, tinha de os aturar nesta missão; o comando impusera-os porque os considerava fundamentais para recolher informação e a verdade é que aquela zona de operações estava totalmente contaminada pelos turras e informação era decerto coisa que por ali não faltava.

"Prontos?"

A voz do piloto trouxe Angelino de volta à realidade do momento. O comandante dos comandos fez um sinal a Samuel e Diogo e os três posicionaram-se junto às portas do Alouette. Angelino destravou a G3 e encarou o piloto, indicando-lhe que estava a postos.

O aparelho perdeu imediatamente altitude e começou a rasar as copas das árvores, aproximando-se a grande velocidade de uma clareira que se abria antes das primeiras palhotas. O catacacata das hélices em rotação dominava tudo; o capim girava em círculo por baixo do helicóptero, bailando ao ritmo frenético das pás em espiral, soprado pelo vento que ao mesmo tempo erguia revoadas de poeira alaranjada em remoinho.

O Alouette abrandou sobre o centro da clareira e desceu até pairar pouco menos de dois metros acima do solo.

"Vai!"

Diogo viu Angelino saltar e foi a seguir. Sentiu o chão travar-lhe a queda, verificou que os restantes homens pulavam igualmente dos outros helicópteros como sementes lançadas nas machambas e desatou de imediato a correr em direcção às palhotas. As pessoas fugiam em debandada, cada uma para o seu lado; eram coelhos a tentar ludibriar a rede que sobre eles se fechava.

Os comandos enchiam a clareira e os helicópteros já se afastavam, levando consigo a vibração do ar e tornando-se um zumbido cada vez mais distante.

"Por ali e por ali!", gritou Angelino, apontando direcções aos seus homens. "Quero o perímetro imediatamente estabelecido!"

Os comandos espalharam-se com rapidez, um grupo pela direita e outro pela esquerda conforme as ordens, contornando a orla da aldeia de modo a selar a zona de operações. Todos sabiam que este movimento era crucial para os proteger de ataques de flanco e para impedir a fuga da população. Mas os aldeãos tentavam desesperadamente furar o cerco. Com Diogo colado a ele, Angelino viu um homem escapular-se à sua direita e apontou-lhe a arma.

"Alto!"

O homem continuou a correr e o comando certificou-se de que o aldeão se encontrava na sua mira. Crack.

O fugitivo tombou desarticulado ao lado de uma palhota. No mesmo lugar viu uma mulher a correr com uma criança nos braços.

"Alto!"

Cega de medo, a mulher não parou e o comandante dos comandos voltou a disparar, derrubando-a sobre o capim. Por esta altura o tiroteio era generalizado e toda a gente abria fogo; os comandos davam ordens para parar e quem não obedecia era de imediato abatido. No meio daquela confusão, Diogo viu e ouviu pessoas a correr, vozes a gritar, o trovejar raivoso das G3 e corpos franzinos a rolares pelo chão; alguns eram homens, outros mulheres, também crianças.

O caos foi intenso, mas breve. Em poucos minutos os aldeãos perceberam que o cerco se havia fechado em definitivo sobre eles e que qualquer tentativa de fuga era de imediato travada pelas balas punitivas. As pessoas ergueram as mãos com os corpos encolhidos por instinto, os olhares assustados a tentarem interpretar as intenções dos soldados.

"Tudo para o centro!", ordenou Angelino, sentindo que a situação estava enfim controlada.

"Vamos!"

Samuel repetiu a ordem em nhungué e os comandos começaram a empurrar os aldeãos na direcção indicada. A multidão, resignada, convergiu obedientemente para a grande clareira; um mar de mãos estendidas para o céu juntava-se no centro da aldeia, como se ali se ensaiasse uma estranha coreografia de adoração ao Sol.

"Homens para ali!", ordenou o comandante da 6ª Companhia, apontando para a direita. "Mulheres para o outro lado!"

Samuel traduziu e a multidão obedeceu. Naquela mistura desordenada de gente estabeleceu-se um esboço de organização; os homens afluíram para o lado que lhes havia sido indicado e as mulheres e as crianças seguiram para o outro, deixando um corredor livre a separar os dois grupos.

"Sentem-se!"

Homens, mulheres e crianças acomodaram-se no chão da clareira; os poucos que falavam faziam-no em voz baixa. Percebendo que a população estava domada e completamente submetida, Angelino olhou à volta e cobriu todo o espaço ao alcance do seu campo de visão, preocupado com assegurar-se de que os seus homens cumpriam o plano previamente estabelecido. Alguns comandos cercavam a multidão, as armas ameaçadoramente em riste, enquanto outros se mantinham de guarda atrás das cubatas no limiar da aldeia, de modo a evitarem qualquer ataque pelos flancos.

Percebeu que tinha homens a mais a controlar uma multidão já passiva e que havia outras tarefas prioritárias que era necessário completar o mais depressa possível.

"O que estão vocês aí parados a fazer?", perguntou a um punhado de subordinados. "Revistem as palhotas!"

Os comandos afastaram-se em passo de corrida, espraiando-se pela aldeia. O comandante da 6ª

Companhia passou os olhos atentos em redor e constatou que estava tudo finalmente em ordem. Satisfeito, fez sinal aos dois homens da DGS e depois olhou interrogadoramente para Diogo.

"Vens?"

"Onde?"

"Vou inspeccionar as posições do meu pessoal", explicou Angelino. "Não quero cá surpresas."

O amigo hesitou. Estava tentado a seguir o comandante, conforme aliás ficara combinado previamente, mas nunca tinha visto a DGS em acção num interrogatório e queria saber como era.

"Deixa estar", decidiu. "Eu fico."

Os dois operacionais da DGS, Francisco e Maurício, aguardaram que Angelino se afastasse para cruzarem o cordão de comandos. Passaram mesmo ao lado de Diogo e só se detiveram quando chegaram à beira dos habitantes da aldeia. O silêncio na clareira de Wiriyamu tornara-se absoluto.

"Viram bandido aqui?", perguntou Francisco.

As cabeças dos populares abanaram num movimento de negação que parecia sincronizado.

"Não, patrão."

"Isso é mentira!", rugiu o homem da DGS, erguendo a voz e falando com o sotaque local para facilitar a compreensão. "Há bandido aqui! Os turra andam aqui na aldeia! Atacam a tropa! Disparam sobre avião! Eles andam aqui! Onde estão os turra?"

A multidão permaneceu silenciosa, receando provocar a ira daquele homenzarrão branco com fama de ter um temperamento violento. Francisco esperou ainda um instante, os olhos pequenos a saltitar entre um aldeão e outro, como se tivesse o poder de assim lhes arrancar a verdade. Nem um único olhar dos aldeãos se cruzou porém com o seu; todos evitavam o contacto com os olhos do interrogador.

"Há turra na aldeia!", insistiu Francisco. "Onde está ele? Aponta para mim quem aqui é bandido!"

Os populares mantiveram-se calados, os olhos pousados no chão ou a passear apreensivamente pelos soldados que os cercavam. O homem da DGS impacientou-se e carregou as sobancelhas, assumindo uma expressão ainda mais ameaçadora.

"Se vocês não apontam é porque vocês também são bandido! Ouviram? Se não dizem onde estão os turra é porque vocês são os turra!" Fez uma pausa, deixando a ameaça assentar. "Onde estão os turra?"

Sentindo a tensão crescer, a multidão agitou-se, nervosa, mas ninguém disse nada. Cruzavam-se olhares e apenas isso. Francisco respirou fundo, preparando-se para avançar para os grandes meios, e estudou o rosto dos homens mais velhos. Um deles parecia ocupar uma posição dominante e, pela forma como os restantes o rodeavam, o interrogador percebeu que só podia ser o chefe da aldeia.

"Tu aí", indicou. "Como te chamas?"

"Wiriyamu."

"És o fumo Wiriyamu?"

"Iá, patrão."

Fez-lhe com o dedo sinal de que se levantasse e aproximasse. O homem obedeceu e foi ter com o interrogador da DGS.

"Onde estão os turra?"

"Aqui não há turra, patrão."

"Claro que há turra!", cortou Francisco com rispidez. "Maningue turra, até!" Mudou de repente o tom de voz, como se algo tivesse acabado de lhe ocorrer. "Disseram-me que o Raimundo anda por aqui. Onde está ele?"

O homem abanou a cabeça com ênfase.

"Eu não vi, patrão."

"O Mendes dos cabritos diz que marcou encontro com o Raimundo ali junto à pedra

tombonhapangara."

O fumo hesitou um tudo-nada, evidentemente surpreendido por essa informação estar na posse do seu interrogador.

"Eu... eu não sei nada, patrão."

Francisco fixou o chefe da aldeia com intensidade, tornando claro que não se sentia minimamente satisfeito com as respostas que até ali lhe haviam sido dadas e muito menos convencido de tanta ignorância em relação à presença de guerrilheiros no sector. E a hesitação do fumo quando lhe falou no encontro de Mendes com os guerrilheiros provava que os aldeãos lhe estavam a ocultar coisas.

"Não sabes nada de nada?... ", murmurou com uma tranquilidade sinistra, o tom de voz carregado de sarcasmo ameaçador. "Não viste o Raimundo por aqui? Não viste nenhum turra?"

"Nada, patrão."

"Estás-me a partir a vista!"

"Não estou, patrão. Aqui não tem turra."

O agente da DGS voltou a cabeça para a clareira, como se procurasse alguma coisa, e indicou um espaço vazio molhado por água tirada de um poço.

"Vai para ali e rebola no matope."

O homem arregalou os olhos, sem entender.

"Como, patrão?"

Francisco indicou o local com veemência, o braço estendido a apontar para o espaço.

"Rebola no matope!"

Espantado com a ordem, o fumo caminhou para a abertura na clareira e deitou-se no solo molhado. Olhou para Francisco para ver se era aquilo que queria e o interrogador fez-lhe sinal com o dedo de que girasse. O homem começou a virar-se para um lado e para outro, rolando pela terra enlameada. Os soldados desataram a rir, divertidos com o caricato de ver um chefe a rebolar e a dar cambalhotas, a pele negra coberta já de lama cor de laranja. Não havia muitas diversões no mato e aquele espectáculo inesperado era do mais engraçado que haviam presenciado nos últimos tempos.

Francisco deixou correr a cena durante alguns momentos, também ele divertido com a figura do fumo da aldeia a cabriolar pela lama, até que, percebendo que não podia desperdiçar muito tempo, fez ao homem sinal para parar.

"Levanta-te!", ordenou. "Se queres viver, foge!"

O fumo não percebeu o sentido da última frase, mas parou as cambalhotas e ergueu-se, expectante.

Francisco virou-se para os comandos e apontou para o alvo.

"Mata a gazela!"

Os soldados viraram as G3 de imediato para o chefe da aldeia e abriram fogo. O corpo do fumo Wiriyamu foi sacudido pela súbita erupção de rajadas e tombou desarticulado como um trapo abandonado.

Um murmúrio de horror percorreu a multidão; se os soldados nem o fumo respeitavam, ninguém estava em segurança. Também Diogo se sentia estupefacto com o que acabara de testemunhar e a ideia de intervir cruzou-lhe a mente. No entanto, olhou em redor e percebeu pela expressão dos comandos que qualquer palavra sua teria efeitos contraproducentes; poderiam até matar mais gente só para o irritar. Optou pelo silêncio.

"Então? Tem aqui turra ou não tem?"

O homem da DGS esperava que a súbita execução do fumo soltasse algumas línguas, mas ninguém disse nada. A constatação fê-lo arfar de fúria. Virou o dedo na direcção de um homem novo, teria vinte e poucos anos e era decerto um guerrilheiro à paisana.

"Tu aí!", chamou. "Como te chamas?"

O homem tremia por se ver interpelado.

"Tinta, patrão."

"Onde estão os turra aqui?"

"Eu... eu não sei, patrão. Aqui não há turra."

Francisco pegou numa maça de madeira que habitualmente trazia consigo nos interrogatórios e aproximou-se do homem.

"Se dizes isso é porque és tu o turra!"

"Eu não sou turra, patrão. Eu sou..."

A frase não foi terminada porque, com um movimento rápido e inesperado, Francisco girou a maça e bateu com grande violência na cabeça de Tinta, que ficou logo ali estendido; ninguém conseguiria sobreviver a uma pancada daquelas. O interrogador pôs um pé sobre o corpo inerte e depois o outro, e, para espanto geral, começou a saltitar em cima do cadáver. Os comandos riram com o inusitado da situação; só mesmo da mente daquele homem poderiam vir ideias assim.

A estupefacção de Diogo não tinha limites. Se queria saber como era um interrogatório da DGS, o que se passava diante dele revelava-se eloquente. Sentiu vontade de vomitar e afastou-se, refugiando-se na orla da clareira, de onde observou à distância os acontecimentos que se seguiram.

Francisco retomou o interrogatório. Tinha a certeza absoluta de que os guerrilheiros estavam infiltrados naquela aldeia e precisava de os identificar para obter informações. Chamou um terceiro homem, que se apresentou como Kupensar, e fez-lhe as mesmas perguntas que havia feito aos anteriores. Como Kupensar nada disse, esmurrou-o e pontapeou-o até o deixar exangue. Nessa altura deu-lhe um tiro na cabeça e chamou o seguinte. O mesmo processo se repetiu com Chaphuka, com Djoni e com mais alguns homens em idade de combater, terminando sempre com as mesmas agressões e o inevitável tiro final.

"Parem lá com isso!"

O interrogatório foi interrompido por Angelino, que regressou da sua inspeção e entrou apressadamente na clareira.

"O quê?", perguntou Francisco, apoiando-se na maça enquanto arfava para recuperar o fôlego. "O que foi?"

"Não temos muito tempo", avisou o comandante dos comandos, batendo com o indicador no mostrador do relógio. "Ainda é preciso limpar isto tudo e voltar para a estrada a pé antes que a noite caia."

Francisco passou as costas da mão pela testa e limpou o suor, deixando inadvertidamente um sulco de sangue a manchar-lhe a fronte.

"Eu sei."

"E não é só isso", acrescentou Angelino. "Uma posição estática é uma posição vulnerável. Temos de nos pôr em movimento se queremos evitar surpresas."

"E só mais um bocadinho."

A intervenção do amigo deu a Diogo a esperança de que tudo acabasse de imediato, mas não foi o que aconteceu. O comandante dos comandos fez tenção de se afastar e deteve-se quando pousou o olhar nos cadáveres estendidos no chão.

"Os gajos disseram alguma coisa?"

"Não", retorquiu Francisco. "A maior parte desta malta é turra. E os que não são têm medo de pôr a boca no trombone. Deve haver turras aqui no meio a vigiá-los."

"Eles têm medo dos turras?"

"Pelos vistos." O rosto do ex-legionário abriu-se num sorriso sem humor. "Mas a partir de agora vão ter mais medo de nós..."

O chefe dos comandos assentiu e deu meia volta. Diogo correu no seu encalço e agarrou-lhe no ombro, travando-o.

"Não paras isto?", perguntou, fazendo um gesto para a multidão. "Os gajos estão a matar civis a sangue frio!..."

Angelino lançou um novo olhar em direcção aos corpos estendidos no chão e abanou a cabeça com uma expressão severa.

"O interrogatório está a ser conduzido pela PIDE", disse, exprimindo o óbvio. "Nem te atrevas a intrometer-te. Se não queres participar, deixa-te estar quieto. Se te meteres, arriskas-te a sofrer as consequências."

"Mas..."

O comandante calou-o com um gesto peremptório.

"Não há 'mas' nem meio 'mas'!", vociferou. "Já te disse que a guerra não é um filme americano em que os bons poupam os maus." Indicou os cadáveres com a cabeça. "A guerra é isto." Colou o indicador ao peito do amigo, como se o dedo fosse o cano de uma arma. "Podes não ser um comando, mas vieste com os comandos e espero que te comportes como tal. Não quero ouvir da tua parte nem mais um 'mas' enquanto durar a porra desta operação, ouviste?"

Sem esperar pela resposta, Angelino virou costas e afastou-se, iniciando mais uma ronda; estava preocupado com a segurança do perímetro e não tinha disposição para aturar conversa de tropa macaca. O importante era assegurar-se da disciplina entre os seus homens. Já havia apanhado dois soldados a violarem uma mulher dentro de uma cubata e precisava de se certificar de que isso não voltava a acontecer; era perigoso abandonar posições de vigilância durante uma operação.

Diogo ficou a vê-lo desaparecer entre as palhotas e sentiu-se impotente para travar o que sucedia em seu redor; parecia-lhe que uma corrente brutal o arrastava para o fundo do rio, indiferente aos seus esforços de se salvar. Abanou a cabeça e deu meia volta, cabisbaixo e derrotado.

"Miúdos estúpidos", murmurou. "Metem armas nas mãos de miúdos estúpidos!..."

Pressentindo a urgência de terminar o interrogatório e sem ter ainda arrancado daquela gente quaisquer informações palpáveis, o inquisidor da DGS decidiu mudar de tática. Afastou-se do grupo de homens e dirigiu-se para as mulheres, que se remexeram, inquietas, quando o viram aproximar-se. Francisco apontou para uma delas.

"Tu aí, levanta-te!"

Uma mulher com uma criança de nove meses ao colo ficou com a impressão de que o dedo a identificava e ainda olhou em redor, na esperança de que fosse outra a interpelada, mas como ninguém se acusou teve de se render à evidência.

"Eu, patrão?"

"Iá, tu. Põe-te em pé!"

A mulher ajeitou o filho ao colo, acomodando-o na capulana azul e dourada, e levantou-se. Quando olhou na direcção do homem da DGS viu que ele lhe apontava uma espingarda automática.

Crack.

A mulher tombou com um buraco a meio da testa. A criança desvencilhou-se da capulana e sentou-se ao lado do cadáver da mãe a chorar convulsivamente. O ranho escorria-lhe das narinas para o lábio superior e para dentro da boca. A multidão mostrava-se atordoada e ninguém se atreveu a levantar-se para ir buscar a criança. O choro desconsolado encheu a clareira.

"Quem é turra?", berrou Francisco para a multidão. "Aponta o turra para mim, porque senão és tu

o turra!"

Os aldeãos pareciam paralisados pelo horror. Algumas pessoas choravam amargamente e as restantes não tinham reacção, pareciam estonteadas, talvez nem sequer acreditassem que estavam despertas e que o pesadelo decorria no mundo real.

"Quem é turra?", insistiu o homem da DGS. "Quem..."

"Chega!"

Regressado da inspecção, Angelino entrou apressadamente na clareira e de novo deteve o interrogatório, reavivando as esperanças de Diogo de que toda aquela loucura fosse travada.

Desagradado com a interrupção, Francisco acolheu o comandante dos comandos com mal disfarçada hostilidade.

"Que é agora?"

"Temos de limpar isto e ir embora", ordenou Angelino. "Já aqui estamos há demasiado tempo."

O operacional da DGS suspirou, frustrado; não tinha conseguido extrair nada de útil daquela gente. Porém, como antigo legionário, entendia a urgência do alferes.

"Está bem", rendeu-se. Fez um sinal para Samuel. "Comecem a liquidá-los."

O comando negro apontou para uma mulher.

"Tu! Levanta-te!"

A mulher obedeceu, apesar do medo que lhe tolhia os movimentos, e foi de imediato abatida.

"Agora tu!"

O homem apontado ergueu-se, algo atarantado, e foi logo morto. Outros soldados seguiram o exemplo, ordenando a uma e outra pessoa que se levantassem e abatendo-as de imediato.

Angelino decidiu intervir mais uma vez.

"Parem com isso!", ordenou. "O que estão vocês a fazer?"

As execuções foram suspensas e Francisco voltou-se para o comandante da 6ª Companhia, cada vez mais frustrado com aquelas interrupções contínuas.

"Temos de os liquidar."

"Mas isto não é maneira de proceder", insistiu Angelino. "Não será melhor levarmos esta gente toda para outro sítio?"

"Qual sítio?"

"Sei lá! Um aldeamento, por exemplo. Há por aí tantos..."

"Estás a sugerir que andemos no mato com esta malta toda, como cães a escoltar um rebanho?"

"Nós não, claro. Acho é que a ZOT não sabe da existência de tanta população por aqui. Se calhar era melhor informarmos a ZOT e eles depois tratavam de vir cá e aldear este pessoal todo."

"Estás a gozar?", admirou-se o homem da DGS, revirando os olhos. "Claro que a ZOT sabe da existência destas populações. Não te esqueças que o chefe mandou limpar toda esta zona. Ou não tens as mesmas ordens?"

Angelino hesitou. De facto havia recebido instruções na ZOT para limpar o teatro de operações. Em toda aquela região só existiam guerrilheiros disfarçados de civis e civis afectos ao inimigo; até as crianças poderiam ser fontes de informação preciosas ou apoio para os turras. Além do mais, toda aquela gente era testemunha dos interrogatórios e dos métodos a que haviam recorrido. Estas testemunhas tinham de ser caladas.

O chefe dos comandos assentiu com a cabeça, dando luz verde a Francisco. Apesar de não ser ele a comandar aquele grupo de forças especiais, o operacional da DGS olhou para os homens da 6ª Companhia como se eles estivessem sob as suas ordens.

"P'ani wense!", ordenou-lhes em nhungué, a língua da maior parte dos comandos. "Matem-nos a

todos! P'ani wense! Quem sobreviver vai denunciar-nos!"

Retomaram o mesmo processo de execuções. Os soldados diziam a um homem ou a uma mulher que se levantassem e, logo que os aldeãos se erguiam, abatiam-nos a tiro. Parecia um exercício de fogo real, tão real que usava alvos humanos vivos.

Samuel, todavia, acabou por se cansar daquele método um pouco repetitivo e decidiu inovar. Aproximou-se de uma rapariga de quatro anos, acariciou-lhe a cabeça e ajoelhou-se diante dela, pondo-se ao mesmo nível.

"Tens fome?", perguntou com simulada compaixão. Sem esperar pela resposta, forçou o cano da G3 pela boca da criança. "Toma o biberão." Empurrou a arma até ao fundo. "Chupa!"

Crack.

A rapariga tombou com a nuca desfeita. A ideia foi de imediato aproveitada pelos camaradas, que passaram a executar aldeãos com tiros na boca. Havia disparos por toda a parte e os habitantes da aldeia rolavam como alvos de caça. Tudo isto era de mais para Diogo, que vomitou pela terceira vez consecutiva e voltou o rosto para o mato, escutando apenas os gritos e os tiros.

No meio da confusão, Angelino ergueu as mãos e mais uma vez mandou suspender fogo.

"Eh pá, isto não pode ser assim!", interrompeu de novo o comandante da 6ª Companhia. "É maningue gente e se os vamos matar todos a tiro nunca mais saímos daqui. Além disso, nem há balas que cheguem. Se os turras atacarem apanham-nos sem munições."

Francisco arremessou-lhe um olhar carregado de repreensão; já estava a ficar farto daquelas objecções constantes.

"O que sugeres?"

O chefe dos comandos procurou em redor e fixou a atenção nas cubatas que cercavam a clareira. Concebeu a ideia quase instantaneamente e apontou com um gesto peremptório para as construções de palha com telhados cónicos.

"Toda a gente para as palhotas!", ordenou, pondo-se a empurrar as pessoas que estavam à sua frente. "Vamos! Toda a gente!"

Os soldados e os dois homens da DGS ficaram por momentos imóveis, sem perceber o que o comandante tinha em mente.

"O que estás a fazer?", perguntou Francisco.

Em resposta, Angelino bateu com a mão no cinto.

"Usamos as granadas."

Os olhos do interrogador da DGS brilharam pela primeira vez de aprovação.

"Boa ideia!"

Os militares começaram a imitar o alferes e a empurrar os aldeãos para as palhotas; pareciam pastores a conduzir o gado para o matadouro. As mulheres escondiam-se umas atrás das outras, muito juntas e a proteger os filhos com o corpo e os braços, mas obedeciam e, em passos pequenos, empurrando-se e encolhendo-se, foram-se enfiando nas cubatas como formigas em carreira.

Angelino, talvez satisfeito com a ideia que iria apressar o processo de limpeza da aldeia, pôs-se a cantarolar enquanto a massa humana fazia fila para entrar nas casas de palha.

"Quem quer casar comigo?", entoou, recorrendo à rima infantil da Carochinha. "Quem quer casar comigo, que sou formosa e bonitinha?"

Da fila saiu projectada uma menina de cinco anos que se abraçou à perna do comandante da 6ª Companhia.

"N'danhonho cufa!"

A menina chorava e balbuciava palavras em nhungué. Angelino olhou-a, estupefacto. Esperava

tudo naquele sítio e naquele momento; tudo menos que uma criança o viesse abraçar a meio da rima da Carochinha

"N'danhonho cufa!", gemeu a pequena. "Faxa vore, lekani kundip'a! Lekani kundip'a! N'danhonho cufa!"

Sentiu-a tremer de pavor e, embora não falasse nhungué, estava familiarizado com algumas palavras. "Faxa vore", uma corruptela do português faz favor; e sobretudo "lekani kundip'a", que já ouvira inúmeras vezes da boca de pessoas que imploravam misericórdia quando os soldados se preparavam para lhes dar o tiro. "Lekani kundip'a!" "Não me mates!" Mas eram adultos que o diziam, não crianças como aquela menina de cara molhada e olhos a implorar-lhe misericórdia, a gritar "faxa vore" enquanto o abraçava pela perna.

"Lekani kundip'a!"

Angelino suspirou, de súbito angustiado. Como poderia ele matar uma criança que, apesar de tão tenra idade, sabia que ia morrer e lhe implorava misericórdia? Já matara crianças, mas não meninas que o abraçavam no desespero dos condenados a rogarem faxa vore por clemência; não crianças assim.

O chefe dos comandos encarou os seus homens.

"Esta não entra nas palhotas."

Os soldados entreolharam-se, desconcertados.

"Então o que lhe acontece? Deixamo-la sozinha no mato?"

A atenção de Angelino voltou-se para a mulher em lágrimas que, na fila da morte, observava à beira do pânico absoluto a filha agarrada ao militar, no horror de a ver ao pé de um homem tão perigoso.

"Não", decidiu o alferes. "Ela também fica de fora!"

Samuel foi buscar a mulher e arrastou-a para junto do comandante. Ainda sem perceber o que lhe ia acontecer, mas presumindo o pior, a aldeã abraçou a filha e ficaram ambas agarradas uma à outra; choravam de medo, convencidas de que iam ser mortas.

"Diz-lhes que fujam!", ordenou Angelino enquanto apontava para o mato. "Fujam!"

"Tauani!", traduziu Samuel, indicando a mesma direcção. "Tauani"

A mulher arregalou os olhos e voltou-se para Angelino, como em busca de confirmação. O alferes fez um gesto tranquilizador com a cabeça e indicou-lhe o horizonte. A aldeã não hesitou mais; desconfiava de um truque, mas nada tinha a perder. Pegou na filha e correu pela clareira, correu com ela ao colo até cruzar a orla da aldeia, passar ao lado de Diogo e das poças ácidas dos seus vômitos, meter-se pelo capim e desaparecer no mato.

As atenções voltaram-se para as filas de pessoas arrebanhadas à porta das cubatas.

"Fechem-nas nas palhotas!", ordenou o comandante, recuperando o sangue frio. "Despachem-se com isso!"

Os soldados e os homens da DGS empurraram os últimos aldeãos para as cabanas e ficaram à espera que o processo se completasse por toda a aldeia. Ainda havia ordens berradas aqui e ali e ocasionais gritos de angústia ou súplicas de misericórdia, mas o som gradualmente dominante passou a ser o dos gemidos de pavor das pessoas encerradas dentro das cubatas.

Quando já não restava qualquer civil na clareira, os soldados agarraram nas granadas e fixaram a atenção no comandante, à espera da ordem.

"Agora!"

Num movimento sincronizado, tiraram as cavilhas das granadas, abriram uma frecha nas portas e lançaram os explosivos lá para dentro. Depois trancaram as portas e afastaram-se.

As explosões sucederam-se quase em simultâneo, irrompendo pelas cubatas como uma reacção em cadeia.

Quando o saracoteado de detonações terminou, fez-se silêncio na aldeia. As palhotas fumegavam e o ar cheirava a pólvora. Os soldados abriram as portas destroçadas e viram os corpos mutilados e espalhados pelo solo, o sangue escarrapachado contra a palha.

Cada comando inspeccionou uma palhota. Ao penetrar na sua, Angelino ouviu um gemido, identificou o sobrevivente e viu que era uma mulher gravemente ferida. Sem hesitar, apontou-lhe a G3 à cabeça e premiu o gatilho.

Ouviam-se tiros ocasionais por toda a aldeia; um disparo numa palhota e outro noutra.

"Mata-o!"

O berro numa cubata ali perto chamou a atenção do chefe dos comandos, que saiu de imediato para a clareira de modo a verificar o que se passava.

"Mata-o!"

Voltou-se na direcção do grito e viu um soldado de arma apontada para a orla da aldeia. No meio do fumo vislumbrou um garoto a correr; parecia uma impala aos saltos.

"Mata-o, caraças!"

Um camarada instava o furriel Bauke, o comando de G3 apontada, a abater o garoto, mas o tiro não partiu e o rapaz mergulhou por fim no capim e desapareceu no mato, escapando à mira da arma.

"Porra, pá! Deixaste-o fugir!"

O furriel baixou a espingarda automática e abanou a cabeça, quase desalentado.

"Não fui capaz..."

Era mais uma testemunha que se escapulia, reflectiu Angelino, preocupado com o tempo excessivo que estavam a passar naquela aldeia. Havia guerrilheiros por todo o sector e o garoto ia possivelmente cair-lhes nas mãos e dar-lhes a localização dos comandos, pondo em risco a segurança da unidade. Se não fosse o miúdo seriam as duas que ele próprio, num estúpido momento de fraqueza, deixara escapar. Uma emboscada ao grupo de comandos tornava-se provável se não actuassem com rapidez.

"Vamos embora!", gritou o comandante, fazendo com o braço sinal aos seus homens. "Toda a gente em movimento! Vamos sair daqui!"

Os soldados reagruparam-se e, enquanto uns homens rabiscavam uma mensagem final numa chapa de zinco que por ali encontraram, Angelino foi buscar Diogo. Arrastou-o pela clareira e lançou-o para o grupo, como se fosse um fardo. O amigo parecia um sonâmbulo; deixava-se puxar e empurrar, aparentemente atordoado. As palhotas ardiam em redor, num inferno de chamas e fumo, e havia corpos espalhados por toda a parte; alguns apresentavam-se em posições impossíveis, como manequins partidos, e um pendia de uma árvore.

Com a apatia de um ébrio, a atenção de Diogo descaiu para a frase garatujada na chapa que os soldados largaram ao lado de uma pilha de cadáveres. Leu-a num estado de letargia, entorpecido, como num sonho. Transporta mina tropa mata. Era um aviso e uma assinatura.

"Tá a andar."

Ao sinal do comandante, os homens enfiaram pelo capim com os olhos a dardejarem em todas as direcções e as G3 em riste, procurando sinais de presença inimiga, avaliando ameaças, inspeccionando o terreno.

Angelino conseguia abarcar com o olhar todo o grupo sob as suas ordens e contabilizou os soldados para se certificar de que não faltava ninguém. Um, dois, três, quatro... vinte e cinco. Vinte e cinco rapazes, nem uma baixa; não havia comandos mais duros do que aqueles. É certo que não tinha ocorrido combate e que os guerrilheiros que acreditava terem abatido eram os homens e rapazes da aldeia que se fingiam da população e que haviam sido apanhados desarmados; certamente tinham as Kalashnikov escondidas ali por perto. Mas quase sentiu orgulho nos seus comandos. Vinte e cinco

bravos, para quem olhasse de fora eram cinco brancos e vinte negros e mulatos, mas entre eles a cor tornara-se invisível. Apenas via o Samuel e o Bauke e o Sebola; não havia ali raças, juntava-os uma amizade forjada pela guerra, irmãos para sempre unidos pelo sangue e pela morte.

Caminhando em silêncio no meio do grupo de combate, Diogo não via em seu redor irmãos de armas, mas miúdos a quem a tropa tinha desumanizado e transformado em ceifeiros de vida, algozes que haviam encharcado de sangue aquele dia fatídico. A noite despontava já no horizonte quando os soldados se abeiraram da estrada para serem recolhidos, os rostos transpirados iluminados pelo disco avermelhado do astro poente, como se até o Sol quisesse gravar no firmamento os feitos da jornada de carnificina.

As silhuetas quase cambaleavam na embriaguez da matança. A aldeia tornara-se uma memória difusa; não passava já de uma mão-cheia de palhotas varridas pelo fogo e cobertas por um manto de cinzas espectrais. Os soldados estavam reduzidos a figuras exangues recortadas contra o manto sanguíneo do céu crepuscular, como se as suas entranhas estivessem irremediavelmente impregnadas do hálito fétido da morte.

O primeiro sinal foi o estranho odor que impregnava o ar. José Branco preenchia uma requisição a solicitar uma nova remessa de algodão e mercurocromo para o hospital quando o cheiro familiar lhe invadiu o gabinete e o fez imobilizar a caneta. Seguiu a fonte do odor até à janela atrás dele e percebeu que vinha de fora.

"Que estranho", murmurou.

Identificou o cheiro como o que era produzido quando se queimavam vasos sanguíneos para os laquear. Apesar de intrigante, não era um odor anormal em instalações hospitalares e de imediato a sua atenção regressou aos papéis que rabiscava. Limitou-se a fazer uma nota mental. O doutor Feitor devia estar a proceder a alguma cirurgia de emergência; logo que pudesse teria de mandar verificar as fugas de ar da sala de operações. Só lhe faltava mais este problema!

Ainda hesitou, lembrando-se que o sector das cirurgias se situava no outro lado do perímetro hospitalar e que os cheiros vindos daí dificilmente chegariam ao seu gabinete, mas depressa concluiu que devia haver uma explicação lógica qualquer, talvez até uma corrente de vento, e decidiu remeter o assunto para mais tarde. A caneta continuou a deslizar pela folha da requisição, imparável e imperturbável no seu labor burocrático.

Alguns minutos depois, porém, o médico sentiu um burburinho no exterior. Os ares andavam decididamente agitados. Voltou a hesitar. Deveria ir ver o que se passava ou seria melhor terminar o que estava a fazer? Odiava a burocracia inerente às suas funções e aquele era um pretexto excelente para fugir ao estupidificante trabalho de amanuense. Mas o facto é que precisava urgentemente de mais algodão e mercurocromo. Já que estava com a mão naquela tarefa administrativa, raciocinou, mais valia levá-la até ao fim e aviar toda a papelada de vez. Optou por isso por se concentrar nas requisições.

A porta abriu-se de repente e a irmã Lúcia entrou-lhe de rompante pelo gabinete.

"Doutor! Doutor!"

O director do hospital ergueu a cabeça, espantado com o alarme que via no rosto habitualmente sereno da sua enfermeira-chefe.

"Que é, Lúcia? O que se passa?"

A espanhola vinha afogueada e rubra como uma malagueta; parecia transtornada.

"Já viu que pasai"

O médico fez uma expressão de absoluta ignorância.

"Não. O que está a acontecer?"

A enfermeira-chefe pegou-o pela mão e puxou-o.

"Venga, por Dios! Venga ver."

Sempre em estado de grande agitação, a irmã Lúcia arrastou José pelo corredor do hospital até à porta principal. Uma vez no exterior indicou-lhe fios de fumo negro que galgavam o horizonte à direita, serpenteando pelo céu como fuligem vomitada por vulcões invisíveis. O director do hospital orientou-se e percebeu que algo estava a arder na zona da estrada para Vila Pery, mas não viu razão para tanto alarme.

"É um incêndio?"

Lúcia abanou a cabeça com impaciência.

"Ay, madre mia, exclamou num estado de grande agitação. "No siente el odor?"

José Branco inspirou o ar e voltou a identificar o cheiro característico da laqueação de vasos sanguíneos, típico das salas de operações, só que ainda mais forte ao ar livre.

"É uma cirurgia", constatou. "O Feitor está a operar alguém?"

A enfermeira-chefe reagiu à observação com um estalido nervoso da língua. Abanou a cabeça com vigor e apontou na direcção dos fios de fumo negro que se elevavam como minierupções sobre o mato longínquo.

"El odor vem dali, doutor!"

"Dali?", admirou-se ele. "Desculpe, mas o que..."

Lúcia ergueu a mão com vigor, fazendo-lhe sinal de que se calasse de imediato.

"Escuche! Escuche!"

O médico inclinou a cabeça naquela direcção e prestou atenção. Uns sons surdos pareciam reverberar no ar. Estranhou e concentrou-se; os barulhos longínquos lembravam-lhe os estampidos dos foguetes da sua infância em Penafiel em dias de S. Martinho. Mas foguetes ali? Após um instante de perplexidade, percebeu enfim que aqueles sons surdos eram detonações.

Detonações.

Olhou interrogadoramente para a espanhola, compreendendo enfim o alarme que ela manifestava mas sem perceber com exactidão o significado de tudo aquilo.

"Os turras estão a atacar?"

Um clima de efervescência febril tomou conta de Tete. Os boatos cruzavam-se como moscas. Corriam informações contraditórias sobre a presença dos terroristas às portas da cidade; dizia-se muita coisa, mas ao certo ninguém sabia o que se passava. Os próprios militares que afluíam ao hospital, trazendo feridos ou de visita a um paciente internado, ignoravam o que sucedia e apenas forneciam conjecturas mais ou menos informadas.

Quando terminou o serviço, José Branco foi para casa. A vivenda no topo da colina estava vazia, uma vez que Mimicas permanecia na Beira e não dera ainda notícias. O médico foi para o jardim descontrair-se com um whisky com soda na mão. Ficou a contemplar o Zambeze, a atenção a dançar entre o rio e o ocasional Alouette que aterrava com o seu zumbido característico na pequena pista circular do hospital, a uns quinhentos metros de distância.

O funcionário da farmácia que substituíra interinamente Mimicas, um indiano que por acaso vivia na vizinhança, apareceu pouco depois para saber "se a senhora doutora está melhor". É que José tinha justificado a ausência da mulher com uma doença que a forçara a receber tratamento na clínica do Macuti, na Beira. A meio da conversa, o funcionário deu-lhe conta dos boatos que circulavam na farmácia, mas também aí havia mais incertezas do que factos concretos.

"O senhor doutor não acha que estão a vir muitos helicópteros?", perguntou-lhe o homem com uma ponta de ansiedade. "é mais do que o habitual, não é? "

Era uma boa pergunta. Um Alouette acabara de aterrar no hospital e o ar vibrava ainda ao ritmo da

rotação das hélices. O médico avaliou o que observara até aí e comparou o movimento do dia com o que usualmente ocorria.

"Normal", acabou por concluir. "O tráfego de helicópteros parece-me o normal."

A constatação tranquilizou-os um pouco. O funcionário despediu-se e deixou o director do hospital entregue a ele mesmo no jardim da casa. O céu tingia-se de um azul cada vez mais escuro e José ficou a ver a noite descer sobre Tete. Depois recolheu a casa para jantar. Ernesto serviu-lhe a sua especialidade, o empadão de esparguete e carne, e foi quando estava a terminar a refeição que o telefone tocou.

"Senhor doutor, é para si", anunciou Ernesto do outro lado da sala. "é a irmã Lúcia."

O médico sentia-se cansado e o empadão estava-lhe a saber mesmo bem. A última coisa que lhe apetecia era levantar-se para ir resolver ainda mais um problema.

"Pergunta-lhe se lhe posso ligar daqui a pouco."

O criado abanou a cabeça.

"A irmã precisa de si no hospital", comunicou-lhe. "Diz que é urgente."

Uma pequena multidão enxameava o pátio interior do hospital e a atmosfera que José Branco encontrou era de grande excitação; havia gritos e choros, como por vezes acontece nos hospitais, só que dessa vez envolvendo um número anormalmente grande de pessoas.

Lobrigou o hábito azul-claro da enfermeira-chefe no meio de um grupo de mulheres esfarrapadas e foi ter com ela; o olhar exprimia surpresa com toda a agitação que encontrara.

"Llegaram agora no machibombo de Changara", explicou-lhe a irmã Lúcia, puxando-o pelo braço para o afastar do meio da multidão. "Dizem que a zona onde vivem fue destruída e que não sabem de los parentes."

"Changara foi destruída?", admirou-se o médico. "E depois da destruição apanharam o machibombo? Não estou a perceber..."

A freira emitiu um estalido impaciente com a língua.

"Ay, doutor, não é isso", corrigiu. "O machibombo que vénia de Changara encontrou esta multidão no meio da estrada, a unos quinze quilómetros aqui de Tete. La mayor parte eran mujeres y ninos e algunas estavam semi desnudadas. Dizem que houve ataques e mostravam-se em pânico."

"Foram atacadas?"

"Elas, não. Pero dizem que a região fue destruída."

"Pelos turras?"

Em resposta, a irmã Lúcia pegou-lhe na mão e, de passo muito decidido, levou-o pelos corredores do hospital.

"Venga."

Percorreram a enfermaria e foram para o banco de urgências, onde uma enfermeira cabo-verdiana fazia um curativo a um adolescente franzino e sujo. O rapaz fitou, assustado, os recém-chegados e José notou que tremia de medo.

"O que se passa?"

A enfermeira limpava uma ferida no joelho direito do rapaz.

"Ele só fala nhungué, doutor", esclareceu a cabo-verdiana. "Mas pelos gestos que fez consegui perceber que veio do sítio onde está o fumo."

"Ele veio de lá?"

"Parece que sim."

O médico fez uma expressão interrogativa na direcção da irmã Lúcia; sabia que a freira arranhava umas palavras de nhungué.

"O pobrecito está muy nervoso y no entendi quase nada", explicou a espanhola, sentindo-se interpelada pelo olhar do director do hospital. "Solo una palabra, que repete a todo o momento."

"O quê?"

"Tropa. Dice que é tropa."

"Tropa?"

"Si. Apontou para o sítio das explosiones e do fumo e dice tropa."

O médico fez um gesto na direcção do corredor. Duas senhoras da limpeza estavam imobilizadas ao fundo, os olhos colados no ferido; pareciam observá-lo com um receio supersticioso.

"E elas? Não podem traduzir o que diz o moço?"

"Tienen medo", devolveu Lúcia, sem sequer olhar para as mulheres do corredor. "Pero despues de escucharem el rapaz puseram-se a gemer e a dicer que a tropa está a matar gente."

José Branco estreitou os olhos enquanto digería o que ouvia. Deu uns passos na direcção da janela e contemplou a multidão que se apinhava no pátio do hospital.

"Tropa a matar gente?"

A irmã Lúcia foi ter com ele.

"Doutor, tenemos que ir lá."

O médico permaneceu calado, a avaliar a situação. Tropa a matar gente? Se a tropa atacava, raciocinou, era porque havia turras. Mas também sabia que aquela zona estava cheia de aldeias e que inevitavelmente haveria civis apanhados no fogo cruzado. O rapazinho atrás dele, sentado na marquesa enquanto recebia um curativo, era a prova disso.

"Aquilo parece muy mal, doutor", insistiu a freira, quase numa súplica. "Tenemos que ir lá."

José deteve-se um instante mais a observar a multidão. Não era possível perceber com exactidão o que se passava, mas não havia dúvidas quanto aos contornos gerais do que sucedera na zona onde nessa tarde vira fumo e escutara detonações. Aquilo era um campo de batalha e só Deus sabia o que para lá ia. Mas, e os civis?

Respirou fundo e rodou os olhos pelo banco de urgências até fixar a atenção no rapaz ferido, a decisão já tomada.

"Eu sei, Lúcia."

O cheiro a queimado que enchia o ar de Tete invadira a palhota de Sheila, mas era ainda manhã cedo e a rapariga não lhe prestou grande atenção. Havia combinado com a avó preparar um caril para o almoço e acordara cedo para matar e depenar uma galinha quando ouviu um motor em aproximação, o ronco cortado por uma buzina característica.

"Sheila!"

Era a voz do director do hospital a chamá-la. Apanhada de surpresa, a rapariga levantou-se com cuidado, sempre preocupada com a gravidez, e caminhou devagar até à porta. Deparou-se na rua com o Austin do hospital, o jipe verde com enormes cruces vermelhas na carlinga, e uma nuvem de poeira no seu encalço. José Branco e a irmã Lúcia espreitavam-na dos lugares dianteiros.

"Por aqui, doutor? O que se passa?"

"Anda connosco."

Sheila limpou as mãos sujas ao avental.

"Onde?"

"Vamos ali visitar uns doentes e precisamos de ti."

A enfermeira consultou o relógio, atónita.

"A esta hora, doutor? São sete da manhã!"

"Nós trabalhamos quando há trabalho", retorquiu o médico. "Vá, anda daí!"

A rapariga lançou um olhar hesitante à avó, que do quintal ouvira a conversa. Aissa fez-lhe sinal com a cabeça a indicar que não fazia mal e que fosse ao seu trabalho. Sheila tirou o avental, vestiu a bata e, despreocupada, enfiou-se no jipe.

Meteram pela estrada de Vila Pery em direcção às colunas de fumo que serpenteavam pelo céu; já não eram negras como na véspera, mas esbranquiçadas. O odor, porém, permanecia; mais forte até, agora que se aproximavam.

A estrada estava estranhamente deserta e o silêncio era absoluto; apenas se escutava o ronco esforçado do jipe.

"O que aconteceu aqui, doutor?", perguntou Sheila com curiosidade. "Que fumo é este?"

O médico não lhe respondeu; era como se nem sequer tivesse escutado a pergunta. A rapariga sentia-se alegre e bem-disposta, tinha enfim tomado decisões sobre o futuro que transportava no ventre e mal podia esperar para contar tudo a Diogo, mas estranhou o silêncio dos dois companheiros de viagem. O doutor Branco, em particular, habitualmente falador e bem-humorado, agarrava-se ao volante com o rosto fechado; ia calado e limitava-se a perscrutar a estrada e o fumo com atenção.

Abeiraram-se do sector da fumarada e viram as colunas de fumo ascenderem para além do arvoredo no lado esquerdo. Chegou a dar a impressão de que iam contornar e deixar esse sector para trás, mas, ao avistar uma picada que se abria à esquerda, José abrandou e meteu o Austin pelo caminho de terra, mergulhando assim no mato. O trilho corria entre os arbustos, os embondeiros e as micaias, varridos pela nuvem de pó vermelho que o jipe levantava no seu rasto.

Em algumas centenas de metros a paisagem alterou-se radicalmente. A primeira coisa anormal que viram foi um embondeiro queimado; depois apareceram duas maçanisqueiras estorricadas.

O jipe rugiu de esforço para ultrapassar uma lomba, acelerou e aterrou com fragor numa pequena clareira. Os três olharam em volta e, entre a poeirada levantada pela viatura, avistaram duas palhotas queimadas.

Aos pés da palha cauterizada e fumegante recortavam-se vultos contorcidos que a Sheila pareceram troncos de árvore derrubados. José e a irmã Lúcia observaram longamente os troncos, como se os estudassem. O médico rodou o volante e retomou a marcha, fazendo o jipe aproximar-se devagar das palhotas, ronronando de mansinho até se imobilizar ao lado dos escombros.

Com horror, Sheila apercebeu-se de que os vultos contorcidos afinal nada tinham a ver com troncos de árvores.

Eram cadáveres carbonizados.

José puxou o travão de mão e apeou-se. Deu dois passos vacilantes, prostrou-se e começou a auscultar os corpos com o estetoscópio, manifestamente em busca de sinais de vida. A irmã Lúcia juntou-se-lhe e, como não tinha estetoscópio, pegou-lhes nos pulsos inertes e sentiu-lhes a pulsação com os dedos. Depois de verificados todos os corpos, o médico e a enfermeira-chefe abanaram a cabeça em silêncio e voltaram para a viatura. Estava explicado o cheiro a vasos laqueados que se sentia desde a véspera; era o odor de carne queimada.

O jipe recomeçou a rolar e seguiu novamente pela picada. Sheila estava estupefacta com o que acabara de observar. Tinha enfim tomado plena consciência de que não circulavam por um local qualquer.

"Doutor!", gemeu, angustiada. "Isto é um campo de batalha! Meu Deus, o senhor trouxe-me para um campo de batalha!"

O médico ignorou-a, continuando a sondar o terreno em redor; a irmã Lúcia fazia o mesmo. Ele olhava para um lado, ela para o outro; era a forma mais eficiente de cobrirem todo o campo de visão.

"Doutor!", insistiu a rapariga. "Porque me trouxe aqui? Não vê que estou grávida? Eu não posso

andar por aqui, doutor!"

José Branco voltou a cabeça para trás. Transpirava com abundância e o seu olhar, habitualmente vivo, tornara-se baço.

"Ouve, Sheila", disse. "Precisamos de ti aqui."

"Mas porquê eu, doutor?"

"Um dia hás-de compreender."

A observação deixou Sheila sem saber o que dizer. Um dia haveria de compreender? Compreender o quê? Tudo o que sabia é que tinha dezanove anos, estava grávida e o director e a enfermeira-chefe a haviam arrastado para um campo de batalha. Mas também percebia que naquele instante não havia nada a fazer, encontrava-se ali e não tinha volta a dar. Deixou-se por isso levar sem oferecer mais resistência.

A paisagem revelava-se de uma desolação desconcertante. O silêncio da bicharada era total; apenas o ronco teimoso do jipe preenchia o vazio perturbador. Mas o mais inquietante era a atmosfera que ali reinava. O ar parecia denso, quase misterioso, tão pesado que dava até impressão de oferecer resistência à lenta progressão da viatura. Custava respirar e uma certa coloração amarelo-torrado toldava o dia, pintando-o de tonalidades sinistras.

A atmosfera pesada parecia conferir àquele local um ambiente místico. O jipe progredia em esforço e aos solavancos, quase contrariado, e no meio daquela desolação, à medida que desfilavam mais e mais palhotas queimadas e corpos carbonizados, os três ocupantes da viatura pressentiam que nada voltaria a ser o mesmo nas suas vidas. Haviam cruzado uma fronteira invisível e penetrado numa nova dimensão, surreal e temível; um ponto para além do qual tudo mudava. O médico e a freira percebiam o que estavam a ver, percebiam-no bem de mais, mas nenhum transformava esse entendimento em palavras, como se a simples articulação verbal do que observavam lhes estivesse vedada.

"Doutor."

A voz com sotaque espanholado da freira rompeu o silêncio pesado, devolvendo um traço de humanidade àquele momento irreal.

"O que é, Lúcia?"

A enfermeira-chefe apontou para uns destroços à direita.

"Está a ver aquele ali? Dios, parece que se mexeu..."

"Você viu?"

"Sim. Pienso que hay sobreviventes."

José Branco deteve o jipe, puxou o travão de mão e desligou-o. O silêncio mais absoluto instalou-se naquele troço; nem os pássaros nem os insectos se faziam ouvir, como se também eles tivessem sido exterminados. Parecia que o ar se encheria de vazio. O médico e a freira apearam-se e caminharam em direcção aos destroços, os passos a reverberarem com sons surdos na terra castanho-escura. Fazia calor, mais ainda do que em Tete, e a paisagem árida e quente do solo, recortada pelo perfil hercúleo dos embondeiros, contrastava com o céu azul-claro que as tiras brancas das nuvens rasgavam nas alturas.

Perturbada por se ver arrastada para aquele local infernal, Sheila deixou-se ficar no seu lugar, a observar os acompanhantes afastarem-se. Enquanto caminhava, José Branco examinava o vulto que a enfermeira-chefe lhe indicara. O corpo parecia imóvel, mas, quando se chegou a uns cinco metros de distância, apercebeu-se de que tremia como se estivesse enregelado.

"Tem razão!", constatou. "Está vivo!"

Precipitaram-se para o corpo. Tinha queimaduras graves e a pele esfolada, sobretudo nas costas em carne viva, mas não havia dúvidas de que não estava morto.

"É una mujer, doutor", constatou a irmã Lúcia.

Assim era, confirmou o médico, que estranhou a posição da sobrevivente. Encontrava-se de cócoras e enroscada sobre si mesma. Apercebendo-se de que ela estava consciente, José Branco pôs-lhe com cuidado as mãos no tronco e tentou erguê-la, mas aquela posição tornava a tarefa muito difícil.

"Assim não é possível!", exclamou em frustração. "Ela tem de se desenrolar para a podermos levar para o jipe."

Percebendo o problema, a irmã Lúcia tentou que ela se desenroscasse, começando por lhe puxar um braço, mas a mulher gemeu de medo e lutou por permanecer enrolada sobre si mesma.

"No entiendo."

O médico endireitou-se e olhou para o jipe.

"Sheila!", chamou, fazendo um gesto peremptório com a mão. "Anda cá!"

A enfermeira apeou-se com relutância e aproximou-se da palhota onde se acumulavam os corpos. A devastação era absoluta e Sheila teve de fazer um esforço para dominar o medo e continuar a caminhar.

"O que é, doutor?"

José Branco fez sinal em direcção à mulher de cócoras.

"Temos de pô-la no jipe mas ela está a resistir", explicou. "Explica-lhe que a queremos ajudar. Ela que se desenrosque para a podermos levar."

Sheila pousou os olhos na mulher e constatou, pasmada, que aquele corpo em carne viva ainda respirava; tremia descontrolada, como se tivesse frio. A posição era estranha e a enfermeira percebeu que a paciente teria de facto de a desfazer para poder ser transportada para a viatura. Ajoelhou-se diante da mulher e inclinou-se para a cabeça, junto ao ouvido direito.

"Tabuera d'zacutandizani", murmurou. "Viemos aqui para ajudar. Deixa-nos levar-te para o carro."

A mulher permaneceu imóvel, embora os tremores tivessem abrandado; era evidente que estava consciente e entendera o que lhe fora dito. Encorajada, Sheila voltou a inclinar-se na direcção do ouvido da paciente.

"O doutor Branco é um homem de paz e a irmã Lúcia também", murmurou de novo em nhungué. "Queremos levar-te para o hospital para tratar de ti. Anda, vem comigo."

O gemido voltou um pouco mais prolongado. A mulher começara a chorar baixinho e Sheila trocou um olhar aliviado com o médico. Ambos perceberam que era um choro de rendição; a sobrevivente acreditara nas palavras que lhe haviam sido ditas na sua língua.

A enfermeira pegou numa mão da paciente e puxou-a com cuidado. Dessa feita ela não resistiu e deixou o braço abrir-se. Depois foi a vez de deixar ir o outro braço. A mulher soluçava de mansinho e as três figuras que a rodeavam viram emergir do seu corpo dobrado um vulto sombrio.

"Que é isto?", assustou-se Sheila, dando um salto para trás.

José Branco inclinou-se ainda mais e tentou identificar aquele vulto.

"O filho!", exclamou. "Ela estava a proteger o filho!"

Um menino escuro e delgado rolou para fora, os olhos remelosos e assustados. José pegou nele e estudou-o. Aparentava um ano de idade e tinha o cabelo chamuscado e as mãos e os pés com queimaduras ligeiras, mas à parte isso parecia intacto.

"Pobrecita!", disse Lúcia. "Protegia o nino!"

A criança deu uns passos titubeantes e voltou para trás, agarrando-se à mãe. O médico fez um sinal a Sheila e a enfermeira pegou na mulher e ajudou-a a caminhar para o jipe enquanto segurava a criança com a outra mão.

"Vai falando com ela para lhe dar estímulo", recomendou José. "Mantém-na desperta, ouviste?"

Era difícil transportar os dois sobreviventes naquelas condições e, após uns passos, a jovem enfermeira voltou-se para trás, num gesto de protesto, mas viu o médico já de costas a auscultar um

segundo corpo. Sheila virou-se para a irmã Lúcia, que entretanto se afastara, e ia pedir-lhe ajuda quando se apercebeu, com horror, de que a freira estava com um bisturi a abrir o ventre de uma grávida morta. Com um movimento rápido, a espanhola tirou das entranhas do cadáver um corpo minúsculo e sentiu-lhe a pulsação. Um longo instante depois pousou o corpo do bebé, sinal de que constatara que estava morto, desenhou uma cruz no ar, ergueu o hábito e limpou as mãos ensanguentadas às vestes brancas.

Sheila tomou consciência nesse momento de que cada um tinha ali a sua função; a sua era levar os dois sobreviventes para o jipe e ajudá-los o melhor que podia, o que enfim fez com calma.

Minutos mais tarde, José e a irmã Lúcia juntaram-se-lhe. Vinham ambos com as roupas brancas manchadas de sangue e o rosto pesado. O médico inspeccionou os dois sobreviventes que haviam sido transportados para o jipe e assegurou-se de que a mulher queimada se encontrava nas melhores condições possíveis.

"E se houver mais sobreviventes, doutor?", perguntou Lúcia. "Que vamos a bacer?"

José Branco passou as mãos pela testa para limpar o suor, mas no lugar da transpiração deixou um rasto de sangue. Depois instalou-se ao volante e pôs a viatura em marcha.

"Temos de ir buscar ajuda."

O jipe rugiu e arrancou com um coice. O Austin deu meia volta na clareira no meio de uma nuvem de pó fino e meteu com grande estrépito pelo caminho de onde viera. A mulher queimada gemia mais alto a cada solavanco, pelo que o médico, apercebendo-se do sofrimento que lhe estava a causar com a sua condução apressada, abrandou e procurou as partes do trilho menos acidentadas. Sabia, porém, que o tempo era crucial. Precisava de chegar o mais depressa possível a Tete para activar os meios de socorro aos sobreviventes da matança.

Logo que o jipe saiu da picada e meteu pela estrada de Tete, acelerou o mais que pôde.

"Que vamos a dizer quando llegarmos a Tete?", perguntou a irmã Lúcia quase aos gritos, sobrepondo a sua voz ao rugido do jipe agora em aceleração.

"Que estávamos a fazer o nosso trabalho", devolveu José. "Mais nada."

A freira fez um sinal para trás, indicando Sheila.

"No estoy preocupada conmigo, pero com ela."

O director do hospital franziu o sobrolho, percebendo o alcance da observação e contrariado por não ter ainda pensado no assunto. Apesar de já ser enfermeira, sabia que Sheila não passava de uma rapariga e de certo modo era a mais vulnerável dos três. Depois de reflectir sobre o caso, José esperou que entrassem numa recta; quando ela apareceu, e apesar de o jipe estar em andamento, voltou-se para trás.

"Sheila, ouve-me com atenção", pediu. "Não fales do que viste com ninguém. Ouviste?"

"Sim, doutor."

O médico endireitou-se, controlando o percurso da viatura, mas voltou-se de novo para trás, gesto que foi repetindo sempre que lhe ocorria uma nova recomendação.

"Se alguém vier ter contigo e perguntar o que vieste aqui fazer, só dizes uma coisa: fui em serviço socorrer feridos numa aldeia que estava a arder. Percebeste?"

A rapariga assentiu com um movimento enfático da cabeça.

"Então repete lá."

Sheila mordeu o lábio e fez um esforço para reconstituir a frase.

"Fui em serviço a uma aldeia a arder para ajudar os feridos."

"Isso!"

Voltou-se e lançou um olhar inquieto para trás, contemplando o fumo que ainda se erguia sobre o arvoredo, branco e ténue.

"E se eles me perguntarem mais coisas, doutor? E se me perguntarem porque fui para uma zona de guerra sem autorização?"

"Repetes sempre a mesma coisa", sentenciou José, erguendo o dedo. "Vieste comigo porque eu te ordenei e porque tu és enfermeira e o nosso trabalho não conhece fronteiras. Entendeste?"

"E se quiserem saber porque estava a aldeia a arder?"

"Dizes que não sabes. A aldeia estava a arder, havia feridos e tu foste fazer o teu trabalho. Mais nada. O nosso trabalho não conhece fronteiras."

Momentos mais tarde o jipe entrou em Tete. O médico abrandou um pouco, adoptando uma velocidade vagamente tolerável em cidade, e subiu até ao hospital. Logo que a viatura invadiu a pequena rotunda diante do edifício pôs-se a buzinar com estrépito para chamar a atenção dos funcionários. Surgiram de imediato dois enfermeiros que foram auxiliar os sobreviventes a sair da viatura. Sheila ajudou-os a transportar a mulher e a criança e, num relance, apenas registou a imagem dos vultos níveos de José e da irmã Lúcia a desaparecerem, apressados, num corredor do hospital.

Não o podia saber nesse instante, mas guardaria para sempre aquela imagem na sua memória. Ela tornar-se-ia importante, não porque José Branco e a irmã Lúcia estivessem a fazer algo de extraordinário, mas por uma razão muito mais importante.

É que foi a última vez que os viu.

O ambiente no hospital de Tete fervilhava numa agitação mais caótica do que acontecia quando os Alouettes aterravam para descarregar feridos. As urgências pareciam entupidas de gente e, ao entrar no edifício, Diogo teve o pressentimento distinto de que, além da natural aflição dos pacientes em sofrimento, um sentimento diferente intoxicava o ar. Não sabia como defini-lo; era uma qualidade incorpórea, uma sensação imaterial que tudo perpassava e cuja natureza lhe escapava. Na busca dessa impressão indefinida, cravou os olhos na face de uma enfermeira e surpreendeu-lhe um esgar amedrontado enquanto tratava de uma mulher queimada. Foi nesse preciso instante que entendeu o que pressentia.

Medo. Havia medo naquele hospital. O pessoal tratava os feridos num silêncio sepulcral, os trejeitos a denunciarem temor, os olhares a recearem o primeiro intruso que cruzasse as urgências. O ar cheirava a medo, envenenado pela estranha e sinistra calma de uma ameaça palpável, mas difusa e traiçoeira. O visitante levou algum tempo a captar a origem desse medo. As enfermeiras e os médicos, começaram por concluir, tinham receio dos feridos. A constatação surpreendeu-o. Como era possível que temessem os feridos? Que ameaça poderiam eles representar?

A perplexidade desencadeada por essa constatação levou-o a corrigir o raciocínio e a dar o passo seguinte. Não, não era dos feridos que tinham verdadeiramente medo. O terror que envenenava aquele hospital devia-se a uma convicção generalizada de que todos estavam a cometer uma perigosa infracção. O pessoal não tinha medo dos feridos; tinha era medo de os tratar.

Abandonou as urgências e esquadrinhou as enfermarias aos tropeções. Olhou para o próprio corpo, surpreendido, e apercebeu-se de que caminhava como um ébrio; sentia-se na verdade atordoado com a vertigem dos acontecimentos. Havia passado uma noite inteira sem dormir, acossado pelas imagens do que presenciara na aldeia, e só nessa tarde obtivera licença para abandonar o quartel do Mazoi e ir à cidade. Sentia os nervos embotados e experimentava uma sensação trôpega de irrealidade, como se tudo o que sucedia à sua volta fosse um sonho; até o caos que encontrou no hospital lhe parecia fantasia, uma encenação, e teve de fazer um esforço para não se dissociar da realidade que vivia.

"Diogo?!"

A voz de Sheila surgiu, também ela, envolta naquela estranha neblina de devaneio e realidade. Voltou-se e, fixando-a no meio da névoa que lhe obscurecia a visão, lobrigou-a na sua bata de enfermeira.

A bata tinha algo de estranho; era branca mas estava manchada de vermelho-vivo no peito e nas mangas. Sangue. A imagem era bizarra e o soldado voltou a perguntar a si mesmo se não estaria a sonhar com tudo aquilo.

A rapariga mudava um penso a uma figura envolta em tanto gesso que não se percebia se era homem ou mulher, mas passou a tarefa a uma outra enfermeira e veio a correr, anichando-se nos braços protectores do namorado.

"Diogo!", soprou, apertando-o com força. "Tenho tanto medo, tanto medo!..."

O furriel estreitou-a contra o peito, aliviado com a sensação de realidade que o contacto humano lhe suscitava, como se fosse a prova final de que nada daquilo era imaginação. Afagou-lhe o cabelo e colou-lhe os lábios aos ouvidos.

"Pronto", sussurrou. "Está tudo bem. Eu estou aqui. Não há razão para teres medo, eu estou aqui!..."

Sheila soluçava-lhe no ombro, o corpo a estremecer de pavor. O namorado deixou-a chorar e acariciou-lhe o rosto molhado enquanto aguardava que ela acalmasse. Com um movimento suave para não desfazer o abraço, puxou-a e levou-a pelo corredor até saírem do edifício pela porta traseira.

O ar no exterior, embora sempre quente, pareceu-lhes estranhamente retemperador. O vento tépido e seco ergueu-se rasteiro, agitando o tapete vegetal que decorava o pátio; as folhas saracotearam como borboletas nervosas, esvoaçando em movimentos oscilantes até voltarem ao chão.

Diogo ajudou-a a sentar-se nas escadas do pátio e acomodou-se ao lado dela, sempre a enlaçá-la num abraço protector.

"Não imaginas o que aconteceu", disse Sheila mal recobrou o controlo das emoções. "Tu não imaginas!..."

"Estás a referir-te a estes feridos no hospital?"

A rapariga ergueu a cabeça com um movimento brusco e fitou-o nos olhos, como se assim lhe pudesse transmitir todo o horror que a estrangulava.

"Estão a chegar desde anteontem à noite", revelou. "Contam coisas horríveis, não imaginas."

Consumido pela culpa, Diogo teve dificuldade em suster-lhe o olhar. Engoliu em seco antes de fazer um gesto com a cabeça para a encorajar a prosseguir.

"O que dizem eles?"

"Os primeiros a chegar vieram de uma aldeia chamada Chawola. Contaram que a tropa obrigou toda a gente a bater palmas para se despedir da vida e depois começou a disparar." Fez uma pausa para limpar o rosto e fungar. "Depois juntaram os corpos, puseram capim sobre eles e deitaram-lhes fogo. Algumas pessoas atiradas para essa fogueira ainda estavam vivas. Viram a tropa voltar costas para incendiar as palhotas e violar algumas raparigas. Aproveitaram a ocasião e saíram da fogueira. Fugiram da aldeia e vieram aqui para o hospital, nem sei como."

Diogo respirou fundo. Não havia presenciado o que sucedera em Chawola, mas sabia agora que já não seria possível conter as informações. Isso deixava-o preocupado, mas, estranhamente, também aliviado. Acreditava que uma coisa daquela magnitude não poderia permanecer silenciada; tal já não era possível, nem isso seria justo.

"Pronto", murmurou, tentando reconfortá-la. "Acalma-te. Estas pessoas precisam de ti e tu ao menos podes ajudá-las."

"Iá. Mas tenho medo."

"Medo de quê? Não há razão para teres medo. Não fizeste nada de mal, não precisas de te preocupar."

Ela abanou a cabeça, infinitamente triste.

"Estás enganado, Diogo. Há maningue razões para me sentir preocupada."

A declaração surpreendeu o namorado.

"Tu? Porquê?"

Sheila ergueu os olhos marejados de lágrimas; soluçava e o queixo tremia-lhe.

"Eu estive lá."

Diogo fez uma expressão interrogativa.

"Lá onde?"

"Nas aldeias onde tudo aconteceu. Eu estive lá."

O rosto do namorado permaneceu rígido durante dois longos segundos, enquanto a mente processava a inacreditável informação que acabara de escutar.

"O quê?"

"Fui com o teu tio e a irmã Lúcia." Recomeçou a chorar. "Foi horrível, meu Deus! Horrível!"

A revelação deixou-o atónito. A imagem da aldeia como a deixara ficara-lhe cravada na mente, com as palhotas a arder e os corpos carbonizados no interior, uns inteiros e outros despedaçados. Sheila vira aquilo?

"Estiveste lá?"

Incapaz já de falar, a namorada fez que sim com a cabeça.

"O meu tio também?"

O choro de Sheila tornara-se descontrolado; era como se até ali se tivesse contido e agora o dique se quebrasse, libertando a torrente. Chorava com abandono, descarregando em soluços profundos e sucessivos os fantasmas que a assombravam desde que voltara da aldeia e começara a digerir o que havia visto.

"O meu tio também?", insistiu Diogo.

A rapariga, dobrando-se sobre o ventre como se tivesse todo o corpo dorido, assentiu de novo.

"Ele desapareceu."

"O quê?"

Sheila fez um esforço e dominou o choro apenas o tempo suficiente para conseguir completar a informação.

"A PIDE levou-o."

Saiu do hospital e percorreu apressadamente os quinhentos metros até chegar à casa do tio, na colina sobranceira ao Zambeze. Entrou pelas traseiras e encontrou Mímicas agarrada ao telefone e em estado de absoluta desorientação; tinha um cigarro aceso entre os dedos e deixara dezenas de beatas esmagadas em vários cinzeiros de pau-preto e dois maços de LM amarfanhados sobre a mesa da sala de jantar.

"Ai, Diogo!", exclamou Mímicas quando o viu, agarrando-se a ele em lágrimas. "Ainda bem que vieste! Cheguei agora da Beira. Vim logo que me deram a notícia sobre o... o Zé."

"Que notícia?"

"Não sabes? Ele desapareceu."

O furriel ajudou-a a sentar-se no sofá e tentou tranquilizá-la.

"Tenha calma, tia", disse-lhe na voz mais reconfortante de que era capaz. "Que aconteceu?"

Mímicas tinha os olhos pousados no telefone negro e abanava a cabeça sem cessar.

"Ninguém fala comigo", disse ela. "Ninguém, ninguém. Eu tinha tantas amigas, tantas, tantas!... E ele também. Mas agora... agora ninguém fala comigo. É como se não me coisassem."

"O que aconteceu?"

"Dizem que não estão, dizem que não podem..", murmurou, sempre no mesmo registo. "A Marília

até me desligou o telefone na cara. Acreditas nisso? Quando aqui cheguei, a primeira coisa que fiz foi ligar-lhe para saber do Zé e ela desligou-me o telefone na cara! Como é possível? Nós dávamo-nos tão bem, tão bem. E agora... agora ninguém me conhece!" A cabeça não parava de abanar, como se se negasse a aceitar a realidade. "Não compreendo isto, não compreendo!..."

Diogo segurou-a pelos ombros e abanou-a com força, tentando quebrar aquele transe.

"Tia!", chamou, a voz a sobrepor-se à ladainha dela. "Tia! Está-me a ouvir?"

Mímicas interrompeu a litania e olhou-o, surpreendida; parecia ter voltado a si.

"O que é?"

Diogo observou-a com atenção, certificando-se de que ela havia recuperado o controlo de si própria, mesmo que por apenas uns instantes.

"Conte-me o que aconteceu."

A tia baixou os olhos para o cigarro que lhe dançava entre os dedos amarelados de inquietação.

"Eu não estava cá, estava na Beira", disse num tom nervoso, quase culpado. "Mas o Ernesto contou-me que há duas noites o Zé foi chamado ao hospital. Tinham chegado uns coisos... uns feridos. Parece que ele voltou para casa com ar muito preocupado, mas não contou nada ao Ernesto, claro. Acordou no dia seguinte aí pelas seis da manhã e saiu logo a seguir. A Sheila disse-me que ele e a irmã Lúcia foram buscá-la para visitar as aldeias de onde tinham vindo esses feridos.

Quando voltaram a Tete, o inspector Silva, da PIDE, foi ao hospital e levou-o. Desde então que não dá notícias. O Ernesto ficou muito nervoso e telefonou-me lá para a Beira. Eu apanhei o primeiro avião. Já liguei ao inspector, já liguei à mulher dele... ninguém me diz nada de nada. Não sei se o Zé está vivo, se está morto, o que fizeram dele. Não sei nada de nada, a não ser que o levaram." Lançou um novo olhar angustiado para o telefone. "Estou farta de ligar a toda a gente e ninguém quer falar comigo. Pessoas que eram minhas amigas, Diogo!... Ninguém quer falar comigo."

O furriel respirou fundo.

"Estou a perceber", disse. Coçou a cabeça, pensativo. "Vou ver o que posso fazer."

Mímicas desviou a atenção do telefone e fitou-o com uma expressão incrédula.

"Tu, Diogo? O que podes tu fazer?" Pousou a mão no peito. "Olha para mim. Eu sou a mulher do director do hospital e do Serviço Médico Aéreo. Eu e o teu tio somos visitas de casa do inspector Silva, somos amigos do bispo, somos amigos do governador... e a mim ninguém diz o que quer que seja! O que podes tu fazer?"

Diogo devolveu-lhe o olhar. Sim, pensou; o que poderia ele fazer? Não passava de um furriel miliciano destacado para um quartel no meio do mato e transferido à má fila para uma companhia de comandos, a qual aliás estava por detrás de toda aquela confusão. Que iria ele fazer? Que cordelinhos poderia mexer? Apresentaria queixa a quem? A Angelino?

"Tem razão", murmurou por fim, rendendo-se à sua própria impotência. "Só nos resta aguardar."

A atenção de Mímicas regressou ao telefone pousado na mesinha ao lado do sofá.

"Eu não vou esperar quieta", disse com resolução, resvalando no sofá para se aproximar do telefone. "Podem fugir de mim, podem dizer que não estão, podem até fingir que não me conhecem, mas uma coisa te garanto: não os vou largar."

Vendo a tia agarrar-se ao aparelho, Diogo levantou-se e foi à cozinha. Podia ser que um chá a ajudasse. Quando atravessava a sala de jantar, porém, apercebeu-se de uma sombra recortada na luz da porta para o pátio traseiro e olhou naquela direcção. Um vulto perfilou-se diante da claridade, os cabelos envoltos num halo refulgente, e abriu a porta; as feições do rosto, escurecidas pelo contraste com a luz exterior, tornaram-se perceptíveis.

"Sheila!", exclamou, apanhado de surpresa. "O que estás aqui a fazer?"

A namorada deu dois passos hesitantes pela sala, lançando olhares amedrontados em todas as direcções.

"O doutor Branco? Já apareceu?"

Diogo fez um gesto negativo com a cabeça e aproximou-se dela, mas deteve-se quando a viu recuar um passo, quase como se a rapariga tivesse receio dele.

"O que foi?"

Sheila observava-o de um modo estranho; parecia uma impala a vigiar um predador que rondava a manada.

"Vim aqui porque... porque apareceu lá no hospital um pára-quedista para visitar um amigo que está lá internado." Falou muito devagar e fez uma pausa para sublinhar a importância do que dizia. "Eu estava a mudar um penso do amigo e ouvi esse pára-quedista dizer que a matança nas aldeias foi coisa dos comandos."

A rapariga fez mais uma pausa, desta feita para estudar a reacção do namorado. Diogo sentiu as gotas de transpiração brotarem-lhe do couro cabeludo e percebeu que chegara o momento da verdade. Não se sentia preparado para ele, queria mesmo adiá-lo, mas não havia fuga: o momento impusera-se à sua frente.

"Sim..."

O olhar de Sheila tornara-se de tal modo intenso que parecia soltar fagulhas.

"Ele falou na 6ª Companhia de Comandos."

Diogo baixou a cabeça em sinal de rendição, não se atrevendo sequer a encará-la.

"É verdade."

A confirmação foi dada num fio de voz quase imperceptível, tão baixo que parecia soeitada pela brisa, e, porém, insuportavelmente ruidosa. Fez-se o silêncio mais absoluto naquela sala.

"Tu estiveste lá?"

As lágrimas escorriam pela face do namorado, em ziguezague, como gotas de chuva quente. Abriu a boca e tentou falar, mas a voz ficou estrangulada na garganta e apenas emitiu o que soou como um grunhido. Pigarreou e levantou os olhos molhados, reunindo toda a coragem que lhe restava para, por fim, a enfrentar.

"Estive."

Sheila susteve o olhar durante um longo segundo. Depois voltou-se e, ganhando vigor, carregou pela porta. Ao vê-la percorrer a varanda e começar a descer as escadas para o pátio traseiro, Diogo saiu da letargia em que parecia mergulhado e largou no encalço dela.

"Sheila!", chamou. "Espera! Espera!"

A rapariga percorria já o pátio e metia pelo carreiro para o hospital.

"Deixa-me!", disse ela sem se virar, percorrendo o carreiro com passo decidido. "Deixa-me em paz!"

Mas Diogo corria atrás dela.

"Espera!", implorou. "Deixa-me explicar!"

Sheila estacou e voltou-se com brusquidão, a fúria a incendiar-lhe o rosto com tanta intensidade que o furriel se deteve também. Ficou pregado à sombra da maçoanqueira do pátio traseiro e não se atreveu a dar mais qualquer passo, intimidado com a raiva que parecia cegá-la.

"Explicar?", gritou ela, fora de si. "Explicar?"

"Iá", insistiu ele, submisso mas convicto. "Há uma explicação."

A rapariga apontou para a casa. Diogo voltou a cabeça para trás e avistou Mimicas plantada na varanda, o espanto desenhado no rosto enquanto observava a cena.

"Explica-lhe a ela!"

Com um novo movimento brusco, Sheila virou-lhe as costas e retomou o caminho, levada pela fúria e pelo vento quente que descia pelo Zambeze e sufocava Tete.

O ambiente na repartição de Tete da DGS era de embaraço absoluto perante a inesperada e desconfortável situação que se criara. Os funcionários não sabiam se deviam bater os relatórios à máquina ou conversar com o detido que todos fingiam não estar detido.

Ninguém, a começar pelo próprio inspector Aniceto Silva, tivera coragem de encerrar José Branco numa cela ou algemá-lo sequer. Em vez disso sentaram-no numa cadeira em plena secretaria, como se ele não passasse de um visitante ocasional que ali fora apanhar o fresco das ventoinhas para se refugiar do calor sufocante da rua. A verdade é que José era o médico de toda a gente que trabalhava naqueles escritórios, e como podiam eles prender a pessoa que ainda há uns meses salvara a filha do paludismo ou resgatara a mulher da doença do sono?

Ofereceram-lhe capilé e umas bolachas, além de muitos sorrisos e uma ou outra palmadinha nas costas por entre murmúrios de "está tudo bem, não se preocupe" ou "isto é só um mal-entendido que o chefe já vai desfazer", como se o regresso à normalidade dependesse da mera vontade de quem ali trabalhava. Mas José Branco sabia que não havia mal-entendido nenhum e que aquela questão não se resolveria só com palmadinhas e boa vontade.

Como a confirmar essa impressão, o gigantesco Francisco aproximou-se com ar de poucos amigos, era talvez a única pessoa ali que não parecia incomodada com a situação, e fez-lhe sinal de que se levantasse.

"Venha daí ao chefe."

O inspector Silva estava sentado à secretária e nem cumprimentou o médico quando o viu entrar no gabinete. Limitou-se a fazer um sinal a Francisco de que os deixassem a sós. Quando a porta se fechou, indicou a José que se acomodasse na cadeira em frente.

"Doutor Branco, quantas vezes lhe pedi que não se metesse na política?", foi a primeira pergunta que atirou. "Quantas, doutor?"

"Desculpe, mas eu não me meti em política."

O chefe distrital da DGS inclinou a cabeça num gesto céptico, como um adulto a mostrar a uma criança que não acreditava nas patranhas que ela lhe contava.

"Ó doutor... francamente!"

"Não sei porque está a falar assim. Viu-me por acaso envolvido em alguma actividade política?"

Aniceto Silva assentou os cotovelos na secretária e enlaçou as duas mãos, apoiando o queixo sobre os dedos enleados.

"Há anos que o doutor não faz outra coisa."

"Como pode dizer uma coisa dessas? Alguma vez me ouviu uma palavra que fosse sobre política?"

"Os seus actos falaram por si", disse, apontando-lhe o indicador. "Pensa que não o tínhamos debaixo de olho? Até sabemos como o doutor se comporta na cama!"

O médico esboçou uma expressão de perplexidade, estranhando o despropósito da referência.

"Na cama?"

O inspector soltou um sorriso forçado.

"A nossa bifa é uma boa queca, não é?"

A perturbação do director do hospital acentuou-se ao escutar estas palavras. Bifa? José abriu a boca e tentou falar, mas o choque fora demasiado grande e por momentos não conseguiu proferir uma palavra que fosse. Teria ouvido bem?

"O... o que quer dizer com isso?"

"Ah! A palavra bifa parece-lhe familiar, estou a ver. Dáne tusa?"

"O senhor está a falar de Nicole?"

"Doutora Thorn", corrigiu-o. "Doutora Nicole Thorn. Uma prenda dos serviços secretos rodesianos. Boa médica, boas tetas, boa informadora. Como acha o senhor que eu soube imediatamente da assistência que prestou ao turra que encontrou no mato, do pretinho que pôs num quarto particular do hospital... eu sei lá, de tudo?" Suspirou, simulando melancolia. "é pena que o doutor a tenha largado. Perdeu umas grandes quecas e nós ficámos sem uma magnífica informadora."

José abanou a cabeça.

"O senhor devia ter vergonha..."

Aniceto Silva afinou a voz.

"Quem devia ter vergonha era o doutor." Endireitou-se na cadeira. "Mas chega desta conversa, que não nos leva a lado nenhum. O que foi o senhor fazer à aldeia?"

O médico sentia-se atordoado com a descoberta do papel de Nicole e a magnitude da dissimulação de que fora vítima. Como pudera ser tão parvo? Mas, ao ouvir a pergunta do inspector, a imagem do que vira em Wiriyamu varreu-lhe a rodesiana da mente.

"Qual aldeia?", perguntou sibilino, recuperando o sangue frio. "Aquele onde a tropa matou uma data de civis inocentes?"

Com um gesto brusco e quase instantâneo, o homem da DGS apontou-lhe o dedo, como se o tivesse apanhado a dar um passo em falso.

"Vê como está a fazer política?"

O tom acusador suscitou um esgar de espanto no médico.

"A fazer política? Qual política? Fui ontem a uma aldeia prestar assistência médica a uma população que foi massacrada pela tropa. O que eu fui lá fazer foi simplesmente o meu trabalho. Nem mais, nem menos. Agora não escondo que fiquei chocado com o que lá vi. Mataram civis inocentes a tiro e à granada, e isso..."

"Como sabe que eram inocentes?"

"Bem... eu vi crianças mortas. Eram culpadas de quê?"

O inspector abanou a cabeça, recusando-se a deixar que a discussão seguisse por aquele caminho.

"A aldeia estava contaminada pelo in, doutor. Neste momento os turras encontram-se por todo o distrito e os únicos sectores não infectados são, ao que sabemos, a cidade de Tete e o perímetro de Cabora Bassa. A tropa faz o que pode para tentar readquirir o controlo da situação."

"Mas... matar crianças?"

Aniceto Silva encolheu os ombros.

"Bem sei, é terrível. Aqueles homens andavam já há muito tempo no mato e vieram tresloucados. Ainda por cima, apanharam na véspera uma emboscada naquele sector e, sendo comandos, estavam furiosos. Como é evidente, ninguém os mandou matar civis, não é verdade? Nem é assim que o exército português combate. Mas o que está feito está feito. Agora queremos pôr uma pedra sobre este assunto."

Fez-se silêncio no gabinete, apenas quebrado pelo rumor letárgico do aparelho de ar condicionado na sua interminável batalha contra o calor.

"Não percebo o que deseja de mim", disse por fim José. "Agora vai repreender-me por ter tratado dos sobreviventes?"

O inspector da DGS prendeu um cigarro entre os lábios e acendeu-o com um isqueiro prateado.

"Quero pedir-lhe que não conte a ninguém o que viu", disse enquanto exalava uma baforada cinzenta. "O senhor fez o seu trabalho, aceito isso perfeitamente. Agora mantenha o bico calado."

A ordem fez José sorrir sem vontade.

"O senhor sabe muito bem que sou obrigado a escrever um relatório sobre tudo o que faço enquanto médico. Considerando a gravidade do que observei, diria que a minha obrigação é acrescida pelas circunstâncias."

"A sua obrigação é com a pátria."

"Talvez, mas não só. É, porém, também por causa da pátria que tenho de escrever o relatório."

Aniceto Silva aspirou de novo o cigarro, os olhos perdidos no infinito enquanto contemplava as suas opções. Depois desprendeu o fumo devagar e deixou-o adejar paulatinamente no ar, como se se deslocasse em câmara lenta.

"O senhor não percebe que um relatório desses vai embaraçar as Forças Armadas?", disse então.

"Pior ainda, vai embaraçar Portugal."

O médico abanou a cabeça.

"O que embaraça Portugal não é o meu relatório, mas o comportamento dos nossos soldados."

"Alguns soldados, doutor", corrigiu-o o homem da DGS, sempre num registo tranquilo, a ameaça contida no tom falsamente sereno que imprimia às palavras. "Desvairados."

"Admito que sim. Mas não há modo de negar que fizeram o que fizeram."

"Não lhe peço que negue. Peço-lhe apenas que se cale. A bem da nação."

José Branco baixou os olhos e contemplou as unhas, como se de repente a sujidade que trazia entranhada nos dedos fosse o grande problema do momento.

"Sabe, inspector, desde miúdo que ando a tentar perceber o que é isso do bem", disse de forma pausada, meditando em cada palavra que pronunciava. "De certo modo foi essa busca que me levou a esta profissão. Apercebi-me de que um médico é uma pessoa que faz o bem. O bem das pessoas ou, como o senhor diz, o bem da nação. O bem, porém." Inclinou-se na cadeira, os olhos presos no inspector. "Mas afinal o que é isso do bem? Se antes da guerra Hitler estivesse a morrer e eu o tivesse salvo, será que tinha praticado o bem? Se eu ajudar um amigo a obter um emprego, estarei a fazer o bem? Então e a outra pessoa que deixa de ir para esse emprego só porque pus lá o meu amigo? Ao fazer o bem a uma pessoa não estou a fazer o mal à sua concorrente ou às suas futuras vítimas?"

O inspector remexeu-se no seu lugar, impaciente.

"Onde quer o senhor chegar com essa conversa?"

"O que quero dizer é que a questão do bem e do mal sempre gerou mais perplexidades do que certezas." José recostou-se na cadeira. "O que é o bem e o que é o mal? Todos nós intuímos estes conceitos, mas a sua definição precisa escapa-nos. Até hoje." Apontou para a janela. "Tive a resposta a este enigma no momento em que vi o mal naquela aldeia. Vi-o impregnado nos corpos carbonizados que se espalhavam pelos escombros, vi-o quando me questionei sobre o que levaria os homens a fazerem uma coisa tão cruel. E depois deparei-me com uma criança que saiu viva e intacta de baixo do corpo queimado de uma desgraçada que os soldados quase haviam morto e percebi que há coisas que o mal, por mais que tente, não poderá conquistar. O amor daquela mãe foi mais poderoso do que o mal daqueles homens. Mas só agora, enquanto estava aqui a ouvi-lo falar, é que consegui transformar em palavras a ideia que desde então me andava a ruminar na mente." Cravou de novo os olhos penetrantes no seu interlocutor. "Sabe o que na verdade é o mal?"

Sentindo-se incomodado com a intensidade daquele olhar, Aniceto Silva abanou a cabeça.

"Ó doutor, agora não", disse. "Poupe-me a essa conversa."

"É a incapacidade de nos pormos no lugar do outro. Quando os soldados matam mulheres e crianças como quem mata formigas, estão possuídos pelo mal porque não conseguem pôr-se no lugar das vítimas, não conseguem perceber a posição delas nem sentir o que elas sentem. O mal é a incapacidade

de imaginar os sentimentos do outro e de os sentir como se pudéssemos ser nós." Deixou o olhar vaguear pelo gabinete, detendo-se aqui e ali. "O bem é por-mo-nos no lugar do outro. E actuar em conformidade, claro." José voltou a mirar o seu poderoso interlocutor. "E é por isso, caro inspector Silva, que não posso deixar de escrever o meu relatório. Esse texto será um acto de amor e quero escrevê-lo para que as pessoas se possam pôr no lugar das vítimas. Para que os responsáveis por aquele horror se envergonhem. Para que o amor derrote o mal."

O chefe distrital da DGS em Tete revirou os olhos com enfado e respirou fundo, como um saco que se esvazia. Abriu as mãos em sinal de impotência e deixou-as tombar sobre a mesa; parecia um juiz a martelar a madeira no momento soberano da sentença.

"Eu tentei", exclamou com uma expressão resignada. "Mas se é essa a sua posição irá discuti-la no sítio para onde terei de o mandar de imediato."

Se a potência do motor correspondesse a metade do barulho que fazia, a Famel Foguete de fabrico nacional seria um bólido imparável. Mas Diogo tinha consciência de que a motorizada que lhe trepidava nas mãos, apesar de estupidamente ruidosa, não era máquina de corrida; nem aliás precisava que o fosse, uma vez que ia em descida e só a usava para se deslocar.

Logo que nessa manhã havia chegado a Tete, o furriel fora alugar a motorizada ao Zambézia Comercial e dera um salto ao hospital para saber de Sheila, de quem não tinha notícias havia quase três semanas, tantas quantas passara no mato à espera da primeira oportunidade para vir a Tete. Havia cumprido no Mazoi o final da sua comissão na 6ª Companhia de Comandos e, logo no primeiro dia de 1973, regressara ao Chioco para reintegrar as fileiras do BART. Envolvido numa série de procedimentos relacionados com a transferência e depois com a falta de pessoal no Chioco por causa das licenças de Natal e Ano Novo, durante todo esse tempo não havia sido autorizado a deslocar-se à cidade. As múltiplas tentativas que fizera à distância para localizar a namorada embateram num silêncio angustiante; nenhuma das inúmeras cartas que lhe enviou teve qualquer resposta.

O problema é que Sheila não era a única pessoa que desaparecera. Havia três semanas que ninguém sabia do tio e no hospital as enfermeiras tinham mesmo medo de falar do assunto. Fora visitar a tia Mímicas e dera com ela desesperada a preparar as malas para ir a Lourenço Marques tentar falar com o governador-geral, projecto que todos sabiam estar destinado ao fracasso.

O ar que lhe fustigava a face enquanto se anichava na moto semeou nele a dúvida. Seria o vento tão forte que fizesse voar o que levava nos bolsos? Deitou a mão ao bolso direito das calças e constatou que estava vazio. Alarmado, pôs a mão no outro bolso. Sentiu a textura do papel e exalou um suspiro aliviado; não o perdera. Era reconfortante saber que pelo menos trazia ali a informação que poria fim a quase três semanas de ansiedade em relação a Sheila. Fora difícil, mas após grande insistência o pessoal do hospital lá se compadecera e acabara mesmo por lhe dar a morada de casa da namorada.

A Famel Foguete chegou ao cruzamento do Hotel Zambeze. Virou à direita para o posto do calhambeque e Diogo apercebeu-se de uma coluna de Berliets estacionada no sentido oposto com uma companhia de boinas vermelhas na carga a beber cerveja. Deteve-se nos rostos e reconheceu os homens da 6ª Companhia de Comandos; tinham um ar fatigado.

Hesitou, indeciso em relação ao que fazer. Deveria falar-lhes ou seria melhor fazer de conta que não os vira? A lembrança da grande matança na aldeia era demasiado dolorosa e inclinou-o para esta última decisão. Carregou na embraiagem e, com um movimento do pé, engatou a primeira.

"Então, grande campeão? Por aqui?"

Ainda pensou em fingir que não escutara a voz de Angelino e arrancar, mas uma ligeira hesitação deitou tudo a perder. O comandante dos comandos apareceu-lhe ao lado com uma garrafa de Laurentina preta na mão e a oportunidade esfumou-se.

"Olá, Angelino", cumprimentou Diogo sem sorrir. "Não é um pouco cedo para começar a beber?"

O boina vermelha contemplou a garrafa.

"Bebo para esquecer."

"Esquecer o quê? As mulheres e as crianças que mataste?"

"Também."

Uma forte essência de after-shave atingiu Diogo com a força de uma lufada de vento. O furriel fez uma careta e desviou o rosto, tentando fingir o odor forte.

"Porra!", exclamou Diogo. "Tresandas a Old Spice, pá! Despejaste um frasco na cabeça ou quê?"

Angelino esboçou uma expressão agoniada e colou o nariz ao lenço verde.

"Ainda cheiro muito?" Estalou a língua, contrariado. "Que merda!..."

"O que aconteceu?"

O comando revirou os olhos, engoliu mais um trago de Laurentina e depois arrotou.

"Ah, pá! Nem me fales, caraças!" Novo arrote. "Sabes de onde venho agora?"

"Do Mazoi?"

Angelino abanou a cabeça.

"De Wiriyamu, porra!"

"O quê?", admirou-se Diogo. "Da aldeia onde?..."

"Essa mesmo."

"O que foste lá fazer?"

O comandante dos comandos voltou a colar o gargalo da garrafa aos lábios e, içando-a bem alta, engoliu o que restava da cerveja. Depois limpou a boca à manga da camisa e fez uma expressão de enjoo que culminou em mais um arrote.

"Fui outra vez chamado à ZOT, pá", disse. "Parece que houve um médico que foi à aldeia e viu aquela merda toda que para lá fizemos com os pides. A informação transpirou para os padres espanhóis e já há uns zunzuns a circular sobre o assunto. Por causa do filho da puta desse médico, o GPZ vai amanhã enviar um heli para sobrevoar a aldeia com uma equipa da delegação de saúde."

Até aí a sustentar a conversa apenas por delicadeza, estas referências despertaram a atenção de Diogo.

"Disseram-te onde está esse médico?"

"Com a PIDE, acho eu. Então, por causa do heli que o GPZ vai..."

"A PIDE aqui em Tete?"

Angelino franziu as sobrancelhas, admirado e irritado com a insistência.

"Sei lá!", exclamou com um encolher de ombros. "Ouvi dizer na ZOT que o gajo foi despachado para Nampula, ou o raio que o parta. Mas que interessa isso?"

A informação fez Diogo estreitar inadvertidamente os olhos. Nampula? Isso queria dizer que o tio fora enviado para o quartel-general do general Kaúlza de Arriaga. Mas o que lhe queriam em Nampula? Era de qualquer modo uma informação preciosa, que teria de comunicar à tia Mimicas antes de ela partir para Lourenço Marques; talvez pudessem fazer alguma coisa para chegar até ao tio. Preocupado de momento em manter o seu interlocutor na ignorância quanto à sua ligação familiar com o médico indiscreto, o furriel esboçou um gesto de indiferença.

"Continua."

"Como te estava a dizer, por causa do voo amanhã do heli do GPZ recebi ordens para voltar à aldeia e limpar aquela merda toda."

"Mas isso já foi feito", admirou-se Diogo. "Maior limpeza do que aquela parece-me impossível..."

"Desta vez limpar significa enterrar os mortos e pôr tudo num brinco", esclareceu Angelino. "De

modo que eu e os meus homens tivemos de lá voltar esta manhã, vinte dias depois da operação." Fez um gesto vago para cima. "Estás-me a topar este calor? Agora imagina o cheiro de centenas de corpos a apodrecerem durante vinte dias com esta temperatura." Revirou os olhos. "Puf, era um fedor que não se podia!" Tocou no lenço verde. "Tive de encharcar o lenço de after-shave e tapar a cara com ele para aguentar o cheirete. E os corpos eram um nojo... Estavam inchados e com nuvens de moscas à volta, vê lá tu! Abrimos uma vala e atirámos para lá toda aquela porcaria, mas não foi fácil, pá. Nem imaginas a sorte que tiveste em já não estares connosco. Olha, sabes o que me aconteceu? Pus-me a puxar um cadáver e o braço do tipo desprendeu-se-lhe do tronco e fiquei com ele na mão." Soltou um risinho nervoso. "Estás-me a ver esta merda? Fiquei com a porra do braço na mão! Agh, que nojo!" Mirou a garrafa vazia que ainda agarrava. "Venho de lá agora e já emborqueei duas Laurentinas para ver se descontraio."

O relato deixou Diogo agoniado. Sentiu uma necessidade imperiosa de sair dali quanto antes, mas percebeu que, para o poder fazer, teria primeiro de mudar de assunto. Desviou por isso os olhos para a coluna de Berliets estacionada ao longo da rua.

"Onde vão vocês agora?"

"De férias para a Ilha de Moçambique. Sol, praia, camarões... O Kaúlza quer-nos fora de Tete o mais depressa possível. Por mim, maravilha!"

Reequilibrando-se na motorizada, Diogo engatou a primeira, fez força com o pedal para testar o motor, forçou um sorriso, ergueu a mão, acenou.

"Então boas férias!"

E arrancou, afastando-se no meio de grande estrépito e da nuvem de fumo azulado que a Famel Foguete ia deixando no seu rasto.

As ruas esburacadas dos subúrbios obrigaram Diogo a abrandar. Tete nunca fora famosa pela qualidade das suas artérias, mas aquela faixa poeirenta tinha tantos buracos que lhe deu a impressão de estar a fazer um motocross entre as crateras da Lua. Teve assim de ziguezaguear em torno das covas, como se a Famel Foguete estivesse embriagada, e progrediu a um ritmo tão lento que era acompanhado pelas pessoas a pé.

Com uma pontada de nostalgia em pleno peito, reconheceu de repente a picada que saía da rua. Vacilou um instante, tempo apenas para se refazer das emoções que aquele lugar lhe suscitava, e enfiou pelo trilho. Fora ali, escondidos atrás de um arbusto e iluminados pelo hálito suave das estrelas, que ele e Sheila tinham feito amor pela primeira vez. Buscou com o olhar o recanto onde isso acontecera, mas à luz do dia era tão diferente que desistiu. Fora por ali, e era tudo.

A picada desaguou numa clareira cercada de palhotas e ao lado de uma estrada grande e muito movimentada. Diogo percebeu que o trilho constituía apenas uma maneira de cortar caminho e que a estrada esburacada onde desembocara era a mesma na qual havia circulado minutos antes.

Imobilizou a motorizada e, apoiando-se na perna apesar de permanecer sentado na Famel Foguete, tirou do bolso o papel com as indicações que lhe haviam dado no hospital. Consultou a folha e ergueu a cabeça, comparando a informação com o que via. As cubatas alinhavam-se em filas mais ou menos ordenadas e a casa de Sheila, a acreditar naquelas indicações, deveria estar na primeira fila, à beira da estrada.

Percorreu as palhotas com o olhar e avistou uma mulher a sair de uma delas com um bebé atado às costas e um balde de plástico equilibrado na cabeça.

"Desculpe, minha senhora", interpelou-a. "Onde é a casa da Sheila?"

A mulher hesitou perante a farda, mas depois apontou para a terceira casa da primeira fila.

"É na Aissa, patrão."

Diogo agradeceu e estacionou diante da palhota. Tratava-se de uma cubata grande, cercada por

uma vedação baixa e com algumas partes mal pregadas, embora fosse suficiente para circunscrever a circulação de várias galinhas do mato que deambulavam pelo perímetro; os contornos da vedação davam a impressão de que existia um quintal traseiro.

Depois de deixar a motorizada, o soldado deu uns passos vacilantes, ajeitou a farda, sacudiu uma mancha de pó que lhe sujava o peito e plantou-se diante da palhota.

"Sheila!", chamou. Depois mais alto: "Sheila! Estás aí?"

A cabeça de uma idosa emergiu da sombra da palhota. A mulher observou-o com ar indagador.

"Boa tarde. Posso ajudá-lo?"

"Desculpe, minha senhora", disse Diogo numa voz subitamente suave e adocicada. "Estou à procura da Sheila. Ela está?"

A idosa estreitou os olhos, desconfiada.

"O que lhe deseja o senhor?"

"Precisava de falar com ela. É um assunto da maior importância."

"A Sheila não está."

"Não me sabe dizer quando volta?"

A mulher pareceu interessar-se pelo estranho que lhe aparecera à porta. Deu dois passos trémulos e inclinou-se na direcção de Diogo, estudando-lhe o rosto mais de perto.

"Quem é o senhor?"

"Eu?" A pergunta atrapalhou o furriel, que não sabia o que devia revelar. Teria Sheila contado tudo àquela velha? Ou não teria revelado nada nem queria que ela soubesse o que quer que fosse? O melhor, concluiu, seria improvisar uma desculpa. "Eu sou... uh... um amigo. Um amigo que... que a enfermeira Sheila tratou no hospital. Vinha-lhe agradecer."

"Um paciente?"

"Isso." Foi a vez de ele se inclinar na direcção da idosa. "E a senhora? Quem é?"

"Eu sou a Aissa. A avó da Sheila."

A face de Diogo abriu-se num sorriso caloroso e sincero.

"Ah, muito prazer!", exclamou com jovialidade. "A Sheila falou-me muito de si."

"Ai sim? E disse bem?"

"Com certeza", assentiu o soldado. Espreitou a entrada da porta da palhota. "A senhora disse que a Sheila não está. Sabe -me dizer quando é que ela volta?"

Aissa abanou a cabeça.

"Não volta."

A notícia fez Diogo sentir um baque.

"Não volta? Porquê?"

"A Sheila foi para Lourenço Marques."

O furriel abriu a boca de surpresa. A informação deixou-o pasmado, mas ao mesmo tempo explicava muita coisa, em particular o silêncio dela em resposta às muitas cartas que lhe remetera nas últimas semanas. Isso era importante, considerou, porque lhe indicava que o mutismo de Sheila resultava simplesmente de a namorada não ter recebido as missivas em que ele explicava em detalhe o que sucedera na aldeia e o seu papel nos acontecimentos. Diogo acreditava firmemente que, quando ela lesse ou escutasse essas explicações, saberia perdoar-lhe. Essa convicção foi reforçada quando se apercebeu de que a rapariga partira para Lourenço Marques e portanto não havia lido as cartas. A sua primeira reacção foi por isso de alívio.

Porém, a atenção deteve-se de novo na informação que a avó da namorada lhe dera e descobriu-lhe um ângulo intrigante que não valorizara à primeira. Sheila partira para Lourenço Marques?

"Ó dona Aissa, o que foi ela lá fazer?"

Um sorriso luminoso, embora desdentado, rasgou o rosto enrugado da velha Aissa, os olhos pequenos e negros a brilharem com a emoção de quem sentia que havia cumprido enfim o seu desígnio nesta vida.

"A minha Sheila casou-se anteontem."

"O quê?"

A face da velha irradiava uma alegria incontida, como o Sol do meio-dia a brilhar sobre o Zambeze.

"Ela e o Ismael vão-me dar um bisneto, graças a Deus."

O rosto do homem eternizado na estatueta de pau-preto apresentava-se recortado por traços rasgados na face e na testa, os dentes afiados em triângulo como os de um tubarão. Era possivelmente a quinta vez que José Branco visitava o Museu Etnográfico, mas já estava em Nampula havia mês e meio e aquela parecia-lhe a melhor maneira de passar o tempo.

Deu uns passos para o lado e observou a figura seguinte. Tratava-se de outra estatueta maconde em pau-preto, desta feita de uma mulher a pilar o pilão com uma criança às costas. Quantas vezes não vira ele uma imagem assim, mas em carne e osso, nas suas deambulações pelo distrito de Tete? Apreciou o olhar do artista maconde e a forma como captara a postura da mulher.

"Olá, tio."

A voz apanhou-o de surpresa. Voltou-se para trás e viu um militar de camuflado e uma boina castanha nas mãos.

"Diogo! O que estás aqui a fazer?"

O sobrinho olhou em redor, certificando-se de que não havia ninguém suspeito nas redondezas. O museu estava vazio àquela hora da manhã e apenas se lobrigava em redor um empregado que languescia numa cadeira, a cabeça tombada de sonolência, o queixo a colar-se ao peito e um pingo de saliva a espreitar do canto da boca entreaberta.

"Temos andado maningue preocupados consigo", murmurou Diogo. "O tio está bem?"

"Iá, têm-me tratado bem."

"O que lhe querem eles?"

"Eh pá, ainda não percebi. A PIDE trouxe-me para aqui e alojaram-me num quarto do quartel sem poder comunicar com ninguém. Nem telefonemas, nem cartas... nada. Estou em isolamento total. Depois uns oficiais chamaram-me e pediram-me que descrevesse o que vi na aldeia. Não se passou mais nada."

"Ah, ainda bem."

Acossado pela saudade, o médico vacilou, quase como se receasse formular a pergunta.

"Tens notícias da Mímicas?"

"Tem andado raladíssima consigo. Ia apanhar o avião para Lourenço Marques para tentar saber de si, mas logo que descobri que o tio tinha sido enviado aqui para Nampula fui falar com ela e andámos uma semana a congeminar um plano."

"Foste à Beira falar com ela?"

"Qual Beira? A tia Mímicas está em Tete..."

A novidade extraiu de José um suspiro de alívio.

"Graças a Deus que voltou", murmurou. Hesitou, como se reordenasse os pensamentos. "Tenho andado preocupado com a irmã Lúcia e a Sheila, que foram comigo a uma aldeia que... enfim, que está na origem de toda esta chatice. Tens notícias delas?"

"A freira foi expulsa e recambiada para Espanha", anunciou o sobrinho. O olhar turvou-se e a voz fraquejou-lhe quando a seguir teve de se referir à ex-namorada. "A Sheila foi para Lourenço Marques e..."

e casou."

O médico limitou-se a assentir com a cabeça enquanto digeria as novidades, os olhos peçados de emoção mas a boca comprimida num silêncio meditativo. Em condições normais aquelas novidades seriam espantosas, mas nesse momento já nada o assombrava. Sentiu-se até aliviado por elas. Se a irmã Lúcia tinha sido expulsa, estava já fora do alcance da PIDE, e o casamento de Sheila punha-a também em segurança em Lourenço Marques.

"E tu?", perguntou por fim. "Que estás aqui a fazer?"

"Consegui uma licença de uma semana e vim cá a mando da tia Mimicas."

"Ai sim?", admirou-se José. "Isso tem alguma coisa a ver com o plano de que falaste há pouco?"

Diogo aquiesceu e lançou novas miradas inquietas em redor, sempre preocupado em assegurar-se de que ninguém os estava a escutar.

"Se não fizermos nada, temos medo que lhe possa suceder alguma coisa", disse num tom tenso.

"Os gajos já foram limpar a aldeia e fazer desaparecer os cadáveres. Não sabemos que destino querem dar às testemunhas. A freira e a Sheila não parecem problemáticas, mas o tio é diferente. Se o director do hospital de Tete, que ainda por cima também é delegado de saúde, presidente da Cruz Vermelha e director do Serviço Médico Aéreo, vier a público falar numa coisa destas... está a ver a chatice, não está? Foi por isso que o trouxeram aqui para Nampula e o mantêm incomunicável. Achamos que estão a decidir o que lhe irão fazer." Fez um gesto vago com as mãos. "Por isso fui com a tia Mimicas à Beira falar com um advogado que ela conhece e que activou.."

"O Rouco."

"Isso. Ele activou uns contactos que tem no estrangeiro e obteve uma informação muito interessante. Parece que uns padres espanhóis de uma missão perto de Tete, a missão de... de São Paulo, acho eu..."

"São Pedro."

"Ou isso... disseram-lhe que já escreveram um relatório sobre o que se passou na aldeia. Ao que consta, o texto encontra-se nas mãos de jornalistas importantes."

A novidade surpreendeu José.

"A sério? Então isso vai rebentar a qualquer momento!..."

O sobrinho fez uma careta e abanou a cabeça.

"Não necessariamente", disse. "Parece que os jornalistas acham o relatório demasiado fantasioso e perguntaram aos padres se eles foram à aldeia ver se efectivamente lá estavam os cadáveres. Os espanhóis admitiram que nunca estiveram lá e explicaram que os relatos que constam dos seus relatórios foram feitos apenas com base em testemunhos de sobreviventes. Acontece que os jornalistas desconfiam que esses sobreviventes sejam turras e que tudo isto não passe de uma acção de propaganda." Diogo falou muito depressa e teve de fazer uma pausa para recuperar o fôlego. "O doutor Rouco foi informado de que nada será publicado."

O desfecho inesperado da narrativa desapontou o médico, a esperança a fugir-lhe como pó lançado ao vento, a decepção a gotejar-lhe na voz fatigada.

"Nada de nada?"

O furriel fez um gesto veemente com a mão.

"Nada." Respeitou um curto silêncio. "A não ser..."

Aquele início de frase ficou em suspenso, destrancando uma porta sem contudo a abrir.

"A não ser o quê?", atalhou José, como se a esperança emitisse um derradeiro sopro. "Publicam ou não publicam?"

O sobrinho olhou mais uma vez em redor, certificando-se de novo de que ninguém os escutava, e

inclinou-se na direcção da orelha direita do médico.

"Eles dizem que publicam só numa condição", sussurrou, tão baixo que o tio, apesar de ter o ouvido quase encostado aos lábios de Diogo, teve dificuldade em escutá-lo. "Precisam de uma testemunha independente e credível que lá tenha estado, alguém que não possa de modo algum ser associado aos turras."

O furriel afastou a cabeça e ficaram os dois a fitar-se. José digerira em toda a sua extensão as implicações e as ramificações daquela condição.

"Ou seja", concluiu o médico, "precisam do meu testemunho." Diogo remexeu nervosamente a boina castanha que tinha nas mãos.

"Eu também podia testemunhar."

"Tu?"

"Estive na aldeia e vi tudo", admitiu, baixando a cabeça. "é uma história muito complicada que lhe contarei depois. Só que estive lá como soldado e o doutor Rouco disse-me que eu poderia acabar morto se abrisse a boca. Como sou tropa, levavam-me para uma missão no mato, davam-me um tiro nas costas e diziam que tinha sido um turra. Tem por isso de ser um civil respeitado." Voltou a encarar o seu interlocutor. "O tio Zé."

"Querem então publicar o meu testemunho."

"Querem publicar o relatório dos padres", corrigiu o sobrinho. "O seu testemunho destina-se apenas a garantir que esse relatório não é fantasioso. Claro que também pode ser publicado, mas o doutor Rouco opõe-se. Acha que seria demasiado perigoso para si e, além disso, desnecessário. Basta que valide o relatório da missão de São Pedro e os jornalistas publicam tudo."

José considerou os problemas logísticos que a questão suscitava.

"E como farão vocês para fazer chegar o meu testemunho a esses jornalistas? Olhem que o Rouco está sob vigilância da PIDE..."

Diogo afinou a voz.

"Será o Ernesto", revelou. "Ele tem uns contactos no mato e levará em mãos a sua confirmação até à Zâmbia. Um padre inglês que se encontra em Lusaca encarregar-se-á do resto."

Ficaram os dois a fitar-se, tio e sobrinho, ambos plantados naquela esquina do Museu Etnográfico de Nampula, as palavras enfim trocadas, o que havia a dizer já dito, a decisão final tinha agora de ser tomada. Sentindo que chegara o instante da verdade, talvez aquele para o qual nascera e se preparara a vida inteira, José desviou a atenção para a janela e respirou fundo, os olhos presos às folhas de uma palmeira que ondulavam ao vento, a retina a captar uma sucessão de rostos que lhe desfilaram pela mente. Dizem que se revê a vida no momento anterior ao da morte, o tempo vertido como areia que uma ampulheta despeja na eternidade, mas ao médico isso aconteceu nos segundos que precederam a decisão.

A maneira de um filme acelerado, as imagens a sucederem-se como silhuetas projectadas pela luz ténue da sua memória, lembrou-se do pai, que lhe ensinara a diferença entre o bem e o mal, do professor Pina, que lhe explicara os seus deveres enquanto médico, de Domingos a ser expulso do hospital de João Belo pela afronta de ser preto, de Mimicas a responder com um acto de amor à sua traição, de Ernesto, que salvara e que agora o queria salvar, do sobrinho que atravessara o Norte de Moçambique para lhe levar a redenção, talvez sem consciência de que a buscava também, e sobretudo da criança, do menino que naquela manhã fatídica vira emergir do abraço protector da mãe carbonizada como se tivesse nascido uma segunda vez, devolvido à vida por um branco trajado de branco, resgatado da morte por um acto de amor.

Nesse instante José poderia ter chorado. As lágrimas chegaram ainda a brotar-lhe no olhar embaciado, trémulas e teimosas, e uma tristeza lassa derramou-se num suspiro profundo. Mas resistiu.

Supportou a comoção que ameaçava afogá-lo e o medo que lhe tolhia os movimentos, e, com a força de quem enfrenta a sombra mais aterradora, mergulhou na treva sabendo que ela era afinal a luz. O seu rosto abriu-se devagar e os lábios, mesmo vacilantes, acabaram por formar um sorriso, primeiro tímido, depois luminoso, um sorriso tão vivo que se tornou certeza e a seguir determinação, como se tivesse afundado o dedo no anel e assim ficado invisível, confrontado enfim com ele mesmo, a sua consciência, o sentido de decência, o dever de proceder bem fossem quais fossem as consequências, porque forte é aquele que enfrenta os fortes quando a causa é justa.

Chegara a hora de José Branco cumprir o seu destino.

Epílogo

A pequena mesa estava preparada com uma elegância simples, como era hábito naquele palacete, com um copo de sumo de laranja fresco, umas fatias de pão de Mafra ainda quente, um frasco dourado de mel transmontano, manteiga açoriana, um queijo da serra da Estrela derretido no prato e uma cafeteira de café acabado de fazer. O homem impecavelmente vestido de fato e gravata entrou na salinha, ocupou o seu lugar habitual e ajeitou o guardanapo no regaço.

"Ó dona Conceição!", chamou. "Dona Conceição?!"

Uma mulher rechonchuda, de bochechas coloridas como uma camponesa, entrou na salinha a esfregar as mãos anafadas no avental.

"Sim, senhor presidente do Conselho?"

"Não me arranja umas torradinhas?", disse o homem. "Estavam-me mesmo a apetecer..."

"Com certeza, senhor presidente do Conselho. Vou já preparar."

Dona Conceição saiu em passo lesto em direcção à cozinha, deixando o presidente do Conselho sozinho na sala. O governante desviou a atenção para a verdura que se estendia para lá das janelas; a manhã nascera tépida, embalada pelo trinar melódico das andorinhas que saudavam o novo dia e iluminada pelo Sol que espreitava ainda baixo sobre as árvores do jardim do palacete. Que dia bonito, pensou com melancolia. Apeteceu-lhe ir lá para fora gozar a manhã de Verão, mas sabia que o desejo não passava de fantasia; sentia-se demasiado tolhido por obrigações para se poder distrair com prazeres frívolos.

Suspirou com resignação e pegou numa pasta que o seu chefe de gabinete lhe havia deixado, como de costume, na mesinha ao lado da cadeira. Abriu-a e pôs-se a reler o decreto que tinha preparado para assinar. O documento, identificado no topo da folha como "Decreto-Lei n.º 353/73", autorizava os oficiais milicianos do quadro de oficiais a ultrapassarem os do quadro permanente das Forças Armadas nas suas promoções, desde que frequentassem um curso intensivo na Academia Militar equiparado aos cursos normais. Era uma medida necessária, uma vez que o Exército não conseguia produzir capitães em número suficiente para as necessidades operacionais, pelo queurgia ir buscá-los aos milicianos. O problema é que a solução colidia com o princípio da antiguidade. Os oficiais de carreira não iriam gostar, pensou, mas que poderiam fazer? Uma revolução?

Fez deslizar os olhos pelo documento e pousou-os no espaço em branco por baixo de "O Presidente do Conselho de Ministros". Tirou a caneta do bolso do casaco e garatujou a sua assinatura.

Marcello Caetano.

O telefone tocou e ouviu uma voz masculina atender. Era o chefe de gabinete, que entrara ali no palácio de São Bento logo pelas seis da manhã para lhe preparar a agenda do dia. Escutou-lhe os sapatos a calcorrearem o soalho em crescendo, sinal evidente de que se aproximava, e viu-o invadir a salinha do pequeno-almoço com uma bandeja a sustentar o telefone negro, o fio enrodilhado a desdobrar-se pelo chão.

"Bom dia, Augusto", cumprimentou Marcello Caetano. "Nem o pequeno-almoço me deixam tomar em sossego, hem?"

"É verdade, senhor professor."

O presidente do Conselho assentou o olhar desanimado no telefone pousado na bandeja; sabia que quando lhe ligavam era só para resolver problemas ou para comunicar aborrecimentos. Ou eram chatices relacionadas com a guerra no Ultramar, ou eram os protestos nas Nações Unidas, ou era um novo

encarecimento do petróleo, cujo preço por barril quadruplicara desde o início do ano e fizera disparar a inflação. Enfim, raramente dali vinham boas notícias.

"O que é agora?"

O chefe de gabinete depositou a bandeja na mesa, mesmo ao lado do copo de sumo de laranja.

"É o senhor embaixador em Londres, senhor professor", anunciou. "Diz que tem muita urgência em falar com o senhor."

"Ah!", exclamou Marcello Caetano, subitamente entusiasmado. "é por causa da minha ida a Londres na próxima semana. São os seiscentos anos do Tratado de Aliança. Ah, vai ser uma rica comemoração!" Indicou uma cadeira vazia. "Sente-se aí, Augusto. Ponha-se à vontade, homem. Coma alguma coisa!"

"Obrigado, senhor professor."

O chefe de gabinete ocupou o lugar à mesa e o presidente do Conselho agarrou o telefone. Com tantos problemas aborrecidos na governação, quase todos derivados da guerra no Ultramar, era um verdadeiro bálsamo poder falar de coisas agradáveis. A visita a Londres para celebrar a velha aliança, pressentiu, seria uma delas.

"Senhor embaixador, bom dia!", saudou com jovialidade. "Já tem tudo engalanado para a visita?"

"Bom dia, senhor presidente do Conselho", retorquiu a voz do outro lado da linha. "Sim, está tudo a andar."

"E o encontro com a rainha? Tudo afinado?"

"A recepção vai ser no Palácio de Buckingham. O protocolo está todo tratado."

"E a imprensa? Vamos ter uma cobertura em grande?"

A voz do outro lado hesitou. "Pois, senhor presidente do Conselho, a imprensa... enfim, é justamente por isso que lhe estou a ligar."

O tom sombrio que só então detectou na voz do embaixador constituiu um sinal de alerta. Marcello Caetano franziu o sobrolho, subitamente preocupado.

"O quê!? Não me diga que os jornalistas não vão dar atenção à visita!... Só nos faltava mais essa!"
Nova hesitação do embaixador.

"O problema não é bem esse, senhor presidente do Conselho", devolveu. "Receio até que eles nos venham a dar demasiada atenção..."

"Demasiada atenção? Ó homem, desde quando é que a atenção da imprensa é demasiada?"

O embaixador fez um estalido contrariado com a língua.

"É por causa do Times, senhor presidente do Conselho. O jornal encheu toda a primeira página desta manhã com uma notícia... enfim, desagradável. E também o editorial. Isto é um problema. As rádios não falam de outra coisa e já recebi aqui uma data de telefonemas da imprensa. Os telefones não param de tocar, parece um concerto. Um horror! Até a BBC quer uma declaração para o Nine O'Clock News! Já tratei de remeter para Lisboa vários exemplares do Times, claro. Devem seguir no primeiro voo da TAP e espero que estejam aí ao princípio da tarde, se Deus quiser. Convinha talvez dar instruções para alguém ir ao aeroporto buscar a encomenda. Ainda há pouco eu dizia aqui ao meu attaché que a TAP, por vezes, não revela o devido cuidado com as malas diplomáticas e que..."

A forma como o embaixador falava sobre o assunto, dizendo que havia um problema mas evitando explicá-lo e perdendo-se até em minudências irrelevantes, constituiu um novo sinal de alerta. E dos grandes. Por esta altura já Marcello Caetano não tinha dúvidas de que, fosse o que fosse o que aí vinha, não seria agradável. Mais um aborrecimento! Respirou fundo, como habitualmente quando se preparava para as más notícias, e enfrentou o bocal do telefone.

"Ó senhor embaixador, deixe-se lá de rodeios", murmurou numa voz subitamente despida de

emoção, mero registo monocórdico tão gelado quanto o olhar que ostentava nesse momento. "Que notícia é essa que o Times publicou?"

O embaixador manteve-se um tudo-nada silencioso, provavelmente também ele a ganhar coragem para lidar com a informação, e pigarreou antes de voltar a falar.

"Senhor presidente do Conselho", começou por dizer. "Por acaso já ouviu falar de um lugar chamado Wiriyamu?"

FIM

Nota final

Apesar de ter desempenhado um papel na confirmação do massacre de Wiriyamu, nunca à minha frente o meu pai falou sobre o que viu no dia em que visitou a aldeia destruída. Em bom rigor, não tinha por hábito trazer para casa as questões e os problemas que enfrentava no trabalho. Aconteceu uma ou outra vez fazer diante de mim uma referência bem-humorada a um qualquer aspecto da sua vida profissional no mato, como a amizade que estabelecia com os feiticeiros das aldeias ou aquela vez em que lhe ofereceram um elefante bebé para lhe agradecer a ajuda que prestava, mas jamais uma exposição estruturada de tudo o que fez ou lhe aconteceu.

Assim, tudo o que sei sobre a sua vida até ao dia do massacre resulta do que me disseram as pessoas que o conheceram e com ele viveram essas situações. Lembro-me, porém, de viajar com o meu pai de e para o Songo no Piper Cherokee do Serviço Médico Aéreo, de sobrevoar o Zambeze do Songo até Tete e observar lá em baixo o espantoso espectáculo do banho dos elefantes e dos hipopótamos e dos antílopes e dos crocodilos, e de uma vez ter feito o périplo semanal do serviço na companhia do meu amigo Nuno Canhão, filho mais velho do comandante da PSP de Tete.

Como facilmente se depreende das minhas palavras, esta obra é pois inspirada em factos reais, embora livremente ficcionados. As narrativas amorosas são puras invenções, uma vez que coisas dessas raramente alguém relata a um romancista, mas decerto que em África, e naquele tempo, decorreram muitas histórias semelhantes. Afinal não havia televisão para entreter... As outras histórias são quase decalcadas da realidade ou ficções inspiradas em coisas que realmente aconteceram e que comprimi aqui e ali para o romance.

A ficção é particularmente livre no final do livro. Embora tenha sido levado para Nampula e permanecido incomunicável durante meses, nunca o meu pai contou o que lá se passou, para além de que havia sido "bem tratado". Sei que fez um protesto na qualidade de presidente da Cruz Vermelha de Tete e há múltiplas informações de que ele terá de facto preparado um relatório sobre o que testemunhou em Wiriyamu, mas nunca vi esse documento.

O inspector Joaquim Sabino, da DGS em Tete, afirmou ter- lhe ordenado que não mostrasse o relatório a ninguém. Não sei se o fez ou não. O facto é que o padre Hastings, que denunciou o massacre no The Times, o cita como fonte de informação. E, na preparação deste romance, cruzei-me no Hotel Polana, em Maputo, com um velho conhecido do meu pai que me disse que, pouco tempo depois do massacre, ele lhe contou pormenorizadamente tudo o que vira na aldeia, sinal de que não cumpriu a ordem de silêncio.

Para todos os efeitos, e embora Wiriyamu tenha constituído o maior embaraço público de Portugal na guerra em África, esta obra não é exclusivamente sobre os trágicos acontecimentos nessa aldeia. É antes um romance sobre os Portugueses na África onde nasci, um registo ficcional de um pedaço da nossa história que procurei abordar nas suas múltiplas contradições e evitando as colorações ideológicas que tendem a simplificar os factos e as suas causas. A história é feita de histórias e são elas que a tornam viva.

Devo agradecimentos a um conjunto de pessoas que se disponibilizaram para me ajudar na reconstituição dos factos e sobretudo do espírito daquele tempo. Obrigado à minha mãe, Maria Manuela Matos; à minha tia Rosalina Rodrigues dos Santos; ao meu tio coronel Mário Rodrigues dos Santos — todos pelas narrativas de família que serviram de inspiração a este romance. Ao meu primo Carlos

Marques, que comigo partilhou a sua experiência de guerra em Tete; a Djamila, a enfermeira que com o meu pai e a irmã Lúcia foi a Wiriyamu logo a seguir ao massacre; ao Augusto Macedo Pinto, pela ajuda e pelo entusiasmo e também pelo caloroso acolhimento no meu regresso a Moçambique. A Antonino Melo, o homem que comandou a 6ª Companhia de Comandos de Moçambique na operação que culminou no massacre de Wiriyamu e que me relatou ao pormenor tudo o que fez, mandou fazer e testemunhou; a Vinte Pacanate, um dos sobreviventes, que me descreveu o que se passou no dia do massacre; a Lúcio Jeremias, funcionário da PIDE em Tete. A Margarida Canhão, viúva do comandante da PSP de Tete; a Castro Fontes, chefe da Missão de Fomento e Povoamento do Zambeze e do seu sucessor, o GPZ; a Augusto Coutinho, antigo médico em Cabora Bassa; a Joaquim Prazeres, fundador do Aero-Clube de Tete e piloto ocasional do Serviço Médico Aéreo; a Óscar Ribeiro, outro piloto ocasional do Serviço Médico Aéreo. A António Ferreira dos Santos, Leonardo Júnior, Armando Soares e Carlos Salvador, que me guiaram por Tete. A Serafim Guimarães, da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto; a Olga Magalhães, também da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto; a Amélia Ferraz, directora do Museu de História da Medicina; a Assunção Lima, do Gabinete do Antigo Estudante da Universidade do Porto. Aos funcionários do Arquivo Histórico-Militar, que me facilitaram o acesso à pasta da 6ª Companhia de Comandos de Moçambique; aos funcionários da Biblioteca Nacional; e a Leonor Vaz, da Fundação Calouste Gulbenkian, que me cedeu cópias das deliberações da fundação no apoio ao Serviço Médico Aéreo.

Entre as obras consultadas, destaque para Wiriyamu, de Adrian Hastings; Guerra Colonial, de Aniceto Afonso e Carlos de Matos Gomes; Guerra de África — Moçambique, de Francisco Garcia; Caetano e o Ocaso do «Império» — Administração e Guerra Colonial em Moçambique durante o Marcelismo, de Amélia Neves de Souto; Memória das Guerras Coloniais, de João Paulo Guerra; Massacres em Africa, de Felícia Cabrita; Memórias do Colonialismo e da Guerra e A PIDE/DGS na Guerra Colonial, de Dalila Cabrita Mateus; A História da PIDE, de Irene Flunser Pimentel; e A Guerra de África, de José Freire Antunes.

O último agradecimento, e o mais importante, vai para a Florbela, como sempre a primeira leitora.

.ePub



Carnaval
2014